



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

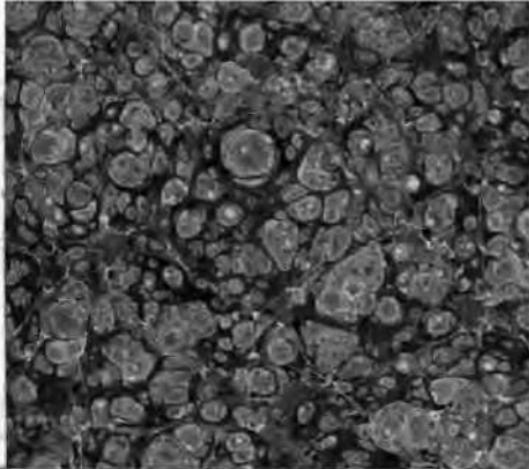
We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>





Vet. Port. III B. 33



322 g 4

ARC 844





10 volts on 5





**ENSAIO  
BIOGRAPHICO-CRITICO  
SOBRE OS MELHORES  
POETAS PORTUGUEZES.**



**ENSAIO  
BIOGRAPHICO-CRITICO  
SOBRE OS MELHORES  
POETAS PORTUGUEZES.**

**POR**

**José Maria da Costa e Silva,**

*Socio Honorario da' Academia Lisbonense das Sciencias, e  
das Letras, e Socio Correspondente do Gabinete de  
Leitura do Rio de Janeiro.*

**TOMO I.**

*Tros, Tiriusque mihi nullo discrimine agetur,  
Virg. En, Lib, I.*

---

**Lisboa.**

**NA IMPRENSA SILVIANA.**

**\*  
1850.**



**ENSAIO**  
**BIOGRAPHICO-CRITICO**  
SOBRE OS MELHORES  
**POETAS PORTUGUEZES.**

**LIVRO I.**

**CAPITULO I.**

*Introducção.*

O Ensaio Biographico-Critico sobre os melhores Poetas Portuguezes, que passo a publicar, em seu mesmo título mostra que não é uma obra perfeita. Para que o fosse seria necessário que eu a houvesse emprehendido aos trinta annos, e não já em idade tão avançada; que o serviço público me deixasse mais tempo livre, e que pudesse dispor de mais meios pecuniarios para a aquisição de livros, fazendo-os procurar dentro, e fóra do reino, pois grande numero das nossas melhores obras, pela inercia, e desleixo em se fazerem reimpressões d'ellas, se tem tornado tão raras, que apenas se encontram em alguma livraria das mais antigas, e estrangeiras, e muitas delas, o que é ainda mais para lamentar, tem completamente desapparecido.

Desde a idade de dezesete annos até a de sessenta, que hoje conto, não tenho cessado de procurar, e de comprar livros de Poesia Portugueza, e ainda estou muito longe de ter uma collecção completa delles; conhecendo só alguns de nome, e mesmo para esta obra, tal e qual, me foi preciso valer d'alguns amigos instruidos, e curiosos para me emprestarem alguns, assim de os examinar, e extractar.

Por esta dificuldade de encontrar os livros necessários é que prescindi n'este Ensaio de mencionar os

Poetas, que só escreveram em latim, e em hespanhol, bem que entre estes haja muitos de grande merecimento, e cujas obras possuo, ou tenho visto : mas faltando em rigor, esta falta não deve tornar-se muito sensível, porque Poetas, que só escreveram em verso Latino, ou Castelhano, posto que nascessem em Portugal, não sãm Poetas Portuguezes.

A minha obra pois, torno-a dize-lq, não deve considerar-se como uma composição perfeita, nem como a Historia Critica da nossa Poesia ; mas sim como simples esboço do grande quadro, que maiores engenhos tem de aperfeiçoar, e colorir ; como um mappa geographicó, com o qual a nossa mocidade estudiosa possa viajar com alguma segurança pelo nosso Parnaso.

Creio que, nas circunstâncias actuaes da nossa literatura, esta obra, boa, ou ruim, não pôde julgar-se inútil, pois somos talvez a única nação Europea, onde a critica litteraria ainda não nasceu, à unica que não possue a historia da sua litteratura, nem mesmo da sua Poesia: a unica nação que precisa consultar os estrangeiros para saber o que valem os Sabios, os Historiadores, os Oraadores, e Poetas, que tem produzido. Mas esses criticos estrangeiros, ou por ignorância da lingua, ou por outras razões, que é escusado apontar, nem sempre sãm as guias mais seguras: Bouterweek, e Sismondi, tão imparciaes, e judiciosos como sãm, muitas vezes se enganam nos seus juizos quando tractam dos nossos Poetas, tendo alguns delles em mais conta, e outros em menos apreço, do que na verdade merecem;

Mas se estes grandes criticos, que sabiam a lingua, se enganam ás vezes; os criticos franceses do tempo de Luis XIV, e dos tempos imediatamente posteriores, falham de poucos dos nossos authores, cujo nome havia chegado ao seu conhecimento, com uma leveza, e uma injustiça, que não só promove o despeito, mas o nojo, e o riso. João de Barros na opinião de um dos Redactores do Diccionario dos Homens Illustres é um *Borrador de Papel*. Os Lusiadas para Luis Racine, não sãm um *Poema Epico*, mas a relação de uma viagem, em que as personagens my-

*thologicas representam poesis ridiculos.* O Padre le Bossu no seu Tractado do Poema Epico, além de chamar *Mercadores Portuguezes* a Vasco da Gama e aos seus companheiros, diz que os versos de Camões naquelle Poema são tão escuros, que podem passar por enigmas. E' natural que o reverendo critico, ou não soubesse portuguez, ou nunca tivesse lido os Lusiadas.

Isto é sumamente ridículo, mas pôde ter consequencias mui graves. E' sabido que a base da educação moderna entre nós está no estudo dos livros franceses, e que os nossos mancebos, que se dão pouco a leitura dos Clasicos, porque delles se não faz uso nas aulas, á excepção de Camões, e Jacintinho Freire, habituados ao respeito dos autores daquella nação, e vendo que elles mencionam tão pouco das nossos Poetas, e o que é mais por similitante modo, se ensfatuan com estes juizos desparatados, os adoptam e tem em desprezo a nossa Poesia, nem tomam o trabalho de examina-la para lhe fazerem justiça.

Desta negligencia da leitura dos nossos bons autores; do abandono em que se acha o estudo das literaturas italiana, e hespaniola, e o que é peior ainda do latim, e grego, que hoje tão pouco se conhecem entre nós, que se compra as lojas dos mais assinados livreiros de Lisboa, sem se encontrar um exemplar das obras ainda as mais conhecidas dos gregos; e romanos, neste a corrupção do gosto, que vai começando a sentir-se, e o haver tão poucas pessoas, que escrevem a nossa lingua com a elegancia, e pureza do memoravel seculo de quinhentos.

Seria facil obviar estes perjuizos, si os professores fossem o que devem ser; se como os professores das nações estrangeiras, e com especialidade da Alemanha fossem verdadeiros litteratos; mas ao contrario disso, se exceptuamos os Lentes da Universidade e das outras Academias, rigorosamente scientificas, que não podem deixar de ter todas as habilitações necessarias, onde acharemos professores, que mereçam este nome? Os da Instrucção Primaria, e de Bellas Letras sam a classe mais desgraçada que conheço, pois que o trabalhoso exercicio de seu cargo nem lhe dá consideração, nem meios de uma honesta subsistencia.

Qual será pois o litterato, que tenha a consciencia do que valle, e que pôde aspirar a alguma cousa, que queira sujeitar-se a consumir os dias de sua vida, apurar a sua paciencia, e estragar a saude na tarefa de instruir a mocidade por um mesquinhão salario, e para maior desgraça pago com muitos mezes de atraço?

E' pois evidente, que só abraçarão o magisterio aquelles que não pôdem servir para outra cousa; homens, que não tendo em vista mais que o pão quotidiano, tem por força de cingir-se á parte material do ensino, nem podem entrar no espirito da arte de escrever, nem influir nos discípulos o amor das letras patrias, nem servir-lhes de guia no estudo delas, nem indicar-lhe os melhores authores, e fazer-lhe conhecer o que valem. A melhor prova disto é, que em geral os nossos professores não escrevem, e se alguns mui raros se assastam desta regra, o que publicam só pôde servir para demonstrar a sua incapacidade literaria.

Deixando porém esta materia desagradavel, e penosa para todo o amador da gloria da patria, e voltando ao meu ensaio, declaro que hesitei bastante no methodo que devia adoptar para escreve-lo. O mais natural seria seguir a ordem chronologica, mas mudei de parecer, porque lançando os olhos para a totalidade dos nossos Poetas, vi que elles se devidiam em cinco escolas distintas, com principios differentes, e cada uma delas com estylo particular, e tão caracteristico, que não as deixava confundir umas com as outras.

A primeira destas escolas, que pôde chamar-se Gallega, ou dos Trovadores, pela similitancia, que as obras, que lhe pertencem, tem com as trovas para a musica, que naquelle epocha se usavam na Galliza, onde se fallou a mesma lingua, que em Portugal, começa com a monarchia, e acaba em Bernardim Ribeiro.

A segunda escola, que podemos chamar Italiana, porque os authores, que a ella pertencem, adoptaram os metros italianos, e o colorido, e genio da sua poesia, principia no reinado d'El Rei D. João III., e termina no reinado d'El Rei D. Henrique.

A terceira, que deve denominar-se eschola Hespanhola, porque nessa epocha prevalesceu entre os nossos Poetas a imitação de Gongora, e a reforma do estylo poetico, que elle introduzira em Castella, e que os seus discipulos levaram ainda mais longe do que elle, abrange os reinados dos tres Filipes, D. João IV., D. Affonso VI., D. Pedro II., e acaba no reinado de D. João V.

A eschola Latina, ou da Arcadia, nasceu no reinado d'El Rei D. José, abrange o reinado deste Monarca, e de sua Augusta Filha a Senhora D. Maria I., e termina no reinado do Senhor D. João VI. com o grande lyrico Francisco Manoel do Nascimento.

A eschola Franceza, contemporanea desta, teve por apostolos no reinado d'El Rei D. João V. ao Conde da Ericeira, e Francisco de Pina e Mello; veio a florescer no reinado da Senhora D. Maria I., e terminou no reinado do Senhor D. João VI.

Linguagem barbara, irregular, ininteligivel ás vezes, rudez de pensamentos, algumas vezes energia, ou graça, nenhum conhecimento d'arte, versificação dura, formam o caracter da eschola dos Trovadores.

Linguagem pictoresca, e formosa, cheia de phrases energicas, mas desenhando a miudo no trivial, e e no prosaismo, idéas Platonicas, imitações do estylo classico dos gregos, e romanos, mais juizo que imaginação, e metros adoptados da Italia, distinguem das outras a eschola Italiana.

Muito engenho, originalidade, agudeza demasiada de pensamentos, estylo metaphisico, profusão de tropos, expressões hyperbolicas, clausulas effectadamēte symethricas, alusões a usos populares, progresso mui sensivel na perfeição do metro, que nos escriptores desta eschola é mais corrente, mais variado, e harmonioso, formam ao que me parece, o caracter da eschola Hespanhola.

A eschola Latina, ou Arcadica recommends pela linguagem quinhentista, pela formação de novos vocabulos, e compostos, pelo arrojo das idéas philosophicas, e viveza, e profusão das imagens, a erudição, e a imaginação regulada pela razão, e a cons-

tante imitação da natureza, pela poesia descriptiva, e uma versificação variada, e musical.

Linguagem moderna, mas pura, pouca erudição, pouca imaginação, e menos invensão ainda, elegância contínua, estylo claro, e simples, e optima versificação, eis-aqui as prendas mais notaveis dos Poetas da eschola Franceza, entre os quaes não tem igual Bocage.

Tendo estas considerações em vista, tomei a resolução de classificar os Poetas Portuguezes pelas suas respectivas escholas, e apesar de que isso traga consigo alguns saltos na chronologia, por exemplo, João Xavier de Mattos, posto que florescesse em tempo muito proximo a nós, não pôde deixar de ser indicado na eschola Italiana, visto que a imitação de Camões, e dos quinhentistas está nella tão pronunciada. Do mesmo modo o Conde da Ericeira, e Francisco de Pina e Mello devem ser incluidos na eschola Franceza, por isso que foram os primeiros que entre nós imitaram, bem que de longe, o modo de poetar daquellas nações.

Acho tambem neste metodo de classificação a vantagem de apresentar em quadros mais perceptíveis as diferentes vicissitudes porque tem passado a Poesia Portugueza nos diferentes seculos, em que taes escholas se formaram, e o modo porque foi modificada, e influida pelo influxo das opiniões, e caracteres dos estudos, e conhecimentos de cada um delles.

Não ignoro que não faltará quem tenha por trabalho mal empregado o de analysar as obras dos Poetas seiscentistas, e que julgue que seria mais acertado e passar por alto essa epocha. Mas terão razão os que assim pensam? Não haverá nos Poetas desse seculo nenhuma sorte de merecimento? Francamente declaro que não é esse o meu parecer. Embora D. Ignacio de Luzan, e os outros criticos da sua eschola, que restauraram o bom gosto, ou, para melhor dizer, que introduziram na Hespanha o gosto francez, cobrissem de ridiculo a Gongora, e aos seus imitadores, empregando-se em o fazer passar por pessimo Poeta; embora mesmo se demonstre que elle fôra mais longe do que devia, o público leu-se obstinado, e com razão

em considera-lo como um dos melhores engenhos, que a Hespanha tem produzido. Intentou uma reforma, e nenhum juiz competente, dirá de boa fé, que essa reforma não era necessaria tanto em Hespanha, como em Portugal.

Naquella epocha a poesia das duas nações, apresentava-se debil, mas simplesmente vestida, marchando com dificuldade, apoiada nas andadeiras da imitação da antiguidade, e sem ousar sahir do circulo do Petrarchismo, e do Bocotismo. Tinha pouca imaginação, pouca invenção, e menos variedade; seu estylo era pesado, demasiado singello, e seu colorido pallido, porque a linguagem da prosa se misturava continuamente com o dialeto poetico, e a versificação, geralmente dura ou prosaica, como era de esperar de metros novos, a que o uso ainda não tinha affieçgado de todo a lingua.

D. Luiz de Gongora, que era, diga-se a verdade, um Poeta de genio, e de imaginação ardente, conheceu este defeito, e quiz remedia-lo, dando á poesia da sua patria um estylo novo, e um colorido um tanto oriental, e sem embargo de encontrar ao principio grande oposição da parte de alguns Poetas de reputação feita, como Lope de Vega Carpio, Xauregui, e Villegas, as bellezas de suas composições favorecidas pelo assenso de todos os Poetas novos, que se declararam seus discípulos, e do grande numero de litteratos de grande saber, e autoridade, que o protegeram, e defenderam na sua empreza, poderam tanto na opinião popular, que o collocaram á frente da nova escola, e os mesmos, que haviam principiado pelo combate, acabaram por sujeitar-se ao seu predominio.

Já se vê que estando o Parnaso Portuguez em circumstancias identicas ás do Parnaso Hespanhol, com as unicas excepções da Castro de Ferreira, e das suas Epistolás, e do Poema de Camões, unicas composições, que entre nós se elevavam á esplendor da grande poesia, andando os livros castellanos nas mãos de todos, que cultivavam as letras, sendo a lingua de Castella tão familiar aos nossos escriptores, que muitos a preferiam á natural, havendo alguns, como D.

**Francisco Manoel de Mello, Miguel da Silveira, Antonio Henriques Gomes**, que no reino vizinho gozavam de grande reputação como Historiadores, e Poetas, força era que a escola de Gongora tivesse também entre nós grande influencia, e foi isso o que sucedeu, não cooperando pouco para introduzir estas novidades os sessenta annos de dominação, que os Reis de Espanha exerceram em Portugal.

N'esta revolução litteraria aconteceu o mesmo que costuma acontecer nas revoluções políticas; perdeu-se tudo, porque se quiz innovar tudo, porque o espirito da innovação vôle sempre mais longe do que convém. Por exemplo, o estylo do seculo antecedente era demasiado nū de methaphoras, e tropos, e as methaphoras, e os tropos foram prodigalizados sem medida no seculo subsequente: as phrases eram ás vezes prosaicas, e humildes, e os Gongoristas as tornaram demasiadamente escolhidas, e artificiosas, vindo a ficar ás vezes affectadas, e pouco claras: as clausulas eram mui longas, e os Gongoristas as cortaram, e semetraram de mais. Os pensamentos dos quinhentistas eram ás vezes triviaes, e os seiscentistas á força de quererem que os seus fossem engenhosos, e subtis, os tornaram ás vezes ridiculos, e esquisitos. Os quinhentistas eram timidos em demasia, os seiscentistas foram em demasia atrevidos. O furor da novidade os fez dar na extravagancia; aquelles apresentavam a natureza demasiadamente núa; estes a tornavam desconhecida á força de enfeites; aquelles imitavam um pouco servilmente os antigos; estes não sofriam em suas composições o menor sabor da antiguidade.

Porém a justiça pede que reconheçamos que no seculo de seiscentos abundou Portugal em Poetas de grande esphera, e que a poesia lhe deve não poucos, e importantes progressos. Foram os seiscentistas quem nella introduziu idéas, sentimentos, assumptos, e costumes modernos; quem deu mais variedade ás matérias, mais rapidez, e colorido ao estylo; quem depurou, e separou o dialecto poetico do prosaico seguindo o gaminho de Camões; quem aperfeiçoou a versificação, tornando-a mais sonora, e mais corrente; que os seiscentistas foram os primeiros que se abalan-

çaram á composição de um poema dedascalico, e que a maior parte das nossas epopeias pertencem a esta escola.

Nem os seus instituidores, nem os seus alunos mais distintos devem ser responsaveis pelos desvarios nem pelos desatinos de estylos do vulgo dos imitadores, que de ordinario requintam, e exageram os defeitos dos modelos, não podendo igualar as suas bellezas.

Ainda mais, a corrupção do gosto, e o estylo turgido, e hyperbolico, e rebuscado, não foi obra dos Poetas daquella epocha, mas influencia do seculo sobre elles. Todos sabem que os Jesuitas, monopolisando a instrução pública, e a educação, substituiram aos bons estudos, e boa philosophia as chimeras da philosophia Escholastico-Aristotelica, heivada de subtilezas, distincções, ergotismo, e cavilações, que depravavam os engenhos á força de aguça-los: este metodo vicioso de estudos não podia deixar de influir sobre a poesia, que anda a par dos conhecimentos do seculo, não eram só os Poetas, que cantavam naquelle estylo; nelle leccionavam os lentes nas universidades, e collegios, expunham os oradores nos pulpitos a doutrina christãs, discutiam os theologos, discursavam os philosophos, arrasavam os advogados, sentenciavam os juizes, e se expressavam os tribunais, e se correspondiam os amantes.

Não foram pois os Poetas que viciaram o gosto do público, foi a educação que lhes viciou o gosto, e o de todos, e a prova é que nunca a poesia foi mais estimada geralmente, e que nunca usou de linguagem mais dificultosa de entender; e como não é possível que se possa estimar, e applaudir o que não se entende, é claro que todos os espiritos estavam, pela educação, afinados pelo mesmo tom, e que as composições, que hoje as pessoas, mesmo doutas, encontram obscuras, eram então correntes até para o vulgo dos leitores, e tenho para mim, que se a escola de Gongora cahio no principio do seculo dezoito, isto se deu menos á influencia da poetica de Lusan, ao seu exemplo, e dos outros humanistas, que cobriram de ridiculo o mestre, e os discípulos, desparando contra

elles os sarcasmos, e invectivas ás vezes as mais injustas, e mais grosseiras, que a reforma dos estudos, e o cultivo da boa phylosophia, que chamaram os homens ao exame, e estudo da natureza, e á imitação da bela antiguidade, fonte inexgotavel do sublime, e da beleza nas artes.

Finalmente o seiscentismo, o culteranismo, ou o gongorismo, ou como quizerem chamar-lhe, foi um facto, e um facto tão importante, que produziu uma revolução completa na litteratura de quasi todas as nações da Europa, e por isso não pôde ser omitido em uma historia da poesia. Se merecem desprezo os escrevinhadores subalternos, que rompendo todo o freio da razão, e do bom senso, se perderam nos maranhões da extravagancia, e do delirio, não devem confundir-se com elles os homens de talento, que souberam ser originaes sem transpor as balisas do estylo florido; e as suas obras devem ser lidas com reflexão, porque nellas não falta que aproveitar.

Accrescentarei mais, que existe hoje entre nós um número não pequeno de mancebos estudiosos, e cheios de talento, e imaginação, que aspiram a formar uma poesia nova; mas as pessoas intencionadas na materia conhecem perfeitamente que essa poesia nascente, e esse novo estylo não é mais que o resurgimento da escola de Gongora, (menos na perfeição do metro) que ha todas as probabilidades para supor, que auxiliada pelas luzes, e illustração do seculo, consiga rematar a empreza, que os seus fundadores commetteram debalde, porque lhe faltaram as circumstâncias favoraveis; assim como os melhores criticos franceses confessam, que o novo estylo poetico introduzido em França por Chenier, Lamartine, Victor Hugo, e Cassemiro de la Vigne, e outros bons engenhos, não é mais que o restabelecimento da escola de Ronsard, que no tempo do fundador não pôde superar os obstaculos, que lhe opunham o estado de rudeza, em que ainda se achava a lingua, e a versificação.

E' muito natural que muitos leitores me censurem de haver citado, e analyrado pouco, ao passo que outros me condenarão por haver citado de mais.

Aos primeiros respondo, que a natureza da mi-

nha obra não permittia esse exame, e critica minuciosa, que elles desejariam achar. Se eu escrevesse um Curso de Litteratura, poderia, e deveria como la Harpe dar-me á anatomia artística de cada composição, investigando circumstancialmente os seus defeitos, e bellezas; gastar douz volumes com as Tragedias de Corneille, douz com as de Racine, douz com as de Voltaire, e seguindo com a mesma amplidão os escriptos dos outros authores, chegar ao decimo oitavo volume, e falecer antes de haver preenchido douz terços do plano, que concebera; mas em um Ensaio Historico, e Critico só me cabe fazer conhecer cada Poeta, e dar sobre as obras de cada um delles a minha opinião em geral, fazendo sentir as suas bellezas, ou defeitos mais salientes.

Aos segundos respondo, que me alarguei nas citações: 1.<sup>o</sup> para que o leitor possa conhecer os fundamentos do meu juizo: 2.<sup>o</sup> porque tendo-se tornado mui raras as obras de alguns authores de quem fallo, julguei que este era o modo de as fazer conhecer: 3.<sup>o</sup> porque andando muitas obras de grande mérito avulsamente impressas, ou inseridas em jornais, e mesmo manuscriptas com grande risco de se perderem, o meio de impedir essa perda era transcrever-las aqui junto com a biographia dos seus authores.

Notarão alguns que, nesta obra se não mencionem bastantes authores; é isto um facto, que francamente confessso; e a razão de assim acontecer é que apesar de grandes, e continuadas diligencias não pude alcançar as suas obras, nem por compra, nem por empréstimo; e não pude acabar comigo mencionar um só Poeta sem haver lido, e examinado os seus Poemas; se quizesse, como Ferdinand Diniz, julgarlos pelo juízo dos outros, poderia com pouco trabalho duplicar o numero dos capítulos d'este Ensaio.

Acharão finalmente alguns, que os julgamentos, que faço sobre alguns dos Poetas, que menciono, se assentam muito tanto dos que elles formam, como do que alguns criticos nacionaes, ou estrangeiros tem expedido a tal respeito; confessso que algumas vezes tem lugar esse facto, mas além de que este Ensaio seria inútil se não contivesse senão o que os outros disseram<sup>6</sup>

não tive em vista ao escreve-lo senão expôr os sentimentos, que me inspirou a leitura dos nossos Poetas, e por isso não fallo de um só que não tivesse lido. Não dou as minhas opiniões como as melhores, nem pertendo de modo algum impo-las aos meus leitores; limito-me a dizer. « Eis-aqui o meu juizo sobre os nossos Poetas; confrontai-o com as suas obras, ou com as citações dellas, que vos apresento como fundamento delle, acceitai-o, ou rejeitai-o conforme a vossa razão vos inspire. Cada um ajuiza com as suas idéias, sente com o seu coração; e a demonstração mais segura da bondade, ou ruindade de um Poema, é o maior, ou menor prazer, o maior, ou menor desgosto que nos causa a sua leitura. » Sobra-me a gloria de haver emprehendido, e levado ao cabo uma obra tão difícil como curiosa, e nunca tentada em Portugal.

A pezar de haver convivido muito com grande número dos Poetas mencionados na ultima parte d'este Ensaio, puz todo o esmero em fallar deles, e de seus escriptos, com a mesma verdade, e espirito imparcial, com que havia tractado os antigos, sem exceptuar alguns, mui raros, de que podesse ter algum motivo de queixa. O critico é como o magistrado, deve sentencear despido de affecto, e de odio, e tão criminoso é um se falta á verdade, como o outro se posterga a lei.

Persuado-me que as pessoas bem intencionadas, e entendidas nesta materia desculparão facilmente os desfeitos, que notarem nesta longa, e trabalhosa tarefa, levando em conta os poucos elementos, que para ella existem entre nós, o enfadamento de procurar notícias em diversas partes do reino pelo meio de requisições, ás vezes não satisfeitas, e outras vezes satisfeitas, por modo pouco exacto; a fadiga de correr livrarias, de lér uma multidão de livros ás vezes sem mais fructo do que o convencimento de que estam abaixo de toda a critica, de precorrer collecções organizadas sem criterio, nem selecção, como a Fenix Renascida, o Postilhão de Appolo, as Sessões das Academias dos Anonimos, dos Singulares, e de outras, que ás vezes sam os unicos depositos das obras de muitos Poetas, mui nomeados no seu tempo, examinar,

classificar toda esta multidão de peças, e dar sobre elles uma opinião reflectida. De certo que só quem pôz peito a tal empreza, é que pôde sentir todas as dificuldades d'ella.

---

## CAPITULO II.

### *Da lingua Portugueza, e sua indole.*

**Q**uem comparar a lingua rude, de que usam hoje os Gallegos, a sua pronunciaçāo surda, e grosseiramente aspirada, com a lingua sonora, regular, e suavemente pronunciada, de que se usa em Portugal, e que se lê nos nossos bons escriptores, difficilmente se persuadirá de que ambos os povos fallaram outr'ora a mesma lingua, tanta é a diferença, que entre ambas á primeira vista apparece.

Aquelles porém, que cotejarem o dialecto actual da Galliza, com o que se depára nas trovas, que nos restam de Gonçalo Hermingues; de Egas Moniz, e nos escriptos, e documentos quasi inintelligiveis, ao menos sem um estudo particular, que nos restam dos primeiros tempos da monarchia, facilmente se capacitarão da identidade, de que fallâmos.

Portugal, e Galliza fallaram sempre a mesma lingua; é a historia quem testefica esta assersão. Todos os antigos escriptores hespanhoes chamam *lingua gallega*, ou *lingua portuguesa*, ao idioma das duas nações; d'aqui vem que *Macias el enamorado* é contado por uns entre os Poetas Gallegos, e por outros entre os Poetas Portuguezes; daqui vem dizerem uns que El-Rei D. Affonso, o Sabio, escrevera grande número de cantigas para musica em Gallego, ao passo que outros dizem que foram escriptas em Portuguez, mas a verdade é que todos dizem a mesma cousa, usando de denominações diferentes.

Mas qual é a razão, perguntará alguem, porque o

mesmo idioma apparece tão outro na boca das duas nações de quem elle é a linguagem natural? A razão é mui fácil de deduzir. Portugal constitui-se reino sobre si, teve, e tem tido independencia, e litteratura; Galliza ficou sempre província de Hespanha. Portugal pôde por isso cultivar a sua lingua, regularisa-la, opulenta-la com muitos vocabulos latinos, gregos, e de outras nações apurar a sua syntaxe, e tornar flexivel, e harmoniosa a sua prosodia. Galliza, que nunca teve independencia, nem litteratura propria, não pôde fazer outro tanto; os homens sabios, que tem produzido, escreveram em castelhano; a lingua popular circumscreta aos usos caseiros, e ás necessidades do vulgo, foi condenada a ficar na sua rudeza, e na sua barbarez primitiva; de que só poderá sahir, si por algum caso inesperado tornar a unir-se commosco.

A pesar contudo d'essa barbarez, e rudeza, ella foi sempre julgada mais suave, e mais harmoniosa, que o antigo castelhano, pois vêmos que nesses tempos remotos era preferida, mesmo na corte dos Reis de Castella, para as poesias eroticas, e para as que se destinavam para serem acompanhadas pelo canto.

Mas qual é a origem da lingua portugueza? Poucas pessoas haverá, que a esta pergunta não respondam affloutamente que a lingua latina; que esta adulterada com grande número de vocabulos barbaros, formou um dialecto, que se chama idioma portuguez; fallando ingenuamente esta opinião me parece mais acreditada, que provada.

Em primeiro lugar ella suppõem que a lingua latina chegasse a ser lingua popular nas Hespanhas, o que me parece absolutamente distituido de fundamento.

O dominio dos romanos na Peninsula não foi tão geral, como se quer suppor; no tempo, em que elles a invadiram, e conquistaram, era ella mui povoada de muitas nações poderosas, talvez de diversas origens, que lhe fizeram continua guerra, que se hoje lhe cediam, á manhã se rebellavam, e voltavam de novo ás armas, e não é no meio destas oscilações, e resistencias, quando serve o odio nacional, que o

conquistado abandona a sua lingua pela do conquistador; seria isto um phemoneno, que desmentira toda a experienzia, e testemunho da historia.

Bastante tempo os arabes ocuparam grande parte das Hespanhas, numerosos christãos ficaram habitando entre elles; trocaram acaso a lingua patria pelo árabe, posto que soubessem falla-lo? Os tartaros, que por algumas vezes tem invadido, e dominado a China, adoptaram acaso a lingua chineza, ou os chins a linguagem Tartara? Não, cada nação falla a sua lingua nacional, assim como conserva os seus traços. Ha muitos seculos que os Turcos, e os Gregos estam vivendo juntos em Constantiopla, e os otomanos fallam turco, e os gregos grego. Todo o despotismo de Filipe Segundo não poude obrigar os Vascongados a descartar-se da sua enredada lingua. Cada província da França, da Italia, da Hespanha, conserva o seu dialecto particular nas suas relações da vida communum, posto que o francez, o toscano, e o castelhano sejam o idioma politico, e governativo em cada uma d'estas nações. O uso do Inglez nos actos públicos ainda não poude fazer que os Escozezes, o paiz de Galles, e a Irlanda se esquecessem dos seus dialectos celticos. Pois se nem a união social, nem o podér dos Reis, nem a posse pacifica, e de muitos seculos depois de uma conquista, nem a indispensavel obrigação de servir-se de uma dada lingua, em todos os actos, e transacções públicas, nem a Comunidade Religiosa obriga os povos a deixar por ella a falla da patria, mesmo entre nações polidas, e por isso mais servis, como hade crêr-se que fossem mais doceis povos barbaros, amigos da independencia, e inimigos de seus oppressores?

Nas povoações, que eram municipios, e colonias romanas, é natural que o latim fôsse lingua usual entre as families descendentes dos Romanos, que ali se estabeleceram, e entre os optimates indigenas, partidistas de Roma, que havia muitos, porque na Peninsula nunca faltou quem preferisse os interesses estrangeiros aos dos nacionaes: mas nessas mesmas povoações eu duvido muito, que ella fôsse linguagem do povo.

Temos portanto, que em lugar de dizermos que falamos um latim corrupto, com palavras de uma língua barbara, seria mais exacto dizer, que fallamos uma língua barbara em sua origem adulterada, e ampliada com vocabulos latinos; por que à maior parte destes, se bem examinarmos os escriptos, que nos restam dos tempos cbevemos com a fundação da monarquia acharemos que foram introduzidos pelos escriptores em tempos muito mais recentes.

Parece-me que a prova de que uma língua é filha da outra, está mais na similitude da syntaxe, que na da prosodia, porque n'aquella, e não n'esta, é que verdadeiramente consiste a língua, e nós não temos a syntaxe latina. Se as palavras de um idioma, enxeridas em outro, provassem que este se dirivava d'aquelle, diríamos que o portuguez se derivava do arabe, ou do hebraico, porque temos muitas palavras árabes, e hebraicas, ou julgadas hebraicas, porque estou persuadida de que as houveremos dos Fenícios, e Cartaginezes, que fallavam a mesma língua, que os Hebreos, ou pouco diferente, pois todas, como a egypcia, eram dialectos do arabe.

Mas qual seria a língua que serviu de base á que hoje fallamos? Esta pergunta prende com outras tão difíceis de illucidar como ella.

Existiu acaso uma língua hespanhola, que se falava por todos os povos, que habitavam desde os Pireneos até á embocadura do Tejo? ou cada povo hespanhol fallava uma língua particular? e se houve só uma língua geral, seria esta a vascongada? Esta opinião tem sido adoptada por grandes litteratos do reino vizinho.

Mas, lê-se em alguns escriptores, e especialmente na Geographia de Lacroix, um facto que contraria a universalidade do vascongado, e a unidade da língua na Peninsula, e vem a ser, que entre as ruinas da antiga Iberia, se depararam não só um poema grego, mas muitos manuscritos em uma língua desconhecida; ora si aquella língua era desconhecida, é óbvio que não era o vascongado, que he fallada ainda hoje por uma numerosa população; ahí temos por tanto já duas línguas na Hespanha.

Ainda mais; consta pela historia, que grandes aluviões de Celtas, emigrados das Gallias, transpondo os Perineos, ocuparam toda, ou quasi toda a orla marítima da Peninsula até ao Téjo, fundaram povoações numerosas; e não será verosímil, que elles, e os seus descendentes usassem da sua lingua nativa? que esta, com o correr dos annos, a mudança dos costumes, a novidade dos objectos, e o trácto com os vizinhos, se alterasse pouco a pouco, e formasse diversos dialectos? Não é assim que o Gaellico, ou Celta apparece com variadas feições, mas sempre o mesmo, na Inglaterra, no paiz de Galles, nos Lowlands, e Highlands da Escocia, na Irlanda, e nas ilhas Hybridas?

Parece pois á vista do que tenho expêndido, que pôde, sem escrupulo de temeridade, afirmar-se que na Peninsula nunca houve uma lingua hespanhola geral, e que as nações hespanholas faltaram por séculos dialectos particulares analogos aos das diferentes nações, de que tiravam a sua origem.

Descendo agora da generalidade á especialidade, e restringindo-nos á Lusitania, em que se comprehenda o paiz Callaico, ou a Galliza, se considerarmos que foi ali a séde principal dos Celtas, onde fundaram muitas villas, e cidades, e entre ellas Santarém, não parecerá mui desvairada a minha opinião de que o Celta deve pelo menos contemplar-se como um dos principaes elementos da lingua portugueza.

Duas cousas me inclinam muito a pensar assim: 1.<sup>a</sup> que o Jesuita hespanhol Hervas y Panduro, o doulo author da Historia Natural do Homem, na sua obra sobre as linguis, não duvidou concluir pela comparação delles que a Irlanda fôra povoada por uma colonia de Celtas da Galliza: 2.<sup>a</sup> que havendo eu examinado, com toda a paciencia, e attenção, de que sou susceptivel, alguns Diccionarios Celto-Francezes ali deparei com um consideravel numero das nossas palavras obsoletas, e não poucas das que ainda correm na boca da infima plebe, umas com pequenas, e outras sem nenhuma alteração.

Houve além disso, nestes ultimos tempos, entre nós um respeitável magistrado, grande Poeta, e grande

**Philologo**, e sabedor da língua portugueza; este homem foi o Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, primeiro Bibliothecario da Biblioteca Pública, que não duvidou de appellidar os celtas = *Padres da nossa língua*.

Pena é que uma importante obra escripta por elle em latim, sobre a Hespanha antiga, e as suas *Investigações sobre os Celtas*, estejam sepultadas na sala dos manuscritos da Biblioteca Pública de Lisboa, sem que a Academia Real das Sciencias, a quem de mais pertencia tocava este objecto, se tenha resolvido a publicar estes importantes escriptos daquelle seu digno socio, de que tantas luzes se poderiam tirar sobre esta matéria.

Se algum dia se generalisar entre nós o gosto pelos estudos da antiguidade, e o estudo das indagações etimologicas, e philologicas, estou certo, que nos exames a que se proceder se terá muita conta com a confrontação das línguas portugueza — galliziana, no seu estado mais remoto, com a língua celta, de que se tirarão grandes resultados para o conhecimento da origem do idioma, que fallamos.

Advira porém o Leitor, que eu não dou as idéas, que tenho apresentado, se não como conjecturas, mais ou menos probáveis, que offereço á consideração, e discussão daquelles, que possam emprehender, livres de preocupações da escola, sem espírito de sistema, e com apurada critica, a sua discussão, e exame: aquelles, que sobre esta matéria tenham feito o estudo, que as minhas circunstâncias me não permittiram fazer.

Para assentar discussão, por exemplo, sobre a existência de uma língua geral na Península, parece que um dos meios mais profícuos seria investigar os nomes mais antigos dos montes, rios, serras, povoações &c. e ver em que língua eram significativos; se todos, ou a maior parte delles nas diversas províncias e Reinos fossem significativos no mesmo idioma, poderíamos dar demonstrado que esse idioma fôra nos tempos primitivos a língua peculiar dos hespanhos; se o fossem em diversos dialectos, essa mesma diferença nos faria conhecer a diversa origem das camadas de ho-

meis, por quem principiou a ser povoada a Peninsula.

No estado actual das cousas, parece-me que pouco deve importar-nos si fallamos um dialecto latino, celtico, suevo, alano, ou gódo; o que nos interessa é que temos a fortuna de possuir uma das mais belas linguas da Europa moderna; uma lingua, que tem uma syntaxe regular, e simples; verbos cujas terminações variadas designam as pessoas em todos os modos, e tempos; que para figurar na oração, sem prejuizo da clareza, não necessitam de serem acompanhados dos pronomes, como no inglez, e francez; uma lingua rica de termos, e phrazes pictóreas, e energicas; de vozes dactilycas, e compostas de duas, tres, e mais dicções, e que pôde formar outras, quando lhe convém, tornando-se mais concisa; que tem pronunciaçāo clara, e harmoniosa, sem engasgo mourisco como a castelhana, sem ser ourissada de consoantes, como a maior parte das linguas septentrionaes.

Abunda além disso a lingua portugueza em variedades rhymas, sem que precise usar dellas, pois não ha nenhuma em que saiam tão bem os versos soltos; pôde á vontade do escriptor empregar os artigos, ou prescindir delles; usar da inversão, ou seguir a ordem natural. E' instrumento proprio para todos os assumplos, accommoda-se á musica como a italiana, e na prosa, e na poesia se apresenta igualmente brilhante.

Vêde-a no singello arreio do Dialogo familiar.

"E eu, se vos não encontrára, ainda não tinha entendido o vesso moço; porque de maneira embarracos e que me mandaveis dizer, que nem por discussão pude tirar o recado: nem vos desfaçaes delle para os que forem de importancia, que val a pezo de ouro.

A isto se começaram todos a rir, e tornou Solino.  
» O meu moço, Senhor D. Julio, tem desculpa em ser nescio, porque é meu moço, que se soubéra mais, eu o serviria a elle. Mas os creados dos Grandes, como vós; esses ham de ser discretos, pois sam tão bons como eu, e com tudo eu vos sei dizer, que ha aqui

moço que no dar um recado o poderá fazer como o que lá mandei, que não é dos peiores da sua relé, e já se entremette a lêr carta mandadeira; mas nos recados ainda agora lê por nomes, e não o acerta a nenhuma cousa."

*Francisco Rodrigues Lobo. Cort. na Aldeia.*

Como se molda igualmente ao estylo epistolar conciso, e singello nesta carta, que Affonso de Albuquerque, á beira da sepultura, escreve a El-Rei D. Manoel.

"Senhor, esta é a derradeira, que com os soluços da morte escrevo a V. A. de quantas com espirito de vida lhe tenho escripto pela ter livre de confusão d'esta derradeira hora, e muito contente na occupação do seu serviço.

N'esse reino deixei um filho, por nome Braz de Albuquerque, ao qual peço a V. Alteza que o faça Grande, como lho meus serviços merecem. Quant ás cousas da India, ella fallará por si, e por mim.<sup>o</sup>

*Barros, Decada. 2. L. 8.*

Com a mesma facilidade se eleva ao estylo oratorio como se vê do exordio do discurso de Coge Çofar aos seus soldados.

"Companheiros, e amigos, não vos insinarei a temer, nem a despresar esses poucos portuguezes, que dentro daquelles muros estaes vendo encerrados, porque não chegam a ser mais que homens, ainda que sam soldados.

Em todo o Oriente atégeira os accompanhou, ou servio a fortuna, e a fama das primeiras victorias lhe facilitou as outras. Com l'imitado podêr fazem guerra ao mundo; não podendo naturalmente durar muito um imperio sem forças, sustentado na opinião, ou fraquezâ dos, que lhe sam subjeitos. Apenas tem quibentos homens naquelle fortaleza, os mais delles soldados de presidio, que sempre costumam ser os pobres, ou os inuteis; por terra não podem ter soccorro, os do mar lhe tem vedado o inverno."

*Jacinto Freire.*

Vêde como se apresenta clara, e magestosa nessa descripção de Ormuz, como os vocabulos se deslisam uns apoz outros, sem a menor dissonancia, ou asperreza.

» A cidade Ormuz está situada em uma pequena ilha; que jaz na garganta de dentro do estreito do mar Persico, tão perto da costa da terra da Persia, que haverá de uma a outra tres legoas, e dez da outra da Arabia, e terá em roda, pouco mais de tres legoas: toda mui esteril, é a maior parte uma maneira de sal, e enxofre, sem naturalmente ter um ramo, ou herba verde.

A cidade em si é mui magnifica em edificios, grossa em trato, por ser uma escalla, onde concorrem todas mercadorias orientaes, e occidentaes a elle; e as que vem da Persia, Armenia, e Tartaria, que lhe jazem ao norte: de maneira que não tendo a ilha em si cousa propria, por carro tem em si todas estimadas do mundo. Porque até a agua, cousa tão commun, tirando alguma de tres poços; e cisternas, toda lhe vem da terra firme da Persia, della em vasilhas, e outra solta em barcas com toda a bortalice, verdura, fructa verde, e serodea, que despende, que é em abundancia; assim da comarca, que elles chamam Mogostão, como d'estas ilhas, que tem por vizinhas, Quixome, e Laro, e outras, com que a cidade é tão vistosa, e abastada, que dizem os moradores della, que o mundo é um anel, e Ormuz uma pedra preciosa engastada nelle.»

*Barros, Decad. 2.*

Poderá achar-se uma descripção mais campestremente pictoresca que a seguinte? Não compete ella ao collorido com a melhor poesia?

» Pela parte por onde vem descendo o rio Liz, antes de chegar aos espagosos valles, que vai regando com sua corrente, toma um estreito caminho entre altos arvoredos, onde com profundo socego se detém até chegar á queda de uma alta penedia, e ali reparadas as aguas, medrosas vam fugindo por entre as raizes de amargosas nogueiras, outras offerecendo-

se aos penedos, com saudoso som estam nelles quebrando, e depois ficam derramadas em dous ribeiros: o maior, depois de muitas voltas, se vai encontrar primeiro com as agoas, de que se apartou entre altos ciprestes, e loureiros. O outro, ao voltar de um valle, se vai encostante a uma alta rocha por baixo de espeças aveleiras, e esperando as aguas umas pelas outras, descebrem a boca de uma lapa encoberta entre ramos, que vai por baixo do chão uma legoa, e nessa havia fama que vivia um sabio de muita idade, que por encantamento a fabricára." Lobo.

Nas narrações, quando feitas por homens de talento, se mostra a lingua portugueza cheia de concisão, de força, e de perspicuidade: daremos um exemplo tirado, de um dos nossos mais assamados historiadores.

"Não foi menos estimado outro encontro que Lopo Mendes de Vasconcellos, morador de Arzila, e criado do Conde de Redondo, teve com tres fustas dos Mouros de Veles, andando por Capitão de uma caravela de duas, que este anno mandára El-Rei ficar de guarda no Estreito.

Navegava para a Valla; accalmou-lhe o vento, e cerrou-se juntamente o dia entre ella, e Tagadarte: começavam os companheiros a picar os remos, senão quando se vêem investidos de tres fustas, que havendo vista della ao mar, se tinham escondido no rio, esperando occasião de a saltearem. Foi acommettimento subito; vinham os nossos descuidados. Espertou-os a grita dos mouros, e os golpes com que os esporões das fustas vieram quebrar nella. Accodindo ás armas acharam já muitos inimigos, que sobiam pela exarxa, por uma, e outra parte. Foi a primeira resistência de espadas, e lanças, com que fizeram descer uns, e outros saltar ao mar: e logo lançando mão de bombas de fogo, e panelas de polvora, fizeram tal lavor nelles, que arrepentidos do jogo, se foram desviando com muitos queimados, e feridos; mas foi a desgraça, que tomou fogo um barril de polvora, que entre os nossos se pôs sobre um chapiteo da poppa para

provimento da briga, e entre muitos, que desribou, e maltratou, ficou queimado no rosto, e por uma ilharga o Capitão, o que deu apimo aos das fustas, vendo as labaredas, e cuidando, que não haveria quem lhe defendesse a entrada, para tornarem com maior furia a cometella; porém o Capitão, ainda que atormentado, e escaldado do fogo, não se deseuíou da sua obrigação, e accodindo com elle o Piloto Nu-nno Martins, e seu irmão o Mestre, que eram naturaes de Tavilla, ambos valentes de animo, e agigantados de corpo, de maneira que nenhuma as mãos, e jogaram dos instrumentos de fogo, que de todo se apartaram as fustas, levando muitos mortos, feridos, e queimados."

*Frei Luiz de Sousa, Ann. da D. João III.*

Não é menos natural a rapidez com que Diogo Fernandes, author da terceira parte da Chronica de Palmeirim de Inglaterra, relata o encontro de alguns cavalleiros.

" E sem gastarem tempo com palavras escusadas, ponde-se cada um no logar da justa, se encontraram com toda a força. Almorol, e o Cavalleiro da Fama fizeram as lângas em pedaços, e como ao da Fama lhe faltassem as armas, ferido no peito, veio a terra sem fazer em seu contrario nenhuma moça; os outros dous, topando-se dos escudos, com as eilhas rebentadas, fizeram companhia ao primeiro, mas não tanto a salvo de seus contrarios, que Polendos não perdessem uma estribeira, e Arnedos perdendo ambas, senão pegasse ao pescoso do cavallo; foram estes encontros de muito espanto para todos, porque o Cavalleiro da Fama era D. Fregior, filho d'El-Rei d'Eaparta, e os outros dous Lisco, e Denastido, filhos d'El-Rei de Morea, todos tres de grande fama nas armas."

Com que vivas eôres, com que rebusiez, e força de expressões não accedio a língua portuguesa no nosso Livio para traçar a pintura da affronta, e prega em que os portuguezes se viram entranhados nas ruas de Calicut,

» Era cousa digna de admiração, e pera se muito condoer de tão triste caso; porque contemplando obra de seiscentos homens, que tantos seriam os nossos, intalados entre aquelles valles, tanto sobrelevava o fervor do Sol, e a poeira dos pés, e o trabalho, que a noite passada até aquellas horas tinham sofrido, sobre toda a força do seu animo, que não se podiam defender de até oitenta naires, que pela estrada os perseguiam, derrubando poucos a poucos: e o que era mais miseravel, se de cima dos vallos lançavam no cardume dos nossos um zagueiro, uma seta, uma pedrada, nunca dava em chão, e qualquer que acurvava os pés de todos, trilhando, o acabavam de matar. Finalmente aqui dous, ali quatro, seis, oito sempre foram cabindo, até que sahiram daquella estreiteza do valle ao largo da cidade; a qual, ainda que ardia em fogo, menos sentiram o que nella andava, que aquelle forno de morte; donde vinham assogados e cégos de sede, e pó. E vendo neste largo quan- poucos eram os inimigos, que os perseguiam, fizeram rosto a elles; com que converteram parte da soltura, que traziam em fugir, e não em cometer, como d'antes faziam. »

*Barros, Deed. 2.*

Igual, se não superior a esta, é a pintura pathética que Frei Bernardo de Brito traçou do Rei Rodrigo, escapando da funesta batalha de Guadaletes, e refugiando-se em um mosteiro, de que a maior parte dos monges havia fugido com a preciosidade da casa.

» Chegado o Rei a este logar com desejo de achar alguma consolação para seu espirito, encontrou mataria de maior lastima, porque os mōnges atemorizados com a nova, que chegara poucos dias antes, e solícitos por salvar os ornamentos, e cousas sagradas, uns eram já fugidos para dentro de Mérida, outros se retiravam pela terra dentro, buscando guarida em outro cónvento; e os menos aguardavam o fim do negocio dentro do mosteiro, desejosos de acabar a vida pela honra, e defensão da Fé Catholica, dentro n'aquele santuario.

Entrou El-Rei na igreja, e vendo-a núa de orna-

mentos; e desempessada de religiosos, se pôz em oração com tanta dor, e angustia, que desfeito em lágrimas se não lembrava de que podia ser ouvido de alguma pessoa, a quem o excesso dellas desse conhecimento de quem podia ser, e como a fraqueza de não ter comido alguns dias, o desfalecimento do cérebro, pela falta de sono, e o quebrantamento de caminhar a pé lhe tivessem as forças debilitadas, se lhe cerraram os espíritos de maneira que ficou em terra com um desmaio, em que esteve privado dos sentidos até o achar ali um monge antigo." *Brito.*

Mas é com especialidade na poesia que a língua portugueza desenvolve todos os seus recursos, e alardea as suas riquezas, e a sua formosura, moldando-se a todos os assumptos, e dobrando-se como cera a toda a qualidade de metros, tanto nacionaes, como estrangeiros; e ou ajudada da rhyma, ou prescindindo della, mostrando sempre uma harmonia, que de balde se procurará em todas as línguas da Europa moderna, se exceptuarmos a toscana. Espero que o Leitor, nos numerosos trechos citados nesta obra, encontrará supersabundantes provas desta minha assertão. Vergonha é que tendo a nossa versificação subido ao ponto mais perfeito nos Poemas de Camões, Bocage, Gargão, e Francisco Manoel, a maior parte dos Poetas actuaes, entre os quais se contam muitos mancebos de grande talento, e grandes esperanças, tenham (assim o parece) dado as mãos para a fazer retrogradar para a rudeza, e imperfeição de Sá de Miranda, chegando a sua negligencia da arte versificatoria ao excesso de nos darem Poemas, aliás cheios de bellezas, manchados de versos prossicos, duros, e o que é mais ainda, sem a dvida quantidade! não querendo fazer o processo aos vivos, mas se isso entrasse nos meus principios, bem poucos, nenhum talvez, de quantos tem escripto versos nestes ultimos vinte cinco annos, apareceriam isemptos de culpa perante o tribunal mesmo da critica mais indulgente.

Ha uma preocupação de longo tempo estabelecida, que tende a desabrochar a nossa língua; porque sendo só propria de um pequeno reino, não permite

grande fama aos que nella escrevem, por ser idioma falado por poucos, e pouco conhecido de estranhos: talvez a este preconceito se deva a mania de escrever em castelhano, que dominou os nossos litteratos até ao reinado d'El-Rei D. João V. Estou certo que elles não preferiram o bespanhol ao portuguez, porque despresassem este, ou julgassem que o castelhano lhe era superior, mas porque o tinham por lingua mais conhecida; era sède de gloria, que soffocava nelles o amor da patria.

Mas além de que não ha lingua, que de desconhecida se não torne conhecida, e estudada, quando nella se escrevem obras de interesse, e muito transcendente, não é a lingua portugueza tão ignorada como a pertendem figurar. Os Judeos, emigrados de Portugal, a tem diffundido na Hollanda, donde se não servem de outra em suas synagogas, e actos públicos. Os litteratos Allemães a estudam tanto como a castelhana, em Hamburgo, está tão generalizada, que até as mulheres a falam. Os livros portuguezes são familiares aos inglezes instruidos. As obras de Sismondi, de Raynouard, de Villemain, de Ferninand Diniz, e as muitas traduções de escriptos nossos, que se tem publicado em França, mostram que a nossa litteratura se tem tornado objecto de mui curioso estudo naquelle país, e é de esperar que o conhecimento da nossa lingua se vulgarise cada vez mais.

As nossas armas, os nossos missionarios, e os nossos estabelecimentos na Costa d'Africa ali a tem tornado usual.

Além disso, o portuguez é a lingua commercial da Asia, e mais conhecida, e falada na India, que qualquer outra das linguas Europeas. Falla-se em Macão, nas Filíppinas, nas Malucas, e em todos os reinos que bordam a Aurea Chersoneso.

O portuguez é finalmente o idioma do vastissimo imperio do Brasil, cuja povoação, de muitos milhões de individuos, vai em progresso ascendente; ali he cultivada, e usada por inumeraveis escriptores, que ora ali florescem, e vam lançando as bases de uma rica litteratura: com o Brasil pegam as antigas colonias bespanholas, hoje divididas em muitas repu-

blicas, onde a lingua lusitana é tão conhecida, e entendida como na Hespanha, pela mesma razão da similitude, e afinidade de ambas as fállas. E á vista destas considerações, não podemos deixar de confessar, que haverá poucas linguas que sejam entendidas, em tão longo espaço do mundo, e fálada por tantos individuos.

Cuidem pois os portuguezes em compor obras de gênio, e de proveito, e não receiem de que haja falta de quem as lêia, de quem as entende, e de quem lhes tribute os devidos aplausos.

## CAPITULO III.

### *Escola Gallega, ou dos Trovadores.*

**Q**ue a Poesia Portugueza nasceu, e se cultivou muitos annos antes da fundação da monarquia, e quando a terra de Portugal estava unida á Galliza, e ambas as nações falavam o mesmo dialecto, é cousa de que ninguem duvida, porque tem a seu favor os monumentos historicos.

Que a lingua portugueza, mesmo no estado de barbarie, e rudeza, em que então se achava, possuia já um certo grau de docura, e amenidade, que hoje nos custa a perceber, porque já não sabemos pronunciá-la, mas que era mui perceptivel para os contemporaneos, todos os criticos hespanhoes de boa fé o confessam, e o prova a prática dos Poetas daquelle tempo a preferirem á castelhana para as poesias eróticas, e para as que se compunham para musicar; e se corrobora esta asserção pelo exemplo do Rei D. Affonso, denominado o Sabio, que escrevendo o seu Poema das Querellas, e o de Thesouro, de que se conservam alguns fragmentos em coplas castelhanas de Arte maior, escreveu um livro de cantigas em língua

gua portugueza, ou gallega, pois a mesma língua se designava então por estes dous nomes.

Mas sem embargo do grande cultivo dado á poesia antes, e depois da monarchia, esta época oferece ao historiador tantas dificuldades, que é quasi impossível podér apresentar uma conta clara, e exacta della. Houve na verdade grande numero de Poetas, mas as suas obras tem desapparecido; e as que se conservam apenas se encontram espalhadas, e em fragmentos, por diferentes livros como a Monarchia Lusitana, e a Chronica de Cister, de Frei Bernardo de Brito, a Europa Portugueza de Manoel de Faria e Sousa, e outros, que seria occioso mencionar.

Consta que existiram dous grandes Cancioneiros contendo grande numero de tróvas desses Poetas, mas ao que parece foram todas devoradas pelo tempo, ou pereceram pela incuria, e negligencias que sempre reinou entre nós a respeito de monumentos antigos; e como não pereceriam objectos de natureza tão fragil como manuscripts, quando desappareceram tanta monumentos de pedra, com que os Phenicios, Cartaginezes, Romanos, e Arabes assignalaram a sua passagem na Península? O certo é que aquelles Cancioneiros foram cuidadosamente procurados por Butterweck em todas as bibliothecas de Alemanha, e por Sismondi em todas as de França, e da Italia, e nem um, nem outro poderam depara-los.

A Real Academia das Sciencias, em 1790, concebeu um pensamento, que na verdade faz muita honra áquella companhia de erudictos, que tanto tem trabalhado entre nós pela diffusão das luzes, e cultivo das sciencias. Resolveu mandar um dos seus sócios a Madrid para examinar as livrarias daquella capital, a fim de verificar se ali existiam alguns livros portuguezes, impressos, ou manuscripts, que se julgassem perdidos.

O governo de Sua Magestade a Senhora D. Maria I. protegeu, como era de esperar, esta nobre tentativa, alcançando de Sua Magestade Catholica a necessaria authorisação para o exame, que se projectava, e a Academia nomeou para essa commissão

Doutor Joaquim José Ferreira Gordo, depois Monsenhor da Santa Igreja Patriarchal.

No tomo 3.<sup>o</sup> das Memorias da Academia das Scienças a pag. 60, lê-se uma conta dada pelo dito socio, em que declara, entre outras cousas, ter achado na Real Biblioteca de Madrid, um Cancioneiro portuguez, escripto no seculo quinze, e contendo as obras de mais de cento e cincuenta Poetas, de que traz os nomes, mas não copiou nada delles.

Parece que havendo a Academia dado o primeiro passo, deveria ter dado seguimento a tão louvável empreza, rogando ao Governo que se empenhasse em alcançar do ministerio-hespanhol copias de manuscritos tão interessantes para a nossa litteratura, a fim de serem dados á luz pela Academia; e seria este um dos maiores serviços prestados á gloria, e litteratura nacional; é de esperar que nem o Governo Portuguez se negasse a coadjuvar a Academia na sua justa pertenção, empenhando-se para esse effeito com o Governo de Hespanha, nem este se negasse a condescender com as rogativas, que a este respeito lhe fossem endereçadas em nome de Sua Magestade Fidelissima; não sei se isto se fez: o que é verdade, é que nunca houve empreza melhor tentada, e que menos resultado produzisse.

Consta que o segundo livro, que se imprimio em Portugal, foram as Trovas do Infante D. Pedro, de que Frei Bernardo de Brito, cita alguns versos, mas nunca achei nenhum exemplar dellas, nem Sismondi, nem Bouterweeck, que contam aquelle Infante no numero dos nossos Poetas, as tinham visto.

D'El-Rei D. Diniz tambem havia douos Cancioneiros; um com o titulo um tanto estranho de *Cancioneiro de Nossa Senhora*, que continha as suas poesias de devocão, e outro que continha as suas poesias profanas. Do primeiro falla Sismondi, sem accrescentar, que o lera, e sem delle copiar nada: do segundo vi um exemplar manuscrito, mas de carácter de letra bastante moderna, que possuia o meu defuncto amigo, o Beneficiado Pedro José de Figueiredo, socio da Academia Real das Scienças; a linguagem das coplas que delle li, era na verdade mui antigo; mas não

posso affiançar a sua authenticidade, nem o examinei com attenção, porque nesse tempo pouco me interessava por essas antigualhas; o que posso afirmar é que Figueiredo, muito curioso delas, se desvanecia muito da sua posse. Este Cancioneiro é natural que perecesse no *Auto de Fé*, que mandou fazer de todos os manuscritos, seus, e atheios, que existiam na sua livraria, nos ultimos dias de sua vida. Esta mania de queimar manuscritos é uma molestia endémica da Nação Portugueza. Confesso que tenho hoje grande pena de que este Cancioneiro perecesse, ou de que não o lê-se naquelle tempo de modo que me ficassem de memoria algumas Coplas, pelas quaes podesse verificar si era, ou não o mesmo que ha pouco se imprimio, e que extractei para esta Obra.

Nunca tive occasião de examinar um Cancioneiro pertencente á livraria do Real Collegio dos Nobres; não sei se pereceu no incendio que devorou aquelle edifício, ou se levaria caminho nessa occasião.

Lord Stuart; quando esteve por Embaixador nesta corte, além de muitos livros raros, que comprou, alcançou uma copia daquelle Cancioneiro que fez imprimir em Paris em 1823, á sua custa; porém com essa edição, executada com todo o luxo, e de que se tiraram poucos exemplares para presentear amigos, e algumas bibliothecas, ficaram aquellas poesias tão fóra da circulação litteraria como quando estavam em manuscrito sepultadas nas estantes do Collegio dos Nobres.

Resta o Cancioneiro de Resende, de que existe um exemplar na biblioteca publica de Lisboa, e talvez mais cinco, ou seis em todo o reino, e alguns em livrarias da Alemanha, e França; esta compilação, preciosa no seu genero, oferece objectos de curiosidade para o erudito, de investigações para o philologo, e de observações para o philosopho, e historiador. É além disso uma testemunha da marcha, e progressos do idioma; posto que as Trovas que contém sejam com poucas excepções de Authores, posto que em grande numero, contemporaneos, ou quasi contemporaneos do collector.

Ao inconveniente da falta de composições, que sirvam

de fundamentar o juizo sobre o caracter desta escola, de contestar o progresso da lingua, e da arte, acresce ainda outro não menos attendivel, que é a deficiencia de noticias ácerca da vida, circumstancias, e posição social destes Copleiros; da maior parte apenas consta o nome, de outros o apellido, de quasi todos se ignora a naturalidade, e a data do nascimento, e obito. Outras vezes as tradicções a respeito delles saam tão confusas, e contradictorias, que baldado é trabalhar para tirar a limpo a verdade. Igualmente o grande numero dos Poetas do Cancioneiro de Resende torna impraticavel o menciona-los todos sem alongar este Ensaio fóra de todas as proporções. Tomo por tanto o partido de fallar só daquelles, cujos escriptos me pareceram mais importantes, dando delles, em falta de outras melhores, as noticias que a seu respeito tem chegado ao meu conhecimento.

---

## CAPITULO IV.

### *Guesto Ansures.*

---

**E**sse Poeta, que foi o tronco da familia dos Figueiredos, viveo no tempo, em que Mauregato ocupou o throno de Asturias, Galliza, e Portugal; e foi muito affamado não só pelo talento de trovar, mas por sua illustre linhagem, e por ser gentil cavaleiro, e muito valente de sua pessoa.

Todos sabem o modo vergonhoso por que Mauregato alcançou o solio. Este homem cruel, turbulento, e ambicioso, foi filho bastardo d'El-Rei D. Afonso, o Catholico, e de uma escrava mourisca, que lhe servia de barregáa, pois tal era a dissolução de costumes naquelle temps barbaros, que os reis, mesmo os que passavam por mais virtuosos, senão pejavam de viver em publica mancebia, e de reconhecer bom numero de filhos espurios, e quasi sempre adulterinos.

Mauregato desejoso de reinar, e incapaz de refrear a impetuositade Africana de suas paixões, resolveu usurpar o throno a seu sobrinho D. Affonso, que depois denominaram o casto, filho de D. Sancho, seu irmão, e teve esta empreza por facil, attenta a pouca idade d'El-Rei, e a sua recente coroação, que ainda não lhe permittira crecer raizes no throno.

Para melhor saber com seus intentos tomou o arbitrio de pedir o auxilio de Abderrhamen, Emir de Cordova, reconhecendo-se seu vassallo, e obrigando-se a pagar-lhe todos os annos o feudo de cem donzelas, cincuenta nobres, e cincuenta plebeas, escolhidas entre as mais formosas das terras, e provincias do reino de Asturias, por quem era proporcionalmente distribuido este carrego opprobrioso como hoje se derramam os impostos directos.

Invasindo pois o reino com um exercito de Mouros, e ajudado de alguns fidalgos traidores, e ecclesiasticos de sua parcialidade, facil lhe foi apoderarse de Asturias, e Galliza, e de quantas terras em Portugal obedeciam aos Monarchas Astorianos, affugentando o joven, e enexperto D. Affonso, que difficilmente poude salvar-se, e procurar asyllo nas provincias Vascongadas.

Os povos facilmente se acostumaram ao jugo, por que como a sua sorte é sempre obedecer, pouco lhe importa que quem os manda tenha, ou não direito legitimo para isso; tudo está em que o usurpador não ataque a sua vida, os seus bens, os seus preconceitos civis, ou religiosos, e por isso Mauregato teria reinado seguro, si o tributo das cem donzelas o não tornasse odioso, e aborrecido dos habitantes em todos os seus dominios. Não podiam tolerar que regidos por um Rei Christão estivessem em peiores circumstancias, que os Christãos Musarabes, que vivendo nas terras dos Mouros, e sujeitos ao governo delles, não só eram livres no exercicio da sua religião, mas não viam arrancar-se-lhes dos braços suas filhas, e irmãs para, em qualidade de escravas, serem vendidas nos mercados, e prostituidas nos Harens de Cordova, e da Mauritania.

Este golpe, que todos os annos vinha feri-los em

seu coração, os fazia romper em excessos que tarde, ou cedo haviam causar a ruina do usurpador. Já algumas vezes havia acontecido serem as donzelas do tributo arrancadas á força d'armas das mãos dos Mouros, ou das justiças, que as conduziam, nascendo daqui tumultos, e grande derramamento de sangue.

Aconteceu que uma escolta mourisca conduzindo seis donzelas, fizesse alto em um lugar, distante tres legoas de Viseu, conselho d'Alafões, que hoje se chama Figueiredo das Donas, em razão do caso ali acontecido, e recolbendo-as em uma pequena casa, no meio de um pomar de Figueiras, esperou ali que passasse a intensidade do calor para proseguir sua marcha com menos fadiga.

Aquellas infelizes moças lamentando o seu destino, choravam amargamente, e em altos gritos amaldiçoavam a hora, em que haviam nascido, quem imposera o tributo, e quem o havia aceitado, em quanto os Mahometanos espalhados pelo figueiral dormiam tranquilos, deitados á sombra das arvores, cantavam suas canções nacionaes, ou conversando escarneciam dos prantos, e lamentações daquellas infelizes.

Acertou porém que Goesto Ansures, que com alguns Pagens passava por aquelle logar bem montado, e bem armado como era costume dos nobres, e cavaleiros daquella idade de ferro, sentindo aquella confusa, e lastimada vozaria de prantos feminis, chegou a uma janella da casa, em que estavam encerradas, e inteirando-se do motivo das suas queixas, ou por natural impulso de piedade, ou o que é mais probavel, rendido da formosura de uma delas, com quem casou depois, começou de consola-las com palavras meigas, dizendo que estivessem de bom animo, que elle lhe promettia de arriscar sua vida para salva-las de tanho opprobrio, e calamidade.

Sentindo os Mouros que as donzelas interrompiam seus queixumes, e ouvindo a voz de um homen, que se lhe dirigia na linguagem do paiz, correram promptamente a reconhecer o que se passava, e evitar a conversação.

Goesto Ansures embragando o escudo, e baixando

a viseira, remeteu com os seus contra elles, e dos primeiros encontros atravessou alguns com a lança, derribou, e atropelou outros com as patas do seu cavalo, e tirando a espada deu volta sobre os outros em quem foi matando desapiedadamente, até que se lhe quebrou a espada.

Ao vê-lo desarmado cobraram alento alguns dos Muslimes, que ainda não tinham fugido, ou cahido aos seus golpes, e tornou o desalento a apoderar-se das infelizes, que já se davam por livres.

Goesto Ansures, em vez de perder o acordo em tão apurado lance, deu de esporas ao corsel, e correndo a uma figueira, cortou della um grosso tronco, brandindo-o como se fosse uma maça, e amuizando os golpes, ou pancadas em seus inimigos já caçados, e feridos, completou a victoria com a morte de todos elles.

Partindo logo dali com as donzellias libertadas pelo seu valor, as conduzio ao seu castello, onde lhe ofereceu abrigo até serem entregues ás suas famílias, e em breve recebeu por esposa aquella, cuja beleza o tinha obrigado a pôr a vida a tamанho risco.

Em memoria deste facto, e de se haver valido de um tronco de figueira para terminar o combate, tomou Goesto Ansures o appellido de Figueiredo, que quer dizer pomar de figueiras, o qual também ficou ao logar da accão; e fez pintar no escudo cinco folhas de figueira, e pôz outra no remate do elmo, tudo alusivo a seis donzellias que libertara, e estas ficaram sendo as armas de sua linhagem.

Accrescentam mais, que Goesto Ansures celebrou este acontecimento no seguinte Romance, ou Canção:

No figueiral figueiredo  
A no figueiral entrei.  
Seis niñas encantrara,  
Seis niñas encontrei.  
Para ellas andara,  
Para ellas andei.  
Llorando as achara,  
Llorando asachei.  
Logo lhes pescudara,

Logo lhes pescudey,  
Quiene las maltratara,  
E a tão mala ley ?

No figueiral figueiredo.  
A no figueiral entrei,  
Una me repicara  
Ei, imfangon, nom sei,  
Mal houvesse la Terra,  
Que tene o male Rey !  
Si ei as armas usara  
Ja á misé nom sei  
Si Homo a mi levara  
De aquella mala ley !  
Vos, adeos, vos vaiades,  
Garçom, ca ei nom sei  
Si onde me fallades  
Mais ei vos fallarei.

No figueiral figueiredo  
A no figueiral entrei.  
E ei lhe repicara  
A misé nom hirei,  
Cá olhos dessa cara  
Caros los comprarei,  
As las longas terras  
En traz vos me hirei,  
Las compridas vias  
Per vos andarei,  
Lingua de Aravia  
Eu a fallarei,  
Mouros si me vissem,  
Eu os matarei.

No figueiral figueiredo  
A no figueiral entrei,  
Mouro que las guardava  
Cerca lo achei,  
Mal la ameaçara,  
Ei mal me anoguei,  
Troncom desgalhara,  
Troncom desgalhei,

Todo-los machucara,  
 Todo-los machuquei,  
 Las niñas furtara,  
 Las niñas furtei,  
 La que a mi fallara  
 N'alma la chantei,  
 No figueiral figueiredo  
 A no figueiral entrei,

Posto que este Romance seja geralmente atribuído a Goesto Ansures, confessó que muito duvido da sua genuinidade: a sua linguagem me parece mais moderna, que a do tempo em que se diz, que o auctor vivia, e até me parece posterior a das Trovas de Gonçalo Hermingues, e de Egas Moniz. Salvo se passando de boca em boca se foi insensivelmente alterando, o que não é difícil de acontecer em composições, que não são impressas. Deve com tudo notar-se, que Frei Bernardo de Brito, que o transcreve na segunda parte da Monarchia Lusitana, livro septimo, paginas 419 Impressão de Craasbeek de 1690, não diz que esta composição seja de Goesto Ansures; mas só que a lêra em um livro, ou Cancioneiro de mão, que havia sido de D. Francisco Coutinho, Conde de Marialva, que depois o fez passar ás mãos de pessoa, que o estimava bem pouco: e acrescenta que depois o ouvira cantar na Beira a lavradores antigos; e de certo que parece bem estranho que no tempo de Frei Bernardo de Brito os lavradores da Beira se divertissem em cantar versos, cuja linguagem na maior parte não deviam entender.

Seja como fôr, o que não padece dúvida é que esta cansão, ou ella sejacomposta por Goesto Ansures, ou por outra pessoa, é um dos mais antigos monumentos da nossa Poesia, e prova quão cedo o talento poético se manifestou entre nós, e por isso não podia deixar de mencionar-se em uma obra desta natureza.

Nem este vagido da nossa Musa, apesar da sua rudeza está absolutamente desprovido de artifício, e de graça; o dialogo entre uma das presas, e o Poeta é cheio de simplicidade, energia, e paixão. Não exprime ella um sentimento generoso quando diz:

*Si eu as armas usara  
Ja a misé nom sei  
Si Homo me levara  
De aquella mala ley !*

E a resposta de Ansures não respira toda a impetuosidade do amor, e espirito cavalbeiresco.

*A mi fe nom hirei,  
Ca olhos dessa cara  
Caros los comprarei.*

*A las longas terras  
En traz vos mi birei,  
As compridas vias  
Por vos andarei..  
Lingua de Aravia  
Eu a fallarei,  
Mouros, si me vissem  
Eu los matarei.*

Além disso o estribilho cabe naturalmente todas as vezes que se repete, e este sentimento do effeito musical não deixa de ser muito para louvar em tempos tam grosseiros, e rudes. Tambem aqui começa a manifestar-se o gosto dos jogos de palavras, que muito depois tanto dominaraun na nossa Poesia. Repare-se nestes douis versos:

*Cá olhos dessa cara  
Caros los comprarei.*



## CAPITULO V.

*Gonçalo Hermingues.*

**G**onçalo Hermingues, foi filho de Hermingo Gonçalves, e floresceu no reinado d'El-Rei D. Affonso Henriques, em cuja corte era tido por um dos mais intrepidos, e valentes cavalleiros, e dos melhores Poetas do seu tempo: festejando as bellas nos serões, e celebrando as suas graças nas suas Poesias; accudindo briosa mente a correr lança com os mahometanos, chegou conforme o uso do tempo, a ser conhecido pela alcunha, de que muito se presava, de *Traga-Mouros*, tanto era o estrago, que havia feito nos usurpadores da sua patria.

Mas este heróe, insaciável de sangue de Mouros, parece que era mais manso, e mais tractável com as Mouras, pois que os lindos olhos de Fatima, donzela mui formosa, moradora em Alcaçar do Sal, de modo renderam o seu coração, tão ardente affecto lhe inspiraram que constando-lhe, que os habitantes daquelle Villa deviam segundo seu costume, sabir della na manhã de S. João a esparrecer no campo com as suas famílias, juntando alguns cavalleiros da sua bandeira, como elle mancebos, arrojados, e destimidos, sabio com elles de Almada; foram marchando sem rumor ao abrigo da noite, e se collocaram em emboscada nas vizinhanças da villa.

Apenas começou a romper a manhã purpureando os Ceos com sua brilhante luz, os habitantes que não esperavam tales hóspedes, porque estavam então em paz com os Portuguezes, sabiram desappercebidos de Alcaçar, enermes, e vestidos de festa como quem hia só para folgar, e com canticos, e bailes a seu modo se espalharam sem receio pels campos malisados de verdura, e de flores.

Parece que o Baptista se não mostrou neste dia muito grato aos seus festeiros, porque apenas assentou no campo a formosa Fatima, Hermingues, e os seus amigos romperam da cilada, e cerraram com os pobres Mouros ferindo nelles sem piedade, e em quanto os seus amigos, andavam cevados nesta mais caçada de homens, que verdadeira batalha. Hermingues investindo impetuoso com um Mouro, que escoltava Fatima, deu com elle em terra de um bole de lança, e arrancando-a da sella, e collocando-a no arção da sua, cravou esporas ao ginete, e galopando se fez com ella na volta de Almada, onde pouco depois vieram juntar-se com elle os companheiros cobertos de sangue, e carregados de despojos adquiridos com pouco trabalho.

Nem o Doutor Frei Bernardo de Brito, que refere este successo na sua Chronica de Cister, nem Mr. de la Clede, nem outro algum historiador dos que falaram de Hermingues nos informam se este rapto, foi effeito espontaneo da desenfreada paixão amorosa, que fazia ferver o sangue no coração do Poeta Trovador, ou se a bella Musulmana estava de acordo com elle, o certo é que dentro em pouco tempo ella abjurou o Islamismo, recebeu o baptismo, e casou com o seu roubador.

Desde então os Muslimos viram menos vezes no campo o terrivel Traga-mouros, porque encantado com as graças da esposa, embriagado com seus mimos, e adormecido com seus assagos, dava mais occasio á espada, que á Theorba, em que decantava os louvores de Ouriana, que tal era o nome Christão, daquelle cathecumena do amor!

Não havia na corte dama, que não invejasse a ventura de Ouriana; não havia cavalleiro, nem cortesão, que não invejasse a fortuna de Hermingues; mas as felicidades mundanas sam de sua natureza breves, e transitorias; e a taça dos prazeres amorosos, ainda que transborde em nectar, sempre tem no fundo uma porção de licor amargo, que não só afflige, e lacera o paladar, mas que ás vezes mata.

A morte veio interromper a ventura dos dous amantes, cortando em flor a bella Ouriana, e derramar a

desesperação no peito sensível de Hermingues; lamentou por algum tempo em seus versos a perda daquella que era o seu ídolo, regon com lagrimas amargas o seu sepulchro, e por fim aborrecido do mundo, fugindo das honras, e dos amigos, fundou uma hermitagem, onde terminou seus dias vestindo o babito de S. Bernardo.

Para que possa fazer-se idéa do estado da língua e da Poesia naquelle remota época, transcreverei tres copias deste poeta, que tanto mereceu a estima dos seus conterraneos.

Tinhera-bos, nom tinhera-bos,  
Tal a tal cá assoma;  
Tinherades-me, nom tinherades-me;  
De lá vinherades, de cá fincaredes;  
Cá andabia todo em soma.

Per mil goivos trebelhando  
Oy, Oy, bos lombrego,  
Algorém de cada folgança.  
Asmei ei; porque do terrenho  
Nom ha hi tal perchego.

Ouriana, Ouriana oy tem por certo  
Que inha vida do biber

Se olvidou por tu alvidro; porque em cabo  
O que hei de la checona sem referta,  
Mas nom ha porque se ver.

Manoel de Faria e Sousa diz que sim entendia algumas palavras destes versos, mas que nenhum sentido podia colher delles, não me admira, que assim fosse vendo o modo porque elle os escreve. Basta dizer que o primeiro verso da primeira estrofie

Tinhera-bos, nom tinhera-bos.  
isto é

Tivera-vos, não vos tivera,  
escreve Manoel de Faria assim

## Tinhe-rabos, nom tinhe-rabos

o que nem Beelsebuth é capaz de entender.

Esta Cansão pela linguagem, e pela forma indica um perfeito estado de barbaridade. Os versos saem de diferentes medidas, e sem simetria. Em cada estrophe ha apenas dous versos que rimam, o segundo, e o quinto, o que prova que neste tempo não se julgava que aquella moleta fosse necessário passar sustentar a harmonia metrica. Note-se tambem, que na terceira ha tres versos hendecasilabos, o que mostra que elles eram já muito antigos na lingua, e Poesia Lusitana quando Sá de Miranda fez uso delles nas suas obras.

A circumstancia destas Coplas se acharem compostas de versos desiguales, e sem correspondencia, ou simetria entre si, e a consideração de que tem sido citadas por pessoas, que declararam que não as entendiam, me leva a uma conjectura, que talvez pareça plausivel, e assentada em bons fundamentos.

Não nego que seja possível, que um Poeta escrevendo em um seculo de barbarez, e na infancia da arte composesse as estrophes de uma Cansão accommodando nellas a esmo, e sem regularidade versos desiguales, e na ordem em que a sua imaginação lhes dictava; mesmo no nosso tempo em que o bom gosto da Poesia se vai geralmente perdendo, já vao aparecendo symptomas de que venha a resuscitar este metodo vicioso de composição, e sobejos exemplos disso já tem por ahí aparecido; mas é de notar que a terceira copla se affasta ainda mais da forma das outras pela mistura dos hendecasilabos.

Mas não é tanto a forma externa das coplas que me decide, mas sim que, lêndo-as com toda a atenção, echo que a significação de umas, se não liga bem com a das outras, que se quebra o fio das idéas, e não fica bem claro o que o Poeta quis exprimir.

A primeira copla alude á maneira em que Oriaba foi tomada por Gonçalo Hermingues no meio da confusão da peleja; mas este sentido parece discordar do sentido da segunda, e affastar-se ainda mais do que

contém a terceira; não poderemos á vista disso, inferir que estas tres coplas não formam uma Cansão unica, ou parte della, como geralmente se tem acreditado, mas que sam tres fragmentos de tres distintas composições? Confesso que me inclino muito a esta suposição, posto que ainda até hoje não tem ocorrido a ninguem, e appello para os Philologos, que queiram dar-se ao trabalho de estudar a linguagem destes versos, para os entender bem, o que não é tão difficultoso como á primeira vista parece.

---

## CAPITULO VI.

### *Egas Moniz.*

---

**C**ontemporaneo, e amigo de Gonçalo Hermin-gues, e como elle mui celebrado por suas coplas ero-ticas, foi Egas Moniz, primo de outro do mesmo nome, que foi Ayo d'El-Rei D. Affonso Henriques, a quem a tradição popular attribue a celebre fiança feita ao Rei de Leão, de que D. Affonso se apresentaria em suas Côrtes, se elle Rei de Leão levantasse o sitio de Guimarães, onde o tinha cercado, e a sa-nya, de, pelo Rei de Portugal recusar-se ao cumprimento deste ajuste, se apresentar ao Leônez descalço, e com a corda ao pescoco, com sua mulher, e filhos, para que nelles vingasse o quebramento da sua palavra. Esta entremesada pôde interessar, e fa-zer derramar lagrimas de dó, e admiração, revesti-da do colorido poetico, e estylo magico de Camões no Canto 3.<sup>o</sup> dos Lusiadas; mas não resiste ao exame de critica severa, nem á combinação das datas de uma boa chronologia.

Deixando porém este incidente, e voltando ao pri-me do chamado Regulo Portuguez, direi, que foi segundo se afirma extremado cavalleiro, distingui-

do-se em muitas acções contra os Mouros, mui bem cabido com as damas, e mui dado aos amores.

Uma dama da Rainha D.Mafalda, a quem a historia designa simplesmente pelo nome de Violante, sem nos dizer nada da sua linhagem, foi por muito tempo a senhora dos seus pensamentos, o objecto das suas adorações, e o assumpto mimoso das suas Poesias.

Esta donzella era mui formosa, segundo se colhe dos versos do seu amante, testemunho que não deve ter-se por muito insuspeito; mas o que não tem dúvida é que Egas Moniz a amou como os Poetas costumam amar, perfeitamente, quero dizer, como doudo, porque nestes casos a doudice é a perfeição, e o sublime.

Porém entre tantas perfeições de que a bela Violante era dotada, não tinha logar a constancia, e por isso, quando menos Moniz o esperava, esquecendo-se de suas finezas, e desmentindo todos os seus juramentos, casou com um hspanhol, e partiu com elle para Castella.

O perjurio de Violante, este desfecho inesperado de tantos extremos, parece que o coração do Poeta o advinhava, quando devendo ausentar-se para Coimbra, dirigia á sua amada as seguintes coplas:

Fincarédes bos embora  
Taom cuitada,  
Qui si boi-me per hi fora  
De longada.

Bai-se o bullo do meu corpo,  
Mas si nom,  
Que ós çocos bos finca morto  
O coraçom.

Se pensades que ei me vom  
Non lo pensedes,  
Que chantado em bos estom  
E nom me bedes.

Mei jazido, e mei amar  
Em bos acara,

Grenhas tendes de espelhar  
Lusia cara

Nom farom estos meis olhos  
Tal abesso,  
Que esgravizem os meis dolos  
Da compeço.

Mas se ei for pera Mondego  
Pois la vom,  
Carulhas me fagnan cego  
Como ei som.

Se das penas do amorio.  
Que ei retouço,  
Me figerem tornar frio.  
Como ei ouço.

A medesme se queredes  
Como Lusco,  
Se nom torvo me acharedes  
A mui fusco.

Se me boi a mi leixardes,  
Deos me guarde.  
Nem asmeis bos de queimardes  
Isto que arde.

Hora nom leixedes, nom,  
Cá sois garvida,  
A senom, Christeleijom.  
Per inha vida.

Voltou Egas Moniz de Coimbra, e achando a noticia da falsidade de Violante, e de sua partida para Castella com seu marido, ficou como doudo, e escreveo estas coplas que lhe inviou.

Bem satisfeita ficades,  
Corpo de oiro,  
Alegrade a quem amardeas  
Que ei ja moyro,

Ei bos rogo bos lembredes  
 Ca bos quije,  
 A que dolos nom achedes  
 Que bos fije.

Combastes a Pertigal  
 Per Castilha,  
 A amades o mei mal,  
 Que dor me filba.

Granaime per Castejano  
 E pestinique,  
 A chantaisme vinte enganos  
 Que me sique.

Bedes moiro, bedes moiro,  
 Violante,  
 Longe va o sestro agoiro  
 Por diante.

Bos bibede um centanairo  
 Mui garrioso,  
 Que ei me bou para o trantairo  
 Lagrimoso.

A se aboïça remembrança  
 Ei vier,  
 Dizei, Egas tem folgança  
 Hum se quer.

A se ouvirdes na murtulla  
 Os campaneiros,  
 Retonçade na murmulla  
 Os meis marteiros.

Quando ouvirdes papear  
 O castejom,  
 Membregos lhe fije dar  
 De coton.

Nem bos piodo mais fallar  
 Ca nom falejo,

*Ca bem podedes assnar  
Qual ei sejo.*

*A tenho o arcaboiço  
Sem feiçom  
Mas vos vejo, e bos oíço  
No cotaçom.*

*Bedes-me boi descaindo  
Nesta hora  
Bos amor ficade riando  
Muito embora.*

Mas debalde procurava elle desafogar as suas penas nas lamentações, e nos versos; a ferida havia penetrado mui profundamente naquelle coração amante, e entusiasta; o toxico do ciúme estava derramado em seu coração, e lhe corrompia o sangue; sua imaginação ardente lhe representava a cada momento a ventura, e os prazeres por tanto tempo gozados, e tão de repente perdidos. Pensada melancolia lhe foi pouco a pouco secando as fontes da existencia; nem os festejos da corte, nem os lauros da guerra, tinham poder, se não de consola-lo, ao menos de distraí-lo. O amor de Violante era a sua vida, e a sua perfídia o despenhou em breve ~~até~~ sepultara.

Affirma a tradição, que a formosa, e inconstante Violante, sabendo da sua morte, e enternecidia com os seus versos, e talvez conhecendo que o marido, que preferira não valia o antigo amante, tomara tal paixão, que possera termo nos seus dias com veneno.

Em puridade confesso, que esta tradição me parece uma fabula; as mulheres nunca se matam pelos amantes a quem atraíçoam, mas sim por aquelles, que as abandonam, ou despresam: não é a compaixão, ou o amor, mas o despeito, ou o orgulho offendido que as leva a esses excessos.

As Coplas de Egas Moniz, que deixamos citadas, e outras, que existem, sam na verdade elegantes, e harmoniosas; mas serão elas authenticas? affolutamente respondo que não; e basta confronta-las com as de Gonçalo Hermingues para se conhecer o bem

fundado de minha duvida. E' fóra de toda a probabilidade, que dous homens vivendo no mesmo seculo, e na mesma corte, escrevam em linguagem tão differente, que uma se não entenda, sem grande trabalho, e estudo particular, e que a outra seja clara, e perceptivel mesmo para as pessoas menos entendidas.

A mudança, e aperfeiçoamento, ou deterioração das linguas, é sempre lenta, e gradual, e nunca de salto; é o trabalho do mineiro que avança vagaroso, e sem ser visto. Entre a lingua de Hermingues, e de Egas Moniz, ha pelo menos seculo e meio de intervallo.

## CAPITULO VII.

### *El-Rei D. Diniz.*

**N**ão ha ninguem que não reconheça El-Rei D. Diniz por um dos melhores Reis da primeira linha, e por um dos primeiros promovedores da civilisação, e das luces entre nós. Favoreceu a laboura a ponto de merecer o titulo de Rei Lavrador, que valle alguma cousa mais, que o de Rei victorioso; fundou vilas, e logares, e povoou outros que haviam ficado quasi desertos pelos estragos da guerra, e pela expulsão dos Mouros; animou o commercio, tal qual se podia então fazer. Hainda em Lisboa uma rua, que se chama das Escholas Geraes, que tal era o titulo primittivo da Universidade, fundada por este Rei para ensino das Scienças, e das Boas Artes, para a qual mandou chamar com grande dispendio de sua fazenda, Professores, e Mestres a Italia. Esta Universidade passou pouco depois para Coimbra, de lá foi restituída a Lisboa, e finalmente transferida para Coimbra, onde tem permanecido até aos nossos dias.

Cousas samestas que todas as pessoas instruidas, ou

bem educadas conhecem; porém o que é notório a poucos é que El-Rei D. Diniz nas folgas que lhe deixavam as trabalhosas obrigações do regimento político da república; e no meio dos cuidados, e dos alvorotos populares, que lhe suscitava o genio inquieto, ambicioso, e turbulento de seu filho, achava o necessoário remanso para cultivar as Musas, e adquirir merecida reputação de Poeta, compondo versos, que deviam ser imensos, pois delles existiam, como acima disse, dous Cancioneiros, um sagrado, e outro profano.

As Poesias deste grande Rei, assim como as de quasi todos os seus contemporaneos, estiveram esquecidas, e fóra da circulação litteraria até aos nossos dias; e se uma parte dellas acaba de vêr a luz publica, esse serviço feito á lingua, e litteratura patrим devoe-se ao zéto de um estrangeiro.

Constando ao livreiro francez M. Aillaud, por informação do Padre Roquete, um dos melhores Ora-dores, que tivemos nestes ultimos tempos, e que hoje occupa no Collegio Stanislau uma cadeira de literatura Portugueza, que na copiosa Bibliotheca do Vaticano, existia um Codice manuscripto, contendo bastantes Poesias d'El-Rei D. Diniz, e de alguns Poetas daquelle tempo, ou quasi daquelle tempo, concebeo o louvável projecto de fazer dellas uma edição, obtendo para isso uma copia, por intervenção do nobre Visconde da Carreira, que de boamente quiz cooperar para uma empreza de tanta utilidade para o nosso Parnaso, e em que só era para sentir, que não fosse executada por um Portuguez.

O Cancioneiro d'El-Rei D. Diniz sahio assim pela primeira vez á luz em París, na typographia de M. Aillaud, em grande formato, no anno de 1847, precedido por uma elegante prefacão, e acompanhado de algumas notas pelo Doutor Caetano Lopes de Moura.

Esta edição não deixa nada a desejar em quanto á correção do Poeta, elegancia de caracteres, e excellente qualidade de papel.

Este livro deve ser muito apreciado pelos amadores da nossa antiga linguagem, que nas obras d'El-

Rei D. Diniz se apresenta já com feições bem definidas, e bastante regularidade, e nellas se deparam muitos vocabulos, e phrases de que o talento pôde ainda servir-se com vantagem, e que escusaram tantos gallecismos, e anglicismos com que alguns escriptores modernos não tem escrupulizado de desfigurar a língua opulenta, e magestosa de Camões, e João de Barros.

Quanto ao merecimento poético, força é confessar que me parece muito escasso. Nestas poesias compostas para cantar, não vejo nem grande imaginação, nem elevação de pensamentos, nem abundancia de idéas, nem estylo pictresco, e colorido. Pela maior parte das vezes seria difícil sentirmos que estávamos lendo um Poeta, se a versificação nos não advertisse disto. Esta parte é perfeitissima para o tempo, em que o autor escreveu, e as rymas estam travadas, e enlaçadas com muito gosto, o que prova que a natureza havia dotado o Poeta Rei com um ouvido mui sensivel aos encantos da harmonia.

Creio que El-Rei D. Diniz tinha quanto era necessário para que um Trovador se distinguisse muito no seu tempo; alguns pensamentos eroticos, ou moraes, ainda que muitas vezes repetidos, cadencia nos versos, e pureza de estylo em proporção do estado do idyoma, era bastante para grangear o nome honroso de cantor, e os aplausos das damas, e cavaleiros.

Uma circumstancia mui notável é a quantidade de versos hendecasylabos, que se encontra neste Cancioneiro, assim como no do Conde de Barcellos, filho deste Rei, de que fallaremos no Capitulo seguinte. Isto mostra que os metros chamados Toscanos, saem mais antigos entre nós, do que geralmente se pensa; entre os poucos versos que nos restam de Gonçalo Herminges, se encontram alguns, assim como em bespanhol ha alguns Sonetos hendecasylabos, muito anteriores a Buscan. Em vista disto é inexacto o dizer-se, que Miranda, e Ferreira introduziram em Portugal os metros Italianos; pois que deve dizer-se, que aquelles dois Poetas introduziram entre nós o estylo, e gosto da Poesia Italiana, dando maior

uso aos metros de que se serviam os Toscanos, mas que já eram conhecidos entre nós.

Entre as Cansões, ou Trovas hendecasylabas do Rei Lavrador, transcreveremos aqui a seguinte para dar mostra do seu talento de compor.

Si vi em vos a nenhum mal, Senhor,  
 Mal mi venha d'aquel, que pode, e val,  
 Si non que matades a mi pecador,  
 Que vos servi sempre, e vos fui leal.  
 E serei ja sempre em quanto eu viver,  
 E, Senhor, nom vos venho esto dizer  
 Pelo meu, mais porque a vos esta mal:  
 Cá por Deos mal vos vai per estas Senhor,  
 De si he cousa mui des comunhal,  
 De matardes mi, qu'eu merecedor  
 Nunca vos fui de morte, e pois que al  
 De mal nunca Deos em vos quiz poer,  
 Por Deos, Senhor, não queirades fazer  
 En mi agora que vos está mal.

*Senhor*, neste Poema equival a *Senhora*, o mesmo veremos praticado nos versos do Infante D. Pedro, Conde de Barcellos, nestes tempos os vocabulos *em or* eram invariáveis, tanto para o masculino, como para o feminino, isto se consegue melhor da Trova seguinte:

Senhor formosa, e de mui lonçã  
 Coraçon, ai! querede vos doer,  
 De mi pecador, que vos sei querer  
 Milhor que a mil pero soo certão  
 Que me queredes peior d'outra ren,  
 Pero, Senhor, quero-vos en tal ben.

Qual maior posa, e o mais emcoberto  
 Que eu posso, e sey de Branca Frol,  
 Que lhe não houve em flores tal amor,  
 Qual vos eu ey, e pero soo certão  
 Que me queredes peior que outra ren,  
 Pero, Senhor, quero-vos eu tal ben.

Qual mor posso eu, e o mais namorado  
 Tristão, sei ben que nao ameu o seu,  
 Quanto eu vos amo, esto certo sei eu.  
 E com todo esso sei mao pecado  
 Que me queredes puer que outro ren,  
 Pero, Senhor, quero-vos en tal ben,  
 Qual maior pessso, e tudo aquesto ven  
 A mi cuitado que perdi o sen.

Eis-aqui uma Pastoral, a que não falta graça, e singeleza, e que sabe um tanto da monotonia das idéas do Poeta; além de mudar para um metro mais flexivel, e proprio para o canto.

Oy oy cantar d'amor  
 En bum formoso vergeu,  
 Huma formosa Pastor  
 Que no parecer seu,  
 Jamais nunca lhe par vi,  
 E porem dixi-lhi assi  
 « Senhor, por voso vou eu. »

Tornoume sanbuda enton,  
 Quando me esto oye dizer,  
 E disse, « hide-vos, varon,  
 « Quin vos foi aqui tronquer  
 « Pera me hirdes di estorvar? »  
 E ei disse « aquesto cantar  
 « Que fez quen sei bem querer.

« Pois que me mandades hir »  
 Disse-lb'eu, « Senhor, hir me hey,  
 « Mays ja vos hei de servir,  
 « Sempre per vos andarey  
 « Ca vosso amor me forçou  
 « Assi que por vosso me hey,  
 « Cujo sempre eu ja serey. »

Diz ella « non vos ten prol  
 « Esso que dizedes, nen  
 « Mi pras de o oyir sol,  
 « Ant'ey nojo, e pesar en,  
 « Ca meu coraçon non é

« Nem sera por boa fé  
 « Senon non vos quero ben.

« Nem o meu , dixi lhi eu ja ,  
 « Senhor, ou se partirá  
 « De vos por cujo sol ten ,  
 « O meu , disse ella , será  
 « Hu foi sempre , hu está  
 « E de vos non curo ren .

« Quand'eu ben moto semensa  
 « Eu qual vos vejo , e vos vi ,  
 « Desque vos eu conhecí  
 « Deos , que non mente , me mensa  
 « Senhor, se oje eu sey ben ,  
 « Que semelhe o vosso en ren .

« Quando eu a beldade vossa  
 « Vejo, que vi per meu mal  
 « Deos , que a coitados val ,  
 « A mi nunca valer possa ,  
 « Senhor, se oje eu sei ben ,  
 « Que semelhe o vosso ar ren  
 « E quasi a assi non ten ,  
 « Non vos vio , ou non ha sen . »

Quanto mais antigos sam os documentos, e escriptos, que examinámos, mais evidente se torna o mui chegado parentesco, que a nossa lingua mostra com a Franceza, posto que seja possivel, que esses vocabulos nos venham da lingua Celta; mas seja como fôr, o facto existe, pois ali encontramos *alleur*, que é indubitavelmente o *ailleurs* dos Francezes, *ca*, que é o *car*, *ren*, que corresponde a *rien*, *sen* que é o *sens*, *ben* que está mais proximo do *bien* dos Francezes, que do *bonum* dos Latinos, *leixar* que conserva todas as feições de *laisser*, *u*, ou *hu* adverbio de logar é exactamente o *ou*, de que usam os Francezes, *paor*, e *peur* sam primos co-irmãos, *trop* acha-se em algumas escriptos do seculo 13.<sup>o</sup>, como neste verso

Car la esperança *trop* seguro.

Seria facil apontar um grande numero de vocabulos da nossa lingua permittiva, que mostram claramente o seu parentesco com o Francez, e que deviam ser tomados em consideração pelos Philologos, que tentassem indagar a origem da lingua Portugueza com maior cuidado do que se tem feito atégora.

A seguinte trova sobre a proibição feita pela sua dama de lhe fallar no seu amor, e nos tormentos, que delle lhe provinham, me parece das mais engenhosas.

Quando eu, formosa inha Senhor,  
 De vos recoey aveer,  
 Mister sei que no hei poder  
 De me agora guardar, que non,  
 Veja mais tal conforto hey  
 Que aquel dia morrerei,  
 E perderei cuitas de amor.

E como quer que eu maior  
 Pesar nos podesse veer,  
 De que enton verei prazer,  
 Ey onde, si Deos mi perdon,  
 Porque por morte perderei  
 Aquel dia coita, que hey,  
 Qual nunca fez nostro Senhor.

E pero hey tan grand paor  
 De aquel dia grave veer,  
 Qual vos nol posso dizer,  
 Conforto hey no meu coraçon,  
 Porque per morte sahirei  
 Aquel dia do mal, que hey  
 Peior do que Deos fez peior.

Vos me defendestes, Senhor,  
 Que nunca vos dissesse ren  
 De quanto mal mi por vos ven;  
 Mais fazede-me sabedor  
 Por Deos, Senhor, aquem direi,  
 O quam muito mal levei  
 Per vos, sinon a vos, Senhor.

Ou aquem direi o meo mal

Si o eu a vos non disser,  
 Pois callar non m'é mister  
 E dizervolo non m'er val!  
 E pois tanto mal sofr' assi  
 Si convesco non fallar bi,  
 Por quem saberedes meu mal?

Ou aquem direi o pesar  
 Que mi vos fazezes soffrer,  
 Si o a on non for dizer,  
 Que podedes conselhos dar?  
 E por vos si Deos vos perdar,  
 Coyta deste coraçon,  
 Aquem direi o meu pesar?

Se nesta Poesia simi-barbara, e inculta podesse encontrar-se alguma cousa, que se parecesse com a chistosa vivacidade do estylo de Anacreonte, seria nesta cantiga que o Leitor poderia depara-la: bem entendido que essa similhanga, é, nem podia deixar de ser, muito remota.

En gran coita, Senhor,  
 Que é peior que morte,  
 Vivo per boa fé, e pelo vosso amor.  
 Esta coita soffro eu,  
 Por vos, Senhor, que eu  
 Vi polo meu gran mal,  
 E milhor mi sera,  
 De morirer por vos ja,  
 E pero si mi llore non me val  
 Esta coita sofr' eu  
 Por vos, Senhor, que eu  
 Vi pelo meu gran mal.  
 Pelo meu gran mal vi,  
 E mais mi val morrer,  
 Ca tal coita soffrer.  
 Poys por meu mal assi  
 Esta coita sofr' eu,  
 Per vos, Senhor, que eu vi,  
 Per grande mal de mi  
 Poys tão coitado and' eu.

E' para notar que nesti Cancão se encontra um verso Alexandre agudo

Vivo per boa fe, e pelo vosso amor.

O que mostra que estes versos, tão pouco usados ainda entre nós, e que foram admittidos por alguns Poetas do século passado, por imitação dos Francezes, já nestes antigos tempos haviam sido provados no nosso idyoma.

Eis-aqui outra mui breve, e no estylo Pastoril, que já então principiata a usar-se, e de que depois se abusou tanto.

Hunha Pastor se queixava  
Muito estando n'outro dia,  
E sigo medés fallava  
E chorava, e dizia  
Com amor que a forçava  
Par Deos vi te em grave dia  
Ai, Amor!

Ella se estava queixando,  
Como Mulher com gram cuita,  
E a quem a pesar des quando  
Nascera non fora duita,  
Por en dizia chorando  
Tu não bes senon gram cuita  
Ai, Amor!

Coita lhe davam amores,  
Que nom lhe heram sinon morte,  
E deitou-se antes nas flores,  
E disse com coita forte  
Mal te venga por hu fortes.  
Ca no es sinon minha morte  
Ai Amor!

Esta composição dá seus ares daquellas que os Francezes denominam *Rondóaux*, e que foram muito usadas dos seus Poetas mais antigos, como Froissart, Carlos d'Orbeans, Clotilde de Survillib, Cristen, Villon, Luisa Labe, João de Peruse, e muitos outros, hoje quasi desconhecidos, que haviam recebido esta

fórmula de Poema dos Trovadores Provençais, de que é muito natural que El-Rei D. Diniz também então a imitasse.

Algumas vezes o Poeta lá sahe do apertado circulo da monotonia dos seus amores, como nestas Coplas dirigidas a um amigo.

*Amigo, meu amigo, valha Deos,  
Vede la frol do Pinho  
E guisade de andar.*

*Amigo, e meu amado, valha Deos,  
Vede la frol do ramo,  
E guisade d'andar.*

*Vede la frol do Pinho, valha Deos,  
Sellade o Baioninho  
E guisade de andar.*

*Vede la frol do ramo, valha Deos,  
Sellade o bel Cavallo,  
E guisade de andar.*

*Sellade o Baioninho, valha Deos  
Tresde-vos ai amigo,  
E guisade de andar!*

Não ha nada mais pobre de idéas, e de estylo do que esta Cansão, porém o leitor depois de ter pre corrido 144 paginas do Livro, chega a ella tam cansado, e impacientado com os amores de agua morna, e as lamentações eroticas do Poeta, que esta Canção lhe parece excellente só por encontrar nella um objeto novo.

O mesmo acontece com esta, em que ao menos ha alguma novidade na expressão.

*Não chegou, Madre, o meo amigo,  
E hoje est o prazo saido,  
Ay, Madre, moyro d'amor.*

*Não chegou, Madre, o meo amado,  
E oje est o prazo passado;  
Ay, Madre, moyro d'amor.*

**E oje est o praso sahidó,  
Porque mentio o desmentido ?  
Ay , Madre , moyro d'amor.**

**E oje est o prazo passado ,  
Porque mentio o perjurado ?  
Ay , Madre , moyro d'amor !**

**E porque mentio o desmentido ?  
Pesa-me , poys per si é fallido ,  
Ay , Madre , moyro d'amor !**

**Porque mentio o 'perjurado ?  
Pesa-me que mentio per seu gтado ,  
Ay , Madre , moyro d'amor !**

Na seguinte parece o Poeta ter querido escrever em versos Alexandrinos , mas sabiram-lhe Martelianos , como aconteceu muitas v ezes aos Poetas da Escola Franceza que quizeram fazer uso delles .

**De que morredes , Filha , a do corpo velido ?  
Madre moyro d'amores , que me deu meu amado.  
Alva , e vai licro .**

**De que morredes , Filha , a do corpo louçano ?  
Madre , moyro d'amores , que me deu meu amado .  
Alva , e vai licro .**

**Madre moyro d'amores , que me deo meu amigo .  
Quando vejo esta cota que por seo amor trajo ,  
Alva , e vai licro .**

**Madre , moyro d'amores , que me deo meu amado  
Quando vejo esta cota , que por seo amor cinjo .  
Alva , e vai licro .**

**Quando vejo esta cota que por seo amor trajo .  
E me nembra formoso como fallou comigo  
Alvo , e vai licro !**

**Quando vejo esta cota que por seo amor trajo ,  
E ate nembra formoso como fallamos ambos  
Alvo , e vai licro .**

Tenho por huma das melhores composições desta Collecção a seguinte Cantiga, em que huma Pastora se entretem perguntando ás flores por notícias do seu amante, que havia faltado á promessa que lhe fizera. O estribilho cahe naturalmente em quasi todas as Estrofes, e deve produzir bom efeito sendo posta em Musica.

Ay flores ! ay flores do verde Pino !  
 Si sabedes novas do meu amigo !  
 Ay Deos , e hu he ?

Ay flores ! ay flores do verde ramo ,  
 Si sabedes novas do meu amado ,  
 Ay Deos , e hu he ?

Si sabedes novas do meu amigo  
 Aquel, que mentio do que tinha jurado ,  
 Ay Deos , e hu he ?

Si sabedes novas do meu amado  
 Aquel que mentio do que poz comigo  
 Ay Deos , e hu he ?

Vos me perguntades pelo vosso amado ;  
 E eu bem vos digo que he vivo , e sano ,  
 Ay Deos , e hu he ?

E eu bem vos digo que he vivo , e sano  
 E que sera vosco ante o prazo saydo  
 Ay Deos , e hu he ?

E eu bem vos digo que he vivo , e sano  
 E que sera vosco ante o prazo passado ,  
 Ay Deos , e hum he ?

Desconfio de que estas ultimas composições não sejam de D. Diniz; acho entre elles, e as outras tal diferença de pensamento, de assumptos, de forma e de metro, que me leva a crer que, ou sam d'outrem, pois do prefacio consta, que havia no original manuscrito Poesias de outros autores taes como D. João de Aboim, D. Diogo Lopes Baiam, D. Affonso Lopes

Baiam, seu filho, Rodrigo Annes de Vasconcellos, D. João Soares Coelho, etc., ou serão talvez traduzidas de obras de alguns dos Trovadores de Provença, e Aragão, que então giravam largamente por toda a Peninsula, e que hoje sam inteiramente desconhecidas, assim como a lingua em que foram escriptas.

O Poeta Rei algumas vezes pertende ensaiar a Poesia jucoseria, mas de ordinario sahe desta empreza tão mal, como se vê das seguintes Trovas:

Levantou-se a Velida  
Levantou-se alva,  
E vai lavar camisas  
Em o alto,  
Vai-las lavar, alva.

Levantou-se a louçana  
Levantou-se alva,  
E vai lavar delgades  
En o alto  
Vai-las lavar, alva.

Vai lavar camisas,  
Levantou-se alva,  
O vento lhas desvia  
En o alto  
Vai-las lavar, alva.

E vai lavar delgades,  
Levantou-se alva,  
O vento lhas levava  
En o alto  
Vai-las lavar, alva.

O vento lhas desvia,  
Levantou-se alva,  
Meteu-se a alva em hira  
En o alto,  
Vai-las lavar, alva.

O vento lhas levava,  
Levantou-se alva,  
Meteu-se a alva em ranta

En o alto,  
Vai-las lavar, alva.

Ísto pôde ser que tivesse muita graça no tempo do author; mas pela minha parte não lhe acho nenhuma. E' que a jocosidade em grande parte é pura convenção, por isso o que faz rir uma nação muitas vezes causa tédio á nação vizinha. Si os equivocos de Frei Jerônimo Vabia, eram pilhas de graça para os seiscentistas, porque não produziriam o mesmo efeito em seus contemporaneos as repetições de D. Diniz, que hoje nos parecem tão insípidas, e impertinentes, como aquelles nos parecem ridiculos?

Terminarei com a seguinte Cantiga, cujo estylo me não parece desprovido nem de força, nem de galanteria.

O vosso amigo, ay! amigo,  
De que vos muito fiades,  
Tanto quero eu que saibades  
Que huma que Deos maldiga  
Volo tem louco, e tolheito,  
E moyr' ind'eu com despeito.

Non hey ren, que vos asconde,  
Nem vós sera encoberto,  
Mas sabede bem por certo,  
Que huma que Deos comfonda  
Volo tem louco, e tolheito,  
E moyr' ind'eu com despeito.

Presumo que estes escriptos bastarão para dar aos Leitores campo bastante para avaliarem o estylo, e talento poetico d'El-Rei D. Diniz, que até agora sómente eram conhecidos de uma maneira tradicional, e por isso Mr. Aillaud, publicando estas Poesias se tornou digno de aplauso, e da gratidão dos litteratos amadores da Poesia, e da bella lingua Lusitana; porém o seu direito á nossa gratidão seria maior, se elle tivesse publicado as obras dos outros Trovadores, que se achavam juntas com as deste Cancioneiro; se tivesse feito acompanhar as Poesias, que imprimio do Rei Lavrador de mais copiosas notas explicativas de

um sem numero de vocabulos, que nellas se encontram, e cuja intelligeçāo faltā à maior parte dos Leitores, mesmo instruidos; e se finalmente tivesse tido o cuidado de numerar as composições, mesmo pondo-lhes títulos, e não as imprimisse com o methodo vicioso de estampalas confusamente, e sem divisão alguma, o que muitas vezes colloca o Leitor no lance de duvidar si um Poema terminou, ou ainda continua. Bem sei que elle hāde querer desculpar-se alegando, que assim estavam no original; concedo; porém, apesar disso, insisto em que no estado de perfeição, a que nos nossos dias tem chegado a nobilissima Arte Typographica, não hā rasão nenhuma, que possa, não digo justificar, mas paliar a adopção de um sistema tão grosso, e absurdo de impressão.

Deve porém advertir-se, que com esta edição ainda não possuimos todas as Poesias do Pai das Letras, e da civilisação Portugueza; temos conhecimento pelo testimonho de muitos authores contemporaneos, que elle compozera dous Cancioneiros; um que continha os seus versos profanos, que é este que acaba de imprimir-se; e outro conhecido pelo titulo de *Cancioneiro de Nossa Senhora*, em que elle havia recolhido, e coordenado todos os seus Poemas de devoção. É muito natural que algum exemplar deste Cancioneiro exista tambem como o outro sepultado na poeira de alguma livraria de Italia, Hespanha, Alemanha, ou França: e por isso cedendo aos impulsos do zelo, que nos anima pela gloria da Litteratura Patria, exhortamos a todos os Litteratos, que se acbarem ao alcance de emprehender estas investigações, se sirvam de dar obra a procura-lo, que estamos mui certos de que as suas diligencias tarde, ou cedo serão coroadas com um resultado feliz.

## CAPITULO VIII.

### *D. Pedro, Conde de Barcellos.*

**E**ntre os muitos Príncipes de sangue Real, que nesta primeira época se honraram honrando, e cultivando a Poesia, e cujas obras desgraçadamente se perderam, ou jazem manuscritas, e sepultadas no pó de algumas Bibliothecas da Europa, esperando que algum curioso, e amador da gloria nacional das arranque para as vulgarisar pela Imprensa, distingue-se muito D. Pedro, Filho natural d'El Rei D. Diniz, e por elle nomeado Conde de Barcellos.

Seu Augusto Pai, que não só protegia as letras fundando a Universidade de Lisboa, com o nome de Escholas Geraes, chamando para ella os melhores Professores de Italia, e de França; mas que ás amava, e cultivava a Poesia; lhe fez dar uma educação litteraria conforme o consentiam as circunstâncias do tempo, e de que o Filho se aproveitou, estudando, e aprendendo quanto seus mestres lhe ensinaram.

Nascido com bastante disposição para a Poesia, fazia della o alvo de seu estudo, e dos seus recreios, e em pouco tempo foi reconhecido como um dos mais habéis Trovadores da Corte; sendo igualmente muito perito na musica, e muitas vezes elle mesmo compoz as notas em que deviam ser cantadas as suas Tróvas.

Segundo o uso dos Trovadores daquella idade, escolheu uma dama para *senhora dos seus pensamentos*, e objecto perpetuo das suas composições. Esta dama foi nada menos, segundo alguns affirmam, que a Infanta D. Maria, Sobrinha do Poeta, e Filha d'El Rei D. Affonso IV., a qual depois casou com D. Affonso IX. Rei de Castella, no anno de 1328.

E' muito de presumir que esta paixão fosse puramente poetica, como quasi sempre em tais casos

acontecia, ou se attenda á desproporção de idade que existia entre o Thio e a Sobrinha, ou se attenda á mui notável circumstancia do Conde de Barcellos haver casado nada menos que tres vezes (\*), o que prova que esse amor da Infanta apena era poderoso para dictar-lhe versos. Em apoio desta conjectura, que me parece quasi verdade demonstrada, pôde chamar-se o estylo mais engenhoso que apaixonado, que os entendedores da materia podem observar nas suas Poesias.

Bem sei que esta opinião não será do gosto de alguns escriptores, que tecem a este respeito umas novelas mui longas, acompanhadas de viagens, de ciúmes do Rei de Castella, de visitas furtivas do Conde à Rainha, e de outras circumstancias romanticas, e excellentes para quem quizer escrever um Poema sobre este assumpto; mas eu expendendo a minha opinião, nem pertendo dâ-la pela melhor, nem procuro defendê-la contra as dos outros, porque tenho por causa mais cansada que proveitosa, entrar em discussões, e investigações impertinentes, sem mais resultado que elucidar uma pagina da Chronica escandalosa do século 13.<sup>o</sup>, especialmente quando a minha missão estú mais em fazer conhecer o Poeta, do que o Conde.

O Conde D. Pedro não publicou as suas Poesias, bem que corressem na Corte, e fossem cantadas nos salões; e por seu testamento outorgado a 30 de Março de 1345, as deixou a El Rei de Castella; que não recebeu o legado, pois faleceu em Gibraltar em 1350, isto é, quatro annos antes da morte do Conde; que teve lugar em 1354, epocha em que só podia verificar-se a abertura do testamento, e a execução dos legados, e verbas, que nello se continham.

É mui provavel, que apesar da morte do Rei Afonso IX., o Cancioneiro do Conde de Barcellos fosse considerado propriedade dos seus herdeiros, e com tal remetido para Castella; e esta suposição parece bem comprovada pelo seu desapparecimento de Por-

(\*) A primeira com D. Branca, a segunda com D. Maria Ximenes, e a terceira com uma Senhora chamada D. Tatoja.

Augal, e pela circunstancia de ser ha pouco achado em uma livraria da Corte de Hespanha por um erudioto,zeleso da gloria das letras patrias, que o copiou, coordenou, e deu á luz em Madrid, na officina de D. Alexandre Gomes Fuentebabro, na Rua dos Ursos, N.<sup>o</sup> 10, no anno de 1849.

Esta edição em bom papel e typo, contém 333 paginas, e 286 Cantigas, afóra, tres supplementos, em que se juntaram algumas Trovas, a que não pôde dar-se collocação propria, e estrophes, que parecem começos de composições, ou finaes delas, ou que projecto do miserável modo porque estava feita a encadernação do volume, efeito de transfolhagem, e confundidas as paginas. Contém mais um lindo Romance sobre os amores do Conde D. Pedro, composto pelo editor, alguns versos em lingua gallega por D. Alberto Camino, que me parecem excellentes, e algumas notas.

O editor afirma que este Cancioneiro, é o mesmo que existia no Collegio dos Nobres, e que em 1803 Lord Stuart fez imprimir para mimosear os seus amigos, e algumas Bibliothecas da Europa; como nunca pude vér este Cancioneiro, nada posso dizer pro, ou contra esta assertão; mas é certo que o Detembargador Antonio Ribeiro dos Santos, em algumas das suas obras, e o Visconde de Santarem nas suas anotações ao *legal Conselheiro d'El-Rei* D. Duarte citam versos do Cancioneiro do Collegio dos Nobres, especificando os seus autores, ao passo que todas as obras deste monumento impresso parecem ser da mesma mão; dari-se-ha caso que as Poesias do Conde de Batcellos estejam ali misturadas com as de outros Poetas? em tal caso deveria dizer-se, que este Cancioneiro faz parte do outro, e não que ambos sam a mesma cosa.

Seja como for; o que não padece duvida é que este livro é de grande importancia como monumento da lingua, e que nello se pode fazer curiosas investigações sobre o seu progresso, e forma primitiva; mas de muito pouco valor como livro de Poesia.

Deparam-se é certo nelle algumas idéas originais, porém ao mesmo tempo grande esterilidade delas pois o Author as repete continuamente com enfada.

mento não pequeno dos Leitores. A linguagem é rude, a versificação irregular, desarmoniosa, e muitas vezes barbara; o estylo é quasi sempre prosaico; e mui arredado daquelle graça, e elegancia que a Poesia demanda, não queremos dizer com isto que o Poeta fique inferior aos seus contemporaneos, mas sim que não foi mais longe do que elles. Os seus versos, como os delles, estam cheios de expressões prosaicas, e populares como *máe peccado, per boa fe, mia Señor, como eu vos dixe ja, ca sois eu ben, pero Señor per boa fe.* Como elles amputou os tercos agudos, de modo que ha estrofes que não tem d'outros por exemplo.

Alqua vez digo eu en mei cantar,  
 Que non querria viver sen Señor,  
 E porque m'ora quitei de trobar  
 Muitos me teen por quite d'amor  
 E consecon mo do que fuy dizer  
 Que non querria sen Señor viver,  
 Com'or assi me foi d'amor quitar.

Ja me eu quisera con meu mal calar,  
 Mas que farei contanto considor?  
 Haver-lhes hey mia fazenda mostrar,  
 Que non tehan que vivo eu sen amor,  
 Ca Señor hey, que me ten en poder,  
 E que sabe que lhe sei bem querir,  
 Mais eu ben sei ca lhe faça y pesar.

E de trobar, sei ca lhe pésará:  
 Pois que lhe pesa de lhe querer ben,  
 E se me algune desamar praser-li'a en  
 De oyir o mál, que me per amor ven;  
 E si pesará quen me ben quiser  
 Poten non trobo, ca non m'e mestor  
 Mais que non a mi esto nunca será.

E men trobar questo sei eu ja,  
 Que non me ha prol si non por huas ren;  
 Por quixar ome a gran cùltia, que ha,  
 Ja que lezer semilha que lh'en ven:  
 Pois y pesar a mia Señor fazer  
 Cuita-haverei que per non havera,

E de tal cuita en quant'eu poder  
Guardar-me hei sempre, e o que sen houver:  
Pois le souber nunca m'en consorá.

Isto mesmo se verifica em tantas outras Trovas, que para acabar exemplos basta abrir ao acaso o livro; o mesmo acontece com a formula *Senhor formoso* que dá principio á maior parte das composições desse Poeta, e que se torna de uma insotriável monotonia. Mas é necessário sermos indulgentes com estes primeiros vagidos da nossa Poesia, que emperfeitos como saõ, não deixaram de preparar o idiomá patrio para os grandes quadros dos Lusiadas, e para os vódos lyricos de António Diniz, e de Francisco Manoel.

Em virtude destas considerações, á mui facil tarefa de accumular aqui um grande numero de observações críticas sobre linguagem, irregularidades de expressão, de estylo, e de metro, sobre a falta de elegancia, e de arte, sobre a unifórmidade dos pensamentos, que a cada passo se encontram repetidos, neste, e noutras Poetas da mesma idade, que poucos lêem, menos entendem, e ninguem se lembra de imitar, eu prefiro o apresentar aos estudiosos alguns trechos, que o talento natural inspirou ao Conde de Barcellos, e que se tornam notáveis por sua belleza, e força quando os consideramos em relação ao seculo barbaro, e inculto em que floresceu, e por onde possa ajuizar-se do lugar que lhe competiria no Parnaso Lusitano, se houvesse tido a fortuna de nascer ao menos no tempo de Ferreira.

Esta consideração dos tempos, e das circunstâncias, em que os authores viveram, é mais necessaria do que geralmente se presume para se fazer justiça ao mérito, e talento pessoal de cada um delles. Esta medida não no-la podem dar com exactidão as obras. Um Poema informe, e mui defeituoso supõem ás vezes em seu author mais genio, do que outro muito perfeito. Para compor o Poema de *rebus Romanorum* no tempo em que o escreveo Ennio, era necessário ser maior Poeta, do que para escrever a Eneida no reinado de Augusto, e é indubijável que, se elle

existisse, ninguem o igualaria ao Poema de Virgilio. Todos reconhecem o *Caldo* de Addison como uma das mais perfeitas Tragedias, que se tem escripto entre as nações modernas, tanto por sua contextura regular, e conforme as regras, como pela magestade, e variedade de caracteres que nunca se desmehtem, pela elegancia, e Poesia do estylo, e harmonia da versificação. Mas haverá alguem que lhe não perfira o Othelo, a Julieta, o Macbeth, e o Hamlet de Shakespeare? Dirá alguem que este para fazer aquelles Dramas tão irregulares, mas tão sublimes, e tão patheticos, não precisava, pelo menos, o dobro do engenho, que cumpria haver para alcançar a regularidade, e a elegancia de Addison? Não é por tanto a superioridade das obras, quem contesta a superioridade dos authores. Uma ave que soltando o vôo, do parapeito da galeria dos arcos das agoas livres, pairasse a trinta pés d'altura, não teria por isso dado maior vôo do que outra, que elevando-se da margem do rio fosse poupar no dicto parapeito; a primeira estaria mais alto, mas não teria dado mais forte vôo.

Eis aqui uma Cansão que se faz recommendavel pela singeleza da expressão, e a sensibilidade que nela respira.

N'outro dia quando eu mi espedi  
De mia S<sup>a</sup>n<sup>t</sup>or, e quando me houve a ir,  
E me fallou, e hon me quiz oyir,  
Tan sen ventura fui que non m<sup>or</sup>ri,  
Que si mil vezes podesse morrer,  
Meor cuita-me fora, de sofrer.

Que eu dixé con graça; mia Senhor,  
Caloumi un pouco, e teve mi en desden,  
Porque me non disse o mal nen ben,  
Fiquei cuitado, e con tan gran pavor,  
Que si mil vezes podesse morrer  
Meor cuita me fora de sofrer.

E sei mui ben ei me della quitar,  
E m'onde eu fui, e non me quiz fallar,  
Ca pois ali non morri con pesar

Nunca jamais con pesar morrerei.  
Que se mil vezes podesse morrer  
Meor cuita me fora de sofrer.

E' de notar que *Senhor* está aqui por *Senhora*, por que na antiga linguagem os nomes acabados em *or* eram todos comuns de dous. Como notei no Capítulo antecedente. Este uso ainda se não havia desbarrado no seculo de Quinhentos, porque nos classicos, sendo um delles João de Barros, ainda se lê *cidade dominador, mulher merecedor* etc.

Eu me coidei dô me Deos fez vêr  
Esta Senhor, contra quem me non val,  
Que nunca dela me veria mal,  
Tanto a vi de formoso pâracer.  
E fallar manso, e formoso, e tan ben,  
E tan de ben prez, e tan de bon sen,  
Que nunca delle mal cuidei prender.

Esto cuidei que me havia valer  
Contra ella, e todo me ora sal,  
E de mais Deos, e vivo en coita tal  
Quat poderedes mai cedo entender  
Por mia morte, ca moiro, e praz-me en;  
E d'al me praz; que non saben por quem,  
Nen o poden jamais por mi saber.

Pero vos eu sen ben queiro dizer  
Todo non sei; perô convos qu'en al  
Nunca fallei; mas fez-a Deus qual  
El melhor soube no Mundo fazer;  
Assi vos al direi, que lhe aven  
Todas as outras Donas non son ren  
Contra ella, nen han ja de sêr.

Os nossos classicos costumam dobrar ordinariamente a letra vogal para indicar que a syllaba é longa, e assim escrever *fee*, *see*, *sâa moor*, que pronunciavam *fé*, *sé*, *sá*, e *moor*; mas o Conde de Barcelona em contrario desta regra, ou costume, quando dobra a vogal não é para fazer a syllaba longa, mas para fazer della duas, o que se pôde observar em grande numero destas Troyas, bastando agora para pro-

va-lo as palavras ver, e ser que se encontram no primeiro, e ultimo verso desta cantiga, e que é necessário pronunciar veér, e seér, parysylabos, e não ver, e ser monosyllabos, pois de outra maneira ficariam os versos errados.

Estas licenças, e outras similares podem desculpar-se nos Trouadores, que escreviam em uma língua ainda semi-barbara, e informe, quando não estavam ainda bem definidas as regras da versificação Portuguesa. Mas que desculpas terão alguns Poetas contemporâneos, que perdem respeito em suas composições? Tenho visto versos, aliás bons pelo sentido, com duas, e tres syncopes que dilaceravam os ouvidos do Leitor. É necessário que nos desenganemos, de que não ha bellezas de pensamentos, e de estilo, que salvatem a ruindade da versificação; versificar bem não é um mérito, é uma obrigação, porque ninguém é Poeta versificando mal, posto que alguém possa ser bom versificador sem que por isso seja Poeta.

A paixão amorosa é tão violenta nos Poetas, e outras pessoas de imaginação fogosa, que raro é que não cometam imprudência, revelando quem é o objecto dos seus amores, mesmo quando tem o maior interesse em que se não saiba. Isto se verifica pela Canção 197 do Conde de Barcellos, em que nos conforma do nome que tinha a senhora dos seus pensamentos, o ídolo a quem dirigia os seus cultos, e os seus hymnes.

Que alongadó eu ando d' u iria,  
Si eu houvesse aguisadó de ir y,  
Que viue a Dona, què têet queria  
Que me visse, ca per meu mal, e vi,  
De que mi eu, mui sen meu grado g parti,  
E mui coitado, e fuyesse ella sa tiaç  
E fiquei eu que mal dia naci.

E que parte que m'a mi d'ir seriá  
Vella, e fosse perá longe daqui,  
Si eu soubesse que vér poderia  
Ella, que ea por meu mal dia vi,  
Ca dêlo dia, en que la cansei,

Sempre lhe quise melhor todavia,  
E n'nta dela n'un ben prendi.

Non lh'ousei sol dizer como morria  
Per ella, nem lho diz outro per mi,  
E con mia morte ja me praseria;  
Pois não veja ella que per meu mal vi,  
Ca mais mal morte era morrer assi,  
Como oje eu vivo, e Deos que a mia podia  
Dar, non mi ha da, nem al que lh'eu pedi.

E per qualquer destes me quitaria  
De mi gran caita, que soffro, o soffri,  
Por ella, que eu vi por meu mal dia,  
Mais formosa de quantas donas vi,  
Direi-a ja, ca ja emsandeci.  
Joanna é, ou Sancha, ou Maria  
A porque eu moiro, e porque perdi  
O sen, e mais vos ende ora deria:  
Juan Coelho sabe que é assi.

Temos pois que a Dama do nosso Poeta tinha os nomes de Joanna, Sancha, e Maria, que lidos na ordem inversa nos daim Maria Sancha Joanna, que era o verdadeiro nome da Infanta, depois Rainha de Castella, e Leão.

Mas na Trova duzentas e doze se mostra o Poeta ja arrependido de haver reveliado o seu segredo, ainda que por um modo que tem seus visos de charada, porque apesar dessa precauão a bella incognita, veio a advinhar que fallava della, e a fallar a verdade, para isso não se carecia de ser grande Sybilla.

Ora vejo eu que foi mui gran folia,  
E que perdi ali todo o meu sen,  
Porque dixe ca querria gran ben,  
Joanna, ou Sancha, que dixe ou Maria,  
Car por aquesto q'te eu dixe aly  
Me soube logo na dona de si  
Daquestas tres que por ella dizia.

E por quanto eu estă dixe devia  
Morte a prender per boa fe, porén

Porque dixe ca querria gran ben  
 Joanna, ou Sancha que dixe, ou Maria,  
 Ca per aquesto que eu fui dizer,  
 Mi houve o gran ben, que lhe quero a saber  
 Esta dona, que ante non sabia.

Ca non soubera que lhe ben queria  
 Esta dona si non per meu mal sen,  
 Porque eu dixe que queria gran ben  
 Joanna, ou Sancha que dixe, ou Maria  
 E des que soube esta Dona per mi  
 Ca lhe queria ben da sempre des y  
 Me quiz gran mal, mayor non poderia.

Por meu gran ben, que lhe quiz toda ira  
 Des que a vi, que me soube poren,  
 Porque dixe ca querria gran ben  
 Joanna, ou Sancha que dixe, ou Maria  
 E des que honve esta Dona poder  
 De mui gran ben, que lh'eu quero saber,  
 Nunca ar quiz ver des aquel dia.

Cumpre perém advertir, que a bella Maria, não foi o unico objecto da Theorba do nosso nobre, e Real Trouvador; não absorveo ella exclusivamente todas as suas Trovas, como Laura todos os Sonetos, e Cansões eroticas de Petrarcha, lá estam a paginas 151, e 154, as Cantigas 146, e 147 que mencionam uma certa Guiomar Affonso Gata, de cujo nome plebeo parece que não se resentiu a aristocratica sensibilidade do Conde. Eis-aqui a primeira

Perguntou Juan Garcia  
 Da morte, de que morria,  
 E dixe-lhe eu toda via.  
 A morte deste se mata;  
 Guiomar Affonso, Gata  
 He a Dona, que me mata.

Pois que me houve perguntado  
 De que hera tan coitado,  
 Dixe-lhe eu este recado.  
 A morte deste se mata;

Guiomar Affonso Gata  
He a Dona, que me mata.

Dixe-lhe eu ja vos digo.  
A coita que hei comigo  
Por boa fé, meo amigo  
A morte deste se mata;  
Guiomar Affonso Gata  
He a Dona, que me mata,

Eis-aqui a segunda, que de certo não vale a primeira

Des eu ora morto for,  
Sei ca dira mia Señor:  
Eu so Guiomar Affonso!

Pois souber ben ca morri  
Per ella, dira assi;  
Eu so Guiomar Affonso!

Pois que eu morrer fillará  
Enton o se queixe dirá  
Eu so Guiomar Affonso?

Tambem no primeiro supplemento, a paginas duzentas noventa e oito, apparece uma Cantiga a respeito de outra Dama chamada Maior Gil, que é do theor seguinte:

Si eu ousasse a Maior Gil dizer  
Como lh'eu quero ben desque a vi,  
Meo ben seria dizer-lho assi  
Mas non lh'o digo, ca non hei poder  
De lhe fallar em quanto mal me ven,  
E quantas coitas querendo-lhe ben.

Como lh'eu quero ben de corçon  
Si lho dissesse ben seria ja,  
Mas porque sei que mi o estranhiará  
Sol non lho digo, ca non hei sospn  
De lhe fallar em quanto mal me ven  
E quantas coitas querendo-lhe ben.

Si lh'eu dicesse en qual coita d'amor  
 Por ella vivo q[ue] q[ue]njo afendohey,  
 Mui ben seria, mas non lho direi  
 Per nula guisa, ca hey gran pavor  
 De lha falar em quanto mal me veda  
 E quantas coitas querendo-lhe ben.

Mas de todo esto non lhe digo eu ren  
 Non lho direy, ca the pesará en.

Como não pertendo levantar testemunhos à nia-  
 quem, especialmente em objectos tão sérios como estes  
 poéticos, declaro que o editor das obras do Con-  
 de D. Pedro, diz que tem duvida desta Cantiga ser  
 verdadeiramente delle, assim como as outras dirigidas a  
 D. Elvira, e a D. Leonor, a primeira a paginas 195, e  
 a segunda a paginas 196; mas eu não partilho essa  
 duvida, vista a identidade de estylo, e de pensar, que  
 encontro entre elles, e todas as demás.

Da pouca extensão de cada uma destas Trovas se  
 depreende, que todas foram escriptas com o fim de  
 serem postas em musica; e o corte das suas estrofes,  
 copulação de rhimas, e estrebillhos indicam assás que  
 o author tinha grande conhecimento dos Poetas Pro-  
 vençaes, e Limonsinos, que então floresciam, e que  
 estudava as suas obras, que então passavam por mui-  
 dilos de poesia.

Compare agora o Leitor estas composições taisas;  
 e rudes como na verdade sam, com os versos, que deixá-  
 mos transcriptos de Gonçalo Hermingues, e Egas Mon-  
 niz, ou que se atribuem a elles, e conhacerá o enorme  
 progresso, e aperfeiçoamento, que naquelle espaço de  
 tempo, que ocupam os primeiros cinco reinados, han-  
 via adquirido tanto a lingua, como a poesia Lusi-  
 tana.

## CAPITULO IX.

*D. Affonso IV., D. Affonso Sanches,  
D. Pedro I.*

**D.** Affonso IV., Filho d'El Rei D. Diniz, celebre na historia pela parte, que tomou na batalha do Sa-lado, primeiro golpe de morte dado na dominação dos Arabes na Peninsula Hespanhola, famoso pela turbulencia, e irascibilidade de caracter, de que resultou a morte da desgraçada D. Ignez de Castro, é apontado pelos historiadores como um dos mais ba-beis Trovadores desse tempo.

Manoel de Faria e Sousa cita como obra deste Monarca um Soneto em louvor de Vasco de Lobu-ru, author do Amadis da Gaula, raiz, e tronco da imensa Floresta de Romances de Cavallaria, que inundaram a Europa, e que Miguel de Cervantes julgou pelo melhor de todos.

Direi de passagem que este livro tão affamado, que fundou uma escola de Romanceiros Cavalheirescos, é hoje um livro perdido, que só existe pela traducção Hespanhola, de qué possue um exemplar a Real Bibliotheque Publica, e que se tem tornado tão raro, que em 1830 um livreiro de Londres pedia 25 libras pelo unico exemplar delle, que conservava na loja. O Abbade Barbosa na sua Bibliotheque Lusitana affir-ma, que o original se conservava na livraria do Du-que d'Aveiro: sendo isto verdade, deve, se não le-vou descaminho, jazer agora na Bibliotheque da Casa Real, para onde consta que foram levados os livros dos fidalgos implicados na conjuração contra El-Rei D. José, aos quaes se fez processo, e confiscaram os bens. Cabe pois ao Senhor Alexandre Herculano, co-mo Bibliothecario, que é daquelle real estabeleci-mento, o pôr em obra todas as diligencias para ali des-cobrir aquelle tesouro litterario, como aqui lho ro-

gâmes em nome de todos os amadores da gloria das nossas lettras.

Se porém o Amadis da Gauja não existe no seu original naquelle livraria, o que é mui facil se olharmos ao nome desleixa, e pouco zelo por semelhantes objectos, parece-me que, attenta a honra que á nossa Patria resulta daquelle obra, não só pelo seu merito intrinseco, mas pelo tempo, em que foi composta, grande serviço faria á litteratura Portugueza, quem traduzisse a versão Castelhana, para Portuguez, e a publicasse pela imprensa; mas desgraçadamente entre nós nem ha zelo pelo que nos faz honra, nem o espirito de especulação, que muitas vezes o supre, e traz consigo os mesmos resultados; mas deixemo-nos de fallar a surdos, e dos de peior qualidade, que sam os que não querem ouvir, e voltemos ao assunto que bhamos tratando, o Soneto é como se segue:

## SONETO.

Gram Vasco de Lobera, e de gram sen,  
De pram, que vos avedes ben contado  
O feito d'Amadis, o namorado,  
Sein quedar ende por contar bi ren.

E tanto vos aprouge, e a tamben  
Que vos saredes sempre ende loado,  
E entre os Homes boos per bo mentado,  
Que vos eram adianta, e que era ben.

Mas porque vos fazestes a fermosa  
Brioranja amarendando hu non a amaram?  
Esto cambade, e cumpra sa vontade?

Ca eu hey grande doo de a ver queikosa,  
Por sa gram fermosura, e sa bondade,  
E ber que seu amor non lho pagaron.

Cumpre porém advertir, que a authenticidade deste Soneto é bastante problematica, e tem sido objecto de grande, e acalorada discussão entre os nossos archeologos. Si Manoel de Faria e Sousa o attribue a El-Rei D. Affonso IV., outros o atribuem ao In-

Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, e Mho d'El Rei D. João I., e outros finalmente afirmam, que a sua composição sór em momento de capricho do Doutor António Ferreira, e como tal os editores dos seus Poemas Lusitanos, o imprimiram no Tomo 1.<sup>o</sup> dellos, a paginas 89.

Si eu fosse obrigado a perfilar alguma destas opiniões, declaro francamente, que me decidiria pelo que o atribue a D. Affonso IV. A linguagem me parece mais informe, as idéas menos engenhosas, e mais trêvias, e a versificação menos harmoniosa, do que as que se observam no Soneto do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, de que ao diante falei menção, e que também foi atribuído a Ferreira, e anda nas suas obras.

Parece-me igualmente, que é desconhecer muito o carácter de António Ferreira, o fundador da eschola Italiana, o mais decidido partidista do estylo clássico, da correção, e elegância do estylo, que levou o escrupulo, e o melindre neste assumpto ao ponto de não escrever nada no antigo estylo, o atribuir-lhe a veleidade pueril de empregar o seu tempo em escrever douz Sonetos em linguagem obsoleta, e que estes sabbissem tão desiguas em merecimento.

D. Affonso Sanches, foi filho natural d'El-Rei D. Diniz, que o amava com tanta ternura, que chegou a excitar ciúmes em seu irmão D. Affonso IV., que o levaram a suspeitar que seu Pai tencionava nomeá-lo para suceder na corôa, com prejuizo de seus direitos, como primogénito, e legítimo, tornando por isso algumas vezes as armas, e accedendo a guerra civil, ajudado de alguns fidalgos moços, e imprudentes, dando assim não pequenos desgostos a sua Mãe, a Rainha Santa Isabel, que tantas vezes à força de persuasões, de rogas, e de lagrimas conseguiu reconciliar o Pai com o Filho.

Mas o odio contra seu irmão no coração de D. Affonso, posto que adotmecesse algum tempo, despertava logo com dobrada violencia, e Deus sabe a que ponto chegariam as coisas, se D. Affonso Sanches não saísse do Reino, desassombrando assim o Príncipe das suas injustas, e malfundadas suspeitas, entre

tidas, e assopradas pelos lisongeitos, pesto endemicas das Cortes.

Estas suspeitas do herdeiro da Coroa tinham por fundamento não só, como já disse, a ternura de D. Dinis para com seu filho natural; mas tambem a popularidade de que D. Affonso gozava, por sua gentil presença, modos affáveis, que contrastavam fortemente com a asperezza natural de seu irmão, a sua liberalidade, em que se parecia com seu Pai, e assuas prendas raras para o tempo em que vivia, e muito estimadas nelle, pois que além de bom Cavalleiro, e grande Justador, era mui dado á musica, á dança, cantar, e trovar, o que fazia com grande perfeição; e quem sabe se a emulação de Poeta não tinha grande parte no desabrimento, e aversão, que o Príncipe lhe votara? Desgraçadamente as Poesias de D. Affonso Sanches nem em manuscripto se encontram, e as de D. Affonso IV. nunca se imprimiram.

D. Pedro I. filho de D. Affonso IV., seu herdeiro da coroa, o amante de D. Ignez de Castro, vingador da sua morte; aquelle Rei, a quem Fidalgos, Frades, e Desembargadores estigmatizaram com a alcanga de D. Pedro crú, porque não respeitava seus fóros, e privilegios, e descarregava sobre elles, quando delinqüentes, a espada da Justiça, como sobre os píões; e que o povo por isso mesmo chamava Justiciero, figura também entre os Poetas desta época. Porém menos patriota que os seus contemporaneos, e collegas em Apollo, preferio quasi sempre nas suas composições a língua Hespanhola á Portugueza.

Dionis Barbosa Machado menciona um Poema desse Monarca, em que deplora a morte de D. Ignez de Castro; este Poema é escrito em versos de arte menor, e hendecasylabos, à maneira das Canções Italianas, e não tem logar o transcrever-lo neste Ensaio por ser composto em língua Castelhana. Ha algumas Poesias no Cancioneiro de Resende, que se atribuem a D. Pedro I.

Pôde dizer-se que a Poesia nunca andou tão honrada, e valida em Portugal, como nos tres reinados; de que acabamos de falar, pois a vemos sentada no trono, e cultivada por Príncipes, que se contam entre

os melhores, que tem regido esta Monarchia; Príncipes, que souberam ser grandes guerreiros, grandes legisladores, bons administradores, e ao mesmo tempo cultores das Musas, e das Sciencias. Parece-me com tudo que o seu exemplo não foi muito eficaz nos seus vassallos a este respeito, visto que nesse tempo, se exceptuarmos os Membros da Família Real, quasi que se não faz mensão do nome de algum Poeta.

---

## CAPÍTULO X.

### *O Poema da Cava.*

**S**i não me engano muito, é nestes reinados, ou perto delles, que deve marcar-se a epocha da composição de um Poema Epico sobre a invasão de Espanha pelos Arabes, de que Manoel de Faria e Sousa descobriu um fragmento no castello da Lousãa.

Manoel de Faria e Sousa tem para si que esta composição é coetanea da invasão, que descrevia. Bouwerweek não lhe concede tamanha antiguidade, mas presume que este fragmento é muito anterior à Canção de Gonçalo Hermingues; e Siamondi que de ordinario segue o critico Alemão, aproxima-se muito a este modo de pensar.

Com o devido respeito á opinião de homens tão eruditos, parece-me que estas suposições são inadmissíveis; basta confrontar os versos deste fragmento com a Canção de Gonçalo Hermingues, e as obras do Judeo Portuguez Zacuto Lusitano, para se conhecer que o fragmento pertence a uma epocha muito posterior. 1.º Porque a lingua apresenta no fragmento formas regulares, de modo que se entende perfeitamente, quando os versos de Hermingues sãm inteiramente ininteligíveis salvo para os Philologos, que se dão as

estudo dessas matérias. 2.º Porque é escrito em Estrofes regularmente rymadas, e em versos de arte maior, que sómente se usaram em Espanha no reinado de D. Alfonso el Sabio. 3.º Porque os versos daquelle fragmento sem tão bem fabricados, e harmoniosos, que se os confrontarmos com os compostos pelos Poetas Castelhanos, apenas se lhe achará equivalente nos de João de Mena no seu famoso Poema do Labyrintho, composto no reinado de D. João II. de Castella.

De bom grado desculparia o critico Alemão, e Francez, em sua qualidade de estrangeiros, por haverem perfilhado uma opinião tão malfundamentada; porém Manbel de Faria e Sousa não se faz credor de igual indulgência: um portuguez, um erudito, um critico, e Poeta, não conbecer a diferença que ha entre a linguagem e versificação de Hermingues, e a versificação, e a linguagem daquelle fragmento! não saber quando aquelles metros se introduziram em Espanha! suppor que tal lingua, e tal metro podesse ser do tempo da invasão Arabica! O fragmento é como segue.

### FRAGMENTO.

O roussu da Cava emprio de tal sanha  
 A Juliane, e Horpas, a sua Grey daninhos,  
 Que emsembra c'os Netos d'Agar fornesinhos  
 Huma atismarom prasmada façanha;  
 Ca Muzza, e Zeriph com basta companha  
 De juso da sina do Miramolino  
 Com falsa Imsangom, e Prestes malino  
 De Cepta aduxerom ao Solar de Espanha.

E porque era força, adarve, e foçado  
 Da Betica Almina, e o seu Casteval  
 O Conde por encha e pró communal,  
 Em terra os increos poiaron a súa grado  
 E Gibaraltar maguer que adordado,  
 E co' compridouro por súa defensão  
 Pelo susodetto sem algo de affão  
 Mui presto foi delles entrado, e filhado.

E os iende filhados leaes á verdade,  
Os Hostes sedentos de sangue de unjudos  
Meterom a cutello aprez de rendudos  
Sem que esguardassem nem sexo, ou idade.  
E tendo atismada a tal cruidade,  
O Templo, e Orada de Deos profanaram,  
Voltando em Mesquita, ú logo adoraram  
Sua Besta Mafoma, a medez maldade.

O Gazu, e assalto, que os da alevosia  
Tramarom per vultos de algoses saioes,  
C'os dois Almirantes da Hoste mandões.  
Quedarom com farta soberba, e folia  
E a Algezezira, que o medes temia,  
Por ter a maleza cruenta sabuda,  
Mandou mandadeiro, como era teuda,  
Ao rouçam do Rey, que em Toledo sia.

O primeiro verso da primeira copla falta na Europa  
Portugueza de Manoel de Faria e Sousa, e em Bou-  
tierweek, e Siamondi, que delle copiaram este frag-  
mento; mas encontra-se em outros livros, e entre  
elles na Collecção de Poesias antigas de Caminha,  
e na Miscelânia da Miguel Leitão de Andrade.

E' muito para notar que estes versos de arte maior  
sam mais harmoniosos, e bem fabricados que todos  
os que nos ficaram do tempo d'El-Rei D. João II,  
e que se encontram no Concionário de Resende, e po-  
dem apresentar-se, sem que lhe pareçam inferiores, a  
par dos de João de Mena.

Encontram-se tambem neste fragmento os vocabu-  
los *roussos*, e *roussão*, deriyados do antiquissimo ver-  
bo *royesar*, de que hoje só está em uso o particípio  
passivo *roussado*, mas só como appellido, e parece-me  
que estas palavras entram no grande numero das des-  
te genero, que deviam resuscitar, pelo menos na Poesia,  
porque tenho para mim que *rousso*, *roussar*, *rouss-  
ado*, e *roussão* valem mais por serem mais breves, e  
por sua significação restricta, que *força*, ou *forgamen-  
to*, ou *violência*, *forgar*, ou *violar*, *forgado*, e *forga-  
dor*, ou *violador*, que sãt mais vagos porque tem  
outras significações.

Alguns criticos duvidam da autenticidade deste frag-

mento, havendo-o por obra caprichosa de algum moderno, e um delles não hesitou em afirmar, que o author era Manoel de Faria e Sousa; mas esta opinião me parece destituída de fundamento.

Manoel de Faria e Sousa era um homem pedantemente erudito, um Poeta de grande talento, mas de gosto pouco apurado; porém nas suas obras ainda não encontrei cousa que me levasse a crer, que elle fosse um falsario. Isto abstrahindo da minha persuasão particular de que elle não tinha o necessário conhecimento da linguagem antiga para compor aquelles versos.

E que interesse podia ter um moderno em semelhante suposição, e fraude, de que nem honra, nem proveito lhe resultava? mas há ainda uma circunstância que me parece justificar plenamente a Manoel de Faria; e é que este fragmento se encontra impresso na Miscelânia de Miguel Leitão de Andrade, cuja publicação é anterior a 1629, quando a primeira edição da Europa Portugueza é de 1667, e talvez que delle copiasse Faria o dito fragmento.

Ignora-se quem foi o author deste primeiro vagido da Poesia Epica em nossa língua, e se elle levaria ao fim a empreza que tomára; mas tal e qual, é um testemunho honroso para o genio Portuguez, pois prova que foi este o primeiro paiz da Peninsula, em que a Musa da Epopeia deu signal de vida.

Com uma língua ainda barbara, e uma versificação pouco manejável, seria impossivel que o author, ainda sendo dotado do genio de Camões, pudesse produzir uma Epopeia boa, mas parece-me que sabiria muito melhor que o Cid, primeira tentativa epica entre os Castelhanos, e que foi produzido no meado do seculo 12.

Parece-me que o author se não mostra totalmente desprovido de arte, pois começa fazendo desembocar os Mouros em Hespanha, guardando para o narrar em logar competente todos os antecedentes do assunto, e as causas que demoveram os Arabes a transpor o estreito, e vir derribar o throno dos Godos.

A narração deste fragmento me parece rápida, vigorosa, e concisa, e já isto he não pequeno mérito para o tempo tenebroso, em que o author escrevia, e os fracos instrumentos de que podia dispor.

## CAPITULO XI.

### *O Infante D. Pedro Duque de Coimbra.*

**O** Infante D. Pedro, Filho d'El-Rei D. João I., nasceu em 1392, foi muito inclinado ás Letras, e ás Viagens, de que nasceu o dictado do vulgo, de que o Infante havia corrido as sete partidas do Mundo. Frei Bernardo de Brito fala da sua inclinação á Poesia, e cita uma das suas Coplas. E quando em Portugal se estabeleceu a Arte Typographica, foi o seu Cancioneiro o segundo livro, que se impôs n'este Reino, segundo testifica o Desembargador Antônio Ribeiro dos Santos, nas suas Memorias sobre os Typographos Portuguezes.

O Infante D. Pedro foi Duque de Coimbra, e Tutor de seu sobrinho D. Affonso V., chamado Africano, pela conquista de Arsila, e Tanger, e durante a menoridade deste Rei administrou o reino com toda a prudencia, e justiça.

Mas nem os grandes serviços feitos á sua patria, nem o ser Pai da Rainha, Esposa de D. Affonso V., nem as suas qualidades pessoais, e reconhecida virtude poderam salva-lo de terminar a sua existencia de uma maneira desastrada.

A virtude nunca tem amigos nas cortes: e na corte de um Rei mancebo, inexperiente, suspeitos, e de um caracter violento, os discursos lisonjeiros, e as sugestões dos cortezãos moços, sam sempre os melhores recebidos. Não admira pois que D. Pedro tivesse inimigos, e que estes ladrando continuamente calunias aos ouvidos d'El-Rei conseguissem indispô-lo contra seu Filho. Debalde a Rainha empenhou rassões, lagrimas, e rogativas a favor de seu Pai, e em justificação da sua conducta, o sussurrar dos emulos, podiam mais que toda a influencia da Rainha, porque os ciu-

mes dô sceptro pesava mais que tudo no coração dos Reis.

No meio d'estas rajadas, que alternadamente sopravam, e se acalmavam, mas constantes sempre, e sem deixar que as ondas se desencapellassem de todo, bia correndo o tempo, agoureado alguma terrível catástrophe.

O Duque de Coimbra, retirado em suas terras, recebia todos os dias notícias da corte, que lhe faziam saber as numerosas calunias, que a inveja vomitava contra a sua honra, lealdade, e intenções: sabia que o animo desse genro, e sobrinho, cada vez mais alienado dele, acolbia suspeitas, e o considerava como um emulo, que pertendia usurpar-lhe o poder.

N'estas circunstancias tomou a resolução desesperada de sahir de Coimbra, e vir á corte para justificas-se pessoalmente, e entregar-se nas mãos d'El-Rei; este passo cavou a sua ruina.

O Duque vinha acompanhado dos Fidalgos da sua Casa, e de alguns dos seus criados; soube-se na corte a sua marcha, e os seus inimigos aproveitaram o ensejo para aos olhos de D. Affonso figurarem o acompanhamento do Infante como um exercito numeroso, com que vinha ataca-lo na sua propria capital, e arrancar-lhe das mãos o sceptro..

El-Rei já de longo tempo desconfiado, e indisposto, acreditou este embuste, e cheio de furor, e indignação, justissima se o facto fosse verdadeiro, á frente de um corpo de tropas marchou ao encontro desse Thio.

Encontraram-se com a gente do Infante nos campos de Alfarrobeira, e El-Rei apenas os vio, mandou que os seus os carregassem, o que elles fizeram: com a maior impetuosidade.

Os Fidalgos, e criados do Duque bateram-se como valentes, que eram, porém poucos, e mal armados, como quem não vinha a peleijar, força foi que cedessem, testemunhando o seu affecto, e lealdade a seu amo, morrendo todos com elle. Entre estes perdeu o velho Conde de Abranches Antão Vasques de Almada, conhecido por seu valor em todas as cortes da Europa, onde tinha triunphado sempre, tanto nos

88: ENSAIO BIOGRÁFICO CRÍTICO.

campos da batalha, como em quasi todas as jostas e torneios que tinha havido no seu tempo.

- Aquelle Heróe que tanto havia cooperado para a liberdade da sua Patria, e para colocar no trono Portuguez a El-Rei D. João I, que na batalha de Aljubarrota tinha commandado a ala direita do pequeno exercito Lusitano a par do Condestavel, que commandava a ala esquerda, assim veio a perder a vida ás mãos dos seus concidadãos, em uma contentada civil sem honra, nem gloria! Accrescentam os Historiadores, que o valente Ancião, conservárá até a ultima boqueada o seu habitual denodo, e que caindo em terra, não podendo levantar-se pela muita perda de sangue; e correndo alguns peões para acabalo a cada lançada que lhe davam, lhe dizia o heróe «com amargo surriso n'fartar! fartar, villanagem!»

- A desgraçada morte do Infante, o mal aceita que havia de ficar na corte a sua memoria, deviam naturalmente cooperar muito para o depreciamento das suas obras; e talvez que essa circunstancia, junta ao desprezo, que a escola de Ferreira em seus preconcíertos classicos professava pela Poesia anterior, em que não achava a perfeição, e correção de estylo, que era o alvo dos seus trabalhos, motivassem o esquecimento das Poesias do Infante, que não tornaram a publicar-se.

- Garcia de Resende nos conservou no seu Cancioneiro algumas das composições deste Principe, mas infelizmente das que elle escreveo em língua Portugueza só traz as seguintes Trovas endereçadas a João de Mena, que naquelles tempos, em razão do seu Poema do Labirinto, passava, e com razão, pelo maior Poeta de Castella; lançaremos mão destas, visto não havermos outras com que façamos conhecer, o talento deste Poeta.

Nom vos será grão louvor  
Per serdes de mim louvado,  
Que nam sam tal sabedor  
Em trovas, que vos dei grado.  
Mas meo desejo de grado  
A mim praz de vos louvar;

CAPITULO XI.

E vos o podeis tomar  
Tal quejando vos he dado.

Sabedor, e bem fallante,  
E gracioso em dizer,  
Coronista abastante,  
Poesias a trazer,  
Ou de novo as fazer,  
Cumpra com grão mestria,  
De comparar melhoria,  
Dos outros deveis haver.

D'Amor Trovador sentido,  
Como a quem seo mal sentio,  
E o houve bem servido,  
E os sens segredos vio;  
E de todo se partio  
Mui formoso; e muito bem,  
Como pode dizer quem  
Vossas Copras ler ouvio.

De louvar a quem vos praz  
Aconselhar lealmente,  
Disto sabeis vos assas,  
E fazeis-lo sagasmente,  
E assentar so presente  
Creo não terdes igual,  
De consoar como tal  
Julgue-o quem o bem sente,  
Por todo esto sam contente  
Das vostas obras, que vejo,  
E as não vistas desejo  
Fazei-me dellas presente.

João de Mena, como era de esperar, lisongeado  
com esta demonstração da estima do Infante Trovador, que lhe pedia copia dos seus Poemas, lh'os re-  
melleo promptamente com os seguintes versos.

Principe todo valiente  
En los fechos mui medido,  
El Sol, que nasce en Oriente,  
Se tiene por offendido  
De vuestro nombre temido.

Tanto luze en Occidente,  
 Sois de quish nunca os vida  
 Amado publicamente,  
 Tan perfeto esclarecido  
 Que por serdes bien regido  
 Deos os fizo su Rigiente.

Vos de Reys engendrado,  
 Y de Reys engendrador,  
 Hyjo de uno mui loado  
 De Rey santo vencedor,  
 Linage de Emperador,  
 Cabeza de gran Senado.  
 De lealtad, y d'amor  
 Tan gran fruto habeis mestrado,  
 Que a vuestro grande honor,  
 Dos Reyes, y un Señor  
 Son, y es mui obligado.

Nunca fué despues, ny ante  
 Quien viesse los atavios  
 Y secreto de levante  
 Sus montes, insoas, y rios,  
 Su calores, y sus frios  
 Como vos Señor Ifante,  
 Antre Moros, y Indios  
 Esta gran virtud se cante,  
 Entre todos tres Gentios.  
 Cantaran los metros mios,  
 Vuestfa perfeicion delante.

Vos de mi no dar loores,  
 Mas recebelos debeis,  
 Vos gran Señor de Señores,  
 Que haveis hecho, y faceis.  
 Tanto que grandes Anthores  
 Mui ocupados teneis  
 En decir vuestras dulzores  
 Porque siempre vos llameis  
 Principe de los mayores,  
 Porque cresgam los lavoros  
 Desse Reyno Portuguez.

A estes louvores, á remessa dos versos pedidos, respondeo o Infante com os seguintes versos.

Como terra fructuosa  
João de Mena respondestes  
Com messe mui abastosa  
De frutos, que recebestes,  
Mas em esto vos errastes  
Louvar mais de merecido,  
Mas por mi he recebido.  
Que, louvando, me ensinastes,  
Aquillo que desviastes  
Seguirei a meu poder  
Se quer que possam dizer  
Que muito não sobeastes,

E' honroso para as Letras o ver como se correspondiam dous Poeta de tão desigual gerarchia, e como o talento os colocava na mesma plana.

Os versos bespanhoes do Infante do D. Pedro, que lemos no Cancioneiro formam uma especie de Poema moral em estanças de arte maior, no gosto de João de Mena, e pela maior parte mui bem fabricadas, como era de esperar de quem até ao seu tempo não teve em Portugal quem o igualasse neste genero de escripta. O assumpto deste Poema é o despreso do Mundo. Sem embargo da repugnancia que tenho em citar composições Castelhanas de Poetas Portuguezes, apontarei algumas estanças destas, que me pareceram melhores na impossibilidade de apresentar outras provas do merito deste Trovador. Eis-aqui a Proposição, e a Invocação.

Diremos el celo, y mai grande Dios,  
Diremos las cosas caducas, y vanas:  
Retener devemos las firmes em nos,  
Las utiles, santas, mui buenas, e sanas.  
Oh tu, gran Mynerva, que siempre emanas  
Mui veros preceptos en grand abastanza,  
Imploriso-me maestros lus teys soberanas  
Y fiere my pecho cen tu luenga lanza.

\* Eis-aquí como o Infante descreve a lei da fortuna :

La ley , que posseye es ley inconstante ,  
Que buelve , y rebuelve su eje a menudo ;  
Y al bueno hace ser mucho mal andante ,  
Y propero hace al torpe , y al rudo .  
Por tanto , oh Gente mundana , no dudo  
Que yerro vos toma , atrae , y convoca ,  
A seguir su moto veloce , y mal cudo  
De aquella Señora , no cuerda , mas loca .

Passa a tratar da fortuna adversa , e prospera , traz  
alguns exemplos dos que se enganam , seguindo-a , e  
fiando-se nos favores de uma , vieram ao poder da  
outra , e exclama dirigindo-se aos homens

Séguis traz lo horrible , y huis de lo amable ,  
Querreis lo mas vil , dexaes lo precioso ,  
Deseaes lo falso , non lo deseable ,  
Plazevos el feo , mas no lo hermoso  
Desechais lo cierto , amais lo dubioso ,  
No curaes de Jove , servis Proserpina  
Ni miraes al celo , y bien abundoso ,  
Nin acatays cosa d'acatar-se dina .

O Infante neste Poema não dá grande apreço ás riquezas , que representa como causadoras de grandes calamidades ; o mesmo dizia Seneca , posto que não resolvesse por isso de abandonar o grande palacio , que habitava , os seus jardins sumptuosos , e os lautos banquetes , em que desertava eloquentemente sobre as vantagens da temperança , e da pobreza , e sobre o desprezo da vida ; posto que não poupassse diligencias , nem baixezas para conserva-la , quando o discípulo ingrato lhe ordenou que morresse . A maior parte dos homens professão a phylosophia de Frade da Cansão franceza

Quand j'ai bien rempli ma panse ,  
Qu'on me parle d'abstinence ,  
Je consens , mais sans pitance  
Je suis fort mauvais chetien .

Tambem a fama , não é tratada com mais indulgência pelo Regio Troyador .

De ti que diré , oh bolante Fama,  
 Y de tus volaces alas tan hermosas ?  
 Tu siempre engañas aquel que te ama ,  
 Con cosas mas bellas , que no provechesas ;  
 Las cuales por ser en si engañosas  
 Perescen haciendo perescer la vida ;  
 Todas tus mercedes tristes , no gózosas ,  
 Se muestran alum con dura salida .

Rebuelas con alas todo el Universo  
 Y trahes desseos caducos de gloria ,  
 Los rectos asuelas , y giras en verso ,  
 Jamas otorgando perfecta vitoria ,  
 Ser tu no felice es cosa notoria  
 Pues siempre tu don es don terminado ,  
 Fenece per tiempo la clara memoria  
 Nen será cesar per siempre loado .

O author distingue a fama verdadeira da falsa ,  
 As exemplifica assim

Presentad delante aquel mui mal hombre ,  
 Que matou Phillipo Macedoniano  
 Que por fazer grande su fama , y su nombre  
 Cometió tal acto tan cruedolo , y profano .  
 Presentad delante aquel hombre insano  
 Que quiso abrasar el Templo de Diana ,  
 Vereis el desseo de gloria ser vano ,  
 Y assi las mas vezes la su obra vana .

Desgraçadamente se estes versos sam bons , o primeiro exemplo é muito mal applicado . O assassino de Filipe não commetteu esse crime por desejo de fama ; derramando o sangue daquelle Monarca não foi instigado se não pela paixão violenta da vingança , e para desafrontar-se da atrôs afronta , que aquelle Rei lhe fizera , como a historia testifica , e o bom senso do Infante não devia confundi-lo com Hestranho , que incendiou o Templo de Diana , com o fim de fazer seu nome fallido na posteridade . E os Magistrados , que para priva-lo d'essa triste celebridade , mandaram por uma lei , que ninguem pronunciásse o seu nome , foram tão inconsequentes como os Judeos ,

que quando mas Synagogas se lê o livro de Esther, cada vez que se repete o nome de Aman, clamam em choro — *Pereça a sua memoria* — sem lembrar-se de que esta maldição quotidiana, é o melhor modo de conservar a memoria do Ministro, ou Visir d'Assuero!

Segundo a doutrina do Poeta não se pode ser Rei, nem máo, nem bom, eis-aqui as razões, que dá na sua assersão:

Los buenos congojas padescen immensos,  
Por ver muchas cosas contra su querer,  
Ser suias estiman a todas offensas,  
Que en sus regiones pueden contescer.  
Dessean al ceptro direicho tener,  
Y de otra parte imploran clemencia,  
A tales personas por satisfacer,  
Y devén lo quieto a su gran prudencia.

Los malos de todos son vituperados,  
Con sus mismos vicios ellos se atormentan,  
De toda la gente son mui desamados,  
De si claro nombre mui lexos auséntan;  
Con muertes, y enganos los suios los tentan,  
Son aborrecidos de Dios, e del Mundo,  
Dicid pues que gozo los tales Reys sienten,  
Ya vivos viviendo en fuego profundo.

O Poeta era Neto de Reis, Filho de Rei, Pai de uma Rainha, Thio, Sogro de outro Rei; devia conhecer este assumpto muito melhor do que qualquer particular, e por isso não farei reflexão alguma sobre o expedido por elle nestas estanças; duvido porém muito que, o que elle diz a respeito da formosura alcance a approvação do bello sexo, que nella funda toda a gloria, a sua ventura, a sua influencia, e em grande parte o seu merecimento.

Agora vengamos a ti, oh Beldad,  
Porque se demuestra claro, y evidente,  
Ser tu colocada en gran vanidad,  
Y ser de firmeza lexos, y ausente;  
Tu pues que te piensas ser mui eminentes,

Cayes mas aina, que las verdes flores,  
Si ritorna presto Phebo al Poniente.  
Tan presto seneseen todos sus favores.

Esta aproximação do pouco que duta a belleza com o pouco que duram as flores, e a luz do dia é mimosa, e engracadamente poetica; penso que bastam estes excertos para dar idéa deste Poema, em geral bem pensado, bem escripto, e sobre tudo bem metrificado; o author passa em resenha os inconvenientes de todos os que se chamam bens da terra, e as vantagens das principaes virtudes, que nos conduzem á felicidade eterna; e posto que algumas das suas idéas nos pareçam agora trevias, devemos advertir que não era assim no seu tempo.

Consta que o Infante D. Pedro, traduzio, ou imitou alguns Sonetos de Petrarcha, e delles é o seguinte, que Manoel de Faria e Sousa traz no seu Tractado dos Sonetos; bem que os editores dos Poemas Lusitanos do Doutor Antonio Ferreira lho attribuisseem, inserindo-o com o N.º 35, no segundo livro dos Sonetos, assim como o dirigido a Vasco de Lobeira, por El-Rei D. Affonso IV.; mas pelas mesmas razões que demos a respeito daquelle, tambem este não pode ser considerado como obra do Pai da Poesia Classica.

### SONETO.

Vinha Amor pelos campos trebelhando  
Com sa fermosa Madre, e sas Donzelas;  
El rindo cheio de ledice entre ellas,  
Ja de arco, e de sus settas non curando.

Brioranja bi a sazom se hia pensando  
Na gran cuita que ella ha, e vendo aquellas  
Settas d'Amor, filha em sa mão húa dellas  
E meteu-a no arco, e vai-se andando.

Des bi volteo o rosto hu Amor sia,  
E lhe disse; ah traidor, que me has failido,  
Eu prenderei de ti crua vendita.

Largou a mão, gridou Amor ferido,  
E catando a sa sesira endoudo grida  
Ai! mercel a Brioranja que fugiu.

Parece-me excellente este Soneto, ou se considere a singeleza, e graça da linguagem, ou a delicadeza das idéas, ou a viveza da pintura, ou a harmonia dos versos: vê-se que o author tinha estudado Petrarcha, e sabia imita-lo.

Elle prova igualmente, bem como o acima transscrito d'El-Rei D. Affonso IV., que este Poema fôrça conhecido em Portugal, antes que em Castella.

## CAPITULO XII.

### *Macias.*

**N**eabum Poeta desta escola alcançou tamanha reputação em Poesia Erotica, nem teve tantos admiradores, e discípulos; e à sua nomeada tem atraído os séculos até ao nosso tempo, posto que só delle restem três Cansões, que pouca gente tem tido occasião de lêr.

Mas não obstante esta grande reputação tradicional, ou quasi tradicional, ignoramos quasi todas as circunstâncias relativas á sua pessoa, cousa bem pouco para admirar neste paiz de descuidados, que se chama Peninsula das Hespanhas, onde o mesmo acontece ácerca de Franciso de la Torte, e até de Fernando de Herrera, que os seus compatriotas chamam divino.

Nem sequér está ainda averiguado se Macias foi gallego, ou portuguez, posto que a opinião mais recebida seja que elle foi natural do nosso reino, e é essa a razão porque o mencionamos neste Ensaio, ainda que João de Mena, parece indicá-lo como Castelhano, no seu famoso Poema do Labyrintho; como pôde julgar-se das seguintes Coplas, consagradas ao seu talento, e á sua desaventura.

Tanto anduvimos el cierco mirando  
 A que nos hallamos con nuestro Macias,  
 Y viendo que estaba llorando los dias,  
 En que de su vida tomó fin amando.  
 Llegué mas a cerca turbado yo quando  
 Vi ser un tal hombre de nuestra Nacion  
 Y vi que decia tal triste Cancion  
 En su elegiaco verso cantando.

« Amores me deron corona d'amores,  
 « Para que mi nombre por mas bocas ande;  
 « Entonces no era mi mal menos grande  
 « Quando me davan placer sus dolores.  
 « Que vencen el seso sus dulces errores  
 « Mas non duran siempre segun Juego aplacen,  
 « Y pues me hicieron del mal que vos hacen  
 « Sabed al amor desamar, amadores.

« Huid un peligro tan apassionado  
 « Sabed ser alegrés, dexad de ser tristes,  
 « Sabed deservir a quen tanto servistes.  
 « A otro que a amores dad vuestro cuidado,  
 « Los quales si fueran por un igual grado  
 « Sus pocos placeres segun su dolor,  
 « No se quexaria ningun amador,  
 « Ni de esperar ningun desamado.

« Bien como quando algun malhechor,  
 « Al tiempo que hacén de outro justicia,  
 « Tomar de la pena le pone cobdicia  
 « Dali en delante vivir ya mejor,  
 « Mas desque passado por aquel temor  
 « Se vuelve a sus vicios como de primero,  
 « Asi me volveron a do desespero  
 « Amores, que quieren que yo muera amador.

Ignora-se porém o logar do seu nascimento, quem foram seus Pais, e até se o nome de Macias é apelido, ou nome de baptismo. Todas as noticias que se nos transmitiram ácerca deste Poeta reduzem-se ao seguinte.

Macia foi fidalgó da casa de D. Henrique de Vilhena, Mestre da Ordem de Calatrava, e um dos pri-

meiros Poetas, e dos homens mais instruidos do seu tempo, que delle fazia grande apreço, não só pelo seu distinto talento, como Trovador, mas pelo seu esforço como guerreiro.

**Combatendo os Mouros no campo, celebrando as Bellas nos salões, bem acolhido por elles, Macias vagava de amores em amores, como as borbulentas nos jardins, ganhando por este modo o appellido do Namorado. Mas esta paixão pelo Bello Sexo foi a causa da sua morte.**

Havia na casa do Mestre de Calatrava uma Dama formosa, cheia de encantos, e de graças, e de leviana jovialidade. Esta Dama era casada com um Cavalleiro do Mestre; o marido como Hespanhol era cioso em excesso; e a mulher, como Hespanhola pouco escrupulosa na fidelidade conjugal.

Macias amou aquella Dama como Poeta, isto é, como homem de imaginação ardente, que não se acobarda com obstáculos, nem receia perigos, como entusiasta que julga que tudo deve sacrificar-se ao objecto amado. Ella correspondeu-lhe, ou por affeição verdadeira, que lhe tivesse, ou pela ufania de ser celebrada por uma lyra tão harmoniosa, e tão celebrada na Hespanha. Os amantes sam de ordinario pouco acautelados, e como sam cégos, pensam que os outros os sam igualmente, e não observam as suas acções.

O marido soube depreça a intelligencia, que havia entre a mulher, e o Poeta, e a sem cerimonia com que lhe enfeitavam o elmo com penachos de um gosto novo, e que lhe aumentavam peso na cabeça, sem lhe aumentar os meios da defesa.

É natural que a espada do Poeta imponesse respeito ao marido, pois que em vez de o chamar a campo para lhe pedir satisfação do agravio como então era uso entre Cavalleiros, foi ao Mestre queixando-se dos enxertos que o Troyador lhe fazia na sua arvore conjugal.

D. Henrique de Vilhena chamou Macias á sua presença, e reprehendendo-o asperamente de suas desenvolturas amorosas; terminou prohibindo-lhe pena de seu desagrado, o continuar a caçar na coutada alheia.

Macias não ousou contradizer ao Mestre, e prometeu

obdecer-lhe ; mas esperar que um mancebo namorado, e sobre tudo Poeta, renuncie a posse da Dama, que lhe corresponde, porque um terceiro lho ordena, é querer curar febre com palavras, e dizer ao rio, que retroceda. Em consequencia disto, os dous amantes continuaram a vêr-se, e o marido repetio seus queixumes ao Mestre, que indignado da desobediecia de Macias, determinou que o conduzissem preso á Torre de Argonilha, Fortaleza da Ordem, no Reino de Jaen, e fronteira de Granada.

Não direi se D. Henrique andou bem em intrometer-se nesta intriga de namorados, nem se foi um escandaloso despotismo, e abuso de autoridade encerrá um nobre Cavalleiro em uma prisão sem mais crime que amar uma Dama, que lhe correspondia ; mas o que é certo, é que o Mestre conhecia mui pouco o coração humano, se assentava que a solidão era remedio conveniente para acalmar a febre de sentidos, que devorava o preso..

A solidão, longe de tranquillisa-las, envipera as paixões violentas, e a do amor ainda mais do que outras ; a innação, e o ocio conduzem a remeniscencia ao bem que se perdeu, a imaginação escandece-se, e o representa continuamente aos olhos, e aviva o fogo constantemente soprando.

Foi justamente o que aconteceu a Macias ; separado de toda a comunicação com o Mundo, passava os dias recordando-se da sua amada, e dos prazeres, que com ella gozara, ou compondo, e cantando versos, em que deplorava a sua ausencia, suspirava por vê-la, e maldizia o podér, que della o havia separado. Estes versos eram a miúdo transmittidos á Senhora dos seus pensamentos, que lendo-os com avidez, e compaixão, cada vez sentia crescer mais em sua alma o aborrecimento, e aversão a seu esposo.

Informado este, daquella correspondencia, perdeu de todo a paciencia, e como um homem preso em uma torre não pôde inutrir grande medo, uma manhã armou-se de ponto em branco como se fosse fazer uma corrida em terra de Mouros, montou em um dos seus melhores cavallos, e a galope se dirigiu para a Torre de Argonilha.

Quando o cioso chegou em frete della, estava Mavcias sentado a uma janella, abstrahido em suas magoas, e cantando ao som da theorba, segundo é falso, a seguinte Canção.

Cativo, de minha tristura  
Ja todos prendem espanto,  
E perguntam que ventura  
Foi que me atormenta tanto?  
Mas não sei ao Mundo amigo  
O que mais do meu quebranto  
Diga, que esto, que vos digo,  
Que sobir nunca devia  
A pensar que faz folia,

Cuidê subir em alteza  
Por cobrar maior estado;  
E cahi em tal pobreza  
Que moyro desamparado  
Com pesar, e com desejo;  
Que vos direi, mal fadado!  
Lo que eu hey bem o vejo  
Quando o louco vai mais alto  
Subir, prende maior salto.

Pero que pobre saudoso  
Porque me doy a pesar!  
Minha loucura assi crece,  
Que moyra por entonar  
Pero mais não a verei!  
Si, non vêr é desejar.  
E porem assi direi  
Quem em carcel sole viver,  
Em carcel se veja morrer.

Minha ventura em demanda  
Me puso, e tan dudada  
Que mi coraçom me manda  
Que seja sempre negada,  
Pero mais nom saberatô  
De minha cuita lasdrada;  
E porem assi dirão,

Cão raivoso, e couxa brava,  
De seu Senhor sei que traba,

Inda o Poeta não tinha acabado de cantar a ultima strophe, quando uma lança despedida com toda a força do cioso, entrando pelas grades da janella, lhe atravessou o coração; tal foi o fim desastrado deste Poeta sensivel, e entusiasta, cuja vida, e desgraça esperam ha muito o estro de um Poeta Romantico, a que offerecem um excellente assumpto para um bello Poema.

O corpo de Macias foi conduzido á Igreja de Santa Catharina; e ali sepultado. Collocaram sobre a sua campa a lança, com que fôra varado, ajuntando-lhe este simples epitaphio, que conservou o seu nome « *Aqui yace Macias el Enamorado!* »

Que diferença entre as Coplas, que acima ficam transcriptas, e as Coplas rudes, e grosseiras de Gonçalo Hermingues, e Egas Moniz! aqui apresenta-se a lingua quasi depurada, e regular, os versos harmoniosos, e o corte das estrophes perfeito, e as rimas bem collocadas. Vê-se que chegámos ao seculo XV, começa a despontar o albor daquella Poesia nova, que hâde collocar o Parnaso Lusitano a par do Italiano, e dos das nações mais cultas! Ha aqui uma brandura de expressão, um sentimento tão terno, e melancólico que encanta o Leitor. E' pena que as composições tão numerosas de Macias se perdessem todas, á excepção desta, e de outras duas, que foram conservadas por D. Thomaz Sanches na sua Collecção de Poemas anteriores ao seculo XV.

## CAPITULO XIII.

*Bernardim Ribeiro.*

**B**ernardim Ribeiro, discípulo, ou imitador de Macias, que seria o primeiro dos Poetas desta escola se Gil-Vicente lhe não disputasse a palma, por seu talento da ordem mais elevada, nasceu na Villa do Torrão, mas ignora-se o anno do seu nascimento.

Seu pai chamava-se Luiz Esteves Ribeiro, e foi The-  
soureiro do Infante D. Fernando, filho d'El-Rei D.  
Manoel. Luiz Esteves, segundo o uso daquelles tem-  
pos, deu a seu filho uma educação mui aprimorada,  
e liberal, e o mandou frequentar a Universidade, onde  
além de cursar as aulas de instrucção secundaria, tomou  
os graus no Curso Jurídico, começando desde logo a  
torhar-se famoso entre os seus condiscípulos pela bel-  
leza das suas composições Poéticas.

Voltando a Lisboa, entrou no serviço do Pago na  
qualidade de Moço Fidalgo, e casou pouco depois  
com D. Maria de Vilbena, filha de D. Manoel de  
Menezes, Senhor de Cantanhede..

Desta senhora, a quem amava extremosamente, não  
teve Bernardim Ribeiro mais que uma unica filha,  
porque a morte lhe roubou a esposa na flor da juventude.

Bernardim Ribeiro sentio tanto esta perda, que ain-  
da que ficasse viudo no vigor da idade, recusou obs-  
tinadamente contrahir segundas nupcias, empregan-  
do todos os seus disvelos na educação de sua filha,  
consolação unica das saudades de sua esposa.

Porém sem embargo dos seys desgostos domésticos,  
e do amor das letras, e da Poesia, que cultivava com  
afeição, o nosso Poeta não se limitou sómente ao de-  
sempenho nas suas obrigações do Palacio, pois consta  
que serviu com bom desempenho importantes cargos  
públicos, como o de Capitão-Mór das Armadas da In-  
dia, que em tempos semelhantes já se vê que demandava-

não só grande valor, mas muitos conhecimentos, e capacidade intellectual.

El-Rei D. Manoel, a quem era mui acceito, e que n'elle tinha grande confiança, o nomeou para Governador da Fortaleza de S. Jorge da Mina, um dos mais importantes estabelecimentos, que os Portuguezes possuam na Costa d'Africa. E Bernardim Ribeiro se houve naquelle missão importante com tanta prudencia, probidade, e limpeza de mãos, que El-Rei sobremaneira satisfeito dos seus bons serviços, lhe conferio uma Commenda da Ordem Militar de Christo, que naquelles tempos, longe de ser uma condecoração esteril, e apenas honorifica, trazia consigo pingues rendimentos, e por isso se não concedia senão em recompensa de mérito exuberante, e longamente provado em annos de bons serviços feitos ao Estado.

Estas circumstancias tem sido omitidas por muitos autores, que tem fallado de Bernardim Ribeiro, com o proposito deliberado de fazerem delle um heróe de romance.

Bem viam elles, que uma vida tão ocupada, que os exercícios de tantos cargos, que necessariamente obrigarão a ausentear-se repetidas vezes da patria, e a despendere alguns annos nessas ausências, estava em contradição com as aventuras românticas que pertendiam atribuir-lhe, e que só poderiam ter logar em individuo entregue todo aos encantos do ocio, e dos passatempos cortezãos, e por isso procuraram lançar um véo sobre a sua vida pública, tão activa, e tão ocupada.

E na verdade se considerarmos os annos que deviam levar-lhe os seus estudos universitarios, os que necessariamente devia consumir nos cargos que exerceo, e com especialidade no de Capitão-Mór das Armadas da India; e no seu Governo da Fortaleza de S. Jorge, e combinarmos com a epocha do casamento da Infanta D. Beatriz, com o Duque de Saboia, logo salta aos olhos a inverisomilhança de uma tradição popular, que adoptada por alguns escriptores de pouco criterio, se tem propagado na Europa como facto historico, porque o amor do maravilhoso, e do extraordinario, tem tamanzo pôder nos homens, que

lhes preocupa a imaginação, sem deixar-lhe examinar os factos, e a sua verosimilhança.

Segundo esta tradição, Bernardim Ribeiro, com uma liberdade mais que poetica, ousou amar nada menos que a Princeza D. Beatriz, filha d'El-Rei D. Manoel, e dirigir-lhe as suas homenagens como á Senhora dos seus pensamentos.

D. Beatriz, longe de escandalisar-se com o atrevimento do Trovador, em lugar de desaprovar que elle tomasse um vôo demasiado alto, aceitou benevolas os seus rendimentos, e correspondeo á sua paixão com uma paixão igual, havendo por grande ventura ser a Laura d'aquelle Petrarca. Elle a celebrava em suas cantigas, e adorava com um fogo, e uma idolatria, que é facil de supor.

Gozavam os dous amantes tranquillamente as docuras deste commerçio, mais doce porque era secreto, quando chegaram a Lisboa Embaixadores do Duque de Saboia para destruir a sua ventura, pedindo para seu amo a mão de D. Beatriz.

Pôde suportar-se a afflicção do Poeta, e da sua amante, as lagrimas, e suspiros que verteriam com esta separação; as protestações, e juramentos de um, e outro; mas o golpe era insuperavel: El-Rei D. Manoel acolheo benignamente a embaixada, julgou vantajosas as nupcias, depreça se concluiram e ajustaram as condições, celebraram-se os desposorios, e a Princeza partiu.

Bernardim Ribeiro ficou como doudo, e o caso não era para menos; do alto da Serra de Cintra vio confundir-se no horizonte o navio que fendendo os mares levava consigo D. Beatriz com a sua ventura, e as suas esperanças.

O Poeta ficou por largas horas immovel, debulhado em lagrimas, e com a vista cravada no ponto longínquo em que, os mastros do baixel haviam cessado de aparecer a seus olhos. Tornado a si, mal disse furioso a sua desventura, chamou por Beatriz, e pela morte, porém nem Beatriz, nem a morte acodiram ao seu chamado.

Desde então a vida se lhe tornou odiosa, fugio da corte, e dos homens, passava os dias sepultado em

uma gruta, meditando na sua desventura, ou deplorando-a nas suas Endeixas, e as noites vagueando pela Serra de Cintra, chamando a brados pela sua amada, e entalhando seu nome para memoria nos troncos dos sobreiros.

Accrescetam mais os engenhosos authores desta legenda romantica, que Bernardim Ribeiro, cançando um dia de fallar ás arvores, e ás aves, e passear por cima dos penedos, tomado o bordão, e as vicias de peregrino, sahira de Portugal, e se fizera na volta de Saboia.

Chegando ali depois dos trabalhos, e perigos de tão longa jornada, indagou qual era a Igreja onde a Duqueza costumava ouvir Missa, e esperanda-a na porta, lhe pedio esmola quando passou. A Duqueza que logo o conheceo, apesar da diferença do trage, e do transtorno que as magoas, e saudades haviam feito em suas feições, parou, e dando-lhe esmolas, lhe disse baixo em portuguez: «Já lá vai o tempo dos antigos galanteios.»

Bernardim Ribeiro, dando-se por mal despachado com esta resposta, e com maior magoa, que levara, pondo-se imediatamente a caminho, voltou á Serra de Cintra, onde terminou em breve os seus dias.

Toda esta narração, excellente na verdade, para servir de assumpto a um Poema, e que tantos homens respeitaveis aliás por seus talentos, mui seriamente referem, me parece uma fabula absurda, nascida da credulidade do povo, e da leitura dos livros de Cavallarias, que então faziam a leitura predilecta da maior parte da gente daquelle tempo, nem seria difficultoso achar em alguns desses livros o original desta ficção.

Póde alguem persuadir-se de que no Pago d'El-Rei D. Manoel, aonde segundo o testemunho de Jeronymo Osorio, de Mariz, e de outros authores, estavam no seu auge o decoro, a decencia, e os bons costumes, uma Princeza, a filha de tão grande Rei, se esquecesse tanto de si, que pozesse os olhos em homem tão desigual, correspondesse ao seu amor insensalo, e se carteasse com elle, como se fôra alguma das elegantes do nosso tempo, que correm ostheas-

treos, os bailes, e as assembleas, em procura de conquistas? Não acho difícil que um Poeta, um homem de imaginação ardente, se namorasse de uma princesa; reconheço o poder da belleza, mas que ousasse transpor todas as balizas do respeito, a ponto de lhe fazer a declaração dos seus sentimentos! que no meio de uma corte aquelle commercio secreto podesse escapar á maliciosa prespicacia dos aulicos! que se estes o bruxuleavam, por odio, ou inveja, em vez de guardar segredo o não participassem a El-Rei para se abonarem de zelosos da sua honra, e do respeito da sua casa! finalmente se o facto existio, era impossivel que El-Rei o não soubesse; e se El-Rei o soubesse era impossivel que não o castigasse, mandando pelo menos incerrar na casa dos orates, o eslovado, que tão pouco acatamento guardava á sua familia.

Ainda mais; como concorda esta tradicção, com o testemunho de tantos authores, que dizem que Bernardim Ribeiro amava perdidamente sua mulher? e sua hida a Saboia não é uma invenção absurda, um verdadeiro acto de demencia? que podia Bernardim Ribeiro esperar desse passo desacisado? e quando elle estivesse perfeitamente doudo, que não era necessário menos para isso, é crivel, é verosimil, que a Duquesa no meio de uma numerosa corte, que a rodeava, parasse á porta de uma Igreja para conversar com um pobre peregrino, e que ali não houvesse entre tantas pessoas bem criadas, quem entendesse o que ella lhe dizia em portuguez? seja como fôr; eu que estou no habito de não acreditar em cousas que repugnam á minha razão, não escrupoloso de ajuntar esta histori amorosa, ao catalogo, já não pouco ayultado, das mentiras impressas.

Bem sei que podem responder-me, que não é raro um homem casado namorar-se de outra mulher, e que o mesmo Poeta confessá que foi um delles nos seguintes versos.

Nam sam casado, Senhora,  
Pois inda que dei a mão  
Não casei o coração.

Antes que vos conhecesse  
Sem errar contra vos nada,  
Uma só mão fiz casada,  
Sem que mais nisso metesse.  
Dou-lhe que ella se perdesse,  
Solteiros os versos sãm,  
Os olhos, e o coração.

Dizem que o bom casamento  
Se hade fazer per vontade,  
Eu a vos a liberdade  
Vos dei, e o pensamento.  
Nisto não me acbei contento  
Que se a outra dei a mão,  
Dei a vos o coração.

Como, Senhora, vos vi,  
Sem palavras de presente  
Na alma vos recebi,  
Onde estareis pera sempre.  
Não, dei palavra somente  
Não fiz mais que dar a mão,  
Guardai vos o coração.

Casei-me com meu cuidado  
E com vosso desejar,  
Senhora, non sãm casado  
Não mo queirais acuitar.  
Que servir-vos, e amar  
Me nasceo do coração  
Que tendes em vossa mão.

O casar não faz mudança  
Em meu antigo cuidado,  
Nem me negou esperança  
Do galardão esperado  
Nam me engeiteis por casado  
Que se a outra dei a mão  
Dei a vos o coração.

Concedo que um homem casado possa amar outra  
mulher, oxalá para soego das familias, que não vise-  
semos tantos exemplos disso: concedo que Bernadim

Ribeiro cahisse nesse falta, mas isso não desmente, nem enfraquece, a minha opinião, como se prova que esses versos foram dirigidos á Princesa D. Beatriz? esses mesmos versos me convencem do contrario: a vossa legenda nos pinta Bernardim Ribeiro amando como um louco, dominado por uma paixão profunda e irresistivel, e ba por ventura nesses versos a expressão singella de um amor ardente, e sem limites? achais ahí aquellas vozes do coração, aquella simplicidade de tom, aquelle arrebatamento d'alma que tanto nos encanta nas cartas da sensivel, e desgraçada Heloisa? não por certo; que paixão é essa de Bernardim Ribeiro que se exprime com astiteses de mão, e de coração, de casado, e não casado, em distinções, subtilezas, e jogos de palavras?

Ainda pergunto mais; seria conveniente que tratando de tal materia, um homem de juizo se dirigisse por taes termos de petimetre, e de frívola galanteria a uma Senhora de tão alta esphera? é verosímil que uma Princesa, que a filha de tão grande Rei, que até mesmo uma Donzella, já não digo virtuosa, mas simplesmente honesta, continuasse a amar um homem, sabendo, confessando-lhe elle mesmo, que estava ligado a outra? Oh! a corrupção dos costumes, a falta de modestia não tinha chegado a tal ponto naquella epocha da nossa gloria.

As obras de Bernardim Ribeiro consistem 1.<sup>a</sup> em uma Historia de Cavallarias, com uma forte tintura de Bucolismo, de que apenas compoz o primeiro livro, e que se intitula «*Menina e Moça*», titulo que não tem mais relação com a obra, que o principiar esta com as palavras «*Menina, e Moça me levaram de casa de meus Pais*». Este livro tenho eu pela milhor producção de Bernardim Ribeiro, e pela primeira obra de prosa Portugueza, que possa dizer-se bem escripta, nada mais harmonioso que as suas clausulas, mais pictoresco que a sua dicção, mais terno que os sentimentos, que exprime, mais vivo que as suas descripções.

E' quanto a mim livro de cuja leitura os Poetas podem tirar muito proveito, porque nella depararão com abundancia muitos modos de dizer chistosos,

energicos, e graciosos, grande copia de phrases pittorescas, e elegantes, muitos vocabulos que não merecem o desuso em que estão, tanto por sua clareza, como por sua harmonia, muitos donaires de eloqução, com que, usando-os a tempo, podem enriquecer o seu éstylo.

A Menina e Moça foi prohibida no reinado d'El Rei D. João III.; epocha do estabelecimento da Inquisição, e da Censura. Correvo voz de que a prohibição nascera de algumas alusões, á corte, se taes alusões existem, o que parece provavel pela circumstancia dos nomes dos heróes da novella serem quasi todos anagramas, como *Aonia Joanda*, *Belisa Isabel*, *Avalor Alyaro*, *Bimnander Bernardim*, *Narbutel Bernaldun*.

E' necessario que essas alusões fossem as coisas tão pouco importantes, que hoje não é possivel perceber-las, mas é muito natural que este rumor, e o pouco conhecimento que ha da vida de Bernardim Ribeiro, desse origem ao Romance d'os seus amores com que algum fácto occioso quiz zombar da credulidade pública.

Consistem mais as obras deste Poeta em algumas composições lyricas, e nas suas Eclogas.

As composições lyricas reduzem-se a Coplas, e Voltas, em que Ribeiro se mostra discípulo da escola de Macias: o amor, ou para melhor dizer, a galanteria, expressada em éstylo pastoril, sam o seu thema quasi exclusivo; as estrophes sam bem cortadas, e os versos harmoniosos, especialmente se os compararmos com os dos Poetas precedentes; porém o éstylo é em geral languido, monotonio, desalinhado, cheio de repetições, de conceitos, de authentes, e jogos de palavras; posto que muitas vezes se encontram nestas composições alguns rasgos de singeleza, e de paixão, mas isso é tão raro, que custa a perceber que um homem, que nos pintam como amante tão fervoroso, podesse ser um Poeta tão frio.

As suas Eclogas passam pelas primeiras composições dignas deste nome, que se publicaram em Hespanha: alguém escreveu que eram também as melhores, que tínhamos, juizo com que não posso absolu-

tamente conformar-me. São escriptas em Coplas octosyllabas, o que as faz parecer mais difusas do que verdadeiramente são. A scena destas pastorais é sempre nas margens do Tejo, nos campos do Mondego, e algumas vezes nas praias do mar.

Fundidas todas no mesmo molde, cada uma dellas se divide em duas partes; a primeira consta de uma narracão, ou dialogo em que se expõe à materia; a segunda, e quasi sempre a que vale mais pelo estylo contém os canticos dos pastores, que nellas representam.

Por um extravagante contraste os nomes destes pastores pertencem á Bocólica Grega, e Romana, por exemplo Jano, Phauno, Pierfo, ao passo que as pastorais tem todos nomes Christãos, e ás vezes bem pouco poeticos, como Catharina, e Joanna. Encontram-se nellas algumas passagens cheias de amenidade, e graça, como nos seguintes versos.

O dia que ali chegou  
 Com seu gado, e com seu fato  
 Com todos se agasalhou  
 N'uma bicada d'um mato.  
 E levando-o a páscoa  
 O outro dia á Ribeira,  
 Joanna acertou de bi ver,  
 Que andava pela Ribeira  
 Do Tejo a flores colher.

Vestido branco trazia  
 Um pouco afrontada andava,  
 Formosa bem parecia  
 Aos olhos de quem a olhava.  
 Jano em vendoa foi pasmada  
 Mas por ver que ella fazia  
 Escondeu-se entre um prado,  
 Joanna flores colbia,  
 Jano colhia cuidado.

Depois que ella teve as flores  
 Ja colhidas, e escolhidas,  
 As desvairadas cores

*Com rosas entremetidas  
Fez dellas uma capella  
E soltou os seus cabellos,  
Que eram tão longos como ella  
De cada um à Jano em vejos  
Lhe nascia uma querella.*

Os versos podiam ser melhores; mas esta pintura tem toda a singeleza, e atractivo do estylo Bocólico; mas outras vezes o author perdendo de vista a amavel natureza, e pertendendo alardear espirito, entreda-se n'um labyrinto de repetições de idéas, de vocabulos, de phrases, e de clausulas dando assim no desleixamento, no prosaismo, e na monotonia: por exemplo:

*Triste, de mim, que será?  
Oh coitado que farei?  
Que não sei onde me vá,  
Com quem me consolarei,  
Ou quem me consolará?  
Ao longo das ribeiras,  
Ao som das suas águas,  
Chorarei minhas canceiras,  
Minhas magoas derradeiras,  
Minhas derradeiras magoas.*

*Todos fogem ja de mim,  
Todos me desampararam,  
Meus males só me ficaram  
Para me darem a fim,  
Com que nunca se acabaram  
De todo bem desespero  
Pois me despera quem  
Me quer mal que lhe não quero,  
Não lhe quero senão bem,  
Bem que nunca della espero.*

*Oh meus desdileitos dias!  
Oh meus dias desdileitos!  
Como vos hei saudosos:  
Saudosos de alegrias,  
De alegrias desejosas!*

Deixaí-me já descansar,  
Pois que eu vos faço *tristes*  
*Tristes* porque meu pesar  
Meu deu os mtales que vistes,  
E muitos mais que passar.

Não é certo com este estylo, que sem escrupulo se pôde chamar *piegas* que Theocrito faz fallar os seus Pastores, que Bion entôa a Cansão funebre de Adonis, e Moscho canta o *Amor fugido*. Não é com estas languidas lamentações, que os Pastores de Virgilio exprimem os seus sentimentos, e paixões. Orlidón, Alphysibeo, fallam uma linguagem muito diferente; parece-me pois, que os apaixonados de Bernardim Ribeiro, e entre elles Francisco Dias Gomes foram longe de mais em seu entusiasmo quando proclamaram estas Eclogas pelas melhores de Hespanha, sem se lembrarem das de Camões, e de Garcilaso.

O assumpto destas Eclogas é o amor, thema eterno dos nossos antigos Poetas, e já nellas principia o ruim sestro de trajar successos caseiros, e factos da vida communum com os pelicos, e mais adereços da vida campestre; esta mania das alegorias nos Poemas Bucolicos acompanhou os nossos Poetas, até ao principio do presente seculo, apesar da frieza, e affectação que de tal pratica resultava.

Ha mais de Bernardim Ribeiro uma Sextina em redondilhas, e um Romance, que tambem se encontra debaixo do seu nome no *Cancioneiro de Romances*, que se publicou em Anvers pelos annos de 1555, e que é uma das mais ricas collecções de Romances, que os Hespanhoes possuem; a linguagem deste Romance é a mesma das Eclogas, e das Cantigas, por que Bernardim Ribeiro, como a maior parte dos Trouvadores contemporaneos, tinha o mesmo estylo para todos os assumptos. Eis-aqui como esta composição começa:

Aö longo de uma Ribeira  
Que vai pelo pé da Serra,  
Onde me a mi fez a guerra  
Muito tempo o grande amor,  
Me levou à minha dôr, . . .

Já era tarde do dia,  
E a agua della corria  
Por entre um alto arvoredo  
Onde ás vezes hia quedo  
O rio, outras vezes não.

Entrada era do Verão  
Quando começam as aves  
Com seus cantares suaves  
Fazer tudo gracioso.

Ao rugido saudoso  
Das aguas cantavam elles;  
Todas las minhas querellas  
Se me poseram diante.

E assim vai continuando, e enlaçando pensamentos ternos, e pinceladas graciosas, e singelas com alegorias frigidas, e jogos de palavras, e cabindo ás vezes em um mistíssimo de pensamentos, e expressões que dam em resultado uma grande obscuridade tanto de idéas, como de imagens.

Quanto a mim, o maior defeito das Poesias de Bernardim Ribeiro, e com especialidade das suas Eclogas, é a sua insostível prolixidade, que faz sentir ainda mais a monotonia, e o desleixo do estylo, e a desigualdade, e falta de correccão do metro.

Sem embargo destes defeitos Bernardim Ribeiro é superior a todos os Poetas desta escola, exceptuando Gil Vicente, e talvez Garcia de Resende, que posto muito inferior ao segundo, ás vezes se aproxima bastante ao primeiro.

As Poesias de Bernardim Ribeiro junto com a *Menina e Moça* foram publicadas pelos seus herdeiros em 1569, e parece não ser a primeira edição, pois que no frontespicio se vê a advertencia de novo estampada. Ha porém outra edição também de Lisboa, que traz a data de 1785, um pouco mais nítida, e muito mais correcta que a precedente.

Ignora-se o anno, e o lugar do falecimento de Bernardim Ribeiro.

## CAPITULO XIV.

*Christovão Falcão.*

**C**ontemporaneo, e amigo de Bernardim Ribeiro, foi Christovão Falcão, mais conhecido pelo nome Poetico de Chrisfal, cujas Poesias, poucas em numero, costumam andar juntas com as de Bernardim.

O que sabemos a respeito da pessoa, e vida desse Poeta, reduz-se ao que a esse respeito deixou escrito o Abbade Diogo Barbosa Machado na sua Biblioteca Lusitana, que é na verdade bem pouco; mas é força que com esse pouco se contente a nossa curiosidade, até que novas investigações venham esclarecer-nos tanto sobre a epocho do seu nascimento, e morte, como sobre os sucessos particulares de sua vida publica, e domestica.

Christovão Falcão nasceu em Portalegre no meio de uma familia das mais distintas, e abastadas da Província do Alentejo. Foram seus pais João Vaz de Almada Falcão, e sua mulher D. Brites Pereira, pessoa igual a seu marido em nobreza, e graduação da familia.

João Vaz de Almada Falcão foi por muitos annos Capitão da Fortaleza da Mina, e deu a seu filho a educação civil, e litteraria que era propria, e necessaria a um homem, que era o representante, e a esperança de uma familia illustre, e que se destinava para entrar em tempo conveniente, nos servicos do Estado.

Christovão Falcão cultivou a Poesia desde os seus primeiros annos, dando não equivocas provas da vocação para esta arte, com razão julgada a mais bela, e a mais nobre de todas as artes liberais; e disso dam bom testemunho as poucas obras que, d'elles se conservam.

O amor é a paixão, que mais depressa accorda no coração da mocidade; e o primeito amor de um Poeta é um incendio que tudo devora; uma tempestade que arrasa todos os obstaculos; a razão, e as conveniencias sam contrapesos mui fracos para equilibrar uma imaginação viva, e ardente.

Falcão apaixonou-se por uma senhora chamada D. Maria Brandão; seu pai oppoz-se ao casamento que elle pertendia contrabir com a sua amada; o filho resistio firmemente ás ordens do pai; dizem alguns que se casou com ella em segredo; mas o Abbade Barbosa parece dar a entender o contrario, e até que D. Maria Brandão casára com outro homem; seja como fôr, o que não tem duvida é que o pai, homem de genio duro, e absoluto, escandalizado dà resistencia inobediente do filho, o fez prender, e que esta prisão durou cinco annos!

Que motivo teria João Vaz d'Almada para se opôr tão tenazmente a união de seu filho com uma senhora, que segundo Barbosa Machado era tão illustre por nascimento, como celebre por sua formosura? haveria entre as duas famílias alguns daquelles odios accirrados tão frequentes naquelles tempos? haveria nella alguma mancha de sangue? alguma nota em seu comportamento? ou a desigualdade de riqueza despertaria no velho aquella implacavel opposição? couzas sam estas que em tanta distancia de tempos mal podem elucidar-se bem. Mas ainda no caso de que a desobediencia do filho, e sua desvairada paixão chegasse a ponto de casar-se contra a vontade do pai, mesmo assim, condenando como é devido este excesso, creio que não haverá muitos homens prudentes, que não achem demasiado rigor neste procedimento. Em poucas que não tem remedio, é necessário tirar de moderação, e pouco accreditar o seu character o pai, que se mostra inflexível com os erros de seus filhos.

Este facto acha-se consignado em uma Ecloga que ainda existe, e esta Ecloga tem 900 versos, afóra as Cantigas repetidas por noventa Estanças de dez versos octosyllabos cada uma, afóra algumas Cantigas em versos de medida menor. Já se vê que, no que-

respeita a prolixidade Christovão Falcão nada ficas devendo a Bernardim Ribeiro.

O assumpto deste Poema sam os amores do pastor Chrisfal com a pastora Maria ; isto é, de Christovão Falcão com sua mulber Maria Brandão. Nada mais simples que o enredo desta Ecloga. Os deus amantes estam separados pela severidade de seus pais, e o pastor, faz a narração das suas magoas, e das suas desventuras, memorando a sua perdida felicidade. Vejamos alguns trechos desta Ecloga, que tanto se parece pelo estylo com as de Bernardim Ribeiro.

Depois de me visto ter,  
E já que me conbacia  
Lagrimas lhe vi correr  
Dos olhos que nam movia  
De mim sem nada dizer,  
Eu lhe disse meo desejo  
Vendo-a tal com assás dor  
Desejo de meu amor,  
Darei credito ao que vejo ?  
Eu crerei ao meu temor ?

A isto bem sem prasez  
Me tornou então assi  
Com voz de pouco poder.  
« Chrisfal, que ves tu em mi ?  
« Que não seja para crer ? »  
Eu lhe respondô — perder-vos  
— De vos ver por tanto anno,  
— Faz-me assim temer um dano  
— Que vejo meus olhos ver-vos  
— E temoinda que me engano.

Estas Estanças, que não sam destituidas de graça, e de colorido, provam que o Poeta achava mais dificuldade em expressar o seu pensamento em verso, do que Bernardim Ribeiro.

Um dos quadros mais louvados desta Ecloga, o que muito abona o talento do Author, é o seguinte coloquio, e despedida de Chrisfal, e Maria ; onde a critica severa pôde, é verdade, deparar algum tenão, mas onde ha sebejas bellezas para desconta-los.

E dizendo, «oh mesquinha,  
 «Como podes ser tão crua!»  
 Bem abraçado me tinha,  
 A minha boca na sua,  
 E a sua face na minha!  
 Lagrimas tinha chorado  
 Que com a boca gostei,  
 Mais com quanto certo sei,  
 Que as lagrimas sãam salgadas  
 Aquellas doces achei!

Soltei as minhas então  
 Com muitas palavras tristes,  
 E tomei por conrusam  
 Alma, porque não partistes  
 Que bem tinheis de rasam,  
 Então ella assi chorosa  
 De tão choroso me ver  
 Já para me soccorrer  
 Com huma voz piedosa  
 Começou-me de dizer.

«Alma da minha vontade,  
 «Ora não mais *Chrisfal manso*,  
 «Bem sei tua lealdade  
 «Ai! e que grande descanso  
 «He fallar com a verdade!  
 «Eu sei bem que não me' mentes,  
 «Que o mentir he diferente;  
 «Não falla d'alma quem mente,  
 «Chrisfal não te descontentes  
 «Si me queres ver contente!»

Não sei que impressão faria nos contemporaneos do Poeta a expressão *Chrisfal manso*; mas um leitor moderno deve julga-la muito estranha; e com effeito o epitheto de *manso* na boca de uma mulher, com aplicação a seu marido, deve parecer bastante ridiculo! porém esta pintura respira em geral uma ternura, e voluoptuosidade que encanta por sua singeleza, e sensibilidade.

A descomunal estensão desta Ecloga não permit-

te, que a transcrevamos, aqui por inteiro, notaremos porém que ella termina com um rasgo mythologico, que além de ser conforme a este genero de composição, também não é desprovido de graga.

Isto que Chrisfal dizia  
Assi como elle o contava  
Huma Nympha o escrevia,  
N'um alamo que ali estava,  
E que ainda então crescia  
Dizem que foi seu intento  
No escreve-lo em tal logar  
Pera co' tempo se alçar  
Onde baixo pensamento  
Lhe não podesse chegar.

Estamos certos de que um pensamento tão delicado não occorreria facilmente aos contemporaneos do Author, exceptuando Bernardim Ribeiro.

As poucas Poesias, que além desta Pastoral nos restam de Christovão Falcão reduzem-se a algumas Cantigas, Voltas, ou Glosas, em que muitas vezes se nota grande intensidade de paixão, muita viveza de colorido, e certo modo de dizer affectuoso, e singelamente engraçado. Trascreveremos uma destas composições para dar logar ao leitor para fazer o devido conceito da maneira deste Poeta.

Não posso dormir as noites,  
Amor, não as posso dormir:

Desque meus olhos olharam  
Em vós seu mal, e seu bem,  
Se algum tempo repousaram,  
Já nenhum repouso tem.  
Dias vam, e noites vem,  
Sem vos ver, nem vos ouvir.  
Como as poderei dormir?

Meu pensamento ocupado  
Na causa do seu pensar,  
Accorda sempre o cuidado  
Pera nunca desculpar.

As noites de repousar  
Dias saõ o meu sentir,  
Noites do meu não dormir.

Todo o bem que he já passado  
E passado em mal presente,  
O sentido desvelado  
O coração descontente.  
O juizo que ista sente,  
Como se deve sentir.  
Pouco deixará dormir.

Como não vi o que vejo  
Cos olhos do coração,  
Não me deito sem desejo,  
Nem me ergo sem paixão.  
Os dias sem vos ver vam,  
As noites sem vos ouvir,  
Eu não nas posso dormir.

A affectação de espirito, o gosto pelas antiteteses, os trocadilhos, e jogos de palavras, parece ser uma molestia endémica de todos os engenhos nascidos na Peninsula Hespanhola. Este vicio data de tempos anteriores á fundação das Monarchias, que nasceram da invasão dos barbaros do Norte; não é portanto a elles que deve attribuir-se a sua origem. Ninguem ignora que um Hespanhol, o Phylosopho Seneca, foi quem corrompeu a solida, e viril eloquencia, e Poesia dos Romanos com estes brilhantes falsos, e atavios ambiciosos, dando o exemplo delles nos seus escriptos philosophicos, e nas suas Tragedias.

Elles apareceram logo nos primeiros ensaios da Poesia Castelhana, e Portugueza; e não é pequena a copia desta ruim fazenda que se depara nas obras de Bernardim Ribeiro, e nas de Christovão Falcão, limito-me a citar os seguintes exemplos:

Senhora, pois por vos ver  
Assi me desconheci,  
Não me queiraes vos fazer  
O que por vós fiz a mim.

Não poderíamos tomar estes versos por de Frei Jeronymo Vahia? o mesmo caracter se encontra nos seguintes:

Comigo me desavim,  
Vejo-me em grande perigo,  
Não posso viver comigo,  
Não posso fugir de mim!

Os que se seguem juntam á affectação dos pensamentos, uma tinctura de expressão burlesca, que os torna ainda mais defeituosos.

Vi o começo no cabo,  
Vi, o cabo no começo,  
De feição que não conheço  
Se começo, nem se acabo.

Apesar destas incorreções, e defeitos, Christovão Falcão é um dos melhores ornamentos da escola dos Trovadores.

As poucas Poesias, que nos restam deste Poeta, não foram impressas em separado, mas sim juntas com Minina, e Moça, as Eclogas, e mais composições de Bernardim Ribeiro.

E' muito para estranhar, que o editor do Parnaso Lusitano, inserindo naquella collecção uma Ecloga de Bernardim Ribeiro, se esquecesse de ajuntar-lhe a de Christovão Falcão, ou alguma outra das suas obras que tanto se assemelham ás daquelle Poeta pelo gosto, e estylo. Se foi menoscabo, Christovão Falcão de certo não o merecia.

## CAPITULO XV.

*Garcia de Resende.*

**C**ontinuaremos a noticia desta primeira escola, com um Poeta, que além de reunir as qualidades de Historiador, e de Trovador, fez além disso um grande serviço á litteratura patria, collegindo, e publicando em um vasto Cancioneiro, as obras de grande numero de Poetas sens contemporaneos, e mesmo dos tempos anteriores, que sem este cuidado seu, se teriam inteiramente perdido.

Este homem foi Garcia de Resende, pessoa de extração mui nobre, e instituidor do morgado das Antas, na Provincia do Alemtejo.

A sua patria foi a Cidade de Evora; na mesma Provincia, mas não está averiguado o dia, mez, e anno do seu nascimento. Seu pai chamava-se Francisco de Resende, e havia-se distinguido como brioso Cavalleiro nas guerras, que tiveram logar no reinado d'El-Rei D. Affonso V., e sua māi foi D. Beatriz, ou como outros escrevem D. Brites Botto, ambos de familias mui distintas naquelle terra.

E' natural, que seus pais lhes dessem muito boa educação civil, e christãa, porém os seus estudos não sām conhecidos, e da leitura das suas obras se infere, que foram mui limitados.

Parece que entrou de mui tenra idade no serviço da Casa Real, pois consta com tēda a certeza, que era ainda adolescente quando foi transfeirdo do exercicio de Moço da Camara d'El-Rei D. João II., para o serviço do Príncipe D. Affonso, quando no anno de 1490 resolveo El-Rei pôr-lhe casa em separado.

Garcia de Resende permanesceo constantemente, e bem accepto no serviço do Príncipe até á epocha do falecimento deste; em que El-Rei D. João II., que

sempre lhe fôra affeigado, o chamou de novo ao serviço da sua pessoa, nomeando-o para seu Moço da Escrivaninha.

Confesso que não faço idéa clara deste emprego, pois não sei se estas palavras designam o Secretario particular, ou o Porteiro do Gabinete.

Se Garcia de Resende não foi erudito, também não pôde negar-se que foi dotado de muito talento, vivacidade natural, e intelligencia fina, e clara, que muitas vezes senão encontra na erudição. Foi além disso muito prendado, pois além de bom trovador, foi muito perito na musica, e no desenho, ao menos em relação ao tempo em que viveu; e estas prendas o deviam sem duvida tornar muito accepto na corte, e muito agradável ao Monarca, que fazia delle toda a confiança, e estima, e que sempre o tratou com uma benevolencia paternal, que sem escrupulo poderia chamar-se Privança.

E verdade que Resende se mostrou sempre agradecido, e leal dos para com o seu real amo, e bem feitor, que se mostrava tão contente com o seu serviço, que sem rebuço lhe chamava espelho, e modelo de criados. E esta affeição a conservou elle durante toda a vida d'El-Rei, cousa de que se não apontam muitos exemplos nas vidas dos cortesãos.

Na ultima enfermidade d'El-Rei, pousou Garcia de Resende na Camara Real, velando o Augusto enfermo, e ministrando-lhe os remedios, e todos os soccorros até á hora do seu passamento.

No anno de 1314 mandou El-Rei D. Manoel ao Summo Pontifice Leão X. uma pomposa Embaixada por Tristão da Cunha, oferecendo a S. Santidade as primicias do descobrimento da India, como pôde ver-se na historia deste Monarca, encrita elegantemente em latim, pelo erudito Bispo de Silves D. Jeronymo Osorio.

Para Secretario desta Embaixada nomeou El-Rei a Garcia de Resende, que muito estimou aquella occasião de visitar Italia, e Roma, então Capital não só do Mundo Christião, mas do mundo litterario, aquelle ditoso seculo, que tomou o nome do grande Pontifice, que tanto honrou as letras, as sciencias, e bellas

artes, que tanto floresciam á sombra da sua generosidade, e proteção.

Voltando ao reino, não tardou Garcia de Resende em abandonar a vida de corte, retirando-se á sua pátria, para entregar-se aos seus trabalhos literários, e ao cultivo das belas artes. Consta que viveu em Évora, em casa própria ao Poço de Selbarosos, casa que se julga existir ainda.

Ignora-se a época da sua morte, assim como os mais promenores da sua vida, mas há tanta probabilidade de que ainda era vivo no anno de 1654, visto que Jorge Rodrigues, que publicou a sua Obra-rica d'El-Rei D. João II. em 1607, afirma positivamente que a segunda edição, que é daquelle anno, fôr feita pelo author.

Foi sepultado em uma pequena Ermida, ou Oratório mandado edificar á sua custa, em um canto da cerca do Mosteiro do Espinheiro, extra-muros da cidade d'Évora, que era da Ordem de S. Jerónimo (1).

Esta Ermida, que ainda existe, mas já sem nenhum dos objectos do culto, tem apenas 16 pés de extensão, não comprehendido o adro, e 11 de largura: junto á Ermida havia uma fonte em forma de poço, cuja agua servia para regar um pequeno jardim, cujo cultivo estava a cargo de um Monge; ainda ali se vêem restos da fonte, mas já muitos annos antes da suppressam das Ordens Religiosas, haviam os Monges abandonado o jardim. Por cima da porta está um marmore, com as armas dos Resendes, e uma lenda, que diz em caracteres gothicos: «Esta Ermida, e Fonte mandou fazer Garcia de Resende em honra de N. Senhora, anno de 1520.» Fazendo menção destas circunstâncias, porque a idéa de colocar a sua sepultura na cerca de um Mosteiro, rodeá-la de um jardim, e abrigar uma fonte para lhe regar as flores, me parece muito propria de imaginacão visionária de um Poeta.

(1) Veja-se sobre estas particularidades a notícia que os Srs. Castilhos Antonio, e José, ajuntaram em sua Biblioteca, nos escriptos de Garcia de Resende.

A sepultura está no centro da Ermida, coberta com uma campa de marmore branco, adornada com as armas da familia, e este epitaphio: «Sepultura de Garcia de Resende.» epitaphio que em verdade não pôde ser mais modesto.

No Adro que é abobadado, está um carneiro, com tampa tambem de marmore branco, tambem adornado com armas dos Resendes, e este letreiro: «Sepultura de Jorge de Resende, e de seus Filhos.» Este Jorge de Resende, segundo afirmam os Genealogicos, era irmão do fundador da capella Garcia de Resende.

O nosso Poeta conservou-se sempre no estado do celibato, mas parece não ter sido por odio ao bello sexo, pois consta que deixou alguns filhos naturaes.

A mais importante das obras de Resende me parece ser a sua vida de D. João Segundo, os Chronica, como lhe chamaram depois. Alguns estrangeiros a tem elogiado muito, e eu confesso que é um dos nossos antigos livros de prosa, cuja leitura me dá maior prazer. O author mostra-se bem informado das coisas que refere, e as refere com candura, e boa fé. Seu estylo é singelo, claro, gracioso, e ás vezes o seu modo elegante; acho-lhe alguma semelhança com o de Bernardim Ribeiro. (1)

Como Garcia de Resende não tem lugar neste Ensayo, senão como Trovador, ou Poeta, não farei menção do resto das suas composições prosaicas, que afóra a linguagem, que é sempre boa, sam de pouca consideração, e interesse.

As Poesias de Garcia de Resende pertencem pela maior parte ao estylo jucoserio, ou satyrico, exprimise de ordinario com força, e suas Coplas sam quasi sempre bem cortadas, e bem versificadas; é difícil decidir se nelas ha grossaria, ou urbanidade, porque não sabemos com exacção, o que naquelles tempos se entendia por urbanidade; é raro que se affaste do tom descriptivo, ou narrativo, e o seu maior defeito,

---

(1) Ha quem diga que esta obra é de Rui de Pina, e que Resende lha furtara. Não pertence ao meu assumpto examinar esta questão. Os que desejarem fazer idéa dela, recorrano a já citada Bibliotheca dos Srs. Castilhos onde acharão este objecto tractado com boa critica, e toda a imparcialidade.

que lhe é commun com os seus contemporaneos, é a diffusam. Em começando a ensinar Coplas, parece que não sabem onde tem de acabar, este defeito acompanha sempre as obras compostas na infancia da arte.

Daremos aqui, segundo o nosso costume, alguns specimens das Coplas de Garcia de Resende, para que os leitores possam fazer juizo do seu talento Poetico, e principiaremos pelas Coplas endereçadas a Ruy de Figueiredo, sobre a resolução em que estava de vestir o habito de frade.

## C O P L A S .

Pois trocaes a liberdade  
 Por viver sempre sujeito,  
 Sem haverdes saudade  
 Dos Amigos da Verdade  
 Vossos, sem nenhum respeito;  
 Se estaes, Senhor, de partida  
 Para entrar em nova vida,  
 Tomai isto que vos digo  
 Como de um vosso amigo  
 Grande, e fóra de medida.

Se determinaes vestir  
 Habito com seu cordão,  
 Não haveis de nunca rir  
 No Mosteiro, nem bolir,  
 Que é signal de Devoção.  
 Diurnal, e Breviario,  
 Contas pretas, e Rosario  
 Trazei de cote na mão,  
 Sem resardes Oração  
 A Santo do Kalendario.

Si bi houver disciplinas,  
 E com grande Devoção,  
 E depois da Casa estar  
 Às escuras, açoitar  
 Rijo, mas seja no chão.  
 A miudo suspirar,  
 Que todos possam cuidar  
 Que é de mui martisado,  
 Assim estareis pougado  
 Sem vos da regra tirar.

Haveis sempre de mostrar  
Que andaes mui mal disposto  
Por vos do Choro ocupar;  
Que he gran trabalho resar  
A quem nisso não tem gosto:  
E á meza jejuar,  
Que façaes todos pasmar;  
Mas tereis em vossa Cella  
Mantimento sempre nella  
Com que possas jarrear.

Tereis de sob o caixão  
Gibão, e calses de malha,  
Casco, luvas, bosquelão,  
Punhal, e espadarrão,  
A chuça, e huma navalha,  
Escada de corda boa,  
Que suba, e desça a Pessoa  
Segura de não quebrar,  
Cabelleira não faltar  
Para cobrir a coroa.

Como se a Lua poser  
Sahireis desse fadario,  
Vestido como he mister,  
Porque então haveis de ler  
Pelo vosso Kalendario.  
Por segurar o caminho  
Sede amigo do Meirinho,  
E do Alcaide tambem,  
Que não queiram por ninguem  
Tomar-vos no vosso ninho.

Pobresa, e castidade,  
E tambem obediencia,  
Dareis á Communidade;  
Mas não tereis charidade,  
Verdade, nem paciencia;  
Trabalhai muito por hir  
De casa em casa pedir,  
Cos olhos postos na Terra,  
Porque assim se faz a guerra.  
Milhor, que com bom servir.

Para melhor vos salvar  
 Sede mui mexeriqueiro;  
 De huns, e de outros murmurar,  
 Muito o Guardião louvar  
 Em tudo mui por inteiro.  
 Fallai manso, e de vagar;  
 Mas se houverdes de resar  
 Seja alto, e de ma mente;  
 E fazei-vos mui sciente  
 Por Mulheres confessar.

Se vos mandarem cavar,  
 Agoar arvores, varrer,  
 Ser forneiro, ou caminhar,  
 Ou os habitos lavar  
 Começai logo a gemer,  
 E dizer: « meo Padre eu sam  
 « De tão fraca compreição,  
 « E se hum pouco me abaixar  
 « Cabirei morto no cham. »

Isto podereis fazer,  
 Mas o bom que a vida tem  
 Não o haveis vos de sofrer,  
 E por isso antes de ser.  
 Frade aconselhaivos bem:  
 Porque quanto bem merece,  
 Pela vida, que padece  
 O bom Frade virtuoso,  
 Tanto o mau Religioso  
 Torna atraz, e desmerece.

*Cancionero pag. 224.*

Estas Coplas, além do seu merito poetico, que recorda ás vezes o estylo sarcastico, e ironico de Voltaire, se tornam ainda mais curiosas, porque nos dão a medida de devocão de Garcia de Resende, da sinceridade da vocação de Rui de Figueiredo, e da vida relaxada, e hypocrisia dos frades naquelles tempos chamados felizes.

A satyra parece ser o principal talento deste Poeta, e em prova disto transcreverei da sua Miscelania, impressa em Lisboa na officina de Manoel da Silva,

em 1752, algumas Coplas das que publicou contra os costumes, vicios, e luxo do seu seculo, acho nelas alguns pontos de semelhança, com certo escripto de Voltaire, que lhe não deu pouco que fazer.

Vimos cadeias, colares,  
Ricos tecidos, espadas,  
Cinctos, e cinctas lavradas,  
Punhaes, hortas, Alamares,  
Muitas coussas esmaltadas;  
Arreios quanto lustravam,  
Duravam muito, e honravam;  
Só com vestidos frisados,  
Com taes peças arraiados  
Os Galantes muito andavam;

Agora vemos capinhas,  
Muitos curto pelotinbos,  
Golpinhos, e gapatinhos,  
Gregominhos, barretinhos,  
Estreitas cabeçadinhas,  
Pequenas nominasinhos,  
Estreitinhos guarnições,  
E muito mas invenções  
Porque tudo sam coussinhas.

E vimos em nossos dias  
A letra de forma achada  
Com que a cada passada  
Crescem tantas Livrarias,  
E a Scienza he augmentada;  
D'Alemania ha o louvor,  
Por della ser o Author  
D'aquellea cousta tão dina!  
Outros affirmam da China  
Ser o primeiro Inventor.

Outro Mundo novo vimos  
Por nossa Gente se achar,  
E o nosso navegar  
Tão grande que descobrimos  
Cinco mil legoas por mar,  
E vimos minas reaes

D'ouro, e dos outros metaes  
 No Reyno se descobrir:  
 Mais que nunca vi sahir  
 Engenhos de Oficiaes.

Vimos rir, vimos folgar,  
 Vimos cousas de prazer,  
 Vimos zombar, e apodar,  
 Motejar, vimos trovar  
 Trovas, que heram para ler,  
 Vimos homens estimados  
 Por manhas avantajados;  
 Vimos Damas mui formosas,  
 Mui discretas, e manhosas,  
 E Galantes afamados.

E depois vimos cuidados,  
 Paixões, descontentamentos,  
 Muitos malanconisados,  
 Muitos sem causa agravados,  
 Sobejos requerimentos.  
 Vimos desagradecidos,  
 Vimos outros esquecidos,  
 Que deviam de lembrar,  
 Vimos muito pouco dar  
 Pelos desfavorecidos.

Musica vimos chegar  
 A' mais alta perfeição,  
 Sarzedas, Fontes cantar,  
 Francisquinho assim juntar,  
 Tanger, cantar sem ração!  
 Arriaga, que tanger!  
 O Cego, que gran saber  
 Nos orgãos, e o Vaena!  
 Badajoz, e outros que a pena  
 Deixa agora de escrever.

Pintores, Luminadores  
 Agora no cume estam,  
 Orivisis, Esculptores  
 Sam mais subtils, e melhores.  
 Vimos o gran Michael,

**E** Alberto, e Raphael;  
**E** ha em Portugal taes  
 Tão grandes, e naturaes  
 Que vem quasi ao olivel.

**E** vimos singularmente  
 Fazer Representações  
 De estylo mui eloquente,  
 De mui novas invenções,  
 E feitas por Gil Vicente:  
 Elle foi o que inventou  
 Isto ca, e que o usou  
 Com mais graça, e mais doutrina,  
 Posto que João del Enzina  
 O Pastoril commegou.

**L**isboa vimos crescer  
 Em povos, e em grandeza,  
 E muito se enobrecer  
 Em edifícios, riqueza,  
 Em armas, e em poder;  
 Porto, e trato não ba tal,  
 A terra não tem igual  
 Nas frutas, nos mantimentos,  
 Governo, bons regimentos  
 So lhe falece, e não at.

**O**s mais dos Governadores,  
 Que á India foram mandados,  
 Vi mortos, ou acusados;  
 Cavalleiros, sabedores  
 Não vi destes escapados.  
 Os mais sam la sotterrados,  
 E os vindos demandados,  
 Sequestradas as fazendas,  
 Huns presos, e outros cortados,  
 E Líbelos processados.

**V**imos muito se espalhar  
 Portuguezes no viver,  
 Brasil, Ilhas povoar,  
 E ás Indias hir morar,  
 Natureza lhe esquecer.

Vimos no Reino meter,  
 Tantos captivos, crescer,  
 E harem-se Naturaes  
 Que se assim for serão mais  
 Elles que nós a meu ver.

E vimos comunicar  
 El-Rei com o Preste João,  
 Embaixadas se mandar,  
 Cousa que nella fallar  
 Parecia admiração:  
 Vimos ca vir Elefantes,  
 E outras Bestas semelhantes  
 Trazer da India por mai,  
 .....

E vimos na Christandade  
 Mover grandissimas guerras,  
 Muita grande mortandade,  
 Destruidas muitas terras,  
 Com mui grande cruidade.  
 E tal batalha passou,  
 Que segundo se afirmou,  
 Quarenta mil pereceram,  
 Os Homens ali morreram,  
 E o odio ayo ficou.

Vimos os bons decahidos,  
 E os maus mui levantados,  
 Virtuosos desvalidos,  
 Os sem virtudes cabidos  
 Por meios falsificados;  
 A Providencia escondida,  
 A Vergonha submetida,  
 O mentir mui disfarçado,  
 O saber desestimado,  
 A falsidade crescida.

O Poeta; que como já vimos, não poupava os Frades, também não perdoa ao Clero secular inventivando asperamente contra a sua incontinencia, as suas simonias, e outros abusos de igual natureza.

Vimos Moços governar,  
 E Velhos desgovernados,  
 Fracos em armas fallar,  
 E vimos muitos mandar,  
 Que deviam ser mandados.  
 Vimos os bens estorvados,  
 Os males acrescentados,  
 E vimos gentes viverem  
 Com mulber, e os filhos serem  
 Dos benefícios herdados.

Outras simonias callo,  
 Grandes trocas, e partidos,  
 E benefícios vendidos  
 A taes, que de so falla-llo  
 Escandalisa os ouvidos:  
 E Mosteiros muito honrados  
 De Mythra, e Bago ordenados  
 Para ter Abades bentos;  
 Vimos livres, e isemptos  
 Dados a Homens casados.

Dos Clerigos passa' Resende a fustigar com igual  
 simonia os homens da governança, e diz:

Hum so mau oficial,  
 Que ha em huma Cidade,  
 Destrua a Communidade,  
 Vede bem se farão mal  
 Tantos desta qualidade!  
 Deos, e El-Rei não sam servidos,  
 Os Povos são destruidos,  
 E a Policia danada,  
 A Republica roubada,  
 E os Povos destruidos.

O censor austero que percorre todas as classes da  
 sociedade para nellas stigmatisar os vicios, e os cri-  
 mes, não podia esquecer-se de um dos maiores fla-  
 gellos que opprimem as sociedades modernas, isto é,  
 o luxo, e o desmesurado galear das mulheres casadas,  
 que desbaratam as mais solidas fortunas, reduzindo  
 seus filhos á mendicidade, e sendo não poucas vezes

*Causa de seus maridos faltarem aos seus deveres, e prevericarem nos seus empregos; estas Coplas de Garcia de Resende tem hoje tão frisante applicação, como no tempo em que foram escriptas.*

Gastos mui demasiados  
Vemos nas Donas casadas,  
Em joias, pratas, lavrados,  
Perfumes, e desfiados,  
Tapeçarias dobradas:  
As conservas, o comer,  
Vestidos, Donzellas ter,  
As camas, e os estrados,  
Vimos por vinte cruzados  
Luvas de couro vender.

As Portuguezas honradas  
Vimos por deshonra haver  
No rosto, e face poer,  
E trazer averdugadas,  
E tambem vinho beber:  
Por deshonestas haviam  
As que taes cousas faziam,  
Depois foram tão usadas  
Todas, que ham que as passadas  
Nem sabiam, nem viviam.

As Poesias de Garcia de Resende que maior aplauso conseguiram no seu tempo, tornando-se populares, e que foram varias vezes impressas, sam as suas Trovas á morte de D. Ignez de Castro, não quero aqui contrastar o voto daquelles, que as tem pela sua melbor composição poetica; mas sempre direi, que peccam pela idéa fundamental, que é D. Ignez de Castro, depois de morta contar a sua desventura ás Damas, sem que haja preparação alguma, para tornar verosimil este prodigo; sam como uma estatua que não tem base em que se colloque, e isto sobeja para advirtir-nos que estamos na infancia da Arte; não deixa porém de haver neste Poema certo mérito de execussão, que pôde justificar a acceitação, que tiveram.

Senhoras, si algum Senhor  
 Vos quizer bem, ou servir,  
 Quem tomar tal servidor,  
 Eu lhe quero descobrir  
 O galardão do Amor,  
 Per sua mercê saber  
 O que deve de fazer  
 Véja o que fez esta Dama,  
 Que de si vos dará fama  
 Se estas trovas quereis ler.

Qual será o coração  
 Tão, cru, e sem piedade  
 Que lhe não cause paixão,  
 Huma tão gran crueldade!  
 E morte tão sem rasão?  
 Triste de mim inocente,  
 Que por ter muito fervente  
 Lealdade, fé, amor  
 Ao Príncipe meu Senhor  
 Me mataram crumente.

A minha desaventura  
 Não contente de acabar-me,  
 Por me dar maior tristura  
 Me foi pôr em tanta altura  
 Para della derribar-me.  
 Que se me matara alguém  
 Antes de ter tanto bem,  
 Em taes chamas não ardera.  
 Pai, Filhos, não conhecera  
 Nem me chorara ninguem.

Esta estrophe me parece não ter aquella perspicuidade, e clareza, que deve encontrar-se em toda a boa poesia, e o peior é que o pensamento não parece melhor do que a expressão.

Dizer D. Ignez que não amaria o Príncipe, se alguém a tivesse morta antes de amar o Príncipe, não é o que, em termos chulos, se chama «uma rasão de cabo de esquadra?» o verso

**Em taes chammas não arderá,**

como é proferido por uma pessoa morta, pôde á primeira vista dar a entender, que as taes *chammas* não sam as do amor, mas as do Purgatorio, ou do Inferno.

Igual, ou maior ambiguidade apresenta o verso seguinte

**Pai, Filhos não conhecera,**

porque não especifica se ella diz que em tal caso não conheceria seu pai, ou o pai de seus filhos, que é segundo penso a idéa do Poeta, mas que elle não expressou bem. O verso ultimo

**Nem me chorará ninguem.**

Assenta em um supposto falso, e é uma injuria feita á sensibilidade do genero humano. Pois só os filhos, e os maridos, e vice versa, é que pranteam a morte de algum delles? não choram os irmãos pelos irmãos, os parentes pelos parentes, os amigos pelos amigos? não se chora muitas vezes a perda de um homem virtuoso, posto que os que o lamentam não tenham com elle relação alguma de parentesco, ou de amizade? D. Ignez de Castro tinha irmãos, e como os julga tão faltos de humanaidade, que se não condoessem de a ver assassinada? Prossigamos.

**Eu hera Moça, Minina  
Por nome Dona Ignez  
De Castro, e de tal doutrina,  
E virtudes, que hera diña  
Do meu mal ser ao revez.  
Vivia sem me lembrar  
Que paixão podia dar,  
Nem da-la ninguem a mim.  
Foi-me o Principe olhar,  
Por seu nojo, e minha fim.**

**De vagar, Senhor Garcia de Resende!** quando D. Ignez veio a Portugal não era tão minina, nem tão inocente, que não soubesse ainda que podia inspirar amor, ou ceder a elle.

Começou-me a desejar,  
 Trabalhou por me servir;  
 Fortuna foi ordenar  
 Dous corações conformar  
 A huma vontade vir.  
 Conheceu-me! conheci-o!  
 Quiz-me bem, e eu a elle!  
 Perdeu-me! tambem perdi-o!  
 Nunca the morte foi frio  
 O bem que triste puz nelle!

Dei-lhe minha liberdade,  
 Não senti perda da Fama;  
 Puz nelle minha verdade,  
 Quiz fazer sua vontade  
 Sendo mui formosa Dama.  
 Por me estas obras pagar,  
 Nunca júmais quiz casar;  
 Pelo qual aconselhado  
 Foi El-Rei, que era forçado  
 Pelo Ceo de me matar.

Estava mui acatada,  
 Como Princeza servida,  
 Em meus Paços mui honrada,  
 De tudo mui abastada,  
 De meu Senhor mui querida.  
 Estando mui devagar,  
 Bem fora de tal cuidar  
 Em Coimbra com socego,  
 Pelos campos do Mondego  
 Cavalleiros vi somar.

Como as cousas que ham de ser  
 Logo dam no coração,  
 Comecei d'intristecer,  
 E a comigo só dizer  
 «Estes Homens onde hirão!»  
 E tanto que perguntei,  
 Soube logo que hera El-Rei.  
 Quando o vi tão apressado,  
 Meu coração traspassado  
 Foi que nunca mais fallei!

E quando vi que descia  
 Sabi á porta da Sala,  
 Devinhando o que queria ;  
 Com gran choro, e cortezia.  
 Lhe fiz huma triste falla.  
 Meus filhos puz de redor  
 De mim, com grande humildade,  
 Mui cortada de temor  
 Eu lhe disse : « Havei, Senhor,  
 « Desta triste piedade.

« Não possa mais a paixão  
 « Do que o que deveis fazer,  
 « Metei-nisso bem a mão,  
 « Que he de fraco coração,  
 « Sem porque, matar Mulher,  
 « Quanto mais a mim, que dão  
 « Culpa, não sendo rasão  
 « Por ser Mãi dos Innocentes,  
 « Que ante vós estão presentes,  
 « Os quaes vossos Netos são.

« E tem tão pouca edade  
 « Que se não forem criados  
 « De mim só, com saudade  
 « Em sua grande orphandade  
 « Morrerão desamparados.  
 « Olhai bem quanta crueza  
 « Fará nisto Vossa Alteza ;  
 « E tambem, Senhor, olhai,  
 « Pois do Principe sois Pai,  
 « Não lhe deis tanta tristeza,

« Lembre-vos o grande Amor,  
 « Que me vosso Filho tem,  
 « E que sentirá gran dor  
 « Morrer-lhe tal servidor  
 « Por lhe querer grande bem :  
 « Que se algum erro fizera  
 « Fora bem que padecera,  
 « E que estes Filhos ficaram  
 « Orphãos tristes, e buscaram  
 « Quem delles paixão houvera.

« Mas pois eu nunca errei,  
 « E sempre mereci mais,  
 « Deveis, poderoso Rei,  
 « Não quebrantar vossa Lei,  
 « Que, se morro, quebrantaes.  
 « Usai mais de piedade  
 « Que de rigor, nem vontade!  
 « Havei dó, Senhor, de mim,  
 « Não me deis tão triste fim,  
 « Porque nunca fiz maldade. »

El-Rei, vendo como estava  
 Houve de mim compaixão;  
 E viu, o que não olhava,  
 Que eu a elle não errava,  
 Nem lhe fizera traição;  
 E vendo quão de verdade  
 Tive amor, e lealdade  
 Ao Príncipe, cuja são,  
 Pôde mais a piedade  
 Que a determinação.

Que se me elle defendera,  
 Que a seu Filho não amasse,  
 E lhe eu não obedecera,  
 Então com rasão podera  
 Dar-me a morte, que ordenasse.  
 Mas vendo que nenhuma hora  
 Desque nasci ategora  
 Nunca nisso me fallou,  
 Quando se disto lembrou  
 Foi-se pela porta fora.

Com seu rosto lacrimoso,  
 Co' proposito mudado,  
 Muito triste, mui saudoso  
 Como Rei mui piedoso,  
 Mui Christão, e esforçado.  
 Hum daquelles que trazia  
 Comsigo na companhia,  
 Cavalleiro desalmado,  
 De trás delle mui irado  
 Estas palavras dizia.

“ Senhor, a vossa piedade  
 “ He digna de reprender,  
 “ Pois que sem necessidade  
 “ Mudaram vossa vontade  
 “ Lagrimas de huma Mulher.  
 “ E quereis que abarreguado,  
 “ Com Filhos, como casado  
 “ Estê, Senhor, vosso Filho?  
 “ De vós mais me maravilho,  
 “ Que delle, que he namorado.

“ Si logo não a mataes,  
 “ Não sereis nunca temido,  
 “ Nem farão o que mandaes,  
 “ Pois tão cedo vos mudais  
 “ Do Conselho que hera havido.  
 “ Olhai que justa querella  
 “ Tendes pois por amor della!  
 “ Vosso filho quer estar  
 “ Sem casar-se, e nos quer dar  
 “ Muita guerra com Castella.

“ Com sua morte escusareis  
 “ Muitas mortes, muitos danos,  
 “ Vós, Senhor, descansareis,  
 “ E a vós, e a nós dareis  
 “ Paz para duzentos annos.  
 “ O Principe casará,  
 “ Filhos de benção fará,  
 “ Será fora de pecado,  
 “ Que agora seja anojado  
 “ A manbãa lhe esquecerá.”

E ouvindo sei dizer  
 El-Rei ficou mui turvado  
 Per se em taes extremos ver,  
 E que havia de fazer  
 Ou hum, ou outro forçado.  
 Desejava dar-me vida,  
 Por lhe não ter merecida  
 A morte, nem nenhum mal;  
 Sentia pena mortal  
 Por ter feito tal partida.

E vendo que só lhe dava  
 A elle toda esta culpa,  
 E que tanto o apertava,  
 Disse áquelle que bradava  
 « Minha tenção me desculpa.  
 « Se vós o quereis fazer  
 « Fazei-o sem mo dizer,  
 « Que eu nisso não mando nada,  
 « Nem vejo essa coitada  
 « Porque deva de morrer. »

Dois Cavalleiros irosos,  
 Que taes palavras lhe ouviram,  
 Mais crus, e não piedosos,  
 Perversos, desamorosos,  
 Contra mim rijo se viram,  
 Com as espadas na mão,  
 Me atravessam o coração,  
 A confissão me tolheram,  
 Este he o galardão  
 Que meus amores me deram.

Canc. pag. 221.

Ha neste Poemeto algumas irregularidades gramaticaes, alguns descuidos de frases, mas não pôde negar-se que contém algumas idéas engenhosas, e um quadro Dramatico, que não só o torna mui poeticó, mas que era um merito mui raro no tempo em que o author escreveu. Aquelle presentimento de D. Ignez ao ver os Cavalleiros, que se dirigiam ao seu palacio; o sahir ao encontro do Rei rodeando-se de seus filhinhos, como si aquelles innocentes fossem uma muralha para a defender da morte, seu discurso a D. Affonso IV., o modo indirecto porque se desculpa, dizendo, que o seu crime era ser māi daquelles innocentes, que eram netos delle Rei, a alegação da falta que lhe faria, a compunção do Rei, resolvido a perdoar-lhe, o discurso breve, mas energico do Conselheiro, em que alega com grande artificio motivos sempre especiosos do bem publico, de religião, e sobre tudo os ciumes do poder, rasão suprema dos Reis; a resposta de D. Affonso, deixando o caso na consciencia dos Conselheiros, recurso ordinario dos

Monarchs de espirito fraco, que julgam assim salvar a sua responsabilidade para com Deos, e os homens, como se os que governam não fossem tão responsaveis pelo mal, que fazem, como pelo mal que não evitam, e deixam commetter aos outros; todos estes rasgos abonam o talento Poetico do Author, e justificam a approvação dada pelos contemporaneos a este Poemeto.

---

## CAPITULO XVI.

### *O Cancioneiro de Garcia de Resende.*

O Cancioneiro de Resende pôde considerar-se debaixo de diferentes pontos de vista. Como deposito de quasi toda a Poesia, que resta desta primeira epocha, é um thesouro precioso; mas se o considerarmos como livro, força é dizer, que é uma compilação indigesta, sem classificação dematerias, sem escolha, nem exclarecimentos sobre os Autbores, cujas obras ali se colligem, como hoje se exigiria em obra desemelhante natureza.

Não é menos notável a sua irregularidade orthographic, achando-se as palavras escriptas por diferente modo, ás vezes na mesma pagina, e muitas até na mesma composição, havendo habitualmente pouco respeito á etimologia.

Igualmente desfeituoso se encontra ali o trabalho typographic; pois a cada passo vemos deturpado o sentido pela troca de nomes como *Nercia* em logar de *Nísia*; *Cava* em logar de *Hécuba*; outras vezes ficam os versos errados pela troca de palavras, ou falta delas, quando o sentido está claramente indicando que estas faltas provém da impressão, e não do author, por exemplo lendo nas *Troyas* de Garcia de Resende a D. Ignes de Castro:

Que se me elle defendera,  
E a seu filho não amasse,  
E eu lhe não obedecera,

Não se conhece logo que esta lição é errada, e que o author tinha escripto

Que se me elle defendera  
Que a seu filho não amasse,  
E eu lhe não obedecera.

Do mesmo modo nas Trovas a Rui de Figueiredo se conhece que este verso

Que he signal de devão  
devo ler-se

Que he signal de Devoção.

e assim muitos outros, sem fallar da collocação dos pontos, e das virgulas a contrasenso.

Das Poesias do Cancioneiro pôde dizer-se o que um Poeta Epigrammatico disse a respeito dos Epigrammas, que dera á luz:

*Sunt bona, sunt quædam meliocria, sunt mala plurima.*

As Trovas do Cancioneiro podem, se não me engano, na sua totalidade reduzir-se a quatro classes, Devotas, Eroticas, Moraes, e Satyricas.

As Devotas sam, no meu entender, as que menos valem; seu estylo é languido, e prosaico, sem colorido, e podem passar por trechos das Horas Marianas traduzidos em coplas. Não ha ali uma idéa poetica, um pensamento sublime; uma expressão pielesca. E' na verdade para notar, que sendo a Nação Portugueza uma das mais religiosas da Europa, nenhuma tenha menos disposição para esmaltar, e revestir os sentimentos de piedade com a pompa de eloqução poetica.

As Coplas amatorias não differem destas senão por serem endereçadas ás Damas, em logar de o serem á Virgem, ou aos Santos, porque o estylo é exactamente o mesmo; adorações, jaculatorias, certa me-

taphisica ascetica, nada de naturalidade, de sentimento; nenhuma explosão de ternura, ou arrebamento apaixonado; fazem lembrar Tartufo, na Comedia de Moliere, requestando Elmira em estylo beatifico. Este modo de cantar o amor deve parecer muito estranho a um homem costumado á leitura de Ovidio, de Catulo, de Proprecio, de Tibulo, de Parney, e de outros Poetas, que são os modelos do genero.

Nas Poesias moraes apparece mais engenho, pelo menos a sua leitura não é tão fastidiosa, posto que muitas vezes as maximas, e as sentenças sejam tri-vias, muitas outras pesadas, e pouco philosophicas, havendo até algumas que por sua insignificancia não valiam o trabalho que houve para as pôr em verso.

Não direi outro tanto das sytiricas, ou jocoserias, que felizmente são o maior numero; nellas depara grande vigor de estro, de imaginação, e muita vivacidade. Os defeitos destas composições estão no excesso, ou abuso das suas boas qualidades; peccam sempre por carta de mais, ou seja por falta de gosto, ou rudeza dos costumes do tempo; ou pelo espirito de malicieencia, que sempre foi uma das feições caracteristicas da indole Portugueza; os Copleiros nada respeitam, os vicios, os costumes, os defeitos do espirito, e do corpo, as baldas da vida privada como as da vida publica, tudo é objecto das suas pilherias, dos seus insultos, e dos seus dicterios: as victimas saem postas no Pelourinho da irrisão pelos seus proprios nomes, e com um estylo, que muitas vezes degenera na grossaria, e na obscenidade. As apodaduras não estimulam levemente como o sal, queimam como o pimentão, cauterisam como ferro em brasa, rasgam em lugar de pungir, matam em lugar de reprehender.

E' certo que a distancia desses tempos, a falta de conhecimento das pessoas, de quem se tracta, das coisas a que se atude, nos impede de sentir toda a força, e a propósito daquellas diatribes: que as mudanças de então para cá ocorridas na língua, e sua pronunciaçao tem desbotado para nós grande parte das grãgas do estylo, e da expressão: mas assim mesmo a

leitura dessas Poesias, toscas, e informes como nos parecem agora, não deixam de ter para nós um grande deleite, e utilidade, pois que nos apresentam alguns capítulos da chronica escandalosa daquelles tempos, e nos recordam alguns dos antigos costumes, que não temos outro meio de conbecer.

Nem se persuada o leitor de que a imperfeição, e grossaria destes Poemas provém de seus authores não conhecerem os exemplares Gregos, e Latinos; uns, e outros eram lidos, e folheados pelos Poetas do Cancioneiro; mas para sentir, e imitar o genio é necessario ter genio, e a epocha do genio não havia ainda chegado para nós. Em alguns delles se conbece visivelmente que pertenderam imitar os antigos, mas dessa imitação não tiraram se não fastio, e pendantaria.

E' tambem necessario advertir que todas, ou a maior parte destas Poesias do Cancioneiro pertencem áquelle qualidade de Poemas, que os Francezes chamam *Poesias de Sociedade*; que seus authores escrevendo-as não tinham por fim publica-las pela imprensa; mas recita-las ou envia-las aos seus amigos, canta-las nos estrados, e saraos ás Damas, ou desafogar o odio contra os inimigos, e que não era possivel imitar bem a Poesia Grega, e Latina em quanto os metros Italianos não fossem admittidos na lingua. E senão veja-se que bella figura fazem no Cancioneiro as Epistolais de Ovidio, de Penelope a Ulysses, e de Ennone a Paris traduzidas, e mascaradas em Coplas.

E' porém necessario advertir aos Manebos, que hoje cultivam a Poesia, que se não persuadão de que perdem o tempo lendo o Cancioneiro de Resende, porque em verdade ha muito que aproveitar nessa leitura, não só para tirar delle algumas idéas felizes que podem fazer-se valer dando-lhe nova forma, muitas phrases, e expressões pictóreas, muitos modos de dizer singelos, e graciosos; mas podem tambem aprender ali algumas combinações metricas, e rithmicas de que pôde tirar-se grande partido para Poesias criticas, satyricas, e musicaes.

Quando se principia a folhear o Cancioneiro de Resende a primeira cousa que dá nos olhos é o gran-

de numero dos Poetas, cujas obras se encontram ali; a segunda, a qualidade delles. Vê-se, que a Poesia naquelles tempos não tinha desceido das altas classes da Sociedade: nada mais raro que encontrar ali um nome plebeo, ao passo que lá vemos figurar Reis, Príncipes, e as mais illustres personagens da corte, e os appellidos das mais nobres familias do Reino. Trovar era então um grande predicho de Cortezão, que dava realce ás letras, ás armas, e ao exercicio dos grandes cargos do estado.

Já se vê que não é possível em uma obra desta natureza dar conta dos Escriptos de tantos autores, e apresentar juizo sobre cada um delles, e o exame de seu estylo; seria necessario para isso fazer um livro tres vezes mais volumoso, que o Cancioneiro, que já o não é pouco. Contentar-me hei pois de mencionar alguns Poetas de merito mais saliente, e transcrever algumas de suas Poesias, ou alguns trechos dellas, porque de ordinario peccam pela demasiada extensão, pois é só quando a arte se tem aperfeiçoado, que os autores sabem regular a grandeza de cada obra pela importancia do seu assumpto, evitando que a attenção do leitor se fadigue, e seja assim elle obrigado a largar o livro, ou a voltar algumas folhas sem lê-las, como muitas vezes acontece aos que examinam o Cancioneiro de Resende.

---

## CAPITULO XVII.

### *Ayres Telles de Menezes.*

---

**A**yres Telles de Menezes floresceu no reinado de D. João II., grangeando grande renome por suas Poesias, de que se encontram algumas no Cancioneiro de Resende.

Foi este Poeta filho segundo de Fernão Telles de Menezes, Mordomo Mór da Rainha D. Leonor, Se-

nhor de Unhão, e Commendador de Ourique, da Ordem Militar de São Thiago da Espada, e pessoa muito authorizada, e bem vista na Corte.

Se era nobre por parte de seu pai, não o foi menos pela linhagem materna, pois sua mãe, D. Maria de Vilhena, foi filha de Martim Affonso de Mello, que foi Alcaide Mór de Olivença, e exerceo por muito tempo no Paço o importante emprego de Guarda Mór d'El Rei D. Affonso V., e d'El Rei D. Duarte.

Além da esmerada educação Litteraria, que então se dava em Portugal á Nobreza, teve Ayres Telles muita destreza nas armas, e em todas as prendas, e exercícios proprios de um Fidalgo, e de um Militar, como montar a cavallo em toda a sella, e revolve-lo, e governalo facil, e airosamente; jogar bem a barra, e luctar, duas cousas que andavam então muito em moda, e para que o habilitavam as suas extraordinarias forças.

El-Rei D. João II. se entreteinha com muita satisfação em vê-lo luctar, e derribar os seus contrários, quando elle acompanhou aquelle Monarca ao Algarve, onde foi tomar os banhos das Caldas de Machique, que os Medicos lhe haviam indicado para remedio da sua deteriorada saude.

Ayres Telles foi tambem um dos que assistiram em Alvor á morte daquelle grande Monarca, que teve lugar no anno de 1495. E afirmam alguns que esta luctuosa scena, este espectaculo da brevidade das grandezas humanas, operara nelle com tamanha efficacia, que abandonando o Mundo, onde se lhe frangeava tão brillante carreira, as riquezas, que possuia, os parentes, e os amigos, tomou o habitu da Ordem Seraphica de S. Francisco, no Convento da Arrabida, e ali veio a terminar seus dias no exercicio das Virtudes Monasticas, das suas asperezas, e austeridades penitentes, e o cultivo da Poesia devota.

E' opinião geralmente recebida entre os nossos literatos, que os metros Italianos, e o estylo de poeta da Ausonia Moderna, foram introduzidos em Portugal pelo Doutor Francisco de Sá de Miranda; porém esta opinião, acreditada como é, não poderia sustentar-se á vista das composições de Ayres Telles, publicadas pelo Professor Antonio Lourenço Cami-

nhas, na sua Collecção de Poesias Eneditas, que sa-  
bio á luz nesta Capital em 1792, na Typographia de  
Filippe José de França e Liz.

Si podesse provar-se a authenticidade daquellas Poesias, forçá seria confessar que o Patriarcha da es-  
chola Italiana entre nós não fôra Francisco de Sá de  
Miranda, mas sim Ayres Telles, que floresceu muito  
antes daquelle, e que manejava muito melhor do que  
elle o hendicasylabo, e imitava melhor o estylo ly-  
rico dos Poetas Toscanos.

Felizmente para a gloria de Sá de Miranda tal sup-  
osição é inadmissivel; porque é distituída de toda  
a probabilidade. Poderá alguém acreditar, que aquelas Poesias fossem escriptas por um homem anterior  
quarenta annos a Ferreira, e vinte pelo menos a Mi-  
randa, Gil Vicente, e Bernardim Ribeiro? E' pos-  
sivel que alguma dessas Poesias, se fossem suas, não  
se encontrassem entre as que Garcia de Resende in-  
cluiu no seu Cancioneiro? Si todas as Poesias de Ay-  
res Telles, ali impressas, pertencem á eschola dos Tro-  
vadores, sãm escriptas na linguagem do seu tem-  
po, nos metros usados então, como é possivel attri-  
buir-lhe composições em que metro, lingua, idéas,  
estylo tudo pertence a tempos muito posteriores? E  
sob a fé, e authoridade de quem? De Caminha, que  
na mesma Collecção attribue outras quejandas poe-  
sias a um Duarte Galvão, que elle diz haver sido Es-  
cudeiro do Duque de Bragança D. Theodosio, sem  
dizer qual, e que ninguem conheceu senão elle, pois  
nem D. Nicolão Antonio, nem o Abbade Barbosa,  
nem author nenhum coeve, ou posterior, fazem men-  
sâo alguma d'elle? De Caminha, que attribuiu a  
Pedro da Costa Pereatrello, como ao diante veremos,  
Odes, Sonetos, e outros Poemas, todos de forma  
moderna, como os que attribuiu a Ayres Telles.

Já se vê pois, que sem mais abono que a authori-  
dade de tal homem, e pelo caracter mesmo desses ver-  
sos é impossivel despojar o bom Miranda da honra,  
que legitimamente lhe compete como author da feliz  
revolução litteraria, que mudou entre nós a face da  
arte, e deu novo carácter à Poesia Portugueza.

As Poesias de Ayres Telles, até agora reconheci-

das por authenticas, acham-se no Cancioneiro de Resende a folhas 80 v. — 149 v. — 145 v. — 150 — 152 154 — 176 v. — 177 — 178 v. — 179 v. — 181 v. — 178 — 198.

Para fazer conhecer o caracter da Poesia, e estylo deste Poeta, ou, para melhor dizer, Trovador, transcreverei as seguintes Coplas escriptas contra Jorge de Oliveira, Porteiro da Chancellaria, que havia levado a Jorge de Mello doze mil reis de emolumentos por um Padrão, que despachou, sem lhe querer quitar nada.

Quem tiver algum Padrão  
Trabalhe por ter maneira  
Que se guarde de ir a mão  
De aquesto novo Christão,  
Que aqui anda d'Oliveira.

Leva tudo por inteiro,  
Não tem nenhuma afeição,  
Folga tanto com dinheiro.  
Que ainda a Deos verdadeiro  
Venderá por um Tostão.

Não lhe tenho má tentão,  
Mas falto desta maneira  
Porque mil vezes na mão  
Lhe vi dar por um Padrão  
O que tinha na crneira.

Serve Homem como Suíssos  
E ambos sempre em pendencia  
Por haver del mal de tensa,  
E a paga do seu serviço  
Por galardão é mantensa.

Em fim se chega o Padrão  
Inda corre esta tranqueira,  
Que quasi todo na mão  
Fica a este bom Christão,  
Que aqui anda de Oliveira.

Estas Trovas são na verdade graciosas; mas sam-  
ellas justas? diz por ventura o Poeta que Jorge de Oli-

zeira levou a Jorge de Mello individualmente doze mil réis pelo Padrão, que lhe expedio? não por certo! mas só que não tem affectação, e que leva tudo por inteiro; mas levar um Empregado por inteiro tudo, que lhe pertence, não sei que possa julgar-se crime: é sómente usar de um direito legitimo. O que isto prova é que é muito anilgo, entre nós, a mania de declamar contra os empregados, que percebem emolumentos, e não sam poucas assandices, e calumnias que esta mania tem produzido nos tempos actuaes.

Em quasi todas as Repartições Públicas ha duas qualidades de trabalhos. Os que sam propriamente em servigo do Estado, e os que sam em proveito directo das Partes. Os nossos legisladores, assim como os das outras nações, para aliviarem o Cosre da Fazenda Pública, estabeleceram unicamente ordenados para a congrua sustentação daquelles Empregados, cujo trabalho era unicamente em servigo do Estado; mas aquelles cujos trabalhos eram não só em servigo do Estado, mas tambem dos Particulares, arbitraram vencimentos correspondentes aos primeiros, e deixaram a cargo dos Particulares a paga dos trabalhos que desempenhavam para elles. Esta satisfação é que se chama emolumentos; bem entendido porém, que esse pagamento não ficou ao arbitrio do Empregado; ha lei que o regula, e designa explicitamente o que elle deve receber por cada uma dessas expedições, que o Estado lhe não paga. Logo é grande absurdo queixar-se alguém do Empregado pelo que exige em virtude de uma disposição legal, que para isso o reveste de direito legitimo.

Por ventura um Pintor, ou Musico da Real Câmara, porque recebe della um ordenado tem obrigação de pintar, ou cantar de graça, quando os particulares os encarregam disso? Que diria um Medico, ou Cirurgião de um hospital, si havendo tractado de um enfermo, que o mandou chamar a sua casa, este lhe dissesse depois de sô: « Não lhe pago, porque V. m. recebe ordenado pelo hospital? » Não teriam tales Facultativos razão para lhe replicarem: « Fosse para o hospital, que nós o tratariamos de graça? e se elle insistisse na sua recusa, e denegação de pa-

gamento, fariam mal se o chamassem perante os Tribunaes? A favor de quem decidiriam estes, do Medico, ou do Doente? Finalmente, o Empregado só merece censura, e até castigo, quando percebe emolumentos contra a lei, ou além da lei; e quando as queixas não tem por base algum destes abusos, só provam ignorancia, ou malignidade em quem as faz. Desculpe-se esta digressão em defesa de uma classe tão numerosa, em geral tão benemerita, e hoje tão desgraçada.

Tornando ao assumpto; si Jorge de Oliveira recebia por inteiro, sem querer quitar nada, o que lhe pertencia, não se segue dahi, que, como diz o Author, vendesse a Deos por um Ioslão: também não vejo que venha para o caso o ser Judeo, ou Christão Novo, como o Author lhe chama. Estaria acaso na sua mão o nascer de um Christão Novo, ou de um Christão Velho? não podia por isso ser um homem de vida mui religiosa, e até um Santo? Tem Deos fechadas as portas da sua Monarchia aos que descendem da casa de Israel? Com fé, e boas obras, e não com pureza de sangue, é que se ganha o Reino dos Ceos; logo é o Author quem mostra pouca caridade Christiana, chamando a Jorge de Oliveira, Christão Novo, sem lhe provar que era mau Christão, e só com o intuito damnado de o tornar odioso, e injuriá-lo pelo imaginario crime de exigir o que tinha direito de receber.

Não consta ao certo o tempo do falecimento de Ayres Telles, mas parece mui probavel que teria logar entre 1515, a 1520, quando talvez contava 65, ou 60 annos de idade, pouco mais ou menos, pois que a respeito do seu nascimento existe a mesma incerteza, que a respeito do seu obito, do lugar delle.

Ayres Telles foi muito bom Poeta para o tempo em que floresceu, e muito superior á maior parte dos seus contemporaneos em talento, em graça, em versificação, e estylo.

## CAPITULO XVIII.

*Affonso Valente.*

T  
ranscreverei aqui algumas Trovas deste Poeta, endereçadas a Garcia de Resende, pelas quaes o Leitor poderá avaliar a urbanidade da boa Sociedade da quelle tempo, vendo em que termos este Fidalgo se dirige a um Cortezão valido de tres Reis, e que pelo seu talento, e caracter jovial, e honrado gozava de tanta estima na corte; e crescerá a sua admiração sabendo que elle se não deu por offendido com um tratamento, que nos nossos dias, seria mais que soberbo para tornar doux homens inimigos irreconciliáveis, tanto variam no Mundo os sentimentos, as opiniões, e até as idéas de pondonor.

Pareceis-me Lua criz,  
Primo com Irmão de bruto,  
Pareceis roxo basto,  
Doente de prioriz.  
Sacabuxa, Irmão de Jaques,  
Muito farto de bordões,  
E tangeis tudo com traques;  
Hómem que faz almadrakes,  
Ou seirões.

Albergue de Florentine,  
Que se pagam de Cidrão;  
Homem farto de Coxins  
Recheadbs de cotão.  
Pareceis devinhação;  
Pareceis huma façanha,  
Tapeceiro do Soldão,  
Quer Gigante Rebordão  
Como castanha.

Dizem que tangeis laúde,  
E tocaes bem os bemoles,

E pouzaes em Retrapoles  
Abaixo de Gramauáde  
Se tangeis por b quadrado  
Inflamado como chama,  
Pareceis odre apojado  
Como mamma.

Tendes couosas mui agudas !  
Henrique Homem por tal via !  
E cabis ambos n'hum dia  
Como São Simão, e Judas.  
Fostes feito na Bozeima,  
E criado em Trapizonda,  
Sois a Treméliga na onda  
Composta todo de freima.

Pareceis do Sul suspiro,  
Bandurra de toda vira;  
Pareceis quartão, que tira,  
E profundo faz o tire.  
Pareceis Alão, que ladra,  
Sobre farto sonorehto.  
Paréceis Cabo de Esquadra,  
De tres mil odres de vento.

Ou sois vaso, ou atambor  
Nalgas, bochechas do Sul;  
Ou tanho Cómmandador,  
Nado, é feito no paul.  
Pareceis grande Meloa  
De pasto no Mez d'Agosto,  
Arreboles do Sol posto  
Grão larada de Boroa.

Pareceis canicular  
De todo o anno bisexto,  
E sodes o mesmo texto  
Do plurar:  
E tambem sois singular  
Na massa, feição de cuba,  
Ou grão bebado de estuba  
Nua, posta ao Luar.

Pareceis mui grande só  
 De Griphos mui esfaimado,  
 Albarda, mulher de prol  
 Muito cheia de bordados.  
 Guia de dansa d'espadas,  
 Grão malassada de estopas,  
 Guia de dansa de copas  
 Todas cheias, arrazadas!

Não digo mais por agora,  
 Porque se agrava o tinteiro,  
 Por vos morrer o parceiro,  
 Que hera o peior Crasteiro  
 De São Vicente de Fora,  
 Senão que sois infinito  
 Para dar prazer, e rir;  
 E protesto, si cumprir,  
 Repricar, e dar no fitto.

Pareceis hum pouco o Farto  
 Pregador de vida eterna,  
 Grega bebeda de parto  
 Entre cubas em taberna  
 Bentas sejam de Balão  
 As Fadas, que vos fadaram,  
 As tetas, que vos criaram,  
 Que assim vos empetrinaram  
 Para Momo no serão.

Onde todos bem verão  
 Vossa gloria, vossa fama,  
 E caber-vos-ha por Dama  
 Huma saca de algodão,  
 E por tocha hum grão tição!  
 Pareceis, segum me esforça  
 Estaca em que vos emforço,  
 Framengua, que tange em corsa  
 Laude com pe de Porco.

Sois alteroso da banha  
 Mais que Urca dos Castellos,  
 Urca digo de Alemanha:  
 Ou fazeis provas de Arauha

Sobre farto de Farellos,  
Por não dar pelos cabellos  
Quero logo dizer tudo,  
Pareceis Tecelão mudo  
Em choro sobre novelos.

E porque melhor vos louve  
De louvor mui soberano,  
Pareceis Homem Murciano  
Como Couve !  
E por dar melhor de agudo,  
E vos não maçar de coto,  
Agudo todo me bato  
Tambem tocaes de tronchudo.

Pareceis seguro maço  
Nas esporas mui sofrido :  
Pareceis mui grande inchaço  
Que nasceo a esse passo  
Desse braço  
De que anda mal-sentido.  
Pareceis de Lombardia ,  
Posto que sejaes de Grecia.  
Pareceis Sera Nysia  
Creada na Ucharia.

Pareceis mais de septenta  
Cousas posto no gibão ,  
E cahis no Horisão  
De hum grão Fardo de Pimenta:  
Monje çujo d'Alcobaça ,  
Patriarcha de Venesa ,  
Pareceis de Sua Altesa  
Ancho Porteiro de Maça.

Grão Lavoir se vos perde  
Por que vai em tal ensejo  
Vosso cú de verde a verde :  
Como o Tejo.  
His cobrindo toda a ponte ,  
As lisiras não desfaço  
Os lombos de monte a monte  
Sem parecer espinhaço.

Pareceis Moura alfançada  
 Que adevinha pela mão;  
 Pareceis Buça exallada  
 Do Levante no Verão.  
 De traz de São Nicolau  
     Em alto grau  
 Vos vi eu n'humta alta dança,  
 Co'essa pança mui attento,  
 E o som hera de vento  
     E a merdança.

Vi-vos na Feira d'Envez  
 A tanger mui grandes trompas,  
 E vivos ser d'um convez  
 De Cadudeira a duas bombas.  
 Gran São João Barba de ouro,  
 Barroxa, Senhor da Serra,  
 Pareceis filho de Touro,  
 E de Vacca d'Inglaterra.

Não sois carne, nem sois Peixe,  
 Menos proveito, nem damno,  
 Se não mala, ou Atmosfreixe  
     De Soberano.  
 Sois o numero de cento  
 Sem minguar hum so seitil,  
 Sois B Grego, tamboril  
 Ou Crasta desse Convento.

Todas estas cousas sāo,  
 Não queiraes al entender,  
 Senão que aperteis a mão  
     Ao comer!  
 Porque vos bis a perder.  
 Tirai-vos de tanto vicio  
 Ilhargas, banhas de Atum  
 Fazendo algum exercicio  
 Pela manhã em jejum.

E quando fordes jantar  
 Carrilhos frescos d'empada,  
 Será vosso começar  
 Em vara d'Irlanda assada.

E depois no acabar  
Por vacuar  
A freima toda no fundo,  
Huma posperna do Mundo  
Comereis para atestar.

E por cear levemente  
Para entrardes em feição  
Hum berneo cosido quente  
Comereis alto Serão.  
E deveis-vos de guardar  
De saltar, e andar contento.  
Porque vos pode quebrar  
A linha do fransimento.

E depois de bem cumprida  
Esta receita que digo  
Ficarei tão vosso amigo  
Como sam da minha vida;  
Mas nam ja para callar  
O que sinto dessa graça,  
Que tendes de Fateiraça  
Com que estou para estalar.

Quanto mais contemplo, cuido  
Em vossa feição, e talbo  
Pareceis-me Santo Entrudo  
De parto de hum grão Chocalho:  
Pareceis por Aravia  
Grande Couvão de Vesugos,  
Asado de confraria  
Posto em saia de verdugos.

Cancionciero.

Nesta composição ha bastante pilheria satyrica; mas pecca por demasiada longura, que se faz sentir mais porque duas, ou tres idéas se reproduzem de diferente modo até á saciedade. Interessa não obstante isso por algumas alusões de costumes, e porque nos dá a medida da civilisação dos nossos Avoengos, e da polidez dos nossos fidalgos naquelle seculo da nossa gloria. Não tem seu chiste rir a urbanidade com que um amige, gracejando com outro, lhe cha-

mava bebado, odre, filho de Touro, e Vacas, Bahns d'Atum, e outras quejandas galanterias da Ribreira nova, e que o mesmo a quem estas finezas eram dirigidas lhe desse lugar no seu Cancioneiro! à vista desta amenidade de custumes ainda nos admiramos de què alguns Portuguezes na India cozessem Mouros nas vélas para os deitar ao mar; e que outros, em expugnações de Cidades, cortassem orelhas, e mãos de mulheres para mais depreça se apoderarem dos brincos, e anneis, que traziam! que os nossos Historiadores refiram factos desta natureza, sem expressão alguma de horror, e de indignação! e que o nosso devoto Barros argumente para provar que é acção legitima espoliar da terra, e fazenda aos Gentios, Mahometanos, Scismaticos, e Herejes, por que a propriedade só competia aos que se conservavam no gremio da Igreja Catholica!

---

## CAPITULO XIX.

### *Fernão da Silveira.*

---

**E**STE Poeta é um daquelles que maior numero de poesias forneceram ao Cancioneiro, e essas poesias sam das melhores, que ali se encontram.

A Cidade de Evora foi o lugar do seu nascimento, e seu Pai, que se chamava Francisco da Silveira, era um fidalgo de antiga linhagem, de que tomou principio a casa dos Condes de Sarzedas, e foi Cavalleiro da Ordem Militar de Christo, Oaudel Mór do Reino, Escrivão da Puridade, e Regedor da Casa da Supplicação.

Já se vê que por sua nobreza, pela educação scientifica, que seu Pai lhe fez dar, e pelas suas qualidades pessoaes Fernão da Silveira estava no caso de

aspirar a tudo ; abraçando a vida militar, deu provas exuberantes do seu valor, e capacidade, tanto nas guerras da Africa, como da Asia ; voltou no fim de alguns annos a Portugal, em 1627, onde em premio dos seus serviços sucedeu a seu Pai no emprego de Caudel Mór, um dos mais importantes da Corte.

Privou muito com o Monarca, e por morte deste, ficando a Rainha D. Catharina nomeada Regente do Reino, esta Senhora se aproveitou muitas vezes da prudencia, e bons conselhos de Fernão da Silveira, consultando com elle os negocios mais importantes do Estado.

Cançado em fim da vida da corte, e do enfadamento dos cargos publicos, tomou o accordo de retirar-se para a sua casa, a gozar daquelle descanso que pedia a sua idade avançada.

Passou pois o resto dos seus dias em Evora, entregue ás delicias de um ocio tranquillo, e ao cultivo da poesia, que tinha amado desde a adolescencia, até que terminou a existencia em 1669, isto é, no mesmo anno em que Luiz de Camões, depois da sua longa perigrinacao pelo Oriente, desembarcou em Lisboa, trazendo, na sua malla as suas esperanças, e o seu Poema, para em premio delle, e de tantos serviços, ter sómente o morrer de fome, e uma sepultura por esmólia na Igreja de Santa Anna !

Além das poesias incluidas no Cancioneiro de Resende, debaixo do seu nome, ou do titulo de Caudel Mór, deixou Fernão da Silveira uma Collecção manuscrita de varias obras, com o titulo de — Poemas de Fernão da Silveira, Senhor de Sarzedas, dedicadas ao Príncipe D. João.

Esta Collecção de Poesias bunea foi publicada pela imprensa ; e Diogo Barbosa Machado affirma, na sua Bibliotheca Lusitana, que ella existia no seu tempo depositada na livraria do Duque de Lafões, em um grande Volume de formato de folio ; existirá ainda hoje ali ?

Para comprovar o grande apreço, que na corte se fazia das poesias do Caudel Mór, bastará referir aqui a carta que o Príncipe D. João, Filho d'El-Rei D. João III., endereçou ao Poeta, pedindo-lhe copia

das suas obras, e que vem transcrita na Bibliotheca Lusitana.

« Fernão da Silveira, Eu o Principe vos envio muito saudar. Porque receberei grande contentamento com ver todas as Obras, que tendes feito, vos recomendando muito que me queiraes enviar o Traslado delas, e não deixeis algumas de que mo não emvieis; e quanto mais em breve o fizerdes, tanto maior prazer receberei, e tanto mais vo-lo agradecerei. Escripta em Almeirim em 4 de Março de 1551. — Principe. »

Esta carta é grandemente honrosa, tanto para o Principe, que a fez escrever, como para Fernão da Silveira, a quem foi dirigida, pois se prova que este gozava de grande fama, e reputação como Poeta, como na verdade passava; prova igualmente que o Principe D. João não só havia recebido uma educação esmerada, e litteraria, porque sem isso não pedira com tanta efficacia, e dando tanta preça, a remeça da copia de poesias, porque nada ha mais verdadeiro do que a sentença de Camões

Quem quem não sabe a arte não a estima.

mas que naturalmente affeigoado aos desemfadamentos honestos, preferia a leitura a outros passatempos, que de ordinario destrahem os Principes, e ás vezes com prejuizo de sua saude, ou pelo menos fazendo-lhe contrabir um certo habito de dissipação, e de repugnancia para todo o trabalho de reflexão, que se torna tão necessário a todos aquelles que tem o officio de reinar.

Para dar aos Leitores alguma idéa do estylo deste Poeta, transcreverei algumas das Coplas dirigidas a seu Sobrinho Garcia de Mello, dando-lhe alguns conselhos, e instruções sobre o modo porque devia trajar, e portar-se para ser bem visto no Paço, por ellas conheceremos as principaes bases da galhardia cortezã, e dos usos daquelle tempo, que facilmente se não deparam em outros documentos.

## COPLAS.

Duas cousas que não callo  
 Ha no Paço, que seguir,  
 Huma he saber bem vestir,  
 E a outra saber tractalo.  
 As quaes ponho por escripto  
 Em estilo verdadeiro  
 E fallo logo primeiro  
 No vestir ja sobredito.

Capatos de Basilea  
 Pontilhas sobre lo mole,  
 As calsas tirem do fole  
 Roscadas como á Hebreia,  
 Traga mas de marear  
 Forradas de Irlanda parda  
 Cá cousa he que muito alarda  
 Para gran bamborrear.

Quem trouver cotta de Hollanda  
 Camiza trazer não cure;  
 Menores porem ature  
 Porque não prendam a banda.  
 O Gríbão de qualquer panno  
 Na barriga bem folgado  
 Dos peitos tão agastado  
 Que seu dono traga ufano.

De pellote se guarneça  
 Pouco menos do artelho,  
 Seja de branco, e vermelho,  
 Que sam cores de cabeça  
 Pardilho deve mantão  
 Sobre elle trazer coberto,  
 Pelas Ilhargas aberto,  
 Ventaes pelo cabeção.

De trazer caraminhola  
 Não menos de tres batalhas,  
 Tão fina, que tome as palhas  
 Como a de Alvaro Meola.

O capello ande no bombro.  
Feito como o do Cintão.  
Traga o cabo em huma mão,  
E na outra hum cocombro.

Luvas de hum só polegar,  
Feitas da pella de Lontra,  
O Gallante que as encontra,  
Não lhe devem escapar.  
Estas taes de meo conselho  
Todavia havelas ha,  
E item mais trazerá  
Baluerque em hum joelho.

Traga cincta de verdugo,  
Pegada com capagorja;  
Cá tal por saber que forja  
Hum valente patalugo  
De grandes bogalhos traga  
Ao pescoço hum bom ramal,  
Porque escusa assi firmal,  
E a bolsa não se estraga.

O que for assim aposto  
Não he galante de borra;  
Nem Deos queira que se corra,  
Pero the corram de rosto.  
E alguns sam ja conhecidos  
E poder-se-hão nomear,  
Que trazem por pastejar,  
Motejar dos hem vestidos.

Pero quem for ao Verão  
Pelo modo dicto, em cima  
A poupar alto lhe rima.  
Qu ás Damas dar a mão.  
E fallar fagueiramente  
Aos outros de ao redor,  
E se ouvirmos a ooh Sior.  
Accordar mui rijamente.

Na outra parte segunda  
Pois ja deo sum a primeira

Sobrinho, n'esta maneira  
A tensão minha se fonda,  
Para o Pago de Pratlar  
Estas Manhãs só requerem,  
E nos a que ellas couberem  
Na Corte sam de prestar.

Hé mui bom ser alterado,  
E ser grão despresadão;  
E hé bom ser Rivaldo  
Mas melhor ser desbotado.  
Outro assim hé bom de usano  
Em todo o caso picar;  
Mas melhor hé ja gabar,  
E mentir de mano a mano.

Hé mui bom buscar punbadas,  
E meter nisso parceiro,  
Mas não ser o dianteiro  
Por resguardo das queixadas.  
Aos arruidos da Villa  
A accodir ser mui disposto,  
Mas se alguém tiver o rosto,  
Hayer os pes a la fila.

Item manha de louvar  
Hé jogar bem o Malhão,  
E na jogo do Pião  
Louvor se lhe deve dar.  
Nem ser por que mais vos gabe  
Ser grão Pescador de naça,  
Mas jogar a Badalaça  
Em qualquer Galante case.

Sabes bem o Pega-chunus,  
E o Cubre bem jogar,  
Sam dous para mediar  
Gulante contra Fortune,  
Nem saber ja a hum Filho  
Escolher melhor conselho,  
Se não que jogue o Futebol,  
Jaldeta, Cunes, Serilho.

O Poeta depois de nos haver descripto o traje de um peralta do Seculo XV., passa a descrever miudamente as prendas, que deve ter para brilhar na alta Sociedade Aristocratica; e entre essas, não causará pequeno assombro á maior parte dos Leitores o vêr mencionada a prestança no Jogo da Malha, do Pião, da Cunca, e do Fitolbo, que hoje sam propriedade exclusiva dos Garotos, dos Rapazes, e dos Frequentadores das Tabernas, e das Hortas de Chelas, e de Arroios. Não deixa de ser útil o considerar estas alterações, e mudanças dos usos, e costumes de uma Nação. Um Poeta moderno tractando de semelhante assumpto não deixaria de nomear o *Ecarté*, o *Volta-rete*, a *Ronda*, e outros que andam agora em moda, mas que talvez daqui a cincuenta annos a moda condenará a divertir a canalha. Quantos Condes, e Marquezes encontrando os rapazes pelas ruas, e praças jogando a *Conca*, e o *Pião* se lembrarão de que taes jogos já serviram de divertimento aos seus illustres avoengos? Continúa o autor.

Quem estas masbas tiver,  
Que ja disse inteiramente,  
Pode haver bem no presente  
Quanto lhe faga mister.  
Cá á se elle deseobrir,  
Qual será a tão sofuday  
Que lhe logo não acuda  
E lhe dê quanto puder?

Mas que digo? saiba, saiba  
Jogar de espada, e broquel,  
Berque dentro no Berdel,  
Come fora delle caiba;  
E se lhe vieste á mão,  
Poder-sebla nelli ter,  
Quem vjudasce a sofrer  
Seu andar sempre longo.

Regalo deve mostrar  
Que não leva em colo duas,  
E que todas coites suas  
Sam mui dignas del prezado.

Item, mais fellar em tudo,  
E aporfiar sem medo,  
E aos olhos hir co' dedo;  
E fingir de mui agudo.

Fellar nos feites da guerra  
As duas partes do dia,  
Esta manha louvaria  
Pois o leva assim a Terra,  
E tomar mais outro si,  
O caso sobre o seu peito;  
Mas na coprusão do feito  
O fazer buscas por hi.

Item, não he manha feia  
Quem achar Dama ao escuro,  
Estar quedo, e mui seguro  
E bradar pola eandeas  
Nem he menos verdadeira  
Do que a outra do Fitelio  
Mostrar ser grão Dominguelho,  
E pagar pela primeira.

Eis aqui outra tão boa,  
Nem menos para notar,  
Sempre o Paço hir demandar  
Entre a Vespa, e a Nos.  
Porque não desacotos  
Com hombradas o pardilho,  
Que assim o fazia o Filho  
Daquelle que Deos perdeu.

Tambem vos quero avisar  
Não vades como patau,  
Si ventura no Serau  
Com Damas vos fez topar.  
De bocca podeis dizer,  
Mas a mão sempre está queda,  
E tocalhe na Moeda  
Se se pode corregir.

E por esta mesma guiza  
Sabe dellas Jodavia,

Que recado se daria  
 A se bem tirar a sisa.  
 E falla-lhe no Outono  
 E nos outros Temporeas  
 Cá com estas cousas taes  
 Podes escapar ao sonno.

Leixo em vossa descrição  
 As que deixo de escrever,  
 Assim como quer diser  
 Lutar pelo Tavascão,  
 Da sacalinha de dentro,  
 Podeis tirar se quizerdes ;  
 E se dormir não poderdes  
 Soccorrei-vos ao Coentro.

Boas sam, gentil Sobrinho,  
 As manbás, não duvideis,  
 E vos me nomeareis  
 Se levaes este caminho :  
 E pois estas as melhores  
 Sam, se as podeis cobrar,  
 Podem-vos todos elamar  
 Hum revolvélias d'amores.

Canc. pag. 19 v.

Um fidalgo, por nome Rui de Sousa, tendo, em consequencia da certa pendencia, sido obrigado a homiciar-se pediu ao Caudel Mór, que lhe tira-se uma Carta de Seguro ; acceptou elle a commissão, e feitas as diligencias necessarias, havendo pago de custas sessenta, e nove réis, lha remetteu acompanhada da seguinte

#### T R O V A .

Séssenta brancos na palma  
 Postos com trez vezes trez,  
 Fez de custas, que me pez,  
 Os quaes já dou por minha alma.  
 Nem quero ter esperança  
 De que Homem vosso mos tragua,  
 Havei vos a segurança,  
 E mau grado a quem ma pagua.

Canc. pag. 28 v.

A seguinte Trova dirigida à uma Dama, é quanto a mim das mais chistosas do genero.

Por que meo mal se dobrasse  
Vos fez Deos formosa tanto,  
Que não sei Sancto tão Sancto,  
Que pecar não dezejasse.

Pelo qual sei que me vejo  
De todo quanto perder,  
Por não ter em meu poder  
Partir-me deste dezajo.

Mas que me esta malfadasse,  
E me traga damno tanto  
Praz-me; pois não sou tão santo  
Que peccar não dezejasse.

A seguinte é delicadamente satyrica.

Pois se foram deacobrir  
Vossos feitos pouco a pouco,  
He qui bom Homem quivir,  
E não ser mouco.

Ouvi-vos chamar Madama,  
Porque amor em vos se cansa:  
E ouvi, que sois tão mansa  
Que qualquer Homem vos toma.

Ouvi-vos mais descobrir  
Por Mother qua sabe pouco;  
E por isso he bom ouvir,  
E não ser mouco.

Canc. pag. 22.

## CAPITULO XX.

### *Alvaro de Brito Pestana.*

**I**gnora-se o anno em que nasceu, e o em que morreu Alvaro de Brito Pestana, um dos Poetas mais antigos, cujas obras se encontram no Cancioneiro. Foi filho de Affonso Rodrigues Alardo, e de Mecia de Brito Pestana, que foi Ama de leite d'El-Rei D. Affonso V., e esta circunstancia basta para indicar que a sua nobreza não era das maiores qualificadas do Reino, posto que não fosse plebeu.

Tambem parece que as suas accções não illustraram muito a sua linhagem, porque havendo seguido a vida militar, a historiia não faz menção de He senão para dizer que entrara na batalla d'Alfarrobeira, em que foi morto o infeliz, e benemerito Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, mas desta circunstancia não saberei dizer se deveria gloriar-se, ou pejorar-se.

As suas Trovas saem por tanto a sua unica recomendação para com a posteridade; mas desgraçadamente algumas delas, dam-nos fraca idéa da sua conducta, e da sua moralidade. Vê-se que era um daquelles muitos individuos que sempre abundam nas cortes, que á semelhança de zangões, produziam com o mel que as abelhas com grande trabalho fariam, isto é, que não cessam de importunar os Reis, pedindo-lhe despachos, e mercês a titulo de serviços, quasi sempre, ou pouco importantes, ou inteiramente fantaticos; e o mais é que de ordinario à força de sollicitações, e importunidades, alcancam, e usurparam as recompensas devidas ao verdadeiro mérito, que fica esquecido, porque não sabe solicitar, e adulgar.

Em umas Trovas se queixa elle amargamente a El-Rei de tres Desembargadores, que julgaram contra elle em uma causa, que lhe intencionava um Vilão, isto é um homem do povo, naturalmente por alguma dívida, pois que outras relações podia haver entre elles? donde pôde collegir-se que este nobre de recente

data, era pagador pouco pontual. Deixemos porém o homem, e passemos a considerar o Poeta.

A sua lingoagem é um pouco mais correta que a do geral dos seus contemporâneos; o mesmo digo dos seus versos, o que prova que tinha ouvido delicado; o seu estylo é grandemente mordaz, as suas graças demasiado pesadas, e direi mesmo grosseiras; a sua satyra não punge, rasga profundamente; e mostra uma astúcie, que nada respeita, como se prova neste Epigramma, ou Trova, dirigida a El-Rei, a quem pedira certa mercê, e que o enviára as Esmolas Môr.

Menos preço desconçola:

A verdade bem se ve,  
Que quem merece mercê  
Não espera por esmola.

As esmolas de Deos sam  
Chamadas espirituas;  
As mercês os Reis as dam  
Por galardam  
Dos serviços temporaes.

Todo este Mundo he de embola:  
Bem está quem em Deos cre,  
Que quem merece mercê  
Não espera por esmola.

Canc. pag. 27.

A doutrina é verdadeira, mas o modo de expô-la, se attendermos à pessoa a quem é dirigido, não pôde evitar a censura de irreverente.

Também não deixa de transpor as raias da moderação, quando queixando-se a El-Rei dos tres Desembargadores, que eram Juizes de um pleito, que trazia com um homem popular, lhe diz

Senhor, João, Pero, Luiz,  
Trez de Vossa Relação,  
O que Deos não quer, nem quis,  
Querem mostrar por rasam,  
Querem salvar um Villão;  
Querem condennar a mim,  
Querem fazer per Latin  
Do não sim, e do sim não.

Canc. pag. 28.

Estou bem certo de que os tres Desembargadores, tão grosseiramente tratados nestes versos, deveram este desaguisado á nobre ousadia de julgarem, conforme o direito, a favor do fraco contra o forte. Todos os que tem bastante conhecimento dos costumes do tempo, sabem que um *Vilão*, que assim eram os homens do povo designados pelo orgulho Aristocrático, não ousaria chamar um fidalgo a Juizo senão em ultimo recurso, e tendo patente a rasão, é o direito por sua parte; e que era mais verosímil que fosse chamado a elle pelo grande Senhor, e sem justiça nenhuma. Foi sem duvida por isso que os Juizes se decidiram a seu favor, com grande escandalo do nobre, que chama á isso querer o que Deos não quer, nem quix, e fater do sim não, e do não sim. Os Grandes naquelle tempo, assentavam que as leis não eram feitas para elles; e porque os sujeitavam a elles, é que deram a D. Pedro I. a alcunha de *Cruel*, e conspiraram tantas vezes contra D. João II.

Em demonstração da violencia das invectivas deste Trovador, citarei a Satyra dirigida por elle contra Pero Dias, Escrivão d'ante o Corregedor da Cidade de Lisboa, que não sabemos porque havia encorrido na sua indignação.

Todos mui calados sejam,  
Por beem ouvir, e rescoitar,  
Como se démem, e varejam  
Hum que eu quero declarar.  
Ente todos memorados  
Do cento dos Escrivães  
Do Civil; Crimé, contados,  
E assim de outros julgados,  
E também Tabeliães.

Entre todos escolhido  
He este, que vos direi;  
Peró Dias he havido  
Por Homem, que merecido  
Tem muito a Deos, é a El-Rei.  
A Deos tem as profundezas  
Onde mora Barrabaz:

La tem casas, e riquezas,  
E tambem humas desezas  
Que partem com Satanaz.

E tem mais huma Herdade,  
Que houve com condicão  
De nunca fallar verdade,  
Nem tambem ao seu Abbade,  
Em nenhuma confissão.  
Tem Oficio na Cosinha,  
Das Caldeiras Mechedor;  
Sobre lombo de Sardinha  
Bebe mais gumo de Vinha  
Do que leva um Tenor.

Tem mais rendas e folgando  
Por Homem de mui bom tento,  
Suas bochechas medrando,  
Oficio de estar soprando  
O fogo d'u dam tormento;  
E he mais aposentador  
De todos os que lá vam:  
Com rosto triste d'amor  
Os recebe pela mam,  
Porque lá tem grão favor.

Os quaes leva como Damas  
Sob color de repousarem,  
Em fogo de vivas chamas  
Lhe ordena barras, e camas,  
Por se milbor aquentarem.  
He disposto Pasteleiro  
Do Archanjo Lucifel;  
De Barzabuth carniceiro,  
Magarefe verdadeiro,  
Grande Mestre de clistel.

Item mais he Triagueiro,  
Dos abismos Boticairo;  
Faz a prova sem Parceiro,  
Dá-vos purga sem dinheiro,  
Que vos he mui gran repairo.  
Nos abismos sempre mora:

Mas vem cá fazer serviço,  
Pelo qual sua alma chora,  
E diz que em muito má hora  
Se meteu no seu Cortiço.

Ja mudou a condição:  
A Deós graças todos demos;  
Convertido de reião,  
Vos escreve o sim por não,  
Assentando falsos termos:  
De roim tem aparelhos,  
O Espírito tem malinos,  
De maçãas do Escaravethos  
Com pimenta de Coelhos  
Vos faz ambar muito fino.

Outras mil composições  
Vos faz desta guiza feitas,  
Tudo passa com rasões  
Por que tem taes condições  
Destes casos mui perfeitas.  
Sabe-vos mui bem o canto,  
Dos erros judiciaes,  
Porque o seu Corpo Santo  
Tem-nos em custume tanto  
Que transpõe seus iguaes.

He vos tam bom Tintureiro  
Que não foi melhor Gabai;  
Por quem lhe dá mais dinheiro  
Faz do preto mui ligero  
Hum mui fino verdegai;  
Quita bem porta travessa,  
E tambem por sacalinha,  
Por quem dinheiro arrevesa.  
Sua mão com grande pressa  
Mette logo huma entrelinha.

Nega sempre a verdade,  
Escreve sempre mentira,  
Porque a condição da Herdade  
Foi assim, e bém se sabe.  
Perguntem Duarte Xira,

## ENSAYO BIOGRÁFICO CRÍTICO.

Perguntam Sebastião,  
 Perguntam Heitor Lampreia,  
 Se he este o Escrivão  
 O mais falso, o mais Ladrão,  
 Que no Mundo se nomea.

Perguntam a seu Cunhado  
 E a todos em geral;  
 Vejam huns Autos d'Amado,  
 Hum Judeo que foi queimado,  
 No Rocio per seo mal;  
 Perguntam a D. João  
 D'Abrantes o nomeado,  
 E ao Conde, seo Irmão,  
 E a quantos aqui são  
 Salvo Fernão Penteado.

Mem Rodrigues me esquecia,  
 Porque não he magoado;  
 Mas pera mui bem seria  
 Perguntar-lhe o que sabia  
 Deste corpo sem pecado.  
 Porque he Homem que dirá  
 Assim Deos em bem me agabe,  
 O que disso saberá.  
 E não no duvidará  
 De dizer-nos o que sabe.

Deos lhe dá por galardão  
 O Inferno para sempre;  
 Pero com tal condição  
 Que elle seja, e outro não,  
 O que as almas tormento;  
 Elle diz-nos que he contente  
 Deste partido aceitar,  
 Pelo qualquer entremendo,  
 Cá andar entre a Gente  
 Começar-se de ensaiar.

Ora leixemos estar  
 O que a Deos tem merecido;  
 Venhamos a declarar  
 O que lhe El Rei deve dar

Pelo ter tão bem servido.  
 Deve-o primeiramente  
 Mandar bem aposentar  
 Na casa de muita Gente.  
 Onde estú seguramente  
 Coar hum gritão, e collar.

A qual casa lhe darão  
 Por tres annos assignados,  
 Porque crie bom carão  
 Na qual bem o servirão  
 Com conservas de privados  
 Este tempo, porque saiba  
 O bem dos attribelados,  
 E porque parte lhe caiba,  
 E goste daq'ella raiva,  
 Que tem os encarcerados.

Delle depois haverão  
 Piedade os Humanos,  
 E da hi o tirarão  
 Com grande voz, e pregão,  
 Que declare seus enganos.  
 Leva-lo-bão passeando  
 Direito por seu caminho,  
 De seu Cabresto tirando  
 A Guia, que foi guiando  
 Onde está o Pelourinho.

E depois que lá chegar,  
 Sem defensa, nem tardança,  
 Per se mais nunca cocar  
 Ati lhe farão leixar  
 Sua dextra mão de lanza,  
 Porque não mate, nem feira  
 Ja mais dos que mortos sain,  
 Em dia de terça feira  
 Se terá esta madeira  
 Porque as Gentes valer, e vêm.

E dari o levarão  
 Com diligencia, e cuidado  
 A parte do Aguado,

E de jero lhe darão  
Huma casa sem telhado,  
Que tem paredes, e cume,  
E está posta em bom chão,  
Na qual nunca fazem lume,  
Por rasão que não defume,  
Mas enxugue os que ali vão.

Si se houver por agravado  
Das condições da pousada,  
Mui prestes seja tornado  
Ao Pelourinho elevado  
A cabega va cortada:  
E feito em quatro partes  
E cinco com a fregura,  
Daram fim-as suas Artes  
Com que elle dega tristura.

A cabega lhe porão  
Encontro a Vendaval.  
À porta da Relação,  
E também o coração  
Com que cuidou tanto mal.  
Seos quartos lhe partirão  
Pelas casas d'u julgarem,  
Por que qualquer Escrivão  
Saiba que tal galardão  
Lhe darão se assim usarem.

Isto tam been merecido  
A dois Reys, que mortos són,  
Sem de quanto tem servido  
Nunca ver, nem ter havido  
Nenhuma satisfação;  
Mas praza ao Rey divino  
Que ponha no coração  
Deste novo Rey benino  
Que de tudo o que fez dino  
Lhe mande dar galardão.

Canc. pag. 280.

Que os Escrivães andaram sempre mal acreditados  
entre nós é coisa sabida, e que estas mesmas Trovas

comprovam. Noto porém, que o Author vomitando injurias, e velipendios, e ás vezes com bastante graça, sobre Pero Dias, e penas diz delle que *jurou de nunca escrever verdade*, é que fazia do siso não, e do não siso; acusações inteiramente vagas, sem citar facto algum particular porque aquelle Escrivão se destinguisse dos Escrivães seus contemporaneos, e se tornasse digno desta animadversão poetica. Não pertendo, nem posso defender Pero Dias; mas lembro que dizendo o Poeta, que elle servira no tempo de dous Reis já mortos, isto é, D. João II., e D. Manoel, e sendo elle Escrivão do Corregedor da Corte; naturalmente o seria nos Processos instaurados a alguns Nobres no reignedo do primeiro daquelles Reis, e que dahi proviesse a má vontade do Illustre Trovador. Quanto ao mecenamento da composição, parecê-me que ella ficará mais perfeita, e mais energica redigida a metade da sua extenção: mas estamos na infancia da arte, e por isso não admira semelhante desfeito, que de certo se não depára no seguinte.

## R I F Á O.

Vossas Burbulhas me comem,  
Bom Christão quasi Baru,  
Sois por quem disse Jesu  
Pesa-me porque fiz Homem.

Sois sem fé, sem compaixão,  
Sois muito mau Pagador,  
Sois mui negro de carão:  
Sois de negra condicção:  
Gracioso sem sabor,  
Sdis galante de palomem  
Cortejão de Barzabu  
Sois por quem disse Jesu  
Pesa-me porque fiz Homem.

Sois hum mui bruto animal.  
Belta quasi Tartaruga;  
Sois hum Corvo nocturnal;  
Sois hum Demônio Infernal;  
Não sei quem de vos não fuja.

Sois damnado Lobishomem;  
Prímo de Isaac Nasu  
Sois por quem disse Jesus.  
Pesa-me porque fiz Homem.

Creio que ninguem esperaria encontrar o Santo nome de Jesus, e certas alusões aos nossos livros sagrados em uma satyra pessoal, e virulenta; mas a opinião, e costumes daquelle seculo parece que longe de desaprovar esta mistura sacrilega do sagrado, e do profano, a tinha por bizarria de espirito, e graça de bom toque; posto que hoje seria considerada como mui grosseira profanação.

## CAPITULO XXI.

### *D. João Manoel.*

**P**ara provar a alta jerarchia deste Poeta, basta dizer que foi filho natural do Bispo da Guarda, D. Frei João Manoel, que tambem era filho natural de El-Rei D. Duarte. O brilhantismo de tão alta ascendencia era nello realçado pelas qualidades pessoeas, e pela sua erudicção, pois era versado em todas as sciencias, que no seu tempo se cultiyavam; e nas cartas que Castaldo Siculo lhe dirigiu, e que andam impressas nas suas obras, temos disso um testemunho não suspeito.

Deu-se muito ao cultivo da Poesia, como era costume das altas personagens do seu tempo, e os seus versos sempre foram bem recebidos, e aceitos na Corte, como obras de quem passava por um dos mais discretos, e engenhosos fidalgos daquella epocha, em que este Reino abundava tem homens de grande capacidade para todas as coisas, e que se distinguiam tanto nas armas, como nas letras.

D. João Manoel acrescentou a gloria da sua libagem com muitos, e valiosos serviços prestados a Portugal; teve exercicio no Paço, onde occupou o distinto lugar de Camareiro Mór d'El-Rei D. Manoel, que todos sabem, que nunca depositou a sua confiança senão em homens de provado merecimento; e aquelle Monarca o teve sempre em grande apreço, como criado fiel, e como parente; por muitas vezes o encarregou de varias, e difficulotas commissões, que desempenhou mui satisfatoriamente; sendo uma dellas o ir a Castella negociar o seu casamento com a Princeza D. Izabel, filha dos Reis Catholicos.

Não consta o anno do nascimento de D. João Manoel, nem o da sua morte.

As suas Poesias ocupam no Cancioneiro de paginas quarenta e oito verso, até cincuenta e sete, paginas cincuenta e nove verso, cento e quarenta e tres verso, cento e quarenta e oito verso, cento e cincuenta e cinco verso, cento cincuenta e nove, cento sessenta e nove, quasi todas elles tractam de assuntos moraes, por exemplo as seguintes Voltas, em que dá regras para viver em paz.

Ouve, vê, e calla,  
Viverás vida folgada,

Tua porta cerrarás,  
Teu vizinho louvarás,  
Quanto podes não farás,  
Quanto sabes não dirás,  
Quanto ouves não crerás  
Se queres viver em paz,

Seis cousas sempre vê  
Quando fallares, te mando,  
De quem fallas, onde, e que,  
E a quem, e como, e quando.

Nunca fies, nem perfies,  
Nem a outro injurias,  
Não estés muito na Praça,  
Nem te rias de quem passa.

Seja teu tudo o que vestes,  
 A Ribaldos não doestes,  
 Nem cavalgarás em Potro,  
 Nem tu Mulher gabelas a outro.

Não cures de ser Pieão,  
 Nem tovar contra rasão,  
 Assim lograráis ter cans  
 Com tuas queixadas sans.

Canc., pag. 51 v.

Na mesma folha do Cancioneiro se depára outra composição de D. João Manoel, que apresenta igual carácter de moralidade.

Nunca vi ante Privados  
 A verdadeita amisade,  
 Nem fallar muita verdade  
 Os em tractos emfrascados.  
 Não serem mui aguardados  
 Dos Gallantes seos Senhores,  
 Nem os muito semsabores  
 Que fossem muito avisados:  
 Nem Homens mais enganados  
 Do que os Príncipes e Reys,  
 Nem serem as mesmas Leys  
 Para grandes, e pequenos;  
 Nem Homens, que tenham menos  
 Que os muito verdadeiros;  
 Nem vi pobres lisongeiros,  
 Senão se sam mal descretos.  
 Nem Homem menos decretos  
 Do que os mais vangloriosos,  
 Nem os muito graciosos  
 Que não sejam maldizentes;  
 Nem vi nunca bons parentes  
 Os da parte da Mulher.  
 Nem Oficio de escrever  
 Mal servido de presentes:  
 Nem Homens menos contentes  
 Que os que tem mui grande Estado.  
 Nem viver desempenhado  
 Quem vergonha ba de pedir:

Nem algum muito bolir,  
 Que fosse muito sisudo:  
 Nem v̄ nunca grande agudo,  
 Que não toqua na doudice,  
 Nem no Mundo mor pequice  
 Que cauar com Mulher fea;  
 Nem Homem que pouco lea,  
 Que seja mui singular;  
 Nem v̄ muito rebolar  
 O ardido Cavalleiro:  
 Nem mais certo Alcoviteiro  
 Do que o Physico Judeo:  
 Nem diligente sandeo.  
 Que não damne quando serve:  
 Nem v̄ Homem muito leve  
 Que se não queira vender:  
 Nem Homem menos sabet  
 Que os que presumem que muito.  
 Nem mor deudice que lucte  
 Mais de trez meser trazer.  
 Nem a dois negocios ter  
 Que ambos se não perdessem.  
 Nem troves, que se escrevessem  
 Assim como faram feitas:  
 Nem melhor cousa que peitas  
 Para ser bem despachado.  
 Nem Homem mui esmerado  
 Que fosse muito Galante.  
 Nem algum Corpo gigante  
 De Gigante coração.  
 Nem serviço de Villão  
 Que folgueis ter acceptado:  
 Nem Sancto canonizado  
 Que fosse gran Cagador:  
 Nem algum brassamador  
 Que morresse d'entrevado.  
 Nem Rey por outrem mandado  
 Que dos seps fosse bem quisto;  
 Nem bum mais certo Anti-Christo  
 Do que o Velho vingativo:  
 Nem Imperador altivo  
 Mais do que o Villão honrado;

Nem viver mui descansado  
 O que tem Mulher garrida:  
 Nem no mundo melhor vida  
 Que a do Crasto, ou a do Estudo:  
 Nem quem quer fallar em tudo  
 Que saiba fallar em parte:  
 Nem no Mundo melhor arte  
 Que a que ensina a bem viver:  
 Nem outro melhor prazer  
 Que experimentar amigo.  
 Nem outro maior perigo  
 Que pousar com Moucarões,  
 Nem vi mais certas razões  
 Que de Escudeiro d'alem.  
 Nem Senhor, que salte bem,  
 Que não seja mui amado:  
 Nem vi Príncipe louvado  
 Que não fosse liberal:  
 Nem no Reino maior mal  
 Que maos Desembargadores:  
 Nem esmerados Cantores  
 Serem sempre de hum Senhor:  
 Nem vi nescio Trovador  
 Nem Sandeo mal rasoado  
 Nem Judeo mui literado,  
 Nem Mouro mui verdadeiro.

Aqui se vê o quanto o espirito de partido, e os odios religiosos podem cegar os homens, e torna-los injustos. Para um Portuguez do Seculo XV., um Mouro, ou um Judeo não podia ser senão um animal bruto, e feroz, sem fé, sem lei, sem virtudes, unicamente por que não eram Christãos. Quanto aos Mouros ha mil factos referidos pelos Historiadores Hespanhoes, e Portuguezes, que provam o espirito cavalheiro, e a generosidade, e virtudes de muitos. A Historia da dominacão dos Arabes na Hespanha, por D. José Antonio Conde, mostra a que ponto de perfeição elles haviam chegado nas artes, nas sciencias, e nas letras: a Bibliotheca do Escorial está cheia de preciosos manuscriptos Arabes, afóra muitos, que ali foram consumidos em um incendio.

Quanto a não haver Judeo que fosse literado, como diz o Poeta, isso só prova a sua ignorancia, ou má fé; pois os Judeos eram o povo mais instruido desses tempos remotos, como se prova pela multidão de livros, que delles existem. Elles eram então os melhores, e em muitas partes, os unicos Physicos, Medicos, Cirurgiões, e Pharmaceuticos. Leiam-se as Cartas de Privilegios dos Boticarios, e se verá com que grandes partidos foram chamados de Ceuta para se estabelecerem neste Reino os Facultativos Judeos, e Mouros, visto que não havia em Portugal quem soubesse exercer aquella arte indispensavel. É necessario sermos justos com todos. Continuemos a transcrever o Poema de D. João Manoel.

Nem ter somma de dinheiro  
 A nenhum grande Alchimista;  
 Nem Homem de pouca vista  
 Que isto queira confessar;  
 Nem Dama muito chilar  
 Que rejeite os Servidores:  
 Nem morrer Homem d'amores  
 Se não depois de Casado:  
 Nem outro maior cuidado  
 Do que o que a suspeita dá:  
 Nem vi condicção tão má  
 Como he a dos invejosos,  
 Nem Homens mui rigorosos  
 Que não caiam em desordem:  
 Nem Bestas que mais engordem  
 Que as que sofrem as esporas.  
 Nem mui altivas Senhoras  
 Senão doidas claramente,  
 Nem outra mais douda gente  
 Que a do Monte, e estribeira;  
 Nem alguma Alcoviteira  
 Que não seja mentirosa;  
 Nem alguém na Graciosa,  
 Que desse Assucar rosado;  
 Nem Mulher de Homem privado,  
 Que seja pouco pomposa:  
 Nem cousa mais vergonhosa

Que quem faz o que reprende ;  
 Nem hem Velho que se emende  
 De vicio habituado ;  
 Nem Homem mais aviltado  
 Que o que algumas vezes mente ;  
 Nem neste Mundo excellente  
 Cousa mais que a boa fama ;  
 Nem amizade de Dama  
 Que dure bons quinze dias ;  
 Nem sustedor de porfias  
 Senão desarasoado ,  
 Nem Homem mais esforçado  
 Que o vencedor da vontade ;  
 Nem visitar a bom Frade  
 As Donas sempre da Villa ;  
 Nem Carybides , nem Scilla  
 Perigosas mais que o Paço :  
 Nem d'alma mor embaraço  
 Do que o desta honra negra :  
 Nem outra mais linda Regra  
 Que a Regra de São Bernardo :  
 Nem Homem que , sendo sardo ,  
 Não fosse malicioso :  
 Nem rico mui engenhoso ,  
 Que lhe não custasse caro ,  
 Nem vi Homem mui avaro  
 Senão cheio de limpeza ;  
 Nem outra maior simپresa  
 Que vangloria de virtude ;  
 Nem nos vencidos saude  
 Sinão não na esperar ,  
 Nem vi Bispo visitar  
 Como deve o seo Bispado ;  
 Nem vi Beneficiado  
 Sem coroa , ou simonia ;  
 Nem outra mor ousadia  
 Que deixar aqueste Mundo ,  
 Por não cahir no profundo  
 Inferno em alegria.      *Canc. pag. 61.*

Sem embargo de alguma monotonia inevitável em  
 um assunto por esta maneira traetado ; de algumas

incorrecções de linguagem; parece-me que esta peça poetica está escripta com grande vigor, abunda em verdades, e idéas atrevidas, e energicamente expressadas, por exemplo

Nunca vi entre privados  
A verdadeira amizade.

Nem Homens mais enganados  
Do que os Príncipes, e Reys.

Nem Rey por outrem mandado  
Que dos seos fosse bemquisto.

Nem sam menos verdadeiras, nem menos bem expressadas as seguintes maximas

Nem viver mais desgraçado  
Que quem tem Mulher garrida.

Nem no Reyno maior mal  
Que maos Desembargadores.

Nem Dama muito chilrar  
Que regeite Servidores.

Nem visitar a bom Frade  
As Donas sempre da Villa.

Tão mau conceito se fazia já naquelle tempo da demasiada frequencia dos Frades com as Mulheres; o author não contente com esta setta disparada contra as prevaricações dos Regulares, dispara logo outra contra o desleixo das Authoridades Ecclesiasticas, Seculares, e acrescenta

Nem vi Bispos visitar  
Como devem, seos Bispados.

E sendo esta uma restricta obrigação canonica dasquelles Prelados superiores, já se vê o quanto a censura é puggente, e ao mesmo tempo mostra quão pouco o Clero, naquelle epocha, era exacto no cumprir

mento das suas obrigações, e quão pouco exemplar se havia tornado.

D. João Manoel também às vezes abandona os assuntos morais, para tratar assuntos eróticos, como se vê da seguinte

#### CANTIGA.

Não pode triste viver  
Quem a esperança deixar;  
Nem ha no Mundo prazer  
Igual a desesperar

A esperança cumprida  
Bem vedes quão pouco dura,  
He dufa sempre a tristura  
Antes, e depois da vida.

Quem esperança tomar  
Sempre tristeza hade ter,  
Quem quizer ledo viver  
Saiba-se desesperar.

*Canc., pag. 52.*

## CAPITULO XXII.

### *Luis Henrique.*

**A**lgumas vezes os Poetas do Cancioneiro, em lugar das antigas Coplas, e Redondilhas, apresentam composições em Estanças de verso de arte maior, no gosto daquellas em que *D. Alonso el Sabio*, escreveu os seus Poemas do *Thesouro*, e das *Querellas*; e João de Mena, o Ennio dos Castelhanos, no seu famoso Poema do Labyrintho, que ainda hoje, apesar da rudeza da sua linguagem, e metro, é estimado dos nossos vizinhos pela valentia, e originalidade dos pensamentos, e a força do colorido, e da expressão.

A raridade deste metro entre os nossos Trovadores faz crer, que elle havia sido recentemente introduzido

na lingua Portugueza; assim como o haviam sido na Castelhana na proximidade do reinado de Affonso, o Sabio, e como em nenhumas das duas linguas se acaba documento algum escripto nestes versos e Coplas em tempos anteriores, senão o fragmento do Poema da Cava de que acima fallámos, parece-me que esta circunstancia, e a linguagem em que está escripto esse fragmento nos autorisa a pensar, que nem é coevo da invasão Mahometana na Hespanha, como affirma Faria e Sousa, nem muito anterior ao reinado de D. Affonso Henriques, como o pertende Bouterweek.

Entre os Poetas, que adoptaram estas Estanças d'arte maior, distingue-se muito Luiz Henriques, fidalgo da casa do Duque de Bragança D. Jaime, a quem foi muito aceito, por sua lealdade, talento, valor, e a quem acompanhou na expedição que aquelle Príncipe commandou, e desempenhou felizmente conquistando em poucos dias de cerco a Cidade de Azamor, uma das mais ricas, e negociosas, que os Mouros possuiam na Mauritania.

Esta expedição teve logar por ordem d'El Rei D. Manoel; e a armada se fez de vela, sahindo do Porto de Lisboa em 15 d'Agosto de 1513. O Bispo Jeronymo Osorio na sua elegante Historia de *Rebus Emmanuelis* conta largamente todas as circumstâncias, e successos desta expedição, e gloriosa conquista daquella interessante Praça.

Luiz Henriques, quiz tecer um elogio a seu amo, e em parte lisongear o seu amor proprio, celebrando uma façanha em que tivera parte. Mas em logar de limitar-se, como os seus contemporaneos, a algumas Redondilhas de pé quebrado, tomou o vdo mais alto, e compoz um Poemeto mais estenso, que annunciaava, que a Musa Epica em breve teria de illustrar a nossa Patria.

### A CONQUISTA DE AZAMOR,

#### POEMETO.

A quinze de Agosto de trez, e quinhentos  
Da era de Christo, nosso Redemptor,

Do que se passava estai mui attentos  
 No dia da Madre do mesmo Senhor;  
 O Duqne excellente, nosso Gujador,  
 Dom Jaime da Casa da antiga Bragança  
 De Gente levando mui grande pujança,  
 Geral Cappitão partio vencedor.

Nom peço favor, que possa contar  
 O que se passou na Sancta viagem,  
 Nem menos ajuda me apraz invocar  
 As antigas Musas, e á sua linhagem,  
 Mas só á Senhora, que ha feito menagem  
 De Virgem humilde, por onde foi Madre,  
 Que ella me alcance a graça do Padre  
 Pois que foi por dina de summa mensagem.

Partiu com a graça do que triunphantemente  
 Na arbor da Cruz, alcançou victoria,  
 Por mando do Rey, que vai imperando,  
 Por gran vencimento d'eterna memoria:  
 Os Reys Persianos mui dignos de gloria,  
 Da India, d'Arabia, tambem d'Ethiopia,  
 E outros que fazem em summa gran copia,  
 Lhe saram tributarios por fama notoria.

Cresce o seo mando, seos Reynos alarga,  
 Por seos Cappitães na Gente infiel,  
 O gran poderio dos Mouros embarga.  
 Em grão quantidade per guerra cruel;  
 Oh mui Serenissimo Rey Manoel,  
 A esphera, que trazes será triumphante  
 Se com tuas Gentes passares avante  
 Ganbando a Casa, que foi d'Israel.

Volvamos a falla ao gran Godufré?  
 De aqueste gran Carlos direi as façanhas?  
 Não menos o esforço do gran Josué  
 Em suas victorias, grandezas tamanhas?  
 Pois nunca de Roma se vio nem Hespanhas  
 Tão gran Cappitão, nem mais esforgado,  
 De Reys infinitos parente chegado,  
 Dotado de grandes virtudes, e manhas.

No dia da Festa da Santa Assumpção  
 Partiu de Lisboa com toda sa frota,  
 Muito approntada com tal perfeição,  
 Qual outra não vimos, nem livros se nota,  
 Assim todos juntos seguiriam derrota  
 Juntando-se em Faro a nobre Campanha  
 De Condes, Fidalgos mais nobres de Hespanha  
 Aonde seguiriam toda a alma devota.

Levando consigo a bandeira Real  
 Que nunca vencida se pode dizer,  
 Pois he invencivel aquelle signal,  
 Tomado das Chagas, que quiz padecer  
 O Summo Bem Noso com muitos marteiros  
 Para que salvasse o Mundo perdido,  
 Tambem significa os trinta dinheiros  
 Polo cujo preço foi Christo vendido.

Depois de chegados, e todos surgidos,  
 Quando viu o tempo ser conveniente,  
 Senhores, Fidalgos foram requeridos  
 Que a elle se fossem todos juntamente.  
 Eis que congregados com elle presentes,  
 Lhe fez huma falla de tanto primor,  
 E como daquelle que iam gran favor.  
 Ajuda, subsidio do mais eloquente.

Aonde por elle lhe foi declarado  
 Toda a intenção d'El Rey seo Senhor,  
 Que foi invia-los sobre Azamor.  
 Pola sa maldade, e erro passado.  
 E a todos pedio que de amor, e grado  
 Quizessem essa outra vontade, nem zelo,  
 Em sua tomada tão bem eomite-lo  
 Pera que elle sempre lhe fosse obrigado.

Polo que depoia de ter esperança  
 Em nosso Senhor de lhe dar victoria,  
 Em elles levava toda a confiança  
 Pera todo feito tão digno de gloria:  
 E que lhe pedia que houvessem memoria  
 Das cousas de Roma quando prosperava,

Em quanta maneira a ley se guardava  
Segundo se nota na sua Historia.

Com Romulo, e Remo tambem alegando  
De quando se aquella Cidade fundou,  
A pena que houve, porque quebrantou  
A lei que foi posta em se comezando.  
E que lhe pedia que nunca desmando,  
A guerra durante, em elles houvesse:  
Mas que obedecessem ao que elle quizesse,  
E que elle sempre seria a seo mando.

Com doces palavras, formadas de amor,  
Com mui animoso desejo, e vontade,  
Com mil cortezias, com grande favor,  
Com humas entranhas de pura verdade  
Assim os provoca com tal mansidate,  
Que todos respondem, dizendo « Senhor !  
» O nosso desejo he muito maior,  
» Do que nos pedis em grão cantidade ! »

Ouvindo palavras tão bem razoadas,  
Ficou de contente a tão satisfeito,  
Dessas Senhorias a tão estimadas,  
Que o por fazer estimou por feito:  
Dizendo que sempre seria subjeito  
Fazendo por todos como bem veriam  
Que d'hi em diante elles conheceriam  
As suas palavras ficar com effeito.

Heram quatrocentas as velas da Armada,  
Sobre cincuenta, sem huma faltar,  
Foi uma das cousas mais para notar.  
Que vimos, nem vio a Gente passada.  
Tão posta em ponto, tão aparelhada  
De todas las cousas, que se requeriam,  
E d'artilharia tambem emparsada,  
Que nada faltava segundo diziam.

Partimos em ponto sem mais esperar,  
Depois desta falla assim acabada,  
E em poucos dias podemos chegar  
À bocca do Rio da Cidade honrada.

E porque a Terra estava cerrada  
 E hera perigosa hum pouco de entrar,  
 Hovemos conselho com detreminar  
 Que em Marzagão fosse a Terra tomada.

Achamos o Porto quieto, seguro,  
 A frota mui junta se poz bem em terra,  
 Mui bem concertada em acto de guerra,  
 Com grande recado, conselho maduro.  
 No dia seguinte depois do escuro  
 Haver já passado, e o Sol ser sahido,  
 Sahio toda a Gente, mais forte que muro,  
 De esforço guarnida, sem nada fngido.

Com muita prudencia, esforço, cuidado,  
 O Duque ordenou sentar arraial,  
 E mais trabalhando do que Annibal  
 Quando houve os Alpes de todo passado.  
 Poz suas Estancias com tanto recado,  
 E seos Cappitães em tanto concerto,  
 Que nunca entre elles houve desconcerto,  
 Nem cousa que fosse a contra seo grado.

Aonde tres dias lhe approve de estar,  
 Ainda que à toda Mourama pezasse,  
 Pera que de todos se cre-se, e notasse  
 Que não hera Gente de más estimar.  
 Que com seo serviço podia domar  
 Mais do que perdeu El Rey Don Rodrigo,  
 E mais que levava tal Gente comsigo  
 Com a qual podia gran terra ganhar.

E veio de Tite a lhe obedecer  
 O Principal Mouro, que nella havia,  
 Pedindo que paz lhe approvesse fazer  
 Com a gente toda que nella vivia,  
 E foi a fesposta dessa Senhoria  
 Que a elle so hera sua Casa segura !  
 O Mouro escutando resposta tão dura,  
 Ficou tão cortado, que mais não podia.

E pelo qual logo sem dar mais vagar,  
 O Gentil de Tite foi despovoado,

De medo cortadas deixaram logar,  
Ate ser por pazes a elle tornado:  
Cá viram seo feito hir tão bem parado  
Que desesperaram de bem esperar,  
Seria Mafoma bem pouco louvado  
Pois nelle soccorro se não pude achar.

Foi entre os Mouros tamанho o encontro  
Por ver o que nunca cuidaram de ver,  
Que nenhum Christão podiam fazer  
Antre elles demora de tanto quebranto.  
E foram cortados com tanto espanto,  
Segundo por obra foi certificado,  
Nas forças, e esforço em tudo quebrado  
Que de seo desmaio não sei dizer tanto.

Em o quarto dia o Duque mandou  
Sessenta Navios com artilharia;  
Que entrassem no Rio lhes encomendou,  
Porque elle partia em o mesmo dia.  
Os quaes Deos aptrouve levar em tal via,  
Que todos entraram sem contradição,  
Queimando aparelhos, que Muley Zião  
Com mil canigadas por fogo queria,

Em o dia mesmo, que hera primeiro  
Do Mez de Septembro da Era presente,  
Partiu o gran Cesar com toda sa gente  
Levando concerto de gentil Guerreiro:  
Ordena batalhas, andando fragueiro,  
Correndo-as todas mil vezes n'hum ponto  
Mostrando-se a todos ser mais companheiro,  
Que Principe Grande, como he, e vos conto.

Chegados já tarde áquella Cidade,  
Porque não podia ser d'outra maneira,  
A qual nos achamos, fallando verdade,  
De muros, e torres mui forte, e guerreira.  
Sabiram hums Mouros á porta primeira  
C'uns poucos dos nossos a escaramuçar,  
De volta com elles lhe foram matar  
Alguns Cavalleiros da sua bandeira.

Isto acabado, á noite na mão  
 Sentou-se arraial ao longo do Rio,  
 Estancias postas já bem de Serão  
 Escutiar lansadas sem outro desvio.  
 O Duque prevendo em seo Senhorio  
 Como a quem tanto no caso lhe hia,  
 A todalas partes mui rijo provia  
 Como a quem corre de noite seo fio.

Toda aquella noite alguem a dormiu  
 Com grande trabalho sem mais repousar;  
 O Somno, a Perguiça de todos fugiu:  
 A Artilheria se poz no logar,  
 De d'onde o combate se havia de dar,  
 No tempo, e hora que fosse ordenado:  
 Seria do dia o meio passado  
 E alem huma hora depois de se dar.

Dahi a pedaço não muito tardou  
 Que logo ao Duque recado não veio  
 Que estava o Campo de Mouros tão cheio,  
 Que dos de Cavallo dez mil se apodou;  
 Naquelle momento que se isto contou,  
 Ordenou o Duque seu outro debate,  
 Que hums começassem de dar o combate  
 E elle c'os mais aos Mouros passou.

Começa a Cidade tão bem combater  
 Com muito esforço, com tal preça dar,  
 Que em pouca de hora se poude bem crer  
 Dos Mouros de dentro ser grande pesar.  
 A Artilheria começa a jogar;  
 As mantas, e bancos não muito tardavam  
 Às Gentes das portas, que os astros picavam,  
 Que hums aos outros não davam vagar.

Deu-se este combate mui dero, e anui forte,  
 Gastando-se o muro por tiros mui grossos,  
 Tanto que os Mouros se tinham nos muros,  
 Julgando que tinham dahi peito sorte,  
 A Cid Almamor ali prendeu Morte,  
 Antre elles preso, e Senhor de lansas;

E viram os Mouros perder esperanças,  
Nem haver entre elles hum tal que os conforte.

Por morte daquelle a todos quebraram  
Os seos corações, sua fortaleza,  
E logo em ponto se determinaram  
Leixar a Cidade de muita fraqueza,  
O Duque esfogado com grande ardileza  
Começa sua gente mui bem de ordenar,  
Como aquelle, que espera de dar  
O fim ao seo feito com muita proeza.

Foram as batalhas mui bem concertadas,  
Assim de Cavallo como as de ordenança,  
Já tarde partiram sas forças quebradas  
Os Mouros, que viram aquella mostrança;  
Fizeram na volta com muita trigança,  
Os quaes grande medo levarem se creia;  
Ficamos no Campo the noite ser meia  
Sem os do combate fazerem mudança.

Os Mouros de dentro que viram crescer  
Seo mal, e seo damno sem bem esperar,  
Com grande temor das vidas perder,  
Leixaram Cidade por vidas salvar.  
Fugindo sem tento, sem tal preço dar,  
Que ao sahir da porta muitos se matavam;  
Os Pais pelos filhos se não esperavam,  
Mulher por Marido podia aguardar?

A poz meia noite, (tres horas seriam)  
Ficou a Cidade de todo vazia;  
E hum dos Judeos, que nella viviam,  
Por chorda do muro abaixo descia.  
E ao Senhor Duque a nova trazia  
Para os dessa ley seguro pedindo,  
Foi-lhes outhorgado as novas ouvindo,  
Com outro alvitre, que preço valia.

Sabado seguinte, outo horas do Dia,  
Na grande Cidade o Duque entrou,  
Com grande victoria, que mais não podia,  
Deos seja louvado que assim o guiou.

Pela terra toda sa fama souu,  
E pôs tal espanto com grande terror;  
Por onde Almedina, com muito temor  
De toda sa Gente se despovoou!

Lá foi celebrado o Oficio divino  
Com grande eficacia, e gran devoçao,  
Dando-lhe as graças com tal contrição  
Qual as merecia, ao Verbo divino.  
Oh summo bem nosso! oh hum Deos, e Trino!  
Tu que por ta morte salvar-nos quizeste,  
Concede victoria a quem esta deste  
D'imigos humanos, de Espírito malino!

Este Poema não se recommends nem pela imaginação, nem pela poesia; é uma narração nobre, e clara de um facto notável, com algumas intenções Dramaticas, mas já é não pequena gloria para o author o haver-se afastado da rotina dos seus contemporaneos neste pequeno vagido Epico; a expressão é ás vezes palavrosa, e pouco clara, e o estylo descabe a miudo no prosaismo, e na trivialidade; devemos porém lembrar-nos de que o estylo nobre é o mais dificultoso, e o ultimo que chega á perfeição em todas as línguas.

Devo advertir que a regra praticada pelos poucos Poetas de Hespanha, e Portugal, que fizeram uso destas Estanças de arte maior, é que o primeiro, quarto, quinto, e oitavo verso rymem entre si; que o segundo do primeiro quarteto ryme com o terceiro do mesmo; e o segundo verso do segundo quarteto ryme com o terceiro delle. Assim o observamos nestas Estanças d'El-Rei D. Alonso el Sabio, no seu Poema intitulado *El Tesoro*.

Llegó pues la fama a los mis oídos  
Que en tierra d'Egypto un Sabio vivia  
Que con su saber oí que facia  
Notorios los casos, que no son venidos.  
Los Astros juzgava, y aquestos movidos  
Por disposicion del Cielo fallava  
Las cosas, que el Tiempo futuro occultava,  
Bien que fuessen antes per este entendidos.

Cobdicia del Sabio movió mi afición,  
 Mi pluma, y mi lengua con grand humildad,  
 Prostrada la alteza de mi Magestad,  
 Cá tanto poder tiene una passion.  
 Con rogos le fiz la mi peticion,  
 Y se la mandé con mis mensageros,  
 Averes, facienda, y muchos dineros  
 Assi le ofrecí con santa intencion.

Assim o observamos tambem nesta Estanga; do Laberyntho de João de Mena.

Hicieron las voces al Conde á deshora  
 Volver la su Barca contra las saetas,  
 Y contra las armas de los Mahometas,  
 Cá fué de temor piedad vencedora:  
 Habia Fortuna despuesto la hora,  
 Y como los suyos conviereron d'entrar,  
 La barca con todos se houvo d'anegar  
 De peso tamāño no suspedora.

Porém Luiz Henriques effasta-se ás vezes da regra, e usa das rymas tercendas, o que alevia um tanto a pesada monotonia desta combinação rythmica, que em ultimo resultado, dam as rymas pareadas dos versos franceses. Isto prova que o author tinha um ouvido mais delicado; e este instinto poetico é mui digno de notar-se na epocha da infancia da arte.

## CAPITULO XXIII.

### *D. João de Meneses.*

**D.** João de Ménezes, outra notabilidade poetica daquelles tempos, foi filho de D. Duarte de Meneses, Conde de Vianna, que tantos, e tão assinalados serviços praticou em Africa, combatendo contra os inimigos, á quem o seu nome enchia de terror, e assombro.

Nasceu na Cidade de Lisboa, ignora-se o anno; applicou-se muito ao estudo das Scienças, das Bellas-Artes, e com especialidade á poesia, e o Bispo D. Jeronimo Osorio no livro 9.<sup>o</sup> da sua Historia de *Rebus Emmanuelis* affirma que era insigné neste mister; e esta assertão de homem tão sabio, e que naturalmente tinha delle conhecimento pessoal, é muito honrosa para D. João de Meneses.

Este fidalgo, grandemente estimado na corte, onde foi Mordomo Mór d'El-Rei D. João II., e d'El-Rei D. Manoel, foi o primeiro Conde de Tarouca, e setimo Governador, e Capitão General de Tangere, onde por muitos annos fez grandes serviços nas guerras contra os Mauritânos, defendendo aquellas Fronteiras contra incursões dos Barbaros, e sahindo muitas vezes, como é custume, a dar salto nos seus Adua-nes, fazendo consideraveis presas de gados, e de gente, com que se recollia triunfante, trazendo assim o nome Portuguez mui respeitado, e temido naquelas partes.

D. João de Menezes deixou grande numero de poesias manuscriptas, mas ignora-se o fim que levaram, e como se perderam; restam sómente as que Garcia de Resende conservou nos seu Cancioneiro, que levam grande vantagem ás dos seus contemporaneos, pelo bem torneado dos versos, agudeza de seus pensamentos, belleza de rymas, e graça de expressão.

Para dar autentica alguma idéa do estylo deste Poeta, passo a transcrever algumas das suas poesias, que parecerem mais características da índole do seu talento. Tal é a seguinte Trova, endereçada a Pero de Sousa Ribeiro, a quem o Poeta, estando na antecâmara do Príncipe em companhia de D. João Manoel, e vendo que elle Pero de Sousa, entrava no quarto de Sua Alteza, lhe pediu que dissesse lá que elles estavam ali. Pero de Sousa, da acidentalmente, como é custume dos Autóctons, du por que na verdade lhe esquecesse a recomendação, havendo allegado á presença do Príncipe; não lhe fallou em tal; o que sendo conhecido dos dous fidalgos, D. João de Menezes, em nome de ambos lhe dirigiu estes versos.

Se vos lá dizeis de nos  
O que ca de vós dizemos,  
Rasão he que não entremos.

E direis por não medrar  
Sabemos mui bem fazer  
C'os de dentro não dizer,  
C'os de fóra murmurar.

Se taes somos como a vós,  
Confessamos, conhecemos,  
Que he rasão, que não entremos

Andava na corte uma Dama, por nome D. Guiomar de Menezes, ainda ao que parece aparentada com o author, Senhora de grande belleza, e prendas, a quem o Poeta cortejava, ao passo que ella era também galanteada, e pertendida por outro Cavalleiro, também de illustre linhagem, porque estava revertido da dignidade de Grão Prior do Crato.

A esta Senhora endereçou D. João de Menezes estas trovas, usando nellas de metaphoras tiradas do jogo.

Pois não tenho que perder,  
Nem espero de ganhar,  
Para que quero jogar?

O jogo sempre traz danno  
A quem joga mais verdade,  
O ganho vem por engano,  
Por bulras, e falsidade:  
E de tal enfermidade  
Poucos podem escapar  
Se não deixam de jogar.

O perdido, e o ganhado  
Tudo vai como não deve,  
O que menos dita teve  
Foi melhor aventureado:  
Leva menos emprestado,  
Terá pouco que pagar  
Quando quer que o tornar.

Huma joia preciosa,  
 Cujo hera, que perdi,  
 Sendo falsa, e enganosa,  
 Nunca outra mais senti.  
 Porem nella conheci  
 Que o triste, que a levar,  
 A vida lhe hade custar.

Com mas cartas ma figura  
 Com máos dados ma levou,  
 Ambos temos má ventura:  
 Quem perdeu, e quem ganhou:  
 Eu, porque me ella deixou:  
 O triste que a levar  
 Porque cedo o hade deixar.

Levou-ma, mas não por ter  
 Milhores triumphos, nem mais  
 Com muitos poucos metaes;  
 Com muito menos saber.  
 Senão só por ella ser  
 Tal que nunca pode estar  
 Huma hora sem se mudar.

Nesta composição ha bastante espirito; e o author faz sentir engenhosamente o seu despeito, e ciume, ao mesmo passo que ameaça o seu rival com a sua vingança. Vê-se que quem escreve é um Cortesão costumado a dissimular, e a indicar mais do que a mostrar o enfado para melhor aproveitar o ensejo de satisfazer a sua ruim vontade. Vejamos agora a sua paraphrase do memento, *Homo*.

Lembre-te que hes de terra,  
 E terra te has de tornar;  
 Não queiras por outrem dar  
 A ti mesmo tanta guerra:  
 Perdoa a quem te erra,  
 Se de cima perdão queres  
 Quia in rinerem revertaris.

Não captives teo cuidado  
 Em coussas de não cuidar;

Pois assim hade passar  
O porvir como o passado.  
Olha que hásde ser julgado  
Pelas obras, que fizeras  
Quia in cinerem revertaris.

Terminaremos os extractos das obras deste Poeta com a seguinte Cansão amorosa.

Pois minha triste ventura,  
Nem meu mal não fez mudança,  
Quem me vir ter esperança,  
Cuide que be de mais tristura.

E pois vejo que em morrer  
Levais gloria não pequena;  
Antes não quero viver,  
Que viverdes vos em pena.

Quero triste sepultura:  
Quero fim sem mais tardança;  
Pois nunca tive esperança  
Que não fosse de tristura.

## CAPITULO XXIV.

### *Jorge de Aguiar.*

**A**s notícias que pude alcançar de Jorge d'Aguiar, reduzem-se ao seguinte: nasceu na Cidade de Lisboa, de Pedro de Aguiar, e de Mécia de Sequeira, sua mulher, que foi ama da Princesa D. Joanna, filha d'El Rei D. Afonso V.

Foi Cavalleiro da Ordem Militar de São Thiago da Espada, e Alcaide Mór da Villa de Monforte. Casou com D. Violante de Vasconcellos, Senhora muito illustre, de quem não teve sucessão. Nomeado Capitão de uma Armada, que navegava para os

Estados da India, falleceu durante a viagem no anno de 1508.

Jorge d'Aguiar é um dos Poetas, que maior contingente forneceram para o Cancioneiro de Resende, e se distinguiu pela força das idéas, perfeição metrifica, e sobretudo pela brevidade das composições, merito raro nos escriptores daquelle tempo, que quasi todos peccam pela prolixidade, conto no numero das suas melhores trovas as seguintes dirigidas contra as mulheres.

Esforço meo coração,  
Não te maltes si quiseres,  
Lembre-te que sam Mulheres.

Lembre-te que he por nascer  
Nenhum que não errasse,  
Lembre-te que é seo praser.  
Por bondade, e merecer  
Não vi quem dellas gostasse  
Pois não te des á paixão,  
Toma praser, se quiseres,  
Lembre-te que sam Mulheres.

Descansa, triste, descansa,  
Que seos males sam vinganças,  
Tuas lagrimas amaneas,  
Deixa as suas esperanças!

Ca pois nascem sem razão  
Nunca por ella lhe esperes,  
Lembre-te que sam Mulheres!

Tuas mai grandes firmessas,  
Tuas grandes perdições,  
Suas desleaes ações  
Causaram suas tristezas:  
Pois não te maltes em vão  
Que quando mais as quiseres  
Verás que sam as Mulheres!

Que te presta padecer!  
Que te aproveita chorar!  
Pois nunca outras hain de ser,  
Nem sam nunca de mudar.

Deixa-as com sua nação;  
O seo bem nunca lhe esperes  
Lembre-te que sam Mulheres!

Não te mates cruelmente  
Por quem fez tão grande errada,  
Por quem de si se não sente,  
Por ti não lhe dará nada.

Vive lansando pregão  
Por se fores, e vieres  
Que sam Mulheres, Mulheres.

Hespanha foi já perdida  
Pola Cava huma vez,  
E a Troia destruida  
Por males que Helena fez.

Desabafa, coração!  
Vive, não te desesperes,  
Que a que fez pecar Adão  
Foi a May destas Mulheres!

*Can., pag. 94 v.*

É muito natural que o Bello-Sexo de então ficasse mui pouco satisfeito com este caritativo elogio, que lhe tributava o praguento Poeta, e o Bello-Sexo de hoje se deitar os olhos a estas Cantigas é muito natural, que as pese na mesma balança. Mas fallando a verdade, nem as Damas daquelle tempo, nem as do nosso teríam muita razão de se queixarem; é caso averiguado, que os Poetas què mais amam as mulheres sam de ordinario os que mais se queixam dellas. Ovidio, Tibulo, e Proprecio, amavam como doudos a Corinna, Cinthia, Delia; e apesar disso tão despreza as levantam ás nuvens, como vomitam contra ellas injurias; e a razão é, porque por isso mesmo, que as amavam, tinham dellas ciumes, e estes os faziam delirar, e romper naquellas excessos; não acontece o mesmo a Petrarcha, que está sempre com o turibulo na mão de joelhos diante de Laura, adorando, descreteando, metaphisicando; mas é por que Laura era para o Poeta Cónego um mero thema para platonizar em verso, e não o objecto de uma paixão viva, e ar-

dente; nos versos de Petrarcha ha muito engenho, muita imaginação, muita Poesia, porém amor!... quem será capaz de ahí descobri-lo? É natural que Petrarcha amasse as mulheres de quem deixou alguns filhos bastardos; porém Laura, na opinião de alguns criticos Italianos, que se deram a examinar a fundo essa questão, não passa de huma chimera, de umente de razão pura. Ora o nosso Poeta, mesmo porque escrevia versos contra as mulheres, estou eu persuadido que as amava; e senão veja-se como elle canta logo a Palinodia.

Coração, já repousavas;  
 Já não tinhas sujeição;  
 Já vivias, já folgavas;  
 Pois porque te subjagavas  
 Outra vez, meo coração?

Sofre, pois te não sofreste,  
 Na vida, que já vivias,  
 Sofre, pois tu te perdeste,  
 Sofre pois não conheceste  
 Como te outra vez perdias.

Sofre, pois já livre estavas,  
 E quizeste sujeição;  
 Sofre, pois não te lembravas  
 Das dores, de que escapavas;  
 Sofre, sofre, coração!

## CAPÍTULO XXV.

*Francisco da Silveira.*

**F**rançisco da Silveira foi filho de Fernão da Silveira, e como elle Cavalleiro da Ordem de Christo, Caudel Mór do Reino, e servio algumas vezes por seu Pai o importante emprego de Escrivão da Puridade; militou, com grande credito de valoroso, nos Estados da India, onde foi Capitão Mór das Fortalezas de Chaul, e Dío, e da de Gofala, em Africa. Não consta onde nasceu, nem onde, ou quando morreu.

As composições deste Poeta ocupam no Cancioneiro de Resende as paginas segunda, quarta, setima, e verso desta, trinta e tres, cento e trinta e seu verso, cento e quarenta e tres, cento quarenta e seis, cento quarenta e oito verso, cento quarenta e nove, cento e cincoenta e um verso, cento cincoenta e seis verso, cento sessenta e oito, e cento e sessenta e nove.

Para dar idéa do seu estylo, quanto o permitem os estreitos lempites desto Ensaio, transcreverei as Coplas seguintes, dirigidas a uma Dama, que comeava a envelhecer, e que como de ordinario succede em tales casos, não queria capacitar-se disso.

Esta Poesia, olhada só pelo lado artístico, pôde julgar-se bella, mas considerada pelo ponto de vista da moralidade parece-me que não pôde evitar a censura de grosseira, porque é insultar a desgraça; e que desgraça pôde haver maior, na geral opinião das mulheres, que a perda da belleza, que equivalle a abrir mão do imperio sobre os corações dos homens? lembrar-lhe, é pelo menos tão cruel como fallar a um Rei em abdicar o sceptro; e a um Papa em depôr a tiara.

Dominar é a paixão mais violenta dos filhos de Adão, e Eva; se as mulheres fazem tanto apreço da formosura, é porque a consideram, e com razão, como base do seu dominio.

Se dermos credito ao livro interessantissimo que

Hudson Lowe, o Carcereiro de Napoleão, para se justificar do tractamento dado por elle ao Prisioneiro de Santa Helena; nada amargurava tanto a existencia do grande Homem, como o simples tractamento de General; aquelle coração estreito, que sofria sem murmurar todas as calamidades, que seus inimigos derramavam as mãos plenárias sobre a sua cabeça, só era sensivel & fulta do título de Sire, e de Magestade, porque lhe lembrava que tinha perdido o poder; e talvez tivesse mais cedo terminado os seus dias, se aquelles suaves títulos lhe não fossem prodigalizados todos os dias por alguns Creados fieis em ambas as fortunas; se não illudisse a sua imaginação rememorando no estreito recinto do Barracão de Longhwood as scenas magestosas do Paço das Tuilleries! Voltemos ás Coplas satyricas de Francisco da Silveira, de que nos tem affastado muito esta digressão.

Darba, que ó fostes já,  
E que ó não sois ao presente;  
Velba, que mil annos ha;  
Sáa, que parece Doente,  
Mantendes mal a mensagem,  
E tegna de mil manejiras,  
Garganta, mãos, e trincheiras  
Dós que sob a terra jazem,

Oh sois de quem! piedade!  
Qué a todo o passo aborrece!  
Tão amiga da verdade  
Como de quen hem piedade!  
Sobre todas invejosa,  
Conhecia-vos a Era mala,  
Queinda que fosseis fogosa  
Vesso tempo passou já.

Deixasse o Paga, e os Ramas  
Quem for da vossa maneira,  
Inda que fora mudançaria  
Seria a morte Diansadeira  
E tambem de aconselhar,  
Por muito que tendes visto,

Podereis aproveitar,  
E servir o Paço nisto.

Mas vosso Conselho vão,  
Que sahe desse cascavel,  
Não o ouvir hera mais são,  
Porque he azedo como fel!  
Sois neate Paço peçonha,  
E entre as Damas damnosa,  
E sois a mor mentirosa,  
Que vi, e mais sem vergonha.

E não digo eu so isto;  
Mas a muitos o parece!  
E no que vos acontece,  
O podeis já ter bem visto.  
Porque de quantos quereis  
Vossa Mercê quem a queira  
Não acha; nem por Tercera  
De ventura o achareis.

Tomai ora este conselho,  
Em que seja de Homem moço,  
Lançai-vos antes n'hum Paço  
Que curardes mais de espelho,  
Mas isto, Senhora, ouvi,  
Casai-vos co'Salvador,  
E servi Nossa Senhor,  
Que não sois já para aqui.

Quem por si isto tomar  
Desimula; não se queixe.  
Porque quem mal quer fallar  
Cumpre que em si fallar deixe.  
Não cure de arrapiar,  
Pois que em salvo não replica,  
Porque me fará tornar  
A dizez o que inda fica.

Ainda que não consta quem era esta Senhora, pelas Coplas se mostra que tinha emprego no Paço, e que era sem duvida alguma daquellas veneraveis Donas, que naquellas Casas se empregavam para vigia-

rem o comportamento das Donzelas, e talvez pela rigidez no desempenho dos seus deveres cabisse na indignação do Trovador! isto suposto, não era grande a delicadeza dos Aulicos daquele tempo! já em outro Capítulo vemos a urbanidade com que tratavam os homens; este mostra-nos a atenção com que tratavam as mulheres! diz-se a uma Senhora de idade avançada, a uma Senhora que exercia emprego no Paço, que de quantos homens *ella quer não acha um só que a queira*; que nem para *Terceira tem prestíma*, que era *peçonha do Paço*, e é muito natural que estes insultos grosseiros, fossem mui celebrados, aplaudidos, e qualificados de apodaduras engenhosas, visto que um Cortezão, e homem de bem, como Garcia de Resende, não escrupulou de lhe dar logar no seu Cancioneiro, assim como a outras de igual, ou peior jaez. É perciso confessar que a satyra, naquelles tempos, nem conhecia lemites; nem respeitava ninguem. Tanto é certo que a marcha da civilisação é sempre lenta, e que a polidez é a virtude social, que mais tarde se desenvolve nos povos.

## CAPITULO XXVI.

## D. Rodrigo de Monsanto.

**F**oi um dos maiores ornamentos do Solar dos Condes de Monsanto, um dos mais nobres do Reino, segundo o costume do seu seculo, deu-se muito ao cultivo da Poesia, e os seus versos em geral bem torneados, e escritos em estylo puro respiram muita jocosidade, e espirito caustico, ás vezes em demasia, e ocupam seis paginas do Cancioneiro; entre estas Trovas me parecem merecer muita consideração as seguintes endereçadas, ao Conde Prior Mór do Crato, por occasião de haver encontrado em uma estrada da Outra-Banda a um seu Creado de esperas, o

com uma trouxa de vestidos ás costas. Nesta espécie de Epigramma o Author matisa os versos da Arte Maior com os hexasylabos, e que produz bellissimo effeito.

A vinte, e trez dias do Mes de Janeiro,  
Huma Sesta Feira  
A quem das Cabritas, álem das Landeiras  
Topamos troteiro,  
Topamos troteiro com cousa tão pouca,  
Tão pouca, tão leve, que quem a levava,  
Disse, que tão leve com ella se achava  
Que dava taes saltos, tão alto pulava,  
Mais alto que Zaide bailando com touca.  
Senhor Dom João, o vosso troteiro  
Chegou ao Barreiro, e logo embarcou:  
A Barca com elle tão leve se achou,  
Por onde o Barqueiro levar-lhe exeqou  
Da trouxa dinheiro.  
Sem vela, sem remo partio derradeiro,  
E chegou primeiro;  
Tão so porque a trouxa do vosso troteiro  
A fez mais veleira.

Este Zaide, de quem o Author diz, que dava grandes saltos, de touca, ou turbante, era um dos muitos Mouros, que naquelle tempo habitavam em Lisboa, no sitio da Mouraria, e no logar de Belem, ou Rastello, onde ramitos viviam do amêijo das Almuínhas, ou Hortas, que cultivavam para abastecer de hortaliças a Cidade.

Entre estes Mouros, especialmente da Mouraria, havia muitos, destes era o tal Zaide, que tomavam o officio de Bufões, ou Trapões, como então diziam, e grangeavam a subsistencia fazendo habilidades, e equilibrios pelas Praças, Ruas, e Casas particulares, e cantando Cantigas Arabes; o que muito divertia os ociosos, e papamoscas de Lisboa, a quem de ordinario não sobejava em que se entretecessem, visto que não tinham, como os seus descendentes, o recurso dos Theatros, das Praças de Teuros, dos Cafés, Casas de Jogos, Hortas d'Arroynes, e a leitura dos Periodicos, com que hoje a mocidade perde tão louvavelmente o seu tempo.

**As Trovas**, que se seguem, em que se lê o Testamento do Macho ruço, de Luiz Freire, é mais um documento do pouco que nesses tempos se escrupulisa va em tractar em estylo ridiculo certas cousas, a que depois se guardou mais decôro. Mas parece que então se podia dizer tudo, uma vez que se fizesse rir. É por isso que lêmos aqui, que o macho deixa o corpo á terra, e a alma qd Paraiso que Deus o quer levar do Mundo, e quejandas alusões, que hoje seriam contempladas como profanações.

Pois que vejo que Deus quer  
Deste Mundo me levar,  
Quero bem encaminhar  
A minha alma se poder.  
Em quanto estou em meu siso;  
A Morte dando-me guerra  
Mando a alma ao Paraíso,  
E de si o corpo á terra.

E mando logo primeiro  
Em quanto vivo me sinto,  
Que deste meu Testamento  
Seja meu Testamenteiro  
Meu Irmão o de Bárrocas,  
Que eu mais que todos amo.  
Por sempre fugir a trócas,  
E servir mui bem seo Amo.

O qual me fará levar  
Com muita solemnidade  
Ao Rocio da Trindade,  
Onde me mando enterrar;  
Pois me deli governei  
Gran parte da minha vida,  
A carne, que levarei  
Ali deve ser comida.

E vam cantando disante  
A de Brasia, e d'Affonso  
Hum tão solemne responso,  
Que todo o Mundo se espante;  
A estes ambos ajude

O Macho de Gomes Borges,  
O qual leva o Ataude,  
A batalha, e os Alforges.

E rogo aos Cortesãos,  
Quanto lhe posso rogar,  
Que todos me vão honrar  
Com os seus círios nas mãos.  
E pois heram espantados  
De passar vida tão forte,  
Devem de ser mim lembrados  
Dando-me honra na morte.

Item ; me levem de oferta  
Dois, ou tres cestos de palha,  
Que pois custa nem mialha  
Não deve de haver referta.  
Levem tambem hum alqueire  
De farellos, ou Cevada,  
Pois em vida, Luis Freire,  
Nunca disto me deu nada.

Infidos perdões pedi  
Ás pousadas si pousei,  
D'alguidares, que quebrei,  
E gamellas, que roí;  
E não me devem culpar  
De lhe fazer tantos danmos,  
Pois que de palha farta  
Nunca me pude em vinte annos.

Item : Peço ás Berceiras  
Muitos, infidos perdões,  
E tambem aos Hortelões  
Dos danmos das Salgadeiras.  
Que, bofó, se me soltava,  
Fome tal me combatia,  
Que qualquer cousa, que achava,  
Tudo mui bem me sabia.

E bem que meó amo agravos  
Me desse, com amarguras,  
Deixo-lhe trea ferraduras,

Que não tem mais de dois crayos,  
 E pero delle me queixo  
 De males que me tem dados.  
 Dois, ou tres dentes lhe deixo  
 Que me hão de fazer em dados.

Não lhe posso mais leixar  
 Que elle nunca mais me deu,  
 Rogo a Alvaro d'Abreu  
 Que o queira acompanhar.  
 Rogo tambem que se doa  
 Delle tanto meo Irmão  
 Que o ponha em Lisboa  
 Em redor de São João.

Sobre minha sepultura,  
 Depois de ser enterrado,  
 Se ponha este dictado  
 Por se ver minha ventura.  
 « Aqui jaz o mais leal  
 « Macho ruço, que nasceu,  
 « Aqui jaz quem não coteiu  
 « A seu Dono hum só Real. »

Ha nestas Trovas algumas idéas, que se não me engano fazem lembrar as pilherias de Nicoláu Tolentino de Almeida. Poucas peças se deparam no Cancioneiro, em que a satyra se mostre tão engenhosa, e pungente. Parece, á vista do testamento do pobre Macho, que Luiz Freire, qualquer que fosse esta personagem, era geralmente reconhecido por seu genio bordido, e miseravel; e que a triste cavalgadura se fazia notar pelo estado de lazeira, em que seu dono o trazia. A avareza é um vicio tão vergonhoso, e aborrecível, que não podemos deixar de alegrar-nos quando sobre ella vemos derramar a plenas mãos o ridículo.

Em todos os outros vicios ha uma tal, ou qual desculpa no prazer, que nos causam; mas no avarento tudo sam privações, tanta falta lhe faz o que possue, como o que não possue: é inutil para os outros, e cruel com siigo. E não contente de não se atrever a gastar

nada do que lhe sobra, até se afflige, a agonia com o que os outros despendem do que é seu; tenho para mim, que a avareza é uma espécie de doidice.

---

## CAPITULO XXVII.

### *Diogo de Mello.*

**E**ste Poeta seguiu a vida Militar como quasi todas as pessoas nobres, ou pelo menos de famílias limpas, (para nos servirmos da expressão de João de Barros) no seu tempo, e serviu tanto no continente do Reino, como nos Estados Ultramarinos.

Namorava este Poeta uma Dama Lisbonense, cujo nome, e família não chegou ao nosso conhecimento. Diogo de Mello depois de longas, e porfiadas instâncias, e é muito natural que á força de muitas supplicações metricas, conseguiu finalmente que a senhora dos seus pensamentos deixasse de ser surda aos seus suspiros, e correspondesse ao seu amor, dando-se um, e outro reciprocamente palavra de matrimonio.

Estavam as cousas neste estado, quando Diogo de Mello foi nomeado para fazer parte da guarnição de Asamor, que havia sido conquistado aos Mouros recentemente pelo Duque de Bragança D. Jaime, como acima referimos.

Já se vê, que este acontecimento não podia ser de agrado dos dous amantes, cujos projectos transformava; mas as leis da Milicia sam inexoraveis; e Diogo de Mello não podia escusar-se de partir, sem lançar uma nota de infamia, sobre o seu brio, e proceder, até áquelle tempo illibados.

Era pois indispensavel fazer-se de véla para África, entre abraços, lagrimas, juramentos, e protestos de constancia da sua amada; e assim se verificou,

Mas as mulheres que difficultosamente se conseguem constantes, e fias aos amantes, que estam presentes, como podem mostrar-se taes com os que es-

tam ausentes? longe da vista, longe do coração, diz o proverbio; as lagrimas enxugam-se no fim de um mez, as saudades raras vezes chegam ao termo de dous, e no fim delles ou já não existe o amor; ou tem sido substituido por outro.

Foi isto o que aconteceu á Dama de Diogo de Mello; em quanto elle jogava as alcanzias, e pelouradas com os Mouros em defesa da Praça; ou fazia surtidas para lhe levar os Aduares á viva lansa, aprisionando-os, e roubando-lhe gados, e subsistencias; ella em Lisboa, nos saráos, e nas conversações ouvia as finezas, e requebros dos mancebos, que a cortejavam; e quando elle voltou á Patria, e perguntou anelioso por ella, soube que havia muito tempo, que estava casada com outro.

Diogo de Mello cuidou de indoudecer com a noticia; como todos os amantes em igual lance, parecia-lhe impossivel, uma cousa que nada tinha de singular, nem de estranho. E como os Poetas tem por costume recorrer aos versos tanto na adversidade, como na ventura, compoz as seguintes Coplas, que enviou á sua perjura, que é muito probavel, que se divertisse bastante com elles, e que as estimasse como prova do muito que custava a sua perda.

Bem te conheço, Ventura,  
Que me quizeste mostrar  
O prazer quão pouco dura  
Quando o queres desviar.  
E pois tu isto has de ter,  
Não te quero agradecer,  
Algum bem, si mo fizeste,  
Pois havias de fazer  
No fim tudo o que quizeste.

Tu quebras as esperanças,  
E desfazes fundamento,  
Toda hás feita de mudanças,  
Sem deixar contentamento.  
Mas quem Ventura conhece,  
E se os males lhe oferece,  
E no seu poder se vê,

Isto, e muito mais, merece,  
Quem venturoso se crê.

Coração se me deixaras  
No tempo, quo eu quisera,  
Não tiveras, nem tivera  
Cousas, com que me mataras,  
Defendes-me, e não te queixas,  
Que não digas que me deixaas  
Tantos males, sem rasão:  
A quem direi, minhas queixas  
Coração, meu Coração!

O Tempo trago occupied  
Em me ver de tudo fora;  
Mas triste é aquella hora  
Quando me lembra o passado.  
Lembra-me minha verdade;  
E quão pouca lealdade  
Amostrou em se casar,  
Casada sem piedade,  
Vosso amor me hade matar.

Deste tempo tão mudado  
Não me fica em poder  
Mais que hum triste prazer,  
Se nelle tinha passado.  
Tenho esperança perdida,  
Do que a tinha servida,  
Que já a não posso cobrar;  
Direi mal á minha vida,  
Cada vez que me lembrar.

Quando me quero lansar,  
Tenho-a na phantasia;  
E de noite vou sonbar  
Com ella que lhe diria:  
Pois fizeates tal mudança  
Sem terdes de mim lembrança  
Acabae-me, minha vida,  
Pois não tenho esperança  
De jámais ver-vos vencida.

Sempre lhe veja praser  
Como á hora, em que casou;

E veja nunca lhe ver  
 Mais que quanto me deixou,  
 Pois tão triste me deixaste  
 Com a vida que tomaste,  
 Em quanto vida tiveres  
 Rogo a Deos pois que casaste  
 Que chorando desesperes.

Tenho estes pelos melhores versos amorosos do Cancioneiro, em que não ha muito por onde escolher nesse genero. Ao menos aqui ha naturalidade de expressão, e sentimentos em que a alma se retracta sem circumloquios enredados, e phrases rebuscadas.

As outras obras de Diogo de Mello, acham-se no Cancioneiro de Resende a paginas cento e quarenta e nove verso, a paginas cento cincoenta, e cento e cincoenta e um; mas julgo que as Trovas acima transcritas bastam para dar idéa do seu estylo, e gosto de poetar.

## CAPITULO XXVIII.

### *Diogo Brandão*

Este Poeta nasceu na Cidade do Porto, e nella morreu, em 1530. Foi Cavalleiro d'El-Rei D. Manoel e Contador da Fazenda Real da Comarca do Porto.

Foi um dos homens mais profundos em Latinidade, que houve no seu tempo. Os seus contemporaneos não só o respeitaram como grande Poeta, mas faziam tão boa idéa do seu bom gosto, que lhe davam a corrigir as suas composições, nem me parece que elles se enganavam nesse conceito, porque entre os Poetas, cujas obras compõem a voluminosa collecção do Cancioneiro de Resende, ha mui poucos com tanto engenho, e espirito poetico como Diogo Brandão. Além da força de expressão, de que a natureza o dotara, da clareza, regularidade, e apuro de lingua-

gem, é talvez o único em quem aparece aquelle dote, que se chama invenção, e sem o qual ninguem pôde com razão chamar-se Poeta, ou pelo menos grande Poeta.

É para lamentar, que este Escriptor não tivesse vindo ao Mundo mais tarde, isto é, quando florescia a Eschola Italiana, de que fôra sem dúvida um dos melhores ornamentos.

Diogo Brandão fez muito uso das Estâncias de oito versos de arte maior, que então principiavam a ser moda: esta moda vinha de Castella, e é natural que se houvesse vulgarisado entre nós com a leitura do Laberyntho de João de Mena, que é escripto nestas Estâncias.

Isto era já um presentimento, que os Poetas que tinham mais genio entre as duas Nações vizinhas, e rivaes, começavam a ter, de que as Coplas de arte menor não eram appropriadass para tractar os grandes assumptos; ensaiaram por tanto estas Estâncias em versos, que se aproximavam mais ao Hexametro dos Gregos, e dos Latinos.

É verdade que estes versos, digamo-lo assim, *dangantes*, e monotonos, e estas Estâncias ainda mais monotonas, e fastidiosas, não eram susceptiveis da variação harmonica, e da rapidez, e magestade que exige o estylo heroico, mas eram já um progresso para a arte, e uma novidade, e como tal deviam ser bem recebidas pelos que não sabiam mais.

Foram porém abandonadas em ambas as Nações, quando Boscan, e Garcilaso na Hespanha; e Sá de Miranda, e Ferreira, em Portugal, adoptaram os metros Italianos, que eram os mais conformes com o genio de ambas as línguas.

Deixando porém este objecto para o logar competente, quando passarmos em resenha a Escola Italiana, passemos a transcrever algumas das composições de Diogo Brandão, e principiaremos pelo Poema funebre á morte d'El-Rei D. João II., de quem o author parece ter sido Creado.

Todos mui attentos na morte cuidemos  
Da qual duvidamos por mais nosso mal,

Que della , sabendo ser ceusa geral ,  
 Mais nos espantamos do que nos prevemos .  
 Os bens temporaes por alheios deixemos  
 Pois mais nos provocam a mal do que a bem ,  
 E os quaes , cuidando nos outros , que temos ,  
 Elles em mui fortes cadeias nos tem .

Os bens , que sam d'alma , aquelles sigamos ,  
 Pois nelles consiste o vero proveito ,  
 Busquem-se os de fora , havendo respeito  
 A quão brevemente por elles passamos .  
 Riquezas , favores , que a qui precalsamos  
 Assim como passam se perde a memoria ;  
 Se bem neste Mundo fazemos , obramos ,  
 Vives para sempre no outro por gloria .

Em esta fim , logo sejamos prudentes ,  
 Pois a gloria toda naquelle se canta ,  
 E com boas obras , e vida mui sancta  
 Devem-se na morte mui bem parar mentes  
 E se polas cousas que vemos presentes  
 Não bem conhecemos o gran poder della ,  
 Lembrança tenhamos de quão excellentes  
 Principes , e Reys passaram por ella .

Dizer dos antigos , que sam consumidos ,  
 Não quero em Gregos fallar , nem Romãos ,  
 Mas nos que nos caiam aqui d'entre mãos ,  
 E vistos de nós , e de nós conhecidos .  
 Despertemos todos os nossos sentidos  
 Porque este Mundo he tão inconstante ,  
 Creamos dos mortos , que não são perdidos  
 Mas só que são hidos hum pouco adiante .

Não pode ser pouca pois he muito certo  
 Que hoje se pode finar esta via ,  
 E se este não he o derradeiro dia  
 Sabei que elle está de nós muito perto .  
 Todos uós nascemos com este concerto  
 Que quem tiver vida tem certo perdela ;  
 E pois o viver nos he tão incerto  
 Virtude na morte cuidemos bem nella .

E pois tão aberta está esta via  
 Por ordem daquelle que a todos nos fez,  
 Não nos espantemos de ver huma vez  
 Aquillo que pode nos vir cada dia.  
 Alli cada hum ordenar-se devia  
 Como se já fosse á morte chegado  
 E desta maneira nos não enganaria  
 Si houvessemos della na vida cuidado.

E de tal maneira devemos tracta-la  
 Que pois assim he sem mais duvidar,  
 Que ella nos espera em todo o logar,  
 Devemos nós outros tambem espera-la,  
 Devemos ás vezes por nós deseja-la,  
 Conformes com Deos em nossa desculpa,  
 Pois que a longa vida, sem mais approva-la  
 Pela maior parte tem sempre mais culpa.

Que, sendo compostos daquelle metal,  
 Que sempre sejamos o que he sem medida,  
 Nunca tanto bem fazemos na vida,  
 Que mais não façamos naquelle de mal,  
 Pois cresce naquelle cobiça mortal,  
 Raiz, e começo de todos os vicios,  
 Abre-se-nos mais o caminho infernal  
 Quando mais se sanam os bons exercícios.

Tardando pois logo áquelle certeza  
 Que huma vez a todos morrer nos convém,  
 Trabalhar devemos de o fazer tão bem  
 Que a morte sintamos com menos tristeza.  
 E a esta tememos com toda firmeza  
 Pois ella hade vir de necessidade,  
 Menos sentiremos a sua crueza  
 Quando a recebermos de boa vontade.

Antigos exemplos á parte deixados,  
 E sem os alheios querer memorar,  
 Os mortos em Carmos deixemos estar,  
 Com outros mil contos, que já sam passados  
 E deixam de ser aqui relatados!  
 Abaste fallar nos Possuidores  
 Desta nobre terra, que della abaixados  
 Foram assim como os pobres Pastores.

Que se fez daquelle que Ceuta tomou  
 Aos Mouros por força , com tanta victoria ?  
 O intitulado de boa memoria  
 Que a si , e que aos seos tão bem governou ?  
 As cousas tão grandes , que vivo acabou ,  
 Afora em batalhas mostra-se tão forte ,  
 Com outras façanhas , em que se esmerou ,  
 E nunca poderam livra-lo da morte.

Seu Filho primeiro , bom Rey D. Duarte ,  
 Que foi tão perfeito , e tão acabado ,  
 Reynando mui pouco , da morte levado  
 Foi , bem como quiz quem tudo reparte .  
 Seos Irmãos Infantes , que tanto de parte  
 Na virtude tinham polo bem que obraram ,  
 Havendo nas vidas trabalho que farte  
 Com tristes successos alguns acabaram .

O Sobrinho destes , Infante de gloria ,  
 E Progegnitor de quem nos governa ,  
 Que foi de virtudes tão clara lucerna ,  
 Tambem houve delle a Morte victoria .  
 Com tudo não pode tirar-lhe a memoria  
 De ser esforçado , e forte na Fé ,  
 Tomou este Principe digno da Historia  
 Aos Mouros por força o grande Anafé .

Nem o Quinto Affonso eu quero callar ,  
 Que assim como teve victoria crescida ,  
 A tantos trabalhos susteve na vida ,  
 Que lhe motivaram mais cedo acabar ;  
 Tambem acabou o Filho de dar  
 O fim a esta vida de tanta miseria ,  
 No qual determino hum pouco fallar ,  
 Posto que emprehendo mui alta materia .

Este foi aquelle bom Rey D. João ,  
 O mais excellente que houve no Mundo ,  
 O Rey destes Reynos , de nome o segundo ,  
 Catholico , humano , segeito á Rasão :  
 Do qual mui bem creio sem contradicção ,  
 Julgando das obras , e como morreu ,  
 Que deve bem certo de ter salvação ,  
 Pois tão justamente na terra viveu .

E que nas virtudes foi tão merecido,  
 Que he muito dificil poderem-se achar,  
 Louvores, que possam c'os seos igualar,  
 Tão grandes assim como ha merecido.  
 Mas posto que fosse de todo comprido  
 De grandes bondades, em que floresceo,  
 Algum louvor seu darei não fingido,  
 Que será mais baixo do que mereceo.

Teve elle mas coussas de Deos excellencia;  
 Aquellas amava, honrava, temia;  
 Em fabricas santas mui bem despendia,  
 Assas largamente com magnificencia.  
 Com justa medida e grande prudencia  
 As suas esmolias mui bem repartia:  
 E quem se presava de santa sciencia  
 Muito certamente ante elle valia.

Não sei com que linagea dizer-se podia  
 O como hera grande, e em tudo magnifico,  
 E mais desejava seo Povo ter rico,  
 Do que elle de o ser prezar-se queria.  
 Por estas taes obras, que sempre fazia,  
 A sua nobreza bem clara se vê;  
 Havia por perda passar-se algum dia  
 Sem que elle naquelle fizesse mercê.

Deve advertir-se que devendo nesta Estancia o segundo verso rymar com o terceiro, o primeiro delles acaba com a palavra *magnifico*, que não faz ryma com a palavra *rico*, final do terceiro verso, porque os vocabulos exdruxulos, isto é, que tem o accento predominante na antepenultima, não rymam com os graves, isto é, que tem a penultima longa; por tanto de duas uma; ou se hade admittir que o author commeteu um erro grosseiro de versificação, ou que no seu tempo se pronunciava ás vezes o vocabulo *magnifico*, com a penultiima longa; o que me parece inadmissivel, pois em tantos Poetas, cujas obras tenho lido,inda não encontrei outro exemplo de tal anomalia. Prosigamos.

Já mais nos antigos, modernos, que leio  
 Se achou outro tal em liberalidade,

Partia com todos com tanta vontade,  
Que nunca em nobreza ao Mundo tal veio.  
E segue-se logo daqui, como creio,  
Que havendo-se nisto assim grandemente,  
Que mal poderia tomar o alheio  
Visto que o seu dava de tão boamente.

Elle hera hum mesmo no prazer, na sanha;  
Das cousas virtuosas havia cobiça:  
Igualmente a todos fazia justiça  
E sem se lembrarem de teias de Aranha.  
Hera mui temido, e amado em Hespanha:  
E tal que não sendo para Rey nascido  
Segundo a sua virtude tamanha  
Devera por isso de ser escolhido.

Que desta maneira está confirmado  
Que o Rey, e o Principe que hade mandar,  
Pera bem os outros saber emendar  
Devera primeiro de ser emendado:  
Mas este na vida foi tão acabado  
Que elle so per si hera a propria ley,  
Para cada hum viver castigado,  
Sem mais outra regra nenhuma de Rey.

Os Principes bons, por seo bom viver  
Exemplo tomavam do bem que faziam;  
Os maus isso mesmo por elle sabiam,  
As cousas, que bem deviam fazer.  
E deste devemos por certo de crer  
Quinda que elle ca mil annos vivera  
Na força do corpo podia emvelhecer  
Mas nunca na d'alma velhice tivera.

Os Reys, que vierem para bem reger  
Tomar devem deste exemplo geral;  
Pois he muito certo que aqueste foi tal  
Qual o prometiam os outros de ser.  
Os subditos seus, por seu merecer,  
A Deos tão somente por elle rogavam  
Estando mui certos, que em o assim fazer  
Por si, por seus filhos, por todos oravam.

Era em suas obras tão bem temperado  
 Que o que por palavra húa vez prometia,  
 Com maneira tal, tal fé o cumpria  
 Bem como se fora por elle jurado.  
 Não se gloriava de ter alcançado  
 Da mão da Fortuna algum bem temporal,  
 Toda a sua gloria hera te-lo ganhado  
 Co'alguma virtude, e bem divinal.

Com os Lisongeiros mui pouco folgava,  
 Heram seus Conselhos mui Santos, mui sãos  
 Mostrava-se humano aos que heram meãos,  
 E os grandiosos, e vãos despresava.  
 Virtude por obras mais exercitava,  
 Que não por palavras, nem outras maneiras  
 As cousas do Mundo assim as amava,  
 Que não se esquecia das mais verdadeiras.

Tinha alta prudencia; tambem fortaleza;  
 Amava a Justiça com grão temperança;  
 Fé, e Caridade, tambem Esperança,  
 Que nelle moravam com toda a firmeza.  
 Ornaram-no estas de grande riqueza,  
 E nunca jamais o deixaram na vida,  
 Na morte lhe deram tamanha franqueza  
 Que gloria por sempre recebe comprida.

Estas, que vos digo, virtudes geraes  
 Assim nomeadas hum pouco deixemos  
 Porque he justa cousa tambem que fallemos  
 Nas particulares mais especiaes:  
 As quaes conhecidas por muito Reaes  
 E sendo a todos assim manifestas,  
 Ainda fez outras mui grandes, e mais  
 Que heram maiores, por serem secretas.

Daqui se consire na ordem que dava  
 Dividas pagando, que seo Pay devia,  
 Pois como as suas ja mal pagaria  
 Quem tão grandemente alheias pagava?  
 Jamais delle Orphão nenhum se queixava  
 Por inteiro a todos mui bem se pagou,  
 Com pagas dobradas vi eu se pagava  
 A prata de Igrejas, que então se tomou.

Pois la em Castella ! ahí nessa guerra  
 Se foi esforçado mui bem se mostrou  
 Depois da Batalha no campo ficou ,  
 Os mortos naquelle mettendo na Terra .  
 Tambem dessas pazes , si a penna não erra  
 Foi muito prudente , e mui sabedor ,  
 Os meios tomando dos valles e serra ,  
 Que nesses consiste verdade maior .

Não menos no Reino por esse theor  
 No tempo que foi aquella discordia  
 Usou mais com elles de misericordia  
 Do que nisso fez com justo rigor ,  
 Elle hera temido dos seos com amor ;  
 E a Deos temia com todo querer ,  
 Porque quando Rey de Deos tem temor  
 Então os havemos mui mais de temer .

Com animo grande de esperas Reaes  
 Abrio o caminho de todo Guiné ,  
 Mais para crescer Catholica fé ,  
 Que pola cubiça de bens temporaes .  
 Com ella fez ricos os seus Naturaes ,  
 Os Infieis trouxe a ver salvação  
 Por obras tão justas , e tão devinaes ,  
 Serão sempre vivas , segundo rasão .

Se em todo Ponente se sente gran Gloria  
 Por serem as Indias a nós descobertas ,  
 Elle foi a causa de serem tão certas ,  
 E tão manifestas por sua Victoria .  
 Pois he sua fama a todos notoria  
 Culpem-me a mim muitas , e mais de huma vez ,  
 Se delias não fago aquella memoria  
 Que justa merecem os feitos , que fez .

A fim ja chegado da sua partida ,  
 Sendo esta de todas a causa mais forte ,  
 E ja muito cerca da hora da Morte  
 Não se deslembrou dar cousas da vida .  
 E tendo a candeia ja quasi perdida ,  
 A penna na mão termendo tomava ,  
 E com moderada justiça devida  
 Tensas , e Merces , Padrões assignava .

Seus males e culpas gemendo com dor,  
 Partio desta vida na fé esforçado,  
 Pelo qual eu creio que outro Reinado  
 Possue lá co'Deos, e muito melhor,  
 Fez fim no Algarve, na Villa de Alvor,  
 No decimo Mez ao fim ja propinquo,  
 Sendo este da Era de nosso Senhor  
 Quatorze centenas, noventa mais cinco.

Com gran ceremonia a Silves levado  
 Dali foi dos seus, que o muito sentiam,  
 Quem antes hum pouco as Gentes seguiam,  
 Ali ficou so de todos deixado!  
 Oh Morte que matas quem he prosperado,  
 E sem do formoso curar, nem do forte  
 E deixas viver o malaventurado  
 Para que vivendo receba mais morte.

Dali a trez annos não bem procedentes  
 Foi com grande festa daqui traspassado,  
 E jaz no logar, que está deputado  
 A ser mausoleu dos nossos Regentes,  
 Quiz Deos dali dar a muitos Doentes  
 Comprida saude?... tomam onde jaz,  
 Em serem os Anjos com elle contentes  
 Nos he manifesto nas obras que faz.

Fez isto por elle o mui poderoso,  
 O Rey excellente Manoel Primeiro,  
 Que nesse deixou successor verdadeiro  
 Como Rey mui justo, e mui virtuoso.  
 E soube este Príncipe muito animoso,  
 Que hoje nos governa com tanta medida,  
 Pagar-lhe na morte como piedoso,  
 O Bem recebido daquelle na vida.

Se as honras, riquezas, virtudes, poder  
 Poderam alguem da morte livrar  
 Este justo Rey sem mais altracar  
 De certo jamais podera morrer.  
 Mas pois assim he que os bons bam de ser  
 Tambem sepultados a vida deixando,  
 Oh quanto mais devem os ináos de temer  
 Que sempre jamais, viverem pecando.

**A gloria de Deos , de tanta excellencia**  
**Não busca ninguem , sendo tão preciosa ,**  
**Porem a do Mundo que he tão enganosa ,**  
**Procuram os Homens com gran diligencia .**  
**E ob como he de gran preeminencia**  
**Quem poem n'hum so Deos amor , e querer !**  
**Quem não ama o Mundo com toda a crència**  
**Não tem nelle cousa que possa temer !**

**Seja nossa culpa de nós conhecida**  
**Em quanto vivemos façamos pendença ,**  
**Que sem a fazermos segundo sentença**  
**Havermos no morte perdão se duvida .**  
**Por sanctos Doutores he mui repelida**  
**Aquella Doutrina , que ver nos convem ,**  
**Que quem sempre mal viveo nesta vida**  
**He muito dificil poder morrer bem !**

**O Eterno Deos com justa balança**  
**Permite com grande vigor , e mui forte ,**  
**Se esqueça de si na hora da morte**  
**Quem delle na vida não leve lembrança .**  
**No bem , que fazemos , tenhamos fiansa ;**  
**Que em summa justica , está ordenado**  
**Que sempre careça de toda a folganza**  
**Quem nunca jamais faltou ao pecado .**

**Eia , despresemos o breve prazer ,**  
**Que logo se torna em breve tristesas ,**  
**Que mui facilmente o Mundo despresa ,**  
**Aquelle que cuida que hade morrer !**  
**E quem firmemente questo tiver**  
**Nas cousas de Deos será mui constante**  
**Bemaventurado se deve de haver**  
**Aquelle que a morte tem sempre diante .**

**Desculpando algumas irregularidades de expressão ,**  
**alguns versos mal torneados , algumas phrases pro-**  
**saicas , cousas que só se evitam na maturidade da**  
**Arte ; este Poema é das melhores composições do**  
**Cancioneiro . A vista della persuado-me , que Diogo**  
**Brandão , é dos poucos Authores do Cancioneiro que**  
**pertencem á classe popular . Não é provável que um**

Poeta d'alta linhagem emprehendesse a composição de um Panegyrico de D. João Segundo, Rei muito pouco grato á aristocracia, pelos motivos, que largamente se expendem na Historia do Reino, e na Chronica deste Rei; era porém mui respeitado dos Estrangeiros, que o intitularam *Mestre de reinar*; e adorado do Povo, a quem defendia das vexações, e avarias dos Grandes, e a quem administrava justiga recta, e imparcialmente. Era pois a um Poeta do Povo que pertencia derramar flores sobre o seu sepulchro.

Para se conhecer a flexibilidade do talento desse Poeta, transcreverei o seguinte Epigramma feito a Henrique de Sá, na occasião, em que chegando á Portaria de certo Mosteiro, lhe sabio ao encontro uma das Freiras, que sem lhe dizer palavra, lhe tomou a ponta da capa, e lha beijou.

Sem vida fazer em lapa  
As vossas amigas tanto  
Me tem por Homem tão santo,  
Que me vem beijar a capa,  
Mas por mais minha saude  
Desejo saber em cabo  
Se ma beijam por Diabo,  
Se por Homem de Virtude.

Terminaremos estes extractos por outro Poema do Author em redondilhas, que tem por titulo — *Fingimentos de Amor* — e que é talvez a composição desse tempo, em que brilha mais imaginação, e espirito Poetico.

Heram da sombra da Terra  
As nossas Terras cobertas,  
Quando parecem desertas  
As habitações sem guerra.  
Ao tempo que repousam  
Os corações descansados;  
E os malfeiteiros ousam  
Cometer mores pecados.

Os nove mezes do anno  
Heram ja quasi passados,  
Quando heram meos cuidados

Crescidos por mais meo dano.  
 E assim com mal tão forte  
 Mais crescendo minha fé,  
 Vi passar alem do pé  
 As guardas do nosso Norte.

Se dormia não sei certo,  
 Se velava muito menos,  
 Com meos males não pequenos  
 Nem durmo, nem sam desperto  
 Não me estrevo de turrado  
 Dize-lo, não sei se cale...  
 Dali me senti levado,  
 E posto no fim do valle.

Oh divina Sapiencia.  
 De todos tão desejada,  
 E de mim pouco gostada  
 Por não ter suficiencia!  
 Faze-me tão sabedor,  
 Que possa dizer aqui,  
 Com favor do teo favor  
 As grandes cousas que vi.

*Com favor do teu favor faz lembrar a campanuda,*  
 e esdruxu-la eloquencia de Feliciano da Silva, Author  
 da Vida de D. Florisel de Niqueia, romance cavalhei-  
 resco, em que apesar da extravagancia de estylo, se  
 encontra muita imaginação, e muita inventão de lan-  
 ces interessantes, que se encadeam, e ligam mara-  
 vilhosamente uns com os outros, diz elle com pouca  
 diferença, si bem me lembro, o seguinte « *A força*  
*da força, que minha constancia oppõem á força da vos-*  
*sa esquivança, me dará força para vence-la com a*  
*força do meu amor.* » Estas orações compostas com a  
 declinação completa de um nome deparam-se a cada  
 passo na Chronica de D. Florisel, e nas mais obras  
 de Feliciano da Silva. Que idéas tinham estes Ho-  
 mens, e seus Contemporaneos, da eloquencia, da ele-  
 gancia, e do estylo! Prosigamos.

Por este valle corria  
 Huma tão funda Ribeira,

Que estando junto da beira  
Escaçamente se via!  
Tanta tormenta soava  
Naquelle logar eterno  
Que sé me representava  
Quanto dizem do Inferno.

De mui escura neblina  
Hera o ar todo coberto;  
Devia ser dali perto  
O logar de Proserpina.  
O fogo, sem se apagar,  
O mal sem comparação,  
Podiam bem demonstrar  
O Império de Plutão.

Não vi Camaras pintadas,  
Com ricos Panteos de fundo,  
Dos ricos daquelle Mundo  
Por demasia buscadas.  
Nem vi suaves cantoras  
Com vozes mui concertadas  
Mas mui desordens clamores  
Das almas atormentadas.

Não vi Aves mui soidosas,  
Que cantassem docemente;  
Mas bradavam fortemente  
Serpentes mui espantosas.  
Ali prazer não senti,  
Antes descontentamento;  
Toda cousa que ali vi  
Era para dar tormento.

Dali quizera salvar-me  
Do que via temeroso,  
E das armas do medroso  
Juntamente proveitar-me;  
Mas achar não pude via  
Para me poder salvar,  
Então mostrei valentia  
Para mais me condemnar.

E sem fazer a yontade,  
 Nem esperar por saude,  
 Quiz ali fazer virtude  
 Da minha necessidade.  
 E tambem por ser sem falha  
 Esta verdade que digo,  
 Que os que fogem da batalha  
 Passam sempre mor perigo.

E como faz quem peleja,  
 Vendo-se desesperado,  
 Por honra tomar forçado  
 A morte que já deseja;  
 Assim me fui juntamente  
 Onde o fogo mais ardia  
 Por viver honradamente,  
 Ou morrer como devia.

Assim de todo mudado  
 Ali junto me cheguei;  
 E neste modo fallei  
 Assás bem temorizado.  
 Oh gentes atribuladas,  
 Porque rasão se vos dê (1)  
 Dizei a causa porque  
 Sois assim atormentadas!

Logo de todo cessaram  
 D'aquelles grandes tumultos,  
 E com mui disformes vultos  
 Para mim todos olharam.  
 E logo se levantaram  
 Entre todas huma dellas  
 E sem culpar as Estrelas  
 Desta maneira fallou.

Este pranto tão dorido,  
 E tantas tribulações,  
 Sam os justos galardões  
 Dos Sequases de Cupido,  
 Que por lhe sermos leaes  
 Tantas mortes nos perseguem,

(1) Imitação de Dante.

Que novas dores mortaes  
Sam mui mais do que se seguem.

Penamos pelas folgancas,  
Que vivendo procuramos;  
Que he impossivel que hajamos  
Duas bemaventurancias,  
Que seria grande historia,  
E juizo mui profundo  
Levar ja prazer no Mundo  
E nestoutro tambem gloria.

Somos passados do frio  
Em grandissima quentura;  
A vida não tem segura  
Quem bebe de aqueste Rio.  
Que neste fogo penados  
Sejamos sem esperanca,  
Mata-nos mais a lembranca  
Dos prazeres ja passados.

Parece-me reconhecer nesta composição alguns traços do estylo de Dante; o que não admira, pois naquelle epocha principiava entre nós a generalisar-se a leitura dos livros Italianos, e até creio que foi nesse tempo, que se publicou em coplas de arte maior uma traducção do Inferno de Dante, que me lembro de ter visto na Bibliotheca Publica de Lisboa, impressa em caractères gothicos. Mas quem julgaria que a idéa dos tormentos pelo calor, e pelo frio, que tanto efeito produzia no Theatro Lyrico de Paris, com especialidade na Ópera de *Isis*, havia de ter origem na imaginação de um Trovador Portuguez do decimo quinto século? não creio que La Motte, e os outros Poetas Francezes a deparassem destas Trovas de Diogo Brandão, de que provavelmente nunca tiveram noticia; mas não direi o mesmo de Klopstock, em cuja *Messiada* ella se encontra, porque a lingua Portugueza é bem conhecida na Alemanha, e nas literarias daquelle nação existem alguns exemplares do Cancioneiro de Resende.

Pelo qual se Ju quizeres  
 Ser livre do nosso mal,  
 Trabalha quanto poderes  
 Por fugir caminho tal.  
 Sempre te guie a rason,  
 Governe como cabega,  
 A vontade lhe obedeca,  
 Sem outra contradicçao,

E se quereis saber mais  
 Porque deis conta de mi,  
 Sou hum dos que descendii  
 Aos abismos infernaes;  
 E fui lá com tal ventura  
 Que quanto quiz acabei,  
 Mas depois me condennei  
 Por não guardar a postura.

E por mais certos signaes  
 De Euridece fui marido,  
 Por ella mesmo perdido  
 Nestas penuas immortaes,  
 Eu fui aquele, que ouvistes  
 Que em musica soube tanto,  
 Que fiz com meu doce canto  
 Não penar as almas tristes..

Aquestas outras companhias,  
 Que penam nestas cavernas,  
 Antiguas, tambem modernas,  
 Sam de mil terras estranhas;  
 Que jámais se passa dia  
 Que aqui não sejam trazidos;  
 Que he mui espaçosa à via  
 A que seguem os perdidos.

Logo bem não acabou  
 De dizer estas rasões,  
 Quando com lamentações  
 Longe de mim se apartou;  
 Quizera ser informado  
 Daquelle Gente, que vira,

Mas dali fui relatado,  
E posto d'onde partira.

A manhã escrarecia  
Quando com cantos suaves  
Nossas domesticas Aves  
Dam signaes de claro dia.  
Pelas coussas que ali vi  
De que nada fui contente,  
O meu cuidado presente  
De deixa-lo premitti.

Mas fui tal dali passando  
Como Homeim que prometerá  
Mui grandes mastos de cera  
Em fortuna navegando.  
Que vendo-se della fora  
Tornado já em bonança  
Do que passou naquelle hora  
Não lhe fica mais lembrança.

E como faz o Doente  
A morte vendo diante,  
Que promete dahi avante  
Viver muito continente;  
Mas o medo ja passado  
He do que via esquecido.  
Assim lhe vejo perdido  
Mais agora, e haniorado.

E bem como tem o Norte  
Ternura sem se mover,  
Espero firme de ser  
Na vida, tambem na morte.  
Assim como cão direito  
O dado quando se lança  
Assim minha mal andança  
Não me muda d'outro geito.

E bem como a agua do mar  
Não muda jámais a cór,  
Ném perde nunca o sabor

Por quantas nello vam dar;  
 Assim eu triste não posso  
 Com mil males destes laes,  
 Deixar nunca de ser vosso  
 E wo que sejam muitos mais.

E pois com tanta verdade  
 Vos sirvo com fé, Senhora;  
 Havei por Deos alguma hora  
 De meos males piedade.  
 Que se deste mal profundo  
 Eu não sam remediado,  
 Sam perdido neste Mundo,  
 E no que vi condemnado.

Parece-me que ha nesta composição todos os riquíssimos necessários para se julgar boa, invensão, phantasia, clareza de estylo, brevidade, poesis descriptiva, drama, affectos, e comparações variadas, de que muito careceram os Poetas desta eschola.

## CAPITULO XXIX.

### *Henrique da Matta.*

**P**oucas Poesias satyricas haverá no Cancioneiro de Resende, abundante na verdade deste genero de composições, que possam disputar a palma, ás que ali se acham estampadas em nome deste Poeta.

O seu genio caustico, e mordaz arroja uma torrente de dicterias, chistes, e apodaduras sobre o objecto a que se refere, e sem tornar-se pejado, não cessa os tiros sem ter a aljava do ridiculo inteiramente despejada; o que se evidencia das trovas, que passo a copiar.

A primeira é dirigida contra um Clerigo, que como muitos da sua profissão, especialmente nas Pro-

vincias, se esmerava mais em ter uma adega bem provida de vinho generoso, do que uma escolhida livraria.

Acontecera áquelle bom Padre a não pequena desventura, de, não sei porque accidente, se lhe haver aberto a torneira de uma pipa, derramando-se todo, ou quasi todo o seu contheudo pelo chão.

O maledico Trovador, em vez de compadecer-se da desgraça acontecida ao pobre Ecclesiastico, tomou daqui assumpto para agravar as suas magoas por tamanha perda, introduzindo-o em uma satyra, chorando, e lamentando com um pathetico resivel; nada mais no espirito deste genero de composição, que os seus soliloquios, as suas apostrophes ao vinho, á pipa, á escrava negra, que lhe servia de ama, ao seu Vigario, que lhe responde, a Alvaro Lopes, ao Almoaxife, ao Juiz dos Orphãos, queixando-se de uns, queixando-se a outros, e acabando pelo protesto de chorar toda a sua vida por tamanha desgraça.

Tenho para mim que este Poema é uma obra prima de bofonaria; até a escolha do metro, e os dous quadrenarios com que cada Estrophe é interrompida, e terminada me parecem augmentar o effeito de cada uma dellas

Ai! ai! ai! ai! que farei?  
Ai dôres, que me cercaram!  
Ai! que novas me chegaram!  
Ai de mim! onde me hirei?  
Que farei, triste mesquinho,  
Com paixão?  
Tudo levou máu caminho,  
Pois que vai todo o meu vinho  
Pelo chão!

Oh vinho! quem te perderá  
Primeiro que te comprára!  
Oh quem nunca te provára,  
Ou provando-te, morrera!  
Oh quem nunca fôra nado  
Neste Mundo!  
Pois vejo tão malogrado  
Hum tal bem tão estimado  
Tão profundo!

Oh meo Bem tão escolhido,  
 Que farei em vossa ausencia?  
 Não posso ter paciencia  
 Por vêr-vos assim perdido!  
 Oh Pipa tão malfadada

Desditsa,  
 De fogo sejas queimada  
 Por teres tão mal guardada  
 Esta Rosa!

— Oh Arcos, porque chuchastes?  
 Oh vimes de maldição!  
 Porque não tivestes mão  
 Assim como me ficastes?  
 Oh mau, vilão Tanoeiro  
 Desalmado,  
 Tu tens a culpa primeiro  
 Pois levaste o meu Dinheiro  
 Mal levado!

Oh Perra de Manicongo,  
 Tu entornaste este vinho,  
 Huma posta de toucinho  
 Te heide gastar nesse lombo  
 «A mim! nunca, nunca mim  
 „Intornar!  
 »Mim ardar a auguar Jardim,  
 »A mim nunca ser ruim,  
 »Porque bradar?»

— Se não fosse por alguem,  
 — Perra, eu te certefico  
 — Bradar com almexetico  
 — Alvaro Lopo tambem.  
 «Vos logo todos chamar,  
 »Vós beber,  
 »Vós Pipa nunca tapar,  
 »Vós a mim quere pingar,  
 »Mim morrer!»

— Ora, Perra, calla já,  
 — Senão matar-te-hei agora;  
 «Aqui ser Juiz de Fóra,

“E mim logo vai té lá,  
 “Mim tambem fallar Mourinho,  
 “Sacrivão:  
 “Mim nom medo dos toucinho  
 “Guardar não ser mais que vinho  
 “Crerigão.”

Ora eu te dou ao Diabo!  
 Rogo-te já que te calles,  
 Que bem me abastam meus males,  
 Que me vem de cada cabo.  
 Olhem a Preta o que diz.  
 Que fará?  
 Hirá dizer ao Juiz  
 O que fiz, e o que não fiz  
 E crê-la-ha!

E pois ella he tão ruim  
 Bem será que me perceba,  
 Dirá que he minha Manceba  
 Para se vingar de mim.  
 Então em provas, não provas,  
 Gastarei,  
 Hirão dar de mim más novas,  
 E farão sobre mim trovas,  
 Que farei?

É admiravel o artificio desta Estrophe; o Poeta não diz que o Clerigo tinha a escrava por manceba; mas para que a assersão tenha mais força, faz que elle proprio atarantado com a ameaça da negra, o dê a entender; ainda mais a este rasgo de artificio, o Poeta junta outro de maior alcance para quem tiver presente a Ordenação do Reino. O Padre não receia tanto a animadversão do Juiz, como as despesas, que pôde fazer com o processo, e as trovas que podem dirigir-lhe os praguentos. Está visto que a arte havia já feito não pequenos progressos, ao mesmo passo que mostra a desmoraliseração, e relaxamento, que naquella epocha começava a lavrar na Disciplina Ecclesiastica.

O siso será callar  
 Para não buscar desculpa,

Pois a Negra não tem culpa;  
 Pera que lhe quero dar?  
 Eu sam aqui o culpado  
     E outrem não!  
 Eu sam o damnificado,  
 E eu sam o magoado,  
     Eu o sam!

Que negra entrada de Março!  
 Se tudo vai por esta arte,  
 E as Terças d'outra parte  
 Ham-me de dar hum camarço!  
 Oh vós outros, que passaes  
     Pelas vinhas  
 Respondei, assim vivaes,  
 Se vistes dôres iguaes  
     Como as minhas!

Pois não tenho aqui Parentes,  
*Saltem vos, amici mei,*  
 Chorareis como chorei.

Chorareis a minha Pipa,  
 Chorareis o anno caro;  
 Chorareis o desamparo  
 Do meo Bem de Caparica.  
 E pois tanta dôr me fica,  
*Saltem vos, amici mei*  
 Chorarei como chorei.

» Oh gordo Padre Vigario  
 » Vós que sabeis que dôr he,  
 » Ajudai por vossa fé  
 » A chorar este sadario:  
 » Se perdêra o Breviario,  
 » Nem a capa que comprei  
 » Não chorára o que chorei.

— Oh Irmão, muito perdeste  
 — E segundo o que em mim sinto,  
 — Não tivera atrevimento  
 — De sofrer o que sofreste.  
 — He um tão grande mal este,

— Que com dó que de ti hei  
— Pera sempre chorarei.

“ Oh Alvaro, Irmão amigo,  
» Vê-lo? jaz aqui no chão! ...  
» Pois perdeste teu quinhão,  
» Vem, e chorarás comigo.  
» Eu certamente te digo,  
» Que quando morreo El Rey,  
» Por Deos! tanto não chorei. »

— Milhor me fôra perder  
— Dez mil vezes meu Oficio,  
— Ou hum grande Benefício,  
— Que tanta pena sofrer.  
— Pois não temos que beber,  
— Oh Irmão onde me birei?  
— Pois que choras, chorarei.

“ Oh Almoxarife, Irmão,  
» Levantemos esta Pipa,  
» E veremos se lhe fica  
» Ainda algum Membro são.  
» Mas eu tenho tal paixão  
» Do triste que não logrei,  
» Que por sempre chorarei. »

— Pois que não tem alma já,  
— Pera que he o levanta-la!  
— Mas muito peior será,  
— Que dizem que ficará  
— Esta casa violada.  
— A Comfraria he damnada!  
— O' Irmão! que te farei?  
— Se chorares, chorarei.

“ Vós que tendes jurdiçam,  
» Naquelles, que não tem Pay,  
» Vinde, vinde aqui, chorai,  
» Porque eu tambem Orphão sam.  
» E que vossa condiçam  
» Seja d'agua como sei,  
» Chorareis como chorei. »

— Esforçae, não vos mateis!  
 — Perto he daqui a Agosto;  
 — A Negra fica com vosco  
 — Com que vos confortareis.  
 — Do perdido não cuseis,  
 — Nem chameis aqui d'El Rey;  
 — E eu vos consolarei.

Todo o Genero honrado  
 Em que a virtude consiste,  
 Ajudai chorar o triste  
 Que jáz aqui entornado!  
 E pois eu por meu pecado  
 Per a tanto mal fiquei;  
 Per a sempre chorarei.

Não ha menos galanteria, é pilheria em outra composição do mesmo autor, para cuja intelligencia, é necessário ter presente o seguinte. Estando o Poeta no Bombarral, passou pela casa de D. Diogo, filho do Marquez, e viu estar presa á porta uma mula mui magra, e perguntando de quem era, lhe foi respondido, que pertencia a D. Henrique, irmão do sobredito D. Diogo, e que estava ali para levar o seu Ayo, que devia acompanhá-lo á Nazareth, onde ia de romaria a Nossa Senhora. O Poeta, considerando a falta de tratamento, que se observava no pobre animal, sem embargo de pertencer a pessoa de tanta representação, e riqueza, não poude conter a sua veia satyrica, e para logo se ocupou com a composição dos seguintes versos, em que mette a ridiculo a mesquinha com que aquella cavalgadura parecia ser tractada em casa de seu dono.

Que assil estaés desmazelada!  
 Vós no pecado da gula  
 Não deveis de ser culpada!  
 Segundo estaés delicada  
 Juraria  
 Que sereis acostumada  
 A comer pouca Cevada  
 Cada dia!

Vós por vossa gran magreira  
 Não deveis ter dôr de braço:  
 Já deveis deixar o Paço  
 Pois vos dam tam má canteira,  
 Que eu não sinto quem vos queira;  
 Porem sei  
 Quando foi da Alfarrobeira,  
 Que andaveis na dianteira  
 C'os d'El Rei.

Dessa vossa guarnição  
 Não sei si vos contentais,  
 Por outra parte he rasão  
 Pois que tem tantos metaes  
 Ouro, prata, estanho, e mais  
 Tem verniz:  
 Latão, cobre, não deixais  
 Pareceis bi onde estaeis  
 Hum buiz.

Sí fordes á Nazaretb,  
 Alli he vosse fartura:  
 Oh que gran doçura he  
 Arêa, e agoa dô mar!  
 Sí vos Deos bem ajudar  
 Nesta jornada  
 Quero-vos prophetisar  
 Que lá haveis de ficar  
 Estirada.

Vós pareceis hum Diabo,  
 Se não quando sois mui feia,  
 Por mais que bulaeš co' rabo  
 Haveis de ter mui má ceia.  
 Tendes feição de Lampreia  
 Na longura.  
 De barriga pouco cheia  
 Oh Jesu, que má estreia  
 Que tristura!

« Abofé! bem vos meteis  
 » Sem saber com quem fallais!

» E demais si vós cuidais.  
 » Que fallais com quem sabeis!  
 » Vós de mim zombar quereis  
     » Assus mal!  
 » Que fui do Senhor Marquez,  
 » Que já Reys vi morrer tres  
     » Em Portugal. »

— O que dizeis he assi?  
 — Dizei, assim vos Deos farte.  
 « No tempo d'El Rey Duarte  
 » Vos affirmo que nasci.  
 » E já quatro Reys servi  
     » Portuguezes;  
 » E com quanto mal sofri,  
 » Nunca da casa sahi  
     » Dos Marquezes. »

— Pois com quem viveis agora,  
 — Que vos tem tão mal tratada?  
 » Traz-me hum Homem emprestada  
 » De quem se já cedo fora.  
 — Não me direis onde mora?  
     » Si morasse....  
 » Mas traz huma tal espora!  
 » Queria que na má hora  
     » Se fallasse!

— No tempo dos Caramellos  
 — Que comeis? « Que Deos vos valha  
 » Huma quarta de farelos,  
 » Huma joeira de palha! »  
 — Não comeis outra batalha?  
     » Assim gosédes!  
 » Não como mais ni migalha:  
 — Dárt-vos-ha fome batalha!  
     » Já o vedés! »

— Ora bem, e no beber  
 — Assim vos poem provisão?  
 » Quanto a disso ha fartação,  
 » Nem ha hi al que dizer.

„Sa, me dessem de comer  
 „Dessa maneira,  
 „Bem podia gorda ser,  
 „Nem me veria morrer  
 „De lazeira. „

— Tendes los ossos mui altos,  
 — E a catne mui sumida,  
 — Andaes bem fora dos saltos  
 — Sois de quadris bem fornida.  
 “Por bi vereis bem a vida,  
 “Que eu passo;  
 “E por ser mais destruida  
 “Vou com hum Homem nesta bida  
 “Muito escasso. „

— Ora bem, esse vosso amo  
 — Não direis como se chama?  
 “He o amo, que eu desamo,  
 “E que a mi mui pouco ama.  
 “Não heide callar sa fama;  
 “Que me esfolle!  
 “Mas se agora houvesse lama  
 “Se lhe eu não fizesse a cama  
 “Na mais molle. „

Este ultimo rasgo é excellente, se attendermos ás manhas destes animaes. Penso que os extractos aqui apresentados sam bastantes para os estudiosos fazerem idéa do estylo dos Poetas desta epocha, contidos no Cancioneiro de Resende; nem seria possivel mencionar um tão grande numero de Authores como se encontra naquelle vasta collecção, acrecendo a isto, que tendo ella sido feita com pouca escolha, muitas dellas não merecem a honra de serem mencionadas, e outras, como as de Francisco de Sá e Miranda andam impressas nas suas Obras, e sam por isso conhecidas de todos.

## CAPITULO XXX.

### *Gil Vicente.*

**E**ntre tantos homens, que com mais, ou menos talento trabalharam por nos crear uma Poesia, despendo a pouco, e pouco a lingua da sua rudeza primitiva, encontrâmos um Poeta de verdadeiro gênio; um homem que lançou os fundamentos ao nosso Theatro, e que serve como de trasição da eschola dos Trovadores para a eschola Italiana. Um homem, que nas suas composições lyricas se destingue muito pela elegancia de linguagem, força de expressões, e de idéas, e pela harmonia, e fluidos da versificação.

Este homem foi Gil Vicente, que os seus contemporaneos denominaram o Pai da Graça, e o Plauto Portuguez, e que a muitos respeitos merece estas gloriosas denominações, e a reputação Europea, que desfruta.

Sem embargo porém do grande numero das suas obras, do grande applauso, com que foram recebidas no seu tempo por naturaes, e estrangeiros, e dos louvores que lhe tributou Erasmo, que se deu ao trabalho de estudar a lingua Portugueza para poder admirar-lo no original; apesar da veneração com que delle fallaram os nossos mais doutos litteratos modernos, que tinham occasião de o ler; sam tão escassas as noticias, que nos ficaram a respeito da sua pessoa, ascendencia, naturalidade, e fortuna, tão contraditorias, e incertas, que podem servir de prova da ingratidão da Patria, e do culpavel desleixo, com que deixa cair no esquecimento as cousas com que mais deveria honrar-se, e desvanecer-se.

Não pôde com certeza dizer-se que logar, ou povoação deste Reino teve a honra de prestar o berço a Gil Vicente, porque uns afirmam que Guimarães, outros que Barcellos, e outros finalmente que Lisboa.

Esta ultima opinião parece mais bem fundada á vista destes versos do Auto I., onde diz:

Conoceste a Juan domado,  
Que era Pastor de Pastores?  
Io le vi entre estas flores  
Con grande hato de Ganado,  
Y su cayado real.

Este Pastor de Pastores, que elle tinha visto entre estas flores, isto é, no Paço de Lisboa, onde se representava o Auto, em que o Poeta fazia uma parte, era D. João II.; e já se vê, que sem grande temeridade pôde suppor-se que o Poeta era natural desta Cidade; posto que também pôde collegir-se daqui, que elle viera á Capital no Reinado daquelle Monarca, e sendo ainda muito moço, queremos dizer, antes do anno de 1495.

As mesmas duvidas se oferecem sobre o anno do seu nascimento; mas se como é mui probavel, era elle quem representava o papel de Justica Mór na *Floresta dos Enganos*, derradeira composição sua, que se representou em 1536, onde diz:

Ya hize sessenta y seis,  
Ya el mi tiempo es passado.

torna-se mui probavel à opinião do seu illustre Editor, e meu douto amigo o Sr. José Victorino Barreto Feio, de que o nascimento de Gil Vicente fôra no anno de 1470.

Quanto á sua familia, elle mesmo escreveu que era nobre, nem o podemos duvidar, porque sem essa circunstancia, segundo o uso do tempo, não seria admittido no Serviço do Paço. Mas nem elle, nem seu filho Luiz Vicente, tiveram o cuidado de informar-nos dos nomes de seus Pais, nem da posição, que haviam ocupado no Mundo.

Parece que o Pai de Gil Vicente o destinava para a carreira da Magistratura, pois o fez matricular na Universidade, então existente em Lisboa, onde estudou com grande applicação, e gosto as humanidades, e com muita repugnância o Curso de Direito Civil,

sucedendo-lhe assim o mesmo que ao celebre Torquato Tasso, que tambem involuntariamente se formou em Leis para condescender com a vontade de seu Pai.

A natureza tinha-os criado para Poetas, e não para Doutores. O estudo estéril, e fastidioso da Jurisprudencia só pôde convir a espiritos mediocres, e incapazes de produzir cousa alguma « *Il n'y a pas d'Hommes, qui soient plus dans le cercle des idées de leur profession que les Legistes* » disse com razão um Escriptor moderno; eis ahi porque Ariosto, e Tasso abandonaram essa sciencia logo que poderam, assim como Gil Vicente, naturalmente depois de seu Pai falecer.

Não nos consta se elle chegou a servir alguns logares de Magistratura; mas só que entrou no serviço do Pago, em 1502.

Seu filho Luiz Vicente, que foi o primeiro Editor das suas Obras, nos informa do modo porque elle iniciou a carreira Dramatica. Havendo a Rainha D. Maria, Mulher d'El-Rei D. Manoel, dado á luz um Príncipe, que reinou depois com o nome de D. João III., na segunda noite depois do puerperio, estando ahi presentes El-Rei, a Rainha D. Beatriz, e a Duquesa de Bragança sua filha, entrou no quarto da Rainha Gil Vicente, vestido de vaqueiro, e lhe dirigiu uma felicitação, em estylo rustico, e em Trovas Castelbanas de pé quebrado, e finda ella, entraram outros individuos, vestidos tambem de Pastores, que apresentaram seus mimos ao Príncipe recemnascido.

Era esta a primeira vez que em Portugal aparecia uma cousa, que tivesse visos de representação theatrical; e por isso agradou a todos quantos estavam presentes, e com especialidade á Rainha, que ficou tão satisfeita, que pediu ao Poeta que lhe recitasse os mesmos versos na noite de Natal, accommodando-os ao nascimento do Redemptor.

Gil Vicente, mui contente, como era de esperar, pelo bem que seus amos haviam acolhido a sua invenção; determinou trabalhar em maior escalla; e na noite de Natal apresentou o Auto Castelhano, o segundo que se lê nas suas Obras, que posto que conserva o mesmo caracter pastoril, tem já alguma complicação de enredo, diversos caracteres, e alguma

pompa theatrical, resultante da vista do Presepe, e da machina de um Anjo, que desce a despertar os Patores.

Este esboço de Drama foi recebido com maiores aplausos, e dahi por diante não houve no Paço festividade, nascimento, ou casamento de Pessoa Real, que não fosse realçado com alguma representação de Gil Vicente.

Com o uso de compõr alargava-se cada vez mais a esphera das suas idéas Dramaticas, os seus quadros sahiam mais complicados, e interessantes, dava maior pompa á scena, mais viveza á pintura dos caracteres, ás paixões; e o que ao principio foram Autos já podia, sem injustiça, merecer o nome de Comedias.

Não sabemos o tempo em que Gil Vicente curvou a cerviz ao jugo do Matrimónio, nem de sua Mulher nos consta senão que se chamava Branca Bezerra, não consta porém se era nobre, ou plebea; bem que este nome não indique grande illustração de linhagem.

Della teve o Poeta um filho por nome Luiz Vicente, e uma filha chamada Paula Vicente. Luiz Vicente foi, como dissemos, o primeiro que collegiu, e deu á luz ás Obras de seu Pai, bem que o Alvará de Privilégio, por tempo de dez annos, seja passado, não a elle, mas a sua irmã.

Paula Vicente foi Dama da Infanta D. Maria, filha d'El-Rei D. Manoel, e da Rainha D. Leonor, e uma das mulheres instruidas, que fizeram parte da Academia feminina instituída por aquella douta Princesa, e em que figuraram tanto Anna Vaz, e Luíza Segea, que, como Paula Vicente, cultivavam o Grego, o Latim, e a Poesia. O Abhade Diogo Barbosa Machado menciona como perdido um volume de Comedias composto por esta Poetisa. Paula Vicente era igualmente grande Música, e grande Actriz, sendo quem nas composições de seu Pai representava com grande talento, e grande aplauso os primeiros papeis de Damas, em quanto elle se encarregava das mais difílcultosas partes de homem. Accrescenta mais a tradição, que nos últimos annos do Poeta, ella o ajudava na composição dos seus Dramas.

Se dermos credito a Manoel de Faria e Sousa, além

destes filhos, teve Gil Vicente outro, que foi o primogenito, e que se chamava Gil Vicente como seu Pai, e acrescenta a este respeito uma circunstancia, que se fosse verdadeira poria uma mancha tão indelevel, como vergonhosa na reputação, e credito do Poeta.

Diz Faria e Sousa, que este Gil Vicente filho, foi grande Poeta Comico, e que compozera Comedias, que foram tão applaudidas, que o Pai invejoso da gloria do filho, e receiando vêr por elle obscurecida a sua fama, o fizera embarcar para a India, onde havendo-se distinguido como um dos mais bravos soldados do seu tempo, perdéra valorosamente a vida em uma batalha; e esta tradicção tem sido depois repetida por alguns Authores mais modernos. Mas será ella verdadeira?

Pela minha parte não ponho duvida alguma em dizer que não. Não consta a respeito de Gil Vicente cousa que possa tornar verosimil este escandaloso, e iniquo procedimento.

Toda esta historiia tragicá não tem mais que um fundamento; a autoridade de Manoel de Faria e Sousa; porque os outros não fizeram mais do que repetir o que elle dissera. Mas em que documentos se fundou Manoel de Faria para avançar um facto de tal natureza? Nenhum dos Authores contemporaneos, como os doua Resendes, o Chronista d'El-Rei D. João III. Francisco de Andrade, dizem cousa alguma a este respeito. Qual é a razão porque o mesmo Faria, que o dá por tão esforçado, na sua Asia Portugueza, não aponta uma unica das suas façanhas? porque não lêmos sequer o seu nome nos prolixos, e fastidiosos Catalogos de mortos, que o Historiador Diogo do Couto compilou com tanto desvelo, e onde menciona não só pessoas nobres, mas até uma multidão de nomes obscuros, e desconhecidos? como é possível existisse um Poeta Comico de tanta reputação, que dava cinquimes a Gil Vicente, que o obrigou a romper em um procedimento tão infame, e que destas composições suas nos não ficasse uma só? É verdade que lhe atribuem o Auto de D. Luiz de los Turcos, de que só existe hoje o titulo, mas tambem hoje ninguem ignora, que essa composição é do Infante D. Luiz, e não delle; testemu-

nha o Indice de livros prohibidos, feito no tempo de Philippe II., que Monsenhor Gordo vio, e copiou na Bibliotheca de Madrid, e imprimio nas Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa, onde se menciona como obra daquelle Infante o *Auto dos Captivos, chamado de D. Luiz e dos Turcos.*

Para tornar o facto mais duvidoso João Baptista de Castro, no Tomo 2.<sup>o</sup> do seu *Mappa de Portugal*, conta de Luiz Vicente o mesmo que Faria e Sousa conta de Gil Vicente Junior, é accrescenta, que a causa dos ciumes do Pai, fôra o grande acolhimento feito ao Auto de *D. Luis, e dos Turcos*; é um homem como João Baptista de Castro imprime um absurdo semelhante, sabendo-se que Luiz Vicente nunca saiu do Reino, não morreu na India, sobreviveu à seu Pai, e publicou suas *Obtas* depois de sua morte.

Respeito muito o engenho, e saber de Manoel de Faria e Sousa, mas não tenho confiança nenhuma n'elle em matérias de critica, e de gosto, e por isso deixando livre aos outros o formar o juizo que bem lhe parecer destas tradicões contraditorias, e com tanta leveza enunciadas, me conservarei duvidoso de um facto, que traz consigo a diffamação de um dos nossos maiores Poetas, em quanto com provas claras me não convenção dà realidade delle.

Não sei que fatalidade persegue os nossos melhores engenhos, que quasi todos perecem na miséria. Si Luiz de Camões, o primeiro que deu á Europa um Poema verdadeiramente Epico, morreu no Hospital de Lisboa, ou como a alguns parece mais verosimil, em sua casa, e de fome no tempo que dominavam Portugal os Jesuitas, inimigos jurados da nossa illustração, e de quantos mostravam espirito cultivado, e amor da liberdade; isso me parece menos de estranhar do que ver Gil Vicente acabar na pobreza, elle empregado no Paço com a sua familia, que tanto havia recrendo seu amo, e honrado a sua Patria com os fructos do seu talento; e desgraçadamente é elle próprio quem nos informa desta calamidade. É elle que escrevendo ao Conde de Vimioso diz:

Agora irago entre os dedos  
Huma Farça mui formosa;

Chamo-a «A Caça dos Segredos»,  
 De que ficareis mui ledos,  
 E a minha dita occiosa,  
 Que o medrar,  
 Se estivera em trabalhar,  
 Ou valera o merecer,  
 Eu tivera que comer,  
 E que dar, e que deixar.

Porem, por cima de tudo  
 O meu despacho queria,  
 Porque a minha phantasia  
 Occupa o mais do estudo  
 Tudo em Vossa Senhoria,  
 E o cuidado,  
 Quando anda mais occupado  
 Cuida muito, e não faz nada:  
 A vontade acho dobrada,  
 Mat o espirito cansado.

É o mesmo Gil Vicente que diz, com o tom da amargura, e do desgosto.

E hum Gil!... hum Gil!... hum Gil!...  
 Hum que não tem nem oestil,  
 Que faz os Autos a El Rey!...  
 .....  
 Autos cuido que dizia,  
 E assim cuido que he;  
 Mas não já Auto bofó  
 Como os outros, que fazia.  
 Quando elle tinha com que.

Não ha na verdade espectaculo mais doloroso, que vêr aquelles homens, que a natureza criara para ilustrarem a sua Patria, e fazer honra ao genero humano, mal premiados, e desvalidos, perseguidos quantas vezes? soltar gemidos do centro da indigencia, e do desconsolo! e estes funestos exemplos, tão frequentes em todos os tempos, e em todas as Nações, serão ainda mil vezes repetidos nestes seculos de Egoismo, em que o interesse é a única divindade, a que se tributam cultos!

Poucos homens terão vindo ao Mundo com um espirito tão disposto para se immortalisarem pela Poesia Comica. Imaginação viva, invenção secunda, gênio observador, estylo facil, e pictoresco, versificação flexivel, abundancia de sentenças, graça, causticidade, e chistes inexauríveis, singular tino para enredar uma fabula, e descobrir situações, que possão interessar o espectador, sam dotes, que a cada passo, se encontram, e a cada passo se admiram nas Obras de Gil Vicente. Erasmo achou o seu talento mui semelhante ao de Plauto; mas com perdão do grande Humanista de Rottesdam, parece-me que tem mais pontos de semelhança com Aristophanes. Os seus planos chegam-se mais á chistosa, e phantastica irregularidade do Poeta Grego, que á Comedia classica do Poeta Latino. Tem além disso a sua ousadia, e mordacidade, que nelle chega a um ponto que assombra. Gil Vicente a ninguem perdoa. O Sr. Barreto Feio já fez esta observação no *Ensaio sobre a Vida, e Escriptos de Gil Vicente*, que elle collocou á frente de sua Edição das Obras deste Poeta. «*Não supponos* (diz) *que Gil Vicente considerasse a moralidade Dramatica como uma condição da Comedia, antes julgamos que elle só teve em vista o agradavel; porém como o homem é naturalmente mais inclinado a rir-se, que a commiserar-se dos vicios, e desfeitos dos seus semelhantes, tornam-se estes materiaes indispensaveis na Comedia, assim se encontra no Poeta um Usurario, logrado por um Cavalheiro de industria; um Ministro preverificador, por uma Moga ladina; rediculizado o pedantismo de um Medico; e a Astrologia Indiciaria, em todo o vigor, ainda no tempo de Gil Vicente; em fim a soberba dos Grandes, e dos Poderosos abatida. Na propria presença da Corte se fuzem as mais amargas recriminações contra os Reis por suas tyrranias, e a mesma Corte não está a coberto dos seus sarcasticos gracejos.*»

Estas observações do illustre Editor sam justas; tanto as classes infimas, como as summidades da Sociedade, fornecem individuos para serem fustigados em scena pelo inexoravel Poeta Comico, e por elle immolados á irrisão pública.

Mas de todas ellas nenhuma mais maltratada que o Clero, e muito especialmente os Frades, com quem o Poeta parece ter tido uma antipathia invencível; persegue-os sem descançar; despeja sobre elles quantas settas guarda no carceaz do ridiculo; não perde occasião, nem ensejo de levantar o véo á sua hypocrisia, á sua ambição, á sua avareza, e devassidão escandalosa. Vede como na Comedia de Rubena, quando a Feiticeira encarrega os Demonios de lhe procurarem um berço para una Criança recemnascida, elle aproveita o lance para trazer ao pelourinho os objectos do seu odio.

## FEITICEIRA.

Levantar, má hora, em pé!  
 Si eu torno do meu alguidar  
 Far-vos-hey eu rebentar  
 Como nilo temporé:  
 Dois de vós me vam furtar,  
 Ali a par da Trindade,  
 Hum berço, que deo hum Frade  
 A Joanna de Aguiar.

E si este se não achar,  
 Hide a Branca da Romeira,  
 E olhae de traz da Esteira;  
 E vereis hi hum estar:  
 Ou hide vós pelo rasto  
 Desses Ministros, e Curas,  
 Que todos tem Creaturas,  
 Louvores a Deos, a bosto.

Trazede berço dourado,  
 Muito rico, e muito asinha,  
 Que se crie Cismeninha  
 Pera muita alto Fado.

## CAROTO.

Draguiinho, tu a São Vicente  
 De Fóra!

## DRAGUINHO.

E tu?

## CAROTO.

**A Sé:**  
Porque crêde que ali se  
O feito mais commumente.

## CAROTO.

Berço tem huma Mogueira,  
Na rua do Calcafrades,  
Manceba de dois Abbades.

## DRAGUINHO.

Melhor terá a Linbeira.

## LEGIAO.

Está huma Lavadeira,  
Lá no Bairro sobre Alfama,  
Que mais parideira Dama  
Não ha bi, mais parideira.

Os Diabos partem a buscar o berço, a Feiticeira ordena aos que ficaram, que vão procurar-lhe uma ama, para criar a recém-nascida, e em breve volta Draguinho com um berço, e mostrando-o à Feiticeira, diz:

## DRAGUINHO.

Que vos parece, nossa ama,  
O Berço? fui-o furtar  
Ao Paço do Lumiar,  
Que foi dado a huma Dama  
De Frey... quero-me callar.

## FEITICEIRA.

Dizei-mo em puridade.

## DRAGUINHO.

Quereis saber? he hū Frade,  
Hum Frey Vasco de Palmella.  
Hum que tinha a Madanella,  
Colxoeira da Trindade.

## FEITICEIRA.

Muito me dá na vontade,  
Pois conhego quem he ella.

É muito de suppor, que este Frei Vasco de Palmella, fosse mui conhecido no Paço, assim como as suas aventuras amorosas, e que talvez estivesse presente á representação, e dahi pôde julgar-se da hilariade dos Espectadores ao ouvirem esta alusão satyrica. Em um theatro regular seria isto mui reprehensivel; mas em um festejo de corte não podia deixar de passar por boa feição. Lembrem-se os leitores do que dissemos nos Capitulos de alguns Poetas do Cancioneiro à respeito do que neste tempo passava por jocosidade.

No Auto intitulado a *Barca do Inferno*, chega a ella um Frade com uma Raperiga pela mão, e travasse este colloquio entre elle, e o Diabo.

DIABO.

Que he isso, Padre, que vai lá?

FRADE.

*Deo gratias!* sam Cortezão.

DIABO.

Sabeis tambem o tordião?

FRADE.

He mal, que me esquecerá.

DIABO.

Essa Dama hade entrar cá?

FRADE.

Não sei onde embarcará.

DIABO

Ella he vossa?

FRADE.

Não o sei,  
Por minha a trago eu cá.

DIABO.

E não vos punha lá grossa  
Nesse Convento sagrado?

FRADE.

Assi fui bem açoitado.

DIABO.

Que cousa tão preciosa !  
Entraí, Padre reverendo.

FRADE.

Para onde levaes a Gente ?

DIABO.

Para aquelle fogo ardente ,  
Que não temeste vivendo.

FRADE.

Juro a Deos , que não entendo .  
E este habito não me val ?

DIABO.

Gentil Padre Mundanal ,  
A Belzabuth vos comendo.

FRADE.

Corpo de Deos consagrado ,  
Pela Fé de Jesus Christo ,  
Que eu não posso entender isto !  
Eu heide ser condemnado !  
Hum Padre tão namorado ,  
E tanto dado á virtude !  
Assim Deos me dê saude  
Como estou maravilhado !

DIABO.

Nao façamos mais detença .

FRADE.

Por Deos ! essa seria ella !  
Não vai em tal caravella  
Minha Senhora Florença ,  
Como ! por ser namorado ,  
E folgar e'uma Molher !

**Se hade hum Frade de perder  
Com tanto psalmo resado!**

DIABO.

**Ora estaes bem aviado!**

FRADE.

**Mas estou bem corregido.**

DIABO.

**Devoto Padre, e Marido,  
Haveis de ser cù pingado.**

FRADE.

**Mantenha Deos esta croa!**

DIABO.

**Oh Padre Frei Capacete,  
Cuidei que tinheis Barrete.**

**Na Farça intitulada o Clerigo da Beira, principia a acção com hum Dialogo entre o Clerigo, e seu filho Francisco, que vam á caça, e já esta situação é por si mesma uma invectiva, porque os Canones prohibem a caça aos Ecclesiasticos.**

FRANCISCO.

**Vós haveis de celebrar  
Missa de Festa em Pessoa,  
E não fazeis a coroa  
Antes que vamoç caçar?  
Pois, Pav, não haveis d'olhar  
Que sois Clerigo da Beira,  
Porque essa Gente Cabreira  
Em tudo quer attentar?**

CLERIGO.

**Tua May ma tosquiárá.  
Não cures tu de conselhos;  
Cacemos nós dos Coelhos,  
Que isso á noite se fará.**

FRANCISCO.

Sabeis, que me esqueceu lá  
A Furoa?

CLERIGO.

Vai por ella.

FRANCISCO.

De huma legoa heide trazela,  
Milhor viva eu, que lá vá.

CLERIGO.

Pesar da hida, e da vind'a,  
Vae, torna pela Furoa.

FRANCISCO.

Vá lá quem tiver coroa,  
Que eu não a tenho ainda.

CLERIGO.

Creio que a Vara hade andar  
Se isso vai dessa maneira.

FRANCISCO.

Eu não sou vossa Oliveira,  
Que a haveis de varejar.

CLERIGO.

Renego dessas respostas,  
Vai muito asinha.

FRANCISCO.

Eu creio  
Que cuidaes que sou correio,  
Que vae, e vem pela Posta.

CLERIGO.

Crês tu, se me a mim não fóra,  
Que tua Mai logo se assanha,  
Já te eu dera huma tamanha,  
Que te fóras logo essa'ora.

**Requeiro, que vas embora,**  
**Antes que se assanhe o Abade.**

**FRANCISCO.**

**Ainda eu não tenho vontade,**  
**Lá he ella algures fora.**

**CLERIGO.**

**Vai, Francisco.**

**FRANCISCO.**

**Sim, birás !**  
**Hide vós ; não tendes pés ?**

**CLERIGO.**

**Filho de Clerigo hes,**  
**Nunca bom feito farás.**

**FRANCISCO.**

**Peores são os de Frey Mendo,**  
**E os do Beneficiado ,**  
**Que vam tomar o bocado**  
**Que seo Pay está comendo.**

**CLERIGO.**

**Vai que já está no Cortiço ,**  
**Senão tomala , e trazela.**

**FRANCISCO.**

**Já má ora vou por ella ,**  
**Mas heide faltar chourigo.**

**Vai finalmente o rapaz , e volta com a Furoa , pa-**  
**sado algum tempo , e o Pai diz-lhe :**

**Rezemos matinas logo ,**  
**Antes que entremos à caça ;**  
**Que como Homem se embaraga**  
**Nella , não te senão fogo.**

**FRANCISCO.**

**Matinas de cá da Beira ,**

Ou como quereis resar?

CLERIGO.

Sim, para que he mudar  
Cada dia uma maneira?  
Porque os Cappelães d'El Rey,  
Que cá na Beira tem renda,  
Se rezam lá de outra ley,  
Tem outra ley de Fazenda.  
Mas Deos dê muita perbenda  
A Anton Alves, que he rasão  
Que elle, outros que lá estão  
Nos deixaram esta lenda.

FRANCISCO.

Nome de Deos, começar.

Principiam pois os dous a resar matinas com tanta devoção como pôde vêr-se da parte da resa, que passamos a transcrever. Esta pintura parecerá talvez a alguém mui carregada; mas não de certo a mim, que muitas vezes vi hum Parocho de certa Freguezia de Lisboa, resar, e conversar alternativamente, no mesmo gosto do Clerigo da Beira.

CLERIGO.

*Pater noster.*

FRANCISCO.

Oh que siso!  
Na caça para que he bom,  
Senão *Domine labia?* andar.

CLERIGO.

*Domine labia mea*  
Tu, Priol, a pé hirás.

FRANCISCO.

Si cansas, assentar-te-has,  
Porque não tens facanea.

CLERIGO.

*Venite, et exultemus,*  
 Que Cães, e Furão que temos  
 Para tempo de mister.

FRANCISCO.

*Domine, Dominus noster*  
 Nos dê com que os manter,  
 E Coelhos, que levemos.

CLERIGO.

*Cæli enarrant gloriam Dei,*  
 Não cuide Papa, nem Rey  
 Que está no cume da Serra.

FRANCISCO.

*Domini omnis est terra*  
 Que he Senhor de toda Grey.

CLERIGO.

*Ora, Te Deum laudamus,*  
 Pois que tal manhãa levamos  
 Para provarmos a Perra.

FRANCISCO.

*Jubilate Deo omnis terra!*  
 Diz que resemos, e vamos.

CLERIGO.

*Assim manda Deus, Deus meus,*  
 E nos dá dia para elles.

FRANCISCO.

*Lauda Dominum de Cælis*  
 Pois os Coelhos sam seus.

CLERIGO.

*Cantate, diz que cantemos*  
 Cantar novo, e não usado.

FRANCISCO.

**Cante o Beneficiado**

Que nós pouco pão colbemos.

CLERIGO.

*Laudate Deum, omnes Gentes,*  
*Laudate Nuno Ribeiro,*  
*Que nunca paga dinheiro,*  
*E sempre arreganha os dentes.*

Mas para que é citar mais, si apenas se encontrará Obra de Gil Vicente sem alguma invectiva contra os Padres?

À vista da veia fecunda, e mais dotes, que enriqueceram a Gil Vicente, podemos ter por certo, que elle seria o Lope de Vega Portuguez, si tivesse a fortuna de haver nascido em outro seculo, e em outras circumstancias; para se formar um grande Poeta Dramatico, para que elle possa desenvolver toda a força da sua intelligencia; é preciso que trabalhe para um Theatro Publico, e permanente, que tenha que captar a benevolencia, e a attenção de uma Platéa composta de individuos de todas as classes, e cujos applausos só podem alcançar-se á força de muito estudo, e de muitos trabalhos; que tenha rivaes, que lhe disputem a palma, e modellos, que lhe indiquem o que deve imitar, e de que devê fugir. Nada disto havia em Portugal no tempo de Gil Vicente, nem houve muito tempo depois, porque é certo que o seu Auto do Natal, foi a primeira cousa, que se representou entre nós.

O mesmo podemos dizer da Hespanha, onde só lhe podiam servir de exemplar as Eclogas de Juan de la Ensina, muito mehos Dramaticas, que as suas composições; porque ainda não está decidido, quanto a Torres Navarro, se foi este imitado por Gil Vicente, ou Gil Vicente por elle, como parece mais verosimil.

Admiremos pois este homem extraordinario, que soube tirar tanto do seu talento, desajudado de todos os socorros, e trabalhando para um Theatro Particular, no Paço; representando nos seus proprios Dramas com seus filhos, os Cortezãos, e ás vezes o proprio Rei; não tendo por espectadores senão Fidalgos, e Damas dispostas a desculpar tudo, e applaudir tudo, uma vez que os fizessem ris, e para isso ninguem como Gil Vicente.

É pois ás circumstancias, em que escrevia, que deve atribuir-se não só o não haver aperfeigoado a arte, mas a maior parte dos seus defeitos, e inverosimilhanças: se escrevesse para um Theatro Publico, não ousaria aventurar, como faz na Comedia de Rubena, este dialogo entre pessoas, que conversavam na Ilha de Creta.

CISMENIA.

Mostrai, Sequeira, o lavor!  
Que franzido tão real!  
Será pera algum Senhor?

SEQUEIRA.

Senhora, he penteador  
Pera o Bispo do Funchal.

CISMENIA.

Muito boa obra he ella.  
Andreza, e isso que são?

ANDREZA.

He de Aljofre hum Cabeção  
Para o Conde de Penella.

CISMENIA.

He de mui linda feição!  
E vós, Felicia?

FELICIA.

Hum lavor  
De perlas, e ouro tal  
Pera o nosso Embaixador;  
Porque veja o Imperador,  
Que as cousas de Portugal  
Todas tem grande valor.

CISMENIA.

Tu, Serrana?

SERRANA.

Estes lavores  
Sam para elle suadeiros

Com pedras de muitas cores,  
E dos lados bons letreiros  
Dizem, amores, amores!

Este dialogo seria boje, com rasão, censurado no nosso Theatro, mas não era assim no tempo de Gil Vicente, e com os seus espectadores. Estava ali o Bispo do Funchal, o Conde de Penella, o Embaixador á Corte de Alemanha, que ficavam mui satisfeitos de vêr assim louvar o seu bom gosto e riqueza de trajar; applaudiam como frenéticos, e estava prebenchido o fim do Poeta, que era lisonjea-los.

Gil Vicente escolhe muitas vezes para Actores dos seus Dramas Personagens sobrenaturaes, e alegoricas como Anjos, Demonios, os Deoses Mytologicos, as Estações, as Virtudes, Fadas, e Feiticeiras, e não é raro que as faça fallar, e operar de sorte que faz recordar a maneira de Shakespeare.

O seu dialogo é ordinariamente rapido, consiso, graciosos, e cheio de naturalidade, e singeleza. Vede como na *Festa da Virgem* uma Aldeãa se queixa dos estragos, que o Marido lhe faz em casa.

Vai-se-me ás Ameixieiras  
Antes que sejam maduras,  
Elle quebra as Cerejeiras,  
Elle vandima as parreiras,  
E não sei que faz das Uvas.  
Elle não vai ao lavrado,  
Elle todo o dia come,  
Elle toda a noite dorme,  
Elle não faz nunca nada,  
E sempre me diz que há fome.

Jesu, possole dizer,  
E jurar, e tresjurar,  
E provar, e reprovar,  
E andar, e revolver,  
Que he melhor para beber,  
Que não para maridar.  
O Demo, que o fez marido,  
Que assi secco como ho,  
Bebera a Torre da Sé,

**E** então arma hû arruido  
Assi debaixo do pé.

Vêja-se na Comedia intitulada *O Viudo*, a scena,  
em que o Compadre deste lhe inveja a sorte, e des-  
creve o genio insopportavel de sua Mulher.

**COMPADRE.**

**Que haces, Compadre amigo?**

**VIUDO,**

**Lo que quiere la tristura,  
Sin Muger, y sin abrigo.**

**COMPADRE.**

**Bien trocara yo contigo  
Se supiera tu ventura:  
Que tengo Muger tan dura  
De natura,  
Que se da la vida en ella  
Mejor que en sierra de Estrella  
La verdura.**

**PAULA.**

**Miad vos que cosa aquella!**

**COMPADRE.**

**Digo verdad por mi vida,**

**MILICIA.**

**Pues mui noble Dueña es ella.**

**COMPADRE.**

**Ansi me goze yo en vella  
No con vida tan complida.  
Alma sin tener salida  
Alli metida,  
Hade estar hasta mi Padre;  
Grande envidia te he, Compadre,  
Sin medida.  
A la fé digote, amigo,  
Que te vino buena estrena;  
Esso baha Dios comigo.**

## VIUVO.

Oh calla, que soy testigo  
Que es gran mal perder la buena.

## COMPADRE.

Mas cadena  
Quieres tu, que el hombre tenga,  
Que muger con vida Juenga,  
Aunque buena?  
No estes, Compadre, triste  
Por salieres de prision;  
Quando tu muger perdiste  
Entonces remaneciste:  
Mas faltate el corazon.

## VIUVO.

Segun va sin conclusion  
Essa razon,  
Tu estas fuera de ti,  
Y augmentas mas en mi  
La passion.

## PAULA.

Oh que mala condicion!

## COMPADRE.

Mas es buena, y mui real,  
Porque yo tengo razon.

## PAULA.

Pero habla en ti Neron,  
Y parecete mui mal.

## COMPADRE.

Si yo tengo un animal  
Peso a tal!  
Y una Sierpe per Muguer,  
Y por mas mi daño ser  
Es immortal!  
Tanto monta dar en ella  
Como dar nessa pared;

Quanto mas riño con ella  
 Tanto mas se goza ella.  
 Para Dios me hacer merced  
 No tiene hambre, ni sed.  
 Mas que una red  
 Siempre hasta, y aborrida;  
 Si esta vida tal es vida  
 Me sabed.  
 Quando con ella casé  
 Hallé, norabuena sea,  
 En ella lo que os diré,  
 Quando bien, bien la miré,  
 Vi-le un rostro de Lamprea,  
 Una babla a fuer d'Aldea,  
 Y de Guinea  
 El ayre de su menco:  
 Quanto mas se pon d'arreo  
 Mas es sea.

PAULA.

Oh callad! no digaes esso,  
 Que es mucho gentil muger!

COMPADRE.

No le visteis el avieso.  
 Pone el blanco desto en grueso,  
 Que Diablo habeis de ver?  
 Dexemos su parecer,  
 Escaecer,  
 Y vengamos alo al,  
 No estará sin decir mal,  
 Y lo hacer.  
 Ella por dame essa paja,  
 Mette la calle en revuelta;  
 Seso no sola migaja;  
 Dueña que se vuelve Graja,  
 Y anda en el ayre suelta,  
 Hallola mui desenuelta,  
 En dar vuelta  
 Dende lo bueno a lo malo,  
 Y lleva infinito palo  
 Nesta envuelta.

Si algo estoy de placer,  
 Dice que hierba he pisado;  
 Triste, quiereme comer.  
 Yo no me puedo valer,  
 A si me trae assombrado.  
 Yo si trayo a mi cuñado  
 Convidado  
 Muestramo un cêm tamанho,  
 Que me hace andar un año  
 Renegado.  
 Miente que es cosa espantosa,  
 Oh quantas mentiras prega  
 Mui porfiada, y temosa!  
 Suberbia, invidiosa  
 Siempre arde, siempre trafega,  
 Su lingua siempre navega,  
 Como pega,  
 Para todo mal urdida!  
 Si si halla comprehendida,  
 Luego niega!

## PAULA.

Porque desbonraes assi  
 Vostra muguer?

## COMPADRE.

Porque es plaga,  
 Que desque la recebi,  
 Bien pueden dicer por mi  
 El marido de la Draga  
 Y no ai quien me deshaga  
 Tan gran llaga,  
 De toda paz innemiga,  
 Por Dios, que no sé que diga,  
 Ni que haja!  
 Yo no la puedo trocar,  
 Yo no la puedo vender,  
 Yo no la puedo amansar,  
 Yo no la puedo dexar,  
 Yo no la puedo esconder,  
 Yo no la puedo hacer

Entender,  
 Si no qué es ella una rosa,  
 Y que esta mui desdichosa  
 En mi poder.  
 Y con todas sus traviesas,  
 Esta tan llena de vida,  
 Que con dos bombardas gressas,  
 Ni con lamadas espessas.  
 Sera en vano combatida.

## VIUVO.

Oh mi muger tan querida !  
 Fallescida,  
 Toda pas sen nunca guerra,  
 No debieras de la terra  
 Ser comida !  
 Yo me voi ora a resar  
 Sobre aquella tierra dura,  
 La qual no puedo olvidar,  
 Hasta mi morte acabar  
 Este dolor sin ventura.

## COMPADRE.

No quise mi desventura  
 Tan escura ,  
 Que estoutra fuera traz della ,  
 Que yo le hiciera una bella  
 Sepultura.  
 Y le hiciera resar  
 Las horas de los Dragones ;  
 Y le hiciera cantar  
 Las Missas en el Altar  
 Alumbradas con tizones ,  
 Offertadas con melones ,  
 Badeonnes ,  
 Todos llenos de cevada ,  
 Por Incienso una abumada  
 De baionnes .

Não só este dialogo é cheio de força comica ; está o carácter da Mulher Tarasca desenhado com tal verdade, que muitos espectadores haviam de conber-

cer abr o retrato de suas Mulheres tirado ao natural, mas ha aqui uma situação mui dramática resultante do contraste dos sentimentos do Viuwo, e do Marido, e do espanto das duas raparigas, que escutam este dialogo, e se escandalisam dele.

Posto que Gil Vicente maneja com tanta perfeição o estylo comic, nem por isso deixa, quando lhe convém, de saber elevar-se ao tom pathético da tragedia, como pôde ver-se no Monologo de Robena, com que principia a Comedia deste titulo; n'algumas scenas da Tragicomedia de D. Duuardos, no discurso do Fraude na Comedia do Viuwo, e em muitas outras occasões.

Parece-me que nada abona tanto o talento Dramatico do nosso Poeta, como a multidão de caracteres diversos, que pintou, posto que a natureza dos seus planos lhe não permittisse desenvolve-los completamente.

O Pai do nosso Theatro, e porque não diremos do Theatro Hespanhol? como todos os homens grandes, não deixou de ter invejosos, e calumniadores no seu tempo. Alguns se arrojaram a afirmar, que as suas obras não eram fructo do seu engenho, mas traduzidas, ou copiadas dos estrangeiros. « Pois bem, (disse o Plauto Lusitano aos seus zoilos) dai-me um assumpto, e eu farei sobre elle um Drama » foi aceito o desafio, e deu-se o Proverbio popular « Antes quero assno que me leve, que cavallo, que mederrube. » Gil Vicente apresentou, dentro em poucos dias, sobre este assumpto a sua Farça de *Inez Pereira*, Farça, que não podia ser tirada das obras de outro Poeta, Farça, de que o mui douto, e judicioso critico Bouterweek não duvidou dizer a *Se o Poeta estivesse em circunstancias iguaes áquellas em que escreveu Moliere, seculo, e meio depois; Inez Pereira seria uma das melhores Comedias de Caracter dos tempos modernos.*

Gil Vicente não se limitava só ao talento de Poeta; elle lhe ajuntava, não só os de Actor, e Ensaiaador, pois nos consta, que com sua filha, Paula Vicente, representava nos seus Dramas, e elle proprio se encarregava de os meter em scena, é esta a frase technica da Arte, mas era tambem habil Professor de Musica, e compunha aquella, porque se cantavam os

muitos Vellancicos, e Romances, que se lêem nos seus Dramas.

As Obras do nosso Poeta foram, como acima deixámos dito, dadas á luz por seu filho Luiz Vicente, muito depois da morte do Pai, em 1562, nesta Cidade, na Typographia de João Alvares, em formato de folio, e em caracteres gothicos. Esta edição desapareceu inteiramente de entre nós, digo-o assim, porque não só se não encontra algum exemplar della de venda, mas porque nem o encontrei na Biblioteca Publica de Lisboa, nem nas numerosas livrarias de Conventos, que frequentei quando moço, e quando tinha tempo para estudar.

Em 1585, o Impressor André Lobato publicou segunda, em Lisboa, que sahio da sua Officina, capada, e desfigurada pelo Santo Officio, como ali se advverte, e foi aquella expurgação feita com tanto rigor, que não só lhe alteraram, e cortaram versos, mas lhe suprimiram Coplas, Scenas, e Paginas inteiras. Desta edição existe um exemplar, em que eu li, pela primeira vez Gil Vicente.

Estabelecida a Censura em Portugal pelos Jesuitas, e a Inquisição, foi marchando em progresso ascendente de rigor, e é prova disso, o haverem depois algumas pessoas, ou por interesse, ou por zelo das nossas letras, tentado de balde novas edições de Gil Vicente; pois, nem assim mesmo horivelmente mutilado, o deixaram depois imprimir.

A edição de 1585 era já tão rara, que em poucas livrarias se encontrava algum exemplar della, e era de esperar que dentro em poucos annos o Theatro de Gil Vicente, assim como de seu sucessor António Prestes, e o Amadiz da Gaula de Vasco de Lobera, não fosse mais, que uma remeniscencia.

Felizmente, para as nossas letras, o meu illustre amigo, o Sr. José Victorino Barreto Feijo, o Tradutor de Salustio, e de Virgilio, visitando a Biblioteca da Universidade de Göttingen, ali deparou com um exemplar da primeira edição de Gil Vicente, de que tirou uma Copia fiel, e exacta; sobre que fez terceira edição, em Hamburgo, na Officina de Langhoff, no anno de 1834.

Esta edição é em 8.<sup>o</sup> frances, dividida em tres Volumes, correctamente impressa em excellente papel, e typo. È este um dos maiores serviços, que o Sr. Barreto Feio tem feito á nossa Litteratura.

As Composições de Gil Vicente dividem-se em cinco Livros, o primeiro contém os seus Autos, ou Obras de Devocão; o segundo as Comedias; o terceiro as Tragicomedias; o quarto as Farças; e o quinto as Poesias Lyricas. Esta classificação, que seria dificiloso sustentar com boas razões, é naturalmente dividida a Luiz Vicente. Em todos estes Dramas ha muito que admirar, e bastante que censurar: não compete ao plano deste Ensaio o examinar cada uma destas Composições, confrontando-a com as regras da Arte. Esta tarefa incumbe a quem escrever a historia do nosso Theatro, Obra, que serú de grande interesse, e utilidade litteraria, se fór desempenhada por pessoa dotada, além da necessaria instrucção, e conhecimento da Arte, de espirito indagador, despreocupado, e philosophico.

Lemitar-me-hei por tanto: 1.<sup>o</sup> a recommendar aos Mancebos estudiosos, e de talento, que ora felizmente não sam poucos, que se tem dedicado á poesia Dramatica, que lèiam, e meditem com attenção o Theatro de Gil Vicente; porque delle tem muito que aprender, e que aproveitar: 2.<sup>o</sup> a dizer, que na opinião dos Críticos estrangeiros, e com especialidade de Bouterweek, e Sismondi, as Farças de Gil Vicente sam as melhores das suas Obras, mas é necessário advertir, que a palavra Farça não tem aqui a mesma accepção, em que hoje se toma na nossa terminologia Theatral, sim a de Comedia Familiar, que tal era o sentido, que então se dava ao vocabulo Farça, tanto em Portugal, como na Hespanha, porém esta opinião, justa ou não que seja, não prova que nos Autos, nas chamadas Tragicomedias, modelo daquelle genero, que depois Lope de Vega, e Calderon chamaram Comedia Heroica, e nos Dramas, que na Colecção de Gil Vicente se denominam Comedias, não haja muitas, e grandes bellezas.

Os Dramas do nosso Poeta sam escriptos, parte, todos em Portuguez, parte, todos em Castelhano, e

parte, em Portuguez, e Castelhano, sendo elle o que primeito deu este exemplo, que hoje com rasão nos parece estranho, e que foi imitado por seus successores. Ha porém nisto uma diferença, e é, que nos Dramas delle o Castelhano é geralmente reservado para as Personagens subalternas, ou burlescas, como se observa nas Comedias de Camões, e nas de Simão Machado sobre o Cerco de Diu, em que os Portuguezes fallam na sua lingua, e os Índios, e Mouros em Castelhano. Gil Vicente não segue esta regra, e muitas vezes, como na Comedia de Rubena, a primeira figura falla na lingua dos nossos vizinhos, e as outras Personagens no nosso idyoma.

Não é facil dar a rasão do estranho gosto dos nossos Ávoengos por estas composições bilingues, mas este custume prova que as duas linguas eram igualmente usadas, e bemquistas na Corte e na Cidade.

Não acabarei este Capitulo sem fazer uma comparação curiosa de Gil Vicente com Lafontaine. Estou certo que poucas pessoas poderão acreditar, que haja alguma cousa de commun entre douz Poetas de diversas Nações, e que viveram em diferente seculo, mas por isso mesmo é que vale a pena o confronta-los.

O Auto de *Mofina Mendes*, uma das mais galantes composições do nosso Poeta, se o despojarmos dos accessorios, que constituem a acção Dramatica, acharemos, que é o mesmo assumpto que Lafontaine tractou na Fabula, que tem por titulo a *Leiteira, e a Bilha de Leite*. Vejamos agora como os douz Authors tractaram a situação principal, e que lhes é commun.

#### LAFONTAINE.

Perrete, sur la tête ayant un pot au lait,  
 Bien posé sur un coussinet,  
 Pretandait arriver sans encombre á la Ville.  
 Legere, et court-vétue, elle allait á grands-pas,  
 Ayant mis ce jour-la, pour être plus agile,  
 Cotillon simple, et souliers plats.  
 Notre Laitiere ainsi troussée  
 Comptait déjà dans sa pensie  
 Tout le prix de son lait; en employant l'argent,

Achetait un cent d'œufs ; faisait triple couvée,  
 La chose allait à bien pár son soin deligent.  
 Il m'est (disait-elle) facile  
 D'élever des poulets autour de ma maison ;  
 Le Renard sera bien habile,  
 S'il ne m'en laisse assez pour avoir un Cochon ;  
 Le Porc á s'engraisser couterá peu de son.  
 Il etait , quand je l'eus , de grosseur raisonnable ,  
 I'aurais , le revendant , de l'argent bel , et bon :  
 Et qui m'empecherá de mettre en notre étable ,  
 Vu le prix dont il est , une vache , et son Veau ,  
 Que je verrai santer au milicu du troupeau ?  
 Perrette la dessous sante aussi transportée ,  
 Le lait tombe , adieu Veau , Vache , Cochon , couvée .  
 La Dame de ces biens , quitant d'un ail marri  
 Sa fortune ainsi repandue  
 Va s'excuser á son mari ,  
 En grand danger d'être battue .

Vejamos agora Gil Vicente. Depois de grandes perdas , que Payo Vaz , amo de Mofina Mendes , tem experimentado em seus gados pelos descuidos , e falta de cuidado desta mal-aventurada Pegureira , toma em fim o expediente de a despedir , e diz-lhe :

## PAYO VAZ.

Pois Deos quer que eu pague , e peite  
 Tão daninha Pegureira ,  
 Em paga desta canseira  
 Toma esse pote de Azeite ,  
 E vai-o vender á Feira ;  
 E quiçaes medraráis tu ,  
 O que eu comtigo não posso .

## MOFINA MENDES.

Vou-me á Feira de Trancoso  
 Logo , nome de Jesu ,  
 E farei dinheiro grosso .  
 Do que este Azeite render  
 Comprarei ovos de Pata ,  
 Que he a cousa mais barata ,  
 Que de lá posso trazer ,

E estes ovos chocarão,  
 Cada ovo dará hum Pato,  
 E cada Pato hum Tostão,  
 Que passará de hum milhão,  
 E meio a vender barato.  
 Casarei rica, e honrada  
 Por estes ovos de Pata;  
 E o dia que fôr casada  
 Sahirei ataviada  
 Com hum brilh d'escarlata,  
 E diante o desposado,  
 Que me estará namorando,  
 Virei de dentro bailando,  
 Assim desta arte báilado,  
 Esta cantiga cantando.

(Baila, e cahe-lhe o pote, que tem á cabeça.)

## PATO VAZ.

Agora posso eu dizer,  
 E jurar, e apostar,  
 Que bes Mofina Mendes toda.

## PESSIVAL.

E se ella baila na boda,  
 Que estáinda por sonhar,  
 E os Patos por nascer,  
 E o Azeite por vender,  
 E o Noivo por achar,  
 E a Mofina a bailar,  
 Que menos podia ser?

Mofina Mendes vai-se, bailando, e cantando

Por mais que a dita me engeite  
 Pastores, não me deis guerra,  
 Que todo o humano deleite  
 Hade dár consigo em terra.

Não direi que o Bom Homem, que se aproveitava  
 de todos, se apróveitasse de Gil Vicente, cujo Drama  
 podia conhecer por alguma Traducçao Hespanhola;  
 mas é tanta a identidade dos dous trechos, que não  
 seria grande erro perfilar esta opinião.

Quanto a mim parece-me que a pesar da perfeição de metro, e de estylo, que adornão a Fabula de Lafontaine, no mais a superioridade é do nosso Poeta. Um pote de azeite torna o caso mais verosimil, por que sempre valeu mais, que uma bilha de leite; a Leiteira de Lafontaine, transporta-se com a idéa de poder comprar uma Vacca, e um Bezerro; Mofina Mendes com a lembrança de se vê rica, e honradamente casada, e ir para a Igreja com o Noivo ao lado; e então baila, e cabe-lhe o pote: não será isto mais capaz de exaltar a phantasia de uma rapariga? A Leiteira do Poeta Francez retira-se afflita, com medo de ser desancada pelo Marido; isto é bom: Mofina Mendes retira-se bailando, e cantarolando; o que é ainda melhor, porque concorda com o carácter de descuido, indolencia, e imprevidencia, que o Author lhe atribuiu no Auto.

Passemos agora ás Poesias contidas no quinto livro, porque é por ellas, que Gil Vicente tem lugar neste Ensaio: infelizmente sam poucas, e seu filho Luiz Vicente, nos informa de que muitas dellas se perderam. Estas Poesias pela versificação, pelas idéas, e pelo estylo me parecem mui superiores a todas dos Poetas desta Eschola.

A primeira que se apresenta é uma Paraphrase do Psalmo *Miserere*, em geral versificado com muita harmonia, e força, e de que pôde citar-se mui bellos trechos, por exemplo:

.....

O Mar para mim sanhoso,  
 A Terra treme comigo;  
 O Sol tão manso, e formoso  
 Contra mim se volve iroso,  
 Como meo mortal imigo.  
 Acho a Noite escandalosa,  
 E maldizem-me as Estrellas;  
 A manhã clara, e graciosa  
 Contra mim se rompe irosa,  
 E me mostra mil querellas.  
 O Dia se despedaça  
 Com graves sanhas supernas,  
 O Ar me acusa da praça,

E o Fogo me ameaça  
Com vivas chamas eternas.  
Horas, pontos, e momentos,  
Os cursos da Natureza  
Me desejam dar tormentos,  
Os mais ledos Elementos  
Me presentam mais tristeza.

No Paço Celestial  
Todos tem guerra comigo,  
Onde hirei vaso infernal?  
Que farei a tanto mal,  
Que lhe não acho abrigo?  
Eu so desesperarei;  
Onde estou, oh Pecador?  
A quem me socorrerei?  
A Ti, meo Deus, e meo Rey,  
Meo immenso Redemptor.

.....  
Meo pecado he contra mim  
Sempre, que nunca me leixa,  
Lava-me, fonte sem fim,  
Olha que a ti so me vim,  
E minha alma a ti se queixa.  
A Ti so, Senhor, pequel,  
Ante ti fiz a maldade,  
Justifica-me, bom Rey,  
Que pedir mudar a Lei  
De Justica em piedade.

.....  
Mas não te deleitarás  
Nas ofertas temporais,  
Tu as tiras, tu as dás,  
Senhor, não te alegrarás  
Com estes serviços falsos.  
Sacrificio a Deos aceito  
He o Espírito atribulado,  
Pelaos males, que tem feito,  
Porque não andou direito,  
Porque se vê condenado.  
Vendo-a tu, Senhor, aflieto,  
Com gloria o receberás;  
Porque o choroso espirto,

E o coração contrito,  
Tu não o despresarás,  
Ave, mercê de Sião,  
Madre Igreja, que fundaste,  
Por quem padeceu paixão,  
Morte cruel sem razão  
Hum so Filho, que geraste.

E serão edificados  
Os muros de Hierusalem,  
Os que foram derribados  
Por esses Anjos danados,  
Que perderam tanto bem,  
Os quaeç muros refarás  
Sem trabalho, nem preguiça,  
Quando formos onde estás  
Entonces receberás  
Sacrícios de Justiça.

Segue-se um Sermão, em Estanças de arte maioty dirigido á Rainha D. Leonor, e prégado em presença d'El-Rei D. Manoel, por occasião do nascimento do Infante D. Luiz, em 1506. Neste escripto, em Castelhano, e todo espinhado de textos Latinos, trata o Poeta largamente dos signaes, ou indicações, que predizem a visinhança do passamento. O instinto, que faz pressentir a necessidade de um metro, que não fosse o octosylabo para tratar assumptos importantes, fez adoptar este metro tanto em Hespanha, como em Portugal, mas não sei porque os Poetas de ambos os Reinos nunca souberam entender-se bem com elle senão do fim do seculo passado para cá; todos os que os empregaram d'antes, inclusive João de Mena, apresentaram um grande numero delles, duros, mal cesurados, e o que é peior, errados; e o nosso Poeta não foi nisso mais feliz do que elles.

Levantou porém o vôo do seu engenho nas seguintes Coplas á morte d'El-Rei D. Manoel.

Quem longa vida deseja,  
Deseja vêr-se enganar,  
Pois que lhe vejo chamar  
Vida, não que vida seja,

Mais que modo de fallar.  
E pois no triste acabar  
Se começa o desengano,  
Não sei que val desejar  
Que dure vida de engano.

Riqueza, ou grande poder  
Ou mui alta Senhoria,  
Ou bonança, ou alegria,  
Pois logo deixa de ser,  
Quando bera, o que seria?  
Oh vida vâa, e vazia,  
Occupada em presumpção,  
Aprende com discrição,  
Porque cada hora do dia  
Te dá o Mundo lição.

Oh quem vio as alegrias  
Daquellas naves tão belas,  
Bellas, podetosas velas,  
Agora ha tão poucos dias,  
Pera vir a Infante nelas!  
Vai buscar o Senhor dellas,  
O Rey, que o Mundo mandou,  
Verás que tal se tornou,  
E vereis como te velas  
Da vida, que o enganou.

Vela-te, vida, na vida,  
Não sejas morte, na morte;  
Guia-te por este norte  
De tão subita paixão.  
De tui Rey tão sô ; e tão forte:  
Deram-lhe a terra por côrte,  
Dos Cortesões appartado,  
E hum lesoz por reinado;  
Porque o Mundo desta sorte  
Desengana e enganado.

Gil Vicente parece ter sentido profundamente a morte d'El-Rei D. Manoel, pois voltou ao assumpto no seguinte Romance, de que me parece que se não achará igual nas Obras dos Poetas daquella época.

Pranto fazem em Lisboa,  
 Dia de Santa Lusia,  
 Por El-Rey D: Manoël  
 Que se finou nesse dia.  
 Choram Duques, Mestres, Condes,  
 Cada hum quem mais podia:  
 Os Fidalgos, e Donzelas  
 Muito tristes em porfia:  
 Os Infantes davam gritos,  
 A Infanta se carpia,  
 Seus cabellos, fios de ouro,  
 Arrancava, e destruia;  
 Seus olhos meravilhosos  
 Fontes d'agua parecia,  
 Bem merecem ser escriptas  
 As lastimas, que dizia.  
 « Paço tão desamparado,  
 » Derribado merecia;  
 » Pois a sua fortaleza  
 » Se tornou em terra fria.  
 » Oh minha Senhora Madre,  
 » Rainha D. Maria,  
 » Quem a vos levou primeiro  
 » Mui grande bem vos queria,  
 » Pois que vos livrou da pena,  
 » Que passamos neste dia.  
 E outras magoas, qué de triste,  
 Contar eu não quaria.  
 Davá o Príncipe suspiros,  
 Que a alma se lhe sahia,  
 Suas lagrimas prudentes,  
 Como a gran Senhor cumpria;  
 De dia sempre velava,  
 De noite nunca dormia.  
 A Rayha Estrangeira  
 Ja chorar o não podia,  
 Com rouca voz dolorosa  
 Estas palavras dizia:  
 « Oh Reina desamparada,  
 » Que haré sin compañía?  
 » Pues que en esta triste vida  
 » Sola una vida tenia.

» Y pues la llevó la muerte  
 » Para que quiero la mia ?  
 » Oh sin ventura cazada  
 » Tres años, no mas, habia,  
 » Quien tan presto fué viuda  
 » Triste para que nascia ?  
 » Niña sola en terra agena  
 » Huerfanâ, sin alegría ! »  
 E se huma vez accordava,  
 Outras septe em mortecia , . .  
 Assim pedia a Deos morte  
 Como quem pede alegría ,  
 Dizendo : « Llevemme luego  
 » Que esta tierra ya no es mia ,  
 » Por la mar por donde fuere  
 » Algum perigo venia ,  
 » Que me matasse a mi sola  
 » Salvando la Campaña . »  
 O Bom Rey em seo accordo  
 Desse Mundo se partia ;  
 Sua morte conhecendo  
 Com muita sabedoria  
 Por palavras piedosas  
 Os Sacramentos pedia ;  
 Fallando sempre com todos  
 Deo sua alma , a quem devia .  
 Morte levou o gran Rey ,  
 Senhores , de gran valia ,  
 Dizendo bens aos outros  
 « Oh que triste Romaria !  
 » Que grande amigo perdemos  
 » E que doce companhia ! »  
 Ja passada a meia noite ,  
 Tres horas antes do dia ,  
 Metido em hum atchude  
 O que inda ha pouco regia ,  
 O gran Senhor do Oriente  
 Dos seus paços se partia ;  
 Seis centas tochas acezas ,  
 Escuras a quem as via ,  
 Triste pranto atbe Belém  
 N'um passo não se esquecia .

Em terra fica enterrada,  
 Porque assim mandado havia,  
 Conhecendo que hera terra,  
 A mundanal Senhoria.  
 Disse que os vãos thesouros  
 A morte não pertencia  
 Desque ficou enterrado,  
 Cada hum se despedia  
 Dizendo estes versos tristes  
 A gloria da Maria.

Não é este o puro, e genuino estylo do Romance, como o observamos, e nos encanta nos que lêmos no *Cancioneiro General*, e no *Cancioneiro de Romances*? note-se a fórmula dramatica, de que o Poeta usa, já introduzindo a fallar já a Infante, já o Príncipe, já a Rainha! o Poema termina vindo cada um dos Grandes do Reino recitar em uma Copla uma Oração pelo defunto. Tudo isto era novo na Poesia Portugueza, tudo isto era um progresso da Arte, e pôde fazer-se idéa do effeito, que devia produzir!

O Romance á Acclamação d'El-Rei D. João III., é um lindo trecho de Poesia descriptiva, e por isso um monumento precioso pela idéa, que nos dá das cerimónias em tal occasião praticadas.

Dezenove de Dezembro,  
 Perto hera do Natal,  
 Na Cidade de Lisboa  
 Mui nobre, e sempre leal,  
 Foi levantado por Rei  
 Dos Reinos de Portugal,  
 O Príncipe Dom João,  
 Príncipe angelical.  
 Sabio n'humha face branca,  
 Parecia de cristal,  
 Guarneida de maneira,  
 Que se não viu sua igual.  
 Opa leva roçagante  
 Tudo fio de ouro tal,  
 Forrada de ricas Marias,  
 Bem parecia real.  
 Pelote de prata fina,

Prata mui oriental,  
 Barrado de pedraria  
 Vinha-lhe mui natural.  
 De Perlas não fazem conta  
 Porque he baixo metal;  
 Só hum colar, que levava  
 Toda Alexandria val,  
 Na cabeça levava preto  
 Por seo Padre natural;  
 Sabio com lagrimas tristes  
 Como Filhe mui leal,  
 O seu rosto tão formoso  
 Que pareceu divinal,  
 Seos olhos resplândeciam  
 Bem ás Estrelas iguais,  
 Os cabellos da cabeça  
 D'ouro hetam, que não d'al;  
 Sua boea graciosa  
 Com ar mui angelical;  
 Hum semblante Soberano,  
 Hum olhar imperial.  
 Não foi tal contentamento  
 No povo todo em geral  
 Como ver na-Rua Nova  
 Hir o seu Rey natural  
 Com tanta graca, e lindezza,  
 Que não parece humanoal.  
 Os Forasteiros diziam  
 « Mui ditoso he Portugal! »  
 O Infante D. Luiz  
 Leva o Estoque real,  
 O Infante Dom Fernando,  
 Outro seu Irmão carnal,  
 Ao estribo direito  
 A pé, não lhe estava mal,  
 Porque em tal solemnidade  
 Tudo lhe vem natural,  
 Todos los Grandes a pé  
 Quantos ha em Portugal;  
 O Conde Priol levava  
 A Bandeira principal,  
 Chega assim a São Domingos,

Onde estava o Cardeal,  
 Benzeo o mui alto Rey  
 Da benção Pontifical,  
 E deq logo juramento,  
 Jurou n'hum Livro Missal.  
 De fazer cumprir as leys,  
 Como ley imperial,  
 Confirmou os Privilegios  
 Desta Cidade Real.  
 Os Poyos muito contentes  
 De Rey tão especial,  
 De pequeno sempre Grande,  
 Magnifico, e liberal,  
 Que he virtude julgada  
 Dos principes principal.  
 Isto tudo acabado  
 Disseram « Real ! Real ! »  
 Abi tocam as trombetas,  
 Atabales outro tal;  
 Todos lhe beijão a mão  
 Os Senhores em geral.

Este Romance é acompanhado de muitas Coplas, em cada uma das quais cada um dos Grandes, presentes á festevidade, vão beijar a mão ao novo Rei, e dar-lhe o parabém pela sua exaltação ao Throno. Advertindo porém, que cada Copla destas feixa com um conselho para o bom regimen do Reino, é assim que o Poeta sabia aproveitar todas as ocasiões para dar provas do seu zelo pelo bem público.

O Poemeto intitulado *Pronto de María Parda*, é a mais importante composição satyrica, que nos ficou daquelle seculo; será dificultoso encontrar alguma, que possa disputar-lhe a primazia, já não digo pela graça, em que ninguem igualou Gil Vicente, mas pela belleza do estylo, e da versificação. Torna-se além disso mui recommendavel pela pintura de alguns costumes plebeos do tempo, pela mensão de alguns nomes de ruas, e suas localidades, que hoje tem mudado, posto que existiam os antigos nomes. Os devotos de Baccho acharão aqui os nomes de todos os Tabernérios, que existiam então, e sítio de suas vendas. El-

lás sam prova evidente do grande cultivo de vinhas, que existia já entre nós, e do grande consumo de vinho, que se fazia, em Lisboa.

O assumpto do Poema é o seguinte. Havia, em Lisboa, uma Mulata mui conhecida pelo seu contínuo sestro de embrenguez, e de quem se dizia, que não fazia uso para bebida senão de vinho; veio um anno de escacez de colheita, e o vinho subio ao altissimo preço de dezeseis scellis a canada, e nesse anno morreu a dita Maria Parda. O Poeta finge que a sua morte fôra por causa de não poder comprar vinho, depois de haver vendido para isso quanto tinha, e depois de ir bater á porta de todos os Taberneiros, sem acabar um só, que lho quizesse fiar.

Eu so quero prantear  
 Este mal, que a muitos toca,  
 Que estou já como minhoca,  
 Que puzeram a secar.  
 Triste, desaventurada,  
 Que tão alta está a Canada  
 Para mim como as Estrelas;  
 Oh cuitadas das goellas!  
 Oh goellas da cuitada!

Triste, desdentada, escura,  
 Quem me trouxe a taes mazellas?  
 Oh gengivas, e arnelhas,  
 Deitai babas de secura,  
 Carpi-vos, beiços coitados,  
 Que já lá vam meus toucados,  
 E a cincta, e a fraldilha,  
 Hontem bebi a mantilha,  
 Que me custou dois Cruzados.

*Bebi a mantilha*, é uma phrasa eliptica, para dizer, gastei de vinhão o dinheiro, que tirei da venda da mantilha; mui energica, e propria do genero; não sem podas assemelhantes, que se encontram em Gil Vicente.

Oh Rua de S. Gião,  
 Assi estas da sorte mesma,  
 Como altares de quaresma,

E as malvas no Verão.  
 Quem leva teus trinta ramos,  
 E o meu mano bebamos,  
 Isto a cada boraquinha?  
 Oh vinho, mano meu, vinho,  
 Que má hora te gastamos!

Oh Travessa Zanguizarra,  
 De Mattaporcos escura,  
 Como estás de má ventura  
 Sem ramos de barra a barra?  
 Porque tens ba tantos dias  
 As tuas Pipas vazjas,  
 Os Tonneis pôstos em pé?  
 Ou te tornaste Guiné,  
 Ou o Barco das Anguias!

Triste quem não cega em ver  
 Nas carnicerias velhas  
 Muitas Sardinhas nas gréllhas,  
 Mas o Demo fiade beber.  
 E agora que estam erguidas  
 As coitadas doloridas  
 Das Pipas limpas da borra,  
 Achegou-lhe a pat com p...  
 De crescerem as medidas.

Oh Rua da Ferraria,  
 Onde as portas hérâm Maias,  
 Como estás chéia de guias,  
 Com tanta louça vazia!  
 Já me a mim aconteceo  
 Na manhã, que Deus nasced,  
 Á hora do Nascimento,  
 Beber ali hum de cento,  
 Que nunca mais pareceo!

Que mudangas não tem havido na Capital! quantos nomes de ruas, que tem desapparecido! *Ferraria, Mattaporcos, Carnicerias Velhas, São Gido*, que tinha trinta vendas de vinho! Pôde tambem notar-se o grande inconveniente das Poesias familiares, cuja inteligencia escapa com o correr do tempo; e perdem assim a graça toda!

Ou te tornaste Geiné,  
Ou o Bugio das Ângelias!

Quem pôde agora sentir o chiste destes versos? quem percebe agora a alusão, que o Poeta faz nellos? E queremos entender bem Plauto, Juvenal, e Persio, quando não percebemos o que Gil Vicente diz na nossa propria lingua! O Poeta menciona a rua, ou travessa de Cata-que-faraz, e posto que exista hoje uma travessa com esse nome, é claro que não é a mesma, não só porque a actual tem poucos passos de extensão, dizendo o Poeta, que a outra tinha muitas vendas, e lojas, mas porque aquelle local já era fóra de muros. Nas seguintes Coplas falla o Poeta na rua dos Fornos, e no Poço do Chão, que parece pertencerem à Alfama!

Rua Cata-que-farás,  
Que farei, e que farás?  
Quando vos vi taés, chorei.  
E tornei-me por de traz,  
Que foi do vosso bom vinho?  
E tanto ramo de Pinho,  
Laranja, Papel, e Cana,  
Onde bebemos, Joanna,  
E eu, cento, e bum copinhos.

Oh Tabernas da Ribeira  
Não vos verá a vós ninguem,  
Mosquitos, o Verão vem  
Porque sereis brecais?  
Triste, que será de mi?  
Que má hora vos en vi?  
Que má hora me vós vistes!  
Que má hora me paristes,  
May da Filha do ruim!

Quem vio nunca toda Alfama  
Com quatro ramos murchados  
Os tornou todos quebrados!  
Oh bicos da tripla mama!  
Bem ali ao Santo Espírito  
Hia eu sempre dar nô filo  
N'hum vinho claro, rosete,

Oh meu bem ! docé palhete  
Quem podera dar hum grito.

Oh triste Rua dos Fornos,  
Que foi da vossa verdura ?  
Ora Rua da amargura  
Vos fez a paixão dos tornos.  
Quando eu, Rua, por vós vou  
Todo-los traques, que dou,  
Sam suspiros de saudade :  
Pera vós, ventosidade,  
Nasci toda como estou.

Fui-me ao Poço do Chão,  
E fui-me á Praça dos Canos ;  
Carpí-vos, Manas, e Manos,  
Porque a dezaseis o dão.  
Oh velhas amarguradas,  
Que antes trez, septe canadas  
Sohiamos de beber,  
Agora tristes remoer  
Septes raivas appertadas.

Oh Rua da Mouraria ,  
Quem vos fez matar a sede ,  
Pela Ley de Mafameda  
Com a triste da agoa, fria ?  
Oh bebedores Irmãos ,  
Que nos presta ser Christãos  
Pois nos Deos tirou o vinho ?  
Oh anno triste , cainho ,  
Porque nos fazes Pagãos ?

Os Braços trago cansados ,  
De carpir estas queixadas ,  
As orelhas engilhadas .  
De me ouvirem tantos brados .  
Quero-me hir ás Taverneiras ,  
Taverneiros , Medideiras ,  
Que me dem huma canada  
Sobre meo rosto fada  
A pagar lá pelas Eyras .

Oh Senhora Bincainha,  
 Fiae-me canada e meia,  
 Ou me dase huma candeia  
 Que se vae esta alma minha:  
 Accodi-me dolorida,  
 Que trago a madre cabida.  
 Carras-me o gorgomillo,  
 Em quanto posso engoli-lo  
 Soccorrei-me, minha vida.

« Não dou eu vinho fiado;  
 » Hide-vos embora, amiga;  
 » Quereis ora que vos diga?  
 » Não tendes isto aviado.  
 » Dizem lá que não be zento  
 » De pouar o cu ao vento;  
 » Sangrade-vos, Maria Parda,  
 » Agora tem vez a Guarda,  
 » E a Raia no Advento. »

Devoto João Cavalleiro,  
 Que pareceis Isaías,  
 Dae-me de beber trez dits,  
 E farves hei meu Herdeiro.  
 Não tenho filhas, nem filhos,  
 Mas canadas, e quaitillhos;  
 Tenho enxoaval da Guarda,  
 Se herdares Maria Parda  
 Sereis fóta de empêcillhos.

« Amiga, dicen por villa  
 » Un exemplo de Pelato  
 » Que util cosa piensa el Balio  
 » Y otra quien lo ensiffa.  
 » Pagad, si quereis beber,  
 » Porque debéis de saber,  
 » Que quin su Yegua mal peia  
 » Anque nunca mas la vea  
 » El se la quiso perder. »

Brahos mana, que fazedes!  
 Meu amor, Deus vos ajude,  
 Que eu estou no Alende

Se me vós não antcorredes,  
Fiade-me ora trez meias,  
Que ande por casa alhias  
Com esta sede tão viva,  
Que já não acho cativa  
Gota de sangue nas veias.

« Olhade, Mulher de bem,  
» Dizem, que em tempo de Figos,  
» Não ha hi nenhuns amigos  
» Nem os busque então ninguem.  
» Diz o exemplo judiciose,  
» Que bem passa de galose  
» O que come o que não tem.  
» Muiia agoa ha em Boratam,  
» E no Poço do Tinheiro. »

Senhor João do Lumiar,  
Lume da minha cegueira,  
Esta hera a verde Pereira  
Em que vos eu via catar!  
Fiai-me hum gataar da vinha,  
E pagat-voe-hai em Lisho,  
Que já minha lâa não presta,  
Tenho mandado huma Besta  
Por elle a entre Douro, e Miado.

« Exemplo de femea honrada,  
» Que nos ninhos d'ora a hum anno  
» Não ha Passaros ogano,  
» Hivos, que sois aviada.  
» Em quanto isto assim dura,  
» Mattai com agoa a secura;  
» Oh hide outrem enganar,  
» Que não me haide fiar  
» De Mula com matadura. »

Amára aqui de estallar  
Nesta manta emborilhada!  
Maria Parda coitada,  
Que não tem já que mijar?  
Eu não sei que mal fer este,  
Peior cem vezes que a peste,

Que quando hera o trão, e tramo,  
Andava eu de ramo em ramo  
Não quero deste, mas desejo.

Martim Alho, amigo meu,  
Martim Alho, meu amigo,  
Tão secco trago o embigo.  
Como nariz de Judeo!  
De sede não sei que faça,  
Ou de fiado, ou de graça,  
Mano, soccorrede-me ora,  
Que já trago os olhos fóra,  
Como rala da negaça.

« Diz hum verso acostumado,  
» Quem quer fogo busque a lenha;  
» E mais si o deno de acentha  
» Appella de dar fiado.  
» Vós queréis, Dona, folgar,  
» E mandaes-me a mim falar?  
» Pois diz outro exemplo antigo,  
» Quem quiser comer comigo  
» Traga em que se assentare. »

Amor meo, mana Falula,  
Minha gloria, e meo dileito,  
Emprestai-me do Azeite,  
Que se me seca a matula,  
Até que baixa dinheiro  
Fiai que pouco sequeiro,  
Duaas canadas bem putas.  
Por não ficar ás escuras  
Que se me arde o Candieiro.

« Diz Nabucodonosor  
» No Sidraque, e miseraque  
» Áquelle que dá gran traque,  
» Se atravesse o Salvanor.  
» E diz mais, quem muito pede,  
» Mana minha, muito fede.  
» Septe mil custou a Pipa;  
» Se quereis fartar a tripa  
» Pagar, que a vinte se mede. »

Raiou tanto sideraque,  
 E tanta surzaganha,  
 Vou-me morrer de sequia:  
 Em cima de hum almadraque,  
 E antes do meo fíamento,  
 Ordeno meo testamento  
 Desta maneira seguinte,  
 Na triste Era de vinte  
 E dois desde o nascimento.

Esta peça original mostra bem a fecundidade do engenho de Gil Vicente! como é comica, e chistosa esta via sacra, que Maria Parda corre de Taberna em Taberna! como sam variadas as supplicas, que ella endereça aos vendedores, e as respostas, que elles lhes dão! é impossivel dizer sempre a mesma causa por modos tão differentes! alguns Leitores acharão, que tanto nesta como nas outras composições suas faz uso de algumas expressões, e vocabulos menos decentes, baixos, sordidos, e até obscenos, pede porém a justiça, que o não censuremos por isso; a nobreza, ou baixeza dos vocabulos não é absoluta, mas relativa, assim como as idéas, ao tempo, em que se empregam. A opinião, e os costumes das diversas epochas, é que regulam nestes casos. Lembremo-nos que era necessário, que Gil Vicente fosse louco para em Dramas, e composições, que deviam ser representados no Paço, diante dos doux Reis D. Manoel, e D. João III., e da Familia Real, empregar termos, phrases, e vocabulos indecentes, e obscenos, em tal caso nem o sofreriam, nem o estimariam. O que se lê no Cancioneiro de Resende prova exhuberantemente, que as idéas do seculo de Gil Vicente ácerca da decencia eram mui diferentes das do nosso seculo. Ainda mais, lêam-se as Operas de Antonio José da Silva, mais conhecido pela denominação do Judo, e ás volumosas collecções de Entremezes representados no reino de D. João V., que esperam nas estantes da Real, e Nacional Bibliotheca Publica, que lá vã folheá-los quem tome o trabalho de escrever a Historia Crítica do nosso Theatro, e lá se lêrão cousas, que provem a quanto ainda em tempos tão proximos se extendia,

já não digo a liberdade, mas o despejo de fallar na presença do público. Não se argua pois o Poeta de haver fallado ao gosto dos seus contemporaneos, a quem especialmente lhe compria agradar.

O Testamento de Maria Parda abunda daquelles chistes, e idéas comicas tão frequentes no Author, e tende a lançar o ridiculo sobre o furor de testar, e o luxo dos enterros do seu tempo, e de que desgraçadamente ainda não estamos completamente desabusados; o Poeta quando escrevia sempre tinha em vista a utilidade pública.

A minha alma emcomendo  
A Noé, e a outro não;  
E o meo corpo enterrão  
Onde estem sempre bebendo.  
Leixo por minha herdeira,  
E tambem Testamenteira  
Lionor Mendes da Arruda,  
Que vêdeo, como sesuda  
Por beber the a peneira.

Item mais, mando levar  
Por tochas cepas de vinha,  
E huma Borracha minha  
Com que me hajam d'incensar,  
Porque teve malvasia.  
Encensem-me assim vazia,  
Pois tambem eu assim vou.  
E a sede, que me matou  
Venga pela Cleresia.

Levar-me-hão n'um andor  
De dia, e ás horas certas,  
Que estam as portas abertas  
Das Tabernas por hú fôr.  
E hirei, pôis mais não pude  
N'um quarto por ataúde,  
Que não tivesse agoapé,  
O souente a Noé  
Cantem sempre, ou a meade.

Dianta hirão mui sem pejo  
 Trinta e seis Odres vazios,  
 Que despejet nestes frios  
 Sem nenes matar desejo.  
 Não digam Missas resadas,  
 Todas sejam bem cantadas  
 Em Flamengo, e Alemão,  
 Porque estes me levatão  
 Às vinkas mais carregadas.

Item, dirão por dô meu  
 Quatro, ou cinco, ou dez trintairos,  
 Cantados por taes Vigarios,  
 Que não bebam menos que eu.  
 Sejam destes trez d'Almada,  
 E cinco daqui da Sé,  
 Que sam Filhos de Noé  
 A que sam emcomendada.

Venha todo o Sacerdote  
 A este meu enterramento,  
 Que tiver tão bom alento  
 Como eu tive cá de cote;  
 Os de Abrantes, e Punhete,  
 D'Afruda, e d'Alcochete,  
 D'Alhos Vedros, e Barreiro,  
 Me venham cá sem dinheiro  
 Até cento, e vinte, sette.

Item, mando vestir logo  
 O Frade Alemão vermelho,  
 Daquelle meo manto velho,  
 Que tem buracos de fogo.  
 Item mais; mais mando dar  
 A quem bem se embebedar  
 No dia em que eu morrer  
 Quanto movei hi houver,  
 E quanto raci se achar.

Item, mando agasalhar  
 Das Orphâas, estas nomeais

As que per beber dos Pais  
 Ficam provres, por casar;  
 As quaes darão por maridos  
 Barqueiros bem recosidos,  
 Em vinhos de mui bons cheiros,  
 Ou busquem taes Escudeiros,  
 Que bebam como perdidos.

Item, mais me cumprirão  
 As seguintes Romarias,  
 Com muitas Ave-Marias,  
 E não curem de Menção.  
 Vam por mim á Santa Orada  
 D'Atouguia, e da Abrigada,  
 E a Curageira Santa,  
 Que me deram na garganta  
 Saude a Peste passada.

Item, mais me prometi  
 Nua á pedra da extrema,  
 Quando eu tive a postema  
 No beijo de baixo aqui.  
 E por que grão Glória seca,  
 Lassou-me muita agoa benta  
 Nas vinhas de Caparica,  
 Onde meu desejo fica,  
 E se vai a finamenta.

Item, me levarão mais  
 Hum gran Cyrio Paschoal,  
 Ao glorioso Seixal,  
 Senhor des outros Seixas;  
 Septe missas me dirão,  
 E os Calix encherão,  
 Não me digão Missa secca,  
 Porque a dor da Enxaqueca  
 Me fez esta devoção.

Item, mais mando fazer  
 Hum espaçoso Espirital,  
 Que quem vem de Madrigal

Tenha aonde se acolher;  
 E do Termo d'Alcobaça  
 Quem vier dem-lhe em que jaça;  
 E dos termos de Leirea  
 Dem-lhe pão, vinho, e candeia,  
 E coma, tudo de graça.

Os d'Obidos, Santarem,  
 Se aqui pedirem pousada,  
 Deem-lhe tanta pancada  
 Como de mau vinho tem.  
 Homem d'entre Douro, e Minho  
 Não lhe daram pão, nem vinho,  
 Se de Riba d'Avia for  
 Fazei-lhe por meu amor  
 Como se fosse vizinho.

Assi que por me salvar  
 Fiz este meu Testamento,  
 Com mais siso, e entendimento,  
 Que nunca me sei estar.  
 Chorai todos meu perigo,  
 Não leve o vinho que digo,  
 Que eu chamava das Estrelas,  
 Ora me birei para elles  
 Com grande sede comigo.

Havendo um Christão novo, morador em Santarem, feito as seguintes voltas.

Matou-me Moura é não Mouro,  
 E quem me a lansada deu,  
 Moura ella, e mouro eu.

houve muitas pessoas, que lhe fizeram Voltas; e a rogo do Conde de Vimioso, lhe fez Gil Vicente a que se segue.

A Moura, que deu ferida  
 A quem nunca foi ferido,  
 Nem se viu em arruido,

Deve ser Moura fingida,  
 Pois matou Christão fingido;  
 Bem sei que morre o ferido  
 Da ferida, que sei eu,  
 Porém com faca se deu.

Creio que Affonso Lopes Capaio, que assim se chama o Christão novo, azoaria mais com os remoques destas voltas, que o compromettiam com os Padres tristes, que com duas outras, que se seguem a estas na Collecção, que de certo não haviam de cheirar-lhe a essencia de rosas.

Tanto a Cidade de Lisboa, como o resto do Reino foram nos tempos antigos mui sujeitos ao flagello da peste, della morreu El-Rei D. Duarte, e o grande Poeta Antonio Ferreira. Em um dos frequentes insultos della, foi em casa de Gil Vicente, que deu seu primeiro golpe a epidemia; e em tão eminente perigo o Poeta longe de succumbir, leye assás de presençā de espirito para se dar á composição de uma Farça intitulada *A Caça dos Segredos*, e dirigir ao Conde Vimioso a seguinte carta sobre uma pertençāo, que ao dito Conde estaya cometida.

Senhor, a longa esperança  
 Mui curto prazer ordeña:  
 Minha vida está em balança,  
 E a muita confiança  
 Nunca capaou pouca pena,  
 Isto digo  
 Pelo que passo comigo  
 Polo tempo que se passa,  
 Vejo minha morte em casa,  
 E minha casa em perigo.

Certo he, nobre Senhor,  
 Que quiz Deos, ou a Fortuna,  
 Que quem serve com amor  
 Quanto maior servidor,  
 Tanto menos emportuna,  
 Daqui vem,

Que quem não pede não tem,  
E quem espera padece,  
E quem não parece esquece,  
Porque não lembra a ninguém,

Muito debaixo da sola  
Trouxera quanto desejo,  
Se eu apprendera na Escola  
Onde Gonçalo de Ayola  
Apprendeu tanto despejo,  
Que o sesudo  
Deste tempo falla tudo,  
Quer vá torto, ou vá direito,  
E tornando a meo respeito  
Pera mim sempre fui mago.

Agora trago entre os dedos  
Huma farça mui formosa,  
Chamo-a « *A Caça dos Segredos* »  
De que ficareis mui ledos,  
E minha dita ociosa,  
Que o medrar,  
Se estivera em trabalhar,  
Ou valera o merecer,  
Eu tivera que comer,  
E que dar, e que deixar.

Porém por cima de tudo  
O meu despacho queria,  
Porque minha phantasia,  
Ocupa o mais do estudo  
Todo em vossa Senhoria,  
E o cuidado  
Quando anda assi ocupado  
Cuida muito, e não faz nada,  
A vontade acho dobrada  
Mas o espirito cansado,

Ainda que Gil Vicente não tivesse composto os seus Dramas, me parece, que só pelas suas Poesias Lyricas, que nesse caso seriam muitas mais, lhe com-

peteria o primeiro logar entre os Poetas desta Eschola; tamanha é a superioridade do seu estylo, e versificação sobre os seus contemporaneos.

O Author de *Ignez Pereira* foi por quasi dous seculos um Poeta desconhecido, e o seu merito uma tradicção; estava reservado para o nosso seculo o vindicar a sua fama, e arranca-lo do abysmo do esquecimento, onde os Jesuitas, e a Inquisição o haviam sepultado. A nova edieção das suas Obras o fez conhecer dos Poetas, e dos amadores das Letras, que poderam examina-las, e fazer-lhe justiça. A sua Estatua eleva-se sobre o rotnate da fachada do novo Theatro de D. Maria II., entre as duas Musas Dramaticas; o Sr. Garret o fez apparecer em scena no seu lindo Drama intitulado, *Um Auto de Gil Vicente*. Os seus versos sām citados com aplauso; já tem admiradores, e em breve terá discípulos, que sigam o caminho, que elle abrio para a creagão da Comedia Nacional.

A respeito da epocha da morte de Gil Vicente dam-se as mesmas dúvidas, que a respeito do seu nascimento. Diogo Barbosa Machado diz vagamente, que falecera em Evora, em 1551, mas como a sua ultima composição é de 1536, e não é verosimil, que o Poeta estivesse tão longe espaço sem nada escrever, não podemos eximir-nos de abraçar como mais provável a opinião do Sr. Barreto Feio, que supõem, que o finamento do Plauto Portuguez foi pouco posterior ao anno de 1536.

## CAPITULO XXXI.

*Recapitulação.*

**T**emos visto a Poesia Nacional soltar os primeiros, e debeis vagidos no metro informe, e na lingoa gem ainda barbara, e inculta de Gonçalo Hermingues, e Egas Moniz, que sam os mais antigos Poetas de que nos restam fragmentos, mas não de certo os primeiros Poetas, que compozeram na nossa lingoa, devendo nós assim presumi-lo não só porque o talento poético remonta entre nós ao tempo dos Turdulos, de que afirmam alguns Escriptores Romanos, que possuiam escriptas em verso as leis porque se regulavam, e as memorias da Nação, mas porque nos consta, que em tempos anteriores á fundação da Monarchia já floreciam Poetas na Galliza de que Portugal então fazia parte, e que a nossa lingoa era então preferida na Hespanha por sua docura para as composições, que deviam cantar-se.

Temo-la visto pois, pelo espago de dous séculos, avultando cada vez mais á proporção que a lingoa se depurava das fezes Gothicas, e Serrácanas, regulizando-a a sua Syntaxe, e enriquecendo-a a sua Prosodia, e tornando-se cada vez mais harmoniosa a versificação.

Este aperfeiçoamento deveu-se não só á ordem necessaria da Natureza, que faz que todas as cousas se modifiquem, e melhorem com o tempo, e com o exercicio, mas ao estabelecimento das Escholas Generaes em Lisboa por El-Rei D. Diniz, e depois transferidas para Coimbra, chamando-se para reger suas Cadeiras habeis Mestres estrangeiros. Nellas a mocidade tomou o gosto ao estudo das Letras, e das Scienças, quaes existiam naquelle tempo, e conheceu a necessidade de polir, e excitar a apathia Nacional, e despi-la da aspereza, e barbares de que andava até ali assediada.

A ignorância ia desapparecendo de dia para dia, crescia o trato com os estrangeiros, especialmente Italianos, que entre as Nações da Europa era então a Itália a mais adiantada no saber; muitos moços, depois de longas viagens, voltavam á Patria mais eruditos, e mais polidos, e o seu exemplo não podia deixar de influir muito sobre a perfectibilidade moral dos seus contemporaneos.

A Poesia, assim como o saber, andava como vinculada no Paço, e nas altas classes da sociedade. Fazer Coplas era a moda do melhor tom, e uma especie de distincção Aristocrática, e meio efficaz de ser bem visto das Damas; Coplas compunha El-Rei D. Diniz, compunham Coplas D. Affonso IV., e D. Affonso V., compunha Coplas o Infante D. Pedro, Coplas D. Affonso Sanches, Coplas o Infante D. Luiz, Coplas D. Pedro I., e seu filho D. João I., Coplas o Cadeil Mér do Reino Fernão da Silveira, D. João de Menezes, Affonso d'Albuquerque, e outros de igual nobreza, e que por isso não deixavam de illustrar a Patria com a espada.

As mesmas Princesas, e Senhoras principaes da Corte cultivavam as Letras, e a Poesia, tanto Latina como Portugueza, e para prova bastará citar a Infanta D. Maria, e a sua Academia feminina, em que tanto se distinguiram Luisa Segea, e Paula Vicente.

É certo que entre tantos, e tão assíduos cultuidores da Poesia Nacional, de que se compõem esta Encyclopaedia, quassquer que fossem os dotes, com que a natureza os prendára, apenas entre os mais antigos se destingue o Infante D. Pedro, e entre os mais modernos Christovão Falcão, Bernardim Ribeiro, e Gil Vicente, que é mui superior a todos elles, e o unico, de quem pôde dizer-se, que teve genio.

A Poesia é toda narrativa; tal é sempre o carácter da Poesia permutiva de todos os Povos. Imaginação, invenção, pinturas, elegancia contínua, galas, e príncipio de expressão debalde se procura-los. Nenhuma distinção entre o dialeto prosaico, e o poético, negligencias repetidas, dureza, e incorrecção de estylo, repetições, e prolixidades a cada passo se encontram. Estes Poetas, uma vez que começam, de ordinario não

sabem onde hão de parar; nada mais raro entre elles, que uma comparação, uma mudança de tom, ou de efecto, parece que suas lyras não tem mais que duas chordinhas, e essas ás vezes pouco afinadas; grandes assuntos nem os tractam, nem os podiam tractar, ao menos bem, reduzidos a Coplas de redondilhas, ou inteiras, ou de pé quebrado; isto é, em que os octosyllabos samb interrompidos por alguns quadrisyllabos.

O Amor, a Devocão, a Satyra samb os temas usados dos seus versos; mas frios, afectados, sem vigor de paixão, sem energia de sentimentos no amor, conservam o mesmo carácter nas composições religiosas; as suas Coplas deste genero parecem feitas para inserir em livros de Missa, ou nas Horas Mariannas.

Nas composições satyricas mostram mais força de veia, mais energia de expressão; mas as suas invectivas degeneram ás vezes em grosseiras; samb mais causticas, que pungentes, samb mais descomposturas, que censuras, e nem sempre a honestidade é respeitada em tais Obras.

Alguns Poetas dos tempos mais proximos sentindo a necessidade de outros metros para tractarem assuntos serios, fizeram as Coplas, ou Estações de oito versos de Arte maior. Nada mais pesado, e fastidioso que esta combinação, em que continuamente se ouvem duas marteladas unisonas, nada mais monotonio, que estes versos, que para maior desgraça nunca elles souberam manejar bem, pois não ha um só, que por pequena que fosse a composição, que fizesse nestes versos, não errasse pelo menos a terça parte delles.

Parece impossivel, que sendo já conhecidos em Portugal os Hendecasyllabos, pois não só nelles havia escripto Coplas El-Rei D. Diniz, o Conde de Barcellos, El-Rei D. Afonso IV., e o Infante D. Pedro alguns Sonetos, mas até nas Coplas de Gonçalo Hermingues existindo douis, aquelles Poetas não soubessem conhecer a sua superioridade sobre os de Arte maior, e quanto eram mais aptos para tractar assuntos, que exigiam certa estenção, e em estylo mais elevado.

Mas com quantas sejam as imperfeições, que se deparam nas Obras destes veteranos da nossa Poesia;

não devem por isso menorceá-las, já porque sam testemunho innegavel da prioridade da nossa instrução, e talento nacional; já porque a sua leitura, além de delitosa, nos pôde ser perficia, pelo conhecimento, que podem ministrarnos dos costumes, e medo de viver antigo, pela originalidade de algumas das suas pensamentos, pela copia de vocabulos, e phrases pictorescas, que a cada passo se encontram nesses nomes Enios, e Pacuvios, e de que podemos aproveitar-nos para enriquecer o actual Díálogo Poetico.

Para se julgar com justiça um Escriptor é necessário levar em conta as circunstancias, em que elle escreveu. Nem sempre é o maior Poeta aquele, que produzio melhores Obras. Ninguem negará, que as Poesias de Sá e Miranda sam muito superiores ás do Infante D. Pedro, mas é muito provável, que fosse necessário maior força de talento para escrever como o Infante no tempo, em que floreao, que para escrever como Sá e Miranda no Seculo de Quinhentos. A Ponte que do parapeito do arco grande das Agoas livres se elevar tão alto como esse arco, subio sim a mais altura, mas não teve voo mais rijo, que outra, que da margem do rio vhou até ao parapeito de d'onde a primeira partiu.

Foram estes Poetas, que nos formaram a ligao, que Ferreira tinha de polir; foram elles quem preparam, e nivelou o terreno, em que Cemões com os Lusiadas tinha de levantar o mais soberbo, e magnifico templo ás Musas do Téjo, e basta isso para os tornar acredores aos aplausos, e gratidão de quantos presam as nossas Letras.

A Eschola dos Trovadores tem resuscitado nos nossos dias mais brilhante, que nunca, e tem encontrado as sympathias do público, porque a sua Poesia é essencialmente popular. Quasi todos os mancebos, que hoje cultivam as Musas, se tem alisado debaixo das suas bandeiras, e estes novos Alumnos, auxiliados pelas luzes do seculo, podem leva-la a uma perfeição, a que os antigos não poderam chegar. A Vivandreira, e o Corsario sam boas provas disto. Recitadas nas Companhias, cantadas nos Theatros, e lidas nos Jor-

nões tem alcançado um aplauso constante, e que lhe é de justiça devido.

Mas, diga-se a verdade, a Eschola dos Troyadores trabalha em um círculo muito limitado para que possa ser de longa duração; a sua Poesia nascida nos Salões dos Castellos da Idade Media, aliada com a Musica, pertenceu sempre mais aos Salões do que ao Mundo. Com mais, ou menos perfeição será hoje, o que foi outr'ora na Provença, na França, na Italia, na Alemanha, em Portugal, e na Espanha, ornato das Festividades, recreio das Sociedades, encanto das Bellas; nunca porém será a Eschola dos Tassos, dos Miltons, dos Klopstocks, e dos Camões; porque não pertencem ao seu domínio as grandes concepções do Genio, e da Imaginação, que caracterisam, e imortalizam o Seculo, que as produz, e que fazem a gloria da Humanidade. As Poesias dos Troyadores são um brilhante jardim matizado das flores mais raras, e formosas, que encantam a vista com as suas cores variadas, com a elegancia das suas fórmas; mas que depressa desbotam, murcham, e morrem. Mas a Tragedia, a Epopeia, o Poema Didactico, Descriptivo, ou Didascalico, essas Grandes Produções da Eschola Classica, ou Romantica, são como as Pyramides do Egypto, a grande Muralha da China, que passam incólumes através dos Séculos, e em todos elles despertam a admiração, e o assombro, e obrigam a acreditar, que no Espírito do Homem existe uma partícula da Divindade.

FIM DO TOMO PRIMEIRO.

# ÍNDICE.

<b>CAPITULO I.</b> <i>Introduçāo</i> .....	5
<b>CAPITULO II.</b> <i>Da Lingua Portugueza, e sua indole</i> .....	17
<b>CAPITULO III.</b> <i>Escholas Gallega, ou dos Trovadores</i> .....	31
<b>CAPITULO IV.</b> <i>Guesto Ansures</i> .....	35
<b>CAPITULO V.</b> <i>Gonçalo Hermingues</i> .....	42
<b>CAPITULO VI.</b> <i>Egas Moniz</i> .....	46
<b>CAPITULO VII.</b> <i>El-Rei D. Diniz</i> .....	51
<b>CAPITULO VIII.</b> <i>D. Pedro, Conde de Barcellos</i> .....	66
<b>CAPITULO IX.</b> <i>D. Affonso IV., D. Af- fonso Sanches, D. Pedro I</i> .....	78
<b>CAPITULO X.</b> <i>O Poema da Cava</i> .....	82
<b>CAPITULO XI.</b> <i>O Infante D. Pedro Du- que de Coimbra</i> .....	86
<b>CAPITULO XII.</b> <i>Macias</i> .....	96
<b>CAPITULO XIII.</b> <i>Bernardim Ribeiro</i> ..	102
<b>CAPITULO XIV.</b> <i>Christovāo Falcāo</i> ...	114
<b>CAPITULO XV.</b> <i>Garcia de Resende</i> ...	121
<b>CAPITULO XVI.</b> <i>O Cancioneiro de Gar- cia de Resende</i> , .....	141

<b>CAPITULO XVII.</b>	<i>Ayres Telles de Meneses</i>	145
<b>CAPITULO XVIII.</b>	<i>Affonso Valente</i>	151
<b>CAPITULO XIX.</b>	<i>Fernão da Silveira</i>	157
<b>CAPITULO XX.</b>	<i>Alvaro de Brito Pestaña</i>	167
<b>CAPITULO XXI.</b>	<i>D. João Manoel</i>	176
<b>CAPITULO XXII.</b>	<i>Luiz Henrique</i>	184
<b>CAPITULO XXIII.</b>	<i>D. João de Meneses</i>	194
<b>CAPITULO XXIV.</b>	<i>Jorge de Aguiar</i>	198
<b>CAPITULO XXV.</b>	<i>Francisco da Silveira</i>	202
<b>CAPITULO XXVI.</b>	<i>D. Rodrigo de Môrato</i>	205
<b>CAPITULO XXVII.</b>	<i>Diogo de Mello</i>	210
<b>CAPITULO XXVIII.</b>	<i>Diogo Brandão</i>	213
<b>CAPITULO XXIX.</b>	<i>Henrique da Motta</i>	231
<b>CAPITULO XXX.</b>	<i>Gil Vicente</i>	241
<b>CAPITULO XXXI.</b>	<i>Recapitulação</i>	296

---

**ENSAIO**  
**SÍCERAPÓEMAS**  
**Sobre os Melhores**  
**POETAS PORTUGUEZES.**

180<sup>m</sup>  
242/82

ENSAIO  
BIOGRAPHICO-CRITICO  
SOBRE OS MELHORES  
POETAS PORTUGUEZES.

POA

**José Maria da Costa e Silva,**

*Socio Honorario da Academia Lisbonense das Sciencias, e  
das Letras, e Socio Correspondente do Gabinete de  
Leitura do Rio de Janeiro.*

**TOMO II.**

*Tros, Tiriisque mihi nullo discrimine agetur.  
Virg. En. Lib. I.*

---

Lisboa.

NA IMPRENSA SILVIANA.

\*  
1851.



**ENSALO**  
**BIOGRAPHICO-CRITICO**  
SOBRE OS MELHORES  
POETAS PORTUGUEZES.

**LIVRO II.**

**CAPITULO I.**

*Introducção.*

No intervallo occupado pelos reinados de D. João II., e D. Manoel teve logar em Portugal uma revolução merravilhosa, que não só alterou o seu modo de existir, mas mudou a face da Europa, e talvez do Mundo inteiro.

Um punhado de Portuguezes intrepidos, e sedentos de gloria, depois de haverem na costa marítima da Mauritania occupado á força d'armas, Ceuta, Asamor, Arzilla, Tangier, Zafim, Alcaçar, e Marsagão, assaltando-se a mares desconhecidos, dobraram os cabos de Náo, e Bojador, descobriram, e povoaram ilhas até ali ignoradas, montaram o Promontorio das Tormentas, costearam a Africa Occidental, e Oriental abrindo tracto com os povos, que ali habitam, foram mostrar as Quinas Lusitanas no Indostão, e abordaram a quarta parte do mundo, aonde em breve haviam de surgir colônias vastas, e florescentes, fontes inexhaustas de ouro, e mil produções preciosas.

As frotas Portuguezas vogavam victoriosas pela costa do Malabar, e Coromandel, pelo golfo de Cambaya, iam subjugar Malaca no regaço da Aurea Chersoneso, entravam pelo mar Erythreo para abrasar as galeras do Soldão do Cairo, varejavam com sua artilharia a cidade imperial de Calecut na costa do Malabar; velejavam nas Molucas, e nas

Maldivas, e iam bater ás portas do Japão, e do imperio da China.

Os Reis mais poderosos da Ásia, se reconheciham vassalos do Rei de Portugal, ou curvavam aos golpes da espadã Lusitana, que tudo abatia, e revolvia tudo, por espirito de ambição, de fanatismo, de religião, de gloria, e de heroismo.

E que faziam então essas nações da Europa, que hoje nos despresam, e acoimam de barbaros, sem lembrar-se de que lhe ensinamos a navegar, e negociar, e lhe demos o exemplo da civilisação? Sepultadas na barbaridade, e na ignorancia, opprimidas do jugo feudal, entretinham-se em justas, e torneios, em disputas theologicas, em guerras civis, e religiosas, e dilaceravam-se umas ás outras como os nascidos dos dentes de Dragão semeados por Cadmo.

Os resultados destas expedições, e façanhas portuguezas foram incalculaveis. O commercio das especiarias, perolas, rubins, e das mais drogas, e veniagias indianas, que até ali como uma torrente partindo de Suez, atravessando o deserto, vinha represar-se no Cairo, e Alexandria, donde depois se espalhava por todos os reinos europeos, agora transpondo o Oceano, vinha achar em Lisboa um Emporio exclusivo, onde as nações estranhas concorriam a prover-se daquelles generos preciosos.

O ouro de toda a Europa vinha aqui encontrar-se, a riqueza chegou aos mais remotos angulos do reino, e ás classes infimas do estado.

Eu já vi correr Pardaus  
Por Cabeceira de Baste.

Dizia Sá de Miranda, e vendo crescer o luxo acrecentava

Destes mimos Indianos  
Hey grão modo a Portugal.

Cresceram as commodidades da vida e com ella as exigencias, e a civilisação. Conhecendo-se que toda esta prosperidade era resultado das sciencias ensinadas na Academia de Sagres, a quem se devia o novo methodo de navegação tornada mais facil pela descoberta, e invenção do

Astrolabio, Noturlabio, Barquinha, e Cartas Hydrographicas ; todos os espiritos se applicaram ao cultivo dellas, e ao exame dos escriptos da antiguidade.

Este ardor de instrucção era activado pelos homens, que voltavam dessas expedições longinquas, com idéas novas que lá tinham adquirido, e pelo tracto com os estrangeiros que afluiam aos nossos portos, ou vinham estabelecer-se entre nós especialmente Venezianos, e Genovezes, que eram então os primeiros negociantes da Europa ; e então a Universidade de Coimbra estava no apogeo da sua gloria, tanto pelos Professores, que ali região as Cadeiras dos diferentes ramos de instrucção, como pelo aproveitamento dos estudantes, que as frequentavam.

Neste fervor de idéias novas, nesta paixão pelo saber, era impossivel que a Poesia ficasse estacionaria. A instrucção é o seu alimento natural, e a instrucção sobejava então na nossa Patria ; a leitura dos exemplares Gregos, e Romanos despertava a emulação. As proezas prodigiosas dos nossos guerreiros inflammando, e exaltando as imaginações ardentes, convidava a celebra-las, e os Poetas conheceram em breve, que a Poesia nacional, e suas Coplas, não eram instrumentos proprios para desenhar tão grandes quadros, e adoptando os metros Italianos, procuraram aproximar-se à correccão de estylo, e viveza de colorido, que admiravam nos antigos.

O lance era o mais favoravel para a admissão destes novos metros, a lingua tinha chegado ao maior ponto de regularidade, e de aperfeiçoamento ; a alta Poesia era inteiramente desconhecida em Portugal, pois tudo o que até ali se compuzera se reduzia a Coplas amorosas, ou satyricas, em versos de arte menor ; poisinda que aparecem alguns hendecasylabos na Cansão de Gonçalo Hermingues, e alguns Sonetos entre as obras do Infante D. Pedro, e D. Affonso IV., era isso uma cousa excepcional. Não havia pois a grande dificuldade de desavasar os ouvidos do publico de uma harmonia já conhecida, e consagrada por obra de grande importancia, para sujeita-los a uma harmonia nova, e tudo dependia do talento dos que empregadessem essa novidade.

O primeiro que trabalhou por introduzi-la com o seu exemplo foi Francisco de Sá de Miranda, sendo mui de

notar que a importante introducção de uma Poesia nova, na lingua Portugueza, e Castelhana fosse obra de dous Poetas mediocres : e ainda assim parece-me que João Buscan, era mais naturalmente Poeta, pelo menos tinha melhores ouvidos, e expressão mais viva que Francisco de Sá de Miranda.

## CAPÍTULO II.

### *O Doutor Francisco de Sá de Miranda.*

Francisco de Sá de Miranda nasceu na Cidade de Coimbra a 27 de Outubro de 1495. Foi filho de Gonçalo Mendes de Sá, e de sua mulher D. Filippa de Sá, ambos mui distintos por linhagem, e pelos grandes serviços dos seus antepassados, e irmão do Mem de Sá mui conhecido na Historia do Brazil de que foi Governador.

Mostrou desde os mais tenros annos grande vivacidade de engenho, amor do estudo, e facil comprehensão ; mais por comprazer com a vontade de seu Pai, que por inclinação propria, se applicou ao estudo do Direito, em que adquiriu o grau de Doutor : tudo presagiava que o novo alumno de Minerva tomaria assento em algum dos Tribunaes superiores do reino, depois de haver, segundo o costume, exercido alguns dos lógaros de letras, que serviam de escallá para aquella posição.

Mas Francisco de Sá de Miranda aborrecia a vida de Magistrado, tinha em pouca conta a sciencia jurídica, e por isso, tanto que seu Pai morreu, abandonou logo Bartholo, e Accursio, autores antipatibicos com o engenho Poetico, oppoz-se a uma Cádeira de Philosophia na Universidade, e sendo provido nella a regeu dignamente por algumas annos, entregando-se todo ao estudo desta sciencia, e ao culto das Musas.

Foi na Universidade que Sá de Miranda contraiu com Antonio Ferreira uma viva, e sincera amisade, que para honra de ambos nunca se desmentiu, e durou até à mor-

te ; e bem que Ferreira considerado como Poeta estivesse mui superior a Miranda, sempre o respeitou como Mestre, sem contempla-lo como rival, e foi elle que com o exemplo das suas composições lhe prestou apoio, e o fez triunfar na grande questão litteraria, que teve com Diogo de Teive.

Este Professor summamente recommendavel por seu grande saber, era escutado na Universidade como oraculo, e como passava por grande Poeta Latino, todos os Membros, que se sentiam com vocação para a Poesia, seguiam o seu exemplo, e o seu conselho, poetando na lingua de Virgilio, e despresavam como elle a lingua patria, e as linguas vulgares como rudes, informes, e incapazes para o tracto das Musas.

Miranda, sem deixar subjugar-se pela autoridade de tão grande Mestre, não teve duvida em formar um scisma litterario, sustentando os fóros da lingua patria, e dizendo que cada nação devia cantar no seu idioma natural, que um povo vivo não podia contentar-se com uma Poesia morta : que um Poeta Latino moderno não pertencia a nação nenhuma, posto que fosse intendido por todas ; que para um Poeta honrar á sua pátria era necessário que escrevesse na lingua materna ; estas doutrinas, que hoje nos parecem tão claras, que não admitem contradicção, não eram facilmente comprehendidas naquelle tempo, e encontravam sobejas contradições, ellas com tude callaram no animo de alguns bons engehos, que então frequentavam a Athenas Lusitana, e mui particularmente em Ferreira, mais capaz de comprehendê-las, e que primeiro que ninguem tomou o partido de Miranda.

A razão, e o bom senso estavam da parte de Francisco de Sá, e dos seus amigos, porém os Latinistas cantavam a victoria comparando os metros Latinos com os Portuguezes, e achando naquelle mais soltura, e liberdade, mais campo para variar as pausas, e as cesuras, mais harmonia, e flexibilidade para modelar-se á infinita variedade de fôrmas, e de tons, que demanda a imitação dos diferentes objectos, que se offerecem á imaginação, e dos sentimentos, que nos agitam. Todas estas vantagens existiam na versificação da Poesia Toscana, já então mui conhecida entre nós, e nas suas artificiosas combinações de

versos de diferentes medidas com os hendecasylabos, na copulação musical das suas rymas, e Sá de Miranda, e a sua eschola não podiam deixar de adoptal-os, para mostrar aos seus adversarios, que a lingua Portugueza se até ali não havia produzido senão Trovas, não era por falta de cabedal para mais, mas sim porque della se não havia exigido outra cousa.

Adoptou-os pois, talvez sem calcular toda a extensão dos resultados desta novidade, assim como duvido muito, que elle sentisse bem, e se compenetrasse do verdadeiro espirito da Poesia Italiana como Antonio Ferreira, e sobre tudo Luiz de Camões.

Parece-me que sem embargo de lhe imitar a fórmula externa, Sá de Miranda ficou sempre Trovador, que o manto classico de Petrarcha lhe cahe a cada instante dos hombros desacostumados: que só vêjo nelle um camponez vestido de corte, que não sabe como ha de ter o chapéo, ou sentar-se com garbo em uma cadeira de espaldar.

Escreveu, é verdade, Sonetos á maneira do amante de Laura, Cansões de longos ramos, alternando como elle as rymas, e os versos com os hendecasylabos, mas nesses Poemas debalde se procura a correcção, a elegancia, a viveza de colorido, a graça, o espirito, a voluptuosidade, e a força de expressão do seu modelo; em uma palavra, Sá de Miranda nunca soube moldar a lingua patria aos hendecasylabos, nem possuiu a cultura, e gravidade do estylo classico.

Os seus metros hendecasylabos sam de ordinario duros, prosaicos, mal torneados, e tão eivados de desinências agudas, que a cada instante offendem a quem tiver ouvidos delicados, e sensiveis á harmonia dos sons; e foi este grave defeito que obrigou Manoel de Faria e Sousa a dizer, com a sua costumiada graça epigrammatica, que *Francisco de Sá de Miranda era excelente Poeta para os velhos, que já tem perdido o sentido de ouvir.*

E na verdade haverá bem poucas pessoas, a quem não cance de preça a leitura deste Poeta, já pelo desarmónia do metro, já pelo seu estylo pouco corrente, e pouco elegante, onde a cada passo os vocabulos nobres se encontram misturados com os baixos, as phrases poeticas com

as prosaicas, e as idéas philosophicas com os riffses, e os adagios populares.

A lyra de Sá de Miranda parece que não tem senão duas chords. Canções, Eclogas, Cartas, Sonetos tudo é escripto da mesma fórmā, tudo apresenta um estylo bo-colyco, e sentencioso, de modo que diria que o Author entendia, que lhe não era possivel ser Poeta sem traduzir Seneca em estylo pastoril.

Tambem parece, que a febre patriotica não apertava muito com ellē, porque a maior parte das suas Poesias, e talvez as melhores, sam escriptas em Castelhano, cousa tanto mais para admirar á vista da sua antipathia para os que poctavam em Latim. Julgaria acaso, que escrever em Castelhano era menos offensa da patria do que escrever em Latim? Estaria persuadido de que a lingua dos nossos vizinhos era mais harmoniosa, e perfeita do que a nossa? Não sei; mas parece-me, que este Poeta não tinha tsprito muito consequente, pois desapprovava que os outros escrevessem em lingua estranha, quando elle as mais das vezes o praticava, e se fez Apostolo de uma Poesia nova, sem deixar de todo as Trovas da antiga Poesia nacional.

Não se persuada porém o leitor, que eu pertendo desabonar a reputação de Francisco de Sá de Miranda, ou tornar menos respeitavel o seu nome. Elle merece a nossa estima, e a nossa veneração como um dos Pais da nossa Poesia; apontar os defeitos das suas obras, não é negar as bellezas dellas, antes faze-las sentir melhor, e que motivo teria eu para ser injusto com um homem, que viveu no seculo 15, e que como Homero, ou Vergilio só é de mim conhecido pelos seus escriptos, que escaparam á voracidade do tempo?

Não sei se por algum desgosto, que teve na Universidade, se por desejo de instruir-se, se por natural inconsstancia de genio, o Doutor Francisco de Sá, abandonou a Cadeira de Philosophia, os seus discipulos, e amigos, sahiu do reino, e poz-se a correr a Hespanha, e a Italia, visitando as principaes cidades destas duas nações, como elle proprio o aponta nos seguintes versos.

Vi Roma, vi Veneza, e vi Milão  
Em tempo de Hespanhoes, e de Francezes,

Os jardins de Valença, e de Aragão,  
Em que amor vive, e reina, e força ganha.

Não direi que fructo tirou desta longa digressão. Existiam então nos dous paizes, e muito mais na Italia, grandes Poetas com quem elle devia sem duvida encontrarse, e conviver em Roma, em Napoles, em Florença, em Veneza; mas não vejo que o tracto, e conversação, que teve com elles, lhe aprefeioasse o gosto, ou lhe augmentasse a affeição á Poesia Italiana, nem acho nos seus versos alguns dirigidos a algum delles, nem que exprimam saudade ou admiração por aquelle paiz encantador, e pitoresco; onde parece que não deixou amigos, nem admiradores, pois de tantos Poetas Italianos que conheço não ha um só que faça menção de Francisco de Sá de Miranda.

Voltando á patria, entrou no serviço do Paço, e dizem que foi muito estimado d'El Rei D. João III., que o condecorou com uma Commenda da Ordem de Christo, denominada das Duas Igrejas, junto de Ponte de Lima, e que fôra mui protegido do Príncipe D. João, como se vê de alguns Sonetos, que acompanharam a copia de algumas obras, que o mesmo Príncipe lhe mandara pedir por diferentes vezes. Nem é de admirar que fosse estimado na corte um homem nobre, de grande saber, que tinha o talento de compor Trovas, de saber bem musica, e tocar rebeca com grande perfeição.

Mas Francisco de Sá não era moldado para a vida de cortesão; a inflexibilidade da sua moral, a franqueza com que censurava as idéas, e costumes dos Aulicos, o tornaram odioso, e uma querella mui viva, que teve com um Palaceano, o obrigou a tomar a resolução de dar d'avesso ás esperanças de grandeza, que concebera, retirando-se do mundo Aristocratico, e acolhendo-se á Quinta da Tapada pertencente á sua Commenda, na Diocese de Braga.

Ali como em seguro remanso pôde vivér livre e independente, versejando, e murmurando á sua vontade, entretendo correspondencia com alguns amigos litteratos como o Doutor Antonio Ferreira, Jorge de Montemaior, João Rodrigues de Sá e Menezes, Pero de Carvalho, Mem de Sá, seu irmão, Antonio Pereira, Senhor de Basto, D. Fer-

nando de Menezes, Nuno Alvares Pereira, Pero de Andrade Caminha, e outros igualmente distintos por seu saber, e sua nobreza, e alguns delles tambem cultores das Musas.

Outras vezes tomava por desenfadamento o exercicio de montear, a que era muito inclinado, posto que a paixão pela caça não pareça armonisar muito com os hábitos, e inclinações de um Doutor, e de um Poeta.

Casou com D. Briolanja de Azevedo, senhora de illustre ascendencia, mas um tanto idosa, e o que mais é, tão pouco favorecida da formosura, que seu Pai recusou muito conceder-lha por Esposa, com receio de que Francisco de Sá depreça se desgostasse della; é porém natural que a virtude, a affabilidade de caracter, e maneiras graciosas compensassem, como ás vezes acontesse, a sua fealdade, pois consta que Sá de Miranda sempre a amou, e respeitou muito, e se houve por feliz na sua companhia.

Desta Senhora, teve elle dous filhos, Gonçalo Mendes de Sá, que seguiu a vida militar, e morreu em Ceuta combatendo valorosamente contra os Mouros; outro que se chamou Jeronimo de Sá d'Azevedo perpetuou a sua descendencia, que se acha hoje entroncada nas familias mais nobres do reino.

Um facto que mostra a grande estima, que os Portuguezes fizeram sempre de Sá de Miranda, é que tractando este Jeronimo de Sá casar uma filha sua, o Noivo escocido exigiu, que o manuscripto authographo das obras do Poeta fizesse parte do dote, que havia de receber, e assim se verificou. Este manuscripto se conservou por muitos annos na familia, como grande preciosidade, e na verdade o era, e dizem que se conserva hoje na Bibliotheca Real de Paris, em consequencia de um dos seus descendentes haver feito delle dinheiro !!!

Francisco de Sá de Miranda falleceu na sua Quinta da Tapada, onde viveu feliz, e tranquillo, a 15 de Março do anno de 1558, havendo sobrevivido trez annos á sua estimavel Esposa.

Nenhum dos escriptos deste Poeta me consta que fosse publicado pela imprensa, durante sua vida: giraram por muito tempo em manuscripto pelas mãos dos curiosos, e talvez dari provenha a variedade de lições, que nelles se encontram, sendo algumas tão grosseiras, e ridiculas que

manifestamente se vê que provieram de alterações feitas no texto por copistas ignorantes.

Tem-se feito diferentes edições das Poesias deste Poeta, em diversos formatos, umas sem as suas Comedias, outras com ambas, e outras só com uma, tal é a que eu posso, que saiu da Officina Regia no anno de 1804, e não havendo ainda encontrado uma só, que possa dizer-se boa, não duvido de afirmar, que esta, salvo o papel, que na verdade é bom, a tenho pela peior, e mais incorrecta de todas.

As obras de Francisco de Sá de Miranda começão por vinte e cinco Sonetos, dos quaes onze sam em castelhano, e quatorze em portuguez: entre estes ha alguns de muito merecimento, tal é o seguinte.

### SONETO.

O Sol he grande; caem co'a calma as Aves,  
De tempo em tal sazão, que sohe ser fria.  
A agoa, que d'alto cæ, accordar-me-hia  
Do somno não, mas de cuidados graves.

Oh cousas todas vãas! todas mudaves!  
Qual he o coração, que em vós confia?  
Passando hum dia vai traz outro dia,  
Incertos todos, mais que ao vento as naves!

Eu já vi por aqui sombras, e flores,  
Vi agoas, e vi fontes, vi verdura,  
As Aves vi cantar todas d'amores.

Mudo, e seco he já tudo, e de mistura  
Tambem fazendo-me eu fui d'outras cores,  
E tudo o mais revive; isto he sem cura.

Este Soneto é bem pensado, cheio de melodia, e amabilidade, e até, o que é mais raro, bem versificado. *Caem co'a calma as Aves*, é uma expressão sublime, e das mais felizes, que o Poeta podia encontrar. *A agoa, que d'alto cæ* é um rasgo de harmonia imitativa, bem pouco usual nos Poetas desta epocha, se exceptuarmos Camões. Reina um sentimento profundo, tão poetico como philosophico

na comparação do effeito que o tempo produz n'uma bela paizajem, e na vida do homem, com a diferença, que o campo recobra o que perdeu, mas o que o homem perde é para sempre. Até para mais perfeição deste pequeno Poema, acaba em dous tercetos rigorosos, e não, nos desgraçados tercetos quarteados á maneira de Petrarcha, em que tão imitado foi pelos nossos antigos, e os Hespanhoes, apesar do pessimo effeito de tal combinação de rymas. Só dous pequenos senões encontro neste Soneto, a saber, a palavra *mudaveis*, que para acodir ao consoante aparece no primeiro verso do segundo quarteto barbarisada em *mudaves*, e no ultimo verso do ultimo terceto a phrase plebáea, *isto é sem cura*, o que prova a desigualdade do es-tylo do Author, de que fallei acima.

O genio sentencioso de Sá de Miranda apparece neste Soneto, dirigido ao Principe D. João, com algumas obras suas, que o mesmo Principe lhe mandou pedir.

### SONETO.

Ainda que em Vossa Alteza a menos parte  
 Em que Deos ajuntou tantas, e taes,  
 Seja esta, nada vi, entre as Reaes  
 Se contou ella sempre em toda a parte.

Dar favor aos engenhos, e a toda a Arte  
 Das boas faz os Reys aqui immortaes,  
 Por fama ; inda passando avante mais,  
 Huns fez Deoses de todo, outros em parte.

**A** guerra leva o Mor Scipião comsigo  
 As Musas brandas de seo natural,  
 Que assi sem armas sam d'altas ajudas.

**A**inda nos contam do bom tempo antigo,  
 Cahiram as Estatuas de Metal ;  
 Que al se podia esperar de cousas mudas ?

**S**e Boileau, que na sua Arte Poetica diz, que Apolle dando as regras do Soneto

Defendit qu'un vers faible y put jamais entrer,  
Et qu'un mot dejá mis osat s'y remontrer,

lê-se este Soneto, vendo nelle a menor parte, em toda a parte, em parte, que diria desta pobreza de rymas? Que diria dos versos empernando-se prosaicamente uns com os outros? Que diria finalmente deste fecho tão sem sabor,

Que al se podia esperar de cousas mudas?

muito melhor do que este é outro Soneto com que o Author acompanhou outra remessa de versos ao mesmo Principe, posto que termine com um daquelles risões populares, que o Author gosta de introduzir em todas as suas Poesias,

#### SQNETO,

Tardei, e cuido que me julgam mal,  
Que emendo muito, e que emendando dane,  
Senhor, porque hey gran medo ao meu engano  
Deste amor que nós temos desigual.

Todos a tudo o seu logo acham sal;  
Eu risco, e risco, vou-me d'anno em anno;  
Com um dos olhos só vai mais ufano  
Fellipo, asi Sertorio, assi Hannibal.

Ando com meos papéis em diferenças,  
Sam preceitos de Horacio (me dirão)  
Em al não posso, siga-o em apparencias.

Quem muito pelejou como hirá são?  
Quantos ledores, tantas as sentenças,  
Com vento vellas yem, e vellas vão.

Parece-me que não será mui facil deparar com o fio, que liga estas idéas, pelo menos custa-me a achar relaçao alguma entre o Poeta que riscava, e tornava a riscar, e Annibal, Filipe, e Sertorio que era mais ufano com um só olho, nem me consta que aquellas personagens tivessem muita ufania de serem tortos! Nos ultimos tercetos não ha mais que trez sentenças soltas, que tambem nada tem com Sá

de Miranda imitar Horacio *em apparence porque não podia em mais!* Mas eram sentenças, e com isso se dava elle por satisfeito; na verdade, si, depois de tanto riscar, e tanto emendar, as suas obras sahiam tão incorrectas, que faria si não emendassem!

O combate do amor contra a razão, eterno, e impertinente thema dos Poetas Ecreticos de Hespanha, e Portugal, tambem apparece em Sá de Miranda, veja-se o seguinte

### SONETO.

Desarrasoado amor dentro em meu peito  
 Tem guerra co' a razão ; amor, que hi jaz  
 Ha já de muitos dias, manda, e faz  
 Tudo o que quer, a torto, e a direito.

Não espera razões, tudo é despeito,  
 Tudo soberba, e força ; faz, desfaz  
 Sem respeito nenhum ; e quando em paz  
 Cuidaes, que sois, então tudo é desfeito.

D'outra parte a razão tempos espia,  
 Espia occasião de tarde em tarde,  
 Que ajunta o tempo ; em fim vem o seo dia ;

Então não tem logar certo onde aguarde ;  
 Amor tracta traições, que não confia  
 Nem dos seos ; que farei quando tudo arde ?

O Soneto é na verdade bom ; mas *desarazoado amor tem guerra com a razão*, é uma incorrecção de estylo ; se o amor é desarazoado, que admira, que faça guerra á razão ? Eis-aqui outro Soneto, muito elogiado por Bouterwek como pintando bem o entusiasmo da ternura, e do amor, e que Sismondi paraphraseou em prosa poetica, do modo que deve enganar muito os que não entendem o original.

## SONETO.

Não sei que em vós mais véjo, não sei que  
 Mais ouço, e amo ao rir vosso, e fallar ;  
 Não sei que entendó mais the no callar,  
 Nem, quando vos não véjo, a alma que vê,

Que lhe apparece em qual parte que estê,  
 Olhe o Ceo, olhe a terra, ou olhe o mar ;  
 E mais aquelle vosso suspirar,  
 Em que tanto mais vai, que direi que he ?

Em verdade não sei ; nem isto que anda  
 Antre nós ; ou se he ar como parece,  
 Ou fogo d'outra sorte, ou de outra ley,

Em que ando, de que vivo, nunca abranda ;  
 Por ventura, que a vista resplandece,  
 Ora o que eu sei tão mal como o direi ?

Os dous Criticos, que tanto elogiam este Soneto, de certo que se regularam pelas idéas, que na verdade sam boas ; mas na qualidade de estrangeiros podiam acaso sentir o que ha desfeituoso no estylo ? As difficuldades de expressão, a desarmonia dos sons, o prosaismo destes versos, que se vão enadeando uns nos outros, suspendendo o sentido, e a oração, não só de verso para verso, mas de quarteto para quarteto, e de terceto para terceto, que é uma cousa das mais desagradaveis na nossa Poesia ? Sentiriam elles a dissonancia barbara, que faz em nossos ouvidos um Soneto sendo escripto em versos agudos, fórmula que só pôde ter lugar, e tolerar-se em assumpto burlesco ? O que é certo é que em poesia ha desfeitos, e bellezas, que só os nacionaes podem sentir bem, ou aquelles raros estrangeiros, que chegam a possuir uma lingua não sua, na mesma perfeição, em que a possuem aquelles, que naturalmente a fallam ; e nesse caso não julgo eu nem o Critico Alemão, nem o Francez, posto que suas traducções mostrem que tinham bastante conhecimento do nosso idioma.

Sem querer dar o meu gosto como regra, prefiro a este Soneto os dous seguintes, repassados de um profundo sentimento de melancolia, que segundo o testimonho dos seus contemporaneos, era feição caracteristica do genio do Poeta.

## SONETO.

Alma, que fica por fazer desde hoje  
Na vida mais? se a vāa minha esperança,  
Que sempre sigo, que me sempre foge,  
Já, quanto a vista alcansa, e não alcança?

Fortuna que fará? roube, despoje,  
Prometa d'outra parte em abastança,  
Que tem, com que me alegre, ou com que enoje?  
Tanto tempo ha que dei mão á balança!

Chorei dias, e noites, chorei annos,  
E fui ouvido ao longe, pelo escuro  
Gritando; acrecentei muito em meos damnos.

Agora que farei? por amer juro  
De tornar a cantar fóra de engano,  
E, por muito, do mal posto em seguro.

## SONETO.

Aquella fé tão clara, e verdadeira,  
A vontade tão limpa, e tão sem magoa,  
Tantas vezes provada em viva fragoa,  
De fogo, hi appurada, e sempre inteira:

Aquella confiansa de maneira,  
Que encheo de fogo o peito, os olhos d'Agoa,  
Porque eu ledo passei por tanta magoa,  
Culpa primeira minha, e derradeira,

De que me aproveitou? não de al por certo,  
Que de um só nome tão leve, e tão vão,  
Custoso ao rosto, tão custoso á vida.

Dei de mim que fallar ao longe, e ao perto;  
Ri, assim se consola a alma perdida,  
Se não achar piedade ache perdão.

A escácez de consoantes obrigou o Poeta, a usar da palavra *magoa* no segundo verso, do primeiro quarteto, e no terceiro do segundo; pena é que em tão bom Sôneto se depare este senão; mas o Author para sua defeza podia sustentar, que não é a mesma palavra, mas duas, pois que a primeira significa *mancha*, e a segunda *pena*, ou *desgosto*, e que nisso não era mais reprehensível que muitos Poetas, que tem feito rymar *chamma* substantivo, com *chama* terceira pessoa do presente indicativo do verbo *chamar*.

Um dos melhores, (e talvez o melhor) dos Sonetos de Francisco de Sá de Miranda, é o que elle fez á morte de Leandro.

### SONETO.

Entre Sesto, y Abido, al mar estrecho,  
 Lidiando con las ondas sin sociego,  
 Noche alta, el buen Leandro prueva el fuego,  
 Y lagrimas, que corren sin provecho.

Viendo que es todo en vano buelve el pecho  
 De nuevo a aquel mar bravo, ojos al fuego,  
 Que luce en l'alta Torre, ai amor ciego,  
 Que tanta cruidade has visto, has hecho !

Nadava mientras pude hazia la plaia  
 De Sesto, deseado, y dulce puerto,  
 Porque siquiera alli moriendo caia.

Enfin, ondas, venceis (dixo cuberto  
 Ya dellas.) mas no hareis que alla no vaia,  
 Vivo no quereis vos, mas hiré moerto.

Copiei aqui este Soneto, sem embargo de ser escripto em castelhano, porque anda traduzido, sem se declarar que o é, nem o nome do author, entre as Poesias do Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos; e como tenho ouvido algumas pessoas accusa-lo de plagiario, aproveito a occasião para dizer o que entendo a esse respeito.

Esta accusação é injusta, e despida de todo o fundamento. Nem Antonio Ribeiro, tão rico de suas proprias Poesias, precisava de aproveitar-se de um Soneto alheio,

nem era tão insensato que se persuadisse de que tal roubo podesse ficar por muito tempo occulto, nem uma accão tão ridicula, e absurda é compativel com a sua honradez, e prudencia ; mas Antonio Ribeiro estava velho, e quasi cégo quando deu á luz as suas Poesias, confiou de um amigo, (e eu sei a quem) o colligir, e rever as provas das suas obras, e não admira que este achando entre os seus manuscriptos este Soneto sem declaração alguma, com a melhor fé do mundo, o incluisse assim entre os Sonetos do seu amigo. Estas obsevações sam só para aquelles, que não conhecerao pessoalmente Antonio Ribeiro, porque para os que tractaram de perto com esse honrado homem eram absolutamente desnecessarias.

A Canção, que na Poesia Romantica occupa o mesmo logar, que a Ode occupava na Poesia Grega, e Latina, foi invenção dos Trovadores de Provença, de quem a receberam os Scicilianos, e Italianos, e destes os Hespanhoes, e Portuguezes, sem que em nenhuma destas nações soffresse alteração alguma, antes todas lhe conservaram religiosamente o seu caracter primitivo, a saber, as longas Estrophes, que chamam ramos, o chistoso, e artístico enlaçamento das rymas, a combinação dos versos hendecasylabos com os septenarios, e mesmo outros de menor medida, o caracter elegiaco do seu estylo, e até a apostrophe ao mesmo Poema, ou ao objecto delle, feito pelo Poeta, no fim da obra, em uma Estrophe, desigual das outras, que uns chamam *Cabo*, outros *Endereça*, outros *Cauda*, outros *Dedicação*, etc. posto que alguns, não a admittem na Canção Heroica, que chamam Real.

Francisco de Sá de Miranda, talvez conscio da sua pouca disposição para a Poesia Lyrica, só nos deixou uma Canção a Nossa Senhora, e essa mesma imitada, ou livremente traduzida de Petrarcha. Parece-me que não perdemos muito em elle se não provar mais neste genero ; mas apesar disso ha nesta Canção alguns trechos, que não deixam de fazer honra ao talento do Poeta, por exemplo

Virgem, porto seguro, amparo, e abrigo  
 A's mores tempestades, ah que tinha.  
 Aos ventos esta vida emoomendado ;  
 Sem olhar já a que parte hia, ou vinha,

Descuidado de mim, e do perigo,  
Surdo aos conselhos, tudo tendo em nada.  
Não vos seja em despeso esta coitada

Alma, que ante vós vem,

C'os receios, que tem

De Imigos grandes mal ameaçada ;  
E em que eu tão pecador, e errado seja  
Vença vossa bondade

Minha maldade grande, e assi sobeja.

.....  
Virgem, e Madre juntamente, quem  
Tal nunca ouvio ? nem d'antes, nem depois  
Somente em vós então quem o entendeo ?  
Vós Madre, e Filha, vós Esposa sois,  
Daquelle que apertado ao peito tem  
Vossos braços, o que não pode o Ceo,  
Na vossa alta humildade se venceo  
O Soberbo Tyranno,  
Que com inveja, e engano  
Nos fez tão perigosa, e longa guerra :  
Pór Molher se causou tal damao nosso :  
Quem nos restituo  
De vós sahio, Senhora, o preço he vosso.

Apesar de ser esta Canção a obra de estylo mais elevado,  
e elegante que sahiu da penna de Sá de Miranda, não dei-  
xa a critica de encontrar nella algumas negligencias, e in-  
correcções, sendo mui notavel esta, em que o Poeta diz,  
fallando á Virgem

Virgem nossa esperança, hum *alto Poço*:  
De vivas agoas, que continuo corre.

Parece-me, que o bom gosto não pôde approvar, que a  
Mãi do Redemptor seja denominada um *Poço*,

Sem ofendido ser tanto nem quanto

*Tanto, nem quanto* é uma expressão plebéia, e indigna  
do estylo lyrico.

Sá de Miranda deixou oito Eclogas, seis das quaes, tal-  
vez as melhores, sam escriptas em castelhano : Deixou aos

Criticos Hespanhoes, a quem ella pertence, a tarefa de examina-las, e decidir se merecem os louvores, que lhe deram Bouterweek, e Sismondi, e se acaso sua linguagem é bastante pura, de que eu muito duvidô.

Estas Eclogas saõ escriptas em toda a casta de combinações metricas promiscuamente, estanças octosylabas, oitavas, tercetas, coplas de pé quebrado, redondilhas, etc. A scena é sempre nos nossos campos, e o estylo é como o das Cartas, e de quasi todas as outras composições. Os Pastores, que nellas apparecem sam todos Catões de aldêa, e Senecas dos matos, que conversam, namoram, suspiram, choram, e cantam arrebeçando sentenças, e moralidades. Outro defeito destas Eclogas é a sua prolixidade, que se-ria insofrivel mesmo quando os versos, e o colorido podessem emparelhar com os de Theocrito, e de Virgilio. Toda a sua belleza está na graciosa simplicidade de algumas pinturas, e na vivacidade das imagens pastoris, e sentimentos delicados que nellas se encontram ás vezes.

A primeira Ecloga que se encontra em portuguez é dedicada a Nuno Alvares Pereira, e contém um longo dialogo em que douis pastores Gil, e Bicito, conversam, e discursam sobre uma immensidade de objectos, e ás vezes bem disparatados. Citaremos alguns trechos para darmos idéa do estylo Bocolico deste Pai da Poesia Lusitana.

## GIL.

De leite, e sangue empolado  
 O Bezerrinho viçoso  
 Vai brincando pelo prado,  
 Depois tira preguiçoso,  
 Ora o carro, ora o arado ;  
 C'os dias, e co' trabalho  
 O saltar d'antes lhe esquece.  
 Já não he o que era almalho ;  
 E vende-se para o talho  
 O Boi velho que emfraquece.

## BICITO.

Dia de Mayo chuveo ;  
 A quantos a agoa alcansou,

O miole revolveo;  
 Houve hum só que se salvou,  
 Que ao coberto se acolheo.  
 Dera vista ás semeadas,  
 As que tinha mais visinhas,  
 Vio armar as trovoadas,  
 Acolheo-se ás bem vedadas  
 Das suas baixas casinhas.

Ao outro dia hum lhe dava  
 Piparotes no nariz,  
 Vinha outro que o escornava  
 Ahi tambem hera o Juiz,  
 Que se de riso finava.  
 Bradava elle « Homens estae ! »  
 Hiam-lhe co' dedo ao olho,  
 Disse então « He assim que vae ?  
 Não creio logo em meo Pae,  
 Se me desta agoa não molho. »

Apaixonado qual vinha  
 Andou a hum charco, que farte,  
 O conselho havido os tinha,  
 Molhou-se de toda a parte ;  
 Tomou-a como mezinha ;  
 Quantos viram lá correram,  
 Hum que salta, outro que trota,  
 Quantas graças hi fizeram !  
 Logo todos se entenderam,  
 Ei-los vam n'huma chacota.

Parece que Francisco de Sá de Miranda durante o tempo, que viveu na Italia se applicára ao estudo da Lingua Provençal, e léra os Trovadores daquella nação, que ainda naquella epocha tinham grande voga entre os Italianos, visto que estes versos sam imitados de um Poema, ou Satyra do Trovador Pedro Cardinal : pôrei aqui o texto para que os que estiverem no caso de intende-lo possam ajuizar da similitudânia.

Una Ciutat fó, no say quals,  
 Hou cazée una plueya tals,

Que tuy le home de la ciutat,  
 Que toqué, foro forcenat;  
 Tuy desse n'ero mals, solo us,  
 Et aquel escapet, ses pus,  
 Que era dins una mayzo,  
 Que dormia quant aysso fo.  
 E vet, quant at domit,  
 Del plueyas diquit.  
 E foras entre la gens  
 Fero de essenamens  
 Arroquet, l'autre fosseis,  
 Utre estupit versueis,  
 E trays peras contre estellas  
 S'autre esquisset las gonelas,  
 Us ferie, el antrem peys,  
 E l'autre cuyet esser Reys,  
 Et tene se riquement pels flanex,  
 Et l'autre s'asset pels banex,  
 Lus menasce, et l'autre maldux,  
 L'autre plorec, et l'autre riz,  
 L'autre parlec, e no saup que  
 L'autre se meteys de se.  
 Aquel que havia so sen  
 Meravilha se molt formen,  
 Que vee que be destate son,  
 E garda ad aval, el amon,  
 E grans meravilha a de lor;  
 Mas molt l'han illi de lui mayor,  
 Qui'l vezon estar saviemen,  
 Cuio que aia perdit so sen  
 Car so qu'elh fan no lh vez fayre,  
 Que a caseu de lores veyaire.  
 Que illi non savi, et assenatz,  
 Ma lui teno per dessenatz,  
 Qu'il fer en gansa, qui en col,  
 Nos pot mudar que nos degol,  
 L'us l'empenh, et l'autre bota,  
 El cuia isshir de la rota,  
 L'us l'esquinsa, l'autre li tray,  
 E pren colos, e leva, e chay,  
 Cascu'l leva a gran gabantz,

El fui a sa mayzo deffantz,  
Fangoz, e battutz, e mieg mort,  
E ac gaug can lor fo estort.

A imitação é clara; mas não pôde negar-se, que independente da originalidade da invenção, na pintura de Pedro Cardinal ha mais viveza mais accão, mais varie-dade, mais movimento, e até mais graça.

Ha porém entre estas duas pinturas uma diferença notável no modo de acabar a fabula, entre os deus Poetas; o Portuguez faz que o homem de juizo vá banhar-se n'um chareo feito pela chuva, que fizera endoidecer os outros; e o Provençal finge que havendo elle escapado das mãos dos doidos, vai fechar-se em sua casa, coberto de lama, desancado, quasi morto, e sem embargo disso muito satisfeito de haver escapado a tamanho perigo: este desfecho me parece mais verosimil, do que suppor que um homem de juizo busque de propósito os meios de endoidecer para andar a geito dos alienados, que o rodeiam; e mesmo porque não vêjo porque meios elle soube que aquelle endoidecimento geral era resultado das chuvas, que haviam cahido em quanto elle estivera dormindo. Continuemos com a Ecloga.

## GIL.

Tu sabes que me obrigava  
A esta vida de Pastor,  
Vinha mui corrido á vara,  
Cuidei que ella hera melhor,  
Como quem a não provara!  
Determinava-me já  
De andar com minhas ovelhas,  
A conta sahiu-me má,  
Más fadas ha cá, e lá,  
Como bem dizem as Velhas.

Andei d'aquem para além,  
Terras vi, e vi logares,  
Tudo seus avessos tem:  
O que não experimentares,  
Não cuides que o sabes bem,  
E ás vezes quando cuidamos

Que alguma couza entendemos,  
A Cabra cega jogamos.  
Achei-vos cá fortes amos,  
Querem que os adoremos.

Para as couzas, que acontecem  
Quando os buscas, ora o sono,  
Ora achaques mił te empessem,  
Ao tosquiar achas dono,  
Nas pressas não te conhecem,  
Tudo lhes o demo deu,  
The razões más, que nos dão ;  
Quando te ham mister hes seu,  
Quando os has mister hes teu,  
Que não tens amos então.

Essa vez que saem á rua,  
Estremece toda a Aldéa,  
Elles bebem, e Homem sua,  
Doe-lhes pouco a dôr alhêa,  
Querem que nos dão a sua.  
Inda que damno he em grosso  
Poderão dessimular ;  
Isto, parceiro, não posso,  
O entendimento que he nosso  
Não lho queremos deixar.

Polo qual co' meu fardel  
Fugi das vossas Aldeias,  
Não trago nos beiços mel,  
Que não sou crestaculmeias,  
Nem posso ser Menestrel.  
A saudade não se estreia,  
Mas caiú-me em coração,  
Em sorte que muito empece,  
Que outro Senhor não conhece,  
Salvo justiça, e razão.

Então queixo-me a ti logo,  
Que em casos, que aconteceram,  
Vi-me por elles no fogo,  
Bradei, e não me valeram

Brados, queixumes, nem rogo ;  
 Assi me sahi mui quedo,  
 E quedo ; e fará hum dia  
 O que outro não fez ? hei medo  
 De vér mór vingança cedo  
 Do que jágora queria.

## BICITO.

Trouxeste-me ora á lembrança  
 Aquelle amigo Foão  
 Que ao tempo desta mudansa  
 Tua, foi-te assim á mão,  
 Como a quem os dados lansa.  
 E lembra-me ora bem tudo,  
 Que éra eu lá no tal ensejo ;  
 Inda que então me fiz mudo,  
 Fallo-te como sisudo,  
 Parece-me ora que o vejo.

« Seja (disse elle) em boa hora,  
 » Que eu tambem entre este gado,  
 » Fazendo contas cada hora,  
 » Cada hora me acho enganado  
 » Desta esperança traidora.  
 » E disto que me acontece  
 » Quando neste valle estou,  
 » Qualquer outro que apparece  
 » Muito melhor me parece,  
 » Não he assi quando lá vou. »

Assi disse aquelle amigo,  
 Agora digo eu que ei medo  
 Quando debates comigo,  
 Que te estem mostrando ao dedo.  
 Gomes, Gonçalo, e Rodrigo.  
 Não queiras hir muito ao fundo,  
 Inda que ora tanto intendas :  
 Nesta só razão me fundo.  
 Não has de emendar o Mundo  
 Por mais razões, que despendas.

Perigosa he a dianteira  
 Deixa hir diante os mais velhos,  
 Com a paixão tençoeira,  
 Nunca hajas os teus conselhos,  
 Sempre foi má conselheira;  
 Quem consigo traz rancor,  
 E em espreita anda do mal,  
 Nunca lhe fallece dor,  
 Mas se o bem igual não fôr  
 Seja o coração igual.

## GIL.

Se co' os teus olhos não vêjo,  
 Nem ouço co'teus ouvidos,  
 Todo o debate he sobrejo.  
 Por meus sentidos me rejo,  
 E tu pelos teus sentidos.  
 Comes túbaras da terra,  
 Eu não as posso comer,  
 Nem hum, nem o outro erra.  
 Para que he sobre isto guerra?  
 Come o que te bem souber.

Não digo que cada hum faça  
 Quanto lhe á vontade vem,  
 Que essa seria má graça,  
 Mas entendo, o sabes bem,  
 Do que se vende na praça,  
 Porque o tempo fez aballo  
 E somos em forte ensejo,  
 Inda levanto outro valo,  
 Que nos doentes não fallo  
 A quem mata o seo desejo.

Bem vejo que a verdade hera,  
 Hir polo fio da Gente,  
 Co' muitos te respondera,  
 E o amigo, e o parente,  
 Que murmurar não tivera.  
 Porem assi si não minto,

Não fujo, não lizongeio,  
Si sou farto, ou sou faminto  
Que mau he o meu destino,  
Antes seguir que o alheio ?

Vou fugindo ás armadilhas,  
Que vi com manha esconder,  
Não quero ouvir meravilhas,  
A's vezes mui más de crer.  
De má May nascem más filhas,  
Querem que Homem ouça, e creia,  
Não já eu ; creia o nosso Joanne,  
Creia o baboso da Aldeia,  
Que traz sempre a boca cheia  
Das Filhas de D. Beltrane.

Olha se a razão emcrude,  
Hes doente, teu Pay não,  
Digo outro tal da Virtude,  
Pola ventura hes tão são  
Porque teu pay tem saude ?  
Não,, que cumpre outra mezinha,  
Olhe cada hum per si,  
O bem não he como tinhā,  
Não se pega tão azinha,  
O mal pode ser que si.

Le-me primeiro outra lenda,  
Deixaram-te os teus passados  
Do Gado, e vinhas de renda ?  
Olha que andam misturados  
Os encargos co'a fazenda.  
Cumpre a cada hum que arribe  
Per si, si deseja a honra,  
Não dizes, bons donos tive,  
Que quem como elles não vive,  
Tanto mais a si deshonra.

Esta Ecloga pecca por falta de accão, pois não é mais que uma conversa entre doux pastores, que descutem, e senequisam interminavelmente, pecca por expressões baixas, e incorrectas, e por uma prolixidade interminavel.

Sá de Miranda era homem mui douto, conheceu perfeitamente os originaes Gregos, e Latinos, mas de que lhe serviram elles? Acaso Theocrito, e Virgilio, os modelos do genero pastoril, é que lhe ensinaram a preferir o estylo rustico, á linguagem pura, elegante, e nobremente singela de que elles se serviram? Foi delles que aprendeu a encadear sentenças umas nas outras, e ás vezes bem inverosimeis na bocca das pessoas, a quem as faz dizer, como estas, por não citarmos mais.

O Entendimento que he nosso  
Não lho queremos deixar.

.....  
Se eu co' teus olhos não vejo,  
Nem ouço co' teus ouvidos,  
Por meos sentidos me rejo  
E tu pelos teus sentidos.

Não foi de certo para imita-los, que Sá de Miranda escreveu uma Ecloga em oitenta Coplas de dez versos, que fazem em sua totalidade oitocentos, o que mostra que elle contava demasiado com a paciencia dos Leitores.

A outra Ecloga Portugueza, que tem por titulo o *Encantamento*, é na minha opiniao mui superior a esta, tanto pelo estylo, quanto por ser mais dramatica, apesar de ser tambem um pouco estirada.

Principia por uma Dedicatoria em oitavas a D. Manoel de Portugal, fidalgo mui instruido daquelles tempos, e grande amigo do Author, e depois o comprimenta por sua acceitação no Paço, e por sua nobreza, como Membro da Casa de Vimioso, e agradecendo-lhe outra Ecloga que o dito D. Manoel lhe enviara, accrescenta

Andando a por a paga, houve aos zizos  
Grão medo, eu o confesso, e a huns pontosos  
De notas carregados, e de huns risos  
Sardonios, ou mais claro, maliciosos;  
Quem tantos tentos, quem tantos avisos,  
Terá, que ampare os golpes perigosos,  
E acostumados ora entre Pastores,  
Que vos venham cantando os seos amores?

Querem-vos por Senhor, não por Juiz,  
 Louvores á de parte, que sam dinos,  
 De perdão os começos, já que fiz  
 Aberta aos bons cantares perigrinos,  
 Fiz o que pude, como de si diz  
 Aquelle, hum só dos Lyricos Latinos,  
 Provemos ora esta nossa Lingoagem,  
 E ao dar da vella ao vento boa viagem !

Estas estanças provam duas cousas. 1.<sup>a</sup> Que já no seu tempo havia Sá de Miranda achado quem o censurasse, ou pela inelegancia do seu estylo, ou pela escabrosidade da sua versificação, ou talvez por ambas as cousas. 2.<sup>a</sup> Que elle blasonava de ter sido o primeiro que introduziра entre nós o gosto da Poesia Italiana, mas dos Sonetos do Infante D. Pedro transcriptos no Livro antecedente se vê que esta proposição não pôde tomar-se em sentido absoluto, pois que aquelle Poeta o precedera nessa empreza, mas sim no sentido mais restricto de que fôra elle quem ajudado de Ferreira fizera perder o gosto das Trovas, lancando os fundamentos a uma nova Eschola.

Os dous versos com que termina esta dedicatoria sam na verdade cousa bem singular.

Provemos ora esta nossa lingoagém,  
 E ao dar da vella ao vento boa viagem !

O primeiro é muito ruim verso, como o sam em nossa lingua todos os de quarta e setima, de que os bons versificadores nunca fazem uso, deixando-os aos Poetas Francezes, porque só naquelle idyoma parecem bem ; quanto ao segundo não sei que ligações possa ter com o antecedente, ou com as idéas expendidas na oitava ; mas que importava isso a Sá de Miranda ? Todo o seu ponto, nesta, assim como em outras muitas vezes, era fechar a estança fosse como fosse, e não perder uma phrase popular, por tanto *boa viagem*, e o leitor que accommode lá isso como poder.

A Ecloga intitula-se *Encantamento*, não porque nella se façam algumas bruxarias, ou celebrem alguns ritos magicos, como na oitava das de Vergilio, ou no segundo Idyllo de Theocrito, mas sómente porque a Pastora Beatriz a ter-

mina cantando a Fabula de Psychis, que fallando em rigor não é um encantamento, em uma Canção, que de certo corresponde mui pouco á belleza do assumpto, que tão bem se prestava ao colorido poetico, e de que o génio de Camões saberia tirar todo o partido. Já se vê pois que o titulo não corresponde ao assumpto como o demandava a boa razão.

Posto que esta composição tenha, como todas as Pastorais do Author, o desfeito de ser demasiado extensa, contem os melhores hendecasylabos de Sá de Miranda, e alguns trechos que fazem honra ao seu talento. Tal é o exordio.

## GONÇALO.

Quantas cousas, Ignez, Madrinha e Thia,  
Se me vão descobrindo de hora em hora  
Inda que faça corpo, e gesto, e ria.

Pela alma de quem mais não pode, afora  
Outros respeitos cumpre haver paciencia  
The que seja da vida, ou da dôr fora.

Aos erros he devida a penitencia  
Por seu conto, e medida, e por balanca  
Polo que sabe a propria consciencia.

Pero quando, ao contrario da esperança,  
Em vez de galardão accode a pena  
Quem terá sofrimento em abastanca?

Amor, que por antolhos tudo ordena,  
Mui pouco se lhe dá nem da fé santa,  
Quebrada, ou tida, grão culpa, ou pequena!

Faz huma, e outra cousa o Gallo, e canta,  
Ora eis-me aos pés, ora eis-me á cabeceira,  
The que o cansaço vence, e me alevanta.

E vou-me ao meu fuzil, e pederneira  
Em fogo acceso, o fogo accendo, e ando  
Do quente ao frio, do frio á fogueira.

Assi de cá, de lá cansado ando,  
Dou volta á cama, abrolhos me semelham,  
De claro em claro o coração passando.

Os fracos dos sentidos ajoelham,  
Trabalham por soltar-se, aperto o laço,  
Em poder da sua dôr mal me aconselham,

## IGNEZ.

Afilhado, e Sobrinho, juras faço,  
Que disso mais não sei certo que seja,  
Só que perdeste muito em pouco espaço.

Quem não morria por aqui de inveja  
De ti, Gonçalo, em tudo que fazias  
De graça, manha, e força atre sobeja?

Todos nas festas, onde apparecias,  
Hum rosto, outro tenção logo mudava,  
Ciscava-se outro pelas companhias.

Onde cantavas, ninguem mais cantava,  
Onde tangias, ninguem mais tangia,  
Quando te esprias, ninguem mais luctava.

E lembra-me que estando,... ora qual dia?...  
Comigo Andreza, Joanna, e Beatriz,  
Tinhamos entre nós certa porfia.

Como ves que huma diz, e que outra diz,  
Naquelle proprio ensejo eis que passavas,  
Passando díceste alto « Eu que lhe fiz? »

Parece que comtigo aprofiavas  
Como acontece, que hias bracejando,  
Sem dar vagar a alguem, nem o tomavas.

Vi-te, ouvi, mas callei-me, senão quando  
Disse huma contra mim, « qual vai Gonçalo? »  
« Como muitos (disse eu) vai fadejando. »

« Tudo aquillo sam mimos, e faz callo. »  
(Disse outra) « n'hums assanhos de mimoso,  
« Ou que ofho mau-lhe fez algum aballo. »

Quando eu aquillo ouvi « si elle he pontoso,  
« Ou se ha na Aldêa, samica, outro tal,  
« Cantemo-lo entre nós por trabalhoso. »

A primeira tornou como hum coral,  
A companheira toda descorada,  
Parece que ambas o tomaram mal.

Tanto te sei dizer he pouco, ou nada  
Salvo que ás vezes estes nadadas são  
Muito ao miolo que já tens pancada.

## GONÇALO.

Quantos sonhos que vem, quantos, que vaô

Coutado do dormente que assim jaz,  
Ora torcendo-se, ora rindo em vão.

Quanta conta se faz, e se desfaz,  
Erradas as pequenas, e as maiores  
Feitas em desavença, einda em paz.

## IGNEZ.

Certo, mal comedidos sam Pastores,  
Haja de ti perdão, sempre queixosos,  
Não os entendo nestes seus amores,  
Chamam isto entre nós ser ruvinhosos,  
Não sabem estremar o mal do bem,  
Sempre agravados, sempre suspeitosos.

## GONÇALO.

Mal te saberia ora por ninguem,  
Nem por mim responder, seja o que fôr,  
Corram ventos d'aquem, corram d'alem.  
Mas diz-me, Thia, pelo meu amor,  
Isso das mais louçãas de toda a terra,  
Quanto ha que foi? lembra-me a minha dôr.

## IGNEZ.

Por certo, si a memoria me não erra,  
Contando, o Sol depois não se escondeo  
A nós dez vezes, dez deo vista á Terra,  
Inda te mais direi que aconteceo  
O que já disse, por mais signal logo,  
Onde tu já cantaste, outrem gêmeo.  
Dia de muito riso, e muito jogo,  
Venceste á lucta, e á choca, e avantajado  
Correste, e emfim cantaste a nosso rogo.  
E mais aquelle teo cantar gabado  
De todos, tão sentido, e tão queixoso,  
« Onde me acolherei, tudo he tomado! »

## GONÇALO.

Como fazendo vai o Sol trigoso

3 \*

Tantas mudanças, quanto dos cantares,  
E quanto de cantar fui cubicoso!

De todos me esqueci, muitos a pares,  
Athe as vontades muda o tempo, e leva  
Comsigo, e do prazer faz maos pezares.

Elle he o em que vai tudo o que releva,  
Faz, desfaz a desora ás agonias,  
Não olha mais se chove, vento, ou neva.

Mas quanto ora ao contar, que antes dizias,  
Disso me lembro bem, era em setembro  
Quando as noites voltam sobre os dias,  
De cantar provarei se me ora alembro.

*Canta.*

Onde me acolherei? tudo he tomado,  
Não apparece esperança nenhuma,  
Sombras negras, e feias; mal pecado,  
Estas sam que aparecem! cousa algúia  
Não ficou por fazer, tudo he provado,  
E tua por demais; ouça-me a Lua,  
Delgada, que transpoem pelo alto monte,  
Seus trabalhos c'os meos coteje, e conte.

E se nos velhos soláos ha verdade,  
Bem sabe ella por prova, como Amor  
Magoa, e haverá de mim piedade;  
Endimio tão fallado, e tal Pastor,  
Entre as flores dormia em flor da edade,  
Ella, olhando do Geo, mudava a côr,  
The das flores ciosa, e agoa clara,  
Que o seo formoso Amor lhe adormentara.

Contam, e contam mais que houve hum Tyrano  
De poder grande, e muito grande hayer,  
Vendo húa moça, e minina em corpo humano  
Que andava a colher rosas, e a prazer  
Salteou-a, roubou-a, e foi-se ufano  
Por força, e por vontade houve de ser,  
Riquezas más, injusto senhorio,  
Que apuram a vontade, o alvedrio.

Ora a May perguntando longamente  
 Por hum só bem que tinha: onde o achará,  
 De huma gente passando em outra gente,  
 Tambem os Deozes culpa, oh sorte má!  
 E justiça maior, que tal consechte;  
 Buscando por de mais todo o de cá,  
 Acha-a no Reino das sombras escuras;  
 Correm lagrimas vãas, fazem leys duras.

Porem o tempo de todo devido  
 A May triste, e roubada; a que dos Reys  
 Da li veio este nome de partido  
 Em que seja forçado, e contra as leys,  
 Que se pode fazer de já perdido,  
 As vossas lagrimas, que as énxugueis,  
 Como poderdes oh, oh, oh, oh, oh!...

Bouterweek gaba muito as duas primeiras Estâncias deste Canto, e com bastante razão, e mesmo nas seguintes ha alguns bellos versos, mas não diz náda nem da maneira porque aqui está mascarado o roubo de Proserpina, nem da obscuridade que reina na ultima Estância, nem da maneira burlesca com que termina a cantiga com aquelle desaventurado oh, oh, oh, oh, oh!

Continúa o dialogo do Afilhado, e da Madrinha, a quem elle canta umas cantigas castelhanas, que tinha ouvido a um cégo, que passará pela Aldêa.

Passou, ora qual dia? hum Camphonina  
 Pela Aldêa cantando, elle hera cégo,  
 Guiaya-o loura, e bella huma Menina.

*Ora qual dia?* apparece pela segunda vez nesta Ecloga, e desta pobreza de expressão, ainda se poderiam apontar outras; um Camphonina, por um homem que tocava samphona, é phrase pouco elegante; mas o ultimo verso do Terceito é excellente. Torna a seguir a conversação, e é interrompida por um pastor Bicito, que passa fallando só, e o que é peior ainda, em versos em que a ryma vai do fim do primeiro verso ao fim do primeiro hemistichio do segundo, o que lhe dá ar de um checalho, e os torna o mais

cançados, e enfadonhos, que é possivel, e de que, por um gosto depravado, todos os nossos Bocolicos antigos, sem exceptuar Camões, fizeram uso; supponho que para apurar a paciencia dos Leitores.

Finalmente a Madrinha Ignez diz ao Afilhado,

Um pouco se nos vai fazendo escasso  
O tempo, porem poem peito á montanha,  
Crescem as sombras, vai crescendo o passo.

GONÇALO.

Passadas dizes? Olha esta tamanha,  
Que aqui te dou, logo outra, e outra aperto,  
Ora veja-mos quem mais terra apanha.

Vão andando, e fallando ; mas param para escutar uma Pastora, que toca um adufe. É Beatriz, que canta a Canção do Encantamento ; isto é, a historia de Pshyches, que o Poeta extrahiu de Apuleio, mas de uma maneira tão secca, tão embaralhada, e sem sabor, que os que conhecem o original não podem soffre-la, e os que não o conhecem, não podem entende-la ; e acabando Beatriz de cantar, acaba-se o Poema.

É pois evidente que esta Ecloga, que não contém mais que uma conversação vaga entre a Madrinha, e Tia Ignez, e o Sobrinho, e Afilhado Gonçalo não tem fabula, nem nexo, nem desfecho, o que é grave defeito, pois a Ecloga é uma especie de Drama, que os episodios sam de materia estranha, e desligada do assumpto, se acaso é possivel dizer-se qual é o assumpto, e que todo o seu merito está em algumas sentenças, alguns trechos, cheios de naturalidade, como por exemplo

Cada hum só chama facha ardente o lume  
E fragoa, onde se apura sua fineza,  
E destes taes queixume a poz queixume.

Quizera nos amores mais simpreza,  
Ou digo que os quizera mais singelos,  
E mais dissimulada essa tristeza

Outro por Julho, e por Agosto treme,

Arde em Dezembro, foge á claridade,  
Suspeitoso de si mesmo se teme.

Cada huma destas Moças anda usana,  
Cuidam que o Sol lhes baila, sam gabadas,  
E já não ha quem cuide que se engana.

Temos trez Elegias de Sá de Miranda, uma a certa Senhora mui instruida, em nome do seu amante; outra em castelhano a Jorge de Montemor, em resposta á que este Poeta em castelhano lhe dirigira; e outra, a melhor de todas, ao Doutor Antonio Ferreira, respondendo a outra que aquelle Poeta lhe endereçára, consolando-o pela morte de seu filho Gonçalo Mendes de Sá.

O estylo destas Elegias é em geral mais espirituoso, que elegiaco, mas sam bem escriptas, e menos mal versificadas. Estes assumptos eram mais favoraveis para o Poeta, do que aquelles que demandam força de phantasia, e invenção, dous dotes de que a natureza foi mui pouco liberal com elle. Citaremos alguns trechos que justifiquem a nossa opinião.

Aquella vista, que a todos espanta,  
Aquelle entendimento tão profundo,  
Não sei quem nisto o céga, ó quem o encanta.

Hercules tão fallado pelo Mundo  
Quantos trabalhos venceo? mas a dura  
Madrasta nem por isso se quebranta.

Emfim vê-o no fogo inda segura,  
Seos olhos farta, e quanto ás imortaes  
Honras, que se lhe devem, torna escura.  
Julgam-se as cousas pelos seus signaes  
Milhor, que por palavras, que farei?  
Tudo me lembra, e tudo por demais.

Os remos n'agoa parecem torcidos,  
Os olhos nos enlêa hum jogo leve,  
De mãos, e assi se enganam os ouvidos.

Senhora, bem sabeis o que se escreve  
De dois Pintores nobres á porfia,  
Em que cada hum vencer a outro se atreve,  
Fruitas pintou hum delles, que de dia

Vinham Aves comer; outro de hum véo  
Pintado fez que a obra se encobria.

Vêde quanto a Arte pode, não valeo  
Ali vista, e saber, o véo de diante  
Mandava levantar o que perdeo.

Diz lêdo o Vencedor: «foste bastanta  
» A enganar Aves? que victoria a minha  
» Enganando hum Pintor tão posto ávante! »

Entre tanto que cuida a leve gente  
Destes que vêmos tantos a milhares,  
Regidos do só Acaso, e do Accidente?

Ondas c'os Ventos vam correndo os mares,  
Andabatas, que ferem ás escuras,  
E sem certeza dam por esses ares.  
Estas seriam as desaventuras  
Que Heraclito choraya em vida andando,  
E Democrito ria por loucuras.

Com muitas outras, que fazem gran hando,  
Peró sempre ham de ser as principaes  
Dos que perdendo vam-se, outrem buscando.

Meus desatinos onde me levaes?  
Vadiamento assi de monte em monte,  
Ou, como dizem, por Andurriaes.

Tornaste-me jazendo á minha fonte,  
O caminho não mingua, antes mais cresce,  
Por muito que a rasão clara desconte.

E não mé abasta o mal, que mé acontece,  
Que he tanto em meo quinhão, inda a vergonha,  
Que de mim e que d'outrém me recrece.

### *Elegia I.*

A segunda Elegia, em que tracta da morte de seu filho, não só se aproxima mais ao tom, e estylo deste genero de Poema, mas respira muita resignação com a vontade do Altissimo, e o fervor christão, que anima o Poeta, e que o consola de tamanha perda com a lembrança de que seu filho havia dado á vida pela defesa da Relião, combatendo contra os infieis.

Quando mandei meo filho em tal edade

A morrer pola fé, si assi cumprisse,  
Que esta era a verdadeira sua verdade.

« Tu vás pelo caminho agro (lhe disse)

« Que tu mesmo tomaste á tua conta;

« Sem perigos quem se acha, que subisse?

» Do tempo, que assi foge, que te monta?

« Vinte annos, trinta mais, que montem cento?»

Ergueo a vista a mim alegre, e promta.

Suspirando por ser lá n'hum momento,

(Se ser podesse) tão depreça os Fados

Corriam, nunca vãos, sem fundamento.

Então o encarreguei destes cuidados,

Deos, e logo honra, logo o Cappitão,

Quam prestes a cumprir foi taes mandados!

Parece que os levou no coração

Não soltos por desfria nos ouvidos,

Como outros fazem, que perdendo-os vão.

Do corpo aquelles espertos sentidos

Mais inda os d'alma tão limpa, e tão pura,

Já agora os bons dezejos sam cumpridos.

Vio onde a deixaria em paz segura

De preça a occasião arremetteo,

Não quiz mais esperar outra ventura.

No dia do começo a conta encheo,

Seguro vio a morte, espanto antigo,

Nós sonhamos aqui, tu vás ao Ceo.

Ditoso aquelle Mestre Dom Rodrigo

Manrique, a quem em seo tempo louvou

O Filho, e deo ao corpo em morte abrigo.

Hera ella conta igual que quem entrou

Primeiro á vida, sahisce primeiro,

Eu sou quem dévera hir, quem nos trocou?

Cordeiro ante o throno alto do Cordeiro

Lavado hirás no teo sangue sem magoa,

Oh quem, como hera Pay, fôra parceiro!

Diz Pardo da fé nossa ardente fragoa,

Que para o Filho o Pay faça thesouro,

Parece natural hum correr d'agôa.

Nam assi aqui perto abaixa o Douro,

Ao contrario no mar se lansa escuro,

Mondego, e o Tejó das arças de ouro.

Quanto mais certo contra o ímigo duro,  
Podes que outrem dizer vim, vi, venci,  
Cerrando, e abrindo a mão posto em seguro.

Nem se vejam mais lagrimas aqui,  
Salvo as que por nós forem, que em taes trevas  
Em tão céga prisão deixaste assi.

Vai-te embora que já não tens que devas  
Temer, lá tudo he paz, tudo assossego,  
A quem leva o seguro, que tu levas.

Não acho em todas as obras do Doutor Francisco de Sá de Miranda, um só trecho mais pathetico, mais elegante, e puramente escripto do que este é; porque o Poeta tinha a dôr reconcentrada no coração, e é de um coração profundamente commovido, que brota a verdadeira eloquencia, e a verdadeira, e sublime Poesia.

Nada direi da Elegia a Jorge de Montemor, por ser, como já disse, escripta em hespanhol, assim como de algumas Trovas, Vilancicos, Esparças e Voltas no antigo estylo, compostas em ambas as linguas, e talvez nos primeiros annos do Poeta, como causas de mui pouco vulto, e estranhas á nova Eschola, e passarei a tractar daquellas obras de Sá de Miranda, que sam as mais lidas, e as mais estimadas, e pôde ser que o verdadeiro fundamento da immortalidade do seu nome.

Estas obras sam as suas Epistolás, ou Cartas, como elle lhe chama, em numero de seis, sendo cinco em Estanças octosylabas, e uma em Tercetos hendecasylabos. Não direi que nestas Cartas haja toda a correccão, e a elegancia continuada, que exige a Eschola Italiana, mas o Poeta ahi se faz admirar por certo arrojo philosophico, e pela profundidade das sentenças, e pureza de moral.

É certo que Bernardes, e Caminha, e muito especialmente o Doutor Antonio Ferreira o excederam muito neste genero: mas Miranda abriu com elles um caminho novo, e por isso lhe não cabe pouco louvor, sendo pelos Contemporaneos recebidas com entusiasmo; força é porém confessar, que ha nellas um merito intrisico, e independente da novidade; pena é que o Author, mesmo querendo imitar Horacio, não podesse descartar-se da mania do estylo bocolico, porque desgraçadamente não sabia cantar

senão n'um tom ; si ás vezes se eleva á altura das idéas do seu modelo, tambem depressa cahe na prolixidade verboza do estylo romantico, ficando assim muito longe da concisão, e da força de expressão, que tanto nos encanta no Poeta Latino. Vê-se que a sua erudicção é toda escholastica, e que a sua moral tem um travo mui pronunciado de monarchismo ; que foge de profundar as idéas, e quasi que se arrepende dos seus arrojos ; nem era de esperar outra cousa de um Poeta Jurisconsulto do decimo sexto seculo ; seus pensamentos tem mais de verdadeiros que de novos, e o seu maior merito poeticó está no bem applicado das suas observações aos costumes, e aos caracteres.

Mostra-se porém menos timido no que respeita á politica ; conhecendo bem a corte, tendo vivido no centro das suas intrigas, e das suas perfidias, nunca poude ser bom cortesão, porque nunca pôde dessimular a verdade, nem mentir á propria consciencia, e foi por isso que ali grandeou inimizades, e malquerenças, que o constrangeram a ir procurar no fundo de uma província, e longe dos negocios públicos, a tranquillidade, e a paz. E como poderia ser bem visto em Palacio um Poeta, que escrevendo ao proprio Monarca lhe dizia, sem hesitação, nem melindre, que se acautelasse das perfidias dos Aulicos, e da hypocrisia dos falsos devotos ?

Sobre obrigações tamanhas  
Velem-se contudo os Reys  
Dos rostos falsos, e manhas  
Com que lhe fazem dar leys  
Fracas tés das Aranhas.

Que se não pode fazer  
Por arte, por força, ou graça,  
Salvo o que a justiça quer,  
Senhor, não chamam poder,  
Salvo o que lhes vai na praça.

E por muito que os Reys olhem  
Vam por fora mil enchaços,  
Que ante vós, Senhor, se encolhem,

De hum Gigante de cem braços,  
Com que dão, e com que tolhem.

Estes inchaços que vão por fóra, e que se encolhem diante do Rei, e que sam de uns gigantes de cem braços com que dão, e tiram, sam um aponteado de palavras incoherentes, que provam a dificuldade, que o Poeta encontrava em expressar as suas idéas com precisão, e clareza.

'Quem graça ante o Rey alcança,  
E hi falla o que não deve,  
Mao grado da sua privança,  
Pessonha na fonte lansa  
De que toda a terra bebe.'

'Quem joga onde engano vai  
Em vão corre, e torna a traz,  
Em vão sobre a face cai,  
Mal hajam as manhas más,  
D'onde tante damno sai.'

'Homem de hum só parecer,  
D'um só rosto, huma só fé,  
D'antes quebrar que torcer,  
Elle tudo pode ser,  
Mas de corte Homem, não he.'

Esta Quintilha, mil vezes citada, que todos os amigos das Letras sabem de cór, que em tão poucas palavras nos pinta o espirito das cõrtes, é uma das mais bellas cousas que Sá de Miranda produziu pela verdade do pensamento, e pela força, e energia da expressão, mas uma setta tão bem dirigida, e cujo golpe feria tão profundamente, não podia deixar de grangear ao Poeta o ódio daquelles contra quem era disparada.

Ouço gracejos de cá  
De quem vai inteiro, e são,  
Nem se contrafáz mais lá,  
« Como este vem Aldeão  
« Que não sabe onde se está.

As publicas santidades,  
Estes rostos transportados,  
Não em ermos, mas Cidades  
Para Deos sam vaidades;  
Para nós vam rebuçados.

Mas depois que lhe fazemos  
Pode ser, pode não ser,  
Adiante o saberemos,  
Estamos hum pouco a vêr,  
Cae-lhes o rebusço, e vêmos.

Senhor, hey-vos de fallar,  
Vossa mansidão me esforça,  
Claro o que posso alcançar,  
Andam pera vos tomar  
Per manhas, e não per força.

Por minas trazem suas hazes  
Encobertos seus assanhos,  
Falsas guerras, falsas pazess,  
Por fóra sam mansos anhos,  
Por dentro Lobos roazes.

*roazes* me parece epíteto pouco proprio para lobos, algumas edicções trazem *robazes*, mas é, bem que mais proprio, vocabulo deseuphonico, e tão estranho, que me não lembro de o haver lido em outro algum Clássico; persuadido-me que o Author escreveria *vorazes*, que satisfaz igualmente á harmonia, e ao sentido:

Tudo sua cura tem,  
Que he assim bem o sabeis,  
E o remedio também.

« O que eu sei é que isso é bem pelo contrario, do que me dizeis. » Diria El-Rei respondendo-lhe, e com razão, porque entre os males moraes, assim como entre os physiscos, ha muitos que não tem cura, ou alégora ninguem lhe sabe o remedio. Quando se usa de uma sentença é necessário que não possa admitir replica....

Quereis-los conhecer bem?  
No fruto os conhecereis.

é o mesmo que diz o Evangelho « *ex fructibus eorum cognos citis eos.*

Obras, que palavras não;  
Porem, Senhor, somos muitos,  
E entre tanta obrigação  
Trasmalhamos-vos os frutos,  
Que não saibaes, cujos são.

*Que não saibaes*, significa porque, ou para que não saibaes. Esta construcção elíptica acha-se em quasi todos os nossos Escriptores de boa nota, e tem muita graça, e energia. Foi adoptada por muitos dos nossos melhores Poetas, que por ella tem soffrido a censura dos leigos na materia, que á força querem reduzir-nos á Syntaxe Fran- ceza.

Hum que por outro se vende  
Lansa a pedra, e a mão esconde,  
O dano longe se estende,  
Aquelle a quem doe entende  
Com sos suspiros responde.

.....  
Pena, e galardão igual,  
O Mundo em pezo sustem,  
He huma regra geral  
A pena deve-se ao mal,  
E o galardão ao bem.

.....  
A tudo dam novas côres  
Envolvendo os peitos puros,  
E fallam sempre em primores  
Ante os Reys vossos Senhores  
Vindes com rostos seguros.  
Contaes, gabais, estendeis  
Serviços, e lealdade,  
Olhai que não a daneis,  
Fallai em tudo verdade  
A quem em tudo a deveis.

Que eu vejo nos povoados  
 Que muitos dos Salteadores  
 Com nome, e rosto de honrados,  
 Vam quentes, e andam forrados  
 De pelles de Lavradores.

Quintilha excellente pela verdade das idéas, e pela força, e poetico da expressão.

E, Senhor, não me creaes  
 Se não as acham mais finas  
 Do que as dos Lobos cervais;  
 Que Arminhos, e Zibelinas  
 Custam menos, duram mais.

Como podia deixar de ser detestado dos Aulicos, quem assim fallava delles ao Rei !

Sá de Miranda não poupa mais as trapaças dos Magistrados, e as suas cavilosas interpretações das leis.

Que estas Leys Justinianas,  
 Si não ha quem as bem veja,  
 Fóra das paixões humanas,  
 Sam hum campo de peleja  
 Com razões fracas, e usanas.

Morre o nobre Conradino  
 Co' Parceiro em tudo igual,  
 Cada um de tal morte indino,  
 Porque o duro, ou o malino  
 Doutor interpreta mal !

Quantas victimas das más, ou malignas interpretações dadas pelos Doutores ás leis, não poderia o Poeta ajuntar a esta ? Mas tambem é verdade, que se as leis fossem bem feitas seriam escusados Doutores, porque seriam tão claras, que qualquer homem de bom senso as poderia entender, e applicar. Mas ha por esse mundo taes leis, que será impossivel achar dous Letrados, dous Juizes, dous Tribunaes, ou dous Homens, que as entendam do mesmo modo.

Foi sempre considerado como um dos melhores trechos desta bella Epistola, aquelle em que o Poeta faz o elogio da fidelidade, e amor dos Portuguezes para com os seus Reis, e compara a segurança com que estes vivem entre nós, com os receios, em que os outros vivem dos seus povos.

Não acobertam soldados  
Aqui, nem sóa o tambor ;  
Os outros Reys seos Estados  
Guardam d'armas rodeados,  
Vós rodeado de Amor.

Achar-nos-ham as divinas  
No meio dos corações  
Esculpidas vossas Quinas ;  
Estas sam as guarnições  
De vós, e dos vossos dinas.

He sem duvida o Francez  
Por seo Rey de amor acceso,  
Não lho nega o Portuguez,  
Tem porem guarda Escocez,  
Que não he de pouco pezo.

Os adjetivos em *or* em *ez*, e mais alguns, eram antigamente commum de dous ; por isso achamos tantas vezes nos Authores antigos, e mesmo em João de Barros, *Cidade competidor, uma Portuguez, uma Hollandez, &c.* Mesmo muitos tempos depois deste uso ter cessado, Antonio Diniz da Cruz e Silva, que de certo sabia á sua lingua, não duvidou dizer no Hyssope.

He *nossa Portuguez*, casta, lingoagem.

Não deve por tanto admirar, que Miranda diga aqui

Tem porem *Guarda Escocez*.

O Padre Santo assi faz,  
À quem certo se devia  
Áte assossego, alta paz,  
E tem guardas todavia,  
Com que vai seguro, e jaz.

Que se pode hir mais ávante  
C'os olhos, e c'o sentido?  
Sem ferro, e fogo, que espante,  
Com duas canas diante  
His amado, e his temido.

Aqui se vê, que naquelles tempos de verdadeira grandeza, e de singelleza de costumes, quando os nossos Reis sahiam do Paço a cavallo, ou a pé, eram precedidos de dous Porteiros, que com uma canna verde na mão lhes iam abrindo caminho. É pena que em nenhum dos nossos Poemas Epicos se ache consignado este uso tão poeticó, e verdadeiramente Patriarchal! ao menos inspirou elle a Sá de Miranda estes dous bellos versos, que correm estampados na memoria de todos.

Com duas canas diante  
His amado, e his temido.

Huas sobre os outros corremos  
A morrer por vós com gosto,  
Grandes testemunhas temos  
Com que mãos, e com que rosto  
Por Deos, e por vós morremos!

Outro si pera os revezes  
(Queira Deos que não releve,)  
Em vós tem os Portuguezes  
Códro dos Atheniezes,  
Decios, que só Roma teve.

Iguaes bellezas se encontram na Carta a João Rodrigues de Sá e Menezes, fidalgo mui respeitavel por seus servicos, e bom saber.

Dos nossos Sás Colonenses  
Grão tronco, e nobre coluna,  
Grande ramo dos Meneses,  
Em sangue, e bens da Fortuna,  
Que he tudo entre os Portuguezes,

Mas vós que sempre vos ristes  
Do povo que não vê mais,

Ricamente a alma vestistes,  
O mais tendes por demais.

O Poeta já no seu tempo censurava a tendencia dos Portuguezes para só apreciarem as riquezas, ter em pouca conta os talentos, e a sabedoria. Luiz de Camões se queixa também amargamente deste defeito nacional, que cada vez se tem augmentado mais, em lugar de corregir-se.

Aos grandes, aos valorosos  
Passados, de quem herdastes  
Sobrenomes tão lustrosos,  
Des que nas armas pegastes  
Não fostes des ociosos,  
Podereis também folgar  
Que foram tempos de paz,  
Podereis rir, e jogar  
Como se na terra faz.

Más entrastes n'entra afronta  
Hi fizestes novo emprego,  
Desejando de dar conta  
Tambem daquelle assosego  
Como de Catão se conta.  
As Letras, que hi não achastes,  
Trouxestes de fóra á terra,  
A nobreza as ajuntastes  
Com quem d'antes tinham guerra.

Para entender o que se segue, é necessario ter presente, que El-Rei D. João III., espirito de pequena esphera, vergado ao peso da superstição, e do predominio monachal, sem ter as forças necessarias para sustentar o grande edificio levantado por D. João II., e D. Manoel seu Pai, deu principio á nossa decadencia Literaria, e Politica introduzindo em Portugal, os Jesuitas. Toda a grandeza, todo o brilhantismo do saber, das Artes, e da Poesia, que tanta gloria deram ao seu reinado, não se deveu a elle, era impulso que vinha de traz, (como bem advertiu o Collector do Parnase Lusitano) eram os fructos do que se havia plantado nos dous reinados antecedentes, e arrancar,

e destruir essas árvores, era o grande projecto dos discípulos de Santo Ignacio.

Para dar começo á sua obra, tinham-se aquelles Regulares apoderado do ensino público, e das consciencias, ao passo que nas aulas estabeleciaiam a Philosophia Peripatética, e a Theologia Escholastica, para com elles depravarem os engenhos; começavam a propalar nos salões, e nos confessionarios, que as Scienças eram perigosas para a Religião, e o Estado. Sá de Miranda, que tinha aprendido com outros mestres, bem que subjugado pela autoridade religiosa dos Jesuitas, não perdia o seu modo de pensar a respeito da instrução, nem se persuadia que dela proviesse a ruína, e decadencia dos Estados; e por isso declara aqui a sua opinião de que a corrupção de Portugal vem mais depreça do luxo, e das riquezas, resultado da conquista do Oriente, e do tracato, e maus exemplos dos povos assentados daquellas regiões longiquas, e por isso diz

Dizem que os nossos paisados  
Os mais não sabiam ler,  
Heram bons; heram estudos;  
Eu não louvo o não saber  
Como alguns ás graças dhdos;  
Louvo muito os bons costumes,  
Dóe-me se hoje não sam tales,  
Mas as Letras, ou Perdidas  
Quaes nos los danarão mais?

Os Jesuitas não gracejavam; cospiravam sem descanço para estabelecer entre nós uma instrução de artugias, e de palavras vãas, uma ignorância científica, cem vezes peior do que a ignorância illiterata; queriam embrutecer a Nação para nos entregar ao jugo da Espanha, como com efeito conseguiram, com a sua aliada natural a Inquisição, que perseguia, dava ás fogueiras, e affugentava do Reino todos os homens verdadeiramente instruidos, e os amigos da Pátria, que os Jesuitas com suas manhas não esperavam corromper.

Destes mimos Indianos  
Hey gran medo a Portugal.

4 \*

Que nos recresçam taes damnos  
 Quaes os de Capua a Hannibal,  
 Vencedor de tantos annos.  
 A tempestade espantosa  
 De Trebia, e de Trasymeno,  
 De Cannas, Capua viçosa  
 Venceo em tempo pequeno.

O Marquez de Santilhana,  
 Homem de braço, e saber  
 Antre a Nação Castelhana,  
 Da lança sohia dizer,  
 Que co'as Letras se não damna,  
 Este he a quem João de Mena  
 Fez alta coroaçao,  
 Tinha elle já grande penna,  
 Mas aparada inda não.

Dois vencedores do Mundo  
 Cesar, e Alexandre o Grande  
 Nas Letras foram the o fundo,  
 Em que a fortuna não mande  
 Ponho aqui Bruto segundo,  
 E os Grandes deis Scipiões  
 Fim, como dizem, fatal  
 De Carthago, e dois Catões,  
 Podera por Hannibal.

A Fortaleza louvada  
 Anda em braços co'a Prudencia,  
 Irmãa sua muito amada,  
 Porem ávante a Experiencia  
 Tudo sem governo he nada,  
 Pouco por força podemos:  
 Isso, que ha, por saher veio:  
 Todo o mal jaz nos extremos,  
 O bem todo jaz no meio.

Os Poetas vam a tudo  
 Buscando por alto o Cravo,  
 Olhando pelo meudo

O seo grande Achylles bravo  
 Rege o Centauro sizudo,  
 Que lhe abrande aquella sanha  
 Natural sua, que he muita  
 N'uma Cova subterranna  
 Tange o Velho, o Moço escuta.

Veados correm c'o vento  
 Em contenda, e os Leões  
 Tem força, e atrevimento,  
 Tem seos bravos corações ;  
 Nós temos entendimento.  
 Por onde entre nós devemos  
 Estimar aquelles sós,  
 Que naquillo em que os vencemos,  
 Nos vencem elles a nós.

Não pôde fazer-se uma defesa mais bella das Letras, e das Sciencias, o mais bello adorno da humanidade, posto que tantas vezes calumniadas, pelos que especulam com a ignorancia, à superstição, e a tyrannia, de que elas sam imimigas irreconciliaveis, e naturaes.

O bom Sá de Miranda levado dos seus preconceitos Escholasticos, e Theologicos, receiaava que a nossa decadencia viesse do luxo, e das riquezas, e não via já dentro em casa as duas causas motoras dessa decadencia, que tanto temia. As riquezas podem ; é verdade, perder uma nação quando esta não tem um bom governo, que saiba dirigi-las bem. Quando essa nação, ufana de possuir ouro, se faz fidalga, isto é, se entrega ao ocio, aborrece o trabalho, e se contenta de comprar aos estrangeiros o sustento, o vestir, e todos os objectos para satisfazer as necessidades, e commodos da vida ; e foi isto que nos aconteceu. Porém as riquezas sam fontes de prosperidade para as nações, quando se empregam em animar a Agricultura, o Commercio, a Indústria, em fundar Fabricas, em cultivar as Artes Mechanicas, as Liberaes, as Letras, e as Sciencias ; é assim que as riquezas tem sido uteis, e tem engrandecido a Inglaterra, a Hollanda, e a França ; e é então que o luxo se torna indispensavel elemento da prosperidade pública. Não foram pois as rique-

zas quem nos perdeu, foi o não sabermos usar bem delas, foi a perda da independencia, a indolencia, e iner- cia em que nos submergiu embrutecidos o jugo do Mon- nachismo, e o orgulho Aristocratico.

Na Carta a seu Irmão Mem de Sá, ou Mendo de Sá, como outros escrevem, creio que mais correctamente, discorre Sá de Miranda mui philosophicamente sobre a mania de andar a traz das esperanças enganadoras da corte, diligenciando a posse de cargos, contrapondo a esta vida agitada o socego que disfrutava na sua habitação campestre.

Em quanto de huma esperança  
Em outra esperança andaes,  
Fazer-vos quero lembrança  
Como he leve, e não se alcansta,  
Que sempre adiante he mais.

Cuidaes que sois já com ella,  
Quando vó-lo mais parece,  
E quereis lansar mão della,  
Mete remos, mete véla,  
Vai rindo, e desapparece.

Sentença palpitante de verdade, e mui concisa, e poeticamente expressada.

Mas não sofre o coração  
Solta-la assi levemente,  
Tamanha deleitação;  
Ah que eu a tinha na mão  
Se fôra mais diligente.

Dos Alchimistas se diz  
Despeza he fadiga vã,  
Cobiça he cégo Juiz,  
Deixai que, se hoje o não fiz,  
Falo-hei logo ámanhã.

Não lhe val vér a faxenda  
Hir a poz de experiencias,  
Andam de emenda, em emenda

**Da Fornalha para a Tenda,  
De assoprar fazem Sciencias.**

É ás bellezas de este, e de outros trechos tão bem pensados, e tão bem enunciados, que estas Epistolas devem a reputação de que gozam, e seu Author o ser contado entre os Pais da nossa Poesia, apesar das incorreções, e mais defeitos das suas outras obras.

Aporfiou, e caiu  
Phaeton, do carro do dia,  
Que ao Pay, por seo mal, pediu;  
Sentiu-o a Terra, sentiu  
Hum rio da Lombardia.

Não soube Icaro reger  
As azas, que houve do seu,  
Subindo veio a descer,  
Aos Peixes deu que comer;  
E ao mar nome novo deu.

A poz o que hade cahir  
Por alevanta-lo andames,  
Que não nos deixa dormir,  
A' alma, que pode subir,  
A essa, as azas cortamos.

Em quanto hum busca seos danos,  
E outro já the os olhos jaz,  
Por muitas sortes de enganos,  
Morte, que não conta os annos,  
Vem, e leva o que lhe apraz.

Aqui a sublimidade das idéas é realçada pela singeleza, e direi, até pela familiaridade da phrase.

Po-lo qual a este abrigo,  
Onde me acolhi cansado,  
E mais indo a gran perigo,  
E áquellas Letras que sigo,  
Devo que nunca me enfado.

Qual foi esse perigo, que o Author diz *grande*? Sabemos que elle se retirou da corte por causa de desgosto, que teve com um Cortezão; mas elle falla aqui de um perigo, e de um *perigo grande*; isto devia ser claro, e intelligivel para o Irmão, a quem Miranda dirige a Carta, e que tinha prefeito conhecimento da sua vida particular, e pública; mas essa circumstancia não torna esta Quintilha menos obscura para os Leitores, que não estão no mesmo caso de Mem de Sá.

Devo á minha muito amada,  
E só rica Liberdade,  
Que tive aos dados jogada :  
A que sómente he mandada  
Da Razão boa, e Verdade.

Nas Côrtes não pode ser,  
Vêdes os tempos, que correm,  
Vêdes fugir, e correr,  
Por fugirem the morrer  
Dos logares d'onde morrem.

O Poeta tinha razão de presar muito a *sua rica Liberdade*. E que maior fortuna pôde ter um homem de sizo, que viver longe dos bolicios, e intrigas das côrtes, das pensões, e enfadamentos do serviço público, senhor da sua vontade, e das suas accções, entregue ao estudo, em uma herdade, que lhe dá o necessário para a sua subsistencia? Mas esta ventura só pôde ser comprehendida pelo homem verdadeiramente philosopho, e não pelo ambicioso, que á maneira do hestrião, necessita de subir ao tablado para ser applaudido, e parecer alguma cousa.

Ora pôr peito á corrente,  
Que sejaes forçoso, são,  
E de sangue inda fervente,  
Grão nadador, claramente  
He quebrar braços em vão.

Cansar, e sonhar privansas,  
Dar d'avesso á Liberdade,

Logo pôr vãas esperanças,  
Estes jogos, e estas dansas  
Passem com a Mocidade.

Ando alimpando a pousada,  
Lembra-me quem diz que está  
Ante a porta, bate, e brada,  
E se a sentir despejada  
Pela ventura entrará.

Olhai as Aves do Ar,  
(Diz o Senhor, que enriquece  
O Ceo, a terra, e o Mar,)  
Vêde-las todas cantar,  
Dizei-mè, que lhe fallesse ?

Da muita vossa fraqueza  
Vem estes tantos suores,  
Estes, medos á pobreza,  
Vêdes como a Natureza  
Veste ricamente as flores ?

Estes versos, e outros muitos que poderíamos citar, mostram quanto os livros sagrados eram familiares ao Doutor Francisco de Sá.

Esta Carta termina com uma imitação da Fabula do Rato do Campo, e do Rato da Cidade, inventada por Horacio; e se esta imitação não iguala a concisão, e a força do Poeta Latino, excede muito a de Lafontaine, que foi muito infeliz com este assumpto.

Na Epistola dirigida a Antonio Pereira, Senhor de Basto, que se retirava para Lisboa, e que é uma das mais bellas deste Cancioneiro, torna o Poeta a levantar a voz contra as riquezas do Oriente, que chamavam á corte todos os fidaldos, que desamparavam seus Solares, despovoando as Províncias, e nisso tinha elle sobreja razão; mas que diria elle, se vivesse no tempó em que passou por dogma governativo, chamar com todo o empenho a Nobreza das Províncias para se estabelecer na Capital, gastando nella os seus rendimentos, deixando arruinar suas herdades, o que foi a origem da pobreza, e miseria a que

estão reduzidas as terras do interior, ao passo que a Capital, se sobrecregava de uma população sobreabundante, que aqui vinha vegetar na moxilagem, na vadiagem, na mendicidade, e no crime; roubando uma multidão de braços robustos á Agricultura, e á Industria das Províncias? Então é que elle gemeria amargamente de vér verificadas as suas prophecias, não por causa do ouro do Oriente, mas pelos erros da Administração, mal fundamentalmente medrosa.

O exordio desta Carta me parece excellente.

Como eu vi correr pardaos  
Por Cabeceira de Basto,  
Crescerem Cercas, c'o gasto,  
Vi por caminhos tão máos  
Tal trilha, e tamanho rasto.

Logo os meos olhos ergui  
A' caza antiga, e á Torre,  
E disse comigo assi,  
« Si Deos nos não val aqui,  
« Perigoso imigo corre. »

Não me temo de Castella  
D'onde inda guerra não sôa,  
Mas temo-me de Lisboa,  
Que ao cheiro desta Canella  
O Reyno se despovoa.

E que alguem embique, e caia,  
(A fóra vá mau agouro)  
Falas por aquella praia  
Da grandeza de Cambaia,  
Narsinga das Torres de ouro.

Ouves, Veriato, o estrago,  
Que cá vai nos teus costumes?  
Os Leitos, Mezas, e os Lumes.  
Tudo cheira; eu oleos trago,  
Vem outros trazem perfumes.

E ao bom trajo dos Pastores,  
Com que sahiste á peleja,  
Dos Romãos tão vencedores,  
Sam mudados os lavores.  
Não ha lá quem te haja inveja..

Entrou, dias ha, peçonha  
Clara pelos nossos portos,  
Sem que remedio se ponha :  
Huns dormentes, outros mortos,  
Alguem pelas ruas sonha.

Fez no começo á pobreza  
Vencer os ventos, e o mar,  
Vencer quasi a natureza.  
Medo hey de nova á Riqueza  
Que nos venha captivar.

Estas Serras, e penedos  
Fazem-se-vos vistas fêas,  
Já torceis rosto ás Aldéas ;  
Direis dos vinhos azedos  
O que já disse Cineas.

A quem nos convites dado  
A provar, si lhe approuvesse,  
Depois nos Olmos mostrado,  
« Nunca vi, (disse) emforcado,  
« Que a força assi merecesse. »

As vorazes mountarias,  
Derribar Aves, que vão.  
Cantando inverno, e verão,  
Que al he, salvo remir dias  
Do enfadamento Aldeão ?

Que trabalhosos concertos  
De Vilãos desertoados,  
Os de Vilãos mal cobertos,  
E o que he peior, pouco certos,  
Muito desarrazoados.

Direis, e eu não vò-lo nego;  
 Mas quereis tambem que diga?  
 Este Mundo he armado em briga,  
 Não busqueis nelle assocego,  
 Nem n'uma alta Ermida antiga.

Todavia ha diferenças  
 Entre o de cá, e o de lá,  
 Cá no meio ás desavenças  
 Ereis mestre das sentenças  
 Pera onde ha outrem, que as dá.

Tereis em troca manjares  
 Composições delicadas,  
 Humas por outras grosadas,  
 Pelos tempestuosos mares,  
 A gran perigo buscadas.

Convites de quem convida,  
 Amostram-vos suas tendas,  
 Quanta cousa hi ha perdida!  
 Ceas imigas da vida,  
 Imigas mais das Fazendas!

Disto o cheiro, disto a cõr,  
 Que preço não tem igual,  
 Milagre de Portugal,  
 Cousas de tanto sabor,  
 Pera saberem tão mal!

Onde se hade lansar tanto?  
 Aquillo he pagar o Pato,  
 Em fim quando me levanto,  
 Ou heide morrer de espanto,  
 Ou, si não me espanto, matto!

*Pagar o Pato*, é phrase chula, e plebá, mas o Poeta parece que tinha muita effeição por estas expressões vulgares, pois é rara a composição em que não emprega alguma; isto prova, que no seu tempo ainda não estava formado o gosto, nem discreminado da presa o dialecto poetico, nem se ainda saber bem

*Discriptas servare vices, operumque coloris.*

tambem estes versos

Em fim quando me levanto,  
Ou heide morrer de espanto,  
Ou, si não me espanto, matto.

me dão ares de um verdadeiro amphigouri ! Pelo menos não véjo a ligação destas idéas com as antecedentes, nem com as subsequentes ; mas este Poeta adoece frequentes vezes deste achaque.

Que cousas vam tão erradas !  
Enfastia o que sobeja,  
Quem come o que não dejeja ?  
Sohiam ser convidadas  
Vontades, agora he a inveja !

Estes dous ultimos versos offendem os ouvidos por falta de harmonia ; os seguintes não sam melhores.

Entra comvosco a manhã,  
Fallam-se muitas lingoagens,  
A tal cea cortezãa  
Quanto mistura vai vãa  
Afora as novas potagens !

Os bons Convites antigos,  
Antes de se tudo alçar  
Heram pera conversar  
Os Parentes, e os amigos,  
Que não pera arrebentar !

E de viver juntamente  
Houveram convites nome,  
Soltos os olhos da Gente  
Porque vissem que sómente  
Ali se matava a fome.

Aquella usana Raynha  
Irmãa do vil Ptolomeo,

Que o rico pendente deo  
Prodigamente á cozinha  
N'um grande banquete seu.

Em primeiro logar Cleopatra não era sómente Irmãa de Ptolomeo, mas tambem sua Mulher, segundo o costume dos Egypcios, e dos Persas, costume que ainda hoje conservam os Guebros; depois Cleopatra não mandou para a cosinha o pendente, de que falla o Author; os Cosinheiros o teriam guardado, em logar de o cosinharem, e nissò andariam com mais juize do que ella: eis-aqui como alguns Authores contam o facto, a que o Poeta alude.

Cleopatra havia appostado com Marco Antonio, que em toda a occasião que viesse cear com ella nunca lhe daria um banquete, que não importasse em tanta somma exorbitante, que foi convencionada entre elles.

Uma noite que o Triunviro chegou tão tarde que a Rainha já estava á meza, ella não querendo perder a aposta, e vendo que a cêa estava longe de valer a quantia convencionada; tirou muito depressa dos brincos uma grossa perola, de um valor exorbitante, e desfazendo-a em uma taça com vinho lho deu a beber; e assim evitou a perda da aposta com tanta perda muito maior.

*O cæcas hominum mentes! o pectora cæca!*

Vendo tudo hir-se a perder,  
Os amigos convidava,  
Não já porem de viver,  
Mas de a si juntos morrer,  
Em sua lingoa os chamava.

A vossa fonte tão fria  
Da Barroca em Julho, e Agosto,  
Inda me he presente o gesto,  
Quam bem que nos hi sabia  
Quando na meza hera posto.

Nesta Quintilha ha uma embrulhada grammatical, que não é facil desenvolver; o que é que sabia bem? Acaso a fonte fria da Barroca? Mas então a que se refere *posto*, que é do genero masculino? Acaso a *gesto*? Mas que quer

dizer um gosto posto na meza? Deixo aos admiradores exclusivos dos nossos Classicos o elucidar esta difficulda-de; porque eu contento-me de citar as seguintes Quintilhas, como compensação desta.

Ali não mordia a graça,  
Heram iguaes os Juizes,  
Não vinha nada á praça,  
Ali da vossa cachaca  
Ali das vossas Perdizes.

Ali das frutas da Terra  
(Que tem cada mez a sua)  
Colhida em sazão cada hūa,  
Nunca o sabor a eôr erra,  
Nem o nome de nenhūa.

Oh Ceas do Paraíso,  
Que nem cá o tempo vos vença,  
Sem falla trocada, ou riso,  
Nem carregadas de siso,  
Nem danadas da licensa.

Des hi, o gosto chamando  
A mores outros sabores,  
Liamos pelos amores  
Tão bem escriptos d'Orlando  
Envoltos em tantas flores.

Liamos os Assolanos  
De Bembo, engenho tão raro,  
Nestes derradeiros annos,  
Cos Pastorés Italianos  
Do bom velho Sannazaro.

Liamos pelo alto Lasso,  
E seo amigo Boacão,  
Honra de Hespanha que são;  
Hia-me meo passo a passo  
Aos nossos, que aqui não vão.

Se eu isto estimado agora  
 Vira, como d'antes hera,  
 Por meo conto ávante fora,  
 Mas não diz hora com hora,  
 Vai-se como ao fogo a cera.

Que troca ! vêr lá Paschinos  
 Desta terra cento a cento,  
 Quem os vê sem sentimento  
 Tractar os Livros divinos  
 Com tal desacatamento !

O pouco affecto á leitura, e á Poesia é vicio tão antigo em Portugal, que já aqui Francisco de Sá de Miranda, se queixa delle, e Camões depois ainda mais amargamente, e aponta como razão disso

Que quem não sabe a arte não a estima.

E o que não devem de ousar  
 Dizer, si em joelhos não,  
 (Que graças pera chorar ! )  
 Torcem, fazendo fallar  
 Ao som da sua paixão.

Esquecidos do Conselho,  
 Mas que digo eu ? do mandado,  
 Sendo por quem foi vedado,  
 No Santissimo Evangelho,  
 « Aos cães não deis o sagrado. »

Peitos, que sonhando andaes,  
 O muito não o troqueis  
 Por nadais, como trocaes,  
 As perlas orientaes  
 Aos Porcos não as lanseis.

Jogareis ? oh razão céga,  
 Sempre o jogo foi defeso,  
 Que tem noite, e dia preso  
 O triste, que assi emprega  
 O seu tempo todo em peso.

E desde o Grou a Folosa,  
Homens de seiscentas côres,  
Só no jogo não tem grossa,  
Conversação Perigosa  
Missa de renegadores.

Se *Grou*, e *Folosa* não sam nomes de dous jogos usados no tempo do Poeta, não será facil perceber o sentido desta Quintilha, que mesmo assim em sua totalidade não é um modelo de clareza.

Mal sem emenda é o Jogo  
Antre os seos males maiores ;  
Hum Rey de grandes primores  
Dos nossos, mandou por fogo  
A casa, e aos Jogadores.

O sentido dos dous primeiros versos não é claro; e o louvor dado ao Rei, que mandou deitar fogo a uma casa, queimando os que estavam jogando dentro della, pouca honra faz de certo ao coração de Sá de Miranda. Um Magistrado, que devia conhecer a proporção entre os delitos, e as penas, cumpria que achasse este tormento desproporcionado ao simples crime de jogar! Deos livre a todo o fiel christão de Juizes como Sá de Miranda.

Das leys antigas imigo,  
Despresador das modernas,  
Continuador do perigo,  
Dores sempre aqui comsigo  
Vai caminho das Eternas.

Qual será o sentido desta oração? As incorreções gramaticaes sam peccado de costume neste Poeta.

Passemos para outros jogos,  
Que lá vam por outros tratos,  
Fazer, desfazer contratos,  
Salamandras nos seos fogos,  
De Herodes para Pilatos.

Alguma vez havia Pilatos apparecer peior collocado, que no *Credo*.

E aquelle grande alvoroço  
D'Atabor, que á guerra chama,  
Leva o Velho, leva o Moço,  
Que entram primeiro em destroço,  
Que percam de vista Alfama.

Oh vida dos Lavradores  
Si elles conhecessem bem,  
As avantagens, que tem,  
Co' aquelles santos suores  
Que a si, e ao Mundo mantem !

Imitação mui formosa daquelles versos de Virgilio

*Oh fortunati sua si bona norint  
Agriculae.*

Tractando co'a madre antiga  
Que de quanto em si recebe  
(Não entre engano, ou má liga,)  
Singelamente se obriga  
A pagar mais do que deve.

Aquelles maiores nossos  
Antigos Padres primeiros,  
Eram no começo inteiros  
Eram santamente grossos  
Sem mal como os seos cordeiros.

Regidos da Natureza,  
Sem tanto papel escrito,  
Vem hum reza, e outro reza,  
Sem cansar, e sem certeza  
Buscam, nunca acham o fito.

Foi sem malicia, e mau erro  
A boa Edade dourada;  
Apreçou-se a prateada;  
Não tardou nada a de ferro,  
Que tudo poz á espada.

Quanta sombra, que apparece !  
Tapai-me a boca co'as mãos,

Ora atraç, que não me esquece,  
Tambem por cá se adoece  
Vam porem ares mais sãos!

Por isso a Gentilidade,  
Que em tudo philosophava,  
Ao Deos da saude alçava  
Templo, fóra da Cidade,  
Hi por ella se offertava.

E aquelle Virbio, a quem  
Dera vida, nunca ás festas  
Nunca da Cidade vem,  
Sempre só por fera o vem,  
Caçande pelas florestas.

Hi que emcontre c'hum Leão,  
Com vaso, que anda ao travez,  
Traz com sigo a seus librês,  
Com que lhe o caminho dão  
Não he aquella a sua rez.

Da cousa má claramente  
Logo quem a vê se véia,  
Chega-se á que branda sente,  
Por isso á antiga Serpente  
Pintam rosto de Donzella.

Quando os antigos á alguedim  
Louvavam, não dé Senhor,  
Nem de rico hera o louvor,  
Chamavam-lhe Homem de bém,  
E ainda bom Lavrador.

A nessa Gente que quiz  
Arremedar nos louvores,  
Que agora parecem vís,  
Aos bons Reys Sancho, e Dñiz  
Chamaram-lhe Lavradores.

Os prudentes dos Romanos  
Antes que o tino perdessem,

Donde cuidaes que escolhessem  
Cincinatos, e Serranos,  
Que ante si em Campo posesseem?

E aquella sua grandeza  
Que o tempo não quer que moura,  
Vêmos que a mais da Nobreza  
Sobrenomes da riqueza,  
Não poz, antes da Lavoura.

Inda hoje vêmos que em França  
Vivem nisto mais á antiga,  
A' Villa o Villão se abriga,  
Donde traz nome de Herança  
Mantem-no a sua fadiga.

Accende a fragoa o Ferreiro  
Juntamente o Gallo canta,  
Morde o Couro o Çapateiro,  
Brada c'o Moço ronceiro  
Que inda se envolve na manta.

Vive a Nobreza por fóra  
Segura, os despovoados  
Corre c'os Lobos ousados,  
Por de redor d'onde mora  
Mantem livre o monte aos Gados.

Da má gente aventureira,  
Que ás escuras traz seo tracto,  
Que possa livre quem queira  
Cantando hir de noite á Feira  
Ou dormindo no mulato.

Bom tempo, quando segura  
A cabeça se encostava  
Onde o somno a convidava,  
Contente da cobertura  
Tam rica, que o Ceo lhe dava.

Bebiam, tomada ás mãos,  
D'agoa, que fosse em velhice,

Milhor que por vasos vãos;  
Laíava ella os peitos sãos,  
Antes da gargantoice.

Jacob fugindo ao irmão,  
Que o mal tinha ameaçado,  
Pastor aos campos usado,  
Passou o Rio Jordão  
Na ajuda do seo cajado.

Como o Sol ao mar desceo,  
Comeria do fardel,  
D'agoa no rio bebeo,  
N'uma pedra adormeceo  
Poz nome ao Logar Bethel.

Natureza nos posera,  
Como os olhos nos abrio,  
Ao perto, tudo e que vié  
Que necessário nos era,  
Do mais tudo se surrio.

Como huma Ave já vezada  
A toda a delicadeza,  
He melhor ajuizada,  
Foge á gaiola dourada,  
Vai buscar a Natureza.

Huma disposição má,  
Longa enfermidade, e dôr,  
Que vai de mal em peior,  
Onde remedio achará,  
Se a Natureza não fôr?

Cégo da minha profia,  
Que em vão tanta razão gasta,  
Que fazeis? que vos obriga?  
Deixaes essa Madre antiga,  
Hi-vos buscar a Madrasta.

Dos vossos nobres Avós  
As Cruzes, em sangue abertas,

Vos põem obrigações certas,  
Que não as deixais lá sós  
A ser de musgo cobertas.

O que porem não dírão  
Em quanto cá tem tal feira,  
Como he a de tal Irmão,  
Que não houve o nome em vão  
De Nuno Alvares Pereira.

Por toda esta grande Hespanha  
Froes, que souberam chamar,  
Fez em Pereira mudar,  
Não do Rey Mouro a patranya,  
Mas vosso antigo Solar.

Do qual, não ha muitos annos,  
Que hum, que aqui Braga regeo,  
Pondo á parte os longos panos,  
Hum passo aos Castelhanos  
A' espada defendeo.

Ao Reyno cumpre, em todo elle,  
Ter a quem o seo mal dôa,  
Não passar tudo a Lisboa,  
Que he muito o peso, e com elle  
Mete o Barco n'agoa a proa.

E mais hivos muito ao ponto  
Para qualquer appetito,  
Então já ouvi hum conto  
A quem espreita, e está prompto  
Não vades mudar o fito.

Tereis lá conversações,  
Tereis graças delicadas,  
Do ar do Paço aduhadas,  
E ás vezes das pregações  
Com muito gosto furtadas.

Transposeram os amores,  
Deixaram o Paço ás cégas,

Sáem de novo mantedores,  
Continuos murmuradores  
Pela praia de Emxobregas.

Vereis barcos hir á vela,  
Huns que vam, outros que vem,  
Como que se desavem  
C' huma viração singela,  
Tanta força a Arte tem.

Os Marinheiros vadios,  
Que vilmente a vida apreçam,  
Polas chordas dos Navios,  
Volteam como Bogios,  
Inda que vos al pareçam.

Não hey por perda esta leve,  
Que sejam palavras tudo,  
Mas ao coração accudo  
Sinão dizei quem se atreve  
A dór espera-la a miudo.

Sam ellas porem já muitas,  
Fa-las hir crescendo a magoa,  
Lembro-vos as vossas fruitas,  
Lembro-vos as vossas Truitas,  
Que andam já por vossas n'agoa.

Copiei esta Epistola pór inteiro de proposito para os Leitores poderem ajuizar das bellezas, e defeitos destas tão gabadas composições de Sá de Miranda. Elles abri teram notado, que o estylo é o mesmo de todas ellas; isto é, bocolico misturado de rifões, e phrases rusticæ, e plebéias; terão notado de mais, pensamentos fortes, e idéas philosophicas expressadas com concisão, e energias, sentenças judiciosas, e a par dellas reflexões triviaes, e pueris; carencia de colorido poetico, e de poesia descriptiva; obscuridades de phrase, descuido, e incorrecções de estylo, e de metro, e falta de nexo entre as idéas; de modo que parece que o Poeta escreve o que lhe ocorre sem referencia ao que já disse, e ao que tenciona dizer.

É necessario haver a coragem de observar estes defeitos dos Poetas, que de ordinario se nos citam como modelos, para que a Mocidade inexperta, levada de um respeito servil, não os imite, e reproduza como bellezas.

A gloria dos grandes Authores não está em não cometerem erros, em não ter defeitos, nenhuma obra pôde ser inteiramente despida delles; mas em ter bellezas que resgatem, e recompensem bem estes defeitos; é nisso que está a gloria de Miranda, de Ferreira, de Bernardes, e dos mais Authores, que compõem o seculo de ouro das nossas Letras.

A unica Epistola que Sá de Miranda escreveu em tercetos hendecasylabos, á maneira dos Italianos, é dirigida a D. Fernando de Menezes em resposta de outra, que o dito fidalgo lhe mandara de Sevilha, onde então residia.

Esta composição tem alguns tercetos bem fabricados, mas a par delles aparecem outros, que sam prosa, como dizem, núa, e crúa, por exemplo

Senhor meu, Dom Fernando de Menezes,  
Eu vi Roma, Veneza, e vi Milão,  
Em tempo de Hespanhóes, e de Francezes

.....  
Espreita onde vê riqua ociosidade  
Hi arvora bandeira á solta, a vãa  
Desemfreada prodigalidade,  
Imiga das leys santas, e da sãa,  
Da boa temperança, e vida pura  
Mas dessä Sevilhana amada Irmãa.

Dirá alguem, que tenha ouvidos, que estas regras sam versos, que este estylo é a linguagem das Musas?

Aquellos Dantes, que versos danaram,  
Perdoem, ah, que o digo vergonhoso,  
Com dó dos bons engenhos, que enganaram.

Aqui não ha só a notar a dureza, e o prosaismo, mas a injustiça feita ao creador da Poesia Toscana; ponhamos de parte os Dantes, que versos danaram, que é uma verdadeira charada: em que enganou Dante os Poetas da Italia?

Acaso em crear-lhe a lingua, e uma Poesia energica, e sublime, que elles não souberam imitar? Pois á fé, que se o Deutor Francisco de Sá devia estar *vergonhoso* de alguma cousa, era de não sentir a sublime poesia do *Poema* de Dante, e de não conhecer que só os episodios do Conde Ugolino, e de Francisca de Rimini, valiam mais do que tudo quanto elle escrevera em sua vida.

Francisco de Sá de Miranda compoz duas Comedias *os Vilhalpandos*, e *os Estrangeiros*. Estas Comedias sam em prosa, e nellas não ha nada portuguez, afóra a linguagem, em que estão escriptas: local da scena, accção, costumes, caracteres, nomes, tudo é italiano. Não falta, é certo, a estes Dramas nem força comica, nem bastante jocosidade, porém a cada passo se encontram nelles cousas, que denunciam a infancia da arte, e a falta de conhecimento do effeito theatrical; extensos dialogos, e muitas vezes pesados, falta de ligação entre as scenas, de que resulta mil vezes ficar o theatro vasiu, pouca accção, e menos interesse, e soliloquios, sem termo, nem fim. O Poeta dá a entender, que o seu fim havia sido imitar Plauto, e Terencio; pôde ser, mas parece-me que essa imitação não foi directa, mas feita pelas imitações, que os Italianos haviam feito daquelles; pois o seu estylo se parece muito com o da *Callandria* do Cardeal Ribiena, e se devo dizer o que sinto, é muito natural que estes dous Dramas não sejam mais do que imitações de alguns Dramas hoje desconhecidos, a cuja representação o Author tivesse assistido na Italia.

As Comedias de Sá de Miranda, apesar dos seus visíveis defeitos, e dos seus desgraçadíssimos desfechos, foram representadas com todo o apparato, e pompa no Palacio do Cardeal D. Henrique, que fazia dellas muito apreço, e até as mandou imprimir á sua custa, depois da morte do Author; nem deve estranhar-se que um Cardeal se divertisse, fazendo representar Comedias no seu alcaçar, quando o Summo Pontifice, Leão X., despendeu grossas sommas na representação das de Bibiena, e de Ariosto, sem comparação mais livres, e muito menos modestas, que as de Sá de Miranda.

O Poeta ficou muji satisfeito com os aplausos com que as acolheu o auditorio, composto de Fidalgos, Prelados,

Frades, e outros Ecclesiasticos, reunidos no Paço de Infante Cardeal, mas se nesse tempo existisse em Lisboa um theatro público, e nelle se representassem as duas Comedias, é mais que probavel, que lá não fossem recebidas tão lisongeiramente.

Sá de Miranda foi homem de grande saber, e de pouco genio. Conhecia a fundo a lingua Grega, e Latina, mas a leitura dos grandes Poetas de ambas as linguas, nada, ou pouco lhe aproveitou para aprefeicoar o seu estylo, dando-lhe a correcção, e elegancia, que sam a alma da Poesia. Contemporaneo de Ferreira, Bernardes, e Caminha, que o respeitavam como Mestre, se cotejamos a sua linguagem com a delles, parece ser-lhes anterior, pelo menos, de um seculo. Não soube versificar, nem colorir como elles, como não os iguala em variedade, em imaginação, e pureza; e com tudo a sua reputação se tem conservado até hoje sempre respeitada; que maior prova de que, apesar dos seus defeitos, ha nelle um merito real? (\*)

### CAPITULO III.

#### *O Doutor Antonio Ferreira.*

Nada mais usual do que ouvirmos todos os dias chamar Eschola de Sá de Miranda á Eschola Italiana; mas para fallar com propriedade, deveria ella ser nomeada a Eschola de Ferreira. Se bem examinarmos este negocio, acharemos, que supposto ter sido Sá de Miranda quem deu o impulso para se adoptar o estylo Toscano em Portugal, é tambem certo, que este Poeta, não tinha as forças necessarias para sahir ao cabo com esta reforma.

(\*) Tout cela prouve enfin que l'ouvrage est plein de grandes beautés, puisque depuis deuxcents ans il fait les délices d'une nation spirituelle, qui doit en connaître les fautes. Voltaire. *Essai sur Poesie Epique (a propos du Camoens).*

As poesias de Sá de Miranda, nem pelo número, nem pela qualidáde, podiam arrastrar os seus Contemporaneos para imita-lo. Era perciso que um Poeta de igual saber, e de muito superior talento posseesse hombros á empreza, e pela correcção, e elegancia dos seus versos mostrasse como a Poesia Portugueza, marchando por aquelle caminho, podia elevar-se á perfeição classica.

Este Poeta foi Antonio Ferreira : foi elle quem sustentou a reforma, proposta por Miranda, reforma, que nas mãos deste se malograria, como se teria malogrado em Hespanha entregue ás forças de um Poeta mediocre, como João Buscan, se não viesse prestar-lhe auxilio o raro talento de Garcilasso.

Cumpre porém advertir que os reformadores Portuguezes não tiveram que vencer os obstaculos que encontraram os que tentaram a mesma obra em Hespanha. A poesia entre nós havia sido sempre Aristocratica, havia sido quasi exclusivamente cultivada por Fidalgos, e Doutores, e por isso a mudança se effectuou tranquillamente, e sem contradicção. E quem havia contesta-la ? Os Latinistas olhavam com desprezo para a poesia vulgar, ou ella cantasse á Portugueza, ou á Toscana : e os Doutos, que queriam poetar na lingua patria, estavam de acordo ; porque além da disposição, que houve sempre entre nós, para imitar, e applaudir tudo que vem de fóra, não era possivel que homens instruidos, e de bom juizo não conhecessem a imperfeição dos metros até ali usados em Portugal ; não podiam deixar de vér que as Coplas de pé quebrado eram antipathicas com toda a harmonia ; que as Redondilhas eram proprias para o Madrigal, a Cançoneira, a Satyra, mas não para imitar Horacio, e Pindaro ; finalmente, que as Estanças de arte maior, de que alguns haviam lançado mão como equivalentes do hexametro grego, e latino bem examinadas em seus elementos, não passavam de uma enfadonha combinação de versos hexasylabos, cuja chocalhada dançante, se tornava insupportavel em obras de alguma extenção. Convencidos disto os Doutos, nada mais havia que fazer, porque o povo, nem lia versos, nem se interessava com materias poeticas.

Não corriam porém assim as cousas em Hespanha ; as circumstancias eram outras ; os Poetas eruditos fizeram-

se sem custo Petrarchistas; mas não estava nisso tudo. A poesia era ali popular; e a diversão de todas as classes. Cantar, lér, e recitar Coplas, e Romances, e acompanhá-los com a guitarra era o recreio do Artista, do Mercador, do Soldado, do Marinheiro, e até das Mulheres, e dos Mendigos. Todos queriam compôr Trovas, e Romances; e na verdade pouco talento era preciso para o fazer; já se vê que alardos não levantaria esta gente, vendo introduzir uma poesia nova, e superior á sua comprehensão: estas vosarias populares tiveram por auxiliar a indignação daquelles, que não podiam passar de Copleiros, com mais, ou menos talento, e ninguem ignora o renhido combate literario que os reformadores tiveram de sustentar contra elles; basta dizer, que Castillejo invocava as Fogueiras da Inquisição contra os que introduziam esta novidade no Parnaso Hespanhol, novidade que elle julgava mais perniciosa, que as que Lutero introduzia na Fé Catholica: isto parecerá ridiculo, e impossivel, mas véja-se como se exprimia este Trovador Frade.

Pues la Santa Inquisicion  
Suele ser tan diligente  
En castigar con razon  
Qualquer secta, e opinion  
Levantada novamente;  
Resuscite-se su zelo,  
A castigar en España  
Una mui nueva, y estraña  
Como aquella de Lutero  
En las partes de Alemania.

Bien se pueden castigar  
A cuenta d'Anabaptistas,  
Pues por ley particular  
Se tornan a baptisar,  
Y se llaman Petrarquistas.  
Han renegado lá fé  
De las trovas Castellanas,  
Y traz las Italianas  
Se pierden, diciendo que  
Son mas ricas, y galanas.

Vejam os Leitores qual seria a sorte de Buscan, Garcilasso, e D. Diogo de Mendonça se o Reverendo Padre Castillejo acertasse então em ser Inquisidor Geral. Talvez algumas pessoas tomem este nosso dizer por um mero gracejo, mas não o julgarão assim aquelles que sabem, que la Ramée foi assassinado em desagravo da Philosophia de Aristoteles, como foi tratado Galitei por intender mais de Physica, e de Astronomia que os seus contemporaneos, e Harvey por haver descoberto a circulação do sangue.

Castillejo, não contente das censuras, que havia dirigido contra os Petrarchistas, quiz dar-lhe mais força com a autoridade de João de Mena, e de Jorge Maestre. E por isso finge, que Buscan, e Garcilasso comparecem nos Elyrios perante aquelles, e outros antigos Poetas; que Buscan recita um Soneto, e Garcilasso uma oitava, e a crescenta.

Juan de Mena quando oyó  
 La nueva troba polida,  
 Contentamiento mostró,  
 Com que se sonrió  
 Como de cosa sabida.  
 Y dixo « segun la prueba,  
 Once syllabas por pié  
 No hallo causa porque  
 Se tenga por cosa nueba,  
 Pues io tambien las usé. »

Don Jorge dixo « no veo  
 Necesidad, ni razon,  
 De vestir nuestro deseо  
 De coplas que por rodeo  
 Van deciendo su intencion  
 Nuestra lingua es mui devota  
 De la clara brevedad,  
 Y esta troba a la verdad  
 Por el contrario denota  
 Obscura prolixidad. »

Carthagena dixo luego  
 Como pratico en amores,

Con la fuerza deste fuego  
 No nos ganaran el juego  
 Estes nuevos trovadores.  
 Mui melancolicas son  
 Estas trobas a mi ver,  
 Enfadosas de leer,  
 Tardias de relacion,  
 Y innemigas de placer.

« Si João de Mena, e Manrique (diz a este respeito, com muito siso, o erudicto Quintana) podessem mostrar então algum sentimento, seria o de não terem achado a nova versificação já estabelecida quando escreveram. O genio fugoso, e atrevido de um, e o grave, e sisudo do outro teriam achado para a expressão de seus pensamentos um instrumento proprio no hendecasylabo.

Sem estes contrastes, e sem obstaculos, ao menos que sejam conhecidos, se estabeleceu entre nós a Eschola Italiana, pela veleidade de Sá de Miranda, e pela constancia, e perserverança de Antonio Ferreira.

Nasceu este em Lisboa, patria de quasi todos os nossos grandes Poetas, no anno de 1528; teve por pais Martin Ferreira, pessoa muito destincta, e como tal condecorado com o habito da Ordem Militar de S. Thiago da Espada, e que serviu o emprego de Escrivão da Fazenda de D. Jorge, Duque de Coimbra, e sua esposa D. Mexia, ou como outros escrevem D. Mécia Froes Varella.

Mostrou logo dos seus primeiros annos grande vivacidade, e amor aos estudos, e muita aptidão para a cultura da poesia, e seus Pais, aproveitando estas felizes disposições da natureza, resolveram invia-lo á Universidade de Coimbra, que naquelles tempos estava muito florescente, não só para se aprefeioar nas Bellas-Letras, mas para frequentar o Curso de Direito Civil, que era então a principal porta por onde se entrava para o exercicio dos cargos públicos.

Antonio Ferreira não illudiu as esperanças de seus Pais, pois á força de contínuo estudo conseguiu não só ser um profundo Latinista, e Hellenista, mas fez grandes progressos no estudo da Philosophia racional, e moral; foi bom

Mathematico, e passava por um dos mais habeis estudantes da sua faculdade.

Não se fez menos notavel pelas suas poesias, com que apoiou a doutrina de Sá de Miranda sobre a necessidade de poetar em lingua vulgar, mas o seu acoendrado amor da patria o levou mais longe do que elle, pois protestou solemnemente de nunca escrever um só verso, que não fosse em portuguez; considerando, e com razão, que toda a composição em lingua alheia é um furto, que se faz á gloria nacional, e uma desairosa ingratidão para com a patria, que nos deu o ser.

Ferreira desempenhou fielmente aquelle honrado protesto, pois é o unico dos nossos Poetas antigos, que nunca escreveu senão em portuguez. Por isso o seu amigo Diogo Bernardes, na Elegia em que deplora a sua morte, disse, sem receio de ser dementido,

Que dando á Patria tantos versos raros,  
Um só nunca lhe deo em lingoa alheia.

E bem haja elle, que assim soube mostrar que sabia conhecer o valor do Idioma Lusitano, e que preferia a tudo a terra, em que havia nascido. Queria que a linguagem materna, que ruins filhos despresavam, cultivada, e enriquecida com os fructos do seu talento, podesse desputar a palma ás mais celebradas da Europa.

Floresça, falle, cante, ouça-se, e viva  
A Portugueza lingoa, e já onde fôr  
Senhora vá de si, soberba, e activa.

Exclamava elle no seu justo entusiasmo, accrescentando logo uma verdade, hoje reconhecida de todos, mas então delle, e de poucos, pois que havia tantos que davam por tosca, e grosseira a lingua materna.

Si athequi esteve baixa e sem louvor,  
Culpa he dos que a mal exercitaram,  
Esquecimento nosso, e desamor !

Concluido o curso de Direito Civil, fez um Acto brilhante, e foi condecorado com o Capello, e grau de Dou-

-tor, e pouco depois nomeado Lente da Universidade, que se honrou de o contar no número dos seus Membros.

Antonio Ferreira estudava continuamente os Poetas Gregos e Latinos, e os Italianos, cujos metros adoptou, como mais aptos para imitar os primeiros, e com especialidade Horacio, que mais se ajustava ao seu modo de cantar, e de pensar, e para essa imitação lhe pareciam pouco aptas as combinações metricas, que se havia usado até então.

Grande parte das obras de Ferreira, que compõem o primeiro volume, parece fóra de dúvida terem sido escriptas em Coimbra, tanto no tempo de estudante, como no em que exercia ali o magisterio; o mesmo pôde afirmar-se da Comedia de Bristo, feita durante umas ferias.

Este volume tinha elle apromptado, e corregido para o dar á luz no anno de 1557, isto é, aos vinte e nove de sua idade, segundo affirma seu filho Miguel Leitão Ferreira; mas ficou sepultado na sua carteira durante sua vida, e depois de sua morte até que o mesmo seu filho o fez imprimir junto com o resto de suas obras, quarenta annos depois.

Destas obras consta, que o Poeta sofrera algumas paixões amorosas, tanto em Lisboa, como em Coimbra, e no Porto, mas não consta em qual destas duas ultimas Cidades se submetteu ao jugo do matrimonio; pois sabemos que já era casado quando deixou a Universidade, para vir a Lisboa ocupar o logar de Desembargador da Relação, para que fôra despechado; obtendo, ao mesmo tempo, a mercê de Fidalgo da Casa Real.

Nem o serviço no Paço, nem o desempenho dos seus deveres na Casa da Supplicação o affastaram do commerçio das Musas, empregando o tempo, que lhe ficava livre, na conversação, e tracto de Francisco de Sá de Miranda, que elle considerava como Mestre, e de Diogo Bernardes, Pero de Andrade Caminha, Antonio de Castilho, e de outros illustres Poetas, que se ufanavam de ser seus discípulos.

No Paço, não só gozava do favor d'El-Rei D. João III., e de El-Rei D. Sebastião, do Principe D. João, do Cardenal Infante D. Henrique, mas era tractado com cordial, e sincera amisade pelas mais respeitaveis Personagens

da Corte, como D. Constantino de Bragança, D. Jorge Marquez de Tavora, o Conde do Redondo D. Francisco Coutinho, então Regedor das Justicas, Alfonso d'Albuquerque, filho do Conquistador de Malaca, e de Goa, D. Jorge Marquez de Torres Novas, e seu irmão D. Pedro Diniz, D. João de Lencastro, filho do Duque de Aveiro, o Secretario de Estado Pero d'Alcaçova Carneiro, e outros muitos distintos por sua linhagem, e saber.

Em Lisboa, e neste feliz remanso de sua vida pública, e particular é que o Doutor Antonio Ferreira compoz a maior parte das suas Epistolas, a sua Tragedia *Castro*, a sua Comedia do *Cioso*, em que se descobre toda a madureza dos annos, os fructos da experientia do Mundo, o conhecimento do coração humano, e os fructos da mais profunda, e severa Phylosophia.

Em nenhum tempo faltam espiritos mal formados, que tenham em desprezo as boas Artes, e que julguem que um Magistrado desce da sua dignidade cultivando a poesia; houve por tanto um *ruim*, para me servir da expressão de Ferreira, que começou a censura-lo, porque juntava ás qualidades de Juiz a de Poeta; Ferreira, impacientado com os latidos daquelle sabujo ignorante, ou invejoso, em sua Epistola, endereçada ao Cardeal Infante, então Regente do Reino, respondeu cabalmente ás invectivas deste, e de outros inimigos da poesia: dizendo, que o Juiz, que respeita bem as leis, deve ser estimado do Rei, e do Povo, e honrada, depois da morte, a sua memoria, accrescenta

Mas nem por isso logo o Povo chame  
Vãas outras Letras, e o honesto exercicio  
Das brandas Musas tão mal julgue, e infamé.

Em nenhum estado bom pode haver vicio,  
As Artes entre si se communicam,  
Cada uma ajuda a outra em seu oficio.

A aréa, a cal, a pedra, aos que edificam  
Baixas, mas necessarias miudezas,  
As Torres erguem, que tão altas ficam.

Tem tambem seos principios as grandezas,  
E ás cousas grandes pequenas ajudam,  
Boas Letras, Senhor, não sam baixezas.

Pera o publico bem tambem estudam,

E cantam os Poetas, deleitando  
Ensinam, e os máos affeitos em bons mudam.

E ás vezes aos Reys vam declarando  
Mil segredos, que então só vêm, e sabem,  
Mil rostos falsos, lingoas más mostrando.

Em poucas bocas as verdades cabem,  
Terão ás vezes a culpa os ouvidos,  
Os versos ousam, e em toda a parte cabem.

Dos bons amados, e dos máos temidos,  
Assi he a justiça, assi a verdade,  
Assi sejam tambem favorecidos.

Usem da sua honesta liberdade,  
Rindo do Povo chamar só Letrados  
Os que aconselham roubo, e crueldade.

Ou outros que se fazem affamados  
Julgando, e interpretando duramente,  
Dos innocentes fazendo culpados.

Outro se venda por piedoso á Gente,  
Deixe o delicto passar sem castigo,  
Da vāa piedade usando cruelmente.

Tambem, Senhor, contra mim fallo, e digo  
Que em nossas Letras não está a Justiça,  
Está n'hum peito da Justiça amigo.

Não tiram a ambição, nem a cobiça,  
Si a accrescentam, duvido ; cada hum véja  
Quem lhe vence o trabalho, o engenho atiça.

Seja mais rigoroso o exame, e seja  
Grande das Letras, maior do Letrado ;  
Saiba-se o fim que leva, e o que deseja.

Da Patria Pay será o Rey chamado,  
Que a justiça comece dos que a tractam,  
Antes de ser do Povo provocado.

Onde todos se roubam, e se matam  
Defende-se cada hum da força injusta,  
E os que mais podem seus imigos atam.

Nós que vivemos por regra tão justa,  
Que os mesmos Reys ás suas leys se obrigam,  
Remedio temos certo, e a pouca custa.

O Doutor Antonio Ferreira conhecia bem os defeitos,  
e crimes dos Magistrados do seu tempo, e tinha, como

se vê, a nobre ousadia de não dessimula-los, antes lhes advertia assim, que não despresassem os que cultivavam a poesia, que os igualavam em saber, e cujos defeitos, e erros, quando os cometiam, nunca podiam ter resultados tão prejudiciaes para o bem público, e particular dos Cidadãos, como os daquelles, que vestiam a toga..

Que mal ha que os Poetas isto digam ?  
 Si o mal reprehendem, á Virtude inclinam,  
 Por que assi injustamente os mal persigam ?  
 Almas indoutas, que cá peregrinam,  
 Captivas em seos corpos, e forçadas  
 A nenhum bem, nenhum saber atinam.

De que vem tanta insignia em armas dada ?  
 Tantas Cappelas cheias de Letreiros ?  
 E a triste sepultura tão dourada ?

Mais geraes, mais constantes pregoeiros  
 Sam os bons versos, que continuos fallam,  
 E duram the os dias derradeiros.

Nem as victorias, nem as grandezas callam  
 Dos clarissimos Reys de gloria dinos,  
 E o passado ao presente tempo igualam.

Chamados foram os Poetas divinos  
 Quem tal, que tal furor não move, e espante  
 Mas quantos foram de tal sorte indinos !

A Musa Lusitana nunca se havia expressado com tanta força, e elegancia, nem cantado tão bellos versos.

Determina a Razão esta contendia,  
 O mau Juiz rouba, o mau Medico mata,  
 O mau Poeta enfada, antes que offenda.

Demos bens todos, a Razão não ata ;  
 Mais a Justiça val, mais a saude,  
 Mas nem por ouro se despresa a prata.

Não tira a mórra Virtude á outra Virtude  
 Seo preço, antes se abraçam, e entre si se amam,  
 Porque huma irmanemente a outra ajuda.

Não fazem mal as Musas aos Doutores,

Antes ajuda a suas Letras dam :  
E com elles merecem mais favores,  
Que em tudo cabem, pera tudo sam.

É preciso confessar, que a honra da poesia nunca foi defendida com razões tão valentes, nem por modo tão poetico.

A falta de commodidades da vida, a grossaria dos costumes, e de alimentos, que então dominavam na Europa, obrigavam os seus habitantes a viverem em uma miseria, e sordidez quasi Africanas ; e como das mesmas causas provêm sempre os mesmos effeitos, as invasões da peste eram tão frequentes, nesta parte do mundo, como o sam agora no Egypto, na Terquia, e nas Províncias Barbárescas ; assim como se foram tornando raras, até cessarem de todo, depois que a boa polícia, a boa hygiene, e a civilisação, por meio do asseio público, e domestico, o modo mais judicioso de edificar, e a melhor qualidade dos alimentos destruiram os principios de tamanha calamidade.

Contava Antonio Ferreira quarenta e um annos de idade, quando, em 1569, a peste se declarou nesta Capital com tamanha força, que parecia querer devorar todos os seus habitantes, e deixa-la inteiramente deserta ; as precauções eram tão inuteis como os remedios, e o que tinha á desgraça de ser atacado contava-se logo por morto ; e o Poeta foi uma das primeiras victimas dessa inexoravel epidemia. Os seus amigos tributaram sinceras lagrimas á sua perda, Diogo Bernardes, Pero de Andrade de Caminha, e Francisco de Sá e Menezes desaffogaram a sua saudade, em sentidos versos, que ainda hoje testificam o quanto era por elles amado.

Assim pereceu, no vigor da idade, um homem que tanto honrou a Athenas Lusitana, a nossa Magistratura, e as nossas Letras ; o homem que amou a sua patria, e a sua lingua, e illustrou uma, e poliu, e enriqueceu a outra com os seus escriptos : que abriu aos contemporaneos, e aos seus vindouros a estrada da poesia classica, e lhes inculcou, com seu exemplo, a necessidade de imitar as bellezas, e a natural elegancia dos cantores Gregos, e Romanos. E posto que as obras; que nos deixou, sejam sobre maneira estimaveis, não é por isso menos para lamentar que

a sua morte prematura nos privasse de outras mais prefeitas, que da madureza do seu estro podiam, com razão, esperar-se.

Ferreira era tão erudito como Sá de Miranda, mas sem dúvida nenhuma muito mais apurado em gosto, muito mais Poeta do que elle, sem com tudo ser um Poeta de genio. Tem fraca imaginação, e menos invenção ainda. O que o destingue de todos os Poetas que o precederam, e dos seus contemporâneos, aos quaes, exceptuando Camões, é superior, é a nobreza dos pensamentos, a pureza da linguagem, e a correção, e elegancia do estylo. Amante apaixonado da lingua patria, e desejoso de mostrar que ella podia competir com as mais bellas da Europa, elle a poliu, a enriqueceu, adoptando muita cópia de palavras novas, e dando a outras novas significações.

Lendo, e estudando continuamente os modelos Gregos, e Latinos aspirava mais que tudo á gloria de Poeta Clásico, e de reformar a Poesia Portugueza; trabalhou por despoja-la de todos os orientalismos, que os seus antecessores haviam contrahido com o tracto dos Mouros; aborrecia tudo o que lhe parecia commum, ou excentrico; preferia as idéas nobres, ás idéas extraordinarias. Segundo a sua opinião a boa poesia estava na elegancia, e energia pictoresca das pinturas, e na simples elegancia da expressão, por isso evitou religiosamente o escrever em alguns dos generos conhecidos na antiga poesia nacional.

Cumpre porém advertir, que quando imita, e mesmo quando copia os antigos, é sempre pela maneira um pouco verbosa dos Italianos, pensando talvez que o colorido da nova poesia, que pertendia introduzir entre nós, devia constar de um meio termo entre o estylo, e o gosto de uma, e de outra. A sua versificação não tem a rudeza da de Sá de Miranda, nem é tão cheia de agudos, que tão mal parecem nos hendecasylabos portuguezes; porém bastantes de seus versos sam duros, já por cesuras mal collocadas, já pela mania de suprimir o *m*, á maneira dos Latinos, nas terceiras pessoas pluraes dos verbos; sendo muito para admirar que os Seiscentistas, a quem não pôde negar-se que muito aperfeiçoaram a metrificação, abracassem tambem esta pratica.

Ferreira foi o primeiro que introduziu a poesia des-

criptiva nos nossos Poemas, e que presentiu o grande partido que o talento poetico podia tirar do verso solto ; elle o aventurou, primeiro que ninguem, na Epistola a D. João III., e na *Castro*, apesar disso o seu bom senso lhe fez conhecer, que ainda era muito cedo para se estabelecer essa novidade, para que era preciso que a lingua tivesse adquirido toda a sua flexibilidade, e um talento de primeira ordem a tentasse : elle exprime o seu desejo, e a sua opinião nestes versos.

Oh doce rima ! mas ainda ata, e dana,  
 Inda do verso a liberdade estreita  
 Em quanto com som leve o juizo engana !  
 Não foi a consonancia sempre acceita  
 Tam repetida, assim como a doçura  
 Continua o appetite cheio engeita.  
 Mas soframo-la em quanto huma figura  
 Não vemos, que mais viva represente  
 Daquella Musa antiga a boa soltura.

O Doutor Antonio Ferreira, sem embargo da sua philosophy, das suas bellezas de linguagem, e de estylo, dos aplausos que lhe tributaram, e da estima que delle fizeraam os Doutos do seu tempo, nunca foi um Poeta popular, antes no seculo de seiscentos cahiu em esquecimento o seu nome, todos os que blasonavam de Criticos zombavam do seu estylo ; e como podia o seu estylo, singelamente elegante agradar a homens, que haviam tomado a Gongora por modelo ? Como podiam sofrer as suas doutrinas, que eram a condenação directa do sistema de poesar, que elles haviam adoptado ?

Os Arcades, resuscitando o bom gosto, e o estudo da antiguidade, tiraram tambem do esquecimento Ferreira, Bernardes, e outros bons Poetas antigos ; então tornou Ferreira a ser lido, e admirado, e teve ate entusiastas, e entre elles se conta o Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, que em uma das suas melhores Epistolias fez um panegyrico de Ferreira, tão elegante, como bem merecido.

Ferreira é o Poeta da razão, e do bom senso ; a cada passo se encontram nelle cousas que louvar, mas, diga-se a verdade, nada que transporte, que arrebate o coração, e o

espirito do Leitor, e que lhe accenda a imaginação; não é essa obra da arte, mas do genio, e o genio nunca foi favoravel a Ferreira.

Os Sonetos deste Poeta, posto que não tenham a plenitude de idéas, as pinturas brilhantes, e a harmonia, que admiramos nos de Luiz de Camões, sam depois destes, os melhores, que se escreveram naquelle seculo. Vê-se que trabalha por imitar Petrarcha, mas, na graça das imagens, no volupioso das pinturas, e no arrebatado alheamento amoroso, e sobre tudo na harmonia está elle muito longe do grande Poeta Italiano; e, o que é mais para admirar em espirito tão judicioso, e severo não deixa de cahir ás vezes nas extravagancias, que tanto vogaram no seculo seguinte; por exemplo, no Soneto 21 do Livro I.

*Quem vio neve queimar? quem vio tão frio  
Hum fogo, de que eu arço?*

*E Amor, que aqui está sabe a verdade,  
Que nesta agoa tão fria está accendendo  
O fogo de meus olhos destilado.*

*Esta neve, que queima, este fogo tão frio, este fogo  
destilado dos olhos, que o Amor accende em agoa tão fria,* diziam melhor em Sonetos de Frei Jeronimo Vahia, ou Simão Torresão, que em um Poema do reformador da antiga poesia portugueza.

Entre os bons Sonetos de Ferreira parece-me que tem destino logar o seguinte, apesar do terceiro verso do primeiro quarteto ser algum tanto duro,

### SONETO.

*Quando a entoar começo com voz branda  
Vosso nome d'amor, doce, e suave,  
A Terra, o Mar, Vento, Agoa, Flor, Folha, Ave,  
Ao brando som se alegra, move, e abranda.*

*Nem nuvem cobre o Ceo, nem na Gente anda.  
Trabalhoso cuidado, ou pena grave,  
Nova oôr toma o Sol, ou se erga, ou lave  
No claro Téjo, e nova luz nos manda.*

Tudo se ri, se alegra, e reverdece,  
Todo o Mundo parece que renova,  
Nem ha triste Planeta, ou dura sorte.

A minha alma só chora, e se emtristece,  
Maravilha d'Amor, cruel, e nova !  
O que a todos traz vida a mim dá morte !

Póde competir com elle este, imitado em parte, de Petrarcha.

#### SONETO.

D'onde tomou Amor, e de qual vê  
O ouro tão fino, e puro para aquellas  
Transas louras ? e de que esphera, ou Estrellas  
A luz, e o fogo, que assi em mim se atéa ?

D'onde as perlas ? a voz de que Serea ?  
Os brandos Lyrios d'onde, e as rosas bellas ?  
Aquelle vivo esprito pondo nellas  
De que formou húa nova ao Mundo idea ?

Antes a neve a alvura, a côr as rosas.  
Do seu rosto tomaram, e a harmonia  
As Aves da voz doce, suave, e branda.

Nem sam ante ella as Estrellas mais formosas,  
Nem mais sereno o Ceo, ou claro o Dia,  
Nem mais formoso o Sol na sua esphera anda.

O mesmo caracter de amenidade Petrarchesca se encontra no Soneto 24 do primeiro Livro, aos cabellos da sua amada, em que o Poeta derramou, com mão prodiga, as imagens agradaveis, e voluptuosas.

#### SONETO.

Em quanto, solto ao Sol, brando Ar movia  
O ouro, que Amor de sua mão fia, e tece,  
De amorosos Espritos o ar se enchia  
De que amor doce em toda a parte cresce.

Hum lhe dava o nó crespo, outro tecia  
 Laço, em que toda a alma livre empece,  
 Outro o soltava ao vento, e parecia  
 Descer então o Sol mais do que desce.

Namorava-se o claro Sol da Terra,  
 Hia crescendo o Dia mais formoso,  
 Minha alma de si mesma estava fóra.

Mas, recolhendo o Amor, eis que se cerra  
 Triste o Ceo, scuro o Dia, o Sol queixoso,  
 E minha alma dali sempre em vão chora.

Este Soneto deve parecer pessimo aos supersticiosos discipulos de Boileau, que diz expressamente no segundo Canto da sua Arte Poetica, expondo as regras do Soneto

Defendit qu'un vers faible y pût jamais entrer,  
 Et qu'un mot deja mis osat s'y remontrér.

e em despeito daquella regra, de que nem Italianos, nem Hespanhoes, nem Portuguezes em nenhum tempo fizaram caso, ha neste Soneto não só uma, porém muitas palavras repetidas, sem que por isso pareça menos bello; e até ha, não só muitos Sonetos dos nossos Poetas, mas de Petrarcha, que perderiam grande parte da sua graça se lhe tirassem essas repetições de palavras. A verdade é, que ninguem tem mais rigorosos preceitos para a composição deste pequeno, e formoso Poema do que os Franceses, e ninguem apresenta mais escasso número de Sonetos, já não digo bons, mas sofriveis do que elles. Voltemos a Ferreira.

O Soneto 27, do mesmo Livro, faz-se notavel pela expressão apaixonada, e delirante do amor, que abrazava o peito do Poeta, na occasião, em que o escreveu.

### SONETO.

Muitas vezes quisera, tal me vêjo,  
 Não ter nascido, ou não ter visto aquella,  
 Por que assi morro, quando espero vê-la,  
 Como de não a vêr, quando dezojo.

Mas logo torno, e me emvergonho, e pejo  
 Do meu mesmo erro, a culpa he tua, ou della,  
 Amor cruel, que em ama-la, e teme-la  
 Se converte em fim sempre alma, e desejo.

Mais quero assi viver, que qual vivera  
 Sem ter visto o que vi; ditosa sorte  
 Quando olhos meus tão altamente olhastes!

Perdido fôra si me não perdera;  
 Que inda que morro, bem comprada morte,  
 Por esta gloria, que me vós mostrastes!

O mesmo caracter, com maior abundancia de imagens,  
 e sentimentos de terna melancolia, se encontra nos Sone-  
 totos 44, e 48 do mesmo Livro.

### SONETO.

Os dias conto, e cada hora, e momento,  
 Que alongando-me vou dos meus amores,  
 Nas Arvores, nas pedras, hervas, flores  
 Parece que acho magoa, e sentimento.

As Aves, que no ar vôam, o Sol, e o Vento,  
 Montes, Rios, e Gados, e Pastores,  
 As estradas, e os campos mostram as dores  
 Da minha saudade, e appartamento.

E quanto me hera lá doce, e suave  
 Mais triste, e duro amor cá mo presenta,  
 A que entreguei da minha vida a chave.

Em lagrimas, força he, que as faces lave,  
 Ou que não sinta a dor, que na tormenta  
 Memoria da Bonança faz mais grave.

### SONETO.

Quando se envolve o Ceo, o Dia escurece,  
 Assopra o bravo vento, e alto mar gême,  
 O Sol se nos esconde, a Terra treme,  
 Trovoa a noite, o raio resplandece.

**Eu olho aquella parte onde esclarece**

Hum Sol que eu vêjo só, e elle só vê-me,  
E com sua luz em quanto o Mundo teme  
De lá me alegra o espirito, e fortalece.

**Meo perpetuo Verão, meo claro Oriente,**

D'onde o dia me vem, d'onde douradas  
Vejo as nuvens correr os Ceos formosos !

**Ditosas Aves, a que foram dadas**

Pennas, ditosa a Terra, a que he presente  
A luz destes meos olhos saudosos.

Seria longo se quizesse notar todos os Sonetos de Ferreira, que se distinguem por alguma belleza saliente de idéa, ou de expressão; terminarei estes extractos com o Soneto 28 do Livro segundo, que dá alguns ares da maneira de Bocage.

#### SONETO.

N'hum concavó penedo onde quebravam

Sua mór força as ondas furiosas,  
Dois brandos nomes de duas mais formosas  
Nymphas Lilia, e Celia se cortavam.

Abrindo a pedra as letras, aclaravam

As nuvens, brandos ares, amorosas  
Virações espirando, as mais irosas  
Ondas naquella parte socegavam.

Ao pé dos doces nomes, que cortaram

Aonio, e Vencio em immortal memoria  
Seos nomes, e estes versos escreveram.

» Em duas aqui quatro almas se juntaram,

» Aqui porto quieto ás ondas deram

» Lilia, e Celia a amor honra, ao Mundo gloria.

Comparem-se estes Sonetos de Ferreira com os que deixamos copiados de Sá de Miranda, e então se conhecerá a que grande distancia, um do outro, estam estes dous Poetas.

O Livro dos Epigrammas de Ferreira consta de dez des-  
tes pequenos Poemas, que se aproximam mais do estylo  
Grego, que da forma, que os modernos deram depois a  
este breve, e chistoso Poema; alguns delles sam traduzi-  
dos livremente de Anacreonte, e outros Authores; trans-  
creverei o ultimo, que talvez seja o melhor de todos.

Forjava em Lemnos, com destreza, e arte  
Settas a Amor, de Venus o marido;  
A branda Venus lhe põem mel d'ña parte,  
Mas de outra parte lhe põem fel Cupido.  
Entrou, brandindo a grossa, lansa, Marte,  
Rio-se das Settas. Queres ser ferido  
D'huma? (Amor diz) prova ora se te apraz.  
Feriu-o, rio-se Venos, Marte jaz.

Ferreira deixou treze Odes divididas em douis Livros. Em todas ellas ha excellente, e pura linguagem, e sentimentos nobres, estylo elegante; mas é de balde procurar nellas aquella elevação de idéas novas, os vòos elevados, e ardentes, aquella expressão de fogo, e bella desordem que elevam, e arrebatham o espirito do Leitor, e que formam o caracter deste genero de Poemas; Ferreira não era Poeta lyrico, no sentido restricto desta expressão, não tinha azas de aguia para remontar-se ás regiões do sublime, e receber de perto a inspiração de Phebo; imita ás vezes Horacio, e até o copia, e é então que melhor se conhece que lhe falta. Veja-se o exordio da Ode I., do primeiro Livro.

Fuja daqui o odioso,  
Profano Vulgo! eu canto  
As brandas Musas; a huns Espritos dados  
Dos Ceos ao novo canto  
Heroico, e generoso.

Não nos demoraremos com a expressão baixa, e plebáea « *fuja daqui* » que tão mal assenta no principio de uma Ode, escrevamos, como ella deve escrever-se, esta prosa dividida em regras curtas, e compridas, em que o verbo segue o nominativo, o accusativo o verbo, o adjectivo o substantivo, passando de regra a regra em todo o rigor da ordem grammatical.

*«Fuja daqui o odioso vulgo profano! eu canto as brandas Musas, a huns espiritos dados dos Ceos ao novo canto heroico, e generoso. »* Dirá alguem que isto é o número lyrico? a poesia da Ode? Dirá alguem que esta prosa insossa representa em portuguez a soberba harmonia, e a poesia sublime da Estrophe I. da Ode I. do Livro III. de Horacio, que o Author se propoz a imitar?

Odi profanum vulgus, et arceo,  
Favete linguis; carmina non prius  
Audita, Musarum Sacerdos,  
Verginibus, Puerisque cano?

Dirá alguem que o exordiu da Ode aos Reis Christãos

Onde, onde assim correis,  
Correis tão furiosos.

Dirá alguem, torno a repetir, que este desgraçado *correis, correis* foi escripto com o intuito de imitar os primeiros versos da Ode VI. do Livro dos Epodos do Cantor de Veneza.

Quo, quo, scelesti, ruitis? et cur dextris  
Aplantur enses conditi?

Que julgaria Horacio de um Poeta, que o admirava, e estudava affincadamente, e que julgava imitar as suas Odes, com a verbosidade, e a forma da Canção Italiana? E na verdade a grande parte das Odes de Ferreira cabe mais o titulo de Canção, que aquelle com que as chismou; ou se attenda ao estylo, ou á longura das Estrophes, ou á expressão pomposamente verbosa dos pensamentos. Tal a dirigida aos Príncipes D. João, e D. Joana, cujas Estrophes principiam todas com este verso

Vivei felises, pios, vencedores,

à excepção da primeira, e essa mesma lá tem no meio esse mal estreado verso. Tal é a que dirige a Manoel de Sampaio, a Antonio de Vasconcellos, a Affonso Vaz Caminha, a Antonio de Sá e Menezes; as outras lá se apro-

ximam um pouco á forma externa, e ás vezes á forma interna da Ode Grega, e Latina.

Outro defeito, que muito prejudica as Odes de Ferreira, é a continuada dependencia que o verso anterior tem do seguinte para completar o sentido da oração, a que, em termos de arte, se chama *empernamento*; este defeito é mais ou menos grave segundo o capricho, e genio das linguas. Na Latina, e Grega eram bem aceitos estes enlaços, no Inglez, e Italiano admittem-se sem grande custo; em Francez produzem pessimo effeito, e em Portuguez só se admittem raras vezes, e quasi sempre com o intuito da harmonia imitativa.

Quanto a mim facilmente desculpo nisto a Ferreira, Miranda, e os mais Poetas contemporaneos, que ainda trabalhavam por ageitar a lingua aos metros Toscanos, e não podiam ainda ter estudado as modificações porque devia passar o hendécasylabo para ajustar-se ao genio da lingua.

Mas Ferreira não contente de empernar os versos, emperna tambem as Estrophes, o que é peior ainda, sirva de exemplo a Ode a D. João d'Alemaçastro, filho do Duque d'Aveiro.

Porque tão cruelmente,  
Meo João humanissimo, sem culpa  
Tua te aflices tanto?  
E porque esse *innocente*  
*Pelto*, que de nenhum vicio te culpa,  
Tão puro, casto, e *santo*  
  
Com tristes pensamentos  
Que essa tua alma branda estam roendo,  
Em tanto damno *meu*  
*Maltratas?* taes *tormentos*  
*Deixa*, a quem com rasão está *temendo*  
Algum grande erro seu.  
  
Não teme, não espera,  
Não pende da Fortuna, ou vãos cuidados  
A consciencia pura:  
E assi não *desespera*  
*De chegar* aos bons dias esperados,  
Tão leda, e tão segura,

Que, o Mundo despresando,  
Comsigo se enriquece, e mais descansa ;  
De si tão satisfeita,  
Que em si só está *presando*  
*De despresar* o porque o Mundo cansa.  
De vêr, que ella a *direita*

*Via* seguindo vai,  
*A Virtude*, levando só por guia.  
Não torce não duvida ;  
Jámais della se sai,  
Por mais que o Mundo della se desvia,  
A coroa *devida*

*Voando*, que *guardada*  
*Nos Ceos* está, da terra se levanta.  
Tem sempre o que deseja  
Com não ter nunca nada.  
Pisa a Fortuna, nada a vence, e espanta.  
Que por forte que seja

Falsa Deosa, e tyrana,  
(Segundo a fez a sabia Antiguidade,)  
Que val contra a Prudencia ?  
Em que lhe empece, ou *dana* ?  
Falso Poder, e falsa Devindade,  
Nascida da *imprudencia*

*Daquelle* Povo errado,  
Que a qualquer Appetite mau, e injusto,  
Logo hum Deos levantavam,  
Só pera seo *pecado*  
*Ficar* honesto, desculpado, e justo,  
Aquellos *adoravam*

*Os appetites* seus.  
Ditosos nós, que tão alto subimos,  
Que nos Ceos hum *thesouro*  
*Temos*, quaes esses *teus*  
*Olhos*, bom João, vem, apoz este himos :  
Tu, de palma, e de *louro*

*Com razão corðado,  
Eu da humilde, e sempre verde Hera  
Seguindo tuas pizadas,  
Nas nuvens levantado  
Assi serei, Senhor ! descansa, espera.  
Já chegam as douradas*

*Horas, que te esperando  
Estiveram thegora ; e vem correndo  
Para o teu bem, e gloria  
Por ti só vem chamando  
Aqueles claros titulos trazendo  
Porque tua memoria  
No Mundo eternamente hirá vivendo.*

Veja-se agora quantos versos empernados, em tão pequeno Poema ! E note-se mais, que de onze Estrophes, que tem a Ode, só uma, a segunda, não lança o sentido para a seguinte. Bem sei que podem alegar-me, em defesa de Ferreira, que em Pindaro, Horacio, e até em alguns dos melhores Lyricos modernos, se encontram exemplos destas ligações de Estrophes ; não o ignoro ; mas sei tambem, que nenhum delles compoz uma Ode inteira enlaçando todas as Estrophes umas com outras, como élos, ou argolas de uma cadêa. E mesmo quando houvesse algum exemplo desses, não deveria ser imitado por quem tivesse ouvidos sensiveis á verdadeira harmonia.

Nem se argua esta critica de minuciosa, e nimio severa ; os defeitos dos Escriptores, que passam por modelos, devem ser cuidadosamente apontados, para que os Alumnos inexperientes os não imitem : Ferreira, Camões, Francisco Manoel, Antonio Diniz, foram, é certo, grandes Poetas, mas a natureza, que os enriqueceu de tantos, e tão ricos dotes, não lhe concedeu diploma de nunca errarem ; *summi sunt Homines tamen*. A sua gloria não está em não ter defeitos, mas em ter bellezas, que largamente os compensem. E podem servir de prova os bellos trechos de poesia, que Ferreira espalhou nesta mesma Ode.

Iguas trechos, e superiores ainda, se encontram nas outras, por exemplo este, da Ode V. do Livro segundo, pelo qual se pôde avaliar o talento descriptivo do Poeta.

Eis-nos torna a nascer o Amor formoso,  
 Zephyro brando, e doce Primavera,  
 Eis o campo cheiroso ;  
 Eis cinge o verde Louro a já nova Hera :  
 Já do Ar cahido gera  
 O cristalino Oryálho hervas, e flores.  
 As Graças, e os Amores,  
 Croados de alegria,  
 Em doce companhia  
 De Nymphas, e Pastores ao som brando  
 Doces versos d'amor vam revezando.

A poz a branda Deosa do terceiro  
 Ceo, que triumphando vai d'Apollo, e Marte,  
 E entre elles o Frecheiro  
 Seu, doce fogo aonde quer reparte.  
 Fugem de toda a parte  
 Nuvens, a neve ao Sol the então dura,  
 Se converte em brandura,  
 E d'alta, e fria *serra*  
*Cahindo*, rega a Terra  
 Agoa já clara; a cujo som adormece  
 Toda fera Serpente, e o Myrto cresce.

Eis aqui um empernamento, que não é vicioso, antes dá força á idéa pela harmonia imitativa ; a pausa que a voz é obrigada a fazer no pronunciar a palavra *cahindo*, faz sentir o efecto da agua, que se arroja do alto formando catadupa ; é assim que a nossa poesia os admite ; mas passar com o sentido do fim de um verso para o principio do outro, só porque o pensamento não coube na clausula metrica; é dificuldade de expressão, e não artifício, e faltar á harmonia em pura perda.

Renasce o Mundo, e torna a forma nova  
 Do seo dia primeiro, o Sol mais puro  
 Sua luz nos renova,  
 E asfugentando vai o Inverno escuro.  
 O monte calvo, e duro  
 O valle d'antes triste, o turvo Rio,  
 Ar tempestuoso, e frio,

Os tornam graciosos  
 Aquelles amorosos  
 Olhos de Venus, faces de Cupido  
 Creando em toda a parte hum Chipre, hui Grado.

Si não ha erro de impressão, aqui temos Chipre, do gênero masculino, subentendendo Reino, em logar de Ilha; faço esta advertencia, não como censura, mas como de uma liberdade, de que outro qualquer Poeta poderá usar como lhe convenha.

Quanto sam bellas estas Estrophes philosophicas da Ode a Pero de Andrade Caminha, que é a segunda do segundo Livro.

A fonte d'onde manam  
 Do nosso erro os perigos,  
 Que he senão proprio amor mal conselhado !  
 Desejos vãos que enganam,  
 E a pura alma profanam,  
 E entregam a seos imigos  
 D'onde tarde vem ser o mal chorado !

Quanto Mundo he passado !  
 Soberbas Monarchias  
 D'Asia, de Grecia, e Roma imperios tantos,  
 Que o Mundo subjugado  
 Tinham como forçado,  
 Vés em quão poucos dias  
 Cahiram suas grandezas, seos espantos ?

Que ficam, senão prantes,  
 E saudades tristes  
 Daquellas cousas grandes, que acabaram  
 Quantos triumphos, quantos  
 Lédos, e doces cantos  
 Passados tempos, vistes  
 Que, senão imagea, e espanto nos deixaram.

O Doutor Antonio Ferreira me parece muito maior Poeta nas suas Elegias, que nas suas Odes, é nellas que o seu estylo, e colorido sam legitimamente Latinos, e marcha assunto pelo trilho de Tibulo, e de Proprecio ; escolheu

para elles os tercetos, que de todas as combinações rithmicas era a que podia melhor representar a marcha pausada, e magestosa dos Disticos Gregos, e Latinos, e a prova de que esta escolha foi judiciosa, é que este exemplo foi seguindo, com mui pequenas excepções, pelos Poetas de todas as Escholas, e ñinda hoje os tercetos sam a lingua da Elegia.

A Elegia no seu estado primitivo serviu sómente para tractar assumtos funebres, e depolar as desgraças da humanidade, porém com o correr do tempo alguns Poetas Gregos, e com especialidade Mynermo, a applicaram a cantar amores, banquetes, e outros desenfadamentos da vida. Este exemplo foi seguindo pelos Latinos, como o testificam as numerosas composições, que neste genero nos deixaram Catulo, Ovidio, Tibulo, e Propercio, que tão admirados foram no seu tempo, e o sam ainda no nosso; foi attendendo a esta alteração de assúmptos, que Horacio escreveu na sua Poetica

*Versibus empariter juncis querimonia primunt  
Mox etiam inclusa est veti sententia compos;*

E muito mais poeticamente Despreaux no Canto II.  
da sua Arte Poetica

*La plaintive Elegie en longe habits de dœil  
Scait, les chevaux épaisse gemir sur un cercueil  
Elle peint des amants la joye, et la tristesse,  
Flate, menace, irrité, appaise une maîtresse :  
Mais pour bien exprimer ces caprices heureux  
C'est peu d'être Poete, il faut être amoureux.*

Ferreira, como discípulo fiel dos antigos, seguiu esse exemplo, e por isso a par das Elegias á morte de Diogo de Betancourt, do Principe D. João, vemos as endereçadas a Afonso de Albuquerque, e a Pero de Andrade Caminha, e a do Amor fugido, traduzida livremente de Moscho, e a do Amor perdido, paraphraseada de uma Ode de Anacreonte, e a do mez de Maio, que passo a transcrever como a sua mais bella composição, deste género.

## A MAIO.

## ELEGIA.

Vem Maio de mil hervas, de mil flores  
As fontes coroando, e riso, e canto  
Com Veirus, com Cupido, c'os Amores.

Vença o Prazer a Dor, e Riso ao Pranto  
Vá-se longe daqui Cuidado duro,  
Em quanto o lêdo Mez de Venus canto.

Eis mais alva a manhã, mais claro, e puro  
Do Sol o Raio; eis correm mais formosas  
Nuvens afugentando o ar grosso, e escuro.

Sahe a branca Diana entre as lumiosas  
Estrellas tal qual já ao Pastor formoso  
Veio pagar mil horas saudosas.

Mar brando, sereno ar, campo cheiroso  
Foge a Tristeza, o Prazer solto vôa,  
O Dia he mais dourado, e vagaroso.

Tecendo as Graças vam nova coroa  
De Myrto á May, ao Filho mil espíritos,  
O fogo resplandece, a aljaba sôa.

Mil versos, e mil vozes, e mil gritos  
Todo de doce amor, e de brandura,  
Hums se ouvem, hums nos troncos ficam escriptos.

Ali soberha vem a Formesura,  
Apoz ella a Affeição céga, e captiva,  
Quanto huma mais chorosa, outra mais dura.

Ah! manda Amor assi! assi quer que viva  
Contente a triste do que seu Deos manda,  
Dezeja inda mais dor, pena mais viva.

Mas quanto o Moço encruesce, a May abranda;  
Ella a peçonha, e o fogo lhe tempera;  
Assi Senhora de mil almas anda.

Ali o Engano, em seu mal cégo, espera  
Huma hora doce, ali o Encolhimento  
Sem cauza de si mesmo desespera.

Aos olhos vem atado o Pensamento,  
Não vôa a mais, que ao que ali tem presente  
E em tanto mal tudo he contentamento.

Em riso, e festa corre a lêda Gente,  
Traz o formoso fogo em que sempre arde,  
Cada hum, quanto mais arde, mais contente.

Manda Venus ao Sol, manhã, e tarde,  
Que seos crespos cabellos loure, e estenda,  
Que em vir se appresse, que se torne tarde.

Ao brando Norte, que assopre, e defendá  
Do ardor da Sestá a branda companhia,  
Em quanto alçam de Myrtho fresca Tenda.

Corre por toda a parte clara, e fria  
Agoá, cae doce sombra do alto louro,  
Canta toda Ave canto de alegria.

Ella a neve descobre, e solta o ouro,  
Banhama-se as Graças na mais clara fonte;  
Apparece de Amor rico thesouro.

Cahem mil flores da dourada fronte,  
Arde d'amor o bosque, arde a alta Serra  
Aos olhos reverdece o campo, e o monte.

Desprende Amor seos tiros, nenhum erra,  
Mil de baixo metal, alguns do fino,  
Fica de seos despojos chéa a Terra,  
De huma Mulher vencida, e d'hum Minino.

Este Poema é, si não me engano, uma obra prima de  
graça, de poesia, e de pintura agradável, e velupiosa, e em  
nenhum dos nossos Poetas antigos se encontra outra, que  
lhe seja superior. Até os versos sam de uma perfeição,  
e harmonia como raras vezes se encontram em Ferreira.  
Alguns delles se destacam do todo, e vem ferir agradavel-  
mente o ouvido, e estampar-se na imaginação.

Vença o Prazer á Dor, o Riso ao Pranto  
.....  
Eis mais alva a Manhã, mais claro, e puro  
Do Sol o Raio.  
.....  
Mar brande, sereno ar, campo cheiroso.  
.....  
Assi Senhora de mil almas anda.  
.....  
Aos olhos vem atado o Pensamento.

Em riso, e festa corre a lèda gente

Manda Venus ao Sol manhã, e tarde  
Que seos crespos cabellos loure, e estenda.

Iguas bellezas encontraremos na imitação do *Amor suido* de Moscho, e na do *Amor perdido* de Anacreonte; em geral Ferreira é mais Poeta nas Elegias Eroticas, que nas Elegias funebres, posto que nestas tambem se deparem alguns trechos de bastante merecimento.

Não frias sombras, não os brandos leitos  
Altos Espíritos provam, que ociosos  
Se gastam, como em cinza estam desfeitos.

Milhor comprados foram, mais custosos  
Aquellos altos nomes, que inda soam,  
Dos que Virtude, e Esforço fez famosos.

Inda entre nós de boca em boca vóam  
De tanto tempo já os Espíritos puros :  
Inda de verdes folhas se coroam.

Por duras armas, por trabalhos duros  
Varios costumes, varias gentes vendo,  
Tornaram inda a erguer famosos muros.

Hora a furia do bravo mar rompendo  
Ora os lascava a Sorte á praia imiga  
Quanto mores perigos, mais vencendo.

*Eleg. a Luiz Fernandes.*

Aquella Real Planta, que crescer  
Com tanta formosura começava  
Prometendo da Terra ao Céo se erguer.

Aquella Flor formosa, que alegrava  
Tantos olhos e almas que tua mão  
Cem tanta diligencia nos criava,

Colheram-te ante tempo, e já no chão  
Cortada, e secca jaz ! vais-la seguindo  
Com a alma, e co' desejo triste em vão !

Vejo-te hir em suspiros consumindo  
Aos Ceos queixoso por que te apagaram  
A clara luz, que se hia descobrindo.

As Musas de Acipreste se coroam,  
E toda Arvore triste ; deixam Louro,  
E ao som desse teo pranto o seo entoam.

Suas capellas, seo cabello de ouro  
Arrancam, e desfazem, tu as guias,  
Dizendo, perdeu o Mundo o seo thesouro.

Ah ! que tu mais que todos conhecias  
Aquelle gran João por ti creado,  
Novo lume, nova alma nelle vião.

*Eleg. á morte do Principe D. João.*

Como será meo coração tão dure,  
Que te não ame, que te não suspire  
Pois sem ti acho todo este ar escuro ?  
Que cousa pode vir que mude, ou tire  
A lembrança de ti, meo doce amigo,  
Que, cousa a que já lêdo os olhos vire ?  
Chorarei eu, e chorarão comigo  
Musas, Graças, Brandura, e Cortezia,  
E tudo mais, que se nos foi contigo ?

Já crescias nova hera, já crescias  
Novo Loureiro para dar coroas  
A quem tão justamente te devias,

Quantos valles pisamos, quantos montes,  
Meo Bitancourt, colhendo hervas, e flores !  
Quantos rios bebemos, quantas fontes !

Ora cantando a vida dos Pastores,  
Que tu amavas tanto ; ora escrevendo  
Nos tenros troncos nossos bons amores.

Outrora hum ouvindo, outro dizendo  
Aqueles sãos conselhos, bons segredos,  
Que huma alma, e outra alma estava vendido.

Ouvidos só dos Ceos, e dos penedos  
Das mansas Aves, e das agoas claras  
Que nos ambos banhavam, estando quedos.

Quantas verdades, e surpresas raras  
Guardareis sempre em vós bosques sombrios,  
Ditoso tempo, si me mais durara.

*Eleg. á morte de João de Belancourt.*

O Doutor Antonio Ferreira deixou doze Eclogas, que Manoel de Faria e Sousa, na Introducção ás de Camões, avaliou pela maneira seguinte; « *las escribió con perdurable dureza, y poca dicha en pensamientos, y afectos, aunque se muestre visto en los Poetas antiguos para que se acabe de entender que estudio sin espírito, y espírito sin estudio no pueden obrar cosa de provecho.* »

Quando chegarmos a examinar as Eclogas de Manoel de Faria e Sousa, veremos se elle era Juiz competente na materia para pronunciar uma sentença tão aspera. Por ora direi sómente, que Antonio Diniz da Cruz e Silva, Poeta mui superior a Faria e Sousa, na sua Desertaçao sobre o estylo das Eclogas, conta a Ferreira entre' os nossos melhores Bocolicos.

Se Faria e Sousa se limitasse, a dizer que as Eclogas de Luiz de Camões eram mais ricas de imaginação, e de Poesia, que as de Ferreira, e que este lhe era inferior na harmonia da versificação, ter-se-hia mostrado Critico judicioso, e avaliador desapaixonado, mas deprimir injustamente Ferreira para exaltar Camões, é offendere a reputação de um, sem accrescentar a gloria do outro.

Não dou a minha opinião como regra, mas não cessarei de dizer, que as Eclogas de Ferreira sam, depois das de Camões, as melhores, que se escreveram naquelle seculo. Encontro nellas o estylo simples, e elegante de Theocrito, facilidade de expressão, colorido campestre, e forma dramatica, pois cada uma dellas tem sua exposição; seu nexo, e desenvolvimento. Não vêjo nellas, como nas de Sá de Miranda, Pastores, que descretem como Letrados, e que se explicam em termos tão polidos como estes.

Grandes cousas capa em cabo  
Conta, se ellas assi são,  
Que me dão volta ao miolo,  
Devo-me de ter por tolo,  
E eu a elle porque não ?

Ferreira tinha demasiado gosto, para abandonar o trilho dos seus Gregos, e Latinos, para abraçar o estylo rustico, ou para transformar os Pastores em Philosophos, e em Estadistas.

Outro merito das suas Eclogas é serem todas de uma extensão razoavel, e não cançarem a paciencia do Leitor.

Alguns trechos mostrarão melhor si nas Eclogas de Ferreira ha essa dureza, e infelicidade de pensamentos, que Manoel de Faria lhe attribue. Eis aqui o principio da Ecloga III.

Huma fresca manhã, fria, orvalhosa  
Ao longo do Mondego, que corria  
Com a agoa clara, mansa, e graeiosa.

Quando já o claro raio reluzia  
Do louro Phebo n'agoa, e começava  
O orvalho derreter, dourar o dia.

O pé de hum gran Ceiceiro rodeava  
O gado de Castalio, e de Serrano,  
Que ambos hum bom amor sempre juntava.

Mas outro amor cruel, amor tyrano  
Os trazia ambos taes, que pareciam  
Dois Espritos perdidos traz seu dano.

Ambos mancebos, ambos se perdiam,  
Hum por huns olhos verdes, outro brancos,  
Ambos cantavam sempre, ambos tangiam.

Vêja-se como sam bellos estes versos da Ecloga IV.

Oh Lilia, Nympha branca, Nympha loura,  
O dia nos teus olhos amanhece,  
Nos teus cabellos, Nympha, o Sol se doura !

Com tua vista hum novo Abril floresce,  
Em toda a parte : á tua ltz se abranda

O Amor na mórr ira, e se adormece !

Lilia, formosa em tudo, em tudo branda,  
A mim só dura, em que errei ? em amar-te ?  
Amor te me mostrou, e amor me manda.

Meu descaaso só he Nympha cantar-te,  
Ao sol, á sombra, em campo, em bosque, em rio  
E meu premio, ah cruel ! em vão chamar-te.

Ora co' rosto descorado, e frio  
No ardor do Sol, ora no Inverno ardendo  
Ou todo chama e fogo, ou neve, e frio.

Oh cruel Lilia, e não te hirá movendo  
Já que meo amor não, piedade hum tanto

O fogo, que em meos olhos estás vendo ?

Não despreses meos versos, que inda espero  
Com teo nome aos Pastores ensinado,  
Dos bosques amansar-se o Amor fero.

Tambem eu canto, tambem sou chamado  
Dos Pastores Poeta, e eu não os creo  
Em quanto de ti sou tão despresado.

Pois tão rustico sou, Lilia, ou tão fêo ?  
Pouco ha que me vi n'agoa ; a cõr mortal  
Desque te vi, e te chamo, em vão me vêo.

Quanto melhor me fôra, pois não val  
Comtigo Amor, não deixar nunca a triste  
Phylis, inda que a ti em nada igual.

Choraste, Phylis, ah ! quando me viste  
Partir de ti, e d'alma saudosa  
Suspirando, c'os olhos me seguiste.

Alva Philis tambem, não tão formosa,  
Oh Lilia, nem tão loura, porem hera  
Inda que de amor livre, piedosa,

Olha, Nympha formosa, que pintura  
De campos, e de Ceos, manhãas, e tardes,  
Vem tu acrescentar sua formosura.

Sólta ao vento os cabellos, não os guardes  
Em vão ; estende os olhos pelos prados,  
Vem, Nympha, foge o dia, vem, não tardes.

Aqui ao tirar, e recolher dos Gados  
Sôam rusticas flautas namoradas,  
Dos rusticos Pastores namorados.

Aqui seguindo eu, Lilia, tuas pizadas  
Vivendo dos teus olhos te traria  
As maçãas brancas, e Uvas orvalhadas.

Das Nymphas, huma te ofereceria  
Os cestinhos de Lyrios escolhidos,  
E lêda com tos dar se tornaria.

Outra os louros cabellos esparzidos  
Te cingiria d'Hera, ou verde louro  
Com versos bem cantados, bem tangidos.

Não será este o puro estylo da Ecloga ? Não resumbra

nestes versos a imitação de Virgilio, e sua expressão affec-tuosa? Acha o Leitor nestes versos a dureza, de que Faria e Sousa os acoima? Haverá em Bernardes muitos trechos tão bem scriptos?

O mesmo saber Virgiliano me parece ver no seguinte trecho da Ecloga IX.

Perdeste, Apollo, já tua formosura  
Do teu Poeta sempre tão cantada  
Perdeste, Amor, teu fogo, e tua brandura.

Oh doce, e grave Lyra temperada  
Daquella mão, que assi te fez famosa,  
Não consintas o ser d'outrem tocada.

A nossa idade, que tu tão ditosa  
Fizeste, te honre sempre, e louve, e ame,  
Pois por ti será sempre gloriosa.

E quem ha já, que co' som brando chame  
As bellas Nymphas a logar sombrio  
E pelo verde chão flores derrame?

Quem vestirá dos Olmos já o rio?  
Quem cobrirá de sombra as claras fontes,  
E os teiros Myrthos guardará do frio?

Aquelle som, que enchia d'herva os montes,  
Que o Gado derramado a si juntava,  
E que os rios detinha nas suas pontes?

Aquelle som, que tão doce soava,  
Por toda a parte, ah! já morreo comigo,  
Que fará quem ouvirte dezejava.

Ah meo bom Mestre! ah Pastor meo amigo,  
Como minha alma, e olhos se estendiam  
Por vêr-te, e o duro tempo foi-me imigo.

Mas inda que meos olhos te não viam  
Cá te tinha minha alma, e teus bons cantos  
Lá me levavam, e de ti todo enchiam.

Dai ao vosso Poeta tristes prantos  
Tejo, Mondego, Douro, Lima, Odiana,  
Oh Indo, oh Ganges, dai-lhe lá outros tantos.

Terminarei estas citações, com o Canto dos Segadores da Ecloga X., dedicada a D. Duarte; é tida, na opinião de alguns, pela melhor das doze de Ferreira. É escripta em oitavas, e começa assim

No Campo do Mondego ao meio dia,  
 Dois Segadores, Falcino, e Sylvano  
 Em quanto os outros jazem á sombra fria  
 No mais ardente Sol de todo o anno,  
 Ellas só segam, e cantam á porfia,  
 De amor hum seos bens canta, outro seo dano.  
 Arde o Mundo, a Cygarra só responde  
 Amor ora apparece, ora se esconde.

Acabada a exposição, e a dedicatoria, o Poeta nos faz ouvir ou dous Segadores, que cantam alternadamente um de Celia, outro de Lilia, pela maneira seguinte,

## SYLVANO.

Quem te não ama, Amor, não te conhece,  
 Quem se queixa de ti, de todo he cégo;  
 Com amor se seméa, e madurece,  
 O branco Trigo, que eu cantando sego.  
 Com amor a agoa do Mondego crece,  
 Com amor cantam Nymphas no alto pégo,  
 Com amor cantarei os meos amores,  
 E vencerei cantando os Segadores.

## FALCINO.

Quem a Amor chama amor o nome lhe erra,  
 E inda he mais cégo quem lhe cégo chama,  
 Frechas, e fogo que sam senão guerra?  
 D'onde, senão dos olhos, lansa a chama?  
 Não embebe tanta agoa a grossa terra,  
 Nem tanto a huma Espiga a fouce chama.  
 Que eu mais agoa dos olhos não derrame,  
 E que mais polo Amor em vão não chame.

## SYLVANO.

Si tu, oh Celia, aqui chegasses ora,  
 Logo desses teus olhos esforçado  
 Mais feixes destes segarei n'uma hora,  
 Do que Falcino tem hoje segado.  
 Não venhas, Celia, ah! não saias fera

Que arde o Sol muito, está o tempo abrazado,  
E inda o Sol arderá mais em te vendo,  
Que por te vêr se vai assi detendo.

## FALCINO.

Se a minha Lilia aqui ora viesse,  
Não arderia o Sol quanto agora arde,  
Qué eu sei que antes os Raios encolhesse,  
Mudando a Sésta n'uma fresca tarde.  
E que, ante ella, a sua luz escurecesse;  
Roga, Sylvano, ao Sol que hum pouco aguarde,  
Verás, si Lilia vem, a diferença,  
Verás, quem nos no amar, e em segar vence.

## SYLVANO.

Puz-me a olhar a manhã como sahia  
Alva, e rosada, e tão resplandecente,  
Eis que por outra parte apparecia  
Celia, abrindo ao Mundo outro Oriente;  
Em quanto húa formosura, e outra via  
Conheci a diferença claramente.  
Perdoai (disse) Estrellas radiosas,  
Inda as cousas mortaes sam mais formosas.

## FALCINO.

Fugio-me a alma, já o sei, para a formosa  
Lilia, ali acolheita tem segura,  
Que fizera si branda, e si amorosa  
Lilia lhe fôra, assi como lhe he dura  
Ou si o não avisára que enganosa  
Hera de Lilia aquella formosura,  
Hi-la-hei busear, e hey medo que fiquemos  
Lá ambos; dize, Amor, que aqui faremos?

## SYLVANO.

Quem seu trigo semea em terra boa  
Recolhe sempre o desejado fructo,  
Quando Abril suas agoas brando eda,

E quando Maio vem ventoso, e enxuto,  
 Não venha o mau soão, que a espiga mōa,  
 Nem muito frio o Sol, nem quente muto,  
 Assim a Amor tambem seus tempos vem,  
 E quem seus tempos lhe erra não o tem.

## FALCINO.

. Eu semeei, Sylvano, em hora escura  
 Em parte, onde não choye nem orvalha,  
 Enganou-me da Terra a formosura,  
 Nem semente colhi, nem grão, nem palha.  
 A Aristo nasce o trigo em pedra dura,  
 Que parece que ao Vento o lansa, e espalha.  
 Assim co' Amor mais a ventura val  
 O mal paga co' bem, o bem co' mal.

## SYLVANO.

Lilia falla, e Amor está fallando,  
 Lilia ri, Amor tambem está rindo,  
 Lilia chora, Amor está chorando,  
 Lilia abre os olhos, sta-os Amor abrindo,  
 Lilia canta, Amor está cantando,  
 Lilia vai-se, e Amor tambem vai-se hindo.  
 Nisto só desconformam; Lilia he dura,  
 E dizem, que o Amor todo he brandura.

## FALCINO.

Nos cabellos de Celia Amor se tecê,  
 Nos seos othos Amor seo fogo accende,  
 Amor na beca, e testa resplandece,  
 N'alva, e rosada face Amor se entende.  
 Amor nos brancos peitos lhe adormece,  
 Em tudo nella Amor se vê, e entende.  
 Mil amores com sigo Celia traz,  
 Quem Celia ouviendo, ou vendo, terá paz?

## SYLVANO.

A Ceres he devida a Sementeira,

As rosas ao Verão, a Flora as flores,  
 A Bacho a vide, a Palas a Oliveira,  
 A Abril o verde prado, a Maio as cōres,  
 A Lilia a formosura verdadeira,  
 A Lilia as graças, a Lilia os amores.  
 Os suspiros e as lagrimas em sorte,  
 A Amor cabem, e a mim por Lilia a morte.

## FALCINO.

O Sol o Inverno, o Sol o Verão traz,  
 O mesmo Sol a noite, o Sol o dia,  
 Assi Amor faz guerra, Amor faz paz,  
 O mesmo Amor tristeza, e prazer cria.  
 O Sol a calma, o Sol a chuva faz,  
 O mesmo Sol a Terra aquenta, e esfria,  
 Assi agoa co' fogo ajunta Amor,  
 E lagrimas mistura, riso e dor.

## SYLVANO.

Se lagrimas não foram tudo ardêra,  
 E si não fôra o fogo, todo em agoa  
 Por ti, oh Lilia, já me desfizera,  
 Assi por ti sou Lilia viva fragoa,  
 Si Amor a hum contrario outro não dera,  
 Quem tanto ardor sofrêra, quem tanta agoa?  
 Assi co' agua, e co' fogo sou mais forte,  
 Assi passo por ti, dobrada morte.

Os trocadilhos, e pensamentos alambicados contheudos  
 n'esta Estança parecem mais proprios de Manoel de Vas-  
 concellos, ou de Fonseca Soares, que do espirito solidio, e  
 judicioso do Doutor Antonio Ferreira.

## FALCINO.

Tu passas, oh cigarra, a sesta ardente  
 Cantando á sombra destes verdes ramos,  
 A noite fria dormes docemente,  
 Não te queixas d'Amor, nem seo bem amas.  
 Vives cantando, e como quem não sente.

Cantando morres, e tua morte chamas.  
Oh ditosa Cigarra, se tu amasses,  
Eu sei que não dormisses, nem cantasses.

## SYLVANO.

Quando mostrar-te quero o pensamento,  
Lilia, que n'alma esconde, e o que queria,  
As palavras se vam da boca ao vento,  
E de hum mortal suor a alma se esfria.  
Arço por ti, e em vão mostra-lo tento,  
Mas bem to mostra a minha cobardia,  
Si me callo os meos fogos sam mais fortes  
E assim morro por ti, Lilia, duas mortes.

## FALCINO.

Pastores buscaes fogo? vinde aqui.  
Que mais fogo quereis que o que estaes vendo?  
Fogo sou, des que a branda Celia vi,  
E tudo quanto toco em fogo accendo.  
Accendei vossas iscas, e fugi,  
Não vos chegueis a mim, que estou ardendo.  
Arderá si o tocar o bosque logo,  
Fugi, que quanto vêjo he calma, e fogo.

## SYLVANO.

Falcino, a voz, e a fouce te emfraquece,  
A ordem de segar levas errada,  
A espiga, que entre os pés se te oferece,  
Deixas, e segas a que está arredada,  
A mão te treme, o rosto amarelece,  
Hum rego mal segaste, do outro nada,  
Falcino, vai-te á sombra, vai-te ao rio,  
Que eu segarei cantando ao Sol, e ao Frio.

## FALCINO.

Bem podes tu vencer ná fouce, e braço,  
Mas serás no Amor de mim vencido,  
Esses erros, Sylvano, eu não os faço,

Que não trago na souce o meu sentido.  
 Mas tu, a quem amor dá tanto espaço  
 Não tens jornal tão grande merecido,  
 Si eu hoje Lilia vira, eu só segara,  
 Sem descansar, outra maior Seara.

O delirio amoroso de Falcino, que se persuade que está transformado em fogo, e que pôde inflammar um bosque tocando-lhe, foi imitado por Diogo Bernardes na sua Ecloga III. pela maneira seguinte:

A viva chama, aquelle intenso ardor,  
 Que brando sinto já pelo costume,  
 De noite dá de si tal resplendor,  
 Que mil Pastores vem a buscar lume :  
 Pasmados ficam vendo em mim d'amor  
 O fogo, que por dentro me comsume,  
 E tu por quem eu arço noite, e dia,  
 Quando tal ardor vês, ficas mais fria.

A copia do Discipulo me parece muito inferior ao original do Mestre; nelle Falcino no seu arrebatamento, e delirio julga que todo elle é fogo, que pôde abrazar tudo, mesmo uma floresta inteira, pede aos Pastores, que fujam delle para se não queimarem, isto é mais forte, é mais poetico, do que dizer, como o Pastor de Bernardes, que de noite o fogo, *que já sente brando pelo costume*, lança tal luz que os Pastores vem buscar lume a elle ; e depois compassar friamente uma antithese neste verso

Quando vês tal ardor, ficas mais fria.

Seria facil apontar muitos outros trechos das Eclogas de Ferreira escriptos com a mesma pureza, e elegancia de linguagem, sem jámais transpôr as raias do estyo Pastoril, e sem que os interlocutores digam cousa que esteja fóra do alcance da sua condicção. Mas outros objetos nos chamam, e temos ainda que dar conta do segundo volume.

**O Epithalamio no casamento da Infante D. Maria com o Príncipe de Parma Alexandre Farnese, filho de Octavio**

Farnese, e Margarida d'Austria, filha natural do Imperador Carlos V., é, como todos os Poemas deste genero, um tecido de Louvores hyperbolicos, de vaticinios de prole, e de futuras prosperidades, que custam a lér, porque não tem interesse senão para aquelles, a quem sam dirigidos. O que ha louvavel nesta composição, reduz-se á pureza da lingua, e algumas pinturas mythologicas, tal a seguinte, das occupações dos Amores.

Estava Amor seo arco guarnecedo,  
 Em novo fogo as settas temperando  
 Cercado dos Amores ; hums tecendo  
 A chorda, outros a aljaba cruel dourando.  
 Pelos floridos prados vam colhendo  
 Outros mil flores, só d'amor cantando,  
 Mil flores, que todo anno ali florecem,  
 Das quaes ao Filho, e á May cappellas tecem.

Nunca vistas no Mundo nem cheiradas  
 As Flores sam, que Amor pera si cria :  
 D'humas o licor faz, em que apuradas  
 As settas ficam, quando as elle afia.  
 D'humas o licor frio, em que banhadas  
 As outras sam quando as do fogo esfria,  
 Em todas cruel, em todas espantoso,  
 Inda mais nas segundas temeroso.

Ardem duas forjas, duas bigornas batem,  
 Não os feios Ministros de Vulcano,  
 Hums formosos Amores, que debatem  
 Sobre quem fará mais ao Mundo dano.  
 Ali os tiros, com que se combatem  
 Os duros peitos, ali a arte e engano,  
 Ali os desejos, e temores suam,  
 Hums corações-abrandam, outros emcruam.

Tempera huma agoa o chumbo, e outra o ouro,  
 Escolhe Amor dos tiros quaes lhe aprazem,  
 Aqui está o seo poder, e o seo thesouro,  
 Aqui os vencidos seus despojos trazem.  
 Hums coreados vem de Myrto, e Louro,

Outros miscramento mortos jazem,  
Segundo a cada hum lhes coube em sorte,  
Assi ou vive em gloria, ou vive em morte.

Tal é a pintura da Infanta, que Venus faz sentar no seu Carro porque tirava nadando os Cisnes, e o cantico alternado das Nereidas, e dos Tritões, que o acompanham. Este cantico é imitado de Catulo, e cheio daquelle poesia voluptuosa, que tanto destingue o Cantor de Lesbia.

## NEREIDAS.

Amor, que cousa ha hi tão fera, ou crua,  
Que a Filha á May arranque do seo seio,  
E faça, que jámais não seja sua,  
E assi a entreguem ao poder alheio?  
Como hes Amor, si esta crueza he tua?  
Que mais faz o inimigo de ira cheio,  
Na entrada Cidade, ao sacco dada?  
Boa Estrela te leve, hora dourada.

## TRITÓES.

Amor, e que cousa ha mais piedosa?  
Que o pero amor com outro phiro pagas,  
E o doce fogo de chama amorosa  
Com outro fogo, e doce chama apagas.  
E que força ha que a Esposa vêrgenahosa  
A' May a tomes, e ao Esposo a tragas?  
Que sór bem ha que huma hora desejada?  
Boa Estrella te leve, hora dourada!

## NEREIDAS.

Como o Lyrio formoso no cercado  
Horto, co' brando Sol, co' orvalho cresce,  
Nunca o Gado o toceu, Pastor, arado,  
Sombra, ou geada, ou vento não lhe impece.  
Das Moças he, e dos Moços desejado,  
Mas si a não toca, secca, ou emmurchece,  
Tal he a Dama antes de ser canada.  
Boa Estrella te leve, hora dourada.

8 \*

## TRITÓES.

Como a Vide, que só nasce em deserto,  
 Nunca já se ergue, nunca fructo cria,  
 Cortada cae do frio, e Ceo aberto,  
 Nem Lavrador a lavra, nem queria,  
 Mas se fôr junta ao Olmo, que está perto  
 Já o Lavrador a quer, já a lavraria.  
 Tal he a Dama depois de que he cazada.  
 Boa Estrella te leve, hora dourada.

## NEREIDAS.

Leve o Esposo a Esposa prometida  
 Quem lha pode negar? quem tal consente?  
 Quem pode a prometeo, he-lhe dévida,  
 A Filha a Amor, e a May obediente,  
 Ajuntem-se duas almas n'hum' vida,  
 Este o principio foi da humana gente,  
 A cada hum sua Estrella está guardada,  
 Boa Estrella te leve, hora dourada.

## TRITÓES.

Vivei, Príncipes altos, cedo vejam  
 Os Olhos, que vos amam, o que esperam,  
 Dai Príncipes ao Mundo, que o bem rejam,  
 Quaes já vessos Avós, e Pays lhe deram.  
 Outros Manneis, e outros Carlos sejam,  
 Honra do Mundo, quaes aquelles heram.  
 Seja de vós sua alta Estrella herdada,  
 Boa Estrella vos leve, hora dourada.

## OS DOIS CHOROS.

Lá te levam, Senhora, forças grandes,  
 Nam valem contra amor nenhuns reparos,  
 Mas móres foram as forças, que as de Flandres,  
 Accenderam em ti fogos tão raros.  
 Sempre de ti alegres novas mandes,  
 Sempre conformes sede, Espritos raros,  
 Almas ditosas, almas bem trocadas,  
 Em versos immortaes sejaes cantadas.

O Poema de Santa Comba, ou Colomba, com que termina o primeiro Volume, é mais uma prova da pouca habilidade, que os Portuguezes, e Hespanhoes mostram para a composição de Poemas sagrados. Pelo menos não conheço um só que possa dizer-se bom. Nem a Santa Ursula de Bernardes, ou talvez de Camões, nem a Quiteria Santa de José dos Couto Pestana mostram grande merecimento poeticó; o mesmo digo da *Innocencia perdida* de Feliz José Reinoso; e sem embargo de D. João Melendas Valdes ser um dos melhores Lyricos modernos da Hespanha, o seu Poema da *Queda de Luzbel* não deixa por isso de ser uma composição insípida, e indigna de tão grande engenho.

A legenda de Santa Comba reduz-se ao seguinte. No tempo, em que a Peninsula estava dominada pelos Sarracenos, havia nos campos que se prolongam proximo ao rio Tamega, uma Pastora *mais formosa que Diana, Venus, e Minerva* para me servir da expressão pouco conveniente do Poeta. Esta Pastora, mui virtuosa, mui devota, e sobre tudo muito amante da castidade, chamava-se *Colomba*, e passava a sua vida pastoreando o seu rebanho, e entoando cantigas devotas. Tendo empregado em Deos todo o seu amor, despresava os affectos, e rendimentos dos Zagaes da terra, posto que por isso não deixasse de assistir ás suas innocentes Festas.

Só uma cousa a trazia atemorizada, e esta era nada menos que a paixão, que por ella havia concebido certo Rei Mouro muito rico, que reinava naquelle terra. Os leitores sabem mui bem que naquelle tempo, a cada canto da Peninsula Iberica havia um Rei Mouro, visto que assim o afirmam todos os Historiadores Castelhanos, e Portuguezes, que sabiam disso mais que os Arabes, que afóra dous ou trez, que houve nos ultimos tempos, não reconhecem senão um Emir, ou Califa, que vivia em Cordova, e d'ali governava toda a Africa, e toda a Hespanha. Mas quem dá credito ao que dizem barbaros? Houve o Rei Mouro na terra de Colomba, e encontrando-a um dia andando á caça, deu a correr atraz della como Apollo atraz de Daphne.

A Pastora fugia ligeira como o vento, mas foi dar a um sitio onde um rochedo lhe fechava o caminho: o lan-

ee era apertado, e a sua virgindade estava em grande perigo, se não implorasse o soccorro do Cœo; e como este nunca faltia aos que sam seus, abriu-se o rochedo, e fechou dentro a Pastora. Era tempo, porque já chegava o Mouro, esporcando o seu cavallo, que já se vê que correando a toda a brida, corria menos do que Comba. Não sabemos com que fim deu elle uma lançada na rocha, de que logo rebentou uma fonte de agua milagrosa, e ao pé della ainda está impressa a ferradura do cavallo.

Esta legenda podia dar um lindo Poema, se fosse tratado por um Poeta Alemão. Elle faria do Mouro um gentil mancebo, animado de todo o fogo, e impetuosidade de um amor Africano, e pintaria na Pastora os combates, entre o amor que a inclinava ao Rei, e a virtude, que a obrigava a fugir delle, ajudada dos seccorros sobrenaturaes. Porém não estava no caracter de Ferreira, nem no estado em que então se achava a arte, o encarar o assunto debaixo deste ponto de vista.

Ferreira contentou-se de fazer deste facto uma fria relação em oitavas, que só interessa pela elegância da linguagem, e o que é peior fez do pobre Rei Mouro esta pintura bruscamente monstruosa.

Foi o cruel Pagão, e monstruoso  
Segundo aquellas gentes fama dão,  
Grande, membrudo, e como Urso veloso,  
*E huma orelha d'Asno, outra de Cão,*  
A todos feio, a todos espantoso,  
Chamado hera de todos Orelhão,  
Pode com tudo Amor por sua brandura  
Naquelle Fera monstruosa, e dura.

Parecerá na verdade impossivel, que um Poeta, que de certo não tinha *Orelha d'Asno*, um escriptor tão juicioso, e de gosto tão fino como Ferreira, escrevesse similhante despropósito, e que emendando tanto as suas obras, o deixasse subsistir na revisão. Devemos porém lembrar-nos, que Antonio Ferreira era devoto, supersticioso, e credulo, como quasi toda a gente do seu tempo, e que accreditava nesta lenda fradesca como na Biblia, e no

**Evangelho.** Teria por uma especie de sacrilegio o alterar alguma cousa della, e como lá achou a *Orelha d'Asno*, e a *Orelha de Cão*, conservou-a religiosamente.

Que Ferreira accreditava esta legenda, e que por devocão a pôs em verso, é cousa que não admitté duvida, por que elle proprio o diz.

Senhores, canto o que meos olhos viram.  
 Vi os signaes da pedra milagrosa,  
 Bebi a agoa santa; e outros que o sentiram  
 Agoa santa lhe chamam, e preciosa.  
 Isto os vivos aos Pays, e Avós ouviram,  
 Historia divina he, não fabulosa,  
 Os templos, o os altares dam boa prova,  
 E com milagres mil o Ceo o approva.

E sendo *uma historia divina*, como havia Ferreira atrever-se a alterá-la? Como havia deixar de pintar o Meu-ro como um Orang-Otang, e peior ainda do que isso, pois ao menos o Orang-Otang inda que seja coberto de pello, não se apresenta

Com huma Orelha d'Asno, e outra de Cão!

Debalde a boa razão lhe prégaria, que a natureza não creou nunca um homem de figura similhante; debalde a poetica lhe advertiria que tal circumstancia diminuia muito o merito de sua Heroína, visto que não precisava de grande amor á castidade para horrorisar-se, e fugir de similhante monstro; qual seria a Lays, ou a Messilina, que deixasse chegar a si um Adonis cabelludo como um Urso, e de mais a mais

Com huma Orelha d'Asno outra de Cão?

Para Ferreira bastava, que a legenda o dissesse, para elle não admittir reflexões; e talvez por elle o encontrar na legenda, é que esquecido de sua habitual elegancia, descrevendo a morte dada pelo Orelhão a Leonardo, irmão da Santa, a terminou com este verso ridículo

O santo moço  
 Estripado lansou ali n'hum poço!

Basta; lancemos um véo sobre estas misérias de um homem, que tanto hourou a nossa Literatura, e passemos a mencionar outras obras, que dão credito ao seu talento.

## CAPITULO IV.

### *Epistolas, e Obras Dramaticas de Ferreira.*

É opinião geralmente recebida entre os Críticos, tanto naturaes, como estrangeiros, que as suas Epistolas tem o primeiro logar entre as poesias do Doutor Antonio Ferreira, e esta opinião me parece assentar em solidos fundamentos, o espirito de Ferreira prependia muito para o estylo didatico, e as materias que tracta nas suas Epistolas mostram bem que foram escriptas na idade madura. O Poeta vivia então na Corte, e é muito probavel, que as intrigas dos Cortesãos, e o seu modo de viver estivessem em contradição com as suas maximas de Philosophia moral, e a elevação do seu caracter. Nesta disposição de espirito, não admira, que encontramos nas suas Epistolas muitos trechos, que indirectamente condemnam, e censuram os costumes, e o proceder das pessoas, que o rodeavam, e com quem era obrigado a viver.

Grande parte delas é enderessada aos Poetas, que se davam por seus discípulos, e que com elle trabalhavam na grande obra de reformar a Poesia Portugueza segundo os principios dos Classicos antigos adoptados pelos Italianos, como Miranda, Bernardes, Caminha, Antonio de Castilho, Francisco de Sá de Menezes, e outros.

Em nenhum genero de poesia me parece que Ferreira se aproximou tanto ao estylo de Horacio, cujo discípulo se presava de ser; é porém menos conciso que o seu modelo, e fica mui longe daquelle chistosa, e viva alacridade, que o caracterisam; nem o espirito Escolastico-

Theologico da Philosophia de Ferreira podia habilita-lo para tanto.

Juizo recto, e gravidade sem pedantaria formam o carácter da Poesia Didatica de Ferreira, o seu modo de encarar as loucuras, os erros, e as desgraças da humanidade, partecipa mais da austerdade religiosa, que da impassibilidade estoica, ou da indifferença epicuristica : mas apesar de tudo isso, parece-me que Ferreira em qualidade de Poeta Epistolar, tem melhores fóros ao titulo de Horacio Lusitano, do que os dous Argénsolos para serem denominados Heracios Castelhanos, como todo o mundo lhe chama.

Nas Epistolás de Ferreira reina o mais vivo entusiasmo patriótico pelo bem estar da Nação, pelo seu bom regimento, pela sua gloria militar, pela reforma dos costumes, e pelo cultivo das artes, da civilização, e de todo o bom saber. Tão mau Cortesão como bom patriota, não receia cahir no desagrado dos Reis lembrando-lhe os seus deveres, e advertindo-os de que ser amado dos povos, trabalhando em seu beneficio, e regendo-os com brandura, e recidão, vale mais do que as vitorias, e as conquistas. Elle diz a D. João III.

Amemos-te nós sempre, e te chamemos  
Clemente, bom, Christão, Pay do teu Reyno.  
Filhos teus nos chamemos. Como Pay  
Nos ama, nos castiga, e nos perdoa.  
Pendamos de teus olhos, mostra-os sempre  
Seguramente rindo. Essa tua graça  
Mais força tem que ferro, ou fogo d'outro.  
Nossas almas nós levas apoz ti,  
Onde quer que te viras, Tu só Rey  
Hes verdadeiro nosso. Em seo logar  
Deos na Terra te poz, da sua mão.  
Amor faz os bons Reys, não medo ; amor  
Estados dá, e conserva, o que he temido  
De muitos, muitos teme. Nós te Amamós.  
O nome, e a honra que aos bons Reys passados,  
Com amor demos, vivo já te damos.

Com maior assouteza ainda escrevia a El-Rei D. Sebastião.

Deu o remedio Deus; eis hum erguido  
Por elle em poder alto, de que o Povo  
Seja ou por bem levado, ou constrangido.

Não he nome de Rey titulo novo:  
Com elle começo o Mundo, e dura,  
Por fabulas antigas não me move.

Depois que daquella alta formosura  
Cahio o primeiro Homem, triste sorte  
O envolveu nesta sombra grossa, esoura.

Fugio a luz, entrou armada a morte:  
Cumprio nova vegia, guarda, e ley,  
Que ao cégo mostre a luz, e abrigue o forte.

Elegeu Deos Pastor á sua Grey,  
Vio tambem a Rasão necessidade,  
Eis aqui eleito hum Rey, eis outro Rey.

Conforme, e junto o Povo n'ua vontade  
N'um só, por bem commum, pox seos poderes  
Prometendo obediencia, e lealdade.

Obrigaram suas vidas, seus baveres  
Prometeu o bom Rey justiça, e paz,  
E remedio, e socorro a seus mesteres.

Dali sujeito ao Rey o Povo jaz,  
Dali sujeito o Rey á boa razão  
Da mesma ley, qu' em si esta força traz.

A quem todos seos bens, e vidas dão  
Pelos livrar da injuria, e da violencia,  
Se lhas elle fizer a quem se hirão?

Seja Juiz a justa consciencia,  
E aquelle santo, e natural preceito  
Deve á ley, o que a fez, obedecendo.

Quem o caminho hade mostrar direito?  
Si torce delle, e segue a falsa estrada,  
Como terá seu Povo á ley sujeito?

Pôz Deos na mão do Rey a vara alçada  
Para guia do Povo errado, e cégo,  
Mas não foi só á sua vontade dada.

Como destro Piloto no alto pégo  
C'ò leme guia a Nau, ora a huma parte,  
Ora a outra, e a desvia do vau cégo,

Ali não valem forças, val só arte;  
Arte vence do mar a ira espantosa,

Arte vence, e encadéa o bravo Marte,  
 Hydra de mil cabeças, enganosa,  
 Pégo de tantos Ventos revolvido,  
 Não se vence, Senhor, com mão fércea.

Em duas iguaes partes repartido  
 Te deu Deos seu poder; em premio, e pena  
 Dê-se a cada hum o que lhe fôr devido.

Aquele que suavemente ordena  
 Todas as causas, olha com amor,  
 Paga o bem logo, e de vagar condena.

Não se acha ali respeito, não favor,  
 Tanto val cada hum quanto merece,  
 Iguaes ante elle sã Servo, e Senhor.

Olha-te bem, gran Rey, e a ti conhece,  
 Nascido só para reger a Santos,  
 E dessa grande alteza ao seu fim desce.

Ver-te-has igual na humanidade a quantos  
 Mandas; verás o fim tão davidoso,  
 Como quem tambem morre, e nasce em prantos.

Que presta ser na Terra poderoso?  
 No alto fim do Ceo se poem em sorte  
 Que athe ao filho de Deos foi tão custoso?

Corte o bom Rey primeiro por si, corte,  
 Mais vence o exemplo bom, que o ferro, e fogo,  
 Não pôde errar quem contra si he forte.

Nem a própria affeição, nem brando rogo  
 Tire a força á rasão, e á igualdade,  
 Não se lhe faça sempre falso jogo.

Sómente em Deos razão he a vontade,  
 Absoluto poder não o ha na Terra,  
 Que antes será injustiça, e crueldade.

Que vontade mortal, Senhor, não erra.  
 Si a ley justa, e a Razão a não emfreia?  
 De que nasee a injusta, e cruel guerra?

É assim, que um Magistrado Portuguez, do decimo quinto seculo, instruia o Rei nos seus deveres, e advogava, perante elle, a causa da humanidade, fazendo-lhes ver que elles eram os que deviam dar o exemplo de obedecer ás leis, porque o seu exemplo é mais poderoso para corregir os homens, do que todo o apparato do podér, e

as violencias? É assim que se honra a linguagem das Musas, e se desempenha a alta missão de Poeta.

Na verdade um Poeta que fallava assim aos Reis tinha direito para dizer, escrevendo ao Cardeal Infante então Regente do Reino,

Para o publico bem também estudam,  
E cantam os bons Poetas, deleitando  
Ensinam; maus afieitos em bons mudam.

E às vezes aos Reys vam declarando  
Mil segredos, que então só vem, e sabem,  
Mil rostos falsos, lingoas vãas mestrando.

Em poucas bocas as verdades cabem,  
Terão às vezes a culpa os ouvidos,  
Os versos ousam, em toda a parte cabem.

Dos bons amados, e dos maus temidos,  
Assi he a Justiça, assi a verdade  
Assi sejam também favorecidos.

Usem da sua honesta liberdade  
Rindo do Povo chamar só Letrados  
Os que conselham roubo, e crueldade..

Em algumas das Cartas de Ferreira, aos seus amigos mais íntimos, resumba claramente o pesadume que sentia vivendo entre as intrigas Palacianas, e o vivo desejo de viver só no retiro do campo em fortuna mediocre, e entregue aos livros, e ao cultivo da Poesia. Vêde como elle se expressa a esse respeito escrevendo a Diogo de Teive, seu Mestre, Collega, e Amigo na Universidade.

Quantas vezes saudoso cá te chamo!

Quantas vezes contigo me, desejo.

Lá á doce sombra d'algum verde ramo!

Ora de cá teu sancto ocio lá véjo,

Ora por só meu bem cá te queria,

Onde o meo amor te chama, e bem desejo.

Mais val, amigo, lá hum queto dia

Que mil annos, e mil cá inquietos,

D'onde eu, se tivesse azas, fugiria.

Não te sam meus intentos lá secretos,

Puz-te nas mãos minha alma; á minha vida

Sabes que desejei portos quietos.

Si a vida temos pera ser vivida,  
Si elão si hade escolher pera morada,  
Onde mithor que em campo he escolhida?

Vida dos Sabios sempre desejada,  
Vida de paz, d'amor, e de brandura,  
Per meus versos serás sempre cantada.

Onde estará mais sãa, e mais segura  
A alma innocent? onde mais sem cuidado  
De medos, de perigos, de ventura?

Pera a saude onde he mais temperado  
O frio Inverno? onde he do brando Norte  
Ou o Cão, ou o Leão mais amansado?

Mais larga vida, menos triste morte,  
Somno suave, seguro, brando, -inteiro  
Sem sobresalto, que to quebre, ou corte?

O verdadeiro gosto, o verdadeiro  
Deleite, he ocio quieto entre hervas, e agoas  
Em Julho frias, quentes em Janeiro.

Não vez choros alheios, não vez mogoas,  
Ou tuas, ou dos teus; livre de invejas,  
Em que cá ardem como em vivas fragoas.

Si o que convem á vida só dezetas,  
Estimarás mais doce liberdade,  
Que quantas minas d'ouro a outros vejas.

Mais val a curta geira, a pobre herdade,  
Que, oh rica Arabia, oh India, o teu thesouro,  
Si á Justiça se rouba, si á Verdade.

Mais val no campo coroar o Touro,  
No fresco Maio, d'hervas de mil côres,  
Que altos leitos pintar d'azul, e de ouro.

Oh bem aventurados os Pastores  
Se seu bem conhecessem, dá-lhe a Terra  
A' vida mantimento, aos olhos flores.

Este ultimo toque é imitado de Vergilio na sua Geografia.

Oh fortunati nimium sua si bona noscent  
Agriculae!

Os mesmos sentimentos, o mesmo desejo da solidão, e  
da vida do campo, independente, e livre, manifestou Fer-

reira na Epistola IX. do Livro II. endereçada ao Doutor Francisco de Sá de Mireada, que vivia então longe da Corte no seculo da sua Quinta da Tapada, onde findou os seus dias, e aonde foi sepultado.

Quem dos Ceos hum seculo bom alcança  
Mais não deseja: he livre, he Rey, he rico,  
E tem da vida a hemaventurança.

Que aproveita o que ajunta, o que edifica,  
Por agoa e logo pondo a vida a preço  
Si quanto ajunta mais, mais pobre fica?

Porque a alma, tão custosa a Deos, offreço  
Ao fragil ganho, si hum momento d' hora  
Como huma sombra ao Sól desapareço?

Quanto vivem melhor os que estam fóra!  
Contentes do que sam, não mais desejam,  
Vivem dia por dia, hora por hora.

Sejam chamados ociosos, sejam,  
Bom he o ocio, que do mal apparta,  
Inda que outros mais bens nelle não vejam!

Este desejo, que se nunca sarta,  
Ali mais obedece á Natureza,  
Que quer que o bem por todos se reparta.

Mais magnifica ás vezes he a Pobreza  
D'hum que os thesouros d' outro; a alta tenção  
Estima Deos; as obras vãas despresa.

Tudo se torna em bem no que está são,  
O dóce, e approveitoso amarga ao Doente,  
Erra com cõr de bem o Povo vão.

Só andava Scipião fugindo á Gente,  
Então mais ocupado quando meus,  
Fabricio pobre só, Fabio paciente.

O campo ensina ser justo aos pequenos,  
Despresador dos máos, só no bem forte,  
De si contente, e a si só somenes.

Não acha, quando vem armada a Morte  
Mais que o seu vil despojo; oh Serra! oh Monte!  
Ditoso aquelle a quem cahiste em sorte!

Lá me escondas, lá onde ninguem conte  
Minhas ditosas horas, lá sem nome  
No Mundo, coma o fructo, e beba a fonte.

**Antes co' duro arado a Terra dome,  
E della as más espinhas arrancando,  
Do meu trabalho santo exemplo tome !**

**Alma de máos dezejos appartando  
Nella, e na terra má raízes planto,  
Que vão formoso fructo ale vantando.**

Ferreira não podia procurar melhor confidente destes seus desejos, e desta Phylosophia do que Sá de Miranda; penetrado dos mesmos principios, igualmente desenganado dos enganos da vida cortezãa, elle tinha executado, o que Ferreira desejava; e no fundo de uma Provincia vivia em paz no seio da sua familia com os seus livros, e amigos de quem era amado, e admirado! Compadecamo-nos pois de Ferreira, que via, e conhecia o caminho, e o modo de ser feliz nesta vida, e a quem a fortuna negou os meios de realizar os seus tão justos desejos.

Mas a idéa dominante de Ferreira, o objecto, que tinha mais a peito, parece ter sido o polir, e enriquecer a nossa bella lingua, e reformar a Poesia Portugueza, tornando-a classica, segundo as idéas dos antigos, a sua imitação, e a dos Toscanos; para esse fim empenhava a doutrina, e o exemplo: escrever em lingua estrangeira lhe parecia crime de deslealdade contra a Patria, e de menoscabo, e desamor da lingua materna.

Veja-se a indignação patriotica com que elle reprehende ao seu presado amigo Pero d'Andrade Caminha por haver composto alguns versos em idioma estranho, e então se conhecerá quanto era Portuguez o coração de Antonio Ferreira, e com quanta razão dissera

**Eu desta gloria só fico contente,  
Que a minha Terra amei, e a minha gente !**

E o mais é que parece que as suas razões caíram no animo de Caminha, pois sendo as suas obras bastante volumosas, sam todas ellas escriptas em Portuguez; parece que de corrido queimára todas as estrangeiradas; pôde pois dizer-se, que o nosso Poeta não prégara a surdos, quando escreveu a Caminha, na sua Epistola III. de Livro I.,

**Quanto foi mais sentida, e mais chorada**

A morte do alto Homero por seo cante,  
Que a tua, Achyles, que elle fez honrada.

Pois com quanta rasão me eu mais espanto  
Do que em ti vêjo, tanto vêr perdido  
Sinto o que me assi move a magoa, e espanto.

Mostrastes-te athe qui tão esquecido,  
Meu Andrade, da Terra em que nascestes,  
Como si nella não fôras nascido.

Esseus teus doces versos com que ergueste  
Teu claro nome tanto, e que inda erguer  
Mais se vira, a estranha gente os deste.

Porque o com que podias nobrecer  
Tua Terra, e tua lingoa lho roubaste,  
Por hires outra lingoa emriquecer ?

Cuida melhor que quanto mais honraste  
E em mais tiveste essa lingoa Estrangeira,  
Tanto a esta tua, ingrato te mostraste.

Volve, pois, volve, Andrade, da carreira,  
Que errada levas, com tua paz o digo,  
Alcansarás tua gloria derradeira.

The quando contra nós, contra ti imigo,  
Te mostrará? obrique-te a Rasão,  
Que eu como posso a tua sombra sigo.

As mesmas Musas mal te julgarão,  
Serás em odio a nós teus naturaes,  
Pois, cruel, nos roubas, o que em ti nos dão.

Sejam a boa tenção obras iguaes,  
E a boa tenção, e obra á Patria sirva,  
Dêmos a quem nos deu, e devemos, mais.

Floresça, falle, cante, ouça-se, e viva  
A Portugueza Lingoa, e já onde fôr  
Senhora vá de si, soberba, e altiva.

Se athequi esteve baixa, e sem louvor,  
Culpa he dos que mal a exercitaram,  
Esquecimento nosso, e desamor.

Mas tu farás com que os que a mal julgaram,  
E inda as estranhas Lingoas mais desejam,  
Confessem cedo ante ella quanto erraram.

E os que depois de nós vierem vejam  
Quanto se trabalhou por seo proveito,  
Porque elles pera os outros assim sejam.

O homem, que devia levar a Lingua, e a Poesia Portugueza á sua perfeição, e mostrar aos Estrangeiros para quanto ella era; o Poeta que havia separar o dialeto poeticó do prosaico, e chegar a versificação ao maior apuro, já existia; já se tinha dado a conhecer por composições brilhantes, cheias de inspiração, e de fogo; Camões em fim, o Virgilio Portuguez, era conhecido de Ferreira; e Ferreira que derramou prodigamente louvores não merecidos a Sá de Miranda, a Caminha, a Bernardes, e a outros muito somenos Poetas, nem uma palavra diz a respeito desse homem de genio, unico, que então florescia, e os seus amigos guardam o mesmo silencio. Este esquecimento é na verdade notável, e prova que a mediania, si não ousa declarar-se contra o talento superior, vinga-se ao menos pelo silencio, com que affecta desconhecer-lo.

Na Epistola XII. do Livro I. respondendo Ferreira a outra, em que Diogo Bernardes lhe pedia o seu parecer sobre algumas obras, que lhe mandara para rever, aproveita o ensejo para lhe expender, e explicar os principios do bom gosto, que professava, e adverti-lo da necessidade de estudar para escrever bem, e adquirir aquella correção de linguagem, metro, e elegancia classica, em que Ferreira fazia consistir a boa Poesia. Esta Epistola é talvez o melhor trecho Didatico da nossa Poesia antiga.

Mas tractarei contigo amigamente  
Do Conselho, que pedes; juizo, e lima  
Acha em si todo o humilde, e diligente.

Quem tanto a si mesmo ama, tanto amim,  
Que assi se favorece, e se perdoa,  
Que espirto mostrará em prosa, ou rima?

Taes alguns a que a triste Hera corda,  
Roubada do vão Povo ao claro espirto,  
Que esconder-se trabalha, e então mais sóa.

Aquelle dá de si publico grito,  
Este calla, e se encolhe; o Tempo emfim  
Hum apaga; immortal faz d'outro o escripto.

A primeira ley minha hé que de mim  
Primeiro me guarde eu, e a mim não crea,  
Nem os que levemente se me rim.

*Rim* em logar de *riem* não é a linguagem pura, e cor-  
9

recta de Ferreira; é um sacrifício feito á necessidade, e tyrannia da ryma, a que pôde applicar-se a sentença de Lope de Vega Carpio

Fuerza del consonante, a quanto obligas !  
Haces que sean blancas las hormigas !

Conheço-me a mim mesmo ; sigo a vía  
Natural, não forçada : o juizo quero  
De quem com juizo, e sem paixão me fia.

Na boa imitação, e uso que o fero  
Engenho abranda, ao incóito da arte,  
No conselho do amigo doute espero.

A imitação é a base da doutrina da Eschola de Ferreira, e de todos os Reformadores, e na verdade é o caminho, que mais convém aos que pertendem ser Poetas sómente com saber, e talento ; e é por meio da imitação que podem chegar a ser escriptores polidos, e elegantes, e estimaveis, e já não é essa pequena gloria. Mas os Poetas de genio, e saim esses os verdadeiros Poetas, criam, e não imitam, abrem caminhos novos, e no meio dos seus desvios, e dos seus erros, que ninguém desconhesse, subjugam o espírito, transportam os Leitores, e arrebatam os seus aplausos, como acontece a Shakespeare, e a Goeth.

Muito, oh Poeta, o engenho pode dar-te,  
Mas inda mais que o engenho o Tempo, e Estudo,  
Não queiras de ti logo contentar-te.

He necessário ser hum tempo mudo  
Ouvir, e ler sómente ; que aproveita  
Sem armas com furor cometer tudo ?

Caminho por aqui ; esta he a direita  
Estrada dos que sobem ao alto monte  
Ao brando Appollo, ás nove Irmãas acceita.

Do bem escrever saber primeiro, he fonte  
Enriquece a memoria de Doutrina  
Do que hum cante, outro ensine, outro te conte.

O primeiro verso deste terceto é uma bella traducção  
do verso de Horacio

*Scribendi recte sapere est et principium, et fons.*

O Leitor instruido deparará não só nas Epistolas de Ferreira, mas nas outras obras, muitas imitações de Horacio, que provam o affineado estudo, que elle fazia das obras do grande Lyrico Latino, que havia escolhido para modelo.

Isto me disse sempre huma divina  
Voz á oreilha ; isto entendo, e creio,  
Isto ora me castiga, ora me ensina.

Cada huma para seu fim busca seu meio,  
Quem não sabe do oficio não o tracta,  
Dos que sem saber escrevem o Munde te cheio.

Si ornares de fino ouro a branca prata,  
Quanto mais, e melhor já resplandece,  
Tanto mais val o engenho se á Arte se ata !

Não preade logo a planta, não florece  
Sem ser da destra mão limpa, e regada,  
Com tempo, e Arte flor, fructo apparece.

Questão foi já de muitos desputada  
Si obra em verso Arte mais que a Natureza,  
Huma sem outra val eu pouco, ou nada.

Mas eu quizera antes a rudeza  
Daquelle que o trabalho, e Arte abrandou,  
Que de esteute a corrente, e vaa prestéza.

Ferreira, que estava precisamente neste caso, faz bem de se decidir pela Arte, mas é muito probavel que Homero seguisse o parecer contrario, e o caso é que os seus dous grandes, e famosos Poemas eram um forte argumento a seu favor. Talvez tendo-os em vista, Boileau que era um Poeta d'Arte, na sua Poetica se decidiu pela Natureza.

*C'est en vain qu'en Parnasse un temeraire Auteur  
Pense de l'Art des vers attendre à la hauteur.  
S'il ne sent point du Ciel l'influence secrète,  
Si son Astre en naissant ne l'a formé Poète.*

g \*

Esta questão é muito antiga, e parece-me, que prescindindo de casos excepcionaes, a solução mais judicosa, que pôde dar-se-lhe é a que Horacio expendeu nos seguintes versos.

*Natura fierit laudabile caram, an arte  
Quesitum est; ego nec studium sine divita vena,  
Nec rude quid prosit ingenium: alterius sic.  
Altera poscit opem res, et conjurat amice.*

Vence o trabalho tudo; o que cansou  
Seo espirto, e seos olhos, alguma hora  
Mostrará parte alguma do que achou.

A palavra, que sae huma vez fóra,  
Mal se sabe tornar; he mais seguro  
Não tê-la, que excusar a culpa agora.

Vêjo teu verso brando, estilo puro,  
Engenho, arte, doutrina; só queria  
Tempo, e lima, da Inveja forte muro.

Ensina muito, e muda hum anno, hum dia,  
Como em pintura os erros vai mostrando  
O Tempo, os erros, que olho antes não via.

Corta o sobrejo, vai acrescentando  
O que falta, o baixo ergue, o alto modera  
Tudo a huma igual regra conformando.

Ao escuro dá luz, e ao que podéra  
Fazer duvida aclara; do ornamento  
Ou tira, ou poem; co' decoro o tempora.

Sirva propria palavra o bom intento,  
Haja juizo, regra, e diferença  
Da pratica commum ao pensamento.

Dana ao estilo ás vezes a sentensa,  
Tão igual venha tudo, e tão conforme,  
Que em dúvida está vér qual delles vença.

Mas diligente a Lima assi reforme  
Teu verso, que não entre pelo sāo,  
Tornando-o, em vez d'orna-lo, então deforme.

Ó vicio que se dá ao Pintor que a mão  
Não sabe erguer da tabua, fuge; a graça  
Tiram quando mais cuidão que lha dão.

Reendo o triste verso como traça,

Sem sangue o deixam, sem espirto; e vida;  
Outro o parteinda imforme traz á praça,

Ha nas couzas huma fim, ba tal medida,  
Que quanto passa, ou falta della he vicio,  
He necessaria a emenda bem regida.

Necessario he, confessso, o arteficio  
Não affeitado; empece a tenra Planta  
O muito mimo, o muito beneficio.

A's vezes o que vem primeiro tanta  
Natural graça traz, que huma das nove  
Musas parece que o inspira, e canta.

Qual he a lingua cruel que inda assim proye  
Em vão ali seos fios? deixe intelecto  
O bem nascido verso, o mais renove.

**E**mendilhar de continuo, e não emendar nada, sam  
dous vicios, igualmente perniciosos, e estragadores do  
bom estylo, e da boa poesia. O primeiro conduz á affec-  
tação, e estranheza da phrase; o segundo á incorrecção,  
ao desleixamento, e ao prosaismo: ha espíritos míticu-  
losos, que á força de emendar, e de mudanças, e correc-  
ções tiram toda a louçania aos versos, e todo o vigor á  
expressão. Deste numero era Belchior Manoel Curvo Se-  
medo, de cujos versos pôde dizer-se com razão

Que limados no sea, pero lamidos.

Nada mais difícil que achar nas suas obrás um verso  
ruim, mas como todos sam perfeitamente iguaes, unsa  
tirada longa delles fatiga o ouvido por sua monotonia;  
que se assimelha ao chiar de uma nora; a sua lingua-  
gem é pura, e escolhida; mas o esmero que põe na  
escolha das palavras, e não deixa exprimir-se com força;  
e com violencia. Ha outros, e entre esses conto eu José Agostinho, e Vicente Pedro Nolasco, que por pregui-  
ça de emendar, ou por vaidade, deixam desfigurados  
com expressões viciosas, termos baixos, versos duros, ou  
podice numerosos alguns trechos, que com pequenas cor-  
recções podiam ficar excellentes. Acho pois que Ferreira  
dá aqui uma prova do seu bom juizo, quando aconse-  
lha a Bernardes, que lime os seus versos, mas que tenha  
cuidado, que a hina não entre pelo sôlo.

A estes conselhos aecrescenta outro, que me não parece menos importante, isto é, consultar um amigo inteligente, e sincero, posto que não seja áqui facil encontrarlos taes.

Não mude, ou tire, ou ponha sem primeiro  
Vir aos ouvidos do prudente, experto  
Amigo, não invejoso, ou lisongeiro.

Engana-se o Amor proprio falso, incerto,  
Tambem se engana o medo de apraser-se,  
Em ambos erro he quasi igual, e certo.

Por isso he bom remedio ás vezes lér-se  
A dois, ou tres amigos; o bom pêjo  
Honesto ajuda então melhor a vér-se.

Ali como Juiz quasi me yêjo  
Sinto quando igual vou, quando descaio,  
Quando d'outra maneira me desejô.

Quando eu meus versos lia ao meu Sampaio  
« Muda (dizia) é tira; hia, e tornava.  
a Inda (diz) na sentença bem não caio. »

Ó que mais docemente me seava,  
O que me enchia o espirito por mau tinha,  
O que me desprasia me louvava.

Então conheci eu á dita minhâ,  
Em tal amigo, tão desenganado  
Juizo, e certo, em quem confiadô vinha.

É na verdade mui raro encontrar um amigo, que possa servir de censor entendido, e franco, como o Quintilio de Horacio, e o Sampaio de Ferreira; mas é ainda mais raro encontrar Authores, que peçam conselho, com desejo de aproveitar-se delle para melhorar a sua composição. Na maior parte da gente pedir conselho, não é mais que um pretexto de vir mostrar os seus versos para que lhos louveis. Eu não tenho certamente a presunção de ser um Quintilio, ou um Sampaio, ténho sido consultado algumas vezes; mas depois que perdi um amigo, porque lhe aconselhai que mudasse uma palavra baixa, que desfeiava um Soneto excellente, que elle havia composto, tomei a deliberação de achar boas todas as poesias que seus Authores me mestram, e nisso achei a pedra phylosophal para neahum se queixar de mim!.

Creio que bastam estes extractos para se ajuizar das Epistolas de Ferreira, e do seu estylo didatico. São na verdade bem pensadas, bem escriptas, e em geral, melhor versificadas, que as outras obras do Author.

Seria para desejar, que não estivessem tão núas de comparações, sam estas, quando proprias, e usadas a tempo, um dos mais bellos adornos destes Poemas. As comparações não só recreiam a imaginação do Leitor, interrompendo a monotonia dos preceitos, mas lhos fazem comprehender melhor, e provam no Poeta, o dote, que não é mui trivial; de descobrir o ponto de relação, que se dá entre objectos diferentes.

Aos dous livros d'Epistolas segue-se um livro de Epitaphios, escriptos todos em oitavas, em numero de dezenove. São feitos a alguns dos nossos Reis, e Príncipes, e outras personagens, a algumas senhoras, e amigos do Author, e os dous ultimos sam dedicados a D. Maria Pimentel, sua Esposa. Tenho pelo melhor de todos o seguinte, que é dedicado a El-Rei D. Diniz.

#### EPITAPHIO.

Quem é este de insignias diferentes  
 Sceptro, e Pieão, e Livro, e espada, e arado?  
 Este foi Paz des Reys, e Amor das Gentes,  
 Grande Diniz, Rey nunca assaz louvado;  
 Outros foram n'hña só causa excellentes,  
 Este com todas nobreceo seo estado.  
 Regeu, edificou, lavrou, venceu,  
 Honrou as Musas, poetou, e lêo.

O Doutor Antenio Ferreira deixou duas Comedias, *Bristo*, e o *Cioso*, em as quaes como nas de Sá de Miranda, nada ha Portuguez afora a lingua, em que sam escriptas.

A respeito destas duas Peças não posso deixar de ter a mesma opinião, que emitti ácerca das de Miranda, isto é, que não sam originaes, mas imitações, ou traduções livres de Comedias Italianas; e as principaes razões, em que me fundo, sam as seguintes.

1.º O Author diz na dedicatoria da Comédia *Bristo*, que a escrevéra durante umas ferias, e não é possivel que

em tão pouco tempo, e em um paiz, onde não havia theatro, um estudante, sem experencia do mundo, e sem modelo do genero, produzisse um Drama tão perfeito, em relação ao tempo, em que foi escripto.

2.<sup>a</sup> Que esse Drama se chegue tão pouco á maneira de Plauto, e de Terencio, que o Author diz que quizera imitar, e que mostre tanta identidade com as Comedias Italianas do Seculo XV,

3.<sup>a</sup> Que o Author em lugar de imitar nas suas Comedias os costumes Portuguezes, que conhecia, e tinha dian-te dos olhos, preferisse pintar nellas os costumes, vicios, e rediculos dos Italianos, de que não tinha conhecimento, e pratica alguma.

4.<sup>a</sup> Que essa pintura dos costumes Italianos seja tão exacta, e tão viva não havendo o Author sahido de Portugal, nem viajado nunca na Italia.

5.<sup>a</sup> Serem essas Comedias escriptas em prosa, quando o estudo, e a imitação de Terencio, e o exemplo de Gil Vicente naturalmente o deviam conduzir a escreve-las em verso, e não em prosa, pratica de que só na Italia podia achar exemplos.

Estas razões sam em grande parte applicaveis ás Comedias de Sá de Miranda. Bem sei que poderá alguem dizer-me em defesa dos dous Poetas, que ninguem ainda descobriu os suppostos originaes de que foram copiadas, ou traduzidas, as quatro Comedias. Pôde ser; mas isso não prova que ellas não existissem, ou existam. Conhe-cemos nós por ventura todas as Comedias, que na Italia se escreveram no Seculo XV. ? Fez alguem já as necessárias investigações a esse respeito ? Sam as Comedias de Ferreira, e de Sá de Miranda tão conhecidas, que obrigassem os Criticos averiguar este facto ? Não podem ter-se perdido esses originaes como se perderam tantos outros Dramas, compostos então, e que hoje não apparecem, ou porque ficaram manuscritos, ou porque houve des-cuido em reimprimi-los, ou finalmente porque não mereciam que se tomasse esse trabalho ?

Em ultimo resultado eu não dei esta opinião como cer-ta, mas meramente como conjectura probavel, a que os Leitores darão o pezo, que lhe approuver.. e até por isso me abstendo de citar alguns trechos, que poderiam fa-

vorecer a minha assersão, visto que são mais no genio da lingua Toscana, que da nossa.

Os defeitos das Comedias de Ferreira, sam os mesmos das de Sá de Miranda, e das Comedias Italianas daquelle tempo. Falta de unidade na acção, episodios, que se não ligam com ella, nem della se derivam, falta de movimento progressivo, e ás vezes de verosimilhança nos incidentes; fastidiosa disusão nos dialogos, monologos interminaveis, recheados de moralidades, e relações feitas ao vento, e soluções posticas, e romanescas.

O estylo comicó de Ferreira é superior ao de Miranda, assim como a sua linguagem é mais rica mais elegante, e mais pura; porém Miranda o excede na arte de dialogar. Ferreira é ás vezes indecente nas situações, e até obsceno na expressão. E para o provar basta citar a scena primeira do Acto terceiro do Cioso entre Faus-tina, e Clareta; a scena segunda do mesmo Acto em que um mancebo honrado como Octavio se presta a pedir á sua amante, que receba Julio por uma noite para Bernardo poder entrar em casa delle para fallar a Livia, sua esposa, tornando-se a si dobradamente terceiro; e para não fallar em outras, a scena sexta do Acto quarto, em que a velha Brómia recusa abrir a porta a seu amo Julio, em quanto Bernardo está de dentro fallando com sua mulher, e Ardelio, e Janoto observando escondidos a desesperação do pobre Cioso, accrescentam ditos que tornam mais indecente esta situação, que já o é demasiado de si.

Os caracteres das Comedias de Ferreira sam em geral bem desenhados, e bem sustentados, tal é o de Bristo, os dos dous Pais Caledonio, e Roberto, o de Leonardo; porém o de Commendador Anfibál, e do seu soldado Montalvão sam absolutamente fantasticos, extravagantes, inverosímeis, e com especialidade o primeiro caja estupidez, e credulidade chega a ponto não só de accreditar todas as mentiras de Montalvão, mas até a persuadir-se de ter feito, e dito o que nunca fez, nem disse.

No Cioso nada mais natural, nem mais gracioso, que o carácter de Brómia; porém o de Julio é demasiadamente carregado, e a sua conversão me não parece verosímil, nem sufficientemente preparada. O ciúme é a paixão me-

bos susceptivel de emenda, e por isso talvez, que o melhor desenlace desta Peça, fosse que o Cioso se matasse, ou morresse por alguma imprudencia, em que o precipitasse o seu frenesi, e que Livia, casando com Bernardo, alcançasse assim a recompensa dos seus padecimentos, e desgostos.

Se estes Dramas sam verdadeiramente de Ferreira, não pôde negar-se que tinha um decidido talento comicó, e que as Comedias devem contar-se no numero das suas melhores obras.

Maior abono dos seus talentos deu elle com a sua Tragedia de D. Ignez de Castro. O patriotismo de Ferreira o levou a escolher um assumpto tirado da Historia Portugueza; assumpto pouco tragicó, como se prova sobejamente por haver sido tractado por diferentes Poetas, alguns delles de grande merecimento, como Lamothe, Guivarra, Figueiredo, Quita, Lemercier, sem que nenhum delles pudesse tirar delle uma Tragedia boa; e os que delle tiraram melhor partido, que foram Lamothe, e Lemercier, foi alterando-o de medo que inteiramente o tornaram outro. Nem sempre um acceptecimento desastroso, e funesto é um acontecimento tragicó, bem lamentosa é a morte de Marianna, e nem Voltaire foi capaz de fazer delle uma boa Tragedia.

Não sei se Ferreira tinha lido a Sophonisba de Trissini, e as duas Tragedias de Rucellai; mas Ferreira conhecia, e estudava como aquelles Poetas os Trágicos Gregos, e como elles adoptou o seu sistema tragicó, e por elle modelou a sua Castro, posto que seja o menos proprio para a Tragedia declamada, e muito mais de assumpto moderno.

E que outra cousa podia elle fazer, se como Trissini, e Rucellai não tinha outros modelos? Foi o uso das representações tragicas, em theatros públicos, e permanentes, a observação do effeito, que este spectaculo produziu nos Espectadores, quem foi ensinando aos Poetas, que vieram depois, a conhecer a diferença, que devia fazer a nossa Tragedia declamada, da Tragedia cantada dos Gregos; a necessidade de complicar a fabula, desenvolver os caracteres, e paixões, aumentar o spectaculo, multiplicar os lances, e as situações, e conhecer a inutilidade,

e inconvenientes do Choro, que não estava em harmonia nem com os nossos costumes, nem com a forma dos nossos theátricos. Se Ferreira fosse capaz de conhecer, e inventar tudo isto no tempo, em que escreveu, seria, sem dúvida o mais assombroso génio, que teria aparecido no Mundo; muito louvor merece elle pelas muitas bellezas, que soube derramar naquella rude composição.

Não é necessário ser grande entendedor da Arte Dramatica para conhecer os defeitos da Castro de Ferreira; elles consistem na demasiada simplicidade da fabula tecida sem artificio, e sem aquellas alternativas de susto, e de esperança, que enretêm a atenção, e despertam o interesse: na falta de proporção entre os fins, e os meios, em scenas desligadas, e até direi mesmo na falta de pathetico, e no estylo, que muitas vezes descahe da magestade tragica, no familiar, e trivial.

Os caracteres não sam menos defeituosos, que a contextura do Drama. D. Pedro é absolutamente inutil, não aparece se não uma vez no primeiro acto para altercar com o Secretario, e outra no quieto para ouvir narrar a morte de D. Ignez. E com tudo pouca invenção era preciso para tirar grande partido desta personagem, empenhando-o na salvação, e defesa da sua amante, mas Ferreira estava tão longe do espirito da Tragedia, que nem uma vez o fez encontrar com Castro.

Posto que o caracter de D. Ignez seja, geralmente faltando, o que deve ser, e quasi a Tragedia toda, parexe-me apesar disso, que no primeiro Acto mostra uns visos de singelleza infantil, que não parecem convenientes em uma dama, que não podia ter menos de trinta annos, e que appare rodéada de trez filhos.

D. Affonso IV. representa um papel ignobil, e quem assim o classifica, é nada menos que D. Francisco Martines de la Rosa, a quem me parece que ninguem pôde negar com justiça o titulo do maior Poeta trágico de Hespanha.

Os Choros da Castro de Ferreira tem sido sobremaneira elogiados; não nego que sejam excellentes trechos de poesia lyrica e talvez os melhores, que neste genero sabiram da pena de Ferreira; mas serão elles igualmente bons considerados como Choros de uma Tragedia? Em primeiro logar sam demasiado longos, e em segundo, estarão hem na

boca das donzelas de Coimbra duas Odes ao amor escriptas em linguagem mythologica? Será verosimil que umas poucas de raparigas christãas se expliquem por este gosto?

Jupiter, transformado  
Em tão varias figuras,  
Deixando despresado  
O Ceo, quam baixo o mostram mil pinturas!  
Poderosas branduras,  
Que assi almas se convertem  
No que amam, se sovertem  
Por manha a grande alteza  
Do Esprito, que se enterra em vil fraqueza!

Não basta que as cousas sejam bellas; é necessario que estejam bem collocadas, para que se não diga, *sed non erat hic locus.*

Porém Ferreira compensa estes defeitos com muitas belezas, que seria facil apontar, e ás vezes o seu dialogo, é tão energico, e serrado, que faz lembrar o estylo vigoroso d'Alfieri. Vejamos.

REY.

Vence o mal ao remedio: vejo o Infante  
De todo contra mim determinado  
Duro aos meos rogos, mais duro aos mandados,  
Que Estrella foi aquella tão escura?  
Que mau signo, ou que fado, ou que Planeta?

PACHECO.

Em quanto ha occasião, dura o pecado.  
Tirando-lha, hei-lo livre!

REY.

Ferte couza!  
Endurecer-se assi aquella vontade!

PACHECO.

Endureça-se a tua com justiça,

REY.

Duro remedio! quanto melhor fôra  
Amor, e obediencia! meos pecados  
Quam gravemente sobre mim cahiram!

GOELHO.

Senhor, pera que he mais? morra essa Dame.

REY.

Que morra todavia!

PACHECO.

Senhor, morra

Por salvação do Povo.

REY.

Não he crueza

Matar quem não tem culpa?

COELHO.

Muitos podes

Mandar matar sem culpa, mas com cauza.

REY.

Com que cor? com que cauza esta matamos?

PACHECO.

Não basta que em sua morte só se atalham

Os males, que sua vida nos promete?

REY.

Ella que culpa tem?

PACHECO.

Dá ocasião.

REY.

Oh que ella não a dá; o Infante a toma.

Que ley ha que a condemne, ou que justiça?

COELHO.

O bem commun, Senhor, tem taes larguezas

Com que justifica obras duvidosas.

REY.

Assi que assentais nisso?

COELHO.

Nisto, morra.

PACHECO.

Morra.

REY.

Huma innocente!

COELHO.

Que nos mata!

REY.

Não haverá outro meio?

PACHECO.

Não o temos.

REY.

Mete-la-hei n'hum Mosteiro.

COELHO.

Ei-lo queimado.

REY.

Manda-la-hei de meu Reyno.

COELHO.

O amor vâa.

Este fogo, Senhor, não morre logo,  
 Quanto mais lhe resistes mais se accende.  
 Contra amor que logar darás segurô?

*Ei-lo queimado, o amor vâa* sam dous rasgos de sublime que não tem que invejar ao *qu'il mourout* de Corneille nem ao *Medea surperest* de Seneca.

Vejamos agora como é pathetico, e digno do estylo tragico o monologo, em que o Rey, depois de haver involuntariamente assentido á morte de D. Ignez de Castro, ficando só, desaffoga a oppressão do seu espirito nestes termos.

REY.

Entre medo, e conselho fico agora.  
 Matar injustamente he gran crueza.  
 Soccorrer o mal publico he piedade.  
 D' huma parte receio, mas d' outra ouso.  
 Oh meu Filho, que queres destruir-me!  
 Ha dó desta velhice tão cansada,  
 Muda essa pertinacia em bom conselho,  
 Não dès ocazião pera que eu fique  
 Julgado mal na Terra, e condemnado  
 Ante aquelle gran Juiz que está nos Ceos.  
 Oh vida filicissima, a que vive  
 O pobre Lavrador lá no seo campo,  
 Seguro da fortuna, e descansado  
 Livre destes desastres, que cá reinam!  
 Ninguem menos he Rey que quem tem Reino.  
 Ah! que não he isto Estado, he captiveiro  
 De muitos desejado, mas mal crido!  
 Huâ servidão pomposa, hum gran trabalho,  
 Escondido sob nome de descanso!  
 Aquelle he Rey sómente que assi vive,  
 Inda que cá seu nome nunca se ouça,  
 Que de medo, desejo, e de esperança

Livre passa seos dias. Oh bons dias,  
 Com que todos meus annos tão cansados  
 Trocára alegremente! Temo os Homens,  
 Com outros dessimulo, outros não posso  
 Castigar, ou não ouso. Hum Rey não ousa?  
 Tambem teme seo Povo, tambem sofre,  
 Tambem suspira, e geme, e dessimula.  
 Não sou Rey, sou captivo; e tão captive  
 Como quem nunca tem vontade livre.  
 Salvo-me no conselho dos que creio  
 Que me serão leaes! isto me salve,  
 Senhor, contigo; ou tu me mostra cedo  
 Remedio mais seguro, com que viva  
 Conforme a este alto Estado, que me deste.  
 E me livra algum tempo antes, que morra,  
 De tanta obrigação, pera que possa  
 Conhecer-me melhor, e a ti vçar  
 Com mais ligeiras azas, do que pôde  
 Huma alma carregada de tal peso.

Este monologo é excellente, e no puro estylo tragicó; pinta bem ao vivo a fluctuação, e incertezas do animo de D. Affonso IV. Vêmos que elle procura aequalmar a sua consciencia, como todos os Reis praticam, lançando a responsabilidade sobre os que o aconselham, e que julga leaes. É certo que isto os justifica perante os homens, a quem pôde parecer bem que um prefira o parecer alheio aos dictames da propria razão, e da consciecia; mas succederá o mesmo perante Deos? Não lhe pedirá elle contas do mal que fizeram, e do que deixaram fazer?

Não é menos bello o monologo com que D. Pedro abre a primeira scena do Acto quinto! O entusiasmo do amor escandece a sua imaginação, e lhe figura que ao aproximar-se a Coimbra, onde existe D. Ignez de Castro, a natureza inteira toma um aspecto novo, e a circunfa de encantos e de prestigios, que o fazem phantasiar venturas, que espera desfrutar na companhia da sua amada, de que suppõe impossivel, que alguem o possa separar; a mesma morte lhe não parece poderosa para tanto, e pergunta se poderá vir tempo em que se não vejam um ao outro; tudo isto é muito poetico de si, mas o que o torna não só mais

poetico, porém tragico, em grau mui subido, é que os Espectadores, que o ouvem, todos sabem que D. Ignez já é morta, e quam crumente, e por entre aquelles transportes de alegria já vem borbulhar as lagrimas de sangué que tem de sahir dos seus olhos dali a um minuto.

## D. PEDRO.

Outro Ceo, outro Sol me parece este !  
 Diferente daquelle que lá deixo,  
 D'onde parti : mais claro, e mais formoso.  
 Onde não resplandecem os dois claros  
 Olhos da minha luz, tudo he escuro.  
 Aquelle he só meo Sol, a minha Estrella,  
 Mais clara, mais formosa, mais lucente,  
 Que Venus quando mais clara se mostra.  
 Daquelles olhos se alumia a Terra,  
 Em que sombra não ha, nem nuve escura.  
 Tudo ali he tão claro que athe a noite.  
 Me parece mais dia, que este dia.  
 A Terra ali se alegra, e reverdece  
 D'ontras flores mais frescas, e melhores.  
 O Ceo se ri, e se doura diferente  
 Do que neste horizonte se mè mostra.  
 O soberbo Mondego com tal vista  
 Parece que ao gran Mar vai fazer guerra.  
 D'outros ares respira ali a Gente,  
 Que fazem immortaes os que lá vivem.  
 Oh Castro ! Castro ! meu amor constante,  
 Quem me de ti tirar, tire-me a vida.  
 Minha alma lá me tens, tenho cá a tua ;  
 Morrendo húa destas vidas ambas morrem ;  
 E havemos de morrer ? pode vir tempo,  
 Que ambos nos não vejamos ? nem eu posso  
 Hindo buscar-te, oh Castro, achar-te lá ?  
 Não achar os teus olhos tão formosos,  
 De que os meus tomam luz, e tomam vida ?  
 Não posso cuidar nisto, sem os olhos  
 Mostrarem a saudade, que me fazem  
 Tão tristes pensamentos. Viviremos  
 Muitos annos, e muitos ; viviremos  
 Sempre ambos neste amor tão doce, e puro,

Raynha te verei deste meu Reino,  
 De outra nova coroa coroada.  
 Diferente de quantas coroaram  
 Ou de homens, ou Mulheres as cabeças.  
 Então serão meus olhos satisfeitos ;  
 Então se fartará da gloria sua  
 Esta alma, que anda morta de desejos.

É, quando acaba de fallar neste arrebatamento entusiastico, que um mensageiro vem quebrar o encanto do Principe, e lança uma nuvem de lucto sobre o seu coração tão radioso de prazer, e contentamento, narrando-lhe a morte de D. Ignez de Castro. Na verdade não pôde dar-se um lance theatrical mais bem inventado, mais natural, nem mais pathetico, e é muito mais de admirar porque o vemos em uma Tragedia, que foi talvez a segunda, que se escreveu na Europa, depois da restauração das Letras.

Tratando porém da Castro, não posso deixar de tocar em uma circunstancia, que me parece que ninguem ainda mencionou entre nós, pelo menos, que eu saiba.

Existe em lingua castelhana uma Tragedia intitulada *Nise lacrimosa* cujo assumpto é a morte de D. Ignez de Castro. Esta Tragedia foi composta por um Dominico Gallego, por nomo Fr. Jeronymo Bermudes, que o Author da Bibliotheca Hespanhola, D. Nicolau Antonio não duvidou chamar, *Homem notavel por sua erudicão sagrada, e profana*, e que foi contemporaneo de Ferreira.

Comparada a Tragedia deste com a de Bermudes, vê-se que salvas, algumas pouco importantes omissoes, ou augmentos de versos, e algumas transposições de scenas, força é confessar, que ambos estes Dramas apresentam tal identidade de ordem, de personagens, de pensamentos, de estylo, e de versos, que se tornam uma, e a mesma cousa. Vejamos alguns exemplos.

## REY.

Oh sceptro rico a quem te não conhece !  
 Como hes formoso, e bello ! e quem soubesse  
 Bem quam diferente hes do que prometes,  
 Nesse chão que te achasse, quereria  
 Pisar-te antes c'os pés, que levantar-te !

Não louvo os que se louvam por Imperios  
 A ferro, fogo, e sangue destroirem,  
 O seo proprio estendendo, mas aquelles,  
 Oh grandeza espantosa, animo livre !  
 Que, tendo-os mui grande, os deixaram.  
 Mór alteza, e mór animo he as grandes  
 Despresar, que aceitar, e mais seguro  
 A si cada hum reger, que o Mundo todo.  
 O resplendor deste ouro nos engana,  
 E he terra em fim, e terra a mais pesada.  
 De huma alta fortaleza estamos sempre  
 Póstos por Atalaias á Fortuna;  
 Por escudos dos Povos, ofrecidos  
 A receber seus golpes : não faze-lo  
 He usar mal do sceptro, e bem faze-lo  
 He não ter vida mais segura, e certa,  
 Que quanto estes perigos nos prometem.

Ferreira.

D. ALONSO.

És, sceptro, de valia inestimable  
 A quien nó te conosce, porque cierto  
 Quien viesse sin passion, y sin antejos  
 Quan otro, de lo que pareces, eres,  
 Caido en este suelo que te hallas,  
 Antes debria con los pies calearte,  
 Que llevantarte del : nunca yo alabo  
 A los mui alabados de que a costa  
 De sangre, y guerra Imperios destruieren,  
 Por estender el proprio ; antes alabo  
 Aquellos que con animo Christiano,  
 Teniendo reinos muchos, les desechan.  
 Maior grandeza d'animo es grandesas  
 Despreciar que acceptar, es mas seguro.  
 El resplendor del oro nos deslumbra  
 Y es tierra al cabo, y tierra mui pesada  
 D'un alto alcasar siempre atalaiames  
 La Fortuna cruel que nos combate,  
 Como escudos del Pueblo aventurados  
 A recibir sus golpes : no hacello  
 Es mal usar del sceptro ; bien hacello

Es non tener la vida mas segura  
De lo qué éstes peligros nos prometem.

*Bermudes.*

CASTRO.

Nunca mais tarde para mim que agora  
Amanheceo! oh Sol claro, e formoso,  
Como alegras os olhos, que esta noite  
Cuidaram não te ver! oh Noite triste!  
Oh Noite escura, quam comprida foste!  
Como cansaste esta alma em sombras vias!  
Em medos me trouxestes taes, que cria  
Que ali se me acabava o meo amor!  
Ali a saudade de minha alma  
Que me ficava cá; e vós, meus Filhos,  
Meus Filhos tão formosos, em quem vejo  
Aquelle rosto, e olhos do Pay vosso,  
Dê mim ficaveis cá desamparados.  
Oh sonho triste, que assi me assombraste!  
Tremo iada agora, tremo! Deos afaste  
De nós tão triste agouro. Deos o mude  
Em mais ditoso fado, em melhor dia.  
Cresceréis vós primeiro, filhos meus,  
Que chorareis de me ver star-vos chorando,  
Meus Filhos tão pequenos! ai, meus Filhos!  
Quem em vida vos ama, e teme tanto,  
Na morte que fará? mas vivireis,  
Cresceréis vós primeiro, que veja eu  
Que pizae este campo, em que nascestes,  
Em formosos Ginetes arraiados,  
Quaes vosso Pay vos guarda, com que o Rio  
Passeis a nado a ver esta May vostra;  
Com que canseis as Feras, e os imigos  
Vos temam de tão longe! que não ousem  
Nomear-vos sómente, então me venham  
Buscar meos fados, venha aquelle dia  
Que me está esperando; em vossos olhos  
Ficarei eu, meos Filhos, vossa vida  
Tomarei eu por vida em minha morte.

*Ferreira.*

## CASTRO.

Nunca mas tarde pera mi que agora  
 El Sol hirió mis ojos con sus raios !  
 Oh Sol claro, y hermoso, como alegras  
 La vista, que esta noche te perdió !  
 Oh noche escura quanto me duraste !  
 En miedos, y en assombros me trageste,  
 Tan tristes, y espantosos, que creia  
 Que alli si me acababan los amores !  
 Alli desta alma triste los afectos .  
 Acá empleados; y vos outros, hijos,  
 Mis hijos tan hermosos, en quien veo  
 Aquel divino rosto, aquellos ojos  
 De vuestro caro padre, aquella boca,  
 Tesoro peregrino, mis amores  
 Quedabades sin mi !  
 Oh sueño triste quanto me assombraste ;  
 Tiemblo aun agora, tiemblo, Dios me libre  
 De tan mal sueño, y de tan triste aguero !  
 En mas dichosos hados Dios lo mude.  
 Premero creceréis, amores míos,  
 Que de me ver que os lloro estás llorando.  
 Mis hijos tan quiridos, tan hermosos  
 En vida quien os ama, y tiene tanto,  
 Moriendo que hará ? mas vivereis,  
 Y crescereis primero, y estos ojos,  
 Que agora os son de lagrimas arroios,  
 Dos solos os serán, quando con ellos  
 Os vea rutilantes, y gallardos  
 Correr por esses campos do nascistes,  
 Delante vuestro Padre, en muy lozanos  
 Caballos á porfia, qual primero  
 El rio passará a ver vuestra madre.  
 Dos Soles os serán quando con ellos,  
 Os vea rutilantes, y gallardos  
 Cansar las fieras y mostrar tal brio  
 Que amigos os adoren, y inemigos  
 De vuestro nombre tiemblen ; esto vean  
 Mis ojos, vean esto, y logo vengan  
 Per mi mis hados, alquel dia venga ,  
 Que ya mi esta esperando. En vuestros ojos

Hincaré yo mis ojos, hijos mios,  
Mis ojos tan queridos, vuestra vida  
Por mia la tendré quando esta acabe.

*Bermudes.*

Para que é citar mais? Ambas as Tragedias estão escriptas assim, não é possivel achar uma scena, uma falha, que não se encontre na outra, e ás vezes com os mesmos versos; as proprias Canções Lyricas dos Choros, o que se torna ainda mais notavel; sam identicas. Eis aqui para prova o primeiro Choro do segundo Acto da Tragedia Portugueza.

Quanto mais livre, quanto mais seguro  
He aquelle Estado, que de si contente,  
Não se levanta, mais que quanto pode  
Fugir miserias!

Tristes pobrezas ninguem as deseje,  
Cégas riquezas ninguem as procure,  
Num meio honesto está felicidade

Dos Ceos, e Terra.

Reys poderosos, Principes, Monarchs,  
Sobre nós pondes vossos pés, pisais-nos,  
Mas sobre vós está sempre a Fortuna,

Nós livres della.

Nos altos montes soam muito os ventos,  
As mais crescidas arvores derrubam,  
As mais inchadas vellas no mar rompem

Com mores torres.

Pompas, e ventos, titulos inchados  
Não dam descanso, nem mais doce somno,  
Antes mais cansam, antes em mais medo

Poem, e perigo.

Como se volvem no gran mar as ondas,  
Assim se volvem estes peitos cheios,  
E nunca fartos, nunca satisfeitos,

Nunca seguros.

Se eu me podesse á minha vontade  
Formar meos fados mais não quereria  
Que mansamente segurar a vida

Co' necessario.

Quem mais deseja muitas vezes se acha.  
Triste, enganado; muitas vezes dorme  
Temendo o fogo, ventos, ares, sombras,  
Temendo os Homens.

Rey poderoso, tu por que desejas  
Nuca ter Reyno? porque essa coroa  
Chamas pesada? pelo pezo d'alma,  
Que te carrega.

Vejamos agora o mesmo Choro na Tragedia castelhana, e conhiceremos se acaso ha entre um, e outro alguma diferença notavel.

Cuanto mas libre, cuanto mas seguro  
Es el estado que, de si contente,  
No se llevanta mas de cuanto huye  
Grande miseria,  
Tristes pobrezas nadie las desee;  
Ciegas riquezas nadie las procure;  
La bienaventurança desta vida  
Es mediania.

Príncepes, Reyes, y Monarchas sumanos,  
Sobre nosotros vuestros pies poneis,  
Sobre vos otros la cruel fortuna  
Tiene los suyos!

Sopla en los altos montes mas el viento,  
Los mas crescidos arboles derriba,  
Rompe tambien las mas inchadas velas  
La tramontana.

Pompas, y vientos, titulos hinchados,  
No dan descanso mas, ni mas dulzura  
Antes mas cansan, y mas antes quitan  
Al que los ama.

Como sociegan en el mar las ondas  
Assi sosiegan estos pechos llenos,  
Nunca quietos, nunca satisfechos  
Nunca seguros.

Si la fortuna yo cortar podiesse  
Ala medida del deseo, nunca  
Queria mas que assegurar la vida  
De menesteres.

Quen mas desea las mas veces se halla  
Triste, y hundido, poucas veces duerme,  
El fuego teme, vientos, Ayre, sombras  
Teme los hombres.

Rey Dom Alonzo, porque no te gozas  
Deste tu sceptro ? porque essa corona  
Pesada llamas ? el peso del alma  
Tanto te affige !

A mesma identidade acharemos entre os Choros do  
Acto terceiro de uma, e de outra Tragedia, que passa-  
mos a confrontar.

Teme teus erros, Mocidade céga,  
Fuge a ti mesma, logra-te do tempo,  
Que assi te deixa, correndo, e voador  
Com suas azas.

Oh quanto húa hora, quanto hum só momento  
Breve algúia hora, quererás debalde,  
Poupa o presente, guarda-o, enthesoura-o  
Tê-lo has seguro !

Todo ouro, e prata, pedras preciosas,  
A que correndo vam todos perdidos,  
Por agoa, e fego, não temendo a morte  
Cavar nas veias.

Nunca poderam, nunca poderão  
Comprar hum ponto deste tempo livre,  
Que assi atraz deixa Príncipes, Senhores  
Como os mais baixos.

Igual a todos, igualmente foge,  
Não valem forças, não val gentileza,  
Por tudo passa, tudo calça, e pisa  
Ninguem o força.

Com sua fouce cruel vai cortando  
Vidas a moços, trabalhos a velhos,  
Só boa fama, só virtude casta  
Pode mais que elle.  
Esta se salva sómente em si mesma,  
Esta o espirito segue, sempre vive,  
Esta seguindo, vencerás o Tempo,  
Rir-te-has da Morte.

Vive pois, vive, mocidade céga,  
 Vive co' Tempo, delle te enriquece,  
 Delle só te arma contra aquelle dia  
 Do grande apperto.

*Ferreira.*

Teme tus yerros, juventud lozana,  
 Abre tus ojos a las postimerias,  
 Piensa del tiempo, siempre te aprovecha,  
 Que va volando.

Oh como en vano del passado tiempo  
 Breve momento querrás alguna hora !  
 El que presente tienes atesora,  
 No se te pierda.

Oro, ni plata, ni las margaritas  
 Mas preciosas, que los hombres aman,  
 Y por habellas de las hondas venas  
 Muerte no temen.

Nunca podieron, ni jamas podran  
 Comprar un punto deste Tiempo libre ;  
 Princepes, Reys, y Monarchas summos  
 No se descuiden.

Corre mas que ellos el ligero Tiempo,  
 Ni valem fuerzas, ni belleza vale,  
 Todo deshace, todo huella, y pisa,  
 Nadie le fuerza.

Con tyrania fiera va cortando  
 Vidas a Mozos, lastimas a viejos,  
 Solo la fuerza de virtude clara  
 Puede vencello.

Esta le vence, su valor es mucho,  
 Esta al eterno Espirito seguindo  
 Vive reindo-se de la Fortuna  
 Y de la muerte.

Vive, pues vive, juventud lozana,  
 Ama virtudes, con el tiempo vive,  
 Per que te valgas del en aquel dia  
 Del grande aprierto.

*Bermudes.*

É a todas as luzes evidente, que uma destas Trage-

dias foi copiada da outra. Mas quem seria o Plagiario? Acaso Bermudes? Acaso Ferreira? Pergunta é esta, a que não é mui facil responder! Bouterweek foge da questão, porém o Sr. Martinez de la Rosa entra nella com affouteza nas notas á sua Arte Poetica, e não hesita em declarar, que Bermudes foi o Plagiario, eis aqui como elle se expressa.

« A primeira Tragedia de Bermudes, intitulada *Nise lastimosa*, versa sobre o interessante argumento de D. Ignez de Castro, tão bello, e proprio para a scena, que em todos os tempos, e em todas as nações tem conseguido merecidos aplausos; disputa-se porém se foi o citado Author hespanhol, ou o portuguez Antonio Ferreira o que primeiro o reduziu á forma dramatica, visto que as Tragedias de um e de outro se assimelham tanto, que parece indubitavel que um se aproveitou, posto que sem declara-lo, do trabalho do outro: mas qual delles foi? Direi o que me parece a respeito desta questão sem engolfar-me nella, mas com franqueza, e lisura. A *Nise lastimosa* imprimiu-se em Madrid em 1577, e tambem consta que já dous annos antes estava composta, e dedicada. A Tragedia portugueza, intitulada *Castro*, não sahiu á luz senão mais de vinte annos depois, em 1598, como porém o Author desta ultima havia já muito tempo que tinha falecido, em 1569, é evidente que a sua obra estava escripta, sem embargo de não ter-se publicado. Consta por outra parte, que o Monge Bermudes, de nação Gallego, residiu algum tempo em Portugal, poude por tanto dar-se com um humanista de tanto credito como Ferreira, e ainda que possa disputar-se qual destes mostrou ao outro a sua composição manuscripta, e mesmo alegar-se a favor do hespanhol a anticipação em publica-la, devo manifestar de boa fé, que cotejando ambas as obras me parece, que se descobre na portugueza o verdadeiro original. »

Como Portuguez não posso deixar de adoptar esta opinião, especialmente vindo ella de pessoa tão competente, e sabedora na materia, e que a examinou com tanta imparcialidade: confesso porém que se me oferecem duas dúvidas, que muito desejara vér como o Sr. Martinez de la Rosa as resolvia. A primeira é, que havendo Ferreira

composto douos livros de Odes, entre elles não apparece uma Saphica, e que aparecem duas nos Choros da Castro, e que essas mesmas se deparem na Tragedia de Bermudes, em cuja *Nise laureada* se encontra tambem outra, o que parece provar, que era elle, que estava costumado a usar destes metros latinos.

Consiste a minha segunda dúvida, em que sendo possível que traduzindo-se uma obra de uma lingua para outra tão parenta, e simelhante, como é a hespanhola da portugueza, o Traductor, sendo homem de talento, possa imitar a expressão, as phrases, modos de dizer, e versos do Poema; que a cópia se confunda com o original, visto que tem o modelo á vista, que pôde contemplar, e estudar á sua vontade; tenho porém que é muito difficult, por não dizer impossivel, que esse mesmo Traductor compondo uma obra original, apresente os mesmos rasgos de simelhança, e a mesma identidade com a composição, que traduziu; e é isso o que observamos na *Nise lauriada* de Bermudes, que elle de certo não copiou de Ferreira, que nunca tractou tal assumpto.

Esta Tragedia, que tem por objecto a coroação de D. Ignez de Castro, depois de morta, e a vingança que D. Pedro tomou dos deus Conselheiros que tramaram, e levaram a effeito a morte daquella infeliz Dama, é na verdade muito inferior á primeira Peça, o que se deve á inferioridade do assumpto, não tragediavel para me servir da expressão de Alfieri, mas não deixa por isso de nella se encontrar a cada passo o estylo, e modo de pensar, e de versificar de Ferreira na Castro, e para prova disto citei um trecho della, no que me parece que farei serviço aos Leitores portuguezes, para a maior parte dos quaes esta Tragedja, e a *Nise lastimosa*, tem sido absolutamente desconhecidas, pois em nenhum dos nossos livros as encontrei ainda mencionadas.

## REY.

Que piedad quisieras tu que usara  
Com estos tres honrados Castellanos,  
Que acá pensaban guarecer su vida?

COND.

Que no los entregaras a la muerte.

REI.

A su Rey les entrego, deles vida.

COND.

Quitola a quien la suia habia dado.

REY.

Jusgue-lo Dios !

COND.

Si, juzgará que es justo.

REY.

Los hombres no porque los juzguen Reys.

COND.

Juzganlos mal los que no les mantienen  
Las leys, y costubres que los salvan.

REY.

Que ley salvaba a estos ?

COND.

La que salva

A quien en ti se ampara, y puede poco.

REY.

El Rey que no se venga puede menos.

COND.

El Rei, que ampara a muchos puede mucho.

REY.

De mi se han de amparar contra mi hermano ?

COND.

Hermano es hoy el que innemigo ayer.

REY.

No me entrega los otros alevosos ?

COND.

Entrega, y trueca digna de memoria !

Trocara los justos por los pecadores,

Los inocentes per los desalmados !

REY.

Tan inocentes te parecen estos ?

COND.

Si no lo han sido acá debieran sello,  
O por tales juzgados alo menos ,  
Al sagrado acogidos de tu Reyno.

REY.

Valiera les sagrado alá en Castilla ?

COND.

Ni aca tampoco pues assi lo quieres.

REY.

Es cosa justa que los otros vengan.

COND.

Es cosa injusta que estos alla vaian.

REY.

Alla se lo haga el Rey que los juzgare.

COND.

E alla se lo hayas tu que los entregas.

Este dialogo energico, rapido, e cortado não se assimelha a muitos que lêmos na Castro? Juntemos a isto o primeiro Choro do terceiro Acto, escripto em versos safficos, e adonicos, como os dous da primeira Tragedia.

Todos agora nos regocijuemos,  
Todos cantemos el triumpho, y gozo  
Destas solemnes, y sagradas bodas  
Tan deseadas.

Todos al tono de los Seraphines  
Demos al Cielo la debida gloria,  
Y la gososa pas al amoroso  
Orbe de Luso.

Los refulgentes Cielos, y Planetas  
Vangan a punto con los Elementos,  
Y todos juntos a porfia canten  
Gloria tanta.

Los Coimbranos montes, y collados  
Desde su cumbre leche, y miel destilan,  
Como la antigua Poesia canta  
Sabiamente.

Los regulados arboles, y plantas  
Por regocijo su frescura muestren,  
Vease en ellos quan alegre torna  
La Primavera.

Las violetas, y las matutinas  
Rosas, y flores de rocio llenas,  
Todas se ofrescan ala coronada  
Nise famosa!

Las Avecillas, que sus quexas suelen

Hir de una en otro ramo recantando,  
Con melodía de suave canto  
Rompan el Cielo.

Las plateadas agoas del Mondego  
Con su murmureo blando se componjan,  
Para pujar sobre las de Hypocrene  
En la blandura.

Los amorosos Phaunos, y Silvanos,  
Las Amadrias, Dryades, Napeas  
Sus lyras toquen, y discanten estos  
Dulces amores.

Las sacras Musas su furor divine  
Todo le empleen, todo lo derramen  
Solemnisando con Apollo fiestas  
Tan gloriosas.

Venga pues, venga todo lo creado  
Al regocijo de la laureada  
Nise, de niñas, y amorosas almas  
Almo dechado.

Deste Choro consta, que os campos de Coimbra no reinado d'El-Rei D. Pedro I. estavam incados, e povoados de um grande numero de Driades, Napeas, Amadriades, Phaunos, y Silvanos, e que as raparigas daquelle contorno tinham grande conhecimento destas deidades rusticicas, aliás não fallariam tanto dellas neste seu Choro. Estas idéas mythologicas, podem, como dissemos em outra parte, figurar bem em uma Ode, ou outro Poema em que o Poeta falle em sua propria pessoa, mas admitti-las nos Choros de uma Tragedia de assumpto nacional, e em que os heróes sam Christãos, com o devido respeito, me parece um completo disparate.

Temos, ao que nos parece expendido quanto é necessário para os Leitores resolverem, com conhecimento de causa, esta questão, mas parece-me que a opinião do Sr. D. Francisco Martinez de la Rosa a este respeito deve ser maduramente considerada.

Do exame dos diferentes Poemas do Doutor Antonio Ferreira me parece, que se deduz que é elle o mais clássico, e correto dos nossos Poetas antigos, bom Lyrico, e Elegiaco para o seu tempo, melhor Sonetista, e Boclico,

excellente Epistolar, e si as duas Comedias, e a Tragedia *Castro* sam verdadeiramente suas, o melhor Poeta Comico, e Tragico do seculo, em que floresceu.

O Doutor Antonio Ferreira foi sepultado no cruzeiro da Igreja do Convento do Carmo, e sobre a sepultura collocaram uma lapida com o seguinte epitaphio latino.

Hic Doctor jacet é Cathedra quem jura tonantem  
 Mente avida audiret Bartholus, imo Solon,  
 Carmina scribentem cythara sequeretur Apollo,  
 Diceret et numeris non satis esse Chelin.  
 Jus et Pieridas Patria decoravit, amore  
 Illius hoc capiti laurea major erat  
 Nec Vati magnum, ac fuerit quod in Urbe Senator,  
 Sed suo quod regnum scripta Thalia regit.  
 Si legis, una tuos componet Epistola mores,  
 Maximus est Doctor, qui docet é tumulo.

Na cabeceira desta lapida está escripto, «Epitaphio do Doutor Antonio Ferreira, Lente que foi da Universidade de Coimbra, Desembargader da Relação, raro Poeta. Faleceu no anno de 1569.» Esta inscripção era indispensável para saber-se de quem era a sepultura, visto que o epitaphio o não diz.

Pelo terremoto de 1755 caiu o tecto da Igreja do Carmo, e é talvez por isso que o Author da Vida do Poeta, que acompanha a edição de 1771, que eu julgo ser obra do Professor Regio Pedro José de Fonseca, adverte que no seu tempo estava quebrada a lapida, e com dous disticos de menos; hoje essa igreja está tornada em officina de serrador, sabe Deos, que caminho terão levado os ossos do Horacio Lusitano.

## CAPITULO V.

*Diogo Bernardes.*

Passar de Ferreira a Bernardes é descer alguns degraus na escala do merecimento poetico, e sem embargo disso foi elle sempre Poeta mais popular, e mais conhecido do que Antonio Ferreira, de quem Bernardes se contentou sempre de ser havido por discípulo, de quem foi sempre amigo, consultando com elle os seus escriptos, e respeitando-o como mestre.

Os Biographos de Bernardes não só discordam uns com os outros, mas até consigo mesmos ácerca da sua patria, filiação, e data do seu nascimento.

O Abbade Barbosa no primeiro Tomo da sua Biblioteca Lusitana diz, que foi natural da Villa de Ponte da Barca, e filho de Diogo Bernardes Pimenta, e de Anna Dias Pimenta, sua mulher, porém no Tomo quarto, da mesma obra, diz que seus Pais foram João Rodrigues de Araujo, e Catharina Bernardes Pimenta, e nem naquelle, nem neste logar assigna a data do seu nascimento.

D. Antonio da Visitação Freire de Carvalho, Conego Regrante, e Director da Classe de Literatura da Academia Real das Sciencias de Lisboa, concordando com a segunda opinião de Barbosa, quanto á filiação do Poeta, affasta-se della quanto á patria, dando-o por nascido em Ponte de Lima, e por uma conjectura, que parece aproximar-se muito á verdade, colloca a epocha do seu nascimento entre os annos 1530, e 1540, não podendo em caso algum exceder este ultimo anno, por que nelle nasceu Frei Agostinho da Cruz, que indubitavelmente era mais moço que seu irmão Diogo Bernardes.

Manoel de Faria e Sousa nos seus Comentarios ás obras de Camões, fallando de Diogo Bernardes no discurso, que segue a Ecloga VIII. tambem diz, que nascera em Ponte de Lima. Apesar da autoridade de dous homens tão

eruditos; apesar de Barbosa haver abandonado parte da sua primeira opinião, eu com o Author do Agiologio Lusitano, a perfilho toda inteira, por uma razão, que me parece ponderosa.

O Padre José Caetano de Mesquita, Reitor que foi do Seminario Patriarchal de Santarem, e Prior da igreja de S. Lourenço de Lisboa, foi Editor das poesias de Frei Agostinho da Cruz, irmão de Diogo Bernardes, e diz na Biographia, com que acompanhou os Escriptos daquelle Poeta, que elle fôra filho de Diogo Bernardes Pimenta, e nascera em Ponte da Barca, e esta assersão me parece decisiva não só por conhecer a Mesquita por homem instruído, e diligente, mas porque sei de scienza certa, que elle para ordenar o seu opusculo examinára os registos dos conventos de S. José de Ribamar, e da Arrabida, que é natural que fossem exactos no que respeitava á filiação, e naturalidade daquelle Religioso.

Ponte da Barca é uma povoação, que fica a obra de meia legoa da Villa dos Arcos, ao Sul do Rio Lima, e nesta villa vivia Diogo Bernardes Pimenta, Cavalheiro de boa linhagem entre as da Província do Minho, e muito estimado dos seus patrícios, pelas optimas qualidades, de que era adornado.

Este Diogo Bernardes houve de sua mulher D. Anna Dias Pimenta dous filhos, ambos Poetas, a saber, Diogo Bernardes, de que tractamos neste Capítulo; e Agostinho Pimenta, mais conhecido pelo nome de Frei Agostinho da Cruz, que tomou quando vestiu o habito de S. Francisco, de quem fallaremos adiante.

Nasceu pois Bernardes na Villa da Ponte da Barca, e é natural que a sua educação não fosse muito esmerada porque em seus escriptos se não descobrem vestígios de grande saber: houve porém da natureza bastante engenho, e muita propensão para a Poesia, a que deveu depois ser muito aceito na corte, e honrado com a amizade dos melhores Poetas, que então floresciam como Sá de Miranda, Caminha, Jeronymo Corte Real, Antonio de Castilho, e o Doutor Antonio Ferreira, que valia mais do que todos elles.

Dizem que Diogo Bernardes concebera o projecto de escrever a Historia Geral do Reino, porém disistiu des-

sa empreza, ou pela reconhecer muito superior ás suas forças, ou por falta de quem o animasse para isso, ou por outra razão, que não chegou ao nosso conhecimento.

Desejoso de augmentar os seus meios de subsistencia, que das suas obras consta que não eram muitos, e de exercer uma vida mais activa, tomou a resolução de acompanhar á corte de Madrid, em qualidade de Secretario, o seu amigo, e protector Pero de Alcaçova Carneiro, que El-Rei D. Sebastião havia nomeado seu Embaixador junto de Filipe II.

É muito probavel, que uma corte, a que presidia o tetrico, austero, e desconfiado Filipe II. fosse habitação não só pouco propria, mas sobre maneira desagradável para um Poeta de temperamento alegre, e com a phantasia preocupada de quadros eroticos, e pastoris. Affeito aos costumes amenos de Portugal, á alegría tumultuosa dos Cortezãos de Lisboa, aos bailes, saráos, momos, e mais divertimentos do nosso Paço, como se não acharia estranho entre os Aulicos taciturnos, que copiavam, e exageravam os modos de affectada devoção de um Monarca sempre rodeiado de Frades, de Inquisidores, sempre meditando vinganças, e cujo rosto nunca se desfranzia? de um Monarca, que á semelhança dos Soberanos Orientaes, raras vezes apparecia em público, e sómente para assistir a algum Auto da Fé, a algumas Procissões, e algumas festas de ingreja, que eram os seus unicos recreios, os seus unicos divertimentos?

O desterro de Thormes não podia ser mais desagradável para Ovidio, costumado ás delicias, e aos prazeres da capital do mundo, do que para um Poeta do caracter do Cantor do Lima a habitação de Madrid, de Santo Ildefonso, e do Escurial, guardada pelo terror, a etiqueta, e o silencio, e sobre as quaes continuamente pairava a sombra ensanguentada do Príncipe D. Carlos derramando o medo, e a tristeza sobre todos os corações.

Parece com effeito que Diogo Bernardes não trouxe de Madrid nem saudades, nem recordações; pelo menos não transfloram ellas dos muitos versos, que nos deixou.

Tornando á patria continuou Diogo Bernardes cortejando as Musas, e a Fortuna, mas com diferente resultado; as Musas o consolavam nos seus desgostos, e lhe grangeavam estima, e reputação; mas a Fortuna caprichosa, e ingrata, si ás vezes por demais lhe sorria, de pressa lhe voltava as costas.

Havendo El-Rei D. Sebastião sahido de sua minoridade, e tendo tomado posse do governo, começou a desenvolver-se o plano tenebroso, e traiçoeiro dos Jesuitas por quem se governava, que era conduzi-lo ao precipicu para assim sugeitarem Portugal á Hespanha.

Fanatisado por elles julgava o Monarca moço, e inexperiente, que para subjugar toda a África bastava desembarcar em suas praias, e ameaçar a Mourisma com a sua espada. Despresando o conselho dos fidalgos velhos, encanecidos nos combates da Mauritania, que lhe representavam os perigos de semilhante expedição, e a insuficiencia das forças, que para ella apparelhara, só dava ouvidos aos Cortezãos da sua idade, que nunca tinham visto a guerra, ás rogativas do Xarife, que lhe prometia uma sublevação dos Mouros a seu favor, e ás promessas dos Jesuitas, que lhe asseguravam a victoria em nome do Ceo.

O Rei contava tanto com o bom exito da expedição, e a certeza do triumpho, que resolveu levar consigo um Poeta, que presenceasse as suas proezas, e as descantasse, e consignasse á posteridade em um Poema, digno do seu nome.

Parece que a escolha devia naturalmente recahir em Luiz de Camões, reconhecido por militar de grande esforço, versado na guerra com os barbaros, tanto na África, como na India, e, o que é mais, que acabava de publicar o seu Poema dos Lusiadas, que fôra recebido com os mais vivos applausos. Mas Luiz de Camões era aborrecido dos Jesuitas, e dos seus devotos, e o pobre Diogo Bernardes, que de todos os Poetas da epocha era talvez o menos proprio para aquella empreza, foi lembrado por aquelles padres, e por desgraça sua acceito, e accompanhou El-Rei naquelle empreza malaventurada, e tão funesta para o reino.

Ninguem ignora o lamentoso resultado da batalha, da-

da nas margens do Mocazem, a quatro de Agosto de 1578, em que morreram trez reis, e se eclipsou a gloria de Portugal.

Naquelle batalha combateu Diogo Bernardes com ex-forço verdadeiramente Portuguez, e nella ficou prisioneiro com muitos outros companheiros do seu valor, e dos seus infortunios.

Captivo de barbaros, pobre, e carregado de trabalhos pôde bem fazer-se idéa, de qual seria a vida do Poeta entre aquelles povos barbaros, e despeitados com invasão tão recente, e o que é mais tão injusta, e não provocada.

Bernardes, que era devoto, e destituido da força d'alma, que nem sempre se une com a valentia militar, e que depende da philosophia, que elle não tinha, se consolava compondo grande quantidade de Poesias espirituales, que apenas servem de nos dar idéa de seu abatimento de espirito, e dos trabalhos, que passava. Tal é uma Canção á Virgem, cujos terceiro, e quarto ramos sam os seguintes.

Oh Virgem das mais Sanctas a mais Sancta,  
Do inconstante mar fiel Estrella,  
Porta do Paraíso, estrada, e guia.  
Volvei os olhos bellos, Virgem bella,  
Vede tanta tristeza, magoa tanta,  
Quanto com magoa choro noite, e dia  
Não me deixeis sumir, doce Maria,

Neste profundo pégo :  
Porque Povo tão Cégo  
Como se ri de mim de vós não ria,  
E saiba que deixastes castigar-me  
Por gran pecado meo,  
E não por não poder do seo livrar-me.

Oh Virgem de humildade, e graça cheia,  
Que converteis em riso o triste pranto,  
Da triste, miseravel vida nossa.  
Como vos cantarei alegre canto  
Captivo, sem repouso em terra alheia,  
Entre barbara gente imiga vossa ?  
Desatai vós esta cadeia grossa,

Que meos erros sem fim,  
Forjaram contra mim,  
Porque solto por vós cantar-vos possa  
Nas ribeiras do Lima sem receio ;  
Oh Madre de Jesus,  
Não do turvo Lucus de sangue cheio.

O resto é da mesma força. Dirá alguem que estas regras de prosa, porque poucas ha entre ellas, que mereçam o nome de versos, não sam mais uma variante da Ladinha, que um canto lyrico sahido do espirito de um Poeta ? Não estarão no mesmo caso os Sonetos ás Cinco Chagas do Redemptor escriptos neste gosto.

### SONETO.

Que flores vos darei tão peregrinas,  
De tão suave cheiro, de taes côres,  
Que fiquem junto dellas baixas flores  
Os Lirios, as Violas, e as Boninas ?

Que rimas cantarei, que sejam dínas  
De receber em si vossos louvores,  
Oh hum só amor meo, oh cinco amores  
Oh chagas de Jesus, chagas divinas !

Em lugar destas flores, que não tenho,  
Em lugar destas rimas, que não canto,  
Hum puro amor vos dou, que dar-vos posso !

N'elle mui comfiado a vós me venho,  
Que sei que pode amor comvosco tanto,  
Que destes por amor o sangue vosso.

Aquella dor immensa, que sentiram  
Comvosco os membros seus chagas serenas,  
Fazei que chore, e cante, escreva, e sinta.

Papel seja a minha alma, sejam pennas  
Os tres Cravos crueis, que vos abriram,  
Tinteiro o lado seja, o sangue tinta.

Será falta de intelligencia minha ; mas ingenuamente confessó, que não posso descobrir nestes versos, já não digo elegancia, correção, e poesia, mas nem se quer propriedade, decôro, e verdadeira compunção religiosa ! A que vem aqui tantos contrapostos, tantas methaphoras, mal apropriadas, tantos conceitos esquisitos, *hum amor, e cinco amores, flores que não tenho, rymas que não canto &c.* ? É semilhante affectação propria para tractar assuntos desta natureza ?

Assim foi Bernardes entretendo o longo, e penoso tempo de seu captiveiro, longo por sua duração, e mais longo pela saudade, que devia ter das commodidades da patria, da conversação dos amigos, e parentes, e pelos ruins tractamentos, e trabalhos desacostumados, e zombarias, que necessariamente havia sofrer de um povo barbaro, naturalmente cruel, juntando-se a tudo isto a pouca esperança , que a sua pobrezâ lhe dava , de ser em breve resgatado.

No entanto Filipe Segundo ajudado das armas do Duque d'Alba, das intrigas dos Jesuitas, do Clero, e da Nobreza, que por deligencias de D. Christovão de Moura, que distribuia por ella cédulas promissorias de grandes recompensas, havia conseguido assenhorear-se do Throno Portuguez, usurpado á Sereníssima Casa de Bragança, a quem de direito pertencia, e desejando popularisar-se, tractou de remir o cadaver d'El-Rei D. Sebastião, seu sobrinho, e os Portuguezes captivos em Africa, e com elles voltou á patria o nosso Diogo Bernardes.

Passado o primeiro alvoroço de vêr-se livre de ferros, e no meio dos seus patricios, e amigos, sentiu Bernardes bater-lhe á porta a mão ferrenha da necessidade. Pobre, e arruinado de saude, pelo muito, que padecera no captiveiro, que al podia elle fazer, que recorrer á beneficencia, e protecção dos amigos, e fidalgos, que n'outro tempo o festejavam, acolhiam, e louvavam os seus talentos ? Mas os amigos depreça se cançam, e os grandes, prodigos de boas palavras, raras vezes se tornam em efectivos proctetores do homem de engenho , que a elles recorre na indigencia.

Da Ecloga XVI. só deprehendo que Diogo Bernardes recorreu a dous homens mui poderosos naquelle tempo,

Francisco de Sá, e D. Christovão de Moura, a fim de alcançar um emprego em recompensa dos seus serviços.

## BICITO.

Huma couza de ti saber queria,  
Ou muitas, si tu mais vagar tiveras,  
Mas deixemos das mais a demasia.

Quaes são esses amigos, em que esperas  
De tornar desta vez avantajado  
Correndo novos Mundos, novas eras?

## BIEGO.

Sam dois, e para mais hir comfiado,  
Hum tem de Christo o nome, outro daquelle  
Que foi das suas chagas assignado.

Ambos tanto favor alcansam delle,  
Que comtarte não posso os seos louvores  
Por mais que nisso cance, e me desvelle.

Ambos sam hum refugio dos Pastores,  
Ambos por amar todos sam amados,  
Dos grandes, dos meaos, e dos menores.

Ambos por serem nisso doutrinados  
Repartem a cada um como merece  
O passo no bom campo, ou nos montados.

Amor, nem desamor, nem interesse  
Os torce dos caminhos da verdade,  
A justiça, a razão nelles florece.

Ambos esteios sam da nossa edade  
Trabalhosa por certo, ambos espelho  
Da sãa prudencia amigos da bondade.

Usam do mando seu com tal conselho  
Que quem os nunca vio, os louva, e ama,  
Pois que fará um seo amigo velho?

Emfim que destes dois bem tem a Fama  
Que contar por mil bocas annos mil,  
Que por tantas se diz, que a voz derrama.

## BICITO.

Lembra-me que por Março, e por Abril  
Já desses dois Pastores me contaste  
Encerando de novo o Arrabil.

Que posto que quem sam não declaraste,  
Seo nome vai yôando pelo Mundo.  
Sem do tempo temer nenhum contraste.

O primeiro, olha tu si bem me fundo,  
De Christo ser Christovão se deriva,  
Por certo que Francisco he o segundo.

## BIEGO.

Bofé, que tens mui gran maginativa,  
Hum nome tem, tem hum por sobrenome  
Moura, tem outro Sá de casta altiva.

Qualquer pois destes dois que a cargo tome  
Pinchar-me na piscina, como espero,  
Tu me verás bem sã do mal da Fome.

Bernardes tinha razão de esperançar-se na protecção de taes douos homens; então de grande valia em Portugal, e com especialidade na de D. Christovão de Moura, que como grande Privado do Usurpador podia tudo; mas sem embargo disso o nosso Poeta houve de contentar-se com o officio de *Moço da Toalha*, que exerceu durante todo o tempo da governança do Cardeal Alberto, Vice-Rei de Portugal por Filipe II.

Creio que foi neste tempo que Bernardes mudou de estado, casando com uma senhora de distinta extracção, mas de que a Historia nos não transmetiu o nome; mas é certo que destrahido por este casamento abandonou por algum tempo o culto das Musas, como elle proprio assevera na Carta XXIV. a D. Manoel Coutinho.

Passou aquelle tempo, em que sohia  
Cantar versos alegres, e suaves  
Junto do Patrio Lima á sombra fria.

Carregaram em mim cuidados graves,  
Depois que me entreguei ao Hymeneo,  
Que fecha a Liberdade com mil chaves.

Ando das brandas Musas tão alheo  
Tão longe da Hypocrene, e do Parnaso  
Tão sumido nas agoas do Letheo.

Que tenho pouco gosto, e menos aso  
Para poder formar hum culto verso,  
Si não sahe da penna algum acaso.

Que os ultimos annos da sua vida se passaram no meio das privações, e da pobreza, é facto, de que não pôde duvidar-se á vista das suas obras, em que solta repetidos queixumes contra a sua sorte; basta citar o seguinte trecho da Carta ao Marquez de Castel-Rodrigo, D. Christovão de Moura.

A muito não se estende o meu dezejo;  
Não presumo de mim que em vaso estreito  
Recolher possa o Douro, o Lima, o Tejo,  
Só a podér viver tenho respeito;  
Antes que em mó miserio a vida caia,  
Com pouco fica o Pobre satisfeito.

Descuido, ou maior falta inda seria  
Faltar-me em regia caza pão, e panno  
Como quando servi em Berberia.

Fazei conta, Senhor, que El-Rey me empresta,  
A mercé, que por vós, delle pertendo,  
Por que de vida já pouco me resta.

Semilhantes queixumes foram em diversos tempos repetidos por grandes Poetas, e com exito igualmente infructuoso, Camões, Santos e Silva, Bocage, e muitos outros pereceram de miserio no meio de uma nação despresadora das Artes, e que em tantos seculos de duração inda não teve uma epocha notavel pela protecção das Letras, e auxilio dos seus cultores. Vêja-se tambem a Carta XXVII. a D. Gonçalo Coutinho, a que dirigiu ao Licenciado João Pimenta seu sobrinho, a Jorge Baccarrau, e finalmente todas as que escreveu aos seus amigos íntimos, nas quaes se não cança de pintar energicamente a diferença dos ultimos tempos da sua vida, comparados áquelles, que os haviam precedido; e com tudo Bernardes tinha serviços, que alégar como soldado, pois combatéra valorosamente, e derramára seu sangue na batalha de Alcacer Quibir, e gemera por alguns annos na escravidão dos Barbaros.

Da Carta XXX. a Gaspar de Sousa, sobrinho de D. Christovão de Moura, se conhece que Diogo Bernardes havia formado o projecto de colligir, e publicar as poe-

sias dos seus contemporaneos, que vagavam dispersas, e ineditas por mãos de alguns curiosos.

Si véjo, como espero, responder-me  
De maneira que possa a mais quieto  
Com as Musas emocio recolher-me.  
De juntar os bons versos vos prometto  
Dos Poetas insignes Lusitanos,  
Approvados por Phebo em seo Decreto.

Deve ser objecto de grande magoa para os amadores da gloria Literaria deste reino, que Bernardes por falta de protecção não podesse desempenhar este projecto, visto que taes poesias eram nada menos que as de Sá de Miranda, Camões, Ferreira, Caminha, Antonio de Castilho, e muitos outros, cujos escriptos pela maior parte se perderam, ou se imprimiram postumas muito tempo depois, e Deos sabe com quantas faltas, e alterações, que as deturpam, e desfiguram.

Illudido pelas promessas dos Grandes, rodeiado de desgostos, e de privações, e atido quasi aos restos do escasso patrimonio, que herdára de seu Pai, entregue ao cultivo das Letras, e ás praticas de devoção, ultimo conso-lo, e refugio dos desgraçados, quando o seu coração se comprome, e murcha na desventura, passou Diogo Bernardes o derradeiro periodo da sua existencia, até que a morte veio cobrar delle o feudo irrimissivel, em Lisboa, em 1596, e foi sepultado na igreja de Santa Anna, então Freguezia, em jazigo proximo áquelle em que Luiz de Camões jazia desde o anno de 1579.

As poesias de Diogo Bernardes não foram publicadas por elle, á excepção do *Lima*, que sahiu á luz no mesmo anno do seu fallescimento, impresso em Lisboa, formato de quarto; e esta circumstancia pôde ser sufficiente desculpa da falta de boa classificação, e das muitas negligencias, que se encontram em quatro volumes publicados por Editores, em differentes annos, a saber  
*Rimas varias, Flores do Lima.* — Lisboa, 1597, em 8.<sup>o</sup>  
*Rimas Portuguezas, e Castelhanas.* — Lisboa, 1601, 8.<sup>o</sup>  
*Varias Rimas ao Bom Jesus.* — Lisboa, 1616, 8.<sup>o</sup>  
*Rimas Devotas.* — Lisboa, 1622, 8.<sup>o</sup>

Não foram porém só estas as obras, que Diogo-Bernardes deixou. Em um Cancioneiro, que se conservava na livraria do Cardeal de Sousa, em manuscrito, e que se consumiu no incendio subsequente à Terramoto de 1755, existiam de Bernardes cento e dezesseis Sonetos, vinte e seis Eclogas, cinco Cartas, quatro Canções, e uma Ode, que Diogo Barbosa Machado, na sua Bibliotheca Lusitana, affirma ter elle proprio visto, e examinado.

As poesias de Bernardes, que possuímos impressas, consistem em Sonetos, Canções, Eclogas, Epistolas, Elegias, Epigrammas, Cantigas, Vilancetes, Sextinas, Voltas e outras Trovas no gosto da antiga poesia nacional. Parte destas obras sam escriptas em lingua Castelhana, parte spirituaes, e parte profanas.

De todas estas poesias as peiores sam sem dúvida as de devoção, os Poetas Portuguezes, e com especialidade os antigos, raras vezes encontram o lado poetic do Christianismo, e por isso as suas poesias sacras não passam de orações em verso, antiphonas, jacobatorias, e responsos, escriptas em estylo prosaico, e quasi sem sabor de poesia.

Para maior desgraça, Bernardes escreveu estas poesias, ou no meio do desalento, e oppressão de espírito, provenientes do seu captiveiro em Berberia, ou nos seus últimos annos, quando com as forças se lhe ia tambem esmorecendo o estro, e já se vê, que estas duas circunstâncias não podiam ser favoraveis para a perfeição destas composições. Bernardes contenta-se de recordar a graça inexaurivel do Redemptor, a sua misericordia, o muito que o peccador deve affligir-se pelo haver offendido, o medo das penas eternas, e outros semelhantes topicos, que ainda que se revistam de phrases poeticas, não podem arrebatar a imaginação, e eleva-la ás regiões do sublime.

Com esta poesia de Cartilha junta Bernardes, em alguns Sonetos á Virgem, certa tinctura de amor romântico, que dá bastantes visos de puerilidade, tal é o seguinte

## SONETO.

Oh Virgem bella, e branda, quem já vira  
 Este coração meu tão imflamado  
 Em vosso doce amor, que outro cuidado  
 Outro querer em si não consentira !

Oh quem azas me dera que subira,  
 Das aflicções humanas desatado,  
 A tão seguro, e venturoso estado  
 Onde em vão não se chora, nem suspira.

Em tanto como pode desejar-vos  
 Sem culpa, quem reparte o seo desejo  
 Tudo devido a vós sem faltar nada.

Tal vos véjo, Senhora, e tal me véjo,  
 Que sei de mim que não mereço amar-vos,  
 Merecendo vós só de ser amada.

Se algum Editor de Bernardes imprimindo este Sone-  
 to substituisse no principio do primeiro verso a palavra  
*Virgem* pelo nome de *Nise*, ou de *Laura* estou certo de  
 que nenhum Leitor suspeitaria que estava lendo um So-  
 neto espiritual.

Peior acontece ainda quando os sentimentos de Ber-  
 nardes se exprimem nas trovas do antigo estylo, é en-  
 tão, que os seus pensamentos se tornam mais pueris, e  
 a sua expressão mais prosaica como acontece nestas can-  
 tiguinhas de cégo dirigidas á sua alma.

Alma minha, oh alma  
 De ti esquecida,  
 Por que dás á vida  
 De ti mesma a palma !

Ella te maltrata,  
 Tu traz ella corres,  
 Por que tanto morres  
 Pelo que te mata ?.

Quanto só deseja  
 Quanto se procura,  
 Dou-lhe que se vêja,  
 Que vale o que dura ?

Não sei d'onde vem  
 Desconcerto tal,  
 Trocar certo bem  
 Por mui certo mal.

Será isto poesia ? Serão isto versos, que mereçam tal nome ?

Entre estas obras devotas ha trez Poemas em oitavas ryma *As Lagrimas de S. Pedro*, *As Lagrimas de S. João Evangelista*, e *Santa Ursula*. Nos douz primeiros ha muita affectação, conceitos, torcadilhos, mas nada que tenha sabor de poesia : para se julgar do modo por que sam escriptas citarei as seguintes Estanças das Lagrimas de S. João, que assim mesmo valem mais, que as de S. Pedro.

Mas já que a minha dôr não pôde tanto,  
 Oh amor da minha alma, oh meu Senhor,  
 Que rompa desta vida o carnal manto,  
 Como não morro eu de puro amor !  
 Disto corrido estou, disto me espanto,  
 Inda que de crér he, meo Redemptor,  
 Que com amor penando me detendes,  
 Por que mereça, amando, o que me tendes.

Com tudo nesta triste despedida  
 A vida, que de vós, Senhor, se parte,  
 Leva comsigo o bem da minha vida,  
 E de minha alma leva a melhor parte,  
 A qual anda comvosco tão unida,  
 Que vos seguirá sempre em toda a parte,  
 Que não pôde appartar tempo, nem morte  
 O que juntou amor muito mais forte.

Os Pais destes crueis, des que sahiram  
 Da dura sugeição d'Egypcianos,  
 Falta, por mercê vossa, não sentiram

Duraram-lhe os vestidos quarenta annos,  
E dos vossos os filhos vos despiram,  
Si filhos estes sam de Homens humanos,  
Nessa Cruz vos pregaram nú, e pobre,  
Huma toalha nella só vos cobre.

Corrido de um oprobrio tão esquivo,  
Esconde o claro Sol seos raios de ouro,  
A Terra, sem ter mais outro motivo,  
Treme, o Leão urra, e brama o Touro;  
E eu que vivo em vós, e em mim não vivo,  
Morrendo vós assim, como não morro?  
Que maravilha é esta tão estranha?  
Que vida sem a minha me acompanha?

A' vista destas Estanças, forçoso é confessar, que o estylo de Frei Jeronymo Vahia, e de Antonio da Fonseca Soares, é muito mais antigo do que se pensa; a diferença está só em que estes doux Poetas nunca versificaram tão prosaicamente.

O Poema de Santa Ursula é na verdade producção de outra ordem, e merito poeticó, posto que não seja um modelo do genero; porém Manoel de Faria e Sousa intentou por elle a Diogo Bernardes um processo de pelagiato, accusando-o de o haver roubado a Camões, cujo era, dando-o por seu, com pequenas alterações para peior. E pertendeu provar o facto com grande apparato de razões.

Esta opinião foi perfilhada pelo meu amigo José Victorino Barreto Feio, na edição das obras de Camões, que publicou em Hamburgo, e que é a melhor, que se tem feito até ao presente. Não posso deixar de accommodar-me com o parecer destes eruditos, porque véjo que o Poema de Santa Ursula, pelo estylo, e pela versificação é muito superior a quanto podia esperar-se de Diogo Bernardes. Voltaremos ao assumpto quando se tractar das Eclogas.

Bernardes me parece muito mais feliz nas Elegias, do que nas Canções, nos Sonetos, e outras poesias lyrics. Entre ellas creio que se deve distinguir a seguinte, composta em Berberia, para desaffogar as saudades da patria, e deplorar a malaventurada expedição de Alcacer,

motivo do seu captiveiro. Esta Elegia é um Poema quasi perfeito no seu genero.

### ELEGIA.

Sobre hum alto rochedo em Berberia  
O sem ventura Alcido se sentava,  
Quando o cruel Senhor lho concedia.

Ali seo fraco corpo repousava,  
O trabalho do seo cansado espirto  
Naquelle vão repouzo se dobrava.

Em suspiros envolto, choro, e grito,  
Soltava pelos ares estrangeiros  
O mal, que na sua alma estava escrito.

A vista dos fructiferos outeiros,  
Dos cristallinos Lagos, e das Fontes  
Fazia de seos olhos dois Ribeiros.

Lembravam-lhe outros valles, outros montes,  
Outras agoas mais claras, outros Rios,  
Outros mais affastados horisontes.

Lembravam-lhe outros bosques mais sombrios,  
Verdes no frio inverno, e abrigados,  
E quando o Sol mais arde então mais frios.

Lembravam-lhe outros mais floridos prados,  
Outros ares mais leves, mais suaves,  
A' vida humana mais accomodados.

Lembravam-lhe outras feras, outras Aves,  
Outras hervas, e flores, outras plantas,  
E outros pensamentos menos graves.

Emfim que suas magoas heram tantas  
Quantas naquelle parte as causas heram,  
Que de muitas não posso dizer quantas.

Hum dia, que mais largo espaço deram  
Os vis trabalhos seos, a seos queixumes  
Os echos com som novo responderam.

Os asperos, incultos, altos cumes,  
Não de nocivas Feras habitados,  
Mas de gente de mais feros costumes.

E os valles, inda apenas cultivados,  
Mostravam desusado sentimento  
Os accentos ouvindo desusados.

“ Si lá, onde amor leva o pensamento,  
“ Tristes suspiros, (disse) vos levasse  
“ Algum não amoroso, e brando vento,

“ Não sinto, coração, que vos negasse  
“ Amor, e Saudade, o que comigo,  
“ Inda que de tão longe, não chorasse.

“ Mas este alpeste monte, duro imigo,  
“ Ondé ninguem de mim se move á magoa,  
“ O vento não vos quer levar comsigo.

“ Pelas concavidades desta fragoa,  
“ Sereis confusamente repetidos,  
“ Em quanto a dôr tirar dos olhos agoa.

“ Quantos longe daqui tenho perdidos  
“ Foram, inda que tristes, venturosos,  
“ Por serem, quando menos, entendidos.

“ Nos antros d'outros montes cavernosos  
“ Em peitos, onde nunca entrôu brandura,  
“ Moveram mil afectos amorosos.

“ Ah vida no melhor menos segura !  
“ Quem podia cuidar quando cantava,  
“ De Silvia a peregrina formosura,

“ Quando da prisão d'alma me queixava,  
“ Que já divina mão cá nesta parte  
“ Estes pesados ferros me forjava.

“ Mas pouca rasão tenho de culparte,  
“ Porque, sendo de Phebo, e de Cupido,  
“ Hum, e outro deixei por seguir Marte.

“ Não choro quanto a mim vêr-me perdido ;  
“ Choro que vi perder em breve espaço  
“ Hum Rey tão belicoso, e tão temido.

“ Na ventura lhe foi o Ceo escasso,  
“ Tanto quanto em esforço liberal  
“ O que bem nos mostrou seo forte braço.

“ Que nunca Scipião, nunca Annibal  
“ Fizeram nos imigos tal estrago,  
“ Mas emfim contra mil hum só que val ?

“ Vendo a Morte que dava justo pago,  
“ A quem chegar-lhe perto não recéa,  
“ Enviou-lhe de largo o mortal trago.

- " Cahio na rubicunda, e ardente arca  
 " O Lusitano Rey, e a lingoa fria  
 " Deu o final suspiro em terra alhêa.  
 " Vai-te, animoso esprito á companhia  
 " D'outros mil, que por ti no Ceo esperam,  
 " Vai-te á vida melhor, a melhor dia.  
 " As azas, que, da Fama, se estenderam,  
 " Teu nome espalharão pelo universo,  
 " Como teus pensamentos pertenderam.  
 " Eu triste, e só nos montes que converso,  
 " Em quanto me durar a vida breve,  
 " A ti darei meu pranto, a ti meu verso.  
 " E não aliviará o tempo leve  
 " A pezada tristeza, em que me véjo,  
 " Que si pôde ser mór, mór se te deve.  
 " Ai triste Rio Lima, ai triste Téjo,  
 " Quem vos tivera dentro do meu peito,  
 " Para poder chorar quanto dezenho !  
 " Que posto que me tem a magoa feito  
 " De lagrimas amargas viva fonte,  
 " Mais lagrimas me pede tal sugeito.  
 " E tu, pues só me escutas, duro monte,  
 " Si brando esprito algum dentro em ti mora,  
 " Em pallida converte a verde fronte.  
 " Ai triste Lusitania, triste chora,  
 " Que nunca para choro eterno, e triste,  
 " Tanta causa tiveste como agora.  
 " Aquelle, que com lagrimas pediste,  
 " Quando tão duramente a tenra vida  
 " Do Principe seo Pay cortada viste.  
 " Agora nesta sua despedida  
 " De lagrimas te quiz deixar herdeira,  
 " Ou inda a peior mal offerecida.  
 " Mas o Ceo o permita de maneira  
 " Que do teu rico sceptro Soberano  
 " Se conserve a potencia sempre inteira.  
 " Ah jornada infelice ! ah cégo engano !  
 " Deixar tão rica terra, hir a desterrados  
 " Por livrar de hum Tyrano, outro Tyrano.  
 " Ambos imigos nossos, ambos Perros

" Ambos despresadores da Cruz Santa,  
 " Ambos tinham hum culto, ambos mil erros.  
 " Quem poem os olhos nisto não se espanta,  
 " De permitir o Ceo castigo tanto  
 " A descuido tamanho, a culpa tanta.  
 " Dia cheio de dôr, cheio de espanto,  
 " Em quanto o Ceo der luz, verdura os prados  
 " Celebrado serás com triste pranto.  
 " Morrestes, Cavalleiros esforçados,  
 " Daquella multidão de bruta gente  
 " Vencidos não, mas de vencer cansados.

Este terceto vale uma Elegia! É uma grande idéa expressada com força, e mesmo com sublimidade.

" Soará vossa fama eternamente  
 " Da callida Ethiopia ao Norte frio,  
 " E donde o Sol nos nasce atue Poente.  
 " O mar não tomará corrente Rio,  
 " Que de choro não tenha o vaso chéo,  
 " Sendo do Lusitano Senhorio.  
 " Detem-te em seo materno tenro seo  
 " As flores, e as rosas encerradas  
 " Com dôr de quanto mal ás Nymphas vêo.  
 " As que sam a Diana dedicadas  
 " E as que de Juno guardam os preceitos  
 " De cá as véjo andar como pasmadas.  
 " Ferem com branca mão os ternos peitos,  
 " Descompoem suas transas de ouro fino,  
 " Seus olhos em mil lagrimas desfeitos.  
 " Rompem o Ceo sereno, e cristalino  
 " Os suspiros mortaes, que a Saudade  
 " Arranca de sua alma de contíno.  
 " O Filho, que perdeo na tenra edade,  
 " A magoada mã suspira, e chama,  
 " Movendo tudo em vão á piedade.  
 " Por seo amado Pay magoas derrama  
 " A innocent Moça em cuja vida  
 " A sua consistia, e honra, e fama.

*Magoas derrama* não o diria de certo Ferreira, destas e de outras incorrecções, que frequentemente se encon-

tram em Bernardes, e exhortava elle para que se emendassem.

« E tu do teu amor já desunida,  
 « Oh tristissima Espoza, como, e quando  
 « A ti mesmo serás restituída?  
 « O teu Espírito triste vai vôando  
 « Apóz do que se vai do Espozo caro  
 « Do corpo, que frio deixa, descuidando.  
 « O Sol, que nunca foi de luz avaro,  
 « Porque se vê de vós aborrecido,  
 « Não amanhece já formoso, e claro.  
 « O Tejo chora o seo valor perdido,  
 « O doce cristal seo corrente, e puro  
 « Em turvo, e amargoso, convertido.  
 « Ah vida, onde não ha gosto seguro,  
 « Quem menos de ti foge entende menos  
 « Quam pouco claro tens, e quanto escuro!  
 « Muito mais tempo duram nos amenos,  
 « E solitarios vales crespas flores,  
 « Do que duram em ti dias serenos.  
 « Em fonte de miseria, mar de dôres,  
 « Abismo de tristezas, e cuidados;  
 « A quem dás mais de ti dás penas móres.  
 « Mas sinto roucos já, sinto cansados  
 « Os Echos de me ouvir, e responder  
 « Com meos accentos tristes, magoados.  
 « E véjo, o que fará por me não vér?  
 « Que vai transpondo aquellas altas fragoas  
 « O Sol pera nas ondas se esconder.

O Poeta queria, e devia dizer *fragas*, e não *fragoas*, que é cousa, como todos sabem, mui diferente, mas precisava de uma consoante para *magoas*, e *agoas*, e alterou assim aquele vocabulo para valer-se em tanta necessidade.

*Fuerza del consonante a quanto obligas!*  
*Haces que sean blancas las hormigas!*

« O que me fórça a dar já tregoa ás magoas,  
 « Tornando á prisão dura, antes que Phebo  
 « De todo apague sua luz nas agoas.

" Forçado ternarei onde concebo  
 " De novo novas queixas, novos gritos,  
 " Onde com pão de dôr lagrimas bebo.  
 " Por isso, felicissimos Espritos,  
 " Em cuja vida, vida, e gosto tinha,  
 " Vos deixo para mais altos Escriptos.  
 " Mas porque não se acabe tão asinha  
 " Esta alegria triste, sem ventura,  
 " Mais sem ventura, e triste por ser minha.  
 " Primeiro que se cerre a noite escura  
 " Escripta a deixarei, antes cortada  
 " Com duro ferro nesta rocha dura.  
 " Que pois não tem firmeza o tempo em nada,  
 " Metido em tão cruel, e estranha Terra  
 " Da minha natural tão appartada.  
 " Aqui pôde trazer quem desta Serra  
 " A leve á Lusitania vencedor,  
 " De outra mais pera nós felice guerra.  
 " Onde com magea tal com tal amor  
 " De tantos, tristes olhos será lida,  
 " Que baste a renovar tamanha dôr,  
 " Si já tamanha dôr fôr esquecida.

A Elegia V. emparelha com esta no merito do estylo, e elle é superior pelos diversos movimentos patheticos, de que está cheia. Ora o Poeta lamenta o captiveiro em que se acha, ora lamenta o sangue portuguez innutilmente derramado naquelles áreas barbaros, ora deploра a morte d'El-Rei, ora rampe em invectivas contra quem lisongeando a sua ambição juvenil, o conduzió á aquelles perigos tendo conhecimento delles, ora em um transporte sublime apostropha as sombras dos companheiros, que combateram, e morreram valerosamente a seu lado, e inveja a fortuna que tiveram, em não ficar como elle prisioneiros dos Barbaros, e finalmente arroja seu pensamento atravez dos desertos, e dos mares, e contempla nelle as lindas margens do rio Lima, onde nasceu, que tanto celebrou nos seus versos, e porque suspira saudoso, e que tanto deseja tornar a ver, restituindo á liberdade: não posso resistir á tentação de transcreve-la aqui para credito do Poeta, e para que os Leitores

vêjam a altura, a que havia subido, em alguns generos,  
a poesia portugueza neste século.

## ELEGIA.

Eu, que livre cantei ao som das agoas  
Do saudoso, brando, e claro Lima,  
Ora gostos d'amor, outr'ora magoas,  
Agora ao som do ferro, que lastima  
O descoberto pé, choro captivo  
Onde choro não val, ou amor se estima.  
Cuido que me deixou a morte vivo  
Vendo que não chegava seo tormento  
A tormento tamanho, e tão esquivo.  
Acabando co'a vida o sentimento  
Ficarás escondido, oh dia triste,  
Nas agoas do turvado esquecimento.  
Oh Sol, como tua luz não encobriste  
Quando do Real sangue Lusitano,  
As hervas, que secaste, humidas viste.  
Que Libico Leão, que Tigre Hircano  
Negará desusada piedade,  
A lastima tamanha, a tanto dano?  
Não te valeo, oh Rey, a tenra edade,  
Não te valeo esforço, nem destreza,  
Não te valeo suprema Magestade.  
Das armas a provada fortaleza  
Poderosa não foi pera guardar-te  
Da mão de fogo armada de crueza.  
Conjurou contra ti o fero Marte,  
Vendo que sua fama escurecias,  
Si vencedor ficavas desta parte.  
Acabou, juntamente com teus dias,  
Do Lusitano Reyno a segurança,  
Que tu estender tanto pertendias.  
Dos teus na tua incerta confiança  
Qual se desenganou, se não do Imigo  
O pelouro mortal, o alfange, a lansa?  
Cobriam com teu gosto o teu perigo  
Estando teu perigo já tão claro,  
A fim de não valer menos contigo.

Os Cortezões não fallam verdade aos Reis, porque os Reis não gostam de ouvi-la quando se oppõem ás suas idéas, e aos seus desejos, então preferem engana-los, lisonjeando-os, a cahir no seu desagrado, e perder o vallimento, com damne seu, e sem proveito de ninguem.

Fosse quem quer que fosse, oh Peito avaro,  
A tua pertensão, em ar desfeita,  
Bem fôra que a ti só custasse caro.

Diante do Juiz que não acceita  
Ser nas palavras hum, outro no peito  
Darás, si já não deste, conta estreita.

Esquecido do justo, e do respeito,  
Deixastes cometer á sorte leve  
O proveito commun por teo respeito.

Do inocente Abel exclamar deve  
O sangue, em terra imiga derramado,  
Contra quem lhe encurtou vjda tão breve.

Si fôras com bom zelo aconselhado  
Não vieras com poucos buscar tantos,  
Oh Rey, por nosso mal, tão esfôrgado.

Não sei, ainda que o suspeito, quem é a pessoa a quem Diogo Bernardes alude nestes versos; mas todo o mundo sabe, que não foi por falta de ser com bom zelo aconselhado que D. Sebastião foi enterrar em África a si, a gloria, e a independencia do reino. Não faltou quem lhe representasse os perigos, a que ia expôr-se, na impolitica expedição, que meditava. Todos os fidalgos velhos, e versados nas guerras da Mourisma lhe fallaram com verdade, e franqueza no Conselho de Estado, mas elle fanaticado pelos Jesuitas, que machinavam sua perda, desatendeu as suas discretas razões, e só deu assenso ás bravatas dos fidalgos moços, que nunca tinham visto a guerra, e se julgavam capazes, e bastantes para contrastar com o mundo inteiro; a sua fé nos Padres da Companhia, que lhe prophetisavam a victoria, o cegava a ponto, que um dia que o Duque d'Alba, D. Fernando de Toledo, a quem os mesmos, que o creminam da barbaridade, com que assolou os Paizes Baixos, não negam a gloria do major General do seu tempo, e cujo voto, em cousas de guerra, de-

via merecer toda a atenção, o dissuadiá do cometimento, que progetava, demonstrando-lhe a insuficiencia dos meios, de que podia dispôr para ella; elle o interrompeu no meio do seu afraadoa pergantando-lhe, em ar de zombaria, « *Duque, de que cor é o medo?* — *Da prudencia, Senhor,* » respondeu o austero Veterano, e logo deu por trabalho vão o querer dissuadir da sua empreza temeraria um Príncipe que não ouvia conselhos, nem attendia raciocinios.

Oh cégo entendimento! em vez de quantos  
Tropheos, nesta empreza prometeste  
Que vimos senão mortes, senão prantos?

Não só prodigamente enriqueceste  
Com despojos reaes o pobre Mouro,  
Masinda nossa fama escoreceste.

Os que pertendem palmas, e os que loures  
Na batalha cruel, feia, e sanguenta,  
Com ferro se guarnecem, não com euro.

A vista do que tanto nos contenta  
A pérola, e a pedra reluzente  
As forças dos Inimigos accrescenta.

A riqueza vencida no Oriente  
Veio, n'hum dia só, por varia sorte  
A vencer cá a vencedora Gente.

Cahio o fraco ali junto do forte,  
Não houve d'alto a baixo diferença,  
A todos igualou a dura morte.

Logo como do Céo teve licensa,  
Sem esperar mais termo natural,  
Cumprío a cada hum sua sentensa.

Oh illustre valor de Portugal,  
Quem podia cuidar perda tamanha?  
A quem não abrangēo tamanho mal?

No gran campo que o turvo Luces banha  
O ar vos deixam só por cobertara!  
Que não vos quiz cobrir a terra estranha,

E ainda por ser mōr a desventura,  
As Feras com as Aves carniceiras  
Vos deram em seus ventres sepultura.

Mas vós, Espritos puros, nas Cadeiras

Da gloria mercida, a que subistes  
Dá-vos pouco das honras derradeiras.

Não tendes que temer successos tristes.  
A que vos obrigava a humana ley,  
Estando na prisão, de que sahisteis.

Oh amigos, com quem me aventurei,  
Com quem fui, sem ventura, aventureiro,  
Sempre, pois vos perdi, triste serei.

Sendo no fero assalto companheiro,  
A vós pôz-vos no Ceo o fim da guerra,  
A mim em miseravel captiveiro.

Bem vêdes qual o passo nesta Serra;  
Inda que não é justo que vêjas  
Terra, que vos negou tão pouca terra.

Terra, que quanto nella choro mais,  
Tanto mais com meo choro se endurece  
E menos move a dôr seus naturaes.

Tudo o que nella véjo me emtristece,  
Triste me deixa o Sol em trasmontando,  
Triste me torna a vér quando amanhece.

Sempre com humor triste estou banhando  
O pé deste soberbo alto Rochedo,  
Que minha dôr está acrecentando.

Dôr tenho de o vér sempre estar quedo,  
De vér correr as agoas tenho inveja,  
Porque podem no mar entrar mais cedo.

E porque minha dôr muito mór seja,  
A vista me detem daquella banda,  
Que tanto esta alma triste vér deseja.

Com suspiros, que lá continuo manda,  
N'outra parte abrandára bravas Feras,  
Aqui peitos humanos não abranda.

Ah desventura minha, se quizeras  
Já desviar de mim tua crueldade,  
Na terra onde nasci morte me deras.

Não entre fera gente, em tal adade,  
Que sem afronta minha me obrigava  
A viver em soego, e liberdade.

A Patria, a quem devido louvor dava  
Por ti me foi contraria, e odiosa,  
Tanto que della já me desterrava.

Mas nunca deixará de ser formosa  
No meo atribulado pensamento  
A ribeira do Lima saudosa.

Não causará em mim esquecimento,  
Inda que tem virtude de esquecer,  
O teu brando, e suave movimento.

E si, por dom do Ceo, tornar a vêr  
A sua verde relva, a branca aréa  
Livre, que lêdo já não pôde ser.

Da batalha cruel, da morte fêa  
Darei em triste carme larga copia,  
Chorando com tal dôr a dôr alhêa,  
Como captivo choro a minha propria.

Nas Elegias de amores, ou eroticas, encontram-se com frequencia excellentes trechos, taes sam estes da segunda Elegia das Rymas Varias.

Agora, que Mavorte está movendo  
Os brandos corações á dura guerra,  
Iroso fogo neles accendendo,

Agóra, que de Jano se não cerra  
O Templo á santa Paz offerecido,  
Estimado no Ceo, pouco na Terra,

Agora, que Neptuno embravecido  
Por mais soberbas ondas, que levante,  
Navegado se vê, e não temido,

Agora manda Amer, Silvia, que cante  
A tua peregrina formosura,  
Que della tema só, que só me espante.

Nesta verde, e solitaria espessura  
Onde não sóa estrondo belicoso  
Do tiro, que não pára em armadura.

Onde com dôr não véja o cobicoso  
Vender a cara vida tão barata  
Por ser d'ouro, e de fama cubicoso.

Onde nunca se cuida, nem si trata  
Sínão de forças, roubos, cruéis mortes,  
Onde a divina ley se desacata.

Onde temendo estam the peitos fortes  
Ouvindo o som, que ao fero assalto chama,  
Receosos então de suas sortes.

Onde o ferro, onde o fogo se derrama  
Por campos, e por Villas, e Cidades,  
Das quaes apenas fica o nome, e a fama.

Onde não vêja em fim mil crueidades  
Usadas dos que vam seguindo Marte,  
Em todo o sexo, em todas as edades.

Mas vêja em lugar disto a fresca parte  
Que vai regando o Lima claro, e puro,  
Saudoso da fonte, d'onde parte;

Onde logre do bosque verde, e puro  
A sombra fresca, a fria herva miuda,  
Onde dorme o Pastor livre, e seguro.

E delle ouvindo estê a flauta aguda  
Namorada porém, cujo som brando  
Ora a cantar, ora a chorar me ajuda.

Mas que direi de ti, Silvia, cantando,  
Formosissima Silvia, que direi,  
Que vá meo canto a teu valor chegando?

Onde palavras novas acharei,  
Onde estilo, que possa saber tanto?  
Cante por mim Amor, pois eu não sei.

Os teus olhos d'Amor tiros dourados,  
Cuja doce ferida me consome,  
Como poderão ser de mim cantados?

As Flores pera ti mais cedo crescem  
As agoas em te vendo correm brandas,  
Os dias mais formosos amanhecem.

Si tu nos prados, si nos bosques andas,  
Ali nunca faleisce a Primavera,  
Ali toda a aspereza logo abrandas.

As arvores ali cingidas de Hera,  
Convidão a cantar mais docemente,  
Quem fier do Cunhado não devera.

D'ali, ou onde quer que estés presente,  
Toda a dôr e toda a magôa se desvia,  
Todo o goso da vida ali se sente.

**O**u estes extraídos da Elegia III. do mesmo volume.

Busquei remedios mil, bosquei enganos,  
Para encobrir meo mal, tendo respeito  
A não vos dar materia a desenganos.

Mas tudo foi trabalho sem proveito,  
Que em fim Amor, que resistido cresce,  
Já não sofre em silencio estar no peito.

Comigo a vós, Senhora, se oferece,  
Si nisto vos agravo, ou vos offendão,  
Porém culpa de Amor perdão merece.

Quisera, desque sube conhecer-me,  
Em vós ocupar tanto a phantasia,  
Que de mim mesmo viera a esquecer-me.

Em vós cuidar contínuo neite, e dia,  
Sentir por vós prazer, por vós tristeza  
Por vér si com constancia vos movia.

Mas não canse esta mostra de firmeza,  
D'hum peito, que por brando he tão louvado  
Com novo damno meo, nova crueza.

Da seta de ouro pure trespassado,  
Remedio pera a vida buscar venho,  
Que em vós pôde sómente ser achado.

Porque força não val, não val engenho  
Nem hervas, nem palavras tem virtude,  
Pera curar a dôr, que n'alma tenho.

Huns olhos sós me podem dar saude,  
E sam os vossos; si me não seccorem,  
Venho a morrer por quem viver não pude.

Ditosos sam os tristes quando morrem,  
Começando a ser tristes, pois não sentem  
Quam de vagar grandes tristezas cortem.

Como é terna, e poetica esta exclamação na Elegia V.  
do mesmo livro !

Que dia largo, ou breve se passava ?  
Que podesse passar quietamente,  
Si a luz de vossos olhos me faltava !.

Hera neve ante vós, e fogo ardente,  
Sem pertender mais gosto para mim,  
Que aquelle de que vós fosses contente.

Mas ai quam diferente foi o fim,  
Do bem imaginado no começo,  
Por onde em tal extremo a parar vim !

Vida pera tal vida não vos peço,  
Morte pera tal morte qual me mata,  
Si ma quiserdes dar, eu a mereço.

Porque com dôr a lingoa se desata,  
É com rasão, vos chama ou sem rasão,  
Fementida, cruel, soberba, ingrata.

Por isso acabai já vossa tenção,  
Fazei o que vos pede o vosso gosto,  
Cumpri com vossa activa opinião.

Os Sonetos profanes de Diogo Bernardes sam muito superiores aos seus Sonetos espirituales; delles pôde apontar-se alguns dignos de muito apreço, tanto pelas idéas, como pela expressão, posto que nenhum delles seja para emparelhar com os bons, que não sam poucos, de Luiz de Camões, que em todos os modos de poetar deixou muito a traz de si a todos os seus Contemporaneos. O Leitor julgará pelos que lhe aqui apresentamos.

### SONETO.

Poem-me onde queima o Sol toda a verdura,  
Ou onde seo ardor a neve esfria;  
Poem-me onde pelo meio o carro guia,  
Ou onde cobre, ou mostra a luz mais pura.

Poem-me ou em baixa, ou prospera ventura,  
No sereno da Lua, ou na sombria,  
Escura noite, em longo, ou breve dia,  
Em sasãoinda verde, ou já madura.

Em valle, em monte, em agea, em fogo, em ar,  
Nas Estrellas me poem, ou no profundo,  
Esprito leve, ou iada à carne atado.

Com nome escuro, ou claro em todo o Mundo  
Serei qual fui, não deixarei d'amar,  
A quem amei thegora desamado.

## SONETO.

Desaparecem já, por mais que estendo  
 Os tristes olhos de chorar cansados,  
 Os campos de mil flores matizados  
 Por onde o branho Téjo vai correndo.

Inda delles agora estive vendo  
 Hums brancos, e hums verdes retalhados,  
 Dos rodeios das agoas descuidados,  
 Que me fazem de mim hir esquecendo.

Pois que será passando aquelles montes !  
 Que valles hirei vendo, e descubrindo,  
 Que tristes, e abafados horizontes !

A pena, que já disto vou sentindo,  
 No meu ardente peito novas fontes  
 De lagrimas correntes vai abrindo !

O Soneto trinta e deus respira um profundo sentimento de saudade, e melancolia.

## SONETO.

Verdes, e baixos valles, alta serra,  
 Duras, e solitarias penedias,  
 Correntes agoas, frescas fontes frias,  
 Testemunhas do mal, que em mim se enserra,

De suspiros o Ar, de pranto a Terra  
 Encho, vós o sabeis, silvas sombrias,  
 Onde chorando vou noites, e dias,  
 Saudades de Amor, de Ausencia a guerra.

Si vosso natural só de si move  
 A triste sentimento os mais contentes,  
 Que sentirão os tristes de saudade ?

Ah ! não vos espanteis que em vós renove  
 Saudades passadas, e presentes,  
 Pois tudo o que em vós ha he saudade.

Eis-aqui outro que se assemilha muito pelo estylo aos de Camões.

## SONETO.

Com seo cabello louro destoucado  
 Dos braços de Thitão se despedia  
 A vergonhosa Aurora, e vinha o Dia.  
 D'alvas, e roxas flores coroade.

Nos Lyrios, e nas mais hervas do prade  
 Na pura rosa, que inda então abria,  
 Aljofar derramado parecia  
 O celeste rocio derramado.

Quando de hum alto monte á mesma Aurora,  
 Que já passava o Gange presorosa,  
 Gritou Delio Pastor de madrogada :

« Ah Filha de Thitão não saias fóra  
 » Si não queres ficar mais vergonhosa  
 » Vendo Marilia mais avantajada. »

Pela semilhança do estylo, e pela lembrança de outros plagiatos, que se dizem feitos por Diogo Bernardes a Camões, talvez alguem se pressuada que o Soneto é deste ultimo : deve porém observar-se, que Camões não era homem que dissesse que a Aurora *sahia dos braços de Thitão*, e que no mesmo Soneto lhe chamasse *filha de Thitão* ; os genios daquella ordem não cahem em taes contradições.

As Canções de Diogo Bernardes não tem o movimento lyrico, nem a linguagem apaixonada, nem os vôos sublimes, que admiramos nas de Petrarcha ; tambem se não parecem com ellas no córte dos ramos, que de ordinario sam menos extensos em Bernardes, nem na travação dos versos, que neste Poeta sam ao contrario do uso daquelle mais numerosos os septenarios, que os hendecasylabos. O estylo de Bernardes nas Canções é gracioso, corrente, facil, mas ás vezes tão singello, que apenas se lhe encontra poesia.

## CANÇÃO.

Inda que poueo dito,  
 Amor, thegora temos  
 Dos claros olhos d'onde *acceso accedes*  
     Em fogo o meu Esprito ;  
     Rasão é que cantemos  
 Dos laços de ouro d'onde *presa prendes*.  
     Amor, tu bem entendas,  
     Que dos cabellos digo  
     Do novo *Sol da Terra*,  
     Que nesta dura guerra  
 Nelles prendes a ti, e a mim contigo.  
     Por isso não me *culpes*  
     Nem menos te *desculpes*.

No puro ouro encrespado  
 Te vi como tecias  
 Huma formosa rête, onde ficaste  
     De pés, e mãos atado,  
     Que tal me deixarias  
 Quando tu a ti mesmo te enlaçaste ;  
     Ali de novo ataste  
     A Liberdade minha,  
     Podendo ser n'hum só,  
     Em cada hum seo nó,  
 Lhe deste sobre quantos d'antes tinha.  
     Preso fiquei ali,  
     Ali preso te vi.

Oh prisão branda e forte !  
 Em vós estando emvolto  
 De tantos gostos tenho sentimento,  
     Que si por varia sorte  
     De vós me visse solto  
 Seria para mim grande tormento.  
     De vós o pensamento  
     Nunca jamais se parte  
     Oh laços d'ouro puro !  
     Em vós está seguro,

Em mim perdido sempre, e em toda a parte  
 Onde quer que se véja  
 Que fóra de vós seja.

Si por alta ventura  
 Derramados vos véjo,  
 Ou entre varias còres recolhidos  
 A rara formosura  
 Vossa cantar dezejo  
 Com versos pera vós mais escolhidos,  
 Mas ficam meos sentidos  
 De mim tão appartados.  
 Em vós tão enlevados  
 Que não sei mais que vêr-vos  
 E com os olhos, sem fallar, dizer-vos,  
 Que soltos me prendeis,  
 E presos me venceis.

Não se pagam, Cantiga, taes cabellos  
 De louvores tão breves.  
 Mais do que sam, lhe deves.

Teria muita curiosidade de saber se Bernardes havia mostrado esta Canção a Ferreira; desejava saber se elle lhe approvára algumas cousas, que nella estão, como por exemplo « *preso prendes, accezo accedes, Sol da Terra, culpes, e desculpes, de pés, e mãos atado* » mas é impossível que aquelle Censor severo, aquelle Poeta tão classico, tão escrupuloso na escolha de idéas, e das expressões, que preferia a correcção, e a elegancia a tudo, se contentasse com estes jogos de palavras, e trevialidades de expressão; é mais verosimil suppor, que Ferreira não viu tal Canção, ou que fóra escripta depois da sua morte.

O mesmo caracter se observa na Canção primeira deste Volume.

Amor, pois me emflamaste  
 No teo mais vivo fogo,  
 Onde o melhor de mim arde, e se apura,  
 Pois nova luz mostraste  
 A meos olhos, meo rogo  
 Ache piedade em ti, ache brandura;

Daquella formosura  
 Na terra peregrina,  
 Do Ceo mais natural  
 Com estilo immortal,  
 Segredos altos a cantar me ensina.  
 Tu minha voz levantas,  
 Em mim, tu della canta.

Cantar de tal belleza,  
 Amor, he gloria tua,  
 Que tu não tens mór honra, nem mórm gloria:  
 Humana Natureza  
 Na bella fórmá sua  
 Lhe quiz das mais formosas dar victoria :  
 Qual digna de memoria  
 Se vio na edade de ouro ?  
 Qual na de ferro, nossa,  
 Que comparar se possa  
 A esta por quem eu tão lêdo mouro,  
 Que estimo mais tal morte  
 Que huma felice sorte ?

Levanta com som novo,  
 Amor, este meu canto  
 Do seo natural proprio baixo, e rudo,  
 Sente, por quem me move  
 Não posso dizer tanto,  
 Que em fim não fique em tal sujeito mudo  
 Si não cantar de tudo  
 Como desejo, ao menos  
 Tão docemente canto  
 De vós, que o Mundo espante  
 Olhos sobre o mortal curso serenos :  
 Mas sendo de vós visto,  
 Quem se hade espantar disto ?

Si vós eterna Fama  
 Em versos de vós dinos  
 Quereis deixar entre a futura Gente,  
 A luz, que o Ceo derrama  
 Em vós, olhos divinos,

A mim volvei mais amorosamente,  
 Que logo em diferente  
 Estillo, do que ouvio  
 Té gora o Lima, e Téjo,  
 A beleza, que vêjo  
 Em vós, nelle verá quem vos não vio :  
 Tanto no lume vosso  
 Meo canto appurar posso.

Em quanto a sorte esquia  
 A tanto bem resiste,  
 Em quanto não sentirdes o que sinto,  
 Que pôde alma captiva  
 Mais que em silencio triste  
 Mostrar que sente o que no rosto pinto.  
 E pois na dôr consinto,  
 Por vêr d'onde nasceo,  
 Formosos olhos claros,  
 Não me sejaes avaros,  
 Olhai qual liberal vos foi o Ceo  
 Da luz, que me negaes,  
 Que não vos peço mais.

O que me parece melhor nestas Canções, na verdade mediocres, é o serem mui breves. Ha porém uma, é a quarta, em que o Author parece que teve em vista imitar o estylo de Jorge de Montemaior, e em que me parece haver maior merecimento poetico.

### CANÇÃO.

Desertos montes, valles saudosos,  
 Montanhas altas, penedias graves,  
 Por onde andar me faz minha ventura,  
 Arvores, que dos vòos trabalhosos  
 Certo repouso sois ás livres Aves,  
 Dos tenros Filhos seos guarda segura ;  
 Si da mórmor formosura,  
 Que neste Mundo vi,  
 Tão triste me parti  
 Que farei neste vosso appartamento

Onde sempre accrescento o meo tormento?  
 O Rio, que sempre corre, e o penedo,  
     Que não faz movimento  
 Do Passarinho ao canto, ou triste, ou lêdo.

Tudo quanto em vós vêjo dizer ouso,  
 E tudo quanto escuto me carrega,  
 The vossas aves sinto já pezadas,  
 A sua clara luz o dia nega,  
 A noite o seo commum doce repouzo,  
 A meos olhos de lagrimas cansados.

Das fontes, e dos prados  
     O puro seo, e o verde  
     Parece que se perde  
 Com magôa desta minha grave dôr.  
 Sem tempo toda a fructa, toda a Flor  
 Do seo materno galho está cahindo,  
     De mim por onde fôr  
 A fresca Primavera vai fugindo.

Neste gran mal, de que não sei valler-me,  
 A todo o annimal, que em vós tem vida,  
 Dou materia de pranto, e de piedade.  
 Parte não posso achar tão escondida,  
 Que deixem meos suspiros esconder-me.  
 E só chorar a minha saudade.

Ah grande crueldade  
     D'Amor, que em mim ordena  
     Huma tão nova pena,  
 Que contradiz a toda a Natureza.  
 Tristes em vêr sentir sua tristeza  
 Sentem algum descanso ; eu só sem elle  
     Já tenho por certeza  
 Crescer meo mal no fundamento delle.

A vista se detem no que imagino,  
 Amor com falsas mostras me sustenta,  
 Porque, vivendo mais, mais magoas conte.  
 Na Rosa da Manhã me representa  
 Aquella por quem peno de continuo,  
 A tarde no dourado do Horisonte.

Qual Nympha o bosque, ou fonte  
 Esconde mais formosa ?  
 Em qual valle qual Rosa  
 Se mostra mais córada ? nunca neve  
 Mais alva derramou o vento leve,  
 Como eu a véjo aqui, e em toda a parte,  
 Mas este gosto é breve,  
 E vai-se logo ; o mal tarde se parte.

No fim deste erro doce, em que me véjo,  
 De vós, altas montanhas, rodêado,  
 Tão longe de esperança, e longe d'onde  
 Amor meo peito quiz vêr imflamado  
 Em puro fogo d'hum alto dezejo.  
 Que dentro, e em meio delle accende, e esconde.  
 Digo a quem não responde,  
 A vós montanhas digo,  
 Acabem já comigo  
 Em mal tão certo, certos desenganos,  
 Que se pôde esperar de quem enganos  
 Negando vai a lagrimas tão vivas,  
 E dos meos firmes danos  
 Poem o remedio em sombras fugitivas ?

Cantiga, pois nascesto  
 Nestas frigidas serras,  
 Não busques outras terras,  
 Na tua natural fica escondida,  
 Que em outra parte não serás ouvida  
 Por mais gritos, que dês, e magoas contes  
 Chorando acaba a vida  
 Nas mais secretas Lapas destes montes.

Uma singularidade de Diogo Bernardes, é que na endereço, ou cabo da Canção, lhe chama sempre Cantiga; não me lembro de que outro Poeta, antes, ou depois dele praticasse o mesmo.

Bernardes deixou um grande número de Voltas, Glosas, Redondilhas, e outras composições no antigo estylo, porém toda essa farragem apenas merece o trabalho de lér-se.

## CAPITULO VI.

### *Eclogas, e Epistolas de Bernardes.*

**D**e todas as poesias de Diogo Betnardes parece-me, que as Eclogas, e as Epistolæ, ou Cartas, que compõem o Lima, sam as que affiançam melhor a sua gloria, e o seu nome pela superioridade manifesta de correcção, que levam a todas as outras; sam estas as unicas, que pela data da sua publicação se podem suppôr devidamente emendadas, e dadas á luz por elle.

É fama, que o celebre Poeta hespanhol, Lope de Vega Carpio, affirmava, que de Diogo Bernardes havia apprendido a fazer versos pastoris; si o facto é verdadeiro, esta confissão de um dos genios mais extraordinarios, que na Europa tem cultivado a poesia, não pôde deixar de fazer viva impressão no espirito dos Leitores, e de lhe dar uma grande idéa do merecimento boclico do nosso Poeta.

Mas seja assim, ou não, é indubitavel que estas Eclogas devem ser numeradas entre as melhores producções, que nos ficaram do seculo de quinhentos, e da Eschola Classico-Toscana de Ferreira.

É certo que Bernardes não se remonta á idealidade poetica, e mythologica da vida pastoril como Gesner, Schmidt, e outros Alemães, e entre nós Domingos dos Reis Quita quasi sempre, e Antonio Diniz da Cruz algumas vezes, mas a sua linguagem é pura, o seu estylo simples, e elegante, os costumes quasi sempre proprios, as paixões bem expressadas, os seus quadros verdadeiramente pastoris, e os versos fluidos, e harmoniosos. Imita frequentemente, porém a sua imitação nunca degenera em copia servil. Assim o vêmos no principio da Ecloga IX.

FERNANDO.

Dize, Cabreiro novo, esse rebanho  
 Quem to deo a guardar tão doudamente,  
 Que logo se vê nelle ser estranho.

RODRIGO.

Dize, Vaqueiro, antigo mal dizente,  
 Porque diceste á Justa hontem na Fonte,  
 Que na festa cantou melhor Vicente?

FERNANDO.

Pergunta tu a Aldonça que te conte  
 Isso como passou dessas cantigas,  
 Que tornava co' Gado então do monte.

Mas quero, pois perguntas, que me digas  
 Porque quebraste a Flauta de Gonçalo,  
 Causando entre os Pastores tantas brigas.

RODRIGO.

Si tal tal flauta quebrei, olha o que fallo,  
 Nunca mais estas cabras medrar vêja,  
 Mas bem mereço eu isso porque çallo.

FERNANDO.

Pois nunca de quem amo amado seja  
 Si me não deve huma alma, era qual dia?  
 Que lha quebráras tu de pura inveja.

RODRIGO.

Certo, que, si alguém foi, que foi Maria,  
 Que anda de mim raiosa pela toca  
 Lavrada, que me vio dar a Luzia.

Toca de desemvolta, e sempre toca  
 Huns pontos, que lhe sam bem excusados,  
 Zomba, escarnica, ri, tudo remoca.

Cuida que com secos olhos requebrados,  
 Todos leva apoz si, todos namora,  
 E que nos faz andar como pasmados.

Pois crê-me, e mais não digo por agora,  
 Que inda que ri daquelle, e ri daquella,  
 Por quem se della ri mil vezes chora.

Vê-se, que a idéa principal é de Virgilio, mas o Poeta  
 sabe disfarça-lo com trages portuguezes, e rodea-la de ac-  
 cessorios seus, em um dialogo tão animado, como natural.

O Poeta na Ecloga segunda com muito arteficio, e estylo proprio, e picturesco establece o logar da scena.

N'hum solitario valle fresco, e verde,  
 Onde com veia doce, e vagarosa  
 O Vez, no Lima entrando, o nome perde ;  
 N'uma verde rosada graciosa  
 Quando no mar seos olhos resfriava  
 O Sol, deixando a Terra saudosa ;  
 Ouvi huma voz triste, que soava  
 Tão brandamente ali, que parecia  
 Hum Rio, que com outro murmurava.  
 O Gado, que do campo recolhia,  
 Deixando nelle por entre a espessura  
 Me fui chegando á triste voz que ouvia.  
 Vi Thirso, e Melibeo, que na verdura  
 Antre bastos Salgueiros escondidos  
 Choravam duras magoas com brandura.  
 Nesta nossa Ribeira ambos nascidos  
 Mas, como pouco nella conversaram,  
 Heram mais na do Tejo conhecidos.  
 Em Moços foram lá, lá se criaram,  
 Em outros de mór nome, mór estima  
 De tanger, e cantar fama cobraram.

A Ecloga V., que tem por titulo Marilia, é uma das mais ternas composições, que sahiram da penna de Bernardes, véja-se que melancholia resumba destes tercetos, e como começam naturalmente.

Quão docemente agora aqui cantava  
 Hum Rouxinol entre estas Avelleiras,  
 Em quanto Phylis sua dôr chorava !  
 Eu vim a lansar fóra estas Cordeiras  
 Daquelle Trigo, e não ouvi jámais  
 Senão as differensas derradeiras.  
 A sem ventura Phylis deu huns ais  
 Tão sentidos então, que me cortou  
 O coração com dôr de dôres tais.  
 Em fim triste se foi, elle vđou,  
 Não sei se vđou triste, ou vđou lêdo,  
 Co'a minha saudade me deixou.

Esta aproximação do canto do rouxinol, com pranto de uma Pastora é summamente poetica, e engenhosa.

Não sou eu tão ditosa que mais cedo  
Viera a me lograr do seo bom canto,  
Si eu não gritára, elle estivera quedo,  
Inda que foi melhor assim por quanto  
A magoa fôra mó, que não o gosto  
Daqnela triste ouvindo o triste pranto.

Mal haja quem dá causa a que tal rosto  
Em lagrimas se lave, desamado  
Seja quem seu amor tem n'outra posto.

Quanto mais firme, e mais desenganado  
Foi o amor de Delio com Lisarda,  
Inda que tambem della mal olhado.

Cruel amor, que nunca razão guarda,  
A culpa tens de tantas semrazões,  
Hum bem me prometeo, quanto que tarda !

Assim nos vai roubando os corações,  
A troca de esperansas duvidosas,  
Fundadas sempre em vãas opiniões.

Ditosas sam por certo, ah quam ditosas !  
Que sam aquellas Nymphas, que não amam,  
Tristes as que d'amor vivem queixosas !

Quantas vezes em vam seo fado chamam  
Cruel, cruel amor, cruel ventura,  
Que suspiros, que lagrimas derramam !

Que val mostrar nos olhos a brandura,  
Do coração vencido, que nos val,  
A's tristes digo, graça, e formosura ?

Si somos desprezadas, grande mal,  
Si mal tamanho não acaba asinha,  
Asinha acabará quem sente tal.

Eu, coutada de mim ! já triste vinha,  
Mas não cuidei de me tornar mais triste,  
A dôr de Phylis me dobrou a minha.

Dá-nos, ingrato Amor, pois nos feriste,  
Algum remedio já, si não vingança,  
De quem a nós despresa, a ti resiste.

Em promessas fui por minha esperansa,  
Sem ventura de mim ! mas que promessas  
Tão doces ! inda as tenho na lembrança !

„ Assi, Marilia minha, não te esqueças  
„ De Silvio, (o mesmo Silvio me dizia)  
„ Que nunca negue cousa que me peças.

„ Por ti entre serpentes andaria,  
„ Seguro, por ti lêdo, e sem temor,  
„ Por entre fogo, e ferro passaria.

„ Creou Amor em mim hum novo Amor,  
„ Hum coração tão novo, que sem ti  
„ Sente no mór descanso maior dôr.

„ Naquelle mesmo ponto em que te vi,  
„ Fosse força d'amor, fosse de Estrellas  
„ O gosto de mais vèr logo perdi.

„ Muitas Ovelhas tenho, e as mais dellas  
„ Párem de cada parto dois Cordeiros,  
„ O leite tambem he dobrado nellas.

„ Tenho cem Cabras mais, que dois Rafeiros  
„ Hum malhado de negro, outro de branco  
„ Nos vales guardam sempre, e nos outeiros.

„ Pois tanger, e cantar poucos em campo  
„ Ousam correr comigo, porque sabem  
„ Que taes dois Mestres tive, Alcido, e Franco.

„ Inda que de gabar-me me desgabem,  
„ Gabo-me porque saibas, que não erras  
„ Em querer que meos males já se acabem.

„ Viveremos aqui entre estas Serras  
„ Contentes,... quam contentes!... sem inveja  
„ D'outros, que tem mais Gados, e mais terras.

„ Que falta a quem alcança o que deseja ?  
„ Que tem o que não tem gosto da vida,  
„ Inda que só do Mundo Senhor seja ?

Ah Pastor falso ! desque de vencida  
Com teus doces enganos me levaste,  
Quam asinha de ti fui esquecida !

Mostravas querer bem, e nunca amaste,  
É certo que os amores, que mostravas  
Ou os ouviste d'outro, ou os sonhaste.

Amavate sómente ; si cuidavas  
Outra couza de mim, bem pôdes crêr,  
Que tambem a ti mesmo te enganavas.

Mas que me fez a dôr aqui dizer ?  
Aqui, onde só Elio a meos queixumes,  
E Silvio não, me pôde responder.

Depois que atravessou os altos cumes  
Daquella Serra, não quiz mais tornar,  
Negros fados os meos, negros Ciumes !

Deixou-me já tão pouco que esperar,  
Que bem seria, que desesperasse,  
Mas ainda amor me não quer dar logar.

Em fim tornar-me querò ; se encontrasse  
Acaso este cruel meo inimigo,  
Certo que vêr-me triste o allegrasse

Andai, minhas Cordeiras, ai no Trigo  
Entraram outra vez, outra vez fóra  
As deitarei, a dôr, que vai comigo  
Coitada, não, que dentro d'alma mora.

**As Cantigas dos Pastores de Bernardes tomam de ordinario a forma lyrica, e sam verdadeiras Canções, come se vê desta da Ecloga VIII.**

Si vós, Musas suaves,  
Neste meo triste peito,  
Algumas lèdas rimas inspirastes,  
Si com doces, e graves  
Accentos, o conceito,  
Que tinha dentro delle declarastes,  
Si vos não desprezastes  
De levantar meu canto  
A parte, onde não chega  
Aquelle, a que se nega  
O favor, que de vós dezojo tanto,  
Agora brandas Musas, me inspirai,  
Agora meo estilo levantai.

E tu, Santo Hymineo,  
Sem esperar mais rogo,  
Vem já, vôando vem, não te detenhas,

Vem de alegria cheio,  
 Abranda o vivo fogo  
 De quem arderá sempre athe que venhas,  
 Quer Jupiter que tenhas  
 O thalamo sagrado  
 Composto da mão tua,  
 Pois para gloria sua  
 Este tam santo nó foi delle dado.  
 Aonde arder se vêja brandamente  
 O casto lume teu resplandecente.

Outras vezes essas Cantigas sam feitas em Sonetos,  
 como acontece na Ecloga X.

Sombrio, e verde valle, onde se acolhe  
 Marilia, quando o Sol mais se levanta,  
 Onde doce suspira, e doce canta,  
 E seos cabellos solta, e os recolhe.

Prados, por onde as alvas flores colhe  
 Com tanta graça, que o Amor se espanta,  
 Estes versos vos deixo nesta Planta,  
 Dar-vos outro louvor meu fado tolhe.

A fresca, e namorada Primavera  
 Nunca jámais daqui desapareça,  
 Nunca vos mostre o Inverno a sorte sua.

Segura pelos Olmos trepc a Hera,  
 Segura nasça a Flor, a Herva cresça,  
 Favor tenha do Sol, favor da Lua.

Outras vezes os Pastores cantam alternadamente oitavas, e esta pratica tem sido mais seguida pelos Poetas modernos, que ainda se ocuparam com este genero de poesia, hoje inteiramente abandonada, como Bocage, e Domingos Maximiano Torres. Sirva de exemplo este trecho da Ecloga XII.

#### ALPINO.

O' Tu que por teo Deos foste assetado  
 Martyr, e juntamente Cavalleiro,

Que do signal da Santa Cruz armado,  
 Sahiste contra o Tyrano a terreiro ;  
 Si fores lá no Ceo nosso Advogado,  
 Como na Terra cá, hes Padroeiro,  
 Erguendo com teo braço estes máos ares ;  
 De novo te ergueremos mil altares.

## MENCIO.

Onde tuas Imagens visitadas  
 De nós sempre serão com mil offertas.  
 De Lyrios, e de Rosas coroadas,  
 E de ouro guarnecididas tuas settas ;  
 Com mais quieto espirto veneradas  
 Das Gentes, que ora vés tão inquietas,  
 Primeiro do Gran Rey, que tem teu nome  
 Para que o Povo delle exemplo tome.

## ALPINO.

Pastores, que moraes no monte santo,  
 Por graça do Pastor dos bons Pastores,  
 Que neste baixo valle amastes tanto,  
 Que fostes de tal bem merecedores,  
 Alcance vosso rogo, e nosso pranto  
 Outros tempos mais sãos, ares melhores,  
 Logo sereis de nós mais visitados  
 Nos dias, que vos sômos obrigados.

Acha-se muitas vezes nas Eclogas de Bernardes, curtos, mas vivos, e amenos traços de poesia descriptiva, tal é esta da Ecloga XVII.

Sentámo-nos á sombra d'hums Olmeiros,  
 N'hum prado de Arvoredo rodeado,  
 Onde cruzar-se vinham tres Ribeiros.

Lugar fresco, e sombrio, apparelhado  
 Para fugir do Sol, que então entrára  
 No Rey dos Annimaeas todo abrazado.

Por cima da corrente doce, e clara  
 Num Freixo te mostrei, cuja verdura  
 Hum raio, que deu nelle chamuscára.

Em cujo tronco, nos, e seca altura  
 Iluma Gralha trez dias gritou tanto,  
 Que sem folgo cahio na vêa dura.

O estylo affectuoso, tão proprio deste genero de Poema, brilha muitas vezes nas pastoraes de Bernardes, assi se nota nestes versos tão ternos, que um Pastor dirige á sua amante na Ecloga XIV.

Vem, Silvia, já vêr neste cristal pure,  
 Teu brando parecer daqui de cima  
 Deste penedo menos que tu duro.  
 Porque fazes, cruel, tão pouca estima  
 Desta fresca ribeira, destas flores,  
 Que mansamente rega o manso Lima.  
 Aqui as mansas Aves seos amores  
 De hum ramo em outro rame vam cantando,  
 Aqui se veste o campo de mil côres.  
 Daqui donde por ti estou chamando,  
 No fundo deste pégo os negros Peixes,  
 E os brancos seixos estarás contando.  
 Ou te queixes de mim, ou te não queixes,  
 Ou branda, ou sempre irosa me respondas,  
 Este fresco logar, Silvia, não deixes.  
 Huma sombria lapa, em que te escondas  
 Do Sol, te mostrarei; dormirás nella  
 Ao som do murmurar das roucas ondas.  
 Em tanto do teu Gado serei vella,  
 E juntamente te estarei tecendo  
 De branca Madresylva huma capella.  
 Dali hindo o Sol já menos ardendo  
 Ao longo deste Rio nós hiremos  
 Ora huma Flor, ora outra flor, colhendo.  
 Os olhos pelo campo estenderemos,  
 O saudoso Melro de huma banda,  
 E o doee Rouxinol d'outra ouviremos.  
 Sylvia sôando hirá na Lyra branda,  
 Sôará Sylvia na Montanha dura,  
 Que sua dureza com teo nome abranda.  
 Des que deixei de vêr sua formosura  
 Já o Sol trez vezes lumiou a Terra,  
 Já outras tantas a deixou escura.  
 Qualquer logar, em que se esconda, e enserra,  
 Nunca o verei sem dôr, nunca sem magoa,  
 Ou seja campo, ou hosque, ou valle, ou serra.

Achei de duas rollas nesta fragoa,  
Os tenros filhos sobre hum freixo antigo,  
Que tem suas raizes dentro n'agoa.

Salto a nossa Phylis já comigo  
Com dadivas, e rogos, que lhos desse.  
« Não trabalhes em vão, Phylis » lhe digo.

Tão corrida si foi, que si soubesse  
Onde elles ora estam tenho por certo,  
Que mos furtasse logo, si podesse.

Não estam estes versos cheios de imagens agradaveis,  
de pinturas amenas, e de sentimentos ternos? Não é a  
sua expressão verdadeiramente pastoral?

Não brilha menos em Bernardes o estylo pathetico,  
vêja-se como na primeira Ecloga os doux pastores Syl-  
vio, e Serrano lamentam a morte de Adonis, isto é, do  
Principe D. João, segundo me parece pelo contheudo no  
Poema.

#### SYLVIO.

Seccai-vos, verdes Campos Lusitanos,  
Seccai Fontes, e Rios, seccai, Flores,  
Mostrai neste gran dano grandes danos.

Cobri-vos, verdes Bosques, d'outras côres,  
Tão tristes como traz a dôr comsigo,  
Senti tamanha perda dos Pastores.

#### SERRANO.

Descobre esse mal já, ah Sylvio amigo,  
Que pois he mal commun segundo vêjo,  
Tambem o chorarei aqui contigo.

#### SYLVIO.

Levou a cruel morte sem ter pejo,  
Aquele bello Moço, a quem tributo  
Esperavam pagar o Indo, e o Téjo.

Que bem na vida já, que rosto enxuto  
De Nympha, ou de Pastor se pôde vêr,  
Qual Ave escura dôr, qual fero Bruto?

Morreo comtigo, Adonis, o prazer,  
A brandura, o amor, o aviso raro,  
De tudo quiz-se o Ceo enriquecer.

## SERRANO.

Oh Adonis ! Pastor formoso, e charo,  
Comigo nos crescia herva na Terra,  
E das Fontes corria o cristal claro.

Os fruítos sem trabalho dava a Terra,  
Porque occultava o Gado nas montanhas,  
Não lhe fazia o Lobo cruel guerra.

## SYLVIO.

Chorai tamanho mal gentes estranhas  
Nas frias, e nas quentes regiões,  
Chorai perda, que fez perdas tamanhas.

## SERRANO.

Dai lagrimas sem fim, varias Nações,  
A dôr, que enche de dôr, enche de espanto  
A dôr de Tigres magoa, e de Leões.

Não negue couza viva vivo pranto,  
De quantas o Ceo vê, a Terra cria,  
As que o mar cobre façam outro tanto.

## SYLVIO.

Escuro torne sempre aquelle dia  
Em que de branca neve andou roubando  
A morte as frescas rosas com mão fria.

## SERRANO.

Assim se foi teo rosto descorando  
Como o Lyrio no campo, ou a Bonina,  
A quem o arado talha em traspassando.

## SYLVIO.

Levou-te pera si, oh Flor divina,  
Esse que gera o Sol, enfréa os ventos  
A quem o Ceo, a Terra, o Mar se inclina.

## SERRANO.

Já gozas immortaes contentamentos,  
Nós ficámos sem ti nesta baixeza  
Em magoas, em miserias, em tormentos.

Diogo Bernardes passou sempre por um dos nossos melhores Poetas Bucolicos, mas a sua reputação sofreu muito por um facto, que eu desejaría bem podér omitir. Manoel de Faria e Sousa nos seus Comentarios ás rymas de Luiz de Camões, accusou Bernardes nada menos, que de haver roubado ao Cantor dos Lusiadas as Eclogas, que

no Lima tem os números 3, 4, 11, 13, e 15, e o Poema de Santa Ursula, dando estes seis Poemas como seus, fazendo-lhe alguns accrescentamentos, e pequenas mudanças.

Uma accusação tão grave, e vergonhosa para um Author conhecido, e estimado, não podia admittir-se sem provas, e Manoel de Faria, que não ignorava isso, não se descuidou de appoiar a sua assersão com grande appa-  
to de razões, e de raciocinios, que pela maior parte não admittem dúvida, nem contradicção razoavel. Se as Eclogas de que se trata estivessem nas *Rymas Varias*, ou em qualquer dos outros volumes publicados depois da morte do Author, assim como a Santa Ursula, ainda a culpa de plagiato podia ser imputada á ignorancia, negligencia, ou má fé dos Editores, pois não é cousta nova, o admittirem estes obras alheias nas collecções posthumas dos Escriptores que dam á luz; mas desgracadamente para Ber-  
nardes as cinco Eclogas estam no Lima, que elle publi-  
cou no ultimo anno da sua vida; e se não foi elle o Edi-  
tor, teve conhecimento da Edicção, pois o teve seu ir-  
mão Frei Agostinho da Cruz, que falla do *Lima*, no So-  
neto XXVI., em que dirigindo-se ao Poeta diz

O Povo, cujo applauso recebeste  
Vendo teo brando *Lima* dedicado  
A Principe Real, claro, excellente,

A citação não admite dúvida, pois o *Lima dedicado*

A Principe, Real, claro, excellente

não pôde entender-se pelo rio Lima, mas sim pelo li-  
vro, que se intitula o *Lima de Diogo Bernardes*, pois esse  
é o que se imprimio em Lisboa em 1696 dedicado ao Du-  
que d'Aveiro D. Alvaro de Alancastro, e como podia Ber-  
nardes vivendo em Lisboa, ignorar o que era sabido do  
pobre Capuchinho, que fazia vida eremítica na solidão  
da serra da Arrabida? E não é de toda a probabelidade,  
que, Bernardes, que muitas vezes o vesitava, fosse o pro-  
prio, que communicasse aquelle livro a seu irmão, que  
de certo se não occuparia em mandar a Lisboa comprar  
livros de poesia?

O que custa a entender é: 1.<sup>o</sup> que um Poeta tão rico de seu proprio fundo, cahisse na leviandade de se atribuir obras alheias, e obras de um contemporaneo, sem receiar que tarde, ou cedo fosse descoberta a fraude: 2.<sup>o</sup> que as poesias de Luiz de Camões fossem tão pouco conhecidas, que havendo-lhe Bernardes usurpado cinco Eclogas, e a Santa Ursula, ninguem désse por isso desde 1594, até 1685, em que Manoel de Faria e Sousa publicou os seus Commentarios ás rymas de Camões.

Seja como fôr, a opinião de Faria e Sousa tem sido adoptada por quasi todos os bons entendedores, e especialmente pelo Padre Thomaz d'Aquino, e por José Victorino Barreto Feio, os douos melhores Editores de Camões, e eu não posso deixar de seguir o mesmo parecer, porque tendo examinado, e confrontado aquellas Eclogas com as de Bernardes com toda a attenção que em mim cabe, fiquei plenamente convencido de que o tom de composição, o colorido poetico, o estylo, a linguagem daquelles Poemas, se affastam tanto da maneira habitual de Bernardes quanto se approximam ao modo de compôr de Camões, e pára me decidir bastava a versificação, cujo apuro, e harmonia não permite atribui-la nem a Bernardes, nem a qualquer outro Escriptor contemporaneo, excepto Camões. Junto a isto, que tudo o que nessas Eclogas foi accrescentado por Bernardes como a Dedicatoria da Ecloga XI, é muito inferior pelo estylo, pensamentos, e metro ao resto da obra, a que foi accrescentado.

É evidente que desta fraude comprovada, resulta um preconceito muito desfavoravel contra Bernardes, pelas obras deste, as de Ferreira, Sá de Miranda, e Caminha, nos consta que naquelle seculo floresceram muitos outros Poetas muito estimados, e admirados, como Antonio de Castillo, Francisco de Sá e Menezes, sem ser o Author da Malaca, D. João de Castello Branco, Luiz d'Alcaçova Canneiro, e outros de que chegaram a nós os uomes, e não as obras; e quem nos affiança, que algumas destas não foram usurpadas por Bernardes, e se lêiam entre as suas? Respeita-las-hia elle mais do que as de Camões? Isto não é uma afirmativa que eu faço, pôde ser que assim não succedesse, e eu o desejo muito por honra do Cantor do Lima, mas a suspeita seria legitima, á vista do que se

acaba de expôr, mas deixemos já estas miserias da fraqueza humana, e digamos alguma cousa ácerca das Epistolas de Diogo Bernardes.

As Epistolás, ou Cartas de Diogo Bernardes sempre eu tive pelas suas melhores composições. Menos instruído que Ferreira, não admira que seja menos fecundo de idéas, e mais mingoado de doutrina, e philosophia do que elle, mas tem mais amenidade, mais allusões á sua vida privada, e versos mais fluidos, e harmoniosos, posto que ás vezes dá no prosaísmo, e no desleixo, como Ferreira na dureza; sendo igualmente menos energico pela expressão, e menos vivo do que elle no colorido das pinturas.

Reina nestas Cartas um profundo respeito para com Sá de Miranda, e uma admiração sincera, e sem lembras para com Ferreira, de quem se vangloriava de ser amigo, discípulo, e imitador; a elle consultava, a elle pedia conselhos, e á sua emenda, e correcção submettia as suas poesias, eis-aqui como elle se lhe dirige na Epistola II.

Musa da Lusitania, pouco digo,  
Das nove do Parnaso a principal,  
Que menos não partio o Ceo contigo.

Inda que sei que poaco, ou nada val  
Natureza sem arte, e sem doutrina,  
Que pôde com amor parecer mal?

Si tal razão em tal materia he dina,  
Bem, te podem meos versos parecer,  
Pois mos inspira Amor, pois mos ensina.

Ha nelles que cortar, ha que estender,  
Vam como parto de Ussa, buscam vida,  
Outra fórmā milhor, hum novo ser,

Que lhes podes dar tudo quem duvida?  
Eu que lhe posso dar si não amor,  
Suspiros tristes, dôr mal entendida?

Soberbo me faria o teo louvor,  
Si me esquecera o Moço, que cahindo  
Deixou o mar com nome, o Pay com dôr.

Este me faz temer, e o que subindo  
No carro, que pedio, morto desceo  
Inda debaixo d'agoa ardor sentindo.

Posto que logo então tanto se ergueo  
A vāa presumpsão minha sobre si,  
Que mal seu desengano recebeo.

Digo, quando meo nome escripto vi,  
Daquelle penna, que com largo ensino  
A nós prudencia dá, dá fama a Ti.

O louvor traz comsigo desatino,  
Altéra, e céga a quem he cobiçoso  
Delle, e por tal respeito mais indino.

O que fama não quer por virtuoso,  
O que de tod̄ a Vicios se entregou,  
Não pôde, ainda que lembre, ser famoso.

Sinão vejam a fama, que deixou  
O que pôz fogo ao Templo por memoria,  
Que nem sómente o nome conservou.

Outros conselhos dás na triste Historia  
Da triste Dona Ignez, outras lembranças  
Dignas de fama cá, no Ceo de gloria.

As nossas bem fundadas esperansas  
Virtudes devem ter por seu objeto  
Para firmes estarem nas mudanças.

Quem vio o virtuoso andar sujeito  
A successos do Mundo duvidosos ?  
Quando não foi seu bem firme, e perfeito ?

Os que chegam a termos tão ditosos,  
Que mais tem que esperar, ou que temer,  
De que podem na vida andar queixosos ?

Não ouso de fallar, pôde-se crér,  
As Musas livres de sua natureza  
Hum modo vam as faz emmudecer.

Pesa-me de vir dar nesta certeza,  
Mas quem pôde escutar tristes queixumes,  
Vendo que o bem se engeita, o mal se presa ?

Pouco presta escrever grandes volumes  
Por parte da Virtude contra o Vicio,  
Vencem boas palavras máos costumes ?

Si buscas Alexandre, si Fabricio  
Achas tu si não Elios, si não Midas,  
Que fazem com dôr nossa σ seo oficio ?

Quanto melhor seria vêr perdidas  
Estas vãas pertenções aírás que andamos,  
Aventurando as almas pelas vidas.

Mil couzas, que no publico tachamos,  
Seguimos no secreto á redéa solta,  
Cuidando de enganar, nos enganamos.

Em tanta confusão, nesta agoa emvolta,  
Fazemos da vontade nossa guia,  
Mas onde vai parar quem não dá volta?

Que dizes tu daquelle que comfia  
Do seo juizo tanto, que vãmente  
Escreve o que lhe vem á phantasia?

Este tal sente tudo, ou nada sente,  
Extremos perigosos pera quem  
Segundo o fio vai da céga Gente.

Que gostos dás na vida, que mó'r bem,  
Que ter Homem de si conhecimento?  
Quem isto só alcança tudo tem.

Não se deixa virar de cada vento,  
Não morre por viver, não lisongêa,  
Não faz em peito alheio fundamento.

Recolhe com prazer o que seméa,  
Com gosto come, dorme descansado,  
Da sua vida vive, e não da alhêa.

Dos antigos Romãos foi perguntado  
Apollo qual dos Homens desta vida  
Julgava por mais bemaventurado.

Respondeu á pergunta referida,  
Que Giges, couza mais não declarando,  
O que a resposta fez mal entendida.

Elles, que delle estavam esperando,  
Que nomeasse algum mais conhecido  
Dos Grandes, que no Mundo tinham mando;

Querendo conhecer quem preferido  
Fôra em ventura á regia dignidade,  
Acharam, tendo já muito inquirido,

Ser hum Homem que fôra da Cidade,  
No campo cultivava huma Horta pobre,  
O qual hera mais pobre de vontade.

Parece que já então hera de cobre  
A edade que atéli fôra de prata,  
E d'antes de metal muito mais nobre.

O Tempo tudo gasta, e desbarata,  
Acabou, começou esta de ferro,  
Onde tractam melhor quem peior tracta.

A terra, que nos deram por desterro  
Esquecidos nos faz da Patria propria,  
Que má desculpa tem tamanho erro.

Emfim esta materia que he impropria,  
He pezo d'outros hombros, d'outro espirto,  
A quem Phebo de si dá maior copia.

Por tanto meu desejo, e não meu dito  
Recebe com amor, e attenção pura,  
Que chega onde não chega o curto escripto.

E se tua clara luz, que a nevoa escura  
Dos bons engenhos vai alevantando,  
E do Pindo lhe mostra a mó altura,

Me fôr por esta selva alumando,  
Onde Amor me meteo, alta, e sombria,  
Por onde vou a medo caminhando.

Inda eu espero que vêjas algum dia  
Com novo louvor teo mais doce cânto,  
Por que tendo tão certa, e fiel Guia,  
Não he muito de mim prometer tanto.

Ferreira respondeu a esta Epistola, com outra, em que lhe dá louvores, preceitos, e conselhos judiciosos. É na verdade espectaculo grato para os Amadores das Artes, ver um Ferreira, um Caminha, um Bernardes, um Sá de Miranda, e outros homens grandes, que foram a gloria, e a illustração do seculo, em que viveram, corresponder-se amigavelmente, fallar em puridade, consultar-se, aconselhar-se, defender-se reciprocamente sem inveja, sem pensamento reservado, e todos empenhados no progresso das Artes, e no explendor da Patria. Mas esse quadro lisonjeiro se esvaece logo que observamos a mudança que tem feito costumes tão louvaveis; quando vêmos que homens, que estão muito longe de emparelhar com aqueles venerandos Pais da nossa Poesia, fazem tymbre de

atassalhar-se mutuamente, de calumniar uns aos outros, desacreditando-se a si, e a arte com invejas mesquinhas, odios, e intrigas vergonhosas: parece que os abafa a gloria alheia, e que os louros dos outros redundam em descredito seu.

Na Carta XII., depois de louvar a Ferreira, confessa Bernardes francamente, que lhe deve quanto é, e quanto vale, e esta confissão é tão honrosa para um como para outro.

.....  
Por mim nunca subira onde subi,  
Meu nome com a vida se acabára,  
O Mundo não sobera si nasci.

Confesso dever tudo áquelle rara  
Doutrina tua, que me quiz ser guia,  
Do celebrado monte á fonte clara.

E por te dever mais si á luz do dia  
Te parecer que saiam meos escriptos,  
Na tua pena está sua valia.

As faltas, os sobejos, duros ditos,  
O não guardar decoro em pranto, e rogo,  
Em fim erros, que ahi vam infinitos,

Emenda, corta, abranda, sintam fogo  
Da tua ardente Musa, em que se apurem,  
E, sendo dignos d'outro, dá-lho logo.

Na mesma Carta exprime o Author, mui poeticamente, o desejo de possuir uma mediocre fortuna campestre, e viver como bom Lavrador livre de encargos, e inteiramente desviado do serviço público, desejo razoavel, e prudente, e que muito mais o seria no nosso tempo, em que o serviço do Estado, que sempre foi captiveiro trabalhoso, se tem tornado a sorte mais precaria, e miseranda, capaz de descurçar as mais vivas ambições, si a ambição fosse susceptivel de emenda, e de desengano.

Em selva escura andamos ás escuras,  
Sem vêr do gran Planeta claro, e puro  
O lume, que dá luz ás luzes puras.

Oh bemaventurado o que seguro  
No campo vive com seos Bois lavrando  
A dura terra com arado duro.

Ou vai o longo rēgo semeando,  
Ou o monda, ou o rega dēsque nasce,  
Ou com soucinha torta o vai segando.

Ou em quanto no prado o Gado pace,  
A videira sem mimo infructuosa  
C'o Alamo sombrio espose, e abrace.

Ou em planta silvestre, e amargosa  
Enxerta com mão dextra, e ferro agudo  
Outra de melhor gosto, e mais mimosa.

Bem se pôde chamar ditoso em tudo  
O que tamanho bem do Ceo alcança,  
Que gasta assim seo tempo, e seo estudo,

Que da Fortuna adversa aspra mudança  
Não teme, nem dos Homens mil enganos,  
Nos quaes ter-se não deve comfiansa.

Nunca damna ninguem, nunca vê danos,  
Que causem na sua alma tal tristeza,  
Que mais asinha vêja o fim dos annos.

Goza dos puros dons da Natureza,  
De mil suaves fructos, de mil flores,  
Que parte a Primavera com largueza.

Nunca se queixa em vão de vãos amores,  
Nem vê cuidados doudos quaes eu tive  
Quando sentia a dôr das suas dôres.

Finalmente, que vive, ah ! como vive !  
Pois vive de esperansas, e receios  
Tão livre, que não tem quem o captive.

Digo, por concluir estes rodeios,  
Que confessso de mim que tenho inveja  
A quem de seos bens vive, e não d'alheios.

Pelo que rogo ao Ceo, que inda me vêja  
Onde possa viver com liberdade  
O pouco, que da vida me sobeja.

Onde siga rasão, negue vontade  
A minha, com as mais que errado sigo,  
O trabalho perdendo a poz a edade.

Esta pintura da vida campestre é cheia de amenidade, e traçada com colorido mimoso; Ferreira, respondendo a esta Epistola, indica os mesmos desejos de viver tranquillo no campo, e se lamenta de que as suas circumstancias lhe não permittam abandonar a Corte, e trocar a beca de Desembargador pelos vestidos simplices do Aldeão.

Toda minha alma em desejar se estende  
A dôce vida, que tão dôce cantas,  
Que quasi quebra a força, que me prende.

Mas ajunta a mil forças outras tantas  
Todas quebrára eu, si azas tivesse,  
Com que chegasse onde me tu levantas.

Si eu podesse, oh Bernardés, si eu podesse  
Ser de mim só Senhor, eu vóaria  
Onde do Vulgo mais longe estivesse.

Ali quam docemente me riria  
De quanto agora choro, ali meu canto  
Livre por ares livres soltaria.

Em quanto me vez preso, amigo, em quanto  
Sem espirto, sem força, não me chames  
Com teos versos, que a ti só honram tanto.

Assim estes doux Poetas amigos, unanimes em sentimentos, suspiravam pelas doçuras de uma vida livre, e tranquilla, e murmuravam contra o jugo da necessidade que os obrigava a viver, onde, e como menos lhe convinha.

A Carta VIII., endereçada a seu irmão Fr. Agostinho da Cruz, respira ternura paternal, pois nella se queixa com muita sensibilidade de elle se ter feito Capuchinho, sem lhe haver dado parte disso; lamentando ao mesmo tempo a perda da sua companhia.

Em que te mereci que me negasses  
Teu pensamento bom, teo bom dezenjo  
Primeiro que do Mundo te appartasses?

Agora sinto, Irmão, agora véjo,  
Que tinhas pouco amor pera comigo,  
Sendo pera contigo o meu sobrejo.

Perdoa, si te agravo no que digo,  
Não te posso negar que sou humano,  
E que da Natureza a regra sigo.

Faz nesta parte a dôr á rasão damno,  
Não me deixa cuidar quanto accertaste,  
E como tudo o mais he puro engano.

Si tu soubesses lá qual me deixaste,  
Não digo eu que te arrependerias,  
Que nunca do bom feito atraç tornaste,

Digo, que magoado ficarias  
Em responder tão mal a Amor tamanho,  
Que sempre em mim cresceo igual c'os dias.

.....

Fui suspirando só por esses montes,  
As lastimas, que disse, não escrevo,  
Porque de tal fraqueza não te afrontes.

Disto te não espantes, que mais devo  
A' tua saudade, e mil lembransas,  
Em que desmaio agora, em que me enlevo.

A amisade destes doux irmãos Poetas, para honra sua, e das Letras, nunca se desmentiu, posto que seguissem vida tão diferente: mesmo quando Fr. Agostinho, não contente das austeridades da Ordem, em que professará, e abandonando de todo o mundo, se recolheu a fazer vida eremítica na Serra da Arrabida, Bernardes o visitava a miúdo naquella solidão, e lhe hia pedir conselhos, e consolações nos seus trabalhos, e na sua vida não pouco atrubulada. O mesmo Fr. Agostinho nos informa destas circumstancias na bella Elegia, em que deplorou a morte de seu irmão.

Na Epistola a Pero d'Andrade Caminha, que é a undécima da collecção, se queixa Bernardes dos amigos fingidos, que lhe faziam grandes promessas, e na occasião lhe salvavam a ellas. E o que de ordinario acontece no mundo.

E porque do melhor se não desvie,  
Mostra-me tu, Andrade, entre essa Gente  
Algum Espírito bom, de quem me fie.

Quem hontem me mostrou rosto contente  
 Já hoje se me mostra carregado,  
 Em tudo do primeiro diferente.

Por grave ficar quer desobrigado  
 A me favorecer no que pertendo,  
 De que palavra já me tinha dado.

Estes, montes, e valles prometendo,  
 Sem nunca efectuar o prometido,  
 Querem que o que não dam, fique devendo.

Mas eu como já bem tenho entendido  
 Quam anchos Mestres sam de fingimento,  
 Tambem lhes sei mostrar rosto fingido.

.....

O seguinte trecho é escripto com muita graça, e veia satyrica.

Outros se querem cá servir de mim  
 Em dár sentido a versos, si sam versos,  
 Os conjuros de Circe, ou de Merlim.

Outros com modos novos, mas perversos,  
 Querem de mim, que seos contrarios note  
 De vis, ou d'Agarenos, ou Conversos.

Hum quer que lhe responda a hum frio motte,  
 Diz outro, que lhe grose huma Cantiga,  
 Mais confusa que a Torre de Nembrote.

Que cuidas que me importa essa fadiga ?  
 Cuidarem que me deixam satisfeito  
 Com dizerem « Não ha quem melhor diga ! »

Parece-te que tiro bom proveito  
 Do trabalho, que passo, antes que a lima  
 Por bom acceite o verso, e o conceito ?

Vivo só do louvor da minha rima ?  
 Por ventura lho dá quem não entende  
 Si he digna de desprezo, si de estima ?

Mas o que sobre tudo mais me offende  
 He tractar com Poetas, que me pedem  
 Que suas obras véja, e lhas emende ;

Que risque, ou mude os versos, que precedem  
 Sem arte, e sem medida, livremente,  
 Que podér pera tudo me concedem,

Sendo a sua tençao mui diferente,  
Que não querem emenda, mas louvor;  
Que de emenda não ha quem se contente.

Ora louvai-me lá hum semsabor  
Menti por gosto seo, sem ter vergonha  
Da terra, nem do Ceo nenhum amor.

Si Diogo Bernardes, resucitasse no nosso tempo, veria, que no meio de tantas mudanças, como tem havido em Portugal, só a este respeito as cousas se tem conservado innalteraveis; acharia a cada passo ignorantes, que despresam a poesia, e querem versos para tudo; importunos que querem que os Poetas percam o seu tempo em composições de sua encommenda, e que não julgam necessario remunerar-lhe o seu trabalho, e sobre tudo Escrevinhadores ridiculos, e fansarões, que pedem que lhe emendem, e corrijam seus Poemas, só para que lhos louvem, e ganhem, e que ao reparo mais judicioso, e sincero, em logar de se aproveitarem delle, retiram-se descontentes, e vão vomitar injurias contra o Literato, que teve a franqueza de lhe fallar verdade! Só o que não acharia por certo seria ainda entre os melhores Poetas aquelle espirito de fraternidade, aquelle mutuo desejo de auxiliar-se, que reina entre elle, Ferreira, Caminha, e outros grandes homens daquelle ditoso seculo da Literatura Lusitana.

Na Epistola a D. Fernando Alvares de Castro a (XXIII.) ceusura Bernardes, com toda a lepidez satyrica de Horacio, a mania dos titulos, e tractamentos indevidos, que sempre reinou entre os Portuguezes, e que neste seculo tem chegado a um ponto verdadeiramente escandaloso. Os tractamentos, e as qualificações honorificas, e ilægaes em vez de honrar, deshonram a quem delles usa indevidamente, sam o merito dos que não tem merito, e as pennas do pavão, com que se desfarçam as gralhas.

Os titulos illustres, soberanos,  
Senhor, ao Rey se devem tão sómente,  
Pera todos os mais servem de enganos,  
Digo isto, porque já mui largamente  
Adulei por palavra, e por escripto,  
*Ma no per questo ho guadagnato niente.*

Hum destes dias li hum sobreascripto  
Em que se pôz illustre a huma Preta,  
Que vende na Bitesga Peixe frito.

Este terceto comprova, que a rua da Bitesga foi sempre em Lisboa famosa pela venda de peixe frito, como ainda hoje acontece; mal cuidam os Frigidores actuaes, que a gloria artistica da sua profissão se mantem naquelle sitio desde tempos anteriores ao reinado d'El-Rei D. João III., e D. Sebastião! Que brasão para professores tão uteis! Ah! se fosse vivo o Chronista Mór Fr. Claudio, se tal soubesse, é natural que empregasse o seu talento de aguia em nos dár uma Chronica dos Frege-peixes da rua da Bitesga como nos tencionára deixar a *da Casa dos Vinte e quatro, de absoluta necessidade para bem se entender a Historia do Reino!* Grandes projetos interrompe a morte!

Nottai, Senhor, agora como beta  
*Illustre n' huma Córva frigideira,*  
Que foi tomada a gaita, ou con trombeta!

E deram-me a lér outro na Ribeira,  
E a quem me dêo a ler fiquei devendo  
Ter bem que rir huma semana inteira.

Dizia «*Ao estimado, e reverendo*  
*« Magnifico Senhor Lourenço Affonso*  
*« Em cuja Senhoria me emcamendo. »*

Vêde si pôde usar deste Vasconso  
Nem hum gran Bacharel, que serve em nora  
Por mais que de cervello seja esconso.

Pois esse tractamento de *Senhoria*, de que Bernardes assentava que um Bacharel não podia usar, exige-o hoje não só o Baicharel, mas o Malsim, o Cirurgião, o Tendeciro, o Capateiro, e suas mulheres apodam de incivil, e malcreado todo o que lhes falla, sem de dez, em dez palavras ajuntar ao seu nome uma Excellencia mui campanuda, e repinicada.

Uma das melhores Cartas de Bernardes é a XXVI dirigida a João Gomes da Gram, que andara então na India; nella o Poeta, além de fazer sentir o quanto importa

para a gloria das nações a estima, e o cultivo da poesia, lamenta o pouco acolhimento, que o seu talento encontrava nos Grandes do seu tempo. Tinha razão, nessa mesma epocha um Poeta muito superior a elle em talento, e saber, não só era abandonado á miseria, mas alvo das mais atrocidades, e immerecidas perseguições ! E esse poeta é hoje contado entre os maiores da Europa, e é no seu Poema, que vivem, e resplandecem as antigas glorias, e as acções brilhantes dos nossos antepassados.

As Estatuas do Tempo sam gastadas,  
Tambem o foram já suas memorias,  
Si não foram das Musas conservadas.

Mas não te contariam mil victorias  
Dos nossos valorosos Lusitanos,  
Por que elles sam mais d'obras, que de Historias.

Os celebrados Gregos, os Troianos,  
Os famosos Romãos Conquistadores  
Não foram mais nas obras soberanos.

Mas si no Mundo tem muitos louvores,  
A causa disso foi porque souberam  
Grangular os prudentes Escriptores.

As honras, e mercês, que receberam  
Oppiano, e Virgilio foram pennas,  
Com que tão altas couzas escreveram.

Porque menos Coimbra do que Athenas,  
Porque mais fará Roma, que Lisboa  
Cantar ao som das Armas as Camenas ?

Dos Engenhos a quem Phebo emcordão  
A docce, a branda Lyra com mão propria,  
A quem de verde Louro dá côroa,

Quando he que entre nós houve maior copia ?  
E porém de Mecenas tantos temos  
Como de Brancos tem a Ethiopia.

Nesta Epistola toca o Poeta elegantemente muitas das Fabulas antigas, coim que dá não pouca variedade, e graca ao seu contexto.

Terminarei o que pertence a Bernardes transcrevendo a sua Carta a D. Gonçalo Coutinho, então retirado na

sua quinta de Vaqueiros, que é uma das mais ricas de pensamentos, e estylo poetico.

Senhor, si pertendêra acreditar-me,  
Invocára favor de Caliope  
Neste familiar, e amigo carme.

Mas pouco me dá já que muitos tópe  
Que digam que inda menos sei de rima,  
De que de Grego sabe hum Ethiope.

Nunca de escuros versos fiz estima,  
Sempre porque me entendam fallo claro,  
Preze-se quem quizer de ser enigma.

Quizera a poucas voltas dár no faro  
Da sentensa, que jaz no verso incluza,  
Que o muito rastejar custa-me caro.

Aquella he mais formosa, e rica Musa,  
Que sempre nas figuras, e palabras  
Comformes ao sujeito, e uso, as usa.

Está tão mal a hum Pastor de Cabras.  
Tractar de Astrologia, e Medecina,  
Como a hum grande Rey de Gado, e Labras.

Eu sei d'alguns, que, por mostrar Doutrina  
Sem guardarem docóro se desviam  
De quanto a experienzia, e Arte ensina.

Estes, e os que de si tanto se fiam,  
Que não admitem bom juizo alheio  
O castigo de Marsyas mereciam.

Com perdão de Diogo Bernardes, querer que seja esfollado um pobre homem, sem mais culpa, que não aceitar os bons conselhos, que lhe dam para aprefeioar seus versos, parecé-me rigor de mais, attendendo a que versos ruins sam o menor mal, que afflige os filhos de Adão! O unico perjuizo, que resulta dos máos versos, é tornar ridiculo aquelle, que os faz, e que maior castigo lhe querem?

Os versos destes taes sorve o Letheio,  
Ou vam para embrulhar Drogas na Tenda,  
Como tambem dos meus inda receio.

Esta pincelada é no gosto de Boileau.

Quem se teme de si, quem sofre emenda,  
Não tem de quem temer, nem dá motivo,  
Que nelle ache a malicia, que reprehenda.

Deixa depois de morto nome vivo,  
E adorna os seus escriptos de brandura  
Com ser contra si mesmo duro, e esquivo.

O Tempo o mau descobre, o bom apura,  
Humas couzas reprova, outras inventa,  
O que vai de vagar mais se segura.

Quem tanto de seus versos se contenta,  
Quem cuida que não ha que emendar nelles,  
Afronta ás suas faltas acrecenta.

A' porta punha o celebrado Appelles  
Do seo Ingêno raro os partos bellos,  
Não fiando de si a emenda delles.

Eu já li versos, que para entendellos  
Cumpria ser Mirlem, ou Nigromante,  
Ou andar com Apollo a os cabellos.

Para este verso ficar certo é necessario não pronunciar *aos* como toda a gente pronuncia, e pronunciar *á os*, como não pronuncia ninguem. Estes, e outros descuidos sam mui frequentes nos Quinhentistas, á excepção de Camões, que foi o primeiro que soube dominar a lingua, descriminar o dialeto poeticó do prosaico, e fazer versos hendecasylabos com perfeição.

E outros tão pezados, que Athalante  
Não podéra suster sós dois Tercetos,  
E com trez não daria hum passo adiante.

Eu, Senhor, já podera ter bisnetos  
Depois que comecei a fazer Trovas,  
E ainda bem não caio nos Sonetos.

*Cahir em alguma cousa*, significa vulgarmente enredar-se nella, *cahir em erro* errar, *cahir em demencia* tornar-se demente; segundo os nossos Classicos *cahir em alguma cousa*, quer dizer, entende-la, conhece-la, percebe-la; assim disse Camões

*Eu que cahir não pude neste engano.*

Isto é « *eu que não pude conhecer, ou entender este engano*, e não como hoje se entenderia « *eu que não pude deixar-me illudir com este engano* « e neste logar de Bernades, quer dizer « *haver-se bem com alguma cousa, praticá-la com perfeição*. » Este verso do Poeta

*E ainda bem não caio nos Sonetos*

quer dizer, *ainda não sei fazer os Sonetos com perfeição*. É bom notar estas variadas significações dos verbos, não só porque nellas está grande parte da riqueza da lingua, mas porque sem as saber não é possível entrar bem no sentido dos Authores.

E vêjo muitos que inda as pennas novas  
 Com que sahem do ninho não mudaram,  
 E querem de Poetas fazer provas ;  
 Por isso nas emprezas, que tomaram,  
 Tão fraca, e friamente procederam,  
 Que em vez d'bonra ganhar se deshonraram.  
 Si tão bem estes tempos responderam  
 Com nossos necessarios mantimentos,  
 Como em o dar Poetas floresceram,  
 Eu me rira de ter requerimentos,  
 Que fazem ser hum Homem chocarreiro,  
 E cauzam outros mil abatimentos.  
 Hum Asno carregado de dinheiro  
 Trepa por onde quer, acaba tudo,  
 E não acaba pouco o Lisongeiro.  
 O pobre virtuoso, e o sesudo  
 Perca do que merece a saudade,  
 E tome a paciencia por escudo.  
 Ah ! quem me dera agora a liberdade  
 Que tive n'outro tempo, n'outro estado,  
 Pera poder fallar mais á vontade.  
 Mas pera que ? si estou certificado,  
 Que certos desenganos pouco prestam,  
 Com quem não quizer ser desenganado.

Reprensões, e verdades, que mollestam,  
Bastâ serem tocadas de passagem,  
Por que inda muito assim nos manifestam.

Por tanto mudo aqui a lingoagem,  
A vida, que escolhestes Aldeãa,  
Que faz a esta de cá muita vantagem.

Ahi mais cedo vêdes a manhãa,  
Que bella em Oriente se levanta,  
Vestida de ouro, azul, de neve, e grāa.

Ahi o Rouxinol mais doce canta,  
E as mais Aves livres de Senhores  
Mais livres vdam de huma em outra planta.

Ali se alegra a vista com as flores,  
Que tem a verde selva matizada  
De novas, naturaes, alegres côres.

Ahi no ramo a fructa pendurada  
O gosto vos desperta, e vos comvida /  
Não colhida sem tempo, nem comprada.

Ali honra não ha que vos empida  
Sahir de casa só desafeitado,  
Nem Moço que murmuré, e sempre pida.

Ahi cada manhãa não sois filhado  
Do Mercador, do Xastre, e Calceteiro,  
Que na cama vos tinham emprazado.

*Filhar* significa tomar, agarrar, &c. como pôde vêr-se a cada pagina do *Leal Conselheiro*, obra Philosophica de El-Rei D. Duarte.

Este verbo foi muito usado, mas já no tempo de Bernardes estava antiquado, quanto a mim sem razão nenhuma. Quasi o mesmo pôde dizer-se de *Xastre* por *Alfaiate*, posto que ainda usasse delle Francisco Rodrigues Lobo. *Calceteiro*, não quer aqui dizer o homem que faz, ou certa calçadas, unica significação que hoje tem: mas o Fabricante de meias, em razão disso antes do Terremoto, havia em Lisboa uma rua chamada a *Calacetaria*, onde estavam arruadas todas as lojas em que se fabricavam meias.

Ahi cada Semana o Çapateiro  
À vossa propria pelle não esfolha  
À troco da de Bode, ou de Carneiro.

Ahi não encontraes com Mariola,  
Que depois de moer-vos, vos diz « guarda ! »  
Nem anda o pé por lamas em que atola.

Ahi basta vestir de roupa parda,  
E servir de Rocim Gallego, ou Macho,  
Ora pôsto de sella, ora d'albarda.

Ahi não rabeaes aos do Despacho,  
Que vos levam traz si sem vos dar vento,  
E nisto tambem eu a mim me tacho.

*Rabear* está aqui na significação de andar seguindo e  
acompanhando sem cessar os poderosos, para alcançar  
delles o despacho de suas pertenças, estou certo que  
Ferreira tão amante da correcção, e da expressão nobre  
censuraria este uso de um verbo, que se explica pela phra-  
se vulgar *andar ao rabo d'algum* mas Bernardes pecca  
frequentemente na baixeza dos termos. O mesmo verbo  
*rabear* tambem se usa na significação de estar inquieto so-  
bre um assento, revolver-se nelle com furia, e dar upas.  
Neste sentido disse Francisco Manuel na traducçao dos  
*Martyres* fallando de Pythonissa

na tripode rabea.

Ahi, segundo o meu entendimento,  
De mais alegre vida vos lograes,  
Que quantos della tem contentamento.

Ahi, quando quereis caçar, caçaes  
Pêga com Gavião, com Galgo Lebre,  
A poucos passos, que no campo daes.

Ahi pouco vos dá que as pazes quebre  
O Calipha do Egipto, e o Saladino,  
Nem que o Prestre João mourra de febre.

E menos, que Rinaldo Paladino  
Va per amor d'Angelica la bella  
A' serra d'Ossa a se meter Beguino.

Ahi, sem passar mar, nem mudar sella,  
Vereis pintado o Mundo, ou por escripto  
Em Plinio, Ptolomeo, Pomponio Mella.

Ahi não vos abrange o Interdicto,  
Que pôz Rabi Asar em Babilonia,  
Porque largou Granada El-Rey Chiquito.

Ahi viveis em fim sem ceremonia,  
E lêdes, sem estorvo, hum dia todo  
Sem vos ser necessario Celidonia.

Cartas, e Dados vam-se pôr de lôdo,  
Ou vam-se apposentar c'os do contrato,  
Que trazem o dinheiro em caza a rôdo.

Ahi, não da ribeira, mas do matto  
Vos trazem Perdigões, e Laparinhos,  
O Cabrito de mama, o tenro Pato.

Trazem-vos da esparrella Passarinhos,  
E Rolas, amarellas de gordura,  
Os Criados da caza, e os visiahos.

Faltam-vos hi Perús pola ventura ?  
Bem sabem nesta Casa, como sabem  
Onde a lembrança em vez de gosto dura.

O Azeite, por mais que vo-lo gabem  
De mui claro, de louro, e de gostoso,  
Muito móres louvores nelle cabem.

Tambem tendes ahi Trigo espantoso,  
Segundo ouço dizer, que de certeza  
Não sei si faz pão feio, si formoso.

Foi liberal em tudo a Natureza  
Com essa vossa Quinta dos Vaqueiros,  
E deu-lhe inda comvosco mór riqueza.

Hum gabo me esquecia dos primeiros,  
Que lhe poderá dar para tropheo  
Dos mais louvores seos bem verdadeiros.

E he, que tal licor lhe da Líeo,  
Que não sómente alegra huma alma afflita,  
Mas antecipa o placido Morpheo.

Ahi, que seja sempre o Ceo permita !  
Para vos occupardes no divino  
O Monte, o valle, o bosque vos incita.

Imita-vos o Rio cristalino,  
A Planta, a Flor, o Bicho, o Passarinho,  
E a Fonte, que murmura de continuo.

E tendes o Egypto por visinho,  
Onde podeis gostar celeste fumo  
No pobre, e penitente Capuchinho.

Finalmente, Senhor, eu me resumo,  
Que outra vida não ha que melhor seja,  
Posto que a todas vou lansando o prumo.

Quem a pôde gozar, que mais deseja?  
A que Banda, a que Mythra, a que Corda,  
A que couza do Mundo tem inveja?

Do mal ahí mais tarde a nova sôa,  
Do bem hi vê-la manda o bom amigo,  
Ou seja de Madrid, ou de Lisboa.

Huma, e outra vos affirmo, e digo,  
Que na vida do campo corre a vida,  
E a alma tambem, menos perigo.

Soberba não he vista, nem ouvida  
Entre simples, e humildes Lavradores,  
Nem falsa hypocrisia conhecida.

Não trazem entre si aduladores,  
Que por proveito seu, e alheio danno,  
Ao gosto sempre fallam dos Senhores.

Ali não tem logar o falso engano  
Em Escripturas, tractos, e distractos,  
Em ouro, e prata, nem em seda, e pano.

O que Diogo Bernardes affirma nestes versos está em perfeita contradicção, com o que ouvi muitas vezes ao Padre Diogo dos Santos, um dos mais eloquentes Ora-dores sagrados, que tem florescido em Lisboa. « Tremo (me dizia elle muitas vezes) quando véjo a meus pés um homem, ou mulher do campo, porque a longa pratica do confessionario me tem ensinado, que não ha gente mais perversa, e com menos disposições para emendar-se. » E os Poetas a aturdir-nos com os seus encomios da innocencia, e sinceridade dos Camponezes, e as doçuras da vida rustica; mas os Confessores julgam os rusticos pelo exame de suas consciencias, e dos actos da sua vida privada, e os Poetas os celebram quasi sempre sem haverem vivido vinte, e quatro horas com elles.

Ahi em vãos, sobrejos apparatos  
Não gastam o que tem, e o que não tem,  
E appellar depois pera Pilatos.

16.\*

Emfim, Senhor, vós escolhestes bem,  
Seja por huma via, ou outra via,  
Tal vida por agora vos convem.

Concede-vos ahia a noite, e o dia  
Branda conversação, casta, suave  
Com vossa bella Espoza em companhia.

Ella do peito seo vos deo a chave,  
Vós lha destes tambem do peito vosso,  
E assi não tem Amor, de que se agrave.

Ah, Senhor Dom Gonçalo, que não posso  
Tractar desta materia como devo,  
Tal ando eu, tal anda o tempo nosso.

Este, em que eu estes versos vos escrevo,  
A negocios, que emportam, fui roubando,  
Por elles ser mais largo não me atrevo,  
*State sano, ed a Dio vi raccomando!*

Esta Epistola, apesar de algumas incorrecções de estylo, e de metro, é uma das mais ricas de Bernardes, nella se encontra boa moral, preceitos de gosto, rasgos satyricos expressados com graça, e concisão, e agradáveis pinturas campestres, foi por isso que a preferi para terminar o que tinha que dizer a respeito deste Poeta.

A fama deste Escriptor, assim como a dos seus contemporaneos, esteve eclypsada em quanto floresceu a Escola de Gongora; a cujos descípulos seu estylo parecia rustico, prosaico, e falto de engenho; porém Bernardes ainda cahiu em maior despreso não só porque Manuel de Faria e Sousa lhe provou a plagiato de cinco Eclogas, e de Santa Ursula de Camões, além de outras obras, que elle desconfiava serem do Cantor dos Lusiadas, e que não deu definitivamente como taes por não as haver achado em algum manuscripto debaixo do nome de Camões, mas porque tractou as suas outras poesias como parto misaravel de um homem sem talento.

Felizmente os Arcades, restabelecendo o bom gosto da poesia, e o estudo dos antigos, e dos Quinhentistas, lhe fizeram justiça, e desde então ninguem deixou de contar a Diogo Bernardes entre os melhores Poetas do seculo de ouro das nossas Letras.

## CAPITULO VII.

### *Fr. Agostinho da Cruz.*

Foi como acima dissemos irmão de Diogo Bernardes, e nasceu como elle na Villa da Ponte da Barca no anno de 1540, porém não consta o mez, e o dia do seu nascimento.

Chamou-se no seculo, como tambem já dissemos, Agostinho Pimenta, appellido desgraçado, por que sendo usado por dous Poetas, Fr. Agostinho, e seu irmão, nenhum delles é conhecido por elle.

Agostinho Pimenta mostrou desde os seus primeiros annos grande viveza, e engenho, e muita facilidade em comprehender todas as disciplinas a que se applicava.

O genio poetico se desenvolveu nelle mui cedo, e as suas composições foram recebidas com grande aplauso, e na verdade o mereciam, porque eram senão superiores, pelo menos não inferiores ás de seu irmão.

Era naquelle tempo a casa do Senhor D. Duarte, filho do Infante D. Duarte, neto d'El-Rei D. Manuel, o mais famoso ponto de reunião de todos os que cultivavam as Letras, porque o seu nobre dono herdára de seu Pai o amor do saber, e das boas Artes, e com o seu benevolo acolhimento convidava a frequenta-lo a todos os Alumnos das Musas, a quem amava, e tinha na mais alta estimação.

Agostinho Pimenta foi admittido entre os fidalgos da casa daquelle Príncipe, que tendo quasi a mesma idade, iguaes inclinações, e conhecendo o seu honrado, e virtuoso proceder, o tractou sempre mais como amigo, que como criado.

E' facil de vêr quanto esta situação vantajosa, e o trato contínuo com tantos homens de letras, que então davam honra á nossa patria, habilitaram Agostinho para distinguir-se na carreira Literaria, aproveitando-se das lições, conselhos, e conversação de taes amigos.

Entre as altas personagens, que frequentavam a casa de D. Duarte, distingua-se muito D. Álvaro, Duque de Aveiro, e seu filho D. Jorge, Duque de Torres Novas, e estes fidalgos, que muito se compraziam de ouvir recitar as bellas poesias de Agostinho Pimenta, lhe tomaram uma afseição tão viva, que o Poeta lhes deu muitos, e importantes obsequios, tanto no seculo, como no claustro.

Com tão grandes, e poderosos proctetores, com a recommendação do seu talento, e com as suas obras, que eram lidas, estimadas, e desputadas por todos os que eram dotados de bom gosto na Literatura, podia Agostinho Pimenta fazer fortuna no mundo, se o Omnipotente o não tivesse predestinado para marchar por outro caminho, trocando as glorias mundanas pelos gozos ineffaveis do Ceo.

Todos sabem, que a Infanta D. Isabel, viuva do Infante D. Duarte, edificou o Convento de Santa Catharina de Ribamar, no anno de 1591, e o entregou aos Religiosos Arrabidos em testemunho da grande estima, e devocão, que professava aquella Ordem, e ao seu santo Patriarcha.

Era por isso a casa de seu filho, em cuja companhia a Infanta vivia, diariamente frequentada pelos Religiosos mais dignos daquella Congregação, que a sua Padreira recebia sempre com aquella amavel, e piedosa affabilidade, que em taes pessoas é meio seguro de impôr respeito, e grangear afecto, e veneração.

Entre estes dignos Padres, o que mais assiduamente visitava a Infanta, era Fr. Jacomo Peregrino, a quem chamavam *o Tio*, para distingui-lo de outro Religioso do mesmo nome, e de igual virtude, que era sobrinho do primeiro; e que havia nascido em Obidos, e depois gozou de grande privança com El-Rei D. João IV.

Fr. Jacomo era muito respeitado por suas virtudes, seu saber, e zélo religioso, e nas occasões, em que visitava a Infanta tinha largas conferencias com Agostinho Pimenta, em quem conhecia grande disposição para a vida espiritual, e que era um dos mais assiduos ouvintes dos seus Sermões, a que não faltava senão quando era impedido pelo desempenho das suas obrigações.

Agostinho Pimenta era de caracter jovial, e amigo de folgar, mas honesto, temente a Deos, e mui fervoroso em

tudo que dizia respeito á Religião, e por isso os discursos de Fr. Jacomo sobre o nada das grandezas humanas, sobre a fragilidade da amizade dos homens, e as vantagens da penitencia para conseguir a vida eterna, fructificaram exclusivamente em seu coração.

A esta disposição de espirito vieram dar o ultimo abalo o mau exito de algumas pertenções, algumas calumnias de invejosos, e algumas censuras injustas, algumas perfidias de amigos, com quem a sua alma candida se havia enganado. Então aborrecido do mundo tomou a resolução irrevogavel de fugir para a solidão, e vestir o habito de S. Francisco, na Província da Arrabida.

Nem representações de amigos, nem lagrimas de família foram poderosas para o fazer tornar a traz com seu proposito, e pediu o habito ao Provincial, precedendo licença da Infanta.

Uma das opiniões mais irroneas, que divagam por esse mundo, é a que muitas pessoas tem da irreligiosidade dos Poetas, quando a verdade é, que não se podendo merecer o nome de grande Poeta, sem uma imaginação ardente, uma sensibilidade exaltada, e a paixão do meravilhoso; são os homens, que possuem estes dotes os mais dispostos para se entusiasmarem pela gloria eterna, e para sentirem com gratidão os benefícios do Creador, e fervidamente ama-lo.

Não pensava assim o Provincial, pois que desconfiando muito da constancia, e fervor da vocação de Agostinho Pimenta, não quiz logo expô-lo ás austeridades da Arrabida, e para experimenta-lo, mandou que tomasse o habito, e tivesse o seu noviciado no pobre, e pequeno Convento da Serra de Cintra, o que teve logar no dia de Vera Cruz no anno de 1560.

Enganou-se porém o Provincial no conceito que fizera de Agostinho Pimenta, e sahiram baldados os seus reccios, pois o Noviço, em vez de esfriar no seu primeiro ardor, cada dia se tornava mais fervoroso, sujeitando-se ás mais austeras penitencias, jejuns e disciplinas, e assim voltou o anno das provanças, findo o qual fez a sua profissão solemne, no mesmo dia da Vera Cruz, em virtude do que se ficou chamando Fr. Agostinho da Cruz.

Depois de professo continuou na mesma austeridade de

vida, desempenhando todos os preceitos da Ordem reformada, que abraçara; não julgou porém que estivesse obrigado a deixar de corresponder-se com as pessoas de quem fôra obsequiado, com os seus amigos, e parentes, a quem algumas vezes visitava, sentando-se á sua meza, mas portando-se sempre com a gravidade, e modestia própria de um Regular. Fr. Agostinho da Cruz não era fanatico, nem misantropo, mas religioso na rigorosa accepção deste termo, sabia por isso que a sua obrigação não era aborrecer, e fugir dos seus irmãos seculares, mas instrui-los com as suas praticas, e edifica-los com os seus exemplos.

Pelo mesmo motivo, posto que tivesse rasgado, ou queimado quasi todas as poesias compostas no seculo, não deixou de sempre cultivar a primeira das Bellas-Artes, reconduzindo-a á sua instituição primitiva, porque ninguem ignora que o primeiro officio da poesia foi tributar louvores, e hymnos de gratidão ao Creador, e fazer parte das ceremonias do culto, como ainda hoje se practica, pois a Igreja tem hymnos, que se cantam nas suas festividades. Nem sam poucos os que contém o Breviario.

O comportamento modesto, e religioso de Fr. Agostinho da Cruz, a mansidão, e amabilidade de seu caracter, sua devoção fervorosa, e sua austeridade deviam torna-lo objecto de respeito, e admiração para os Religiosos, com quem vivia, e por isso não admira, que muitas vezes fosse eleito em Capitulo para os cargos da Ordem; era porém tamanha a sua humildade, e tão completo o seu desapego das coussas, e honras terrestres, que sempre os regeitou todos; e só quando já contava sessenta annos de idade é que cedeu aos rogos, antes importunações do Provincial Fr. Antonio da Assumpsão, e se resolveu a exercer o cargo de Guardião no Convento de S. José de Ribamar.

Desempenhou este logar alguns tempos com aprazimento, e louvores dos seus subditos; mas aceitando aquelle cargo, não houvera elle em vista subir a outros de maior graduação, mas sómente facilitar os meios de alcançar a sua transferencia para a Serra da Arrabida, onde muito desejava terminar seus dias entregue ao retiro, e à penitencia.

Obtida, não sem custo, a sua patente, em dia de S. Jo-

sé de 1605, tomando a benção do Provincial, o bastão, e o alforge, e cheio de contentamento partiu para o seu destino.

O Duque de Aveiro, e seu filho D. Jorge, Duque de Torres Novas, Padroeiro do Convento de Nossa Senhora da Arrabida, estavam então vivendo na sua quinta de Azeitão, e como Fr. Agostinho da Cruz era mui obrigado a estes fidalgos os visitou em seu caminho para lhe dar parte de que ia dissintitivamente recolher-se no Convento da Serra, para onde partiu apenas comprira com este acto de gratidão, e civilidade.

Havendo ali chegado, fez oração na igreja, e repetiu o seguinte Soneto á Senhora, que é o orago daquella casa.

### SONETO.

Aqui, Senhora, minha, onde sohia  
Cantar na minha leve mocidade,  
O muito que de vossa saudade  
Desejei de accender nesta alma fria,

Aqui torno outra vez, Virgem Maria,  
Desenganado já, mais de verdade,  
Pois me mostrou do Mundo a falsidade,  
Que a lagrimas comprei quem me vendia.

Conselham-me tão claros desenganos,  
Que comece de novo nova vida  
Nesta Serra deserta, alta, e fragosa.

Mas sam conselhos vãos, leves, humanos,  
Que vós nunca quizestes ser servida  
Sinão por puro amor, Virgem formosa.

Feita a sua apresentação ao Superior, que o recebeu com a benevolencia devida á sua virtude, e á sua idade, passou á serra, e como nella não havia gruta alguma, ou estancia desoccupada, teve elle proprio de erguer por suas mãos uma choça de ramos de arvores onde se abrigou da intemperie do tempo, até que o Duque lhe mandou fazer outra mais commoda.

Foi na primeira noite, em que dormiu na sua choupana da serra, que elle, elevando o pensamento a Deos, cantou o seguinte :

## SONETO.

Que logar acharei no pensamento  
Tão aspero, medonho, triste, escuro,  
Onde, meu Redemptor, esté seguro  
De mais vos offender hum só momento !

Não digo pelo meu contentamento,  
Que brando me faria outro mais duro,  
Mas por não ser ingrato a Amor tão puro,  
Que morreto por me dar merecimento.

Como vos servirei pois vos não amo ?  
Como vos amarei, pois vos offendo ?  
E sempre cada vez mais gravemente.

Nestes frios suspiros, que derramo,  
Sem servir, sem amar, Senhor, entendo  
Que não ha poder ser, viver contente !

Os Leitores, que conhecem a Serra da Arrabida, sabem que difficilmente poderá encontrar-se na terra um sitio mais agreste, e pictresco, uma solidão mais propria para inspirar devota melancholia, e para nos reconcentrar em nós mesmos, fazendo-nos esquecer do bolicio do mundo, das suas intrigas, das suas paixões, e nadadas brilhantes ! O convento nella collocado, as lapas, em que viveram, e em que vivem os Eremitas, os penedos sobre postos em penedos, os rogidos dos ventos, o bramir do mar ao longe, e suas vagas, que se enrollam, quebram, e retumbam nas raizes das rochas, que servem de fundamento á serra, e echoam no ouco das suas cavidades, tudo nos arrebata aos Ceos, e nos familiarisa com o aspecto da morte.

Neste deserto vivia tranquillo Fr. Agostinho da Cruz redobrando cada dia em austeridades, e penitencia. Alevantava-se antes de amanhecer, e depois de fervorosa oração, ia á Ermida de Nossa Senhora da Memo-

ria ajudar á Missa de outro Solitario por nome Fr. Diogo dos Innocentes, que depois lhe ajudava á sua; voltava então para o seu retiro, onde empregava o tempo na reza do officio divino, em santas meditações, e na leitura da Biblia, e do Evangelho: algumas vezes passeiava pelos cabeços da serra, ouvia os canticos das aves, colhendo algumas flores agrestes, ou compondo de cór alguns versos, que á noite escrevia; foi em uma destas excursões, que compôz este bello

## SONETO.

Tempo foi, que pastava neste prado  
 Bem fóra de cuidar que poderia  
 Tornar a vêr-me nelle inda algum dia,  
 De tantos mil cuidados descuidado.

O Senhor, que me trouxe a tal estado,  
 Quando castigos graves merecia,  
 Dando-me muito mais do que pedia,  
 Para sempre jámais seja louvado.

Estas agoas correntes, estas flores,  
 Estes bosques cobertos de verdura  
 Os Passarinhos nelles escondidos.

Aqui lhe dem comigo mil louvores,  
 Sem fim o louve toda a creatura,  
 Não sintam outra couza meos sentidos.

Passava horas em pé sobre os pinearos revestidos de verdura, atalaizando o Occeano, que vai pegar-se com a atmosphera nos confins do horizonte; ou contemplando as riquissimas côres, e os recortes pictorescos das nuvens, no momento do pôr do Sol.

Todos os domingos pela manhã ia ao Convento receber o pão para toda a semana, e nos dias mais solemnes ficava para assistir aos officios divinos: pão, e agoa era o seu sustento diario, e ordinario, excepto nos dias de festa, em que fazia uso de algumas hervas, ou fructas, porém sempre em pequena quantidade.

Para fugir do ocio, algumas vezes se empregava em trabalhos braçaes, como os antigos Monges, e fabricava cestinhos de verga, e bordões, que distribuia pelos seus Frades, e pelos Duques, e Duquezas de Aveiro, e de Torres Novas, que muitas vezes o visitavam na sua solidão, e que no claustro, e fóra delle sempre lhe tributaram a mais sincera amizade.

A fama das suas virtudes se divulgou de pressa por todas as terras circumvisinhas, e foi causa de que muitas pessoas o procurassem, já para lhe pedir conselho, já para se confessarem com elle, ou para sugeitar-se á sua direcção espiritual. O Servo de Deos recebia a todos com agrado, e benevolencia, prestando-se como bom religioso, que era, a este desempenho dos seus deveres de Ministro do Altar, porém estas visitas, e forçado trato com seculares o incomodavam muito, porque perturbavam a sua solidão, e o destrahiam das devotas meditações, em que sempre andava engolfado.

Naquelle deserto recebeu Fr. Agostinho da Cruz a amarga noticia da morte de seu irmão mais velho, Diogo Bernardes, a quem amava ternamente, e de quem fôra ternamente amado. Elle deplorou esta perda na Elegia IX., uma das melhores da sua collecção.

### ELEGIA.

Claras agoas do nosso doce Lima,  
Secou no Téjo já vossa corrente,  
Onde me seca a dôr, que me lastima.

Lembranças de vos vêr suavemente,  
Correr ao som da voz, que em vós sóava,  
Não me deixarão já viver contente.

Lembra-me a tenra edade, que passava  
Lembrando-me daquella companhia,  
A quem tanta brandura acompanhava.

Lembra-me quantas vezes succedia  
Das Plantas, e das Fontes convidados  
Acceptar sombras frescas, e agoa fria.

Outros mil pensamentos renovados  
A magoa me offerece imaginando,  
Que nunca ham de tornar tempos passados.

Fique-se o Mundo já desenganando,  
Que não se abranda a morte com brandura.  
Pois a não abrandou teu peito brando.

Que mó'r consolação, que mó'r ventura,  
Antes quanto favor de Deos alcança  
Quem dá na vida á vida sepultura!

Ah claro, e charo Irmão, que confiansa  
Me fica neste pásso saber certo,  
Que tinhas lá no Céo tua esperança!

Sabias que da morte andavas perto,  
Perto tambem de Deos a desejavas,  
Como d'antes me tinhas descoberto.

Que nem sempre do Lima praticavas,  
Nem sempre cá do Téjo só comigo,  
Nem tudo hera Poesia o que tractavas.

Eras, alem de Irmão, mais do que amigo,  
Por me vêres do Mundo despedido,  
Cujos males chorar vinhas comigo.

Tinbas chorado assás, tinhas gemido,  
O tempo vão da verde mocidade,  
Na velhice madura conhecido.

Não se deixa sentir a vaidade,  
No principio da vida grangeada,  
Quando contra a Rasão reina a vontade.

D'hum gosto n'outro falso encaminhada,  
Não sofre mais ouvir do que deseja,  
Nem sabe dezerjar couza accertada.

He necessario pois que se proveja  
D'alheio parecer na cauza sua,  
Porque na sua o seo sempre manqueja.

Mas porque mais não note, nem argua,  
Os defeitos communs da Natureza  
Dos meos quero tractar na morte tua.

Eu cuidava bastar a fortaleza  
Da solitaria serra, em que eu habito,  
Para fortalecer minha fraqueza.

Mas nella se abalou mais meo Espírito,  
Que chorando não fica consolado  
Da muito aguda dôr, que o tem afflito.

Dôr, que no coração amargurado,  
De momento em momento mais si entranha,  
Sem que possa ficar desafogado  
Nas lagrimas de amor, em que se banha.

Desta Elegia se deprehende, que entre os dous irmãos reinava viva, e reciproca amizade, que Bernardes, persintendo a proximidade do fim de sua existencia, havia reuintado na sua habitual devoção; que ia muitas vezes visitar seu irmão á Serra da Arrabida, para lhe confiar suas magoas, para lhe pedir conselho, e receber delle consolação nos seus trabalhos.

Apesar do seu quasi completo desapego das cousas do mundo Fr. Agostinho da Cruz não podia esquecer-se de Bernardes, levava, como diz Fr. Antonio do Espírito Santo, noites inteiras orando pelo descanso de sua alma; e tornou de novo a tocar por elle o alaude de Eutherpe na seguinte

### ELEGIA.

Junto das bravas agoas Occeanas  
Choro quanto cantei na mocidade,  
Ao som daquellas mansas Limianas.

Daquellas, que já foram n'outra edade  
Com nome de Letheas celebradas,  
Por lhe faltar do curso a liberdade.

Que estando tanto tempo represadas,  
O tempo lhe deu nome de esquecidas  
Athe lho dar Bernardes de lembradas.

Mostrai-vos claras agoas, tão sentidas,  
Quanto vos deo Bernardes de brandura,  
Vêjam-vos de correr ficar corridas.

Deixai seccar nos campos a verdura,  
Como já nos do Téjo se secou,  
Por darem a Bernardes sepultura.

Mostrai mais do que nelles se mestrou,  
Pois o ser natural mais vos obriga  
Alem de quanto mais vos obrigou.

Cuidai que não se achou memoria antiga,  
Que tanto vosso nome celebrasse,  
Quanto não faltará quem melhor diga!

Quem dissesse melhor do que Bernardes, e que todos os outros contemporaneos existia havia muito tempo, mas nem Ferreira, nem os Poetas da sua eschola fallaram nunca em Luiz de Camões. Em outro logar examinarei os motivos probaveis desta singularidade.

Ainda que se agora não deixasse  
De lhe dar o louvor, que se lhe deve,  
Não faltaria quem me desculpasse.

Mas quem tão diferente do que teve  
A vista dos seos olhos desencolhe,  
Quanto mais quer louvar menos se atreve.

Que de humanos louvores não se colhe  
Outro fructo senão remordimento  
De quem semêa, e mais de quem recolhe.

Poderá-me aballar o sentimento  
Da fraca humanidade n'outra terra,  
Não' nesta, em que só pobre, vivo isento.

Metido n'huma Lapa desta Serra,  
Que tenho que esperar, ou que temer  
Nos successos da Paz, ou nos da Guerra ?

A Morte já não tem que me empecer,  
A vida pouco já deve durar,  
A conta não me fica por fazer.

Poderam-se os Gentios quietar,  
Sem gosto da Christãa Philosophia,  
Com gostos desta vida despresar.

Quanto mais o que delles se desvia  
Escolhendo o melhor, e mais seguro  
Por outra mais suave, e doce via,

Onde se faz mais claro o mais escuro,  
Onde muito mais leve o mais pesado.  
Onde muito mais brando o que he mais duro.

Onde se o pé descalsinho he magoado,  
Se cura com lembrar, que seo Senhor,  
O fei nos pés, e mãos, e cabeça, e lado.

A tanto se estendeo o Redemptor,  
Que pelo máo trocou seo amor, sendo  
O seo de Deos, o meo de Pecador.

Daqui não sei passar, aqui suspendo  
Quanto posso alcansar, quanto sentir,  
Pois que me véjo amar de quem offendo.

D'onde posso acabar de concluir  
Que quando não podér chegar amando,  
Suprirei com dezejos de servir.

Póde ser que se abrande dezejando  
Tanto no peito meo minha dureza,  
Que de duro se venha a fazer brando.

Para que sinta esta alma em fogo acceza,  
Tanto quanto mais nelle arder dejeza,  
Sem mais contradicção da Natureza  
Do que divino amor quizer que seja.

Quatorze annos de vida eremítica na Serra da Arrabida passou Fr. Agostinho da Cruz, orando, poetando ao divino, e entregue aos jejuns, e penitencias mais austeras ; seu corpo, como era de esperar, se ia definindo com a falta de alimentos, e das commodidades para a conservação da vida, sem que nunca desse signal algum de esfriar na resolução tomada, o que prova bem a sinceridade de sua vocação, até que em 14 de Março de 1619 a natureza succumbiu inteiramente aos maus tractamentos, á falta de alimentos, que se chama virtude, mas que se é tal aos olhos da devoção, aos da razão não pôde escapar da nota de suicidio lento, e prolongado.

Declarou-se-lhe então uma febre ardentissima, que ia consumindo a olhos vistos as poucas forças, que ainda restavam naquelle já, não corpo, mas cadaver animado, de modo que foi necessário transferi-lo para a enfermaria, que a Communidade tinha na Villa de Setubal ; a jornada foi por mar, e o Servo de Deos voltava saudosos os murribundos olhos para aquelles rochedos cobertos de verdura, e musgo, de que elle fizera o seu paraíso na terra, e que estava certo, que não tornaria a habitar.

Chegado a Setubal, e recolhido na enfermaria, foi logo posto em tractamento regular, sendo visitado pelo Duque de Torres Novas, e outras personagens, que sabiam apreciar os seus talentos, e as suas virtudes ; mas todos os remedios, e todos os disvellos dos Enfermeiros, e em especial do seu amigo Fr. Antonio Netto Corrêa, que nunca

se apartava da sua cabeceira; foram inefficazes, e os Facultativos declararam depreça ao Guardião, que a hora do passamento não podia tardar.

Da bocca do Guardião recebeu Fr. Agostinho da Cruz esta noticia com serenidade, e resignação, preparando-se para a eterna jornada, despedindo-se dos Religiosos com muitas lagrimas, pedindo-lhe perdão do escandalo, que lhes havia dado, ou melhor que presumia haver-lhe dado, e recebidos do Guardião os soccorros espirituales, ficou esperando tranquillo a visita do Anjo da morte.

Assim faleceu Fr. Agostinho da Cruz, em 14 de Março de 1619, com 79 annos de idade, 59 de Religioso, e como dissemos, 14 de Monge na Serra da Arrabida.

O Duque de Torres Novas lhe quiz dar nova prova de estima, mandando tirar-lhe o retrato depois de morto: dizem que nessa occasião o cadaver se rira, e que Pintor, e assistentes fugiram espavoridos; a este respeito cada um acreditará o que lhe pareça, mas pela minha parte digo que este milagre sem motivo, nem fim me parece um parto de imaginação fradesca.

Fr. Agostinho da Cruz havia manifestado muito desejo de ser sepultado no seu Convento da Arrabida, e os Duques de Aveiro, e Torres Novas se empenharam em que a vontade do Poeta tivesse o seu efeito, e para isso mandaram apromptar uma falua, guarneida com toda a pompa, e asseio, em que foi transportado a Arrabida, acompanhando-o muitos Religiosos, e pessoas distintas, e entre ellas o Duque de Torres Novas, e o Marquez de Porto Seguro.

Na Arrabida lhe celebrou a Communidade um solemne Officio, em 16 de Março; findo o qual, se deu o corpo á sepultura, sendo o logar desta, fóra das grades, do lado da sacristia.

Si Fr. Agostinho da Cruz no excesso do seu zélo religioso, e fervor da sua conversão não houvesse queimado todas as poesias da sua mocidade, e a sua nova vida não restringisse o seu estro aos assumptos puramente asceticos, é muito probavel, que o seu nome, e as suas obras fossem hoje tão populares como as de seu irmão. Não tem, é verdade, tanta amenidade, o que se deve ás matérias, que tracta; é certo que, como elle, cahe muitas ve-

zes no uso de palavras baixas ; mas parece-me, que a sua expressão é mais forte ; seus pensamentos mais philosophicos, a sua imaginação fecunda, e o metro igualmente harmonioso, e podemos sem escrupulo nenhum classificá-lo como um dos melhores Poetas desta epocha.

Seu estylo simples, talvez demasiado ás vezes, corre como um arroio, limpido murmurando por um leito de areás, e cortando prados matizados de flores : a miúdo apresenta trechos de poesia descriptiva, que arrebatam o coração do Leitor ; a sua moral é pura, os seus sentimentos elevados, e a devoção, e espirito religioso resumba por todas as suas composições.

As obras de Fr. Agostinho da Cruz constam de vinte e seis Sonetos, doze Eclogas, dez Elegias, quatro Odes, trez Epistolras, um Poema em oitavas, sobre o martyrio de Santa Catharina, e alguns Motes, Voltas, Redondilhas, e Endechas.

Entre os Sonetos ha bastantes de grande merecimento, e um delles é aquelle em que excitado com a vista do mar, que muitas vezes contemplava, exclama.

### SONETO.

Do meio desta Serra derramando  
A saudosa vista nas salgadas  
Agoas, humildes quando, e quando enchadas  
Conforme a qual o Tempo vai soprando.

Estou comigo só considerando  
Donde foram parar couzas passadas,  
E donde hirão presentes malfadadas,  
Que pelos mesmos passos vam passando.

Oh qual se representa nesta parte  
Aquella derradeira hora da vida,  
Tão devida, tão certa, e tão incerta.

Em quantas tristes partes se reparte,  
Dentro desta alma minha entristecida,  
A dôr, que em taes extremos se desperta !

A aproximação dos successos da vida, que vam correndo com as vagas do Oceano, a comparação da instabilidade destes, com a daquelle cujo aspecto varia com o sopro dos ventos, terminando estas considerações com a certeza da morte, me parecem idéas de viva imaginação, ligadas por um sentimento profundo.

Igual belleza de pensamentos, e mui bons rasgos de poesia descriptiva vêmos no segundo

### SONETO.

Passa por este valle a Primavera,  
As Aves cantam, Plantas emverdecem,  
As Flores pelos campos apparecem,  
O mais alto do Louro abraça a Hera.

Abranda o Mar, menor tributo espera  
Dos rios, que mais brandamente descem,  
Os dias mais formosos amanhecem,  
Não para mim, que sou quem d'antes hera.

Espanta-me o porvir, temo o passado,  
A magoa choro d'um, d'outro a lembrança,  
Sem ter já que chorar, nem que perder.

Mal se pôde mudar tão triste estado,  
Pois para o bem não pôde haver mudança,  
E para maior mal não pôde ser.

Entre alguns Sonetos a Magdalena, me parece que é devida a preferencia ao que se segue

### SONETO.

Diante do Senhor está lansada  
A Magdalena triste, e vergonhosa,  
Qual na força do Sol vermelha Rosa  
Dos seus ardentes raios trespassada.

A nova, e grave dôr lhe tem roubada,  
Signal do que padece, a voz queixosa,  
Lembra-lhe, que passou tão perigosa  
Vida, da vida sua descuidada.

Os pés, que de seos passos foram guia,  
 Em lagrimas banhados alimpava,  
 Com os cabellos, de que se cobria.

Ali do Redemptor, a quem buscava,  
 Encaminhada foi, porque queria;  
 Que amasse muito mais quem tanto amava.

As Elegias, que acima se transcreveram, me parecem  
 sufficientes para dar idéa de seu merito, neste genero de  
 Poema, accrescentarei áquellas a segunda Elegia, que  
 me parece excellente.

Alta Serra deserta, d'onde vêjo  
 As agoas do Occeano d'uma banda;  
 E d'outra já salgadas as do Téjo.

Aquella saudade, que me manda  
 Lagrimas derramar em toda a parte,  
 Que fará nella saudosa e branda !

Daqui mais saudoso o Sol se parte :  
 Daqui muito mais claro, mais dourado,  
 Pelos montes, nascendo, se reparte.

Aqui sobe-lo mar dependurado  
 Hum penedo sobre outro me ameaça,  
 Das importunas ondas solapado.

Duvido podér ser que se desfaça  
 Com agoa clara, e branda a pedra dura,  
 Com quem assim se beja, assim se abraça.

Mas ouço queixar dentro a Lapa escura,  
 Roidas as entranhas apparecem,  
 Daquelle rouca voz que lá murmura.

Eis por cima da rocha aspera descem,  
 Os troncos meios seccos, emcurvados,  
 Eis sobem, os que nelles emverdecem.

Os olhos meus d'ali dependurados,  
 Pergunto ao mar, ás plantas, aos penedos  
 Como, quando, por quem foram creados.

Respondem-me em segredo mil segredos,  
 Cujas primeiras Letras vou cortando  
 Nos pés d'outros mais verdes arvoredos.

Assim, com cousas mudas conversando,  
Com mais quietação dellas apprendo,  
Que outras, que hi ensinar querem fallando.

Só pelejo, só grito, só contendo  
Com armas, com razão, com argumentos,  
Ellas só com callar ficam vencendo.

Ferido de tamanhos sentimentos  
Fico fóra de mim, fico corrido  
De vér sobre que fiz meus fundamentos.

Ali me chamo cégo, ali perdido,  
Ali por tantos nomes me nomeio,  
Quantos por culpas tenho merecido.

Ali gemo, suspiro, ali prantéo,  
Ali geme, suspira, ali pranteia  
O monte, e vai de mil suspiros cheio.

Ali me faz pasmar, ali me enleia  
Quanto colhendo estou da saudade,  
Que por toda esta terra se semeia.

Ora me ponho a rir da Vaidade,  
Ora triste a chorar com quanto estudo  
Erros solícitos da mocidade.

Tudo se muda em fim, muda-se tudo,  
Tudo véjo mudar cada momento,  
Eu de mal em peior tambem me mudo.

Sohia levantar meo pensamento  
Assentado sobre estas penedias,  
Duras, e eu duro mais nellas me assento.

Punha-me a vér correr as agoas frias  
Por cima d'alvos seixos repartidas,  
Que faziam tremer Hervas sombrias.

As flores, que levava já colhidas,  
Passando pelos valles engeitava  
Por outras, d'outra nova côr vestidas.

O livre Passarinho, que vôava,  
Cantando, pera o Ceo, deixando a Terra,  
Da Terra pera o Ceo me encaminhava.

Cuidei que se esquecesse nesta Serra  
A dura imiga minha Natureza,  
Mas donde quer que vou lá me faz guerra.

Oh ! quem víra naquelle Fortaleza  
 Rodéada de fogo d'amor puro,  
 Daquelle amor divino esta alma acceza !

Quam firme, quam quieto, e quam seguro  
 No campo se pozera em desafio,  
 E quam brando sentira o ferro duro !

Mas si agora de mim me não confio,  
 Si fujo, si me esconde, si me temo,  
 He porque sinto fraco o peito frio.

Alevamtam-se os mares ; pasmo, e tremo ;  
 Véjo vento contrario, desfaleço,  
 A corrente das mãos me leva o remo.

Confesso minha culpa. Bem conheço,  
 Que por mais graves males, que padeca,  
 Menos padecerei do que mereço.

Mandaes, Senhor, que busque, bata, e peça,  
 Eu busco, bato, e peço, a vós, Senhor,  
 Sem haver cousa em mim que vos mereça.

Com os braços na Cruz, meo Redemptor,  
 Abertos me esperaes, com tudo aberto  
 Manifestos signaes do vosso amor.

Ah ! quem chegasse um dia de mais perto  
 A vér c'os olhos d'alma essa ferida,  
 Que esse coração mostra descoberto.

Esse, que por salvar Gente perdida,  
 De tanta piedade quiz usar,  
 Que deu nas suas mãos a propria vida,

A sangue nos quizeste resgatar  
 De tão cruel, e duro captiveiro,  
 Vendido fostes vós por nos comprar.

Padecestes por nós, manso Cordeiro.  
 Pizado, preso, e nú entre Ladrões,  
 Ardendo o fogo posto no madeiro  
 Arçam postos no fogo os corações.

Estes tercetos sam bem fabricados ; os pensamentos ora philosophicos, ora ternos, a poesia pictoresca, a expressão forte, o estylo claro, e desaffectado, como o requerem composições desta qualidade. Em Bernardes, e Caminha creio que não haverá Elegia alguma superior a esta. Talvez a haja em Ferreira, mas essa nunca a emparelhará

na correnteza de metro, que em Ferreira nunca, ou raras vezes, é exempto de dureza.

Fr. Agostinho da Cruz parece ter comprehendido melhor a Ode, do que os outros Poetas da eschola, a que pertencia : pelo menos nas poucas, que delle nos restam, ha menos pezadez, menos monotonia, e mais movimento, mais sentenças, e linguagem mais elevada ; está com tudo muito longe da correção, da elegancia, e das pinturas brilhantes, e amavel philosophia de Horaeio, de Garção, e de Francisco Manuel, mas cumpre não sermos muito severos com elle, attendendo ao tempo, e circumstancias, em que escreveu. Alguns trechos escolhidos de suas Odes, servirão de comprovar, o que temos escripto.

Si tão suavemente  
O Passarinho canta,  
Movido só da sua saudade,  
Que fará quem se sente  
Magoado de tanta  
Misturada com faltas de amizade?

*Ode I.*

He muito diferente  
Do que ao longe parece  
O verde Bosque visto de mais perto.  
Nem para toda a gente  
Mais formoso apparece  
O dia pelos valles do Deserto.  
Quantas vezes desperto  
Gritando ao nosso Lima  
Porque se não consuma  
No mar, como costuma,  
Pois livre correr pôde para cima ?  
Quem vos visse appartadas,  
Agoas do manso Lima, das salgadas.

*Ode II.*

O Tempo, que fugindo  
Com tamanha mudança  
Desengana quem nelle se confia,  
Abatendo, e subindo

Diversas esperansas,  
 Me faz, Lima, cuidar o que faria  
 Si saltasse agoa fria,  
 Si me escusasse a tua,  
 Por mais clara que seja!  
 Quem me tolhe que vêja  
 Claro de dia o Sol, de noite a Lua?  
 Buscando a formosura  
 De quem fez tão formosa a Creatura?

*Ode III.*

O Martyrio de Santa Catharina, me parece o melhor Poema deste genero, que se compoz naquelle seculo, si exceptuarmos a Santa Ursula de Camões; mas não se julgue por isso, que seja Poema de muito merecimento poetico; quero sómente dizer, que o estylo é geralmente sam, e correcto, como pôde deprehender-se dos seguintes trechos.

Passa por annimaes bravos atados,  
 Que, pondo os olhos nella, estam bramando,  
 De verem com seo sangue venerados  
 Aquelles, que sem fim estam penando,  
 Adonde tendo já considerados  
 Quantos nos casos seos se estam culpando,  
 A Maxencio mandou dizer da porta  
 Do Templo, que fallar-lhe logo importa.

.....

Mas pois tua malicia assim te céga  
 Para não podér vêr idolatrando,  
 Como quem seo juizo a cégo entrega  
 A cégo, que seos passos vai guiando,  
 Manda vir á disputa quem te préga,  
 E verás como venço disputando;  
 Moça de tenros annos, sabedores,  
 Escolhe de teus Reynos os maiores.

.....

Quaes Lobos vigiando dos outeiros,  
 Que viram sem Pastor a mansa Ovelha,  
 Famintos, furiosos, e ligeiros,

Da pelle branca vam fazer vermelha,  
 Taes foram, os algozes carniceiros,  
 Tanto que a voz sôou na sua orelha,  
 Da boca do Tyrano, que não cansa  
 De bradar contra aquella ovelha mansa.

Mas ella nos tormentos florescendo  
 Como Lyrio nos valles regadios,  
 Tanto mais na firmeza vai crescendo,  
 Quanto de sangue mais crescem os rios;  
 Eis o Tyrano vai desfalecendo  
 Do furor, desfalescem os Sandios,  
 Ministros secos, cansados de ferir  
 Quem mais ferida os faz mais consentir.

As Epistolas, ou Cartas de Fr. Agostinho da Cruz, em número de trez, não tem, é verdade, a abundancia de pensamentos didaticos, e a concisão nervosa, que admiramos nas de Ferreira, nem a variedade das de Bernardes, mas não tem tambem as durezas metricas do primeiro, nem as negligencias, e prósaismos do segundo, sam com tudo escriptas em linguagem pura, estylo simples, elegante ás vezes, e em versos quasi sempre bons, respiram excellente moral, sentimentos ternos, bem que um pouco asceticos, com especialidade a segunda, dirigida a D. Branca, confirmndo-a na resolução de se meter Freira.

Que pôdes esperar por mais que esperes  
 Do Mundo, que te tem desenganada?  
 Que te pôde faltar se a Deos te deres?

Si vires que por tudo deixas nada,  
 Por nada deixarás o que descansa  
 No curso desta vida tão cansada.

A tanto subirás nesta mudança,  
 Que não haverá dôr por mór, que seja,  
 Na qual não cresça mais tua esperança.

Assim de culpas minhas eu me véja  
 Tão longe, como perto essa alma tua  
 Daquillo, que esta minha vêr deseja.

Que vás apoz de quem á custa sua  
 Por nos levar ao Ceo d'onde nos chama  
 Na terra padeceo morte tão crua.

Hum firme coração; que em vós se inflama,  
Ardendo por se vêr de vós amado,  
Por vos amar, Senhor, tudo desama.

Na primeira, escripta a seu irmão Diogo Bernardes, em resposta a outra, que este lhe inviára pouco depois da sua profissão, expondo-lhe as saudades, que delle sentia, o bom Religioso o consola com afecto verdadeiramente fraternal, mas defende o partido, que tomou como ao seu parecer mais acertado, e afirma, que por tomar o habito não é obrigado a deixar de ama-lo, como até ali fizera.

Culpas o meo amor, e dizes quanto  
Me tinhas; muito foi; não sei se diga  
Que tenho agora mais sempre outro tanto.  
A Ley do Redemptor não desobriga  
A quem a professou, ser obrigado  
Daquillo, a que a razão humana obriga.  
Si quiz que nosso imigo fosse amado,  
Como não quererá que nosso amigo  
Seja no mesmo amor avantajado?

Daqui se vê, que Fr. Agostinho da Cruz não era um fanático atrabiliario, e inimigo dos homens, mas sim, um homem sensivel, que procurou refugio na religião.

Na Carta a Francisco Barreto de Lima, um dos fidalgos que ficaram presoneiros dos Serracenos na funesta batalha de 4 de Agosto de 1578, toma o Poeta um estylo menos austero, e mais cortezão, como quem levava em vista dissipar a melancolia dc um captivo, divertindo-lhe a imaginação com objectos mais apraziveis, e por isso, com muito artificio lhe faz a pintura breve, mas viva, dos divertimentos daquelles, que vivem felizes retirados nas suas terras, e fugindo dos cargos públicos, e do bolicio da corte.

Quão ditosos, quam bem considerados  
Os dias sam daquelles, que fugindo  
Pelos desertos van despovoados.  
Agora do Coelho van seguindo  
Os passos, que lhe mostra o Cão ligeiro,  
Que busca, corre, salta, e vai latindo.

Ora se vai trepar no Sovereiro  
D'onde, sem ser ferido, o Porco fira,  
Que por ferir escuma no terreiro.

Ora no raso campo onde se estira  
O Galgo apoz da Lebre fugitiva,  
No cansado Rocin se ponha á mira.

Ora tome, caçando, a Perdiz viva,  
Das mãos do seo Acor, ou do seo laço,  
Ficando a preza d'hum d'outro captiva.

E si de condicção fôr mais escaço,  
No Rio vá pescar peixes á cana  
Que a Marateca tem como bagaço.

Estes versos não só sam bons pelos idéas, pela harmonia, mas pela propriedade dos termos. O Cão que *busca, corre, salta, e late*; o Galgo que se *estira apoz da Lebre*, sam tudo termos technicos, que exprimem ao vivo, os movimentos destes animaes no exercicio da caça *tomar a presa* das mãos do Acor é tambem expressão tirada da linguagem da Caça da Volataria.

É natural que um Poeta, que no seculo tivera relações com tantas pessoas, que viveu na casa de um Principe, não escrevesse sómente trez Epistolas, sendo estas um genero de Poema, que no seu tempo andava muito em moda, como se evidencia das obras de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, e Caminha; mas é crivel que, pelos seus objectos, fossem sacrificadas sem piedade ao fervor religioso, e aos escrupulos de consciencia do Poeta, na occasião de entrar na vida conventual, e não foi isto pequena perda para o nosso Parnaso, mas a devoção exaltada transforma muitas vezes as idéas do homem, e as leva além das raias da razão.

Temos doze Eclogas pastoris de Fr. Agostinho da Cruz, que sam talvez as mais bem escriptas das suas composições; este número, e o serem compostas, na maior parte, no tempo de frade, mostra bem, que este era o genero predilecto do nosso Poeta, que para elle se sentia com maior disposição. O contheudo destes Poemas sam pela maior parte factos de sua vida involvidos, e cobertos com o véo da alegoria pastoril, e o Poeta procede neste disfarce com tanta naturalidade, e artificio, que não faz sen-

tir muito a frialdade, que de ordinario resulta deste modo de compôr, de que outros Poetas tanto abusaram depois. Parece-me encontrar nestas Eclogas um toque mais original, sentimentos mais vivos, e um estylo mais energico, que o que se encontra nas pastoraes daquelle tempo.

Na primeira Ecloga, alusiva á sua conversão, o pastor Limabeo, lança-se entre uns penedos, e ali medita sobre a instabelidade dos bens do mundo, os seus enganos, e inconvenientes, comparando-os com as vantagens do retiro, e finalmente pede a Deos perdão de suas culpas; nesta composição deparam-se excellentes trechos, por exemplo :

Lansou-se Limabeo entre huns penedos,  
D'onde via correr hum claro Rio  
Accostumado a ouvir os seos segredos.

Com os olhos n'hum bosque alto, e sombrio,  
A quem a Primavera já pagava  
A perda, que lhe fez o tempo frio,  
    " Aquillo (começou) que vos contava  
    " Plantas, agoas, penedos, foi engano,  
    " Já me desenganou quem me enganava.  
    " Mais foi a perda sua que meo dano,  
    " Mas, como dizem, tudo o Tempo cura,  
    " Pois o que perde o Mez não perde o anno.  
    " Engeita-se no campo a formosura  
    " Do Lyrio já colhido, que não cheira,  
    " Mais hade ter o bosque que a verdura.  
    " Inda mal pois não foi esta a primeira,  
    " Como devéra ser, que me levára,  
    " Onde não vira mais esta ribeira.  
    " Não falta nos desertos agoa clara,  
    " A Lapa, que da calma me defende,  
    " Si ventar, ou chover, tambem me ampara.  
        " Ali tem liberdade, ali se estende  
    " O Pastor solitario com seo Gado;  
    " Não se offende de alguem, ninguem o offende.  
        " Não tenho que fazer no Povoado,  
        " A Razão me aconselha, que me guarde,  
        " Eu não me atrevo nelle a andar guardado.

„ Si escutar sempre quem me diz que aguarde,  
 „ Nunca já buscarei a quem me espera,  
 „ E peior me será nunca, que tarde.  
 „ Ainda que mais males não tivera  
 „ Quem bens na Terra tem, que ser captivo  
 „ Delles, por isso só, fugir devera.  
 „ Apoz d'hum gosto falso, e fugitivo  
 „ Leve de noite vou, cégo, ás escuras,  
 „ Sem me lembrar, que para morrer vivo.  
 „ Quebraram-se, meo Deos, as pedras duras,  
 „ Mostrou o Sol, e Lua sentimento,  
 „ E não vossas humanas criaturas.

.....

„ Em pecados, Senhor, fui concebido,  
 „ Em pecados minha alma foi creada,  
 „ De pecados tão mal arrependido.

.....

„ Viestes amostrar ao peregrino  
 „ O caminho da sua Natureza,  
 „ Querer hir lá por outro he desatino.  
 „ A carga, que cauzou minha fraqueza,  
 „ Os passos me detem, faz-me que desça,  
 „ E quanto desço mais, tanto mais peza.  
 „ Não vos peço, Senhor, porque a mereça  
 „ Graça para ficar entre esta Serra,  
 „ Mas porque vós quereis que vò-la peça.  
 „ Aqui não temerei a cruel guerra,  
 „ Daqui verei no Ceo formosas côres,  
 „ Assi me esquecerão couzas da Terra.

Na segunda, feita no anno do noviciado, o pastor Mincio encontrando-se com outro pastor, por nome Flavio, se admira da mudança de côr, e de aspecto, que nelle observa, e este lhe diz, que o seu pezar nasce de que Limabeo, o unico amigo que tinha, lhe desapparecera, e diziam que para ir meter-se em uma serra, junto ao Oceano; ora esta serra é a Arrabida, e o pastor fugido é Limabeo, isto é, o Poeta, de cuja nova vida elle faz a seguinte pintura.

Disseram-me que andava cá metido  
 Junto do mar Oceano n'uma Serra  
 De hum novo, não sei qual, amor ferido.

Por elle deixou só quanto na terra,  
Tinha, com tudo o mais que ter podera ;  
Por elle anda consigo em cruel guerra.

Si não chegára a vê-lo não o créra,  
Quasi mudou de todo a Natureza,  
Que não he Limabeo, mas ferro, e céra.

Nunca se imaginou tal aspereza,  
Não digo dos penedos do Deserto,  
Mas da fome, do frio, e da pobreza.

Dos pés the á cabeça anda coberto  
De lâa d'alheias cabras, remendado  
De mil côres sem ordem, nem concerto.

Traz huma corda grossa, a que anda atado,  
Pelo meio, descalso, sem mais nada,  
Sem bolsa, sem currão, e sem cajado.

Barba, e cabeça traz toda rapada,  
Qualquer couza, que quebra, ou fende, ou fura,  
No seo pescosso a leva pendurada.

Os pés, si por compasso por não cura,  
Quer gretados do frio, quer doentes,  
Tambem nelles lhe poem huma atadura.

Não pôde responder aos maldizentes,  
Nem dar razão de si, que se boqueja  
Atravessado leva hum pau nos dentes.

Os olhos si alevanta, ou pestaneja  
Nem inda para quem falla com elle,  
Hum pano lhe poem nelles, que não vêja.

Hum Principal de seis nas costas delle  
De tal maneira, faz sôar as varas,  
Que não lhe queiras tu jazer na pelle.

Porque não fica dôr, pena, ou tormento  
De cruel invenção, qualquer maneira,  
Que deixe de sofrer hum só momento.

Debaixo de hum penedo na Ladeira  
Do monte todos tem cada hum seo ninho,  
Mas o triste sempre anda na carreira.

Estes rigores excessivos, estes tractamentos barbaros,  
que tendiam a apagar no homem o sentimento da sua dignidade, e embrutecer o seu espirito, haviam por necessa-

ria consequencia trazer comsigo a relaxação do espirito religioso, e foi isso o que de preça aconteceu.

Mincio horrorizado de tanta barbaridade pede a Flavio, que não continue, por que já intende, que Limabeo se fez Capuchinho. Continuam depois a discursar sobre a resolução tomada por Limabeo, e Flavio canta alguns versos dos que elle agora costuma cantar.

Na terceira dous pastores, Rodrigo, e Silvestre, encontram-se, e depois de discursarem um pouco cantam alternadamente uma Cansão ao divino.

A quarta contém queixumes de Limabeo, em que narra a Mencio as offensas de um pastor, que ternamente amava, e que foram causa de elle se retirar a um deserto.

Na quinta, debaixo da costumada alegoria pastoril, se tracta de um, que o tempo conduzira a abraçar a vida do clauso.

Na sexta o Poeta, debaixo do nome de Limabeo, deplora, pelo modo seguinte, a morte de um amigo.

#### LIMABEO.

O meu Cordeiro branco; que saltava,  
Ao som da minha flauta, ah meu cordeiro !  
Tão branco como o Leite, que mamava.

Em quanto vegiava o Gado Alfeiro,  
Huma Agua mo levou atravessado  
Nas unhas lá de traz daquelle Outeiro.

Ah Fortuna cruel ! ah cruel Fado !  
Que si de crueis Lobos me vegio,  
Das Aves de rapina sou roubado.

Si nisto hade parar tudo o que crio,  
Como já succedeo da minha Corsa,  
Que se afogou naquelle negro Rio,

Comvem que a Natureza faça forca,  
Porque não se ofereça gosto humano,  
Que primeiro que venha o não retorça.

Que maior confusão ! que mór engane  
Ao triste coração, que se affeiçõa,  
Para pagar tributo do seo dano.

O simples Passarinho, que se escôa,  
Do visco, em que cahio incautamente,  
Com menos pennas foge, menos vâa.

Deixei de conversar humana gente  
Para me affeçoar cá no Deserto  
A Brutos animaes mais brutamente.

Com que composição, com que concerto  
Sobre que saudades adormeço,  
Si com tão leves couzas me desperto !

Como posso chegar, si não começo ?  
Quando começarei como desejo ?  
Ou como subirei pois sempre desço ?

Si qualquer leve couza me faz pejo,  
Para accender no peito amor divino,  
Porque de tudo já me não despejo ?

Assi convem valer-me de contíno ;  
Assi fortalescer minha fraqueza,  
Que não sinta descuido repentino.

Assi soprar de novo esta frieza,  
Aticar no madeiro onde se atêa  
O fogo, que desfaz tudo em pureza.

Nasci para lavrar na Terra alhêa,  
Terra de maldição, de Deos maldita,  
De Cardos, e de Espinhos sempre chêa.

Tenta, move, perturba, afaga, incita  
A buscar o peior, o mais nocivo,  
Não deixa repouzar esta alma afflita.

Nesta contradicção, neste incentivo  
De males, que me rende a minha herdade ?  
Quasi me sinto já como captivo.

Mas pois a verdadeira liberdade  
Depende de trazer o pensamento  
Accezo na divina saudade,

De tudo que me fôr impedimento  
Para podêr gozar hum bem tamanho  
Determino fazer appartamento.

Experiencia tenho do que ganho,  
Essas vezes, que saio da Cabana,  
Pois que no campo limpo inda me arranho.

Muito pequena couza turba, e dana  
Huma composição clara, e serena  
Em quanto respirar na vida humana !

Foge do Povoado a Magdalena,  
Vai fazer no Deserto vida nova  
Depois de ter perdão da culpa, e pena:  
Ali metida dentro n' huma cova  
Chora, suspira, gême, noite, e dia,  
D' huma n' outra aspereza se renova.

Procure quem quizer a companhia,  
Branda conversação d' outros Pastores,  
Que só me quero a mim por outra via.

Muitas cappellas fiz de muitas flores  
Compassando nos olhos a pintura,  
Bellas por variar formosas côres.

Escohendo da fructa a mais madura,  
Pelos bosques agrestes me espinhava,  
Deixando o Gado meo posto em ventura.

O louro Laparinho que tirava :  
O Tralhão, que cahia na costella,  
O Tordo, que na vara se emforcava.  
O Pombo, que vôava na courella,  
A Perdis, que picar vinha na Lousa ;  
Ou meter o pescosso pela trela.

Em fim que não colhi nem cacei cousa  
Que para dar não fosse, mas quem nega  
Plantas, a cuja sombra não repouza ?  
Não deixa de pagar quem mal se emprega.

A septima tracta da mudança da Arrabida, e nella notam-se, entre outros, os seguintes versos.

Como queres que esteja sempre a ponto  
Para dobrar a minha singeleza  
Pois não côso remendos com pesponto ?

Por não contrafazer a Natureza  
Sinto tornar a vêr-me entre Pastores,  
Cuja conversação tanto me peza.

Elles querem colher no campo flores,  
Eu medronhos na Serra entre penedos,  
Assim desconcordamos nos humores.

Elles no povoado cantam lédos.  
 Os gostos, de que vivem; eu chorando  
 Por acabar debaixo dos rochedos.  
 Mas pois tudo se vai contrariando,  
 Na Serra, nem na Terra buscarei  
 Causa, que o tempo possa andar mudando.  
 Por donde quer que for levantarei  
 Os meos olhos ao Ceo, de cuja vista  
 Aquellas saudades colherei,  
 Com que possa fazer nova conquista  
 Para me consumir no fogo puro  
 D'amor, de cujo amor divino vista  
 Esta alma, caminhando mais seguro,  
 Que buscando repouzo nas montanhas,  
 Pois no gosto da Terra me aventuro  
 De não podér lograr couzas tamanhas  
 Do Ceo, em toda a parte tão formoso,  
 Que pôde penetrar duras entranhas.

A Ecloga VIII. é das que chamam Piscatorias, inventadas, como acima dissemos, pelo Napolitano Sannazaro, um dos mais affamados Poetas da Italia, tanto pelos seus versos Toscanos, e a sua Arcadia, como pelas suas poesias Latinas, e o seu Poema de *Partu Virginis*, porque é ainda mais conhecido no mundo Literario.

Vejamos o estylo do Poeta nesta qualidade de composição.

#### LIMAREO.

Em quanto se dilata a Pescaria,  
 Pois será por demais provar ventura  
 Mofino Pescador, maré vazia.  
 Debaixo desta recha antiga, e dura,  
 Que d'um n'outro penedo sustentada  
 Por cima desta praia se pendura,  
 Se quizeres ouvir nova sôada  
 De hums versos, que cantei em Sampeneda  
 Em quanto a rêde ao mar tinhâa lansada.  
 Verás que vida logra quem se arreda  
 Da communicação dos Pescadores,  
 E qual quem nos conselhos sôos se emreda.

## LAURO.

Ah ! não damnes com versos seimsabores  
 Huma tarde, que tarde me acontece,  
 Si queres cantar bem seja de amores.

E se de todo ainda te parece  
 Milhor cantar do meo justo, e suave  
 Que do mal que me fez já se conhece.

Não queiras que com rogos mais te agrave,  
 Nem deixes de cantar posto que vejas  
 Lagrimas derramar, em que me lave.

## LIMABEO.

Si tu d'amor cruel ouvir dezejas  
 Agravos, semrazões, duros conceitos,  
 Cuja victoria cuidas que festejas ;

Alembra-te que em passos tão estreitos  
 Te pôde entristecer qualquer lembrança,  
 Que amor tem jurição em ternos peitos.

De que serve, no tempo de bonança,  
 Alevantar de novo tempestades  
 No mar, d'onde escapou tua esperança ?

Rompendo por cem mil adversidades,  
 De terra em terra alheia te levaram  
 Justas, mas tarde pagas, saudades.

Quantas vezes os remós te faltaram  
 Depois das vellas rótas pelos ventos,  
 Que na firmeza tua se quebraram !

Prolongaram-se os teus merecimentos  
 De perigo em perigo navegando,  
 Alagado no mar dos sentimentos.

*Sentimentos*, nesta accepsão, tem sido muitas vezes tacchado de galicismo pelos Puristas perluxos, e já se vê com quanta injustiça, pois este vocabulo em tal sentido se encontra nas poesias de um Poeta tão classico como Fr. Agostinho da Cruz. Isto prova o pouco que tem sido lidas as suas obrás, talvez pelo preconceito de serem Poemas de devoção, e como tales de leitura fastidiosa.

Quantas vezes na praia murmurando  
Conforme a seo juizo, ou seo desejo  
A tua cauza, andava mariscando ?

He muito de notar com que despêjo  
O nescio Pescador sentenciava  
Aquillo, que contar inda me péjo !

Em que Fera, em que Pedra não sóava  
O nome teu, Liana ? que Serpente,  
Si de parir deixou, não te criava ?

Desviado têu nome andou da Gente,  
De Liana em Liona ; nem me espanto,  
Pois tractavas teu sangue cruelmente.

## LAURO.

Dezejoso de ouvir suave canto  
Te roguei, que de amores me cantasses,  
E tu provas d'amor reprovas tanto.

Si tu nas rôdes tuas te pescasses,  
Não cuido que tão pouco estimarias  
Queixumes seos, que delles te queixasses.

Antes a mariscar me ajudarias,  
Ameijôas nas areias revolvendo,  
Tirando Mexilhões das penedias.

Arrancando Percebes, que pertendo  
Levar para Liana este cestinho,  
Que vêja si me esqueço não a vendo.

## LIMABEO.

Darte-hei, que leves, mais hum Passarinho  
De verde, azul, e branco salpicado,  
Que sem pena furtei á May do ninho.

Dentro d'hum Buzio hirá todo pintado  
De pardo, e de vermelho, que Palemo  
Para Marfida tinha sotterrado.

Não sei que couza foi, não sei que Demo  
Tomou tal formosura, tal aviso  
Por quem nem ter na mão sabia o remo.

Mas deixemos motivos de tristeza,  
O novo cabazinho concertemos,  
Lavado muitas vezes n'agoa teza.

*na agua teza* parecerá a muita gente uma expressão estranha, e acarretada pela necessidade da ryma ; mas não é assim ; *agua teza*, quer dizer, *agua* que corre com força ; ou *agua alta* ; dahi vem as expressões marítimas *vento tezo*, *mar tezo*, e o chamar-se *tezo* a um outeiro, ou elevação de terreno. Tambem se chama *tezo* a um homem, que tem firmeza de caracter, e que não céde facilmente.

Verdes limos debaixo lhe poremos,  
O verde Perrexil de cima posto,  
Fazendo de experança dois extremos,  
O presente no meio bem composto  
Por ordem, que lhe dê muito mais graça,  
A ti de lho levar muito mais gosto.

Estou bem longe de emparelhar esta Ecloga, e as duas seguintes, que tambem sam Piscatorias, aos cantos de Alicuto, na Ecloga VI. de Luiz de Camões, ou ás Eclogas, que deste genero nos deixou Bocage, mas tenho para mim que podem merecer pelo seu estylo, e pensamentos o aplauso dos entendedores.

É de notar, que a Ecloga X. é a única entre as doze do Author, em que fallam mais de duas personagens, e em que se observa mudança de metro, pois o canto final dos Pescadores é em verso octosylabos ; copia-la-hei aqui, por ser a mais importante das poucas poesias que Fr. Agostinho da Cruz conservou do tempo de secular, naturalmente por que tem por objecto celebrar o nascimento de D. Jorge de Lencastre, filho do Duque de Aveiro, e que depois foi Duque de Torres Novas, receando o Poeta, si a destruisse, de incorrer no desagrado daquelles fidalgos, a quem sempre fôra muito acceito, e de quem recebêra muitos obsequios, tanto no seculo, como na Religião.

## ECLOGA PISCATORIA.

GALAPO, ALPORTUXO, ALMILÃO.

## GALAPO.

Queres ouvir cantar hum Pescador  
 Pobre, que de Marisco se sustenta,  
 E, segundo o que dizem, foi Pastor?  
 Não sei onde, nem como, ou que tormenta  
 O lansou nesta praia ha poucos dias,  
 Que nem sempre do Norte o Vento venta.

Naquellas solapadas penedias  
 Huma lapa buscou escura, escura,  
 Que não se deixa vêr d'outras sombrias.  
 Dali forçado sahe da fome pura  
 A buscar o salgado mantimento,  
 Duro de se arrancar da pedra dura.

Depois sobre hum penedo crespo, e lento  
 Ao som d'hum arrabil, que traz no seio,  
 As ondas faz parar, fugir o Vento.

O primeiro d'Abril ali se veio  
 A cantar, e tanger tão docemente,  
 Que do mar Oceano fez Letheio.

Mas tanto mais alegre, e mais contente,  
 Que logo quem ouvisse julgaria,  
 Que festejava algum gosto presente.

## ALPORTUXO.

Agora sabes tu que foi o dia,  
 Em que fructo nos deu a Primavera,  
 Fructo, que só do Ceo cahir podia.  
 Do Ceo, por cujo dom já se descera  
 Da sua opinião isempta, altiva,  
 Mais branda agora, mais que branda Céra.

Mas ah, livre Liana ! quam captiva  
 Te fez o justo amor daquelle teu,  
 A quem tu te mostraste tão esquiva.

Agora tu não tua, elle não seu,  
 Hum n'outro si, de dois hum só formado,  
 Tal vos conserva Amor qual elle o deu.

## GALAPO.

Outros muitos sobre esse tem já dado,  
Que tempo nem fortuna dura, imiga  
Poderão desatar; perde o cuidado.

O bom será cantar uma cantiga  
Em louvor dessa festa nesta praia.

## ALPORTUXO.

Começa tu, si queres, que te siga.

## GALAPO.

Esperemos hum pouco antes que caia  
A sombra lá da Serra; pôde ser  
Que tambem Almilão da Lapa saia.

## ALPORTUXO.

Eu tenho pera mim que ouço tanger,  
Deve de ser aquelle? Vê-lo vem,  
Como se vem regando de prazer.

## ALMILÃO.

Ouça-me quem quizer, véja-me quem  
Folgue com bens de Lauro, e de Liana,  
Que sempre dos seos bens, cantarei bem.

Que fica mais por vêr na vida humana,  
Que vêr dois corações n'hum convertidos,  
De cuja flor tão doce fructo mana?

Que fica por sentir a meos sentidos  
Quando vestida véjo Magdalena  
Dos seus, antes dos meos, pobres vestidos?

Eu tomarei na mão um dia a penna,  
E nem remendo seo; nem graça sua,  
Ficarão por cantar grande, ou pequena.

Das formosas Estrellas, Sol, e Lua,  
As còres mostrarei em Violante:  
A dos olhos ao Céo se restitua.

Nelle pois passar quero mais ávante  
Comvem que vá fazer o meo alforge,  
Porque mais cedo tanja, e melhor cante.

Amor tempere a fragoa, accenda, e forge  
Com que festeje dia tão ditoso  
Do novo Anjo do Ceo, do novo Jorge.

Detenha-se no bosque saudoso  
A verdura na planta, a flor no valle,  
Nasceo Jorge, nasceo todo formoso.

Antes que desta praia hoje me aballe  
A Fera amansarei, o duro Seixo  
Óusarei abrandar, farei que falle.

Já não sei murmurar, já não me queixo,  
Queixe-se o Rouxinol, murmure a Fonte,  
Ella de pedra em pedra, elle no Freixo,

D'encarnado, e de azul nosso horizonte  
Se vista nesta festa, cujas côres  
Callo, que pôde ser queinda se afronte.

Fazei novas Cappelas, Pescadores,  
Nos salgados penedos, nas aréas,  
A seo Príncipe já cobri de flores.

#### GALAPO.

Quaes Alciões na praia, ou quaes Serêas  
Igualar já se podem com teo canto,  
Em louvor desse Infante, que nomêas ?

Não sei qual affeição te ensinou tanto,  
Mas como cuidarei que se affeiçoa  
Quem não vêjo medrar n'hum pobre manto.

#### ALMILÃO.

Si tractas de interesse de Pessoa  
Pelas partes que tem, não pela renda,  
A tal opinião julgo por boa.

Comigo, que não posso ter Fazenda,  
Que fazenda fará o nescio rico,  
Que não pôde emendar, nem ter emenda.

Cuidarás por ventura, que me pico  
Desse juizo teu, commun juizo,  
Que, como dizem, traz agoa no bico.

Sabe, que com ninguem comtemporiso,  
Que a pelo me não falta na amizade  
Singela condicção, brandura, aviso.

## ALPORTUXO.

Eu pois cantar não sei da Saudade,  
Antre estes dois Cantores callar quero,  
Por não cahir nas mãos da necidade.

Mas isto só direi, que não temporo  
Com quem destemperar-se quer comigo,  
A' custa de cuidar que delle espero.

O que quizer que seja seo amigo  
Por ser tamanho meo, queira que seja,  
Não pelo seo, que come só consigo.

## GALAPO.

Queres que o nosso canto sobresteja  
Em quanto vou buscar que cozinhemos,  
Que festa sem comer não se festeja ?

Pescado no Batel pescado temos,  
O fogo sahirá da pedreneira,  
A lenha pelo matto ajuntaremos.

Do Medronho, de Estiva, e de Aroeira  
Farei curtos espertos aguçados,  
Dos quaes rodearei toda a fogueira.

De ruivos Salmonetes carregados,  
De Vezugos, de Choupas, de Tainhas,  
E com trez sapateiros Lingoados.

## ALPORTUXO.

Ainda por cantar taes versos tinhas,  
Eu ferirei o fogo, e trarei Lenha ;

## GALAPO.

Já sabemos de ti quam bem cozinhás.

## ALPORTUXO.

Não haja quem de nós se desavenha  
De cantar, e tanger, e fazer festa.

## GALAPO.

A quem não festejar má festa venha,  
Veremos Almilão pera que presta ;  
Sabei que se Almilão sahe ao terreiro,  
Que a alguem hade fazer suar a testa.

Que de Arrabil, de Flauta, e de Pandeiro ;  
 Nunca ninguem lhe teve a barba teza ;  
 Viva Jorge mil annos, mil primeiro  
 Viva o Duque seo Pay, viva a Duqueza.

## ALMILÃO.

Vivam Pays, e vivam Filhos,  
 Outros destes, d'outros mais,  
 Vivam Filhos, vivam Pays ;  
 Vivam como os viver véjo  
 Com taes excessos d'amor,  
 Que nem menos, nem maior,  
 Possa ser, que o seo desejo.  
 O gosto, com que festejo  
 O seo não pôde ser mais.  
 Vivam Filhos, vivam Pays.

## GALAPO.

Tal amor nelles se véja,  
 Vêja-se seo amor tal,  
 Tam conforme, e tam igual,  
 Que nem mais, nem menos seja.  
 A festa, que se festeja,  
 Convertida noutras mais,  
 Festejem Filhos, e Pays.

## ALPORTUXO.

Ditoza foi sua Estrella,  
 A mesma d'ambos ditosa,  
 A quem não foi poderosa  
 Resistir toda Castella.  
 Nasceo Jorge delle, e della.

## ALMILÃO.

Elle fez quanto podia :  
 Ella mais do que elle fez ;  
 Pois se fez sua ; em que péz  
 A quantos na Corte havia.  
 Igual seo bem poderia  
 Firmeza em peitos Reaes,  
 Mas no della muito mais.

## GALAPO.

Ella foi a conquistada,  
 Ella firme, ella constante,  
 Ella a quem d'um só amante  
 Se quiz deixar ser amada :  
 Em tudo foi costumada,  
 Na firmeza muito mais,  
 Tal como ella poucas taes.

## ALPORTUXO.

Acabemos de dizer,  
 Por remate, da Duqueza,  
 Que foi d'outra natureza  
 Diversa da de Mulher :  
 Por isso devia ser  
 O seo louvor muito mais,  
 Vivam Filhos, vivam Pays.

As Eclogas de Fr. Agostinho da Cruz, na minha humilde opinião, emparelham com as melhores que nos ficaram do seculo venturoso, em que floresceu : sómente Camões lhe é superior na riqueza da poesia e do estylo. Si não tem a amenidade das de seu irmão Diogo Bernardes, nem as reminiscencias classicas, que admiramos nas de Ferreira, sam-lhe muito superiores pela versificação. A sua linguagem é correta, quasi sempre elegante, abunda de phrazes, e termos pictorescos, que se não encontram em seus contemporaneos, a sua poesia descriptiva é cheia de viveza, e mostra muita invensão, e colorido Bocolico, e por isso se conhece, o que poderia esperar-se de tal Poeta, se a vida Eremitica lhe não houvera agorantado os vòos da imaginação. Um dos grandes meritos, que eu acho nestes Poemas é a originalidade, estando livres daquellas interminaveis lamurias amorosas, que fazem a base de quasi todo o Bocolismo impertinente, que infestou por alguns seculos o nosso Parnaso. É certo que a Cruz, o Redemptor, a Virgem, a Penitencia, parecem ás vezes estranhos, e mal collocados no meio destes quadros campestres, mas estas inconveniencias, sam amplamente resgatadas com bellezas de outro genero, assim

como será necessário demasiado rigor para não perdoar ao Poeta algum vocabulo mais plebeo, ou mais humilde, alguns conceitos, e jogos de palavras, mas raros, que ás vezes lhe escapam.

Outro merito tem elle, e não pequeno no meu modo de encarar os objetos, e é ser elle o unico dos nossos Poetas antigos, que como Ferreira nem um verso escreveu em lingua estranha, quando nem Miranda, nem Bernardes, nem Caminha, nem finalmente Camões, tão decidido amigo da patria, poderam resistir à tentação de escrever parte das suas obras em Castelhano, para lisongearem o depravado gosto, que então reinava pela lingua dos nossos vizinhos.

Nada mais vulgar, que dizer-se, e escrever-se no nosso tempo, que os sessenta annos de dominação hespanhola introduziram entre nós a mania de escrever na lingua dos oppressores; nada mais mal fundado, que esta assersão; aquella mania data dos primeiros tempos da Monarchia; a lingua castelhana sempre foi tão corrente, e usada entre nós como a lingua do paiz; ella era fallada pelas pessoas de ambos os sexos no Paço, no tracto familiar, nas escholas; e o que é ainda mais vergonhoso, a maior parte dos Portuguezes tinham a sua lingua por menos bella, e harmoniosa, e por consequencia por menos perfeita, e propria para a escripta, poesia, e canto, que a castelhana: grande parte das poesias de D. Pedro I., do Infante D. Pedro, sam em castelhano; em eastelhano escreveu Jorge de Montemór, em castelhano sam a maior parte dos versos de Sá de Miranda. Os Dramas de Gil Vicente quando não sam em castelhano, sam escriptos nas duas linguas, assim como as Comedias de Simão Machado, e para não fazer maior lista de citações mais de um terço das Trovas, que formam o copioso Cancioneiro de Resende sam em lingua castelhana! Louvor pois a Ferreira, e Fr. Agostinho da Cruz, que souberam sentir as bellezas da lingua patria, e com a sua doutrina, e com o seu exemplo insinaram a cultiva-la, e a fazer-lhe a justiça devida,

---

# ENSAYO

## BIOGRAPHICO-CRITICO.

### LIVRO III.

**CONTINUAÇÃO DA ESCOLA ITALIANA.**

#### CAPITULO VIII.

*Jorge de Montemayor.*

**J**orge de Montemôr, ou de Montemayor, como dizem os Hespanhoes, e como se acha impresso no frontespicio das suas obras, nasceu na Villa de Montemôr em Portugal, situada a quatro leguas de distancia da Athenas Lusitana. Porém nem o Abbade Barbosa, nem alguns dos authores contemporaneos nos informaram do dia, mez, e anno de seu nascimento, nem dos nomes de seus Pais, nem da sua posição social, nem de quaes foram os seus estudos, contentando-se com dizer-nos, que sendo ainda de mui tenra idade fôra levado para Madrid, onde se criou.

É indubitavel que estudou a musica com grande assiduidade, e proveito, pois consta que naquelle corte fôra admittido na Capella Real, na qualidade de cantor, e que foi ali muito estimado pela melodia da sua voz, e pela singularidade de seu estylo, e maneira de cantar.

Consta igualmente, que nesse tempo amou uma formosa Donzella do Paço, que muito celebrou em seus versos com o fingido nome de Diana, e a este respeito contam a seguinte anecdota.

Andando Jorge de Montemayor passeando uma tarde no Terreiro do Paço, embebecido na contemplação da sua Dama, que estava a uma das janellas do alcançar,

chegou-se a elle um Mendigo, que lhe pediu esmola, Montemayor, apontando para a Senhora dos seus pensamentos, respondeu ao pobre com a seguinte Quintilha.

Si Ermano pedis por Dios,  
A quella Deidad pedid,  
Y pedid para la dos;  
La lismosna para vos,  
La libertad para mi.

Estes amores parece que não foram um objecto de simples galanteio, e passatempo; pois o Poeta desejando tornar-se mais digno da sua amada, fiado nas suas promessas, e com deliberação firme de contrahir com ella os laços do matrimonio, abandonou a musica, e a Capella Real, abraçou a vida militar, e partiu para a guerra com o corpo a que pertencia.

Infelizmente quando voltou a Madrid, para receber o premio do seu amor, e da sua dedicação, achou as cousas em estado mui diferente daquelle, em que as tinha deixado.

A bella Diana, pois que lhe não sabemos outro nome, ou levada da natural liviandade feminina, muito fraca para resistir á força da ausencia; ou como elle parece indica-lo, constrangida pelas ordens de seus Pais, esquecendo-se de todas as suas promessas, e juramentos, havia casado com um homem rico sim, e poderoso, mas pouco amavel, e com quem vivia amargurada, si o Poeta nos não engana nisto.

Montemayor cahiu das nuvens com esta notícia; todos os seus projectos de ventura se desvaneceram como o fumo, e não podendo viver na mesma terra, que a sua ingrata pisava; abandonou tambem a vida militar para buscar linitivo ás suas penas nas viagens, e no commerçio das Musas, a que sempre fôra muito dado desde o tempo de sua adolescencia.

Foi durante as suas viagens pela França, Alemanha, e Italia, que elle compôs a sua Diana, Novella Pastoril, intercallada de muitas, e diversas poesias, que por aquelle modo reuniu em um corpo. Não pôde porém terminar aquella composição, porque lh' o impediu a morte, sendo assassi-

nado em uma das suas excursões pelo Piemonte, ignorando-se inteiramente os motivos, e circumstâncias deste crime, que roubou á Hespanha um dos seus melhores Escriptores, e a Portugal um dos maiores Poetas, que naquelle seculo produziu. Sómente sabemos, que este desgraçado acontecimento teve lugar em 26 do mez de Fevereiro de 1561.

Poucos Poetas gozaram no seu tempo de uma reputação tão collocal como Jorge de Montemayor, Francisco de Sá e Miranda lhe dirigiu uma Epistola, em que lhe tece os maiores elogios; outros muitos Poetas lhe tributaram iguaes applausos, ufanando-se de serem contados no número dos seus amigos. As obras que delle se conhecem sam as seguintes:

O seu Cancioneiro, que consta de Cartas, Sonetos, Canções, Eclogas, e outras poesias de menos consideração. Foi impresso a primeira vez em Saragoça, em formato de 12, em 1561. Em Salamanca, no mesmo formato, em 1571. Ibid., em 1572, tambem em 12, e em Madrid, em 1588, formato de 8.<sup>o</sup> Esta multiplicidade de edições, em tão pouco tempo, prova bem, segundo me parece, o grande apreço que então se fez daquelles Poemas.

*Fabula de Pyramo, y Thisbe*, que de ordinario se encontra junta com a Diana, é um Poema em Coplas Castelhanas, muito bem escripto em estylo poetico sem a pesadés, que de ordinario se sente em os Poetas daquelle tempo, que tractaram assumptos mythologicos, deste Poema fez depois uma bella imitação o fecundo Poeta Italiano João Baptista Marini.

Além destas obras, que se publicaram pela imprensa, existia de Jorge de Montemayor uma collecção, não pequena, de poesias manuscriptas, que pertencia ao Duque de Lafões, e se guardava com grande cuidado na sua copiosa livraria: porém desgraçadamente consta que dali se extraviara ~~com~~ a perturbacão, e tumulto do fatal dia primeiro de Novembro de 1755, em que um terrivel terremoto, o mais forte que se tem experimentado neste paiz, destruiu, e derribou a maior parte dos edificios de Lisboa, com grande mortandade dos sens habitantes.

Eis aqui um dos grandes inconvenientes da ambição de amontuar manuscripts, e esta fatal mania se tem desenvolvido em todos os tempos não só em Portugal, mas

em todos os paizes da Europa, entre os Governos, e, o que é mais para lamentar, entre certa ordem de Literatos. Examinem-se as livrarias particulares, e as bibliothecas públicas de todas as captaes, e cidades notaveis da Europa, e véja-se a ufania com que os empregados desses estabelecimentos mostram áquelleas que os visitam, os copiosos Cathalogos de manuscriptos raros, com que gemem, e vergam as estantes de algumas das suas salas, e chamam a isto uma grande riqueza. Sim, é uma grande riqueza, mas uma riqueza inutil; é o ouro do avarento, que está fóra da circulação, que nem aviventa a agricultura, nem faz progredir a industria, nem prosperar o commercio, nem mata a fome ao pobre: é a luz escondida debaixo do alqueira, que não alumia ninguem. É uma collecção de hieroglyphicos Egypcios, que todos admiram, e que ninguem entende. E que de um momento para outro um terremoto deixa sepultado entre ruinas; um bombardamento destroe; um roubo despresa, e um incendio reduz a cinzas!

Quizeramos que os Governos por zélo, e por desejos do aperfeiçoamento da razão humana, e pela gloria das suas respectivas Nações; que todos esses ricos, que blasонam de Amadores das Letras, e das Sciencias, porque procuram áfinco, e compram por alto preço obras manuscriptas, para sepulta-las sem piedade nos seus copiosos bibliotaphos, dessem provas da sua paixão pelo saber imprimindo todos os seus manuscriptos, que o merecessem, porque os outros, nem valem a pena de guardar-se, pondo-os assim pela imprensa a salvo de perecerem por algum desastre, e em estado de aproveitar aos homens estudiosos, e de servirem de barreira contra alguma nova errupção de barbaridade.

« Uma nova errupção de barbaros! » Que idéa phantastica! dirão alguns; e porque não? Quem sabe o que está gravado no seio do futuro? Ignoraes que neste mundo todas as cousas se agitam, e revolvem em uma continua da mudança de situações felizes, e desgraçadas? Não sabéis que as Nações vivem, crescem, florescem, invelhecem, caducam, e morrem como os individuos, posto que a sua existencia seja sem comparação mais dilatada? Pensais, que só foi dado as Cabildas Septemtrionaes, e aos

Sarracenos invadir, e dominar a Europa? Que os Reinos actuaes, que cada dia se corrompem pelo luxo, pelos vicios, e pelas riquezas, terão mais força para resistir a uma aluvião bárbara do que o Imperio Romano, de que elles foram Províncias? Que as nações mouriscas, e negras, que povoam a África, se conservarão sempre na mesma indolênciá? Que não surgirá entre elles um Gengis-Kan, que os arroje sobre os nossos climas com o desejo de desfrutar alguma sombra, e o engodo de fartar-se de licores esperituosos? Que os Tartaros se enterterão sempre na caça das Raposas, e dos Alces? Que estes acontecimentos tenham logar daqui a cem, ou a duzentos séculos, mais cedo, ou mais tarde, é cousa que não altera a verosimilhança da idéa, nem impede que se verifique. Continuemos.

A obra mais importante de Jorge de Montemayor é a sua Diana, que a morte lhe não permitiu terminar, deixando-a no Livro setimo. Este Romance Pastoral é a história dos seus amores, disfarçada em nomes pastoris, adornada de algumas invenções magieas; e tecida com diferentes episódios, que tem relações com anecdotas, e pessoas conhecidas, relações, que nós hoje não percebemos, mas que os contemporaneos attingiam perfeitamente, e talvez fosse essa uma das principaes causas, além do mérito intrínscico da obra, do grande acolhimento que teve não só em Portugal, e Hespanha, mas igualmente nas outras nações, sendo traduzido em francez por Nicolau Colire, cuja traducção saiu á luz na cidade de Rheims, em formato de oitavo, no anno de 1578, seguindo-se-lhe depois outra em lingua alemãa, por Harsdorfer, que se publicou em Nuremberg, no anno de 1646.

Poucos livros haverá, que na Hespanha produzissem tamanho entusiasmo como a Diana de Jorge de Montemayor; a delicadeza das pinturas campestres, a variedade dos incidentes, a eloquencia, e verdade das paixões, a ternura da linguagem, a pureza, e facilidade do estylo, a cadencia da prosa, e a belleza das poesias, que nella se misturam, faziam com que os Leitores saborassem com delicias a sua leitura, e que os exemplares fossem disputados, e se encontrassem nas livrarias, nos gabinetes, nos toucadores das Damas, nos baileões

dos Mercadores, e nos tabernaculos dos Artistas. Basta dizer, que desde 1578, em que este Romance sahiu pela primeira vez á luz, na cidade de Pamplona, até 1622 se fizeram, e consumuniram sete edições, que Diogo Barbosa Machado aponta na sua Bibliotheca.

Esta predileccão do público pela Diana de Montemayor e o desgosto que todos mostravam de não estar acabada, instigou alguns engenhos a compôr-lhe a continuação; o primeiro foi Alonso Peres, cujo supplemento se encontra junto com a maior parte das edições do Romance. Este Escriptor tem bastante invenção, e fecundidade; mas o seu estylo é um pouco pezado, a sua prosa menos rápida, e cadente, e os seus versos muito inferiores aos do original.

O que se sahiu melhor desta empreza, ganhando um lugar distinto no Parnaso, com a sua continuação, a que deu o título de *Diana Enamorada*, foi sem dúvida Gil Polo. Era natural do Reino de Valencia, e a natureza o havia criado grande Poeta; foi um digno continuador de Jorge de Montemayor, e alguns criticos Hespanhoes o julgam superior a elle na poesia, posto que muito inferior na invenção.

Inda que não entre no plano, que adoptei para esta obra, o exame dos Poemas, que os Poetas Portuguezes escreveram em castelhano, ou em outras quaequer linguas, não deixarei por isso de fazer algumas exceções a esta regra geral, e será uma dellas a favor da Diana de Jorge de Montemayor, não só pelo genio original, que o Poeta desenvolveu nesta composição, mas por ser ella uma criação nova, que serviu de modello a todos os Romances Pastoris, que depois se publicaram na Peninsula.

Pela rapida exposição, que passo a fazer da Diana de Montemayor, verá o Leitor, que ella deve considerar-se mais como um fragmento, que como uma obra perfeita, porque o Author, em razão de sua morte extemporanea, e violenta, não ponde concluir-la, e emenda-la; mas também se verá, que ella abunda de interesse individual, e narrativo, e que o Poeta possuia o raro talento de pintar as penas, e prazeres do amor, e transformar os sentimentos do seu coração de individuaes em geraes.

O pastor Sireno, protótipo do Poeta, depois de longos trabalhos, e peregrinações volta á patria, onde, como era natural, a inspecção dos logares, onde outr' ora gozara os seus innocentes amores com a pastora Diana, que depois o trahira, commove profundamente o seu coração, e exaltam a sua phantasia, tira do seio uma madeixa de cabello da sua amada, e uma carta da mesma, que lê attentamente, e nesta situação é encontrado por outro pastor, que já havia tambem sido adorador de Diana, e ambos, cada um por sua parte, questionam sobre qual é mais desgraçado, si Sireno, que fôra um tempo amado de Diana, e já o não é, si Silvano, o pastor recem-chegado, a quem ella nunca attendêra; e termina o primeiro Livro com a chegada da pastora Selvagia, que tambem se mostra queixosa d'amor, e que dá larga noticia das suas aventuras, e desgostos amorosos.

No segundo Livro, vê-se ao romper da aurora os pastores sahirem com seus gados para apascenta-los nas margens do Elza, e Selvagia, descendo uma encosta, procura o bosque, onde estivera na vespora com os dous pastores, onde se assenta pensando nas ingratidões d'Alanio, e tomando o seu rabil, canta uma Sextina sobre este objecto.

Apenas a pastora tem terminado a sua cantiga, ouve-se ao longe a voz de Silvano, cantando as seguintes Estanças :

Cansado ya d'oirme el claro Rio,  
 El valle, y soto tengo importunados,  
 Y estan de oyir mis quexas, e amor mio  
 Alisos, Halias, y Olmos ya cansados.  
 Invierno, Primavera, Otoño, Estio,  
 Con lagrimas regando estos collados  
 Estoy a causa tuya, oh cruda Fiera,  
 No avria en essa boca un no siquiera?

De libre me hiciste ser captivo,  
 De hombre de razon quien no la sciente;  
 Quiseste-me hacer de muerto vivo  
 Y alli de vivo muerto incontinente.  
 De afable me hiciste ser esquivo,  
 De conversable aborrrecer la gente,  
 Solia tener ojos, ya estoy ciego,  
 Hombre de carne fui, ya soy de fuego.

Que es esto, corazon ? no estais cansado  
 Aun ay mas que llorar, dezi, ejos mios ?  
 Mi alma; no bastava el mal passado ?  
 Lagrimas, aun hazeis crescer los rios ?  
 Entendimiento, vos no estais turbado ?  
 Sentidos, no os turbaron sus desvios ?  
 Pues como entiendo, lloro, veo, y siento,  
 Si todo lo ha gastado ya el tormento ?

Quien hizo a mi Pastora, ai ! ai ! perdido !  
 Aquel cabello d'oro, y no dorado,  
 El rosto de cristal tan escogido,  
 La beca d'un rubi tan estremado,  
 El cuello d'alabastro, y el sentido,  
 Porque su corazon no hizo ante  
 De cera, que de marmol, y diamante ?

Un dia estoy conforme a mi fortuna,  
 Y al mal que me ha causado mi Diana,  
 El otro el mal me affige, y importuna,  
 Cruel la llamo, fiera, y inhumana  
 Y assi no hay en mi mal orden alguna,  
 Lo que oy affirmo, niego-lo mañana.  
 Todo es assi, y passo assi una vida  
 Que presto vean mis oyos consumida.

Selvagia, depois de findar o canto, vai ter com elle, e em breve apparece Sireno, tambem cantando como é costume em taes composições; depois de Sireno haver recitado um Soneto, ouvem cantar vozes feminis em um bosque de loureiros, que fica perto, encaminham-se para lá, e escondidos entre umas ramagens, descobrem trez Nymphas sentadas na margem do regato, sobre uma alcatifa de flores do prado, e trajando roupas brancas recamadas de folhagens de ouro, e com os cabellos louros como os raios do Sol, tomados com fios de perolas orientaes, que faziam no alto da cabeça uma laçada; e no meio della uma aguia de ouro tambem, tendo nas garras um fino diamante.

Estavam cantando, e tangendo, e logo Dórida, uma delas, entoa uma Canção, em que conta os amores de Sireno; porém antes da conclusão desta historia, cheia de

pastoril simplicidade, sam surprehendidas por um bando de trez Selvagens, de grandeza descommunhal, e bem armados; os Pastores para defender ás Nymphas os atacam ás pedradas, mas o exito do combate seria funesto para estes senão sahissem do bosque uma Amazona vestida de chéadora, que com as suas settas mata os roubadores, e conta depois ás Nymphas, e Pastores a sua propria historia, e com esta e algumas conversações, e cantigas, que se seguem, termina o segundo Livro.

No terceiro Livro, as Nymphas guiam a sua defensora, e os pastores por entre um denso arvoredo, à habitação de uma famosa Encantadora, conhecida pelo nome da sabia Felicia, Sacerdotisa de Diana; no caminho encontram a pastora Belisa, que as acompanha, depois de contar tambem a sua historia, e com a descripção da Jornada, e dos magnificos adornos da habitação de Felicia, se preenche o terceiro Livro.

Felicia no quarto recebe com grande agasalhado todos, e conduzindo-os a um pomposo panteo, onde lhe mostra um grande número de Estatuas de heróes antigos, e de heróes de Hespanha, com seus disticos, e inscripções lánctorias, passam logo a um salão, onde se encontram outrás Estatuas de personagens Castelhanas de ambos os sexos, havendo no meio uma rica fonte, junto á qual estava encantado o antigo Orpheo, que todo o mundo antigo, e moderno tinha julgado morto pelas Bacchantes, e lançado ao Hebro, e ainda estariamos nesta opinião errada, si Montemayor não ouvesse feito este importante descobrimento.

A chegada da companhia Orpheo péga na sua lyra, e canta, não em grego, ou na lingua dos Thracios, mas na castelhana, umas formosas Estâncias em louvor das heroínas de Hespanha, cujas vidas o Filho de Caliope, e de Apollo tinha tido sobrejo tempo para estudar durante o seu longo encantamento, e, depois de algumas práticas engenhosas, fecha o Livro com a historia de Rodrigo de Narvaes, do Mouro Abendaracz, e da formosa Xarifa, contada por Felismena.

No quinto Livro a sabia Felicia faz; por meio de uma bebida encantada, que Sireno, e Silvano fiquem livres da paixão por Diana, e Selvagia do amor de Alanio, e que Silvano, e Selvagia se pamporem um do outro.

Sirena, Selvagia, e Silvano entranham-se por um bosque de myrtos, onde encontram Diana cantando; e é esta a primeira vez, que a Protagonista do Romance, e que lhe dá o nome, apparece nelle. A cantiga de Diana é um lindo Romance em toda a primittiva singelleza de estylo dos antigos Romances castelhanos, e semilhante a alguns, que se iéem no *Romancero general*:

Quando yo triste naci  
Luego naci desdichada,  
Luego los hados mostraram  
Mi suerte desventurada.

El Sol escondió seus raios,  
La Luna quedó eclypsada,  
Murió mi madre en partiendo,  
Moça, hermosa, y malograda.

El amor, que me dió leche  
Jamás tuve dicha en nada,  
Ni menos la tuve yo  
Soltera, ni desposada..

Quise bien, y fui querida,  
Olvidé, y fui olvidada ;  
Esto causó un casamiento,  
Que a mi me tiene cansada.

Casara yo con la tierra,  
No me viera sepultada  
Entre tanta desventura,  
Que no puede ser contada.

Moça me casó mi padre,  
De su obediencia forçada,  
Puse a Sireno en olvido,  
Que la fe me tenia dada.

Págó tambien mi discuido,  
Qual nó fué cosa pagada,  
Zelos me hacen la guerra  
Sin ser en ellos culpada.

Con zelos voy al ganado,  
 Con zelos a la majada,  
 Y con zelos me levanto,  
 Contino a la madrugada.

Con zelos como a su mesa,  
 Y en su cama estoy acostada,  
 Si le pido de que ha zelos,  
 No sabe responder nada.

Jamas tiene el rostro alegre,  
 Siempre la cara inclinada,  
 Los ojos por los rincones,  
 La habla triste, y turbada,  
 Como vivirá la triste  
 Que se ve tan mal casada?

Segue-se um pequeno dialogo entre Diana, e Sireno, em que da parte desta transflora o pesar; e daquelle a indifferéncia. O resto do Livro contém a chegada do Pastor Arcilio em busca de Belisa, e o encontro destes dous amantes.

No sexto, e no setimo Livro, a accão principal não adianta um só passo, apenas ha no sexto uma scena interessante entre Sireno, e Diana, em que esta procura desculpar a sua falta de fé, com a authoridade de seu Pai, que a isso a constrangera, o resto é tudo ocupado por episodios, e cantaves, e pelo casamento a final de algumas das personagens secundarias.

Já se vê que a novella não tem desenlace regular, nem admira, visto que o Author não teve vida para terminá-la; nem é mui facil prever, que meio inventaria o Author para a levar ao cabo, se tivesse tempo para isso: no estado em que ficou encontra-se na Diana mais invenção, que artificio, mais variedade, que enredo, mais imaginação, que unidade: a cada passo o Author se abandona á discussão dos affectos amorosos, e a toda a subtileza da philosophia escholastica, que havia aprendido nas aulas, e parece que o seu fim é apresentar no ponto de vista poetico aquella quinta essencia de fidelidade nos amores, que ainda ninguem encontrou si não nas Comedias, e nos Poemas: mas estas imperlinencias metaphysicas, que sam

para nós um verdadeiro deseito, eram belleza, e grande belleza para o seculo, um pouco pedantesco, em que o Author escreveu.

Ha de mais na Diana uma mistura de acontecimentos, e de idéas tão desvairadas, e repugnantes entre si, que ora parece que lêmos um Romance Pastoril, ora um Conto de Fadas, ora um Livro de Cavallarias; os ritos pagãos emborilham-se com as opiniões Christãas; porém do meio deste cahos rebenta a luz do genio que o enfeita, e nos deslumbrá. Montemayor é sobre tudo felicissimo em achar novas imagens, e novas fórmas para exprimir a ternura. A poesia é a parte principal, e mais interessante da sua obra, elle prodigalisa os Sonetos, e uma serie de composições lyricas, ora no gosto italiano, ora no gosto popular, parecendo que toda a composição prosaica não é mais, que um fundo procurado de proposito para collocar os seus versos, e dar-lhe maior realce.

A *Diana* é o mais solido fundamento da gloria de Jorge de Montemayor, pois que o seu Cancioneiro é difficilímo de encontrar-se; ella foi recebida, no tempo da sua apparição, com os mais vivos applausos em Hespanha, e Portugal; traduzida, e imitada em diversas linguas; impressa repetidas vezes tanto em Castella como nas nações estrangeiras, e como acima dissemos, alguns Poetas de grande talento se deram ao trabalho de completa-la cada um segundo as suas idéas; e a prova de que nesta composição ha um merito real, e verdadeiro, é que apesar das variações, que o gosto tem soffrido no decurso de alguns seculos, aquella primeira reputação não tem consideravelmente diminuido, e ainda hoje Jorge de Montemayor é contado entre os melhores Poetas da Peninsula Hespanhola, e a sua obra será sempre grata a todos os que forem dotados de imaginação ardente, e de coração sensivel.

Eis aqui as unicas poesias portuguezas, que elle introduziu na sua Diana, que por isso mesmo que sam portuguezas as copiamos aqui.

Os tempos se mudarão,  
A vida se acabará,  
Mas a fé sempre estará  
Onde meos olhos estão.

Os dias, e os momentos  
 As Horas com suas mudanças  
 Imigas sam de esperanças,  
 E amigas de pensamentos.

Os pensamentos estão,  
 A esperança acabará,  
 A fé não me deixará  
 Por honra do coração.

He causa de muitos danos  
 Duvidosa confiança,  
 Que a vida sem esperança  
 Já não teme desengano.

Os tempos se vem, e vão  
 A vida se acabará,  
 Mas a fé não quererá  
 Fazer-me esta separação.

A seguinte Cançoneta me não parece menos engenhosa  
 do que esta.

Suspiros, minha lembrança,  
 Não quer porque vos não vades,  
 Que o mal, que fazem saudades  
 Se cura com esperança.

A Esperança me val,  
 Por a causa, em que se tem,  
 Nem promete tanto bem  
 Quanto a saudade faz mal.

Mas Amor, Desconfiança  
 Me deram tal qualidade,  
 Que nem me mata a Saudade,  
 Nem me dá vida a Esperança.

Errarão, si se queixarem,  
 Os olhos, com que eu ohei,  
 Porque não me queixarei  
 Em quanto os seos me lembarem.

Nem poderá haver mudança  
 Jamais em minha vontade,  
 Ou me mate a saudade,  
 Ou me deixe a Esperança.

Rematarei este Capítulo com uma Canção de Jorge de Montemayor, que eu ha muitos annos tinha vertido em portuguez, junto com muitas outras poesias lyricas de varias linguas antigas, e modernas, de que tenho conhecimento.

O assumpto desta bella composição é o seguinte. O pastor Silvano narra a Sireno, no primeiro Livro da Diana, que um dia víra esta pastora, saudosa pela ausencia de Sireno, sentar-se em um bosque, collocar um retrato delle junto a um tronco, e cantar estes versos dirigindo-se ao retrato.

### CANÇÃO.

Olhos, que já não vêdes quem olhava  
 Para vós, sendo espelho, em que se via ;  
 Que vereis, que vos possa dar contento ?  
 Prado florido, e verde, onde algum dia  
 Pelo meu doce amigo eu esperava,  
 Comigo lamentai o meu tormento ;  
 Aqui me declarou seu pensamento,  
 Aqui o ouvi agastada,  
 Mais que serpente irada  
 Chamando-lhe mil vezes atrevido ;  
 E o triste ali rendido  
 Parece que está ainda, e que inda o véjo,  
 E é esse o meu desejo.  
 Ai ! si eu agora o visse ! ai, tempo ameno !  
 Ribeira umbrosa, o que é do meu Sireno ?

Aquella é a ribeira, é este o prado,  
 Dali assoma o Souto, o Vale umbroso,  
 Por onde o meu rebanho apascentava,  
 Vêdes o Arroio brando, e sonoro  
 Onde a sésta pasceo meu manso Gado,  
 Quando o meu doce amigo aqui morava ?  
 Daquella verde Faia á sombra estava,

E é este aquelle Outeiro,  
 Aonde o vi primeiro,  
 E aonde elle me vi... dia felice  
 Foi esse, si infelice  
 Meu Fado tão bom tempo não findasse !  
 Oh Faia ! oh fonte clara !  
 Tudo está hi, mas não por quem eu peno,  
 Ribeira umbrosa, o que é do meu Sireno ?

Aqui tenho um Retrato, que me engana,  
 Porque o meu Pastor véjo quando o véjo,  
 Posto em minha alma está melhor gravado.  
 Quando chega de o vê grande o desejo  
 Do qual o Tempo logo desengana,  
 A'quella fonte vou, que está no prado  
 Encosto-o nos Salgueiros, e a seu lado  
 Ai cégo Amor ! me assento.  
 Para a corrente attento,  
 E véjo a elle, e a mim bem como o via.  
 Quando elle aqui vivia.  
 Esta invenção um pouco me espairece,  
 Mas logo se esvaece,  
 E clama o coração de magoas pleno,  
 Ribeira umbrosa, o que é do meu Sireno ?

Outras vezes lhe fallo, e não responde,  
 E penso que de mim se está vingando,  
 Porque algum tempo eu não lhe respondia,  
 E digo-lhe tristonha assim chorando :  
 « Falla, falla, Sireno, que estás onde  
 « Jámai's o figurei na phantasia,  
 « Vives nesta alma, e della és alegria. »  
 E elle sempre callado  
 Conserva-se à meu lado,  
 Que me falle em meu siso lhe supplico,  
 Que fero engano inico !  
 Exigir siso, e voz de uma Pintura !  
 Ai tempo, em que a ventura  
 Me tinha em podér d'ou'trem com despeno ;  
 Ribeira umbrosa, o que é do meu Sireno ?

Ai ! não posso já mais ir com meu gado  
 Quando transmonta o Sol em nossa Aldeia,  
 Nem voltar em demanda da abrigada  
 Sem vêr, bem que não queira, sobre a areia  
 A Choça do meu Bem tão suspirado,  
 Toda quasi desfeita, e derribada,  
 Ali me assento um pouco descuidada  
 De Oyelhas, e Cordeiros,  
 Té que enfim os Vaqueiros  
 Me dam vozes dizendo « Olá, Pastora,  
 « Em que scismas agora ?  
 « O Gado pelos Trigos vai pascendo. »  
 Meus olhos o estam vendo,  
 Por quem a relva cresce ao prado ameno,  
 Ribeira umbrosa, o que é do meu Sireno ?

Razão fôra, Sireno, que fizeras  
 A' opinião mais força na partida,  
 Pois te entreguei sem ella quanto havia  
 Em mim ! de quem me queixo já perdida ?  
 Tu a rogos de alguem te suspenderas,  
 Quando o Fado, ou Fortuna assim queria ?  
 Tua a culpa não foi, nem poderia  
 Eu crer que tu fizesses  
 Causa, com que offendesses  
 Um tão sincero Amor singelo, e vero,  
 Nem persumi-lo quero,  
 Inda a ter os signaes mais evidentes,  
 Os Fados inclemtes  
 Me tem nublado um Ceo puro, e sereno,  
 Ribeira umbrosa, o que é do meu Sireno ?

Canção, olha que vás onde te digo,  
 Mas fica-te comigo,  
 Que pôde conduzir-te impia fortuna  
 A parte onde te chamem importuna !

Esta Canção no seu original é admiravel, ou se considere a singelleza dos sentimentos, ou a delicadeza das idéas, ou a vehemencia dos affectos, ou a harmonia do estylo, e metro, e a terna melancholia, e saudade, de que está re-

passada : é uma composição original no gosto grego, e tem sido sempre considerada como uma das melhores obras deste genero, que honram a lingua castelhana. O Sr. D. Manuel José Quintana, excellente Poeta, e Literato de muito apurado criterio a incluiu nas suas *Poesias selectas Castellanas*. O erudito Bouterweek, na sua História da Literatura Hespanhola, mostra tanta predileção por ella, que depois de copiar-lhe os trez primeiros ramos, não dúvida acrescentar, que é um dos mais formosos Poemas Lyricos, que se tem composto em todas as linguas.

Jorge de Montemayor foi grande amigo de Sá de Miranda, a quem dirigiu uma bella Epistola Castelhana, que anda entre as obras daquelle Poeta com a sua resposta; e de Pero de Andrade Caminha, com quem se carteava a miudo, e que respondendo a uma das suas Epistolras, se exprime a respeito delle nestes termos, muito honrosos na verdade para Montemayor.

Montemayor, cujo alto engenho espanha  
Grandes Engenhos, e ditozamente  
A todo o estylo, e verso se levanta.

Teos graves versos li, nelles presente  
Estive todo, que tal fundamento  
Forçara a sentir muito quem não sente.

Quem melhor que ti nota o vão intento  
Das humanas tenções tão retorcidas,  
Que vêm todas parar em leve vento ?

Quem as idades todas consumidas  
Apoz hum gosto vão, fraco, e forçoso,  
Que não dura, e destroe almas, e vidas ?

Quem o fim que seguimos vangloriosa,  
Engeitando o seguro, e verdadeiro  
Para as almas, e vidas proveitoso ?

Deos sofre tudo, mas não sei the quando  
O quererá sofrer, por mór castigo  
Quiçá nos dar está dissimulando.

Tentar sua paciencia he gran perigo.  
Tudo ouve, tudo vê, e tudo entende,  
E contra seo podér não s'acha abrigo.

leamento de Damião de Goes, que tambem desempenhou aquella incombeacia, como o comprovam as Chronicas que deixou escriptas, e que o fazem contar no numero dos nossos melhores Historiadores.

Foi casado com D. Luiza Coutinho, de quem deixou numerosa descendencia.

O Abbade Diogo Barbosa Machado, que faz menção deste Poeta na sua Bibliotheca Lusitana, nem apponta o anno em que nasceu, nem o em que morreu, nem nos informa da linhagem, e familia de sua Esposa; e o que é mais, mencionando muitas obras suas em prosa, tanto impressas, como manuscriptas, não fala em nenhama das suas composições em verso.

Mas para suprir este descuido; para certificar-nos do seu talento poetic existem não poucos testemunhos, de que elle possuirá esta nobre faculdade, nos escriptos dos Poetas seus contemporaneos, em que elle é frequente vez mencionado como tal; e um dos de maior pezo é sem dúvida a Carta VI. do Livro segundo, das do Doutor Antonio Ferreira, que passava por Mestre de todos os Poetas do seu tempo, em que lhe diz :

Castilho, de meos versos dourta Lima,  
Que cuidarei que fazes lá escondido,  
D'onde me não vem prosa, nem vem rima?  
Trabalhas por ventura que vencido  
Fique o gran Ferrarez no dece canto,  
Thequi com tanto gosto, e fama lido?

Parece-me que um homem como Antonio Ferreira não podia dar maior prova da grande conta em que tinha, como Poeta, a Antonio de Castilho, do que chamar-lhe *dourta Lima dos seus versos*, e julga-lo capaz de escurecer a fama do grande Ferrarez, isto é, de Luduvico Ariosto, que passava então pelo maior Poeta da Europa, e que ainda hoje conserva uma reputação Colossal: véja-se mais o entusiasmo com que accrescenta na mesma Epistola

Quando será que eu véja a clara historia  
Do nome Portuguez por ti entoada,  
Que vença da alta Roma a gran Memoria?

Abre já, meo Castilho, essas riquezas,  
Que tanto ha já que em ti Phebo enthesoura,  
Solta o gran Rio, farta mil pobrezas.

Assim consentirás, cruel, que moura  
Teu nome, e desse esprito o claro lume?  
Assi a corda, que te Phebo emloura?

Parece deduzir-se destes versos : primeiro, que o Doutor Antonio de Castilho havia composto grande número de poesias, muito estimadas dos que tinham conhecimento dellas : segundo, que entre elles havia algum Poema Epico, celebrando as façanhas dos Portuguezes, pois só assim poderia elle obscurecer o canto de Ariosto : terceiro, que os conselhos de Ferreira fizeram pouca força ao seu animo, pois não consta que desse á luz alguns versos, vindo assim a ficar a sua gloria poetica até aos nossos dias puramente tradicional, e nós privados de podér fazer idéa do seu estylo, e versificação.

Estavam pois perdidas todas as esperanças de apparecer alguma poesia de Antonio de Castilho, quando um acontecimento, venturoso para as Letras patrias, veio reanimá-las, mostrando a possibilidade de aparecerem algumas, quando haja zélo em examinar as bibliothecas públicas, e particulares do reino. Em carta datada do 1 de Janeiro de 1848, o Sr. L. T. Leite, mancebo de grandes esperanças pela sua applicação, e saber, remetteu da Villa da Ribeira Grande, ao Redactor, e proprietario do excelente periodico a *Revista Universal Lisbonense*, o Ill.<sup>mo</sup> Sr. Sebastião Ribeiro de Sá, a copia de um Auto de Antonio de Castilho, que elle deparára em um livro de 625, com o titulo de *Miscelanea de versos, e prosas*, todo escripto de letra de mão.

Esta preciosidade poetica não podia ser dirigida a pessoa mais zelosa da gloria, e das Letras da nossa patria : elle a deu logo á luz no número 35 do seu Jornal, d'onde passo a transcreve-lo, para que os Leitores, pelas dimensões deste dedo, possam calcular a grandeza do Gigante, e avaliar a perda, que tem soffrido o nosso Parnaso com o sumisso dos escriptos poeticos deste Author tão elegante, e correcto.

Este Auto intitula-se *da Boa Estrea*, e foi representa-

do nos Paços da Ribeira, na presença d'El-Rei D. Sebastião, e da sua corte, aos 23 de Junho de 1578; e o seu objecto é bem agourar a expedição, que então se preparava contra os Mouros de Marrocos, que tão funestos resultados teve para o Rei, e para o reino.

O estylo, e sistema dramatico desta composição indica um discípulo de Gil Vicente: ha porém nelle, além da maior pureza de linguagem, e mais sonoridade dos versos, muito mais apurada fabricação de coplas, e viveza de expressão, o que mostra o progresso, que a arte tinha feito; juntando-se a isto a circumstancia de todo o Drama ser escripto em portuguez, sem mistura de castelhano, como se observa nas obras dramaticas de Gil Vicente, de Simão Machado, e Luiz de Camões.

Sem que este Drama possa julgar-se uma composição extremada, não pôde com tudo negar-se que ha nelle trechos de boa poesia, e que a sua representação, sendo bem executada, devia recrear e agradar muito pela pompa do spectaculo, e pela musica dos Choros. Os interlocutores sam os seguintes, que parecem pouco proprios para se acharem juntos

**ERMITÃO.**

**O DEOS MARTE.**

**FADA MARINHA.**

**CHORO DE SERAPHINS.**

**CHORO DE DIABOS.**

### SCENA I.

**ERMITÃO, que faz o Prologo.**

Da Serra de Cynthra por Deos inviado  
Por estes grans Paços entrei da Ribeira,  
A vêr-vos, Rei Alto, Cabeça guerreira  
Do Reino esforçado.

E pois vossa Frota lustrosa, e possante  
Já sofrega, dizem, que aguarda a partida,  
Primeiro que o ferro soberba levante,  
Aqui virá logo, Senhor, quem vos cante  
Qual sorte dos Fados vos foi pervenida.

Será difficultoso encontrar um Prologo menos extenso,

e que menos diga : porém os versos sam bem torneados,  
e o estylo poetico.

## SCENA II.

O MOUNO *sô.*

Em Tituão me foi dito,  
Que um gran Rei da Christandade,  
Imigo do nosso rito,  
Tinha exercito infinito  
No porto desta Cidade :  
Parti logo em continente ;  
Porque se fosse que a armada  
Ponha prôa em nossa Gente,  
Eu a sumisse affundada  
De repente.

## SCENA III.

FADA, e o dito.

FADA.

Eu sou a Fada Marinha,  
Amiga dos Marinheiros,  
E desta Terra, que é miaha,  
E vim ora a ella azinha,  
Com cuidados verdadeiros ;  
Que em mal dos meus Lusitanos  
Ouvi ser vindo um Mouraz  
Grande enliçador de enganos,  
Que c'os feitiços que traz  
Fará sessenta mil danos  
Si lhe apraz.

Um *Mouraz* quer dizer um *Mouro*; este vocabulo foi usado muitas vezes por Simão Machado nas suas Comedias do *Cerco de Dio*, e de *Alpheia*; mas não me recordo de o ter visto usado por outro algum Clássico. Parece ser termo chulo; e trazer em seu significado idéia de depreciação, como *machacaz*, *linguaraz*, e outros semilhantes.

Mas eu porém determino.  
De estar sempre de vigia  
Contra aquelle Cão malino;

E véremos se o seu sino  
Contra o meu signo aporfia.  
Elle cá é!... Mouro mano,  
Quanto folgo de vos vér  
Neste Jardim Lusitano !

MOURO.

Serea do Mar Oceano,  
Hajais vós mui gran prazer !

FADA.

Como de Africa viestes,  
Que não vos senti passar ?

MOURO.

Vím em nuvens pelo ar,  
Que carroçam mui mais prestes,  
Do que as Galés pelo mar.

FADA.

Grão podér é logo o vosso !  
E em quê vos determinaes ?

MOURO,

Em um grão feito, si o posso,  
Juntemos o podér nosso ;  
Que assim poderemos mais.

FADA.

Contente sou, mandai ora,  
E eu farei o que bom seja.

MOURO.

Fazei que saia em má hora  
A Armada, porque se véja  
Que sois vós a Imperadora :  
E antes que em Africa aporte,  
Vosso gran mar a consuma.  
Heis soffrido um jugo forte ;  
Quebrai-o, e tropheos d'escuma  
Lhes arvorai sobre a morte.  
E eu me obrigo que d'Atlante  
Até ás pedras do Egypto  
Vosso esforço a tudo espante,  
Tudo, Senhorá, vós cante,  
E vos beje o nome escripto  
Em Diamante.

## FADA.

(O pérró cuida embair-me,  
Vêremos nós quem se engana !)  
Senhor, não quero eximir-me,  
E pois vosso ajuste é firme,  
*Hermano hallareis la hermana,*  
E vós sabeis bem conjuro  
De bem danado empecer ?

## MOURO.

Não no ha hi mais séguro  
Conjuro de Gallo suro,  
Morto depois de comer,  
Com rins de demoninhado,  
E olhos de Sapo saltão ;  
Conjuro bem temperado,  
O qual me fôra ensinado  
Nas covas de Salamão ;  
Tudo é destro nesta Vara,  
Que em eu riscando com ella  
Logo uma fonte seccára,  
E uma Estrella se apagára,  
Que nunca mais fôra Estrella,  
Nem se achára !

E mais si o vós quereis vér,  
C'uma palavra que eu der,  
De São João, em Latim,  
Logo vereis a correr  
Quem me dá esforço a mim,  
Em tudo de que hei mister.

Ora sus !

Moradores infernaes,  
Demonios, que arrenegais  
Da agua benta, e mais da Cruz  
Vinde já !

E trazei cem mil agouros,  
Com que vençam nossos Mouros  
Toda esta Gente de cá.

Este dialogo é natural, facil, rapido, e cheio de força,  
e mostra bem que ao Poeta não faltava talento, e disposição para o genero dramático.

## SCENA IV.

FADA, MOURO, *Choro de Diabretes.*

« O Mouro bate com a vara no chão trez pancadas, e surge um bando de Diabretes saltando, e cantando em redor delle. »

DIABRETES, *cantando.*

Que nos chamas,  
D'entre as chamas,  
Poderoso !  
Que nos tiras  
D'entre as pyras  
Aleivoso !  
Ha hi mandas ?  
Que demandas ?  
Tens demandas ?  
Que nos mandas ?  
Feia é a Terra !  
Feio é o Mar !  
Feio é o Ceo !  
E feio é o Ar !  
Feia é a noite com Luar !  
Feio é o Dia com Solar !  
Preste havia, ou nos envia  
No affundo no mais fundo  
Da profunda do raivar !

Esta cantiga diabolica é perfeitamente no gosto, em que Shakespeare costuma fazer expressar estes Entes sobrenaturaes, é assim que as invenções do Genio costumam fortuitamente encontrar-se.

MOURO.

Callai, Manos,  
Quanto ora digo fazei ;  
Hide aos Astros soberanos  
Lér os Destinos d'El-Rei,  
Mais os dos seus Lusitanos ;  
Si virdes que sam piedosos

Apagai-os, arrancai-os,  
 Esse taes,  
 Mas a serem rigorosos  
 Assoprai-os, inflamai-os  
 Muito mais.

*Em quanto o Mouro falla, a Fada tira-lhe a vara; e os Diabretes batem palmas, e dão uma gargalhada infernal.*

FADA.

Verei ora a vossa vara  
 O poderio, que encerra.

Mouro.

Quereis rir?  
 Para nada vos prestára;  
 Hontem a cortei na Serra,  
 Sem mentir,  
 Sem ella não dera passo,  
 Que sou gastado dos annos  
 Inda mal.

FADA.

Mas quero eu vér mais d'espaço  
 Os seus feitiços, e engatios,  
 E não al!

Mouro.

Mana, rosto de boninas,  
 Manso Abril d'Alexandria,  
 Meu amor,  
 Deos vos chova perlas finas;  
 Como a vara é sem valia  
 Nem valor!

FADA.

Porque logo instaes por ella?  
 Ou me enganaes, ou mentistes.

A la fé,

Que a verdade heide eu sabêla.

*Quebra a vara, e sahe della muito fogo.*

Mouro.

O meu poder destruistes,  
 Já meu imperio não é.

*Os Diabrelos travam do Mouro, um pelas roupas, e outros.  
pelas mãos, e o levam,*

## SCENA V.

## O ERMITÃO.

Depois que metêra no charco infernal  
Ao pérrro maldito, que as tramas urdia,  
A Fada Marinha, que sempre vigia,  
Desvellos redobra c' o seu Portugal,  
Pois seq' lhe ha chamado,  
Já lá desde o tempo de Fuas Roupinho  
Até estes nossos, por vêr allastrado  
De palmas contínuas seu campo marinho ;  
O Infante de Sagres á luz das Estrellas  
Com ella tractava segredos profundos  
Pedralvares, Gama pediram-lhe Mundos,  
E Mundos não vistos lhe viram as vélas,  
Em summa que sempre d'amor se morrêra,  
Por estes seus Lusos, Tritões humanados,  
Té que alfim aos delles juntando seus Fados,  
A Maçuel ditoso seu dote offrecêra,  
E Esposos se uniram com laços dourados,  
Por isso procura trazer dos Planetas  
A vós, seu gran Neto, destinos propicios  
Com que se destruâram dos feros Cometas  
Os negros auspicios.

## SCENA VI.

## A FADA.

Oh signo de Salamão,  
Que lançado foste ao már,  
Pela sua benta mão,  
E que eu logrei apanhar  
Em noite de São João,  
Pelo podér do Condão,  
Que o Altissimo te deu,  
Traze aqui, que o mando eu,  
Lá dã eternal região  
Os Seraphins mais amantes,

Mais sabios, e mais galantes  
De quantos moram no Ceo !

*Apparece um bando de Seraphins coroados de flores, e  
com harpas doiradas nas mãos.*

SERAPHINS, cantando, e dançando.

Cantares teçamos  
Com festas, e riso,  
Que a terra onde estamos  
Inda é Paraiso.

MAIORAL DOS SERAPHINS.

Que desejas, boa Fada,  
Gran Senhora, e gran Princeza  
Nossa Irmãa ?

FADA.

Que me fadeis bem fadada  
Esta armada Portugueza  
Tão louçãa !

SERAPHINS, cantando.

Mui abençoada  
Suas vélas solte,  
Rica, e laureada  
Presto, presto volte,  
Leve, e traga as vélas  
Cheias, e redondas :  
Riso nas Estrellas,  
Musica nas ondas  
Sereas amigas  
Ao ir, e ao tornar  
Lhe cantem Cantigas  
De summo folgar.  
Para lá esperanças,  
Para cá victorias,  
E sempre bonanças,  
Bonanças, e glorias.

Este Choro além das idéas graciosas, de que está cheio, faz-se notavel pelo córte musical das clausulas, que debalde se procuraria nas obras dos melhores Poetas contemporaneos.

## FADA.

Agora, que a nossa armada  
 Já tem condão mui inteiro,  
 Falta El-Rei.  
 Quero aqui o escudo, e espada  
 Do grande Affonso Primeiro.  
 Sus correi !

*Sahem douz Seraphins.*

Isto não é uma ficção poetica ! D. Sebastião teve o capricho de levar para Africa o escudo, e a espada, de D. Afonso Henriques, e para a podér manejar melhor lhe mandou cortar um palmo de ferro : mas nem do escudo, nem da espada pôde servir-se na funesta batalha de Alcaçar Quibir, porque na occasião do desembarque não apareceu a caixa, em que iam guardadas, e por isso tornaram ao reino estes douz venerandos monumentos : sem este feliz acaso lá ficariam perdidos com o cadaver do desgraçado Monarca.

Quero mais o capacete  
 Do Imperador Carlos Quinto,  
 Sus, voai.

*Partem outros douz Seraphins.*

Tudo triumphos promette  
 Agora, Pérros, consinto  
 Blasphemar !  
 Seraphins, manso, rosinhas,  
 Oh Empyrias Borbuletas  
 Eternaes,  
 Hide-me vêr os Planetas  
 Se dam sortes como as minhas  
 Tão reaes !  
 Si topardes por acaso  
 Com o Deos Marte em sua esphera,  
 Lhe pedi,  
 Por Venus, e por Cythera  
 Que, pondo todo o al de parte,  
 Venha aqui.

*Partem outros douz Seraphins.*

1.<sup>o</sup> SERAPNIM.

Aqui tens a espada, e escudo  
Daquelle alto Affonso Henriques,  
Que lá jaz !

2.<sup>o</sup> SERAPHIM.

E para certificar-te  
De quam bem cumprimos tudo,  
Ouvirás,

Batemos ao seu moimento,

1.<sup>o</sup> SERAPHIM.

E elle bradou aturdido  
« Quem é lá ? »

2.<sup>o</sup> SERAPHIM.

Dissemos-lhe o nosso intento,

1.<sup>o</sup> SERAPHIM.

Abriu, e disse folgando,  
Aqui está !

2.<sup>o</sup> SERAPHIM.

E nos deu o que estás vendo,  
Com estas palavras suas,

Como lei !

« Parta meu Neto, que entendo,  
« Que logo das Gentes cruas

« Será Rei ! »

*Voltam os dous Seraphins, que foram pelo capacete, e o apresentam.*

SERAPHIM 1.<sup>o</sup>

Capacete diamantino

Inda croado de louro

Imperial.

SERAPHIM 2.<sup>o</sup>

Por condão, que ha do Destino,  
Nem montante, nem pelouro

Lhe faz mal.

## FADA,

*Tomando da mão dos Anjos o escudo, capacete, e espada,  
e depositando-os aos pés d'El-Rei.*

Gran Principe, e Flor de Reis,  
Si de Monarchas imigos,

Ricas páreas recebeis,  
Mais ricas hoje as haveis  
Dos vossos mortos, e antigos.

## SCENA VI.

*MARTE, douz SERAPHINS, que por elle foram, e os ditos.*

**MARTE.**

Senhora do Mar profundo,  
C'roa das Fadas marinhas,  
Que ordenaes ?

**FADA.**

Que ao primeiro, sem segundo,  
Sebastião, glórias minhas  
Assistaes.

**MARTE.**

Quizera-vos eu prender,  
Alto Principe excellente,  
Com algum dom singular,  
Porque não ficasse á Gente  
Mas nada, que desejar !

Mas porém

Meu coração esforçado  
Já Vossa Alteza o lá tem,  
Que ha muito mo ha tomado,  
E em si o guarda mui bem.

## SCENA VII.

*Os mesmos, menos MARTE.*

**FADA.**

Oh Reaes Pagens da Tocha,!  
Da Sancta Virgem Maria,  
Dizei-nos, nos Ceos que havia ?

**SERAPHINS.**

Um signo que desabroxa  
Com muito grande alegria.

**FADA, para a Rainha D. Catharina.**

Recehei-me, e dai-me emboras

Pelo que o signo adevinha  
Oh poderosa Rainha !

*A' Princeza.*

Oh alta Dona Maria,  
Princeza de tantos bens,  
Acceitai meus parabéns !

*A's Damas.*

Lyrios, Papoulas, Bonitas,  
Aljofradas, diamantinas,  
Cheiroosas, e preciosas,  
Ramalhete desatado  
Em cima do regio estrado  
Como em lêdo altar as rosas ;  
Vós, Donzelas, vós, Sereas,  
Havei-me boas Estreas  
No que a vosso Irmão ouvís,  
Pois que os vossos servidores  
Tem de volver vencedores  
Daquelle guerra feliz.

*Aos Seraphins.*

E pois não ha que mais queira,  
Cantai nessas harpas de ouro,  
Que tanto bem seja Eterno ;  
Cantai, e por tal maneira  
Que façaeis raivar com o Mouro  
Todos os Choros do Inferno.

*O Choro dos Seraphins canta acompanhado de suavissima toada de harpas, e de flautas; e o dos Diabos lhe responde subterraneamente, acompanhado de trompas, businas, e timballes.*

*UM SERAPHIM, cantando.*

Para os Ceos partamos ;  
Em volvendo a Armada,  
Com palmas, e ramos  
Faremos tornada.

*OUTRO.*

Faremos tornada  
Com palmas, e ramos,  
Em tornando a Armada,

Que nós vigiamos.

**CHORO DOS SERAPHINS.**

Anjos, não esquia

Benção lhe trazei ;

Viva, viva, viva,

Viva, viva, El-Rei.

**CHORO INFERNAL.**

Em hora de prantos,

Em hora minguada,

Em hora de espantos

Se parta esta armada !

E cresça indomada

Dos Mouros a Grey !

**CHORO DE SERAPHINS.**

Anjos, não esquia

Benção lhe trazei,

Viva, viva, viva,

Viva, viva El-Rei !

**AS DAMAS NO SARAO.**

Anjos, não esquia.

Benção lhe trazei,

**Todos os CAVALHEIROS.**

Viva, viva, viva,

Viva, viva El-Rei !

**TODOS.**

Anjos, com fé viva

Benção lhe trazei ;

Viva, viva, viva,

Viva, viva El-Rei.

FIM.

É preciso confessar, que nunca a lisonja mostrou mais espirito, nem se exprimiu com tanta graça, e elegancia ! Mal pensava, o Poeta quando se empenhava tanto em adular o espirito guerreiro do Rei, e dos fidalgos, que o rodejavam, que a sua Fada, e os seus Seraphins haviam sahir em breve mentirosos nos seus agouros, e nas suas promessas, e que a verdade, desta vez, sómente sahiria da boca dos Espiritos das trevas, que costumam mentir sempre ! Que aquelle Rei tão joven, e tão brioso, que assistia aquella representação tão usano do seu podér, phantasian-

do victorias, e conquistas, dentro de pouco tempo jazeria enterrado nos araeaes de Africa, rodeado da nobre, e valente nobreza, que ali lhe offerecia incensos ! Que os poucos, que escapassem

De tanto mal, de tanta desventura,

gemeriam sepultados nas sejanas de Fez, e de Marrocos, arrastando os ferros daquelles Mouros, que ali tanto despresavam, tratando-os de pérrhos, e de pagãos ! Que este reino, que dominava os mares, que estendia o seu poder até ao berço da Aurora, curvaria a cerviz ao jugo estrangeiro, perdendo o seu Commercio, a sua grandeza, a sua opulencia, a sua gloria literaria, que então tocava o ponto culminante da sua elevação ! Tão caro pagou o Povo Portuguez os erros de um Monarca valoroso, e inexperto, dominado, e fanatisado pelas doutrinas peridas, e traíçoeiras dos Jesuitas !

## CAPITULO X.

*Estevão Rodrigues de Castro.*

Este Poeta nasceu em Lisboa, no anno de 1559, mas nem Diogo Barbosa Machado, em sua Bibliotheca Lusitania, nem nenhum dos poucos authores, que delle fazem menção, nos informam de quem foram seus Pais, e de quaes foram os seus estudos, e aonde foram feitos, o que provém sem dúvida de elle haver passado fóra do reino a maior parte da sua vida. Alguns o tem por Judeo, ou Christão novo, suposição, que me parece verosimil, e talvez se ausentasse da patria receioso das perseguições da Inquisição.

O que sabemos com certeza, é, que sempre foi considerado como grande Poeta, grande Orador, e um dos mais profundos Latinistas do seu tempo, como se prova

das muitas obras, que escreveu na lingua dos Romanos; professou a Medicina, e foi Lente de Prima desta faculdade na Universidade de Pisa, que então era uma das mais assamadas da Europa, tanto pelos mestres, que ocupavam dignamente as suas Cadeiras, como pela multidão de estudantes, que ali concorriam de todos os paizes da Europa.

As suas brilhantes preleccões na Universidade, a publicação de muitos dos seus escriptos sobre objectos da sciencia, e o feliz resultado de suas curas, grangearam taes creditos ao Doutor Estevão Rodrigues de Castro, em todos os paizes da Italia, que o Grão Duque da Toscana o despachou seu Physico Mór, logar de muita consideração, de muita confiança, e que tinha além disso mui pingue ordenado.

Sabe-se que foi casado, e que teve um filho, que foi depois editor de parte de suas composições, mas nada consta do nome, patria, e linhagem de sua Esposa, com quem viveu feliz até ao anno de 1637, em que na avançada idade de 74 annos, terminou seus dias na cidade de Pisa, com grave sentimento dos seus collegas, e discípulos, que muito o amavam, e respeitavam.

Do que temos expendido, se deduz naturalmente, que o Doutor Estevão Rodrigues de Castro entra no número daquelles Literatos, não muitos, que podem considerar-se felizes, pois que a sua longa vida correu tranquillamente repartida entre os estudos das sciencias naturaes, e mathematicas, o desempenho dos deveres do magisterio, e o exercicio da clinica, gozando de uma fortuna prospera, sem inimigos, e tendo por desenfadamento dos seus estudos mais serios, o cultivo da poesia, e os prazeres domesticos.

Podem vêr-se, na Bibliotheca de Barbosa, os titulos das obras, quasi todas em latim, e sobre assumptos da profissão, que elle durante sua vida publicou, tanto em Pisa, como em Florença. As que seu filho, Francisco de Castro deu á luz depois de sua morte sam as seguintes.

Rithmas. Florença, no anno de 1632. Formam um Volume em formato de 12, que contém Sonetos, Odes, Eclogas, e Canções, em Portuguez, Hespanhol, e Italiano, linguas que elle soube com toda a perfeição.

*Posthuma Varias, Florentiae*, em formato de 4.<sup>o</sup>, consta de uma Collecção de Cartas, e Orações, ou Discursos na lingua latina, recitados pelo Doutor na Universidade de Pisa nas occasões de se conferirem os graus de Doutor; contém igualmente um grande número de Epigrammas, e Sonetos, tanto em portuguez como em italiano.

Todas estas obras, por isso mesmo que se imprimiram fóra do reino, foram sempre mui pouco conhecidas entre nós, e o sam agora muito menos, mesmo dos Literatos de profissão, sendo muito para notar, que um homem que se distingui tanto na poesia latina, portugueza, italiana, e hespanhola, esteja em tamanho esquecimento.

O amor, e talento da poesia se desenvolveram em Estevão Rodrigues de Castro desde a epocha dos seus primeiros estudos, e o acompanharam até ao ultimo termo da sua existencia. Com o seu cultivo se destrahia das suas fadigas literarias, com ella se acompanhava em suas viagens, com ella desassogava as suas magoas, e celebrava os seus prazeres, as suas venturas, e os seus amores.

Sem embargo do Doutor Estevão Rodrigues de Castro ter passado a maior parte da sua vida em paizes estranhos, e longe de todo o trácto, e conversação com Portuguezes, fallando habitualmente latim na Universidade, e italiano no trácto civil, a sua lingua é pura, correcta, e rica como, ou tanto como a de outros autores de boa nota, que nunca sahiram de Portugal.

O seu estylo é claro, elegante, e poetico, e moldado pelos modelos italianos, que estudava, e imitava cuidadosamente, como se deprehende da leitura das suas obras; as Estrophes das suas Odes sam de ordinario bem cortadas, regulares em sua extensão, e nellas se acham harmonicamente collocados as rymas, e os versos de diferentes medidas, circumstancia esta, que muitas vezes se não encontra em Poetas, aliás de grande merecimento, que umas vezes alongam as Estrophes das Odes tanto como os ramos das Canções, o que prejudica a marcha rapida, e impetuosa, propria daquelle genero de Poema; e outras vezes, ou amontoam as rymas umas sobre as outras, ou as collocam a tamanha distancia, e tão fóra das clausulas do periodo harmonico, que ficam quasi imperceptiveis ao ouvido.

Estevão Rodrigues de Castro não tem uma imaginação fecunda, e creadora ; mas sua phantasia é cheia de ame-nidade, e ás vezes graciosa, sua versificação é corrente, facil, e harmoniosa, sem que lhe falte variedade, e mo-vimento ; mas tenho as suas poesias italianas e latinas por muito superiores ás, que nos deixou em castelhano, e portuguez, que não sam em grande número ; entre es-tas se destingue a seguinte Ode, do genero erotico.

## ODE.

De cuidado em cuidado  
 Segundo amor, de quem sempre me queixo,  
     Mil vezes enganado,  
 Mil caminhos procuro, e todos deixo,  
     Que por mais que cometa,  
 Toda a estrada de Amor acho inquieta.

Nas partes, onde provo  
 Aquietar-me, ou onde os olhos lanso,  
     Nasce um cuidado novo  
 Imigo de meo bem, e meo descanso,  
     Com que d'extremo a extremo  
 Dezejando, e temendo, en ouso, e tremo.

No monte, e na Cidade  
 Todo o trato igualmente me he contrario,  
     Que minha saudade  
 Tudo me representa solitario,  
     Senão quando se cria  
 Meo pensamento em vossa companhia.

Não ha Flor, Herva, ou Planta  
 Por onde quer que passo, onde não véja  
     Aquella imagem santa,  
 Em que, se o Esprito contemplar deseja,  
     Da terra se desata,  
 E ao Ceo em nuves altas se arrebata.

Com prazer infinito,  
 Como a seo centro, a vossos olhos corre :  
     E o corpo de que he Espírito

Soccorre logo, e quando lhe soccorre,  
Posto que o tempo he breve,  
Parece que mil annos se deteve.

Depois, vendo-o comigo,  
Tornado já nesta morada triste,  
Viro-me a elle, e digo  
D'onde tornaste, e onde te partiste?  
E elle com voz escaça  
Me diz « Gloria d'amor, gloria he que passa.

Inconstante apparece  
Agora n' huma, agora n' outra forma;  
Vêde-lo, que parece  
Vir triumphando, vêdes se transforma,  
De si proprio esquecido,  
Cheio de morte a vista, e o sentido.

Vem de victorias cheio,  
Quando acha em vés lembrança o pensamento,  
Mas se encontra hum receio,  
Que vos finge nas mãos do esquecimento,  
Cuida que vos offende,  
Já se retira atraz, já se arrepende.

Oh quanta dor! oh quanto  
Accidente mortal véjo em meu peito!  
Quando frio de espanto,  
Quando ardendo em desejos, tudo effeito  
De huma luz, que presente  
Suster não posso, e que não sofro ausente.

Fugindo hum, e outro dano  
Comvoso ponho o pensamento á falla,  
Ai triste que me engano,  
Que o pensamento aos olhos nunca igualla!  
Mas porque em meu desterro  
Não canse de viver, vivo nesse erro.

Esse erro he a justa paga,  
Amor, depois de largas esperanças,  
E por nunca estar vaga.

Minha memória de vossas lembranças,  
Quer n'hum bem, que não vêjo;  
Que, onde os olhos não vam, vá o Dezejo.

Oh Cidade ditosa,  
Oh May de tantos Reys, e Imperadores,  
Por quem o Mundo goza  
Sceptros invictos, braços vencedores,  
A cuja origem devem  
Quanto de ilustre, e grande a obrar se atrevem.

Si mais crescer podera  
Tua gloria, que no Mundo o sceptro ergueo,  
Oh quanto mais crescerá  
Quando em ti minha Estrella appareceo !  
Mas não aumenta hum Rio  
Do Grão Pádre Oceano o Senhorio !

Não criam as minhas ouro,  
Que tuas altas riquezas acrecenta :  
Torna-me o meo thesouro  
Onde o meo coração viveo contente.  
A mi só me convinha  
Pois nelle tenho a melhor parte minha.

Tudo quanto está dentro  
Deste gran Mundo perfeição procura ;  
Busca a terra o seo centro,  
O fogo sua esphera, e em mór altura,  
Vai tomar minha Estrella,  
Sua perfeição em ti, e eu minha nella.

Della soberbo venho  
Ensinar a esperança a andar tão alta ;  
Nella a vida sustendo,  
Que nesta ausencia pouco a pouco falta ;  
E de seo raio hum lume  
Lá me restaura, quanto cá consume.

Nesta Ode ha mais espírito de Petrarcha, que de Horacio. É o mesmo Platanismo nas idéas, a mesma methaphisica de sentimentos, a mesma personalização de af-

fectos, os mesmos raptos, e arrobamentos sentimentaes, que nem Gregos, nem Romanos conheceram, e de que o Poeta de Vaucluse fez caracteristicos da lyrical moderna, de que elle foi o criador, e de que tanto se abusou depois.

O mesmo caracter, e ainda mais pronunciado se encontra nas Canções deste Poeta, o que assim devia ser, porque então era ainda mais directa a imitação de Petrarca, como se deprehende da seguinte

### CANÇÃO.

Já vi mais claros estes horisontes;  
 Agora me emtristecem  
 Faltos da luz; que busco suspirando.  
 Meus suspiros no echo destes montes,  
 Quando mos traz, parecem  
 Que, engeitados, se tornam d'onde os mando.  
 E si, de quando em quando,  
 Não formára a Memoria  
 Imagem de huma gloria,  
 Que pouco ante meos oltos se deteve,  
 Breve fôra o meu mal com vida breve.

Entre tanto, que dura ésta lembrança,  
 Cuido que usa piedade,  
 Sustentando-me a vida em doce engano:  
 Mas mandar-me viver sem esperança,  
 He, com maior verdade,  
 Matar-me de vagar como Tyranno.  
 No derradeiro dâmno  
 Se acaba a triste sorte,  
 E he remedio a morte  
 Si a vida he pena; porém he fraqueza  
 Dar-lhe o fim sem o dar a huma alta Empreza.

Vivo, Senhora, pera minha pena,  
 O mais he covardia,  
 He morrer por fugir de mór perigo.  
 Si culpa contra vós não me condemna,  
 Grande culpa seria

Matar a quem vos ama, que castigo  
 Dareis a vosso Imigo ?  
 Mas se de amar-vos muito  
 Se colhe amargo fruto,  
 Baste que viva amando desamado,  
 Vivirei satisfeito, e castigado.

De que me queixo, si me estaeſ presente ?  
 Si ausente, a quem me queixo ?  
 E si vos quero bem, que outro bem quero ?  
 Si he bem, como me traz tão descontente ?  
 Si mal, porque o não deixo ?  
 E si vos tenho em mim, que mais espero ?  
 Quando he mais brando, e fero  
 O remedio, que prevo,  
 Pera tormento novo,  
 Que pela luz de Escravo fugitivo  
 Quero fugir, e fico mais captivo.

Cansão, nestes rochedos fique escripta  
 Minha fé, que os imita,  
 Sem perder esperança,  
 Que se a perdera, houvera em mim mudança.

As poesias lyricas de Estevão Rodrigues de Castro sam das melhores, que entre nós produziu a Eschola Italiana, ou se considerem as idéas, e colorido, ou a harmonia da versificação.

Segundo o gosto do tempo, e o uso dos Petrarchistas não podia o Poeta deixar de compôr um grande número de Sonetos. Este pequeno Poema, de invenção siciliana, e apperfeiçoado na Italia, molda-se a todos os assuntos, accommoda-se a todos os coloridos, e é, digamo-lo assim, a miniatura de todos os generos de Poemas; a disposição das suas rymas tem soffrido diferentes alterações; umas vezes os Poetas formaram a sua primeira parte de quartetos terceados, e outras de quartetos perfeitos, isto é, rymando entre si o primeiro, quarto, quinto, e oitavo verso, e entre si o segundo, terceiro, sexto, e septimo: qualquer das duas combinações é excellente, mas a segunda é a mais usual.

Nos tercetos ha mais variedade, e Petrarcha, e os nossos Poetas antigos rymaram a maior parte dos tercetos dos seus Sonetos ligando o primeiro verso do primeiro com o primeiro do segundo, e assim o segundo com o segundo, e terceiro com o terceiro; mas neste caso as rymas ficam muito distantes umas das outras, e descontentam o ouvido, tirando grande parte da sua energica ao Poema. Quanto a mim o unico modo de fechar bem um Soneto é termina-lo com dous tercetos perfeitos, e essa tem sido a pratica dos melhores Poetas modernos. Além desta variedade houve antigamente o costume de juntar ao Soneto, uma causa que se chamava cauda, isto é, um numero indeterminado de hendecasylabos, e septenarios, que ás vezes faziam trez vezes o dobro dos quatorze, de que deve constar o Soneto. Esta exerecencia ridicula encontra-se nos Sonetos enigmaticos de Burchiello, e o que é mais para admirar nos Sonetos jocoseros do Abbade Frugoni, um dos melhores Poetas da Italia moderna. Entre nós só tenho achado esta monstruosidade em alguns dos Poetas seiscentistas, e assim mesmo muito raros.

O Soneto acha-se na Poesia de todas as nações modernas da Europa, e com maior abundancia na Italiana, Hespanhola, e Portugueza. Ninguem tem peiores Sonetos que os Francezes, e ninguem tem regras mais rigorosas para esta composição; ellas obrigaram Despreaux a dizer, na sua Arte Poetica, que o Deos Apollo

*Voulant pousser à bout tous les rimeurs François,  
Inventa du Sonnet les rigoureuses loix.*

Voltando aos que nos deixou Estevão Rodrigues de Castro, diremos que em geral nos parecem bem escriptos, bem versificados, e muitas vezes engenhosos. Eis aqui um dos melhores:

#### SONETO.

*Vôando imagens pinta o pensamento,  
Onde de Apelles o pincel não chega,  
E passando adianteinda se emprega,  
Em pintar Anjos d'alto entendimento.*

Tudo isto imaginado he sombra; e vento,  
 A par do vosso ser, e a quem o nega  
 Direi, que o raio dessa luz o cega  
 Pera não ter de vós conhecimento.

Si tudo pelo nome se conhece,  
 Que nome podia ter tanta Belleza,  
 Senão estranho, pois que he peregrina ?

Mas pelo ter commun não desmerece;  
 Que tanta graça, tanta gentileza  
 Chame-se o que quiser, mas he divina.

Eis aqui outro bem engenhoso, endereçado a uma Drama, que se chamava *Justa da Paz*, nome com que o Poeta joga subtilmente, como ás vezes Petrarcha com o nome de Laura.

#### SONETO.

Ondados fios de ouro, onde enlaçado  
 Em doces nós está meu pensamento,  
 Que quando mais vos solta o leve vento,  
 Mais preso fico então de hum vão cuidado.

Amor, d'hums bellos olhos sempre armado,  
 Me combate co'as forças do tormento,  
 Provando de minha alma o sofrimento,  
 Que a luz *justa da paz* trago obrigado.

Assi que em vosso gesto mais què humano,  
 Amo a paz justamente, e o perigo  
 Que em amar hum, e outro não he engano.

Muñas vezes dizendo esteu comigo,  
 Que pois he *Justa* a causa de meu dano,  
*Justa* he a guerra, *Justa* a *Paz* que sigo.

Estes jogos de palavras parecem hoje estranhos; e seria mui censurado qualquer Poeta por este desperdicio de espirito, e de subtileza rebuscada; mas no tempo em que o Doutor Castro compôs este Soneto passava isto por discrição, e bizaria de engenho, e graciosa, e urbana cor-

tezania, de que dera exemplo o proprio Petrarcha; não é pois de estranhar, que o bom juizo do Author se deixasse algumas vezes influenciar pelo gosto do seu seculo. Grande louvor merece elle por não haver dado nos excessos, em que cahiram muitos Poetas Italianos, alias de grande merecimento; que eram mui celebrados naquelle tempo, e cujos exemplos lhe poderiam servir de desculpa.

O seguinte Soneto, expondo o sentimento de uma Dame pela immatura morte de seu amante, me parece uma composição cheia de muita rebustez, em que a força das idéas correu parelhas com a belleza de expressão, e a força do métrico; o ultimo verso sobre tudo não o desdenharia Bocage por seu.

## SONETO.

Quantas vidas roubaste n' huma vida  
 Morte, imiga cruel! como arrancaste  
 A bella Joia de seo rico engaste,  
 A nós agora, ao Ceo depois devida!

Como viverei eu, si devidida  
 Da melhor parte minha me deixaste?  
 Oh grande pena! nunca o tempo gaste  
 A rigorosa dôr desta partida!

E tu, que a mortal vida aborrecendo,  
 Gozas d' outra immortal, alma ditosa,  
 Socorre a quem por ti vive em tristeza,

Assim disse Beliza humedecendo  
 De puro orvalho huma, e outra rosa,  
 Chorou Amor, e rio-se a Natureza.

Eis aqui mais dous Sonetos tão repassados do espirito de Petrarcha, que parecem duas traducções daquelle Poeta, tanta é a semilhança do estylo, e do modo de phantasiar, e encarar os objectos.

## SONETO.

Manda Amor á Memoria que renove  
 Da Deosa, em fórmā humana, altos louvores,  
 Quando os passos, do Ceo competidores,  
 Sobre o curso mortal na terra move.

Suavidade, e alegria chove,  
 Em dansa as Graças vam lançando flores,  
 E ordenam que, cercando-a mil Amores,  
 Cada hum em quem o vir mil settas prove.

Quem chega a vê-la, e acceita a doce pena,  
 Em suas proprias feridas se recrêa,  
 Desconhecendo a dôr, cheio de gloria.

A companhia gentil, que o ar serena,  
 Victoriosa vai, e onde passêa  
 Pégadas deixa de imortal memoria.

## O verso

Em dança as Graças vam lançando flores,  
 apresenta um quadro gracioso, acompanhado da expressão mais simples, e singella.

## SONETO.

Por mais que hum grave pensamento opprime,  
 Outro com novas azas se levanta,  
 Ao doce mover de huma, e de outra planta,  
 Que por cousa immortal convém que estime.

Forças o coração em si reprime,  
 Força mais poderosa lhas quebranta ;  
 Tanta brandura, em magestade tanta  
 Nelle, e na terra o grave passo imprime.

Do resplendor divino huma apparencia,  
 Que se nos mostra cá tambem divina,  
 Com suave modoolve a toda a parte.

**Honestidade, e Graça, obediencia**

Lhe dam, e alma, que a seos pés se inclina,  
Como em logar de gloria, não se parte.

Algumas vezes o Poeta levanta o tom, e o estylo, e  
tracta em seus Sonetos graves assumptos de moral, e de  
philosophia, tal é este sobre a virtude da caridade.

### SONETO.

**Habita na alma Deos, si nella habita**

Como em sagrado templo, a Charidade;  
Sem ella, qual sem Deos, a Liberdade  
D'alma em oficio inutil se exercita.

**Virtude, que a virtude imforma, e incita,**  
Ao Summo Bem, nem sofre que a vontade,  
Ande em campo menor, que a Eternidade,  
Ou queira menos gloria, que infinita.

**Generosa Princeza, em quem receio,**  
Em quem pena não ha, que lhe he devida  
Da ardente hierarchia a melhor palma.

**He espirto divino, he suave meio,**  
Que ajunta huma alma a Deos, e lhe dá vida,  
Antes he o mesmo Deos, que he vida d'alma.

O Poeta considera aqui a caridade como base, e fundamento da religião, o que é conforme ao mandamento do Decalogo « *dilige Deum tuum, et proximum tuum sicut te ipsum*, » e na verdade neste amor de Deos, e dos homens, tornando-os irmãos, se resumem todas as virtudes christãas.

O mesmo caracter de moralidade se encontra neste Soneto, sobre o amor da virtude como meio de adquirir a verdadeira gloria, e o despreso dos bens, e honras do mundo.

## SONETO.

O espirto que honras vãs, que o Mundo vende,  
 Julga por cousa vil, e campo estreito,  
 Neste logar pequeno, mas perfeito  
 He meravilha vêr como se entende.

Daqui a Terra, e o Mar, e o Ceo comprehende,  
 E sem temer amigo contrafeito,  
 Das rochas, secretarias do seu peito,  
 Alta firmeza, e sofrimento aprende.

He dificil, e aspera a subida  
 Para significar outros rigores  
 Com que a Virtude vai parar na gloria.

Na porta tem a rama entretecida  
 Do Louro, premio já de vencedores,  
 E agora mostrador de outra victoria.

Nos dous Sonetos, que abaixo se transcrevem, o Poeta, sahindo da sua habitual madureza de pensar, se abandona a idéas alambicadas, e contrapostos pueris, que não sam muito triviaes na totalidade do seu estylo, e modo habitual de escrever, tanto é difficil, ainda aos engenhos mais graves, o eximir-se dos preconceitos do seu seculo, e da influencia da moda, porque tambem ha modas na maneira de escrever.

## SONETO.

Claros olhos, que ao Ceo, que se mostrou  
 Mais que nunca sereno, a cõr roubastes,  
 Quando depois mais bella lha mostrastes,  
 Todo de amor, e inveja se matou.

Com mil olhos d'Estrellas vos olhou,  
 Com mil raios dos vossos o abrazastes,  
 E só do resplendor, que lá lansastes  
 Todas as escondeo, e emvergonhou.

Ora a cōr azul querem as Estrellas,  
Be azul o Prado em Maio se quer pôr,  
Deixando flores rôxas, e amarellas,

De tudo o vosso azul he vencedor,  
Que do Ceo tem belleza as couzas bellas,  
E elle he bello, porque he da vossa cōr.

Que desperdicio de espirito ! Que idéas forçadas ! Que oposições conceituosas ! Que puerilidades a respeito de uns olhos azues ! Os olhos desta cōr passaram sempre pelos mais serenos, e derretidos ; mas os olhos azues, desta Dama, eram certamente de natureza malefica, pois fizera com que o Ceo se matasse d'amor, e de inveja ! Que desgraça para o pobre mundo se isto fosse uma realidade ! E os *mil olhos de Estrellas* com que o Ceo olhou para esta Dama, contrapostos aos *mil raios com que elle o abrazou* não é uma lembrança mui feliz ! E as *Estrellas que querem ser azues*, e os prados querem o mesmo !... De certo pôde-se dizer, com razão, que os taes olhos azues faziam andar tudo azul ! O fecho do Soneto não desdiz do seu contheudo, pois affirma que o Ceo, de quem se deriva a belleza de todas as couças, só é bello porque é azul, como os olhos daquella Dama ; grande fortuna foi que ella não nascesse com olhos pretos, ou pardos, porque nascedendo do Ceo toda a belleza das couças, e não podendo o Ceo ser bello por não ser da cōr dos taes olhos, seguia-se por natural consequencia, que nada haveria bello no mundo ! Véjamos o outro.

### SONETO.

Quando com furia, e impeto embravece  
O fero mar, dos Ventos combatido,  
Mais medonho que nunca, e mais temido  
De cōr azul nas ondas apparece.

Quando o Sol, que no Mundo resplandece,  
No mais alto da esphera está subido,  
Entre nuvens azuis todo escondido  
Com falta de sua luz nos escurece.

Ambas as couzas fujo, e a claridade  
 De huns olhos busco, e azuis os acho, e creio,  
 Que ambas as couzas nelles se comprehendem.

Nelles acho mais feia a tempestadé,  
 Nelles o azul das nuves he mais feio,  
 Tanto huns olhos azuis aos meos offendem.

Quando pensamos mal, é mui raro que nos expliquemos bem, por isso não admira, inda que os versos destes Sone-tos sejam elegantes, e sonoros, que nem por isso as idéas sejam mais exactas; que ha de commun entre uns olhos azues, e o mar batido de uma tempestade? Não sabem todos, que nessas occasiões é que elle se mostra menos azulado, pois branqueija todo com os rolos de espuma, levantados pelas vagas açoutadas dos ventos, e revolvidas pór elle? Não foi por isso que Homero, tão exacto pintor da natureza, comparou o ondear dos penachos brancos de um exercito em marcha, com o mar em tempestade? É igualmente falso, que as nuvens sejam azues, quando obscurecem o Sol, pois nessa occasião se tornam pardas, porque com sua densidade empedem, que os raios do Sol as penetrem, e é da luz dellas, quando reflecte em sua transparencia, que elles tiram a cõr azul, branca, ou vermelha, que elles nos apresentam em tempo sereno. Creio que o Poeta não acharia muita facilidade em explicar-nos a razão porque achava a tempestade, e o azul das nuvens mais feios nos olhos azues, muito mais não nos havendo dito, que esses olhos estavam animados pelo furor, ou pela tristeza. Quando se quer engrandecer demasiado objectos pequenos, força é cahir nestas exagerações ridiculas, e suposições monstruosas!

Os Poetas desta Eschola faziam muito uso das Oitavas para exprimirem os seus sentimentos. Esta combinação rythmica tambem foi invenção dos Scicilianos, mas estes cruzavam as rymas por outra maneira, na verdade menos graciosa, mas, apesar disso as Oitavas foram geralmente adoptadas na sua istructura primittiva. Foi João Boccaccio, o celebre author do *Decamerone*, quem nos seus Poemas da *Theseide*, *Nymphale*, e outros as aperfeiou, dando-lhe a forma, que hoje tem, que é na verdade a mais elegante, e

harmoniosa, que pôde imaginar-se, e que tanto na Italia, como em Portugal, e na Hespanha se julgou a mais digna de entrar na composição do Poema Epico : mas por isso não deixaram os Poetas de ousar dellas nas Eclogas, nas Epistolas, nas Elegias, e até nas Satyras, e uma Elegia formam as seguintes Oitavas, em que Estevão Rodrigues de Castro se dirige a uma Dama de quem hia ausentar-se, fazendo-lhe mil protestos de firmeza, e de constância, duas cousas, quanto a mim, tão difíceis de manter nos Poetas, como nas Bellas.

## OITAVAS.

Segura fé, com esperansa incerta,  
Remedio fraco, forte sofrimento,  
Serrada porta ao bem, ao mal aberta,  
Unir-se huma alma mais no apartamento :  
Perigo, que se vê, dôr em coberta,  
Gloria, breve em passar, largo tormento  
N' huma ausencia cruel, doce memoria  
De mim tecem jámais ouvida historia.

Quem ouviu nunca, que antes de sabido  
Hum cuidado amoroso tanto cresça,  
Que por mais que em secreto estê escondido  
Ante elle outro qualquer desapareça ?  
Eis que se mostra, e quasi conhecido  
Espera que c' o tempo mais mereça ;  
Não sofre isto Fortuna, e, com inveja,  
D' altos principios triste fim deseja.

Em vão quer encontrar minha firmeza ;  
Não sabe os muros em que vai guardada,  
Que a cadeia que tem minha alma presa  
Não pôde por ausencia ser quebrada ;  
Em grandes perfeições da Natureza.  
Tal perfeição d'amor está fundada,  
Que quando desta terra vir partir-me,  
As azas quebrará por ficar firme.

A falta do meo Sol d'hum claro dia  
 Fará noute a hum Espírito descontente,  
 Mas o fogo amoroso, que accendia,  
 Como o Sol por cristal seo raio ardente,  
 Nunca se apagará, que antes se cria  
 Milhor entre lembranças d'hum ausente :  
 Mas eu por natureza, ou por costume,  
 Guardarei nestas cousas vivo lume.

Huma retrato, Senhora, n'alma emfrêa  
 Do vil esquecimento a força ingrata,  
 Que vossa imagem, vossa bella idêa  
 Os poderes do tempo desbarata ;  
 O Pensamento nella se recrêa,  
 Nella das Leys da ausencia se desata ;  
 Nobre Guerreiro, em campo o pensamento  
 Poem contra ausencia, tempo, esquecimento.

Fortuna não fará, por mais que faça,  
 Que ao longe não influam duas Estrelas,  
 Onde amor reina, e as almas ameaça,  
 Si se quebrar a fé jurada nellas.  
 As de mais perfeições, que sempre a Graça,  
 Pera as compôr, e honrar anda atraz dellas,  
 Deixam-me entre rubis, perolas, ouro,  
 Qual coração de Avaro em seo thesouro.

Parto-me, e com Amor Honra contende  
 Dentro em minha alma só de intentos rica,  
 Manda-me Honra partir, Amor me prende,  
 Vai-se a parte menor, a maior fica,  
 Que Amor o coração onde se estende  
 Ante vossos altares sacrifica,  
 Parte-se o corpo, e tornam-no em fiansa,  
 Pera o tornar, o Tempo, e a Esperansa.

Breve o tempo hade ser, que o meo desejo  
 Azas lhe emprestará, e a claridade  
 De vossa vista, com que a vida rejo,  
 Lá será guia em toda a tempestade.  
 Já me véjo em naufragios, e já véjo  
 Sahir a nado salva huma Verdade,  
 Que, em voto offerecida, vos presenta  
 Os vestidos melhados da tormenta.

Estas Oitavas sam bem fabricadas; mas hoje desejariamos em composição semilhante mais paixão, e menos rhetorica; mais ternura, e menos metaphisica; mais naturalidade, e menos methaphoras; mas prevalecia então o gosto da declamação, e o amor era mais um thema para discorrer, que um sentimento verdadeiro, profundo e violento, que procurava manifestar-se pela linguagem das Musas: daqui tantos Poetas namorados sem amor, tantos contrapostos, trocadilhos, idéas alambicadas, exageradas, obscuras, que os Poetas eroticos da Grecia, e de Roma nunca conheceram, porque só exprimiam affectos naturaes, e era força, que natural fosse tambem o seu modo de exprimir. As amantes de Propercio, de Ovidio, de Tibulo, e de Catulo não eram Entes de razão, mas Pessoas existentes, e os versos, que lhe dirigem, não sam para ostentar espirito, e entreter a occiosidade dos Leitores; mas para lhe captar o affecto, celebrar os seus mimos, ou queixar-se dos aggravos, que dellas recebiam, por isso as louvam, as requestam, as injuriaram, ou lhes pedem perdão, segundo os motivos, que elles lhe davam, ou com elles se mostravam brandas, ou esquivaſ, infieis, ou reconciliadas: e é esta alternativa de finezas, de queixumes, de injurias, &c. que forma o interesse da leitura daquellas poesias, cheias de fogo, e palpitantes de uma paixão, que ás vezes toca em delirio.

Uma cousa, que se torna mui notavel nas obras de Estevão Rodrigues de Castro, é que vivendo elle a maior parte de sua longa vida, desterrado, ou foragido de Portugal, se não encontre nessas obras uma unica expressão de saudade, de desejo de tornar a vêr a patria, em que nascera, a terra, em que descancaram os ossos de seus Pais; para dar-se tão total esquecimento em um Portuguez, tal insensibilidade de coração ausente dos ares da patria, é necessario que elle se achasse fundamente aggravado dos seus conterraneos, e que por isso se julgasse mais feliz, e seguro vivendo entre os estranhos; e o que é ainda maior phenomeno, é que ao mesmo passo lhe não escapa um queixume, uma invectiva contra elles! Confesso que semilhante comportamento se torna incomprehensivel para mim! É nisto, que elle forma um vivo contraste com Francisco Manoel; o grande Lyrico queixa-se

altamente da ingratidão da patria, de que fôra obrigado a fugir para salvar a vida, despede os raios da sua indignação contra os Naires, e os Bonzos, que o caluniamaram, e perseguiram, tramaram sua ruina, e o precipitaram na pobreza, e no abandono! Mas ao mesmo tempo suspira pelas margens do Téjo, pela conversação dos amigos, pelo uso da lingua nacional; usana-se com a recordação das antigas glórias portuguezas, celebra os seus heróes, e a *muito ingrata Elysia* nunca lhe sahe daquella alma verdadeiramente patriotica.

Estevão Rodrigues de Castro não é um Poeta de genio, mas é um Escriptor puro, elegante, erudito; um versificador harmonioso, e que faz honra á Eschola a que pertenceu. Seria muito para desejar, que as suas obras poéticas, hoje quasi inteiramente desconhecidas, fossem novamente impressas para se lhe dar o aprêço, que merecem.

## CAPITULO XI.

### *O Infante D. Luiz.*

Entre os Príncipes, que neste seculo de ilustração Literaria para Portugal, cultivaram as Sciencias, e a Poesia, e o que é mais, protegeram, e animaram os que nelas se avantajavam, merece um logar mui distinto o Infante D. Luiz, filho de El-Rei D. Manuel, e da Rainha D. Maria, sua Esposa, Duque de Béja, Prior Mór do Crato, Condestável do Reino, Fronteiro Mór das Comarcas de entre Téjo, e Guadiana, Senhor de Covilhã, Serpa, Almada, Salvaterra, e da Cidade de Centa.

Nasceu este Príncipe na Villa de Abrantes, a 3 de Maio de 1505, a sua educação foi confiada a Ruy Telles de Menezes, quarto Senhor de Unhão, que logo foi destinado Guarda Mór da sua Casa, e Camareiro Mór da sua Pessoa.

Estudou, com grande aproveitamento, as linguas doutas, a philosophia racional, e moral, e todas as mais huma-

nidades, de cujo conhecimento a mocidade nobre então se não dispensava.

Teve por Mestre nas scienças mathematicas, o Doutor Pedro Nunes, o maior homem, que Portugal então possuia nestas disciplinas. A sua applicação, junta á facilidade de comprehender, com que a natureza o havia enriquecido, o habilitaram para fazer rapidos progressos naquelle scien-  
cia, com razão considerada como a māi de todas ellas, e a mais util aos Estados.

Não se tornou menos habil no manejo das armas, na equitação, bem como na política, em que deu repetidas provas do seu atilado engenho, e prudencia, e por isso D. João III., seu irmão, o admittia nos seus conselhos, e tinha por costume não tomar resolução de importancia sem ter ouvido o parecer do Infante.

Todos os homens sam mais, ou menos influenciados pelo espirito do seu seculo, e por isso não admira que o Infante D. Luiz, vivendo em um seculo de fervor religioso, em uma corte em que se não tractava senão de navegações, descobrimentos, e conquistas, dotado de espirito belicoso, se abrazasse no desejo de assignalar-se por proezas militares, e de propagar a Fé Catholica na Africa, e no Oriente á ponta da espada, que era o meio, que então se julgava mais prompto, e decisivo para convencer os Mouros, e os Idolatras, quando a Inquisição não podia argumentar com elles com as linguas de fogo das suas fogeiras.

Por muitas vezes requereu D. Luiz a seu Real Irmão a faculdade de hir combater os Infieis nas partes da India, porém D. João III., que conhecia bem o seu merecimento, e que julgava que elle o serviria melhor no gabinete, que nos campos de Marte, se recusou sempre a satisfazer-lhe este desejo.

Hariadan Barbaroxa, um dos mais valentes Musulmanos do seu tempo, havendo-se apoderado do Reino de Tunis, com a protecção do Gran Senhor, infestava com seus navios as costas de Italia, fazendo repetidos insultos, roubando gente, e fazendas, do mesmo modo que tolhia a navegação, e commercio maritimo com as multiplicadas presas, que fazia no Mediterraneo.

O Imperador Carlos V., dando attenção aos clamores dos

Pevos, aos regos do Pontífice Romano, e sobre tudo indignado da audacia, com que o Corsario salteava os seus portos, e os seus navios, diminuindo assim os rendimentos de suas alfandegas, resolvea livrar a Italia daquelle flagello, pondo no mar uma poderosa armada, com que fosse em possoa restabelecer no throno de Tunis Mulay Hassan, que delle havia sido privado por Barbaroxa.

Para melhor assegurar o exito desta empreza, requisiou o auxilio dos seus aliados, porque o negocio interessava a todas as nações maritimas, e as quē eram membros da Sociedade Christã.

O Rei de Portugal não foi dos ultimos a que o Imperador se dirigiu, e D. João IH., sempre disposto para guerrear os Infieis, mandou preparar uma esquadra de vinte caravellas, e alguns navies grandes, em cujo número entrava o galeão S. João, que tambem se denominava o Bota-fogo.

Este galião, é tão celebre na nossa historia, como a nau da Fada Urganda nos livros de cavallarias. É fama, que este galeão fôra fabricado em Lisboa, ás portas do mar, debaixo da direcção do constructor João Gallego, e que na sua construcção trabalharam, durante dez mezes, effectivamente duzentos e trinta operarios, sem interrupção; que a sua quilha, tinha deus comprimentos da maior nau da India, e accrescentam, que esta embarcação monstro tinha cinco batarias, guarneecidas por trezentas e sessenta e seis bocas de fogo. Tenho para mim que anda nisto muita exageração. E muito mais me conformo nesta idéa vendo que o Vice-Almirante Ignacio da Costa Quintella, nos seus Annaes da Marinha Portugueza, não duvidou afirmar, que este famoso galeão; deveria orsar pela grandeza da nau Trindade, de cento e quarenta peças, que os Inglezes tomaram aos Hespanhoes na batalha de Trafalgar; e esta conjectura de um homein d'arte tem para mim mais peso, que as affirmativas de pessoas alheias ao mister da navegação, e que por isso não podiam saber até que ponto era verosimilhante o que afirmavam.

O que não admite duvida, é que o galeão S. João era o maior navio, que até aquella epocha se tinha visto; nelle, em duas naus, e nas vinte caravellas se embarcaram douos mil e quatrocentos soldados de diferentes armas,

afóra muitos fidalgos, que serviam como voluntarios, sendo commandante geral da frota Antonio de Saldanha, oficial veterano, que havia encanecido na guerra, onde tinha grangeado larga, e bem merecida nomeada.

Sabindo esta armada fóra da barra de Lisboa, nos fins do mez de Março, chegou com prospera viagem a Barcellona nos fins de Abril, entrou no porto daquella cidade, pomposamente embandeirada, e amiudando as salvas de artelharia, fundeu na melhor ordem possível.

O Infante D. Luiz, a quem não soffria o animo, que tão grande empreza se levasse a effeito sem elle tomar parte nella, resolveu não malograr tão bella occasião de satisfazer o seu espirito guerreiro, e capacitado de que lhe seria impossivel alcançar licença de El-Rei, tomou o partido, um tanto violento, de passar sem ella; e tanto que lhe constou, que a armada havia sahido do Téjo, escapou-se furtivamente de Evora, onde então a corte se achava, sendo acompanhado nesta aventura por D. Theodosio, Duque de Bragança, André Telles de Menezes, Luiz Alvares de Tavora, Senhor de Mogadouro, Manuel de Sousa Chichorro, D. Affonso de Portugal, primogenito do Conde de Vimioso, Francisco Pereira, e Tristão de Mendonça, todos, como elle, sem licença.

Com quanto El-Rei, como era de esperar, soffresse mui pesadamente esta desobediencia do Infante, dissimulou prudentemente, e para de algum modo cobrir a quebra da sua authoridade, apenas soube do caso, expediu pela posta o Conde da Castanheira D. Antonio de Ataide, que ainda pôde alcançá-lo, e lhe entregou a licença d'El-Rei, e um credito de cem mil cruzados, para as despezas da sua jornada. A licença d'El-Rei abrangia todos os fidalgos, que seguiam o Infante, menos o Duque de Bragança, que foi chamado á corte por carta do proprio Monarca.

Chegado o Infante a Barcellona foi pelo Imperador acolhido, e hospedado com a benevolencia, e affabilidade, que eram devidas a tal personagem, por Principe, e por parente.

Seis dias depois da chegada do Infante a Barcellona, estando ahí reunidos todos os contingentes tanto dos dominios, como dos aliados de Carlos V., deu este ordem

para que a esquadra se fizesse de vela, embarcando elle com o Infante em uma galé nova, que André Doria para esse fim havia mandado construir em Genova; tinha esta embarcação, mui veleira, e elegante, trez mastros, vinte e quatro bances de quatro remeiros cada um, era toda dourada, e estava magnificamente mobilada.

Entre grandes, e pequenos, constava esta armada de quatrocentos navios, e levava a seu bordo vinte e quatro mil infantes, e mil e quinhentos cavallos, todos bem disciplinados, e bem armados, como eram naquelle tempo os soldados hespanhoes, cuja infantaria passava pela primeira da Europa. Depois de alguns incomodos de viagem, e de uma tempestade, que abrigou as embarcações grandes a se abrigar em Porto Mahon, e as galés em Malhorca, chegou a armada a Calhari, em cuja bahia ancorou, no meiado de Junho.

Ali chegou pouco depois o Marquez del Vasto, conduzindo de Italia um reforço de tropas, e navios daquelle paiz, ficando assim a armada composta de quarenta galões, cem embarcações redondas, oitenta e duas galés, vinte e cinco caravellas, e sessenta urcas, sem contar muitos vasos ligeiros, que faziam montar o número das quilhas a mais de quatrocentas.

Saiu a armada da bahia de Calhari dous dias depois de entrar nella, ordenada em duas divisões, commandada a primeira por D. Alvaro Bazan, e a segunda por André Doria, Doge de Genova, e o primeiro homem de mar do seu tempo. Em duas singraduras ganhou a bahia de Tunis, e foi surgir toda em Cabo de Carthago, a cinco milhas do Castello da Goleta.

Barbaroxa havia fortificado esta praça com todo o esmero, abastecendo-a de viveres, de munições, e machinas de guerra, presidiando-a com uma numerosa guarnição de Turcos, e Janisaros, commandados por um renegado Israelita, por nome Simão, que havia aquistado fama de excellente soldado. A estas disposições juntava-se uma grossa, e fortissima viga, (cadeia dizem outros) que atravessando o canal, vedava que as embarcações podessem navegar por elle acima; porém esta viga, apesar da sua fortaleza, se fez em pedaços ao segundo encontro do galão S. João.

Não cabe aqui narrar os promenores deste cerco, a obstinada resistencia do inimigo, o rendimento do forte, a derrota do exercito de Barbaroxa, a conquista de Tunis, e sua restituicão a Muley Hassan, que Barbaroxa havia destronado, e a cedencia, que este Principe fez á Hespanha da Goleta, e de outras praças maritimas. Basta dizer, que em toda esta campanha o Infante D. Luiz se fez notar por um valor heroico, e digno dos seus antepassados, tomando parte nas facções mais perigosas, e assistindo sempre ao lado do Imperador, brilhando igualmente nos conselhos pela madureza das suas opiniões.

Voltando a Portugal, foi recebido por El-Rei de modo, que merecia a grande reputação, e gloria militar, que havia adquirido, e continuou a servir a patria no gabinete, e até desempenhou algumas missões diplomaticas muito á satisfação, e contentamento d'El-Rei.

O Infante D. Luiz conservou-se sempre no estado de celibatario, apesar de se lhe haverem proposto cinco casamentos; porém o Infante era Poeta, e não podia por isso ser insensivel ás doçuras do amor, e aos feitiços do bello sexo, e a prova está em que de D. Violante Gomes, Dama formosissima, e dotada de grandes prendas, teve a D. António, que foi Prior do Crato, que depois disputou a coroa de Portugal a Filipe II. de Hespanha.

Para se conhecer a verdadeira indole, e caracter de um Principe, parece-me que não ha melhor meio que observar o procedimento dos seus privados. E que alto conceito não devemos fazer de D. Luiz, sabendo que D. João de Castro foi desde a infancia o seu valido mais íntimo, e que por suas diligencias foi aquele virtuoso Varão escolhido para governar, e salvar a India?

O Infante D. Luiz era naturalmente munificente, e liberal, e grande parte das suas rendas eram empregadas em soccorrer a indigencia; não pôde com tudo dissimular-se que a sua religiosidade não era das mais ilustradas, porque degenerava em certo instincto fradesco, pouco proprio de um grande Principe, e por isso duas vezes tentou entrar no claustro; a primeira vestindo a roupa de Jesuita, de que foi dissuadido por Santo Ignacio de Loyola, e S. Francisco de Borja; e a segunda, professando em um Convento de Arrabidos, que havia edificado em

1592, entre Benavente, e Salvaterra, de que era donatario. Obstou-lhe porém a Nobreza, que via quasi extinta a linha da successão Real.

Falleceu este Principe com quarenta e nove annos de idade, a 27 de Novembro de 1555, e foi sepultado no Mosteiro de Belem, soberba fundação d'El-Rei D. Manuel seu Pai, e sobre o seu tumulo se esculpiram os seguintes versos.

*Magnus conciliis Infans Ludovicus, et armis,  
Hic silet angusto, morte jubante, loco.*

O Infante D. Luiz professou a musica com muita perícia, tanto vocal, como instrumental, e ajudando o conhecimento, que tinha do contraponto com o seu grande saber em mathematica, produziu algumas composições, que foram muito applaudidas.

Era além disso um Escriptor polido, e elegante Poeta, e por isso, e pela protecção, e bom accolhimento, que sempre lhe deveram os caleiros das Musas, é que tem logar neste Ensaio.

Além de algumas Cartas a D. João de Castro, e a alguns Religiosos graves de diferentes Ordens, que andam na Vida daquelle heróe, e nas Chronicas dos Conventos, a que pertenciam as pessoas, a quem foram endereçadas: deixou em manuscripto as seguintes obras:

Tractado dos modos, proporções, e medidas.

Tractado da quadratura do círculo.

Explicação do Psalmo « *Benedicam Domino in omni tempore.* »

Explicação do Psalmo « *Quem admodum desiderat cervus ad fontes aquarum.* »

Consta que estas duas obras existiam na bibliotheca do Duque de Lafões, e como esta se incendiou pelo terremoto, é natural que perecessem com muitos outros tesouros literarios, que ali estavam depositados.

As suas poesias formavam uma grande Collecção de Sonetos, Canções, e Glosas, que nunca foram impressas, e sabe Deos que caminho levaram, e tambem é-mui possível, que algumas destas poesias fossem impressas sem nome, ou em nome alheio nas muitas compilações de

versos, que sahiram á luz no seculo passado, e que hoje estão quasi esquecidas.

Manuel de Faria e Sousa, que tinha feito continuado e attento estudo do estylo, e medo de expressar de Luiz de Camões, afferma nos seus Commentarios áquelle Poeta, que o Soneto trinta e um da Centuria terceira, não é dele, mas sim do Infante D. Luiz, e que por engano fôra incluido entre os do Cantor dos Lusiadas. Ei-lo aqui.

### SONETO.

Imagens vãas me imprime a phantasia,  
Discursos novos acha o pensamento,  
Com que dam á minha alma gran tormento  
Cuidados de cem annos n'hum só dia.

Si sim grande tivessem, bom seria  
Responder a esperança ao fundamento,  
Mas o Fado não corre tão attento,  
Què reserve á rasão sua valia.

Caso, e Fortuna podem accertar,  
Mas só por accidente dam victória.  
Sempre o favor da Fama he falsa historia,

Excede ao saber determinar:  
A' constancia só deve toda a gloria:  
O animo livre he digno de Memoria.

A respeito deste Soneto, sinto perfeitamente com Manuel de Faria e Sousa, e tenho para mim, que é de D. Luiz, e não de Camões; e uma das razões que me induzem a esta suposição é vêr que os tercetos sam rymados de um modo particular, de que se não acha outro exemplo nos Sonetos do grande Epico.

O mesmo Critico dá tambem, como do Infante D. Luiz, o seguinte Soneto, que tambem se encontrou confundido com os de Camões.

## SONETO.

Horas breves do meo contentamento,  
 Nunca me pareceo quando vos tinha,  
 Que vos visse mudadas tão asinha  
 Em tão compridos annos de tormento.

As altas torres, que fundei no vento,  
 Levou em fim o Vento, que as sustinha,  
 Do mal, que me ficou, a culpa he minha,  
 Pois sobre cousas vãas fiz fundamento.

Amor com brandas mostras apparece,  
 Tudo possivel faz, tudo assegura,  
 Mas logo no melhor desapparece.

Estranho mal! estranha desventura!  
 Por hum pequeno bem, que desfalece  
 Huma alma aventurar, que sempre dura.

Estes Sonetos sam bons; mas creio que nenhum perito avaliador de estylos, deixará, ao lê-los com reflexão, de conhecer que nem as idéas, nem o medo de expreça-las, nem o tom geral da versificação podem pertencer ao grande Poeta, a que se attribuiram, e de dar razão a Faria e Sousa, que os tem por suppostos. Mas dirão, ainda mesmo admittida a suposição, isso não prova que elles sejam do Infante, como quer Manuel de Faria; é verdade, mas este ultimo acha-se impresso em nome de D. Luiz na *Phenix Renascida*, Tomo III., paginas 252, Lisboa 1618, e como entre os Sonetos ha perfeita identidade de estylo, parece não haver dúvida em attribui-los ao mesmo Author.

Estavam, como dissemos no Tome I., muito em uso no Paço as representações Dramaticas, introduzidas por Gil Vicente, e o Infante, como muitas outras personagens do tempo, deu-se a este genere de composição, e até publicou pela imprensa um Auto seu, intitulado: *Os Captivos*. No Índice Expurgatorio de Filipe II., que existe na Biblioteca Real de Madrid, se lê a paginas 84, que é prohibido o Auto dos Captivos, chamado de D. Luiz, e dos Turcos,

e esta proibição foi talvez o motivo de haverem desaparecido todos os exemplares deste Poema; mas pode ser que seja possível deparar-se com algum delles, impresso, ou manuscrito em alguma livraria de Alemanha, ou na do Rei de França.

Algumas pessoas tem atribuido este Auto a Gil Vicente, filho primogenito do grande Poeta Gil Vicente, mas hoje ninguem ignora, que este Gil Vicente Junior nunca existiu neste mundo, pois Gil Vicente nunca teve mais que dous filhos, a saber: Luiz Vicente, e Paula Vicente.

Outros, e destes é João Baptista de Castro, o atribuiram a Luiz Vicente, filho de Gil Vicente, e primeiro editor das suas obras; mas a opinião mais probável é ser do Infante o Auto, até porque assim se deprehende do supracitado Indice Exporatorio.

Si dermos credito a D. Antonio Caetano de Sousa *Hist. Gen. da Casa Real Portugueza*, e ao Conde de Vimioso na *Vida do Infante D. Luiz*, escriptores mui doutos, e bons investigadores das cousas, com especialidade o primeiro, é tambem do Infante o *Auto de D. Duardos*, que se publicou debaixo do nome do celebre Gil Vicente, e que hoje anda junto com as suas obras.

Manuel de Faria e Sousa é da mesma opinião, e accrescenta, que aquelle Auto *esta lleno de illustres politicas, y meravillosos afectos*. Posto que me incline muito a esta opinião, por motivos que seria mui longo especificar, deixo a cada um a liberdade de admitti-la, ou não, depois de maduro exame; sómente direi, que naquelle tempo não era raro que as pessoas de alto caracter, que se deixavam dominar pelo péjo, nada sensato, de publicar em seu nome poesias, que não tinham péjo de compôr, e de recitar como suas, as dessem á luz debaixo do nome de outrem. Este costume ainda se conservava em tempos mais proximos, visto que a Condeça da Eryceira D. Joanna, publicou o seu Poema hespanhol do *Despertador*, em nome de Apolinario de Almada, um dos seus criados, quando não havia na corte, e na cidade quem ignorava-se a quem pertencia verdadeiramente aquella produçao, quando os Censores ensinuavam a suposição de nome nas suas licenças, e depois seu proprio filho, o Conde D. Francisco Xavier de Menezes, não teve dúvida de o declarar formal, e ex-

plicitamente nos discursos, que precedem á sua Henriqueza; ora ninguem dirá, que o Conde ignorava os segredos da sua familia, nem que elle inventou uma fabula para dar grande idéa dos talentos de sua Mãe, porque o caracter bem conhecido daquelle honrado, e erudito fidalgo não dá logar para delle se suspeitarem tão ridiculas impoçuras.

Tambem passa por ser obra deste Principe o seguinte Epigramma.

Muito vence quem se vence:  
 Muito diz quem não diz tudo:  
 Porque a hum discreto pertence  
 A tempo fazer-se mudo.

Nada mais facil do que amontoar citações de authores contemporaneos abonando as virtudes, saber, e applicação continua deste grande Principe, contentar-nos-hemos com duas, a primeira será a do sabio Pedro Nunes, que foi seu mestre de mathematica, diz este, escrevendo a El-Rei D. João III. « *Magnanimo Infanti Luduvico, Fratri tuo Litterarum studiosissimo, quotidiana lectiones Aristotelis libros expono. Nec enim satis et pulavit ad expugnandum Tunetum, munit tissinam Africæ urbem cum Carolo Imperatore transfretasse in omni belli expeditione, et prelii incursu, strenuissimum se prebusse, nisi enter missa studia revocasset Arithmeticam, Geometriam, Musicam, et Astrologiam nisi precaluisse, et vero nunc reliquarum Scienciarum ornamento animum excolare non cessat, &c.* »

Seja o segundo testemunho o de um Poeta Latino por nome Jeronymo Cardoso, mencionando o Infante diz assim:

*Lusi spes altera Regni  
 Magnanimus Regis frater, Luduvicus in armis  
 Clarus, et egregius, cuius pavet Africa nomen,  
 Virtutemque viri; quod si Vexila tulisset  
 Obcia, et armatus Libicas penetrasset in oras  
 Proh! quales victor titulos, qualesque triumphes  
 Gentibus ex domitis, captoque ex hoste referret?*

FIM DO TOMO SEGUNDO.

## INDICE DO TOMO SEGUNDO.

---

<b>CAPITULO I.</b> <i>Introdução . . . . .</i>	<b>5</b>
<b>CAPITULO II.</b> <i>O Doutor Francisco de Sá de Miranda. . . . .</i>	<b>8</b>
<b>CAPITULO III.</b> <i>O Doutor Antonio Ferreira. . . . .</i>	<b>74</b>
<b>CAPITULO IV.</b> <i>Epistolas, e Obras Dramaticas de Ferreira. . . . .</i>	<b>120</b>
<b>CAPITULO V.</b> <i>Diogo Bernardes . . . . .</i>	<b>159</b>
<b>CAPITULO VI.</b> <i>Eclogas, e Epistolas de Bernardes . . . . .</i>	<b>196</b>
<b>CAPITULO VII.</b> <i>Fr. Agostinho da Cruz . . . . .</i>	<b>229</b>
<b>CAPITULO VIII.</b> <i>Jorge de Montemayor . . . . .</i>	<b>269</b>
<b>CAPITULO IX.</b> <i>O Doutor Antonio de Castilho, . . . . .</i>	<b>287</b>
<b>CAPITULO X.</b> <i>Estevão Rodrigues de Castro . . . . .</i>	<b>303</b>
<b>CAPITULO XI.</b> <i>O Infante D. Luiz. . . . .</i>	<b>322</b>

---

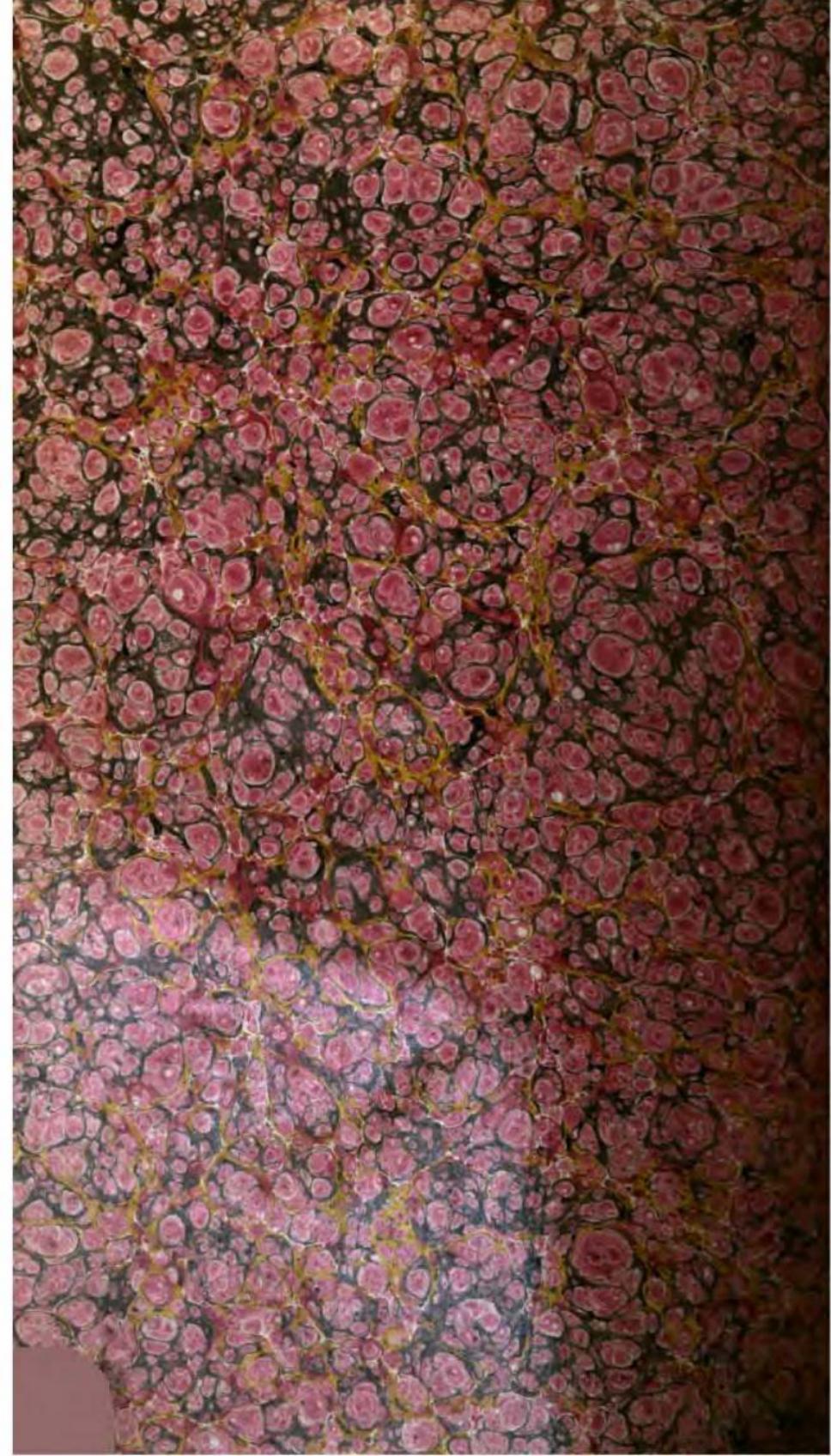






10 ft in 5 vol. ~~13~~

118<sup>c</sup>



Digitized by Google

